



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CARLA REGINA DE SOUZA FIGUEIREDO

**TOPODINÂMICA DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS GAÚCHO EM
ÁREAS DE CONTATO INTERVARIETAL
NO MATO GROSSO**

Porto Alegre, 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CARLA REGINA DE SOUZA FIGUEIREDO

**TOPODINÂMICA DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS GAÚCHO EM
ÁREAS DE CONTATO INTERVARIETAL
NO MATO GROSSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem, área de Linguagem no Contexto Social.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre, 2014

CIP - Catalogação na Publicação

FIGUEIREDO, CARLA REGINA DE SOUZA
TOPODINÂMICA DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS GAÚCHO EM
ÁREAS DE CONTATO INTERVARIETAL NO MATO GROSSO /
CARLA REGINA DE SOUZA FIGUEIREDO. -- 2014.
299 f.

Orientador: CLÉO VILSON ALTENHOFEN.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. língua portuguesa. 2. migração. 3. contato
linguístico intervarietal. 4. variedades regionais do
português. 5. região norte de Mato Grosso. I.
ALTENHOFEN, CLÉO VILSON , orient. II. Título.

Dedico este trabalho a **DEUS**

... que em sua inegável bondade e fidelidade
me deu a compreensão necessária para suportar e superar
dignamente os obstáculos e dificuldades ao longo do caminho;

... que me presenteou com uma família maravilhosa
que nunca me negou apoio e motivação, principalmente
o meu esposo, os meus pais e as minhas irmãs;

... que colocou em meu caminho amigos, pesquisadores (...), enfim, pessoas especiais
que, direta e/ou indiretamente, prestaram sua colaboração,
cooperando com o meu amadurecimento pessoal e intelectual.

Meus agradecimentos...

à CAPES, pela bolsa de estudos concedida;

ao Prof. Cléo Vilson Altenhofen , pelas orientações e conhecimentos compartilhados, as experiências divididas, a paciência e a bondade, sem as quais este trabalho não se realizaria;

à UFRGS, que por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras firmou com a Universidade em que trabalho (UEMS) uma parceria que nos trouxe oportunidades ímpares: o DINTER, em especial à Prof^ª. Lúcia Sá Rebello (UFRGS) e à Prof^ª. Maria José de Toledo Gomes (UEMS);

à UEMS, pelo apoio Institucional ao desenvolvimento da pesquisa;

ao Prof. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), ao Prof. Joachim Steffen (UFRGS – Fundação Alexander von Humboldt) e a Prof^ª. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT) que me auxiliaram na coleta de dados em Porto dos Gaúchos - MT, enquanto desenvolviam atividades referentes ao Projeto ALMA;

às minhas queridas amigas Viviane Rodrigues e Ana Cristina Barros Pereira Kill, pela hospitalidade com que me receberam durante o trabalho de campo em seus lares;

aos meus informantes, que dispensaram um tempo de suas vidas para pacientemente contribuir com a minha pesquisa, muitíssimo obrigada;

à minha família, pelo exemplo que vale mais do que todo o conhecimento que uma escola poderia me dar, especialmente à minha irmã Fernanda Patrícia de Souza, por me acompanhar na viagem ao Mato Grosso durante a coleta de dados;

ao meu esposo, Marcelo Figueiredo de Almeida, que sem o amor, a compreensão e o companheirismo a mim dispensados certamente não alcançaria mais esta vitória em minha vida;

e à minha afilhada Eloísa, que, mesmo longe, enviava vídeos “recheados” de palavras carinhosas e peripécias infantis - demonstrações de amor que me motivaram ainda mais a enfrentar os desafios e voltar para casa a fim de vivenciar de perto o crescimento dessa menininha especial.

RESUMO

No Brasil, como no resto do mundo, o estudo de variedades diatópicas da língua tradicionalmente se pautou em pesquisas topostáticas, em que se privilegiou a fala de indivíduos nascidos e criados na localidade, portanto falantes de uma variedade mais conservadora e reveladora de um estágio “anterior, original” da língua. A combinação de critérios como o processo de povoamento, a antiguidade e o grau de isolamento de um lugar em relação a outros mais dinâmicos para determinar os pontos de observação de estudos desta natureza, tornou-se assim uma prática dominante. Contrariamente, o estudo de comunidades “jovens”, de formação recente, moldadas pelo fluxo migratório da população e, deste modo, *locus* de contatos linguísticos variados (entre línguas distintas e/ou entre variedades de uma mesma língua), parecem ter sido ignoradas pela pesquisa, durante muito tempo. O norte do Mato Grosso, onde se desenvolve esta tese, é um exemplo dessa tendência da pesquisa, daí a escolha do tema, a *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*, buscar preencher essa lacuna. São objetivos deste estudo 1) descrever o comportamento linguístico de migrantes gaúchos e de seus descendentes em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa, a fim de 2) averiguar em que medida as relações sócio-econômico-culturais implicaram a manutenção, variação ou mudança de marcas linguísticas da variedade do português rio-grandense desses migrantes. Para tanto, correlacionaram-se diferentes dimensões de análise, em especial as dimensões diatópica, diageracional, diastrática, diassexual, diafásica, diarreferencial e contatual. O estudo desenvolveu-se em três localidades de pesquisa caracterizadas fundamentalmente pela topodinâmica da língua e dos falantes: Porto dos Gaúchos (MT01), Sinop (MT02) e Sorriso (MT03). Estes pontos configuram-se em uma extensão do processo histórico de ocupação do Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, como atestam Schaefer (1985) e Souza (2008). Criados entre as décadas de 1950 e 1980, esses lugares foram colonizados a partir da implementação de Empresas Privadas responsáveis por estabelecer núcleos urbanos com condições básicas que assegurassem tanto o desenvolvimento econômico do “Novo Eldorado” quanto a acolhida dos migrantes provenientes, sobretudo, da região Sul do Brasil. Em certo sentido, o perfil sócio-cultural dos colonos migrantes dessa área coincidiu com o dos informantes do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Pode-se, por isso, hipotetizar que a fala registrada pelo ALERS se aproxima da fala dos migrantes sulistas pioneiros estabelecidos nesses pontos. Sendo assim, os dados do ALERS constituem uma base de comparação importante da topodinâmica do português falado na matriz de origem e na área de chegada, no norte do Mato Grosso. Na elaboração do questionário aplicado na pesquisa de campo desta tese foram utilizadas, em grande parte, perguntas feitas pelo ALERS. A seleção de informantes considerou as dimensões diassexual (masculino vs. feminino), diastrática (Ca - alfabetizados com até o ensino médio completo vs. Cb - com nível superior) e diageracional (GI - jovens de 18 a 36 anos vs. GII - idosos acima de 50 anos). Já a constituição do *corpus*, um conjunto de variáveis linguísticas em diferentes níveis (fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos) correlacionadas com dimensões extralinguísticas (dados sociológicos referentes aos informantes e às localidades) e a análise se pautou em princípios teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional e contatual e de outras disciplinas afins, como a sociologia da linguagem. A apreciação dos dados aponta diferentes fatores para a manutenção da variedade linguística inventariada no Sul do Brasil, tais como: o papel socioeconômico dos sulistas na região norte mato-grossense, a transmissão entre gerações dessa variedade, os recursos midiáticos e a gênese da criação histórica de cada localidade pesquisada. A covariação entre as formas [+RS] e as [-RS] são mais evidentes no nível lexical, enquanto os casos de mudança se manifestam, sobretudo, na fala dos informantes jovens no nível fonético.

Palavras-chave: língua portuguesa; região norte de Mato Grosso; migração; contato linguístico intervarietal; variedades regionais do português; português rio-grandense; migrantes gaúchos.

ABSTRACT

In Brazil, as in the rest of the world, the study of diatopic varieties of language traditionally was based on topostatics research, which have privileged the speech of people born and raised in some locality, so speakers of a more conservative and revealing variety of a stage "previous, original" of language. The combination of criteria as the settlement process, the age and the degree of isolation of a place in relation to others more dynamic to determine the points of observational studies of this nature, become a dominant practice. In contrast, the study of "young" communities, recently formed, shaped by migration of the population and thus locus of varied linguistic contact (between different languages and / or between varieties of the same language) seem to have been ignored by search for a long time. The northern Mato Grosso, where it develops this thesis, one example of this trend research, hence the choice of subject, the Topodinamics of gaúcho Portuguese on intervarectal contact areas at Mato Grosso), seek to fill this gap. The objectives of this study are 1) to describe the linguistic behavior of gauchos migrants and their descendants in contact with other regional varieties of the Portuguese language in order to 2) determine how much the social, economic and cultural relations involved in the maintenance, variation or change of language marks of the variety of Portuguese Rio-Grandense's migrants. Therefore, correlated analysis in different dimensions, especially the diatopic, diagenational, diastratic, diasexual, diaphasic, diareferential and contactual. The study was developed in three research locations fundamentally characterized by topodinamics from language and speakers: Porto dos Gauchos (MT01), Sinop (MT02) and Sorriso (MT03). These points were configured as extension of the historical process of occupation of the West of Santa Catarina and Paraná Southwest, as evidenced by Schaefer (1985) and Souza (2008). Created between the 1950s and 1980s, these places were colonized from the implementation of Private Companies responsible for establishing urban centers with basic conditions that would ensure both the economic development of the "New Eldorado" as the reception of migrants coming mainly from the region southern of Brazil. In some sense, the socio-cultural profile of migrant settlers of this area coincided with the informants of Language-Ethnographic Atlas of Southern Brazil (ALERS). We can therefore hypothesize that speech recorded by ALERS approaches the speech of southern migrants pioneers set out in those points. Thus, the ALERS data are an important basis of comparison of topodinamics of spoken Portugueses in the source array and arrival area in northern Mato Grosso. In preparing the questionnaire applied in the field research of this thesis, were used largely, questions asked by ALERS. The choice of informants has considered the diasexual dimensions (male vs. female), diastratic (Ca - literate up to complete high school vs. Cb - with higher education) and diagenational (GI - young people from 18-36 years vs. GII - elderly above 50 years). The corpus formation has considered a set of linguistic variables at different levels (phonetic-phonological, lexical-semantic and morphosyntactic) correlated to extra-linguistic dimensions (sociological data related to informants and locations) and was analyzed from the theoretical and methodological principles of pluridimensional geolinguistics and contactual and other related disciplines such as sociology of language. The data assessment points out different factors for the linguistic diversity maintenance inventoried in southern region of Brazil, such as the socioeconomic role of southerners in the north of Mato Grosso, the intergenerational transmission of this variety, the media resources and the genesis of historical creation of each studied area. The covariance between the "gaúcho" and "non-gaúcho" forms are more evident on the lexical degree, while cases of change are manifested primarily in the speech of young informants in phonetic and morphosyntactic degrees.

Keywords: portuguese; north of Mato Grosso ; migration; intervarectal language contact ; regional varieties of Portuguese ; variety of the Rio Grande Portuguese ; gauchos migrants.

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	07
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE TABELAS	13
LISTA DE MAPAS	14
LISTA DE FIGURAS	15
LISTA DE ABREVIATURAS	16
LISTA DE SIGLAS	17
INTRODUÇÃO	18
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
1.1 Estudos sobre a variação linguística: ponto de partida	26
1.2 Mudança de paradigma: perspectiva pluridimensional e relacional de análise da variação linguística	37
1.2.1 Línguas em movimento: da variação topostática à topodinâmica da variação linguística	40
1.2.2 Variedades em contato: do falante monolíngue ideal ao contato plurilíngue e intervareietal	42
1.3 O homem, o tempo e o espaço na geolinguística pluridimensional e contatual	45
1.3.1 Dimensões interindividuais	46
1.3.2 Dimensões intraindividuais	49
1.3.3 Medidas de tempo na variação linguística	53
2 METODOLOGIA DE ESTUDOS DE CONTATO INTERVARIETAL	57
2.1 A mobilidade espacial e os contatos linguísticos	57
2.2 Contexto geográfico e rede de pontos da pesquisa	57
2.3 Perfil de informantes conforme as dimensões de análise selecionadas	68
2.4 Variedades linguísticas em contato	71
2.4.1 Hipóteses e objetivos da pesquisa	74
2.4.2 Contatos linguísticos do português falado no sul do Brasil	76

2.4.2.1	Região Sul do Brasil: do povoamento à delimitação de áreas linguísticas.....	76
2.4.2.2	O português falado no sul do Brasil: resultados de pesquisas.....	79
2.5	Elaboração do questionário linguístico	86
2.6	Armazenamento e organização dos dados	91
2.7	Análise dos dados: diretrizes gerais	93
2.8	Mapeamento da variação no espaço pluridimensional	93
2.9	Entre o ideal e o real: relatos da pesquisa de campo	99
2.9.1	<i>Aqui tem muito gaúcho!</i> Ressemantização do termo <i>gaúcho</i>	101
2.9.2	Matriz de origem dos informantes	103
3	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: O PORTUGUÊS DOS GAÚCHOS “TRANSMIGRADO”	112
3.1	Questões preliminares	112
3.2	Variação e mudança na língua: variáveis linguísticas	118
3.2.1	Variáveis fonéticas	118
3.2.2	Variáveis lexicais	130
3.2.3	Variável morfossintática	137
3.3	Comportamento linguístico dos falantes: variáveis sociais	137
3.3.1	Variação entre as localidades de pesquisa (eixo da diatopia)	137
3.3.2	Variação diageracional: mudança em tempo aparente	140
3.3.3	Variação diastrática: o papel da escolaridade na manutenção da variedade rio-grandense do português	143
3.3.4	Variação no comportamento linguístico de homens e mulheres	144
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
	REFERÊNCIAS	149
	ANEXOS	161
	ANEXO I - Questionário para estudos da variação do português falado por migrantes gaúchos em situação de contato intervareial	162
	ANEXO IIa – Dados cartografados (QFF): variação fonética	183
	ANEXO IIb – Dados cartografados (QSL): variação lexical	231
	ANEXO III – Folders distribuídos pela Colonizadora CONOMALI nas décadas de 1950 e 1960	291

ANEXO IV Mapas do Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração. População residente por lugar de nascimento	295
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros analisados no Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU)	39
Quadro 2 – Pontos de investigação.....	66
Quadro 3 – Dimensões e parâmetros adotados na pesquisa considerando o perfil dos informantes.....	70
Quadro 4 – Perfil dos informantes e a pluralidade simultânea nas entrevistas.....	71
Quadro 5 – Dimensões e parâmetros adotados na pesquisa considerando as variedades linguísticas em contato.....	73
Quadro 6 – Hipóteses e perguntas da pesquisa.....	74
Quadro 7 – Fotografias linguísticas do português no sul do Brasil a partir dos dados do ALERS.....	80
Quadro 8 – Traços característicos do português de contato com os adstratos alemão e italiano nos níveis fonético-fonológico e semântico-lexical	84
Quadro 9 – Estrutura do questionário da pesquisa	87
Quadro 10 – Exemplo da organização do questionário aplicado na pesquisa.....	87
Quadro 11 – Técnica em três tempos: passo-a-passo.....	90
Quadro 12 – Exemplo da técnica em 03 tempos.....	90
Quadro 13 – Exemplos de perguntas que apuram empréstimos linguísticos.....	90
Quadro 14 – Exemplos de perguntas que contemplem a dimensão diarreferencial	91
Quadro 15 – Instruções para organização dos dados da tese: etiquetagem	92
Quadro 16 – A etiquetagem na prática.....	92
Quadro 17 – Sistema de símbolos fonéticos do ALERS (2011a)	97
Quadro 18 – Localidades de onde migraram os informantes	104

Quadro 19 - Localidades de onde migraram os pais dos informantes mato-grossenses	106
Quadro 20 – Dimensões e parâmetros de análise após a pesquisa de campo	108
Quadro 21 – Variáveis fonéticas investigadas na pesquisa	115
Quadro 22 – Variáveis lexicais analisadas	117
Quadro 23 – Comparativo entre a variante lexical [+RS] e [-RS]	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente em Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso, segundo o Censo Demográfico de 2010	100
---	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do estado de Mato Grosso no perímetro nacional com indicação da rede de pontos investigadas na tese	21
Mapa 2 – Mapa de Mato Grosso com indicação da rede de pontos investigadas.	61
Mapa 3 – Organização espacial do norte mato-grossense – Área de influência da BR 163 – com indicação dos pontos de investigação.....	67
Mapa 4 – Áreas linguísticas do português apontadas pelo ALERS – síntese das hipóteses principais.....	83
Mapa 5 – Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração. População residente por lugar de nascimento: região Sul	100
Mapa 6 – Percurso migratório dos informantes	105
Cartograma I – Base para a elaboração de cartogramas.....	95
Cartograma II – Informantes entrevistados em cada ponto da pesquisa	107
Cartograma 001-006 – Ausência de palatalização da dental	121
Cartograma 007-012 – Tepe em posição intervocálica	124
Cartograma 021-026 – Realização da lateral palatal como [lj].....	126
Cartograma 020/027-033 – Manutenção da lateral em coda silábica	128
Cartograma–síntese Dimensão diageracional: índice de ocorrência de variantes lexicais como marca [+RS]	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relações entre variável, variante e variedade linguística	34
Figura 2 – Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, segundo o esquema proposto por Thun (1998a)	36
Figura 3 – Grupos de informantes entrevistados e representados em cruz, conforme Thun (1999)	47
Figura 4 – A palatalização das oclusivas [t] e [d] ante vogal no norte do Uruguai e no Sul do Rio Grande do Sul	55
Figura 5 – Linha do tempo: das políticas nacionais à ocupação do norte de Mato Grosso	59
Figura 6 – Esquema de análise dos dados da tese	93

LISTA DE ABREVIATURAS

AI	Parte do questionário da pesquisa referente à identificação dos informantes
AII	Parte do questionário referente aos hábitos culturais dos informantes
BI	Parte do questionário referente às informações sobre a localidade da pesquisa
BII	Parte do questionário referente às observações de campo
CI	Questionário Fonético-Fonológico
CII	Questionário Semântico-Lexical
CIII	Questionário Morfossintático
Ca	Informante com instrução no nível superior
Cb	Informante alfabetizado com escolaridade até o Ensino Médio
GI	Informante da 1ª faixa etária (jovem entre 18 e 36 anos)
GII	Informante idoso (acima de 50 anos)
C_G_dt	teuto-gaúcho
C_G_it	ítalo-gaúcho
dt.	alemão (deutsch)
hd.	hochdeutsch
hrs.	hunsrückisch (dialeto alemão)
it.	italiano
vên.	vêneto (dialeto italiano)
pt.	português
[+RS]	marca linguística do português rio-grandense
[-RS]	marca linguística não documentada nos estudos da região Sul, tomados como parâmetro nesta tese, como variedade do português rio-grandense
MT01	1º ponto de investigação da tese: Porto dos Gaúchos (MT)
MT02	2º ponto de investigação da tese: Sinop (MT)
MT03	3º ponto de investigação da tese: Sorriso (MT)
DP	Dialetologia Pluridimensional
HARAS	homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário

LISTA DE SIGLAS

ADDU	Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	Atlas Linguístico da França
ALGR	Atlas Linguístico Guarani- Românico
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMAT	Atlas Linguístico do Mato Grosso
ALiNMAT	Atlas Linguístico do Norte de Mato Grosso
ALiTI	Atlas Linguístico das variedades do português falado no Território Incaracterístico
ALMA-H	Atlas Linguístico-Contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata: hunsrückisch
ALP	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico do Sergipe
MRShSA	Atlas Linguístico da Renânia Central
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
CONOMALI	Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda.
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SINOP	Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná
SPVEA	Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

“(…) E do trotar sobre tantíssimos rumos; das pousadas pelas estâncias dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das coisas que ele compreendia e das que eram-lhe vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões, da morte e das eclosões da vida, entre o Blau – moço, militar – e o Blau – velho, paisano -, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia –, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.” (LOPES NETO, 1998, p.15).

A ocupação do território do Brasil pela língua portuguesa, pode-se dizer, apresenta em linhas gerais três grandes momentos: 1º) a colonização lusa iniciada pelo litoral, onde ainda hoje se concentra o maior contingente populacional (ver ALTENHOFEN, 2014, p.77); 2º) a expansão da colonização ao interior por meio principalmente das bandeiras paulistas, como defende Darcy Ribeiro (2001);¹ e 3º) a ocupação do interior por dois grandes fluxos migratórios – no Norte, no sentido nordeste região Norte Amazônica, e no Sul, no sentido sul/sudeste para o norte, até a fronteira Sul Amazônica. Foi desta maneira, por meio de sucessivas migrações, que se moldou e configurou o português do interior do Brasil. Esta tese vem contribuir para a compreensão de como se deu essa configuração do português derivada de migrações nesse último fluxo migratório, de variedades do português “do Sul” para o Norte.

Em meados do século passado, um grande contingente de gaúchos² se deslocou para terras distantes da natal à procura de outras que proporcionassem condições mais dignas e confortáveis para a família. A coragem de enfrentar o novo talvez já lhes fosse comum, uma vez que muitos eram descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses, dentre outros, que encontraram no Brasil a chance de recomeçar e ter uma vida melhor. E é seguindo os passos desses bandeirantes sulistas³ que esta tese estuda o português brasileiro falado por eles

¹ Em regiões específicas, reconhecem-se ainda outros grupos, como os açorianos no sul do Brasil, na região do Pampa (fronteira com o Uruguai) e Missões (fronteira com Misiones, Argentina).

² Para este estudo o conceito de *gaúcho* está vinculado mais a matriz de origem do informante do que necessariamente ao lugar do Sul de onde partiu, uma vez que a ocupação recente da fronteira de Mato Grosso é uma extensão do processo iniciado pela saída de famílias do Rio Grande do Sul rumo ao Oeste de Santa Catarina (final do século XIX) e Sudoeste do Paraná (década de 1920).

³“E como quem pratica atos de bandeirismo pode ser chamado de bandeirante, a palavra toma um sentido mais amplo; é sinônimo de pioneiro, de sertanista, de grande empreendedor; é o que funda as cidades, o que atende à voz do Oeste, o que toma parte em expedições para o interior do país, o que emigra de uma região para outra (de

no norte de Mato Grosso⁴, destino de muitos desses migrantes entre as décadas de 1950 e 1980, a fim de inventariar entre as “recordações que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca” (LOPES NETO, 1998, p.15), a permanência da variedade do português rio-grandense nas áreas ocupadas.

Atendendo ao apelo do Governo Federal de preencher “vazios demográficos” como garantia da nacionalidade do território e diante dos incentivos à promoção e ao desenvolvimento de algumas regiões, gaúchos assentem à “Marcha para o Oeste”. Martins (1985, p.179) atribui a adesão do colono ao Projeto: a) pelo fato de no Sul as pequenas propriedades não conseguirem mais subsidiar as necessidades familiares; b) por haver poucas alternativas e condições para se “ganhar a vida”, às vezes restritas a parcerias que denotavam pouca lucratividade; e c) por acreditarem nas promessas que lhes foram feitas tais como a oferta de terras produtivas por preços acessíveis e o apoio estatal para o desenvolvimento da região. Assim, o fluxo migratório em direção às fronteiras agrícolas do Centro-Oeste e do Norte do país passa a ser uma extensão do que já ocorrera no Oeste de Santa Catarina (final do século XIX) e Sudoeste do Paraná (a partir da década de 1920).

O Mato Grosso é um estado que foi povoado em diferentes períodos. A porção centro-sul foi ocupada desde 1700, já a região Norte é bem mais recente. Pesquisadores de outras áreas do conhecimento, como Schaefer (1985), Souza (2004) e Rocha (2006), investigaram a interferência das correntes migratórias e o assentamento dos diferentes grupos no desenvolvimento econômico-sócio-cultural da região norte de Mato Grosso. Documentaram o “ritmo” das migrações do Sul para o Centro-Oeste do Brasil e os efeitos causados pela chegada e permanência dos sulistas em terras norte mato-grossenses.

Diante desse quadro de extrema mobilidade espacial, coloca-se a pergunta: como a identidade gaúcha se mantém no novo território por meio do uso da língua. É, por isso, objetivo geral deste estudo analisar, a partir da descrição da variedade do português falado tanto pelos migrantes do Sul quanto por seus descendentes, em que medida os contatos

um foco de propulsão para outro, o de atração) com qualquer um dos objetivos da bandeira” (RICARDO, 1970, p.562).

O bandeirismo, segundo Cassiano Ricardo (1970, p.624), estabeleceu ao longo da história do Brasil: “o ritmo da civilização brasileira; traçou a silhueta verde-física do Brasil; originou uma mentalidade mais apropriada à realização do nosso destino, em sentido contrário à que só via o litoral”. Assim, foi responsável, sobretudo no século XX, pela expansão geográfica do território brasileiro (ex: como ocorrera com a conquista do Acre) e a redescoberta e posse efetiva de locais ainda não ocupados e/ou explorados principalmente em Mato Grosso, Amazonas, Pará e Goiás (RICARDO, 1970, p. 624-625).

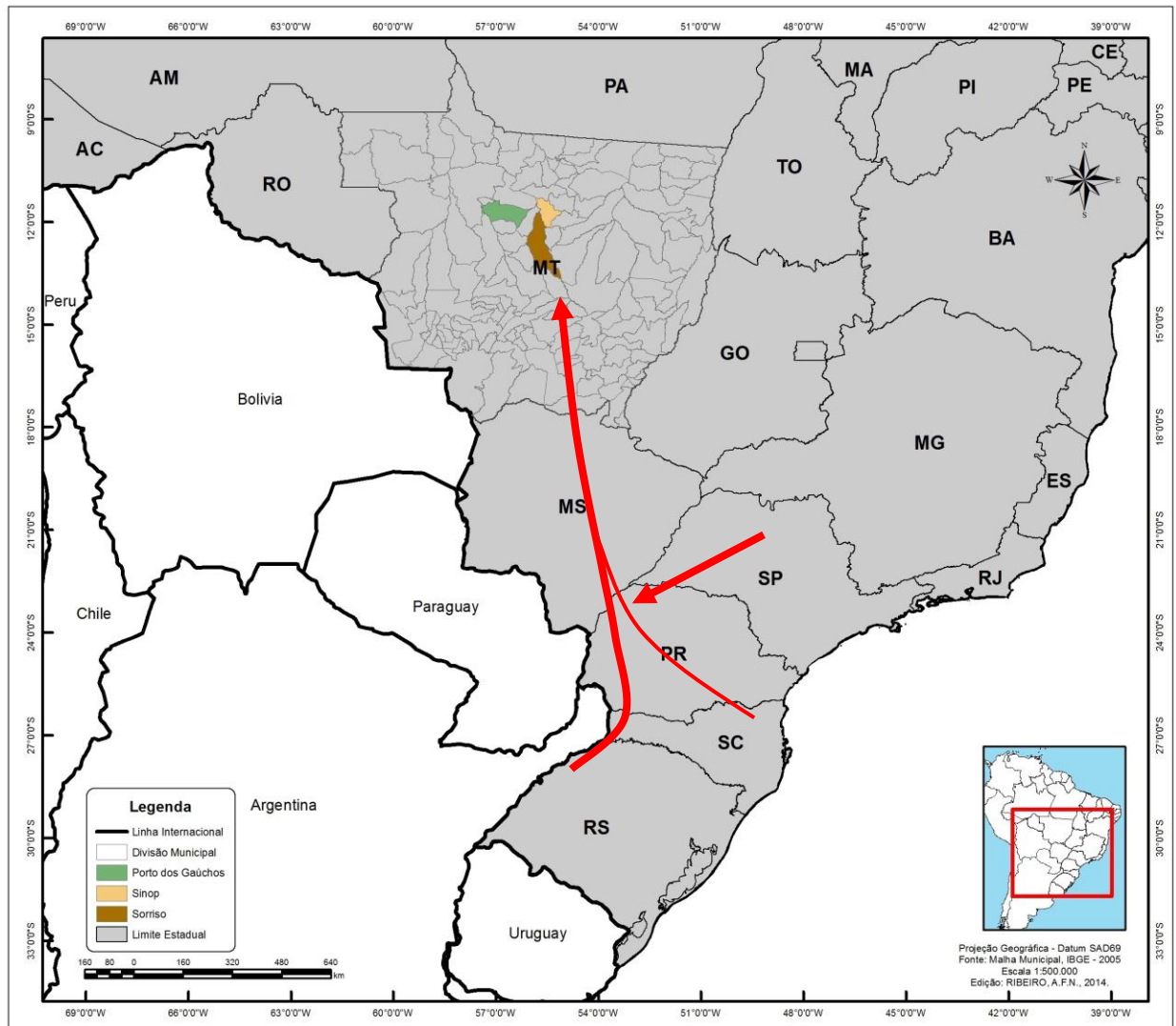
⁴ Mato Grosso é uma das 27 (vinte e sete) unidades federativas do Brasil. A porção norte do seu território pertence à Amazônia Legal e a sul do estado, ao centro-sul do país.

linguísticos intervieram na manutenção, substituição e mudança das marcas linguísticas desses migrantes do Sul, genericamente tratados pelo conceito identitário de gaúcho.

Considerando o papel social desse grupo no espaço (atuação sócio-político-econômica), observa-se um esforço para permanecer vinculado às suas origens. A programação midiática (TV, rádio) e as festas como a das Nações, promovidas nestes lugares, ilustram tal situação. Em Sinop, por exemplo, há uma Associação Teuto-brasileira em que gaúchos de ascendência alemã revivem a cultura de seus antepassados. Informações como essas, aliadas às características do grupo selecionado, denotam, ao menos, duas possibilidades de análise: de um lado, os contatos interlinguísticos (entre bilíngues – descendentes de imigrantes que alternam entre a “língua dos pais e dos avós” e o português para se comunicarem) e, de outro, os contatos intervaretais (entre variedades do mesmo sistema). Embora esta pesquisa contribua mais diretamente com a descrição da língua portuguesa, buscando compreender o funcionamento da dinâmica de contato entre variedades e identificar macrotendências no comportamento linguístico dos falantes, também auxilia no reconhecimento das territorialidades e dos processos sociais que envolvem a comunidade pesquisada. Os resultados do estudo poderão motivar, por exemplo, a implementação de projetos voltados ao multilinguismo da região no sentido da ampliação das opções de línguas no ensino, ainda muito restrito ao inglês e ao espanhol, e da salvaguarda e promoção das línguas minoritárias, especialmente indígenas, afro-brasileiras e de imigração.

O Norte de Mato Grosso foi escolhido para a presente pesquisa de doutoramento por vários motivos. Além de convergir quanto ao perfil de migrantes recebidos no início da ocupação dessa região, o tempo e o tipo de colonização implantada também foram determinantes, a atuação das colonizadoras particulares (empresas originárias do Sul e do Sudeste do Brasil, com experiência nesse ramo comercial), que incrementaram o povoamento e o desenvolvimento desse lugar. Três localidades foram selecionadas: Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso. A localização desses pontos pode ser vista no mapa 1 a seguir. Embora se reconheça a presença de outros grupos nesses municípios, a preferência por aqueles provenientes do Rio Grande do Sul se deu, basicamente, por apresentarem uma heterogeneidade interna (teuto-gaúchos, ítalo-gaúchos etc.), serem representativos demograficamente nessas áreas e por estudos no Sul já terem documentado a variedade do português falado por informantes com características semelhantes aos dos colonos, como atesta o ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.

Mapa 1 – Localização do estado de Mato Grosso no perímetro nacional com indicação da rede de pontos investigados na tese



Fonte: Adaptado de Ribeiro (2014).

Esta tese objetiva, portanto, descrever o comportamento linguístico de migrantes gaúchos em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa no Norte de Mato Grosso, a fim de verificar em que medida a variedade de origem mantém, varia e/ou perde as marcas linguísticas “gaúchas”, quando entra em contato com outras variedades regionais, presentes nessas áreas de ocupação recente.⁵ ou seja, como se distribuem as variantes [+ RS] vs. [- RS] considerando a influência de diferentes condicionadores sociais nesse processo.

⁵ Nesta tese, o que determinou a ideia de *variedades do português gaúcho* foram as marcas linguísticas inventariadas em estudos que se valeram do registro do português usado no Sul do Brasil tanto em contato com variedades do mesmo sistema como entre línguas diferentes.

Para atingir esse objetivo relativo à variação do português usado pelos migrantes gaúchos e seus descendentes, consideraram-se diferentes dimensões de análise, a saber:

- a) dimensão diatópica: territorialização de variantes do português, na comparação entre os pontos de pesquisa;
- b) dimensão diageracional: variação entre a fala da geração mais velha (GII, migrante, topodinâmica) e da geração mais jovem (GI, falante local, topostática) com relação à manutenção ou substituição de marcas originais do português rio-grandense;
- c) dimensão diastrática: papel da escolaridade no uso de marcas de variedades regionais e da norma considerada culta – reflexos na variação do português falado pela classe mais escolarizada (Ca) e menos escolarizada (Cb);
- d) dimensão diassexual: variações de gênero na manutenção ou substituição de marcas regionais;
- e) dimensão contatual/dialingual: variações de comportamento linguístico entre monolíngues e bilíngues falantes de línguas de imigração distintas, em especial do alemão (hunsriqueano) e do italiano (vêneto);
- f) dimensão diafásica: variações estilísticas condicionadas a diferentes situações de uso da língua (estilo informal, monitorado, de respostas ao questionário e de conversa livre);
- g) dimensão diarreferencial: atitudes e percepções metalinguísticas sobre o *status* e estigmatização de variantes em contato (“referências à fala do outro”).

A aplicação do princípio da pluridimensionalidade da análise da variação linguística, como se explicará no cap. 2 da metodologia, resulta nas seguintes perguntas de pesquisa:

a) Qual o papel dos condicionadores geográficos e sociais presentes em cada um dos três pontos de pesquisa na manutenção ou perda de marcas linguísticas rio-grandenses?

b) A GII mantém mais marcas da matriz de origem do português rio-grandense do que os jovens (GI) que, contrariamente, adotam com mais frequência variantes do novo meio? Ou seja, observa-se uma mudança em curso na comparação das variantes da GII e da GI? Ou se mantém as variantes do português rio-grandense na fala dos jovens, em virtude de um prestígio maior?

c) Os falantes com mais escolaridade (Ca) tendem a inibir as marcas do português rio-grandense, substituindo-as por variantes mais neutras ou de outras variedades? Ou, pelo contrário, conservam as marcas [+RS]?

d) Há variação atribuída a papéis sociais distintos de homens e mulheres nos pontos pesquisados?

e) Observam-se variantes influenciadas pelo bilinguismo dos falantes, considerando sobretudo falantes bilíngues da GII? Até que ponto a variedade rio-grandense apresenta marcas etnoletais observáveis especialmente na fala de teuto-gaúchos ou ítalo-gaúchos? Observam-se variantes estilísticas e o que revelam sobre o contato linguístico intervareietal do português e os fatores sociais que atuam em cada localidade?

g) Qual a percepção dos falantes dos grupos migrantes distintos sobre a fala de um e de outro? Quais significados sociais se atribuem às variedades regionais do português em contato?

Para responder a essas perguntas de pesquisa, a cartografia pluridimensional dos dados representa um recurso de grande valor, uma vez que permite correlacionar as diferentes dimensões (diatópica, diageracional, diastrática, diassexual, contatual/dialingual, diafásica e diarreferencial) com a ocorrência de uma variante associada a uma marca [+RS] ou [-RS]. Assim, os dados recolhidos a partir da aplicação do Questionário não são o fim, mas o meio que auxilia na tarefa de apurar os motivos que justifiquem a “resistência” ou não das variantes do português rio-grandense no território norte mato-grossense. Muito mais do que documentar a coexistência de variedades, este estudo se interessa pela mútua influência que uma variedade exerce sobre a outra e que reflete as relações sociais entre os grupos migrantes em contato. Estudos posteriores poderão determinar com maior abrangência a configuração linguística do Norte de Mato Grosso, em permanente construção de sua “identidade linguística”.

A coleta de dados incluiu desde a busca por informações referentes aos aspectos históricos e demográficos de Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso até a realização de entrevistas feitas com pluralidade simultânea de informantes, por meio de um questionário que incluiu questões tanto linguísticas (níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático) quanto extralinguísticas (dados sociológicos referentes aos informantes e às localidades). Ou seja, as motivações das escolhas dos falantes envolveu variáveis linguísticas, quando se observa a ocorrência ou não de variantes [+RS], bem como sociológicas, ao

apontar fatores que atuam na variação, tais como o grau de urbanização da área pesquisada ou o grau de escolaridade dos informantes.

A aplicação do *questionário*, instrumento essencial para uma pesquisa de natureza dialetológica e geolinguística, viabilizou grande parte da recolha dos dados. Além da parte linguística, dos temas para discursos semidirigidos, das narrativas livres, das perguntas metalinguísticas e do perfil sócio-cultural e dos dados dos informantes, fez-se uma descrição do espaço geográfico, incluindo o registro iconográfico das localidades pesquisadas.

O estudo representa uma contribuição relevante para a qual há pouca pesquisa até o momento. No Mato Grosso, tem-se os seguintes estudos realizados: a) a tese, defendida em 2013, de Neusa Inês Philippsen, intitulada *Estudo semântico-lexical na região nortemato-grossense*, que reúne um *corpus* de quarenta entrevistas realizadas com pioneiros e seus descendentes em quatro municípios que formam a Gleba Celeste: Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia; e b) a pesquisa de Doutorado em andamento de Marigilda Cubas, que propõe um Atlas Linguístico das variedades do português falado no território incaracterístico (ALiTI) - sete pontos pertencem ao Mato Grosso (Aripuanã, Diamantino, Guarantã do Norte, Juara, Luciara, Nova Xavantina e Sinop), dois a Rondônia (Guajará-Mirim e Ji-Paraná), um a Tocantins (Formoso do Araguaia) e outro a Goiás (Pilar de Goiás). Tem-se notícia também da proposta de um Atlas Linguístico específico para a região norte de Mato Grosso (ALiNMAT – Atlas Linguístico do Norte de Mato Grosso) em complemento a outro projeto desenvolvido nessa região (ALiMAT – Atlas Linguístico de Mato Grosso), em que, novamente, se prioriza localidades com 60 ou mais anos de emancipação política e/ou de existência, deixando de fora localidades de povoamento recente. Soma-se a esses estudos, por fim, a observação direta das variedades do português rio-grandense considerando, sobretudo, a mobilidade espacial (topodinâmica) e o contato linguístico.

Vale registrar, ainda, que a ida a campo confirmou a presença de teuto-gaúchos falantes da língua de imigração Hunsrückisch para além das “fronteiras” do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Tal constatação colaborou indiretamente com o Projeto ALMA-H – *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*, que deste modo acrescentou dois pontos no Mato Grosso, coincidentes com os desta tese, a saber Porto dos Gaúchos e Sinop. Enquanto o ALMA-H analisa a variação da língua minoritária de imigração alemã Hunsrückisch, este estudo se detém à variação do português desses falantes.

Esta tese está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata do apanhado teórico que fundamentou este estudo: a dialetologia e geolinguística pluridimensional e relacional frente aos contatos linguísticos, o que implica discutir, por exemplo, conceitos como variedade, espaço e tempo nessa perspectiva. O capítulo seguinte ocupa-se com a metodologia da pesquisa, apresentando desde os critérios utilizados para a seleção das localidades, dos informantes e dos aspectos linguísticos até a elaboração do questionário, a sistematização dos dados (cartografia) e o relato da pesquisa de campo - considerando que pesquisas envolvem decisões, discute-se as opções entre o ideal e o real, para o que se encontrou de fato no Norte de Mato Grosso. Segue, no terceiro capítulo, a apresentação e a análise dos dados, tomando por base o conjunto de cartogramas produzidos a partir do *corpus* da pesquisa, os quais são apresentados em anexo. Igualmente em anexo, o questionário aplicado na pesquisa de campo.

Capítulo 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A observação linguística de um espaço geográfico pode revelar não só a(s) língua(s) usada(s) como meio de comunicação, como também visibilizar as relações da comunidade com sua(s) língua(s) no sentido de visibilizar desde a diversidade cultural até questões como a interferência dos contatos linguísticos na configuração do “modo de falar” local.

Um estudo desta natureza, no entanto, implica uma série de decisões teórico-metodológicas, a saber: (1) que disciplina(s) da Linguística fundamentará(ão) essencialmente o trabalho; (2) qual a noção de espaço geográfico aplicada; e (3) que conceitos relacionados à variação linguística determinam o objeto de estudo. Cada uma dessas questões será tratada a seguir esclarecendo qual o posicionamento assumido nesta tese.

1.1 Estudos sobre a variação linguística: ponto de partida

Quando o assunto é o estudo da variação linguística, três disciplinas tornam-se evidentes: a dialetologia, a sociolinguística e a geolinguística, por se ocuparem de modos distintos do mesmo propósito: analisar o uso variável da(s) língua(s), caracterizada(s) pela heterogeneidade interna. Por muito tempo, a dialetologia foi tomada como sinônimo de geolinguística, ou a geolinguística vista como método da dialetologia (COSERIU, 1955). Hoje, porém, se adotarmos, como Thun (1998), o objetivo comum de uma “ciência ampla da variação linguística”, os limites entre essas áreas se atenuam consideravelmente.

A ênfase da dialetologia “tradicional” à variação diatópica se deu em um período em que o interesse na história das línguas, para inclusive fundamentar a constituição das “línguas nacionais”, ocupava lugar de destaque. Descrever áreas dialetais constituía assim um mergulho às origens da língua e do povo. Com isso, colocou-se como opção metodológica vincular a noção de espaço à fala de indivíduos que atendiam a um mesmo e único perfil, garantindo assim a comparabilidade das variantes diatópicas alheias a qualquer outra interferência extralinguística. Deste modo, a investigação da variação geográfica restringiu-se ao conceito de “dialeto”, “visto como uma espécie de remanescente vivo de eras passadas (um *Stammdialekt*) e, portanto, um depósito valioso de informações acerca de estágios mais antigos da língua e de seus falantes em uma determinada área ou nação” (ALTENHOFEN, 2006, p. 159). Sob esta perspectiva, a disciplina ficou fortemente associada à Filologia e à

Linguística Histórico-comparativa do século XIX. Quanto mais a dialetologia se ocupasse com variedades conservadoras e menos prestigiadas, mais próxima estaria das formas genuínas da língua. Para exemplificar essa tendência, observem-se as palavras de Antenor Nascentes (1953, p. 14), dialetólogo brasileiro, sobre o estudo do linguajar carioca:

No estudo dialetológico que vamos traçar, teremos em vista fazer da língua do povo de uma fixação que de futuro seja aproveitável. Pouco nos interessa a língua das classes cultas, primeiro porque é correta, segundo porque lhe falta a naturalidade, a espontaneidade da língua popular. Iremos ver os erros, tentar explicar a razão de ser deles, do mesmo modo por que o médico estuda a etiologia das moléstias. Não nos apadriharemos embora reconheçamos que, por maior que seja a campanha contra o analfabetismo, muitos deles hão de implantar-se na linguagem culta futura, como nos ensina a história da Filologia.

Nascentes atrela a ideia de dialeto à noção etimológica do termo, ou seja, ao *modo de falar* de um grupo eleito por se distanciar do uso “correto” da língua. Reconhece o valor da variedade popular no processo de renovação linguística. No entanto, comenta, mais adiante em seu texto, a dificuldade em se estabelecer a nomenclatura adequada para se referir ao português usado no Brasil. Seria um dialeto do português de Portugal ou um conjunto de meios de expressão empregado por um grupo imerso a um domínio linguístico mais abrangente? Segundo o pesquisador, causa menos inconveniente a opção pelo termo *falares brasileiros*, até mesmo porque o uso do termo *dialeto* poderia “ferir nossos melindres nacionais” (NASCENTES, 1953, p. 16).

Outros pesquisadores do cenário brasileiro que optaram pelo termo *falares* em lugar de *dialeto* foram José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (1977). O critério de adotar um termo e não o outro seguiu a tendência da prática dialetológica portuguesa, como a de Lindley Cintra (1983) que usava *dialeto* para se referir às variedades que definiam uma zona maior, ao contrário dos *falares*, que ocupavam apenas uma localidade (*localetos*). Neste sentido, se a distinção entre língua e dialeto está vinculada aos “pensamentos” vigentes em diferentes momentos históricos, admitindo a variedade do português brasileiro como dialeto, tal qual fizera Leite de Vasconcelos (1901), Zágari (2005, p. 49) afirma que

em Minas Gerais, não há dialetos se se toma dialeto como “forma de uma língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético e que é usada num ambiente mais restrito do que a própria língua” (DUBOIS, et. al.,

1973, p.184). O que Minas apresenta são falares, isto é, realizações linguísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma que outra definida escolha de um item lexical. Usa-se aqui falar no sentido de “línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado, que se distinguem uma das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum” (CÂMARA JR, 1968, p. 151).⁶

Dialeto ora é entendido como sinônimo de qualquer variedade de uma língua compartilhada por um grupo de falantes, ou seja, toda variedade sócio-geograficamente reconhecível; ora como uma variedade da língua, falada em um determinado local ou região sobreposta e/ou em concomitância com a variedade *standard* da mesma língua, de tal modo que o uso do dialeto traga à tona uma “caracterização” diatópica ao meio em que é empregado. Berruto (2010, p. 230) exemplifica tais posicionamentos.

[...] dialect is a category sensitive to the different sociolinguistic situations and to the particular characteristics of linguistic repertoires, and can mean somewhat different things in different situations (Britain 2004). While, for example, in the USA dialects are simply spoken varieties of English with some differences in pronunciation and lexicon (cf. Chambers and Trudgill [1980] for a general Anglo-Saxon perspective, and Wolfram and Schilling-Estes [1998] for the USA), in Germany as well as in Italy dialects are mostly spoken regional linguistic systems with a noticeable structural distance from (Standard) German and (Standard) Italian, and with an autonomous history and development⁷.

Vemos que o conceito de dialeto é polissêmico, sujeito a diversas interpretações, sobretudo quando é relacionado à noção de norma-padrão. O seu reconhecimento tem, inclusive, implicações político-linguísticas atuantes nos diferentes momentos históricos em que pesquisas dialetológicas se desenvolveram. Coseriu (1982) trata dessa problemática ao delinear o sentido e as tarefas da dialetologia.

⁶ Eis as referências citadas por Zágari (2005):

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. São Paulo: Iazon + Editor, 1968.

CINTRA, Lindley F. L. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

DUBOIS, J. et. al. *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larrousse, 1973.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Esquisse d'une Dialectologie de la Langue Portugaise*. Paris, 1901.

⁷ (...) dialeto é uma categoria sensível às diferentes situações sociolinguísticas e as características particulares de repertórios linguísticos e pode significar coisas um pouco diferentes em situações diversas. Enquanto, por exemplo, nos EUA dialetos são simplesmente variedades do inglês falado com algumas diferenças fonéticas e lexicais; na Alemanha, bem como na Itália, dialetos são sistemas linguísticos regionais com uma certa distância perceptível das variedades *standards* do alemão e do italiano. [tradução nossa]

En efecto, los dialectólogos se han ocupado mucho y bien de la técnica de la investigación dialectal, pero muy poco, en cambio, del concepto de dialecto, que, sin embargo, es el concepto básico de su disciplina. [...] por un lado, se piensa que la dialectología, en cuanto disciplina descriptiva, tendría que adoptar el enfoque estructural y, por el otro, parece que la lengua como “sistema de isoglosas” espacialmente determinadas se halla en contradicción con la lengua como “estructura funcional”. Es necesario, pues, verificar hasta qué punto esta contradicción es real (COSERIU, 1982, p. 06).

Nesse texto, Coseriu afirma que a definição de *dialeto* pressupõe uma relação de subordinação a uma língua histórica, entendida como um conjunto de sistemas linguísticos interdependentes, tratada ora como uma “língua comum” acima da variedade dialetal, ora como uma “tradição única” em que os diversos modos de falar estariam atrelados. Assim, o dialeto corresponderia a um subsistema da língua, seria uma variedade espacial desta (COSERIU, 1982, p. 18). A esse respeito, o autor diz que as línguas não existem, são abstrações, enquanto os dialetos são realizáveis, ou seja, constituem a realidade primária e imediata da linguagem. Então, ninguém fala, por exemplo, o português, o alemão ou o espanhol, mas uma maneira determinada do português, do alemão e do espanhol. Sob essa perspectiva, embora se reconheçam as diferenças de *status* histórico e social, *língua* e *dialeto* não divergem sob o ponto de vista sistêmico.

Para Coseriu (1982, p. 19), a dialetologia deve estar atenta ao seu objeto de estudo a partir de três dimensões de análise da variação linguística: a diatópica, a diastrática e a diafásica. Além de compreender a configuração espacial do dialeto, deve extrair da variedade as interferências acerca do modo como funcionam, se constituem e se modificam as “tradições idiomáticas” (para Coseriu, o mesmo que língua histórica). Desse modo, embora a comparação entre os dados seja posterior ao registro, a dialetologia não pode mais limitar a investigação apenas à existência ou à ausência de formas, mas, sempre que possível, deve adotar meios que possibilitem analisar o comportamento linguístico dos falantes: em que medida o fato de pertencerem a grupos sociais distintos, por exemplo, interfere no uso da língua?

Observe-se que, dependendo das noções de dialeto, de língua e de espaço adotadas, muda-se a maneira de “enxergar” a variação linguística.

Embora pareça paradoxal, mesmo não tendo delineado o conceito de dialeto com clareza e precisão, e ter privilegiado basicamente a fala rural de informantes com pouca ou

nenhuma escolarização, a dialetologia tradicional teve seus méritos. Altenhofen (2006, p. 162-163) aponta três contribuições: a) suscitou as primeiras discussões sobre variação linguística, bem antes da geolinguística e da sociolinguística; b) descreveu a língua falada em tempos em que o interesse majoritário era o estudo de línguas escritas (perspectiva normativa); e c) desenvolveu uma metodologia capaz de obter dados comparáveis e sincrônicos de uma área representativa de uso de determinada língua.

O percurso das pesquisas dialetais demonstra que a visão diatópica não esteve necessariamente desacompanhada da perspectiva social. Thun (1998a, p. 703) cita alguns estudos que podem exemplificar o período de socialização da dialetologia: a) o de Louis Gauchat sobre a variação de seis traços fonológicos na comunidade francófona suíça de Charmey, publicado em 1905, em que, além de entrevistar falantes de gerações e sexo distintos, fez uma análise de painel, ou seja, o mesmo informante foi inquirido duas vezes em um período de quatro anos⁸; e b) o “Des parlars de différentes classes sociales”, desenvolvido por Raoul de La Grasserie, em Paris (1909), em que se propõe a divisão dos “modos de falar” de acordo com a classe social a que os informantes pertencem. A anaglose se referiria à fala da classe superior, a mesoglose à da classe média e a cataglose à da classe baixa.

No entanto, a maneira como se conjugou o espaço ao viés social variou de acordo com o momento histórico, a região em que o estudo se desenvolveu e os objetivos traçados para cada trabalho. Apenas nas últimas décadas do século XX, a dialetologia consegue sistematizar melhor em sua metodologia a diatopia aos traços sociais. Mas antes de tratar especificamente desse assunto, vale pontuar algumas considerações quanto à geolinguística e à sociolinguística, disciplinas que estão intrinsicamente relacionadas à “nova” fase da dialetologia.

A geolinguística ou geografia linguística⁹ é apresentada nos compêndios como o método específico da dialetologia. Veja o que dizia Coseriu, na década de 1980, sobre esta disciplina:

Na terminologia técnica da linguística atual, a expressão “Geografia Linguística” designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter extraordinário desenvolvimento em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a

⁸ Embora não tenha analisado sistematicamente a dimensão diafásica ou pragmática, o estudo destaca a influência da situação comunicativa na variação linguística.

⁹ Os termos *geolinguística* e *geografia linguística* são aqui utilizados como sinônimos.

distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1987, p. 79).

Caberia a esse ramo científico desde a etapa da coleta de material, que se realiza mediante pesquisa empírica, normalmente “guiada” por um questionário aplicado em todos os pontos de investigação, até o registro dos dados coletados em mapas¹⁰, capazes de fornecer informações suficientes para análise da variação linguística (COSERIU, 1987, p. 84). Tendo por base um mapa de fundo contendo apenas elementos indispensáveis (limites de território, indicação dos pontos investigados, os paralelos e os meridianos, os rios principais...), sobrepujam-se os fatos linguísticos.

Por funcionar como uma “subdisciplina” da dialetologia, a princípio, a geolinguística também era monodimensional, ou seja, preocupava-se apenas com a disposição dos dados linguísticos intercomparáveis em uma determinada área. Costuma-se mencionar como marcos para o início da geografia linguística: a) o levantamento feito por Wenker na Alemanha, no final do século XIX, e b) a recolha sistemática para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF) realizada por Gilliéron e Edmont.

Wenker, em 1876, inicia a documentação da língua alemã falada em toda a extensão do território, encaminhando um questionário de 40 frases (as frases de Wenker) a mais de 40.000 escolas, a serem traduzidas pelos instrutores locais e devolvidas a Wenker. Registraram-se, assim, por correspondência as respostas de pessoas letradas em milhares¹¹ de pontos com o propósito de estabelecer os limites dialetais da língua alemã falada nessa época, em cada localidade. Em 1881, publicou em Estrasburgo um primeiro fascículo com seis mapas fonéticos sintéticos¹².

¹⁰ Respeita-se aqui a terminologia usada por Coseriu (1987), embora se reconheça em estudos mais recentes a distinção entre mapas e cartogramas linguísticos. O mapa temático se refere à “representação dos dados linguísticos localizáveis de qualquer natureza e de suas correlações, não se limitando apenas à representação do terreno” enquanto o cartograma, a “um esquema representativo de uma superfície ou parte dela, sobre a qual são apresentadas informações quantitativas e qualitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos” (TELES & RIBEIRO, 2008, p. 4). Assim, muitos Atlas Linguísticos publicados apresentam, na verdade, um conjunto de cartogramas e não mapas, que requerem informações como orientação, sistema de projeção e sistema de referência para as coordenadas e escala (TELES & RIBEIRO, 2006, p. 212).

¹¹ Diz-se milhares, pois a princípio a pesquisa seria aplicada em 30.000 pontos do território alemão (COSERIU, 1987, p. 87). No entanto, segundo Pop (apud CARDOSO, 2010, p. 41), a rede foi ampliada para 40.736 pontos. Já Coseriu (1987, p. 87) afirma que, com o aumento, cerca de 53.000 pontos foram investigados. Pela incongruência das informações, não há como precisar a quantidade de lugares em que os questionários foram encaminhados.

¹² O *mapa sintético* estabelece os limites das áreas correspondentes às formas linguísticas “típicas” comprovadas, enquanto o *mapa pontual* não estabelece tal limite e registra fielmente os dados inventariados em cada um dos pontos investigados (COSERIU, 1987, p. 83).

De modo semelhante, na França, em 1880, Gilliéron, a partir de sua experiência acadêmica somada à publicação do *Petit Atlas Phonétique du Valais Roman* (30 mapas), sentiu a necessidade de empreender não apenas um projeto de Atlas Linguístico em todo o território francês, mas um método capaz de inventariar, de maneira homogênea, a variedade das falas locais ameaçadas pela rápida difusão da língua comum. Para tanto, elegeu um único inquiridor: Edmond Edmont, comerciante apto a captar e transcrever a variação fonética das respostas concedidas em 639 localidades. Gilliéron acreditava que, se o investigador não fosse linguista ou “dialeólogo de profissão”, a fala registrada se aproximaria à forma genuína e espontânea, alheia a qualquer ideia pré-concebida de caráter histórico ou teórico (COSERIU, 1987, p. 88).

A substituição da coleta de dados via correspondência pela investigação direta com os falantes não significou somente uma mudança de método, mas promoveu a reflexão de como a Geografia Linguística poderia executar as suas tarefas, com rigor científico, quando, por exemplo, entrevistador e entrevistado estivessem frente a frente. Se Wenker abriu caminho para uma pesquisa diatópica em uma ampla área, Gilliéron consolidou, de certo modo, o método de recolha dos dialetos geográficos. Esse método se flexibilizou no decorrer dos anos a partir de inter-relações com as contribuições de disciplinas como a sociolinguística, que serão apontadas a seguir.

Enquanto a preocupação da dialetologia em localizar os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos era uma constante na história dos estudos dessa natureza, a sociolinguística, na década de 1960, primou pelas relações entre as características sociais dos falantes e as suas implicações no uso que fazem da língua. A sociolinguística surpreendeu, assim, a Academia ao romper, de maneira contundente, com o conceito de língua como sistema homogêneo e unitário, tão propagado pelo Estruturalismo.

A disciplina consolidou-se como tal a partir dos resultados dos estudos de William Labov sobre as mudanças em progresso do inglês usado na ilha de Martha’s Vineyard (1963) e na cidade de Nova York (1966). Labov identifica como um protótipo da teoria variacionista o já citado trabalho de Gauchat em Charmey, uma comunidade francófona localizada na Suíça. Após vinte e quatro anos, outro pesquisador, Hermann, volta à localidade, investiga quatro dos seis traços observados por Gauchat e confirma as inferências de mudanças linguísticas em progresso apontadas já em 1905 (LUCCHESI, 2004, p. 165-166).

Desde então, embora essa teoria reconheça que a observação da mudança se dá primeiramente na estrutura linguística, acredita que a consideração apenas dos fatores estruturais internos não é suficiente para construir uma explicação para a mudança linguística.

A heterogeneidade inerente a qualquer comunidade de fala passa a ser observada, ou seja, as características externas ao falante como estilo contextual, *status* e mobilidade social, sexo e idade devem ser correlacionadas à análise linguística das variantes. Para Labov (1982, p. 18), o sistema de comunicação usado na interação social - a gramática da comunidade de fala - deve ser objeto de descrição linguística. Além disso, é preciso resgatar a historicidade da língua e integrá-la ao conjunto de relações sociais, culturais e ideológicas, meio em que se atualiza. No modelo sociolinguístico, o falante atua no sistema linguístico:

[...] o falante, numa determinada circunstância, seleciona, de forma mais ou menos consciente, uma dentre as variantes concorrentes na estrutura linguística. E a opção do falante pode variar conforme a situação a que esteja exposto, pois a sua escolha é determinada, por exemplo, pela intenção do falante de facilitar a sua aceitação em um determinado ambiente ou segmento social, ou pode resultar também da aceitação ou negação de um padrão linguístico imposto institucionalmente, ou característico de outro grupo social (LUCCHESI, 2004, p. 172).

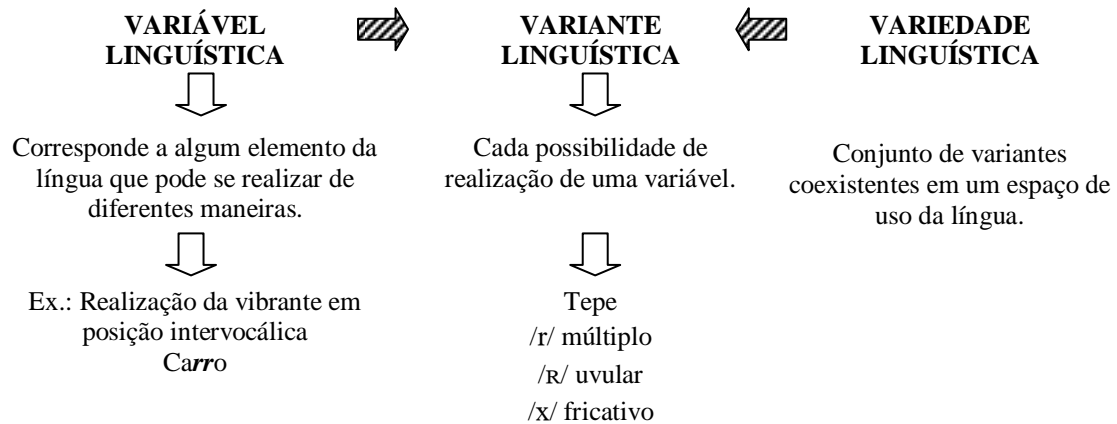
Dessa forma, a sociolinguística constrói um aporte teórico para os estudos da variação linguística que articula as suas dimensões estrutural e histórica. Além disso, formalizou sua unidade de análise no conceito de variável linguística, entendida como parte integrante do sistema e regida por uma regra (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 105). Sintetiza Berruto (2010, p. 229):

is, in a nutshell, one point of the system of a language (a phonetic/phonological unit, a morphological item, a syntactic structure, a construction, a semantic unit and so on) that admits and shows different realizations, with the same referential meaning, in correlation with extralinguistic (geographical, social, situational) factors and properties¹³.

A variável linguística representa a forma estrutural que imprime, de certo modo, um significado social. A cada uma de suas realizações corresponde uma variante. Por conseguinte, ao conjunto de variantes coexistentes em um espaço de uso da língua denomina-se variedade linguística (BERRUTO, 2010, p. 229). O esquema a seguir exemplifica melhor os conceitos e as relações entre os termos.

¹³ [a variável] em poucas palavras, é um aspecto do sistema de uma língua (unidade fonético-fonológica, um item morfológico, uma construção da estrutura sintática, uma unidade semântica, e assim por diante), que admite diferentes realizações, com o mesmo significado referencial, em correlação a outros fatores extralinguísticos (geográfico, social, situacional).[tradução nossa]

Figura 1 – Relações entre variável, variante e variedade linguística



Fonte: elaborado pela autora.

Durante anos, a sociolinguística praticamente negligenciou o espaço em seus tratados, ou seja, colocou em segundo plano o espaço, em seu aporte teórico. Embora delimitasse uma área para a investigação, as relações sociais (classe, etnia, gênero, faixa etária...) se sobreponham às disposições geográficas dos dados inventariados. Bern (2010a, p. 144) aponta duas razões compreensíveis para que o espaço fosse minimizado inicialmente nos estudos variacionistas: a) talvez fosse uma reação à dialetologia tradicional, focada, em grande parte, na descrição da fala na zona rural; b) ou pelo fato das cidades representarem comunidades complexas, em que a heterogeneidade é bem mais apreensível. Seja qual for o motivo, este aspecto não desmereceu a contribuição da sociolinguística não apenas de base variacionista laboviana. Pelo contrário, suas posições e estudos cooperaram e instigaram a construção de uma perspectiva de análise pluridimensional e relacional aplicável não apenas na geolinguística, por exemplo, em um atlas linguístico, mas em uma “descrição ampla da variação linguística” que combine espaço e sociedade em uma mesma base de estudo.

Thun (2010, p. 506-512) relaciona algumas alterações trazidas por esse novo modelo de abordagem e tratamento da variação linguística. As características apontadas na sequência podem ou não serem averiguadas em sua totalidade nas pesquisas de natureza pluridimensional. A saber:

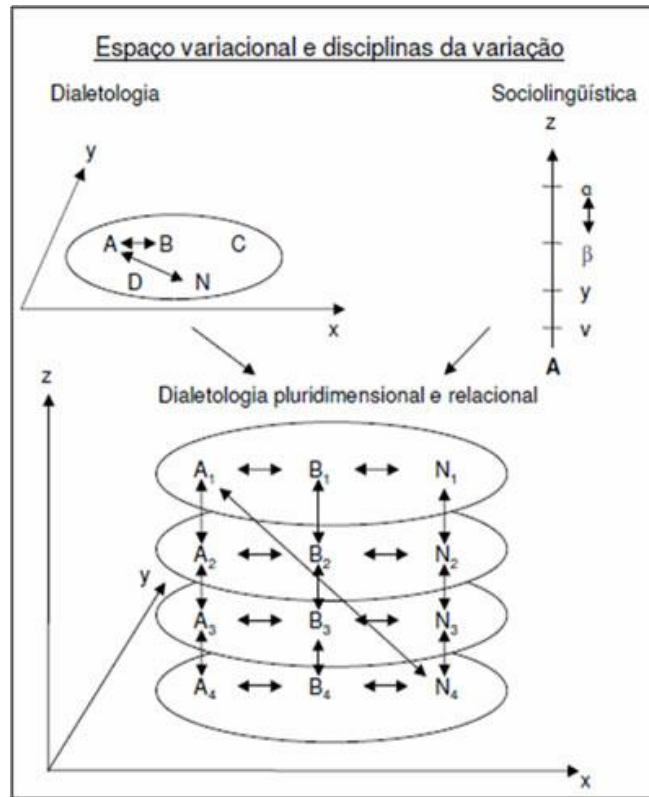
- a. a dialetologia, ao ampliar o campo tradicional de observação da variação linguística, provoca mudanças também na geolinguística;
- b. a variação linguística no espaço passa a ser observada com relação às variáveis extralinguísticas;

- c. considera-se a maneira como se manifestam os falantes em situações reais de interação social (alternância de estilos);
- d. adere-se à pluralidade de informantes por acreditar que um único não garante necessariamente a representatividade da comunidade a que pertence. É interessante pontuar que estudos recentes promovem entrevistas com mais de um informante num mesmo ambiente, a fim de estimular discussões capazes de demonstrar, entre outros aspectos, a competência metalinguística dos falantes para perceber e “julgar” variantes distintas da língua; ou aplicam os inquéritos aos informantes separadamente¹⁴;
- e. acrescenta-se a dimensão dialingual, uma vez que do dialeto *standard* passou-se a observar não só as variedades *substandard*, mas também as variedades em contato de duas ou mais línguas;
- f. incluiu-se o método da sugerência, ou seja, parte-se da primeira resposta espontânea do informante à diferenciação dos graus de disponibilidade de formas linguísticas para o mesmo referente;
- g. ampliou-se a possibilidade de análise dos dados em relação ao fator tempo nos mapas pluridimensionais (nanocronologia, microcronologia, mesocronologia e macrocronologia);
- h. modificou-se o tratamento cartográfico dos dados, já que mapas individuais podem abordar a mesma temática sob pontos de vista diferentes. Assim, demonstra-se, em relação a um tema, por exemplo, o comportamento linguístico de informantes masculinos de gerações diferentes em uma carta e, noutra, o mesmo perfil de informantes, mas agora do sexo feminino. Tal procedimento é comparado à técnica cinematográfica do corte.

O esquema a seguir, elaborado por Thun (1998a, p. 705), ilustra bem o princípio da pluridimensionalidade da análise da variação linguística, com o qual se busca combinar a dimensão diatópica com as dimensões sociais:

¹⁴ Neste procedimento, há a possibilidade de se aplicar parte do questionário a um informante e o restante a outro com o mesmo perfil (pluralidade sucessiva).

Figura 2 – Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, segundo o esquema proposto por Thun (1998a)



Fonte: Thun (1998a, p. 705).

Por esse ângulo, como mostra o esquema acima, parte-se do pressuposto de que as dinâmicas sincrônicas da variação interna de uma língua demonstram processos de mudança em curso. As dimensões de viés sociolinguístico (eixo vertical/ z) atuam em conjunto no interior de um espaço (área – eixo horizontal/ x). O eixo y representa a combinação de fatores da variação da língua relativa a um determinado local, no espaço geográfico, numa determinada posição na escala social e num determinado tipo de situação sócio-comunicativa.

O espaço desdobra-se, portanto, em mais de uma camada social, seja em decorrência do fator social (dimensão diastrática), da idade (dimensão diageracional) e/ou do gênero (dimensão diassexual) do informante, seja por causa do uso que se faça da(s) língua(s) em diferentes contextos (dimensão diafásica), inclusive no de contato linguístico entre variedades de uma mesma língua ou entre línguas diferentes (dimensão dialingual/ contatual).

A perspectiva pluridimensional e relacional constitui a ferramenta de análise da variação do português nos dados coletados para esta tese. Espera-se que possa revelar os mecanismos e variáveis que atuam no processo de “assentamento” e delimitação de algumas

variedades linguísticas em detrimento de outras em áreas caracterizadas por contatos linguísticos de toda ordem, como é o caso da área de estudo desta tese, a região norte mato-grossense. A complexidade desse contexto nos confronta com questões como migrações (mobilidade social), contatos linguísticos e plurilinguismo, em que se torna fundamental determinar a idade dos informantes (migrantes gaúchos e seus descendentes), os papéis sociais exercidos por esses falantes em Mato Grosso, ou ainda o domínio de outras línguas, como fatores que podem interferir na manutenção das variedades do português rio-grandense no novo território.

Para ter mais clareza sobre esses aspectos e o tratamento que recebem no modelo teórico adotado nesta tese, passemos aos pontos centrais, nas seções seguintes.

1.2 Mudança de paradigma: perspectiva pluridimensional e relacional de análise da variação linguística

A fusão da análise diatópica e diastrática produziu um aumento significativo de dados e possibilidades de relações entre variáveis extralinguísticas e linguísticas. Bellmann e seus colaboradores (1986), ao conjugarem a dialetologia e a sociolinguística, propõem uma visão bidimensional entre língua e espaço (THUN, 2010a, p. 508).

Embora o *Atlas Linguístico da Renânia Central (Mittelrheinischer Sprachatlas – MRhSA)* tenha documentado de maneira tradicional a dimensão horizontal (diatópica), tentou não negligenciar a dimensão vertical. Na primeira série de recolha de dados, contemplou informantes com aproximadamente 75 anos, nascidos nas localidades investigadas e ocupados com trabalhos manuais. Em cada ponto, mais de um falante deveria ser inquirido conjuntamente. Já na segunda série de dados, alteraram-se dois fatores sócio-demográficos relacionados ao perfil dos entrevistados: deveriam ter de 30 a 40 anos e serem “móveis”. Partiu-se da convicção de que, em virtude da posição na vida social, o falante “especializa e disponibiliza sua competência ativa com relação a determinadas áreas do contínuo¹⁵ da verticalidade” (BELLMANN, 1999, p. 9), ou seja, as oscilações variacionais num contexto de fala são condicionadas aos fatores situacionais, intencionais e emocionais. Ao incluir o grupo topodinâmico, representado por aqueles que trabalhavam fora da localidade, mas diariamente retornavam para casa, redefiniram-se, conseqüentemente, as dimensões de análise linguística nas pesquisas dialetológicas. O modelo foi aperfeiçoado por Thun (1998a, p. 787) nos anos subsequentes:

¹⁵ Bellmann (1983, p. 123) admite que as variedades individuais ocorrem em um eixo de possibilidades que abrangem num extremo a variedade *standard* de uma língua e noutro, os dialetos. Essas variedades (“camadas”) são determinadas por parâmetros extralinguísticos (idade, profissão dos informantes ...).

La Dialectología y la Sociolingüística, disciplinas historicamente separadas confluyen en una Geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente Dialectología Pluridimensional (DP) y que las define como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y los hablantes por el otro lado. Dentro de esta ciencia general, a la DP le corresponde la parte de los macroanálises. No deja de ser una Geolingüística porque la DP no puede renunciar a la variación diatópica, garantía del macroanálises.

Diante de um contexto complexo de investigação, marcado pelo multilinguismo, pelas migrações e pelos contatos linguísticos, a variação precisava ter um escopo teórico-metodológico que desse conta de sua análise como processo. E, como já fora dito, o que Thun denomina, em 1998, de dialetologia pluridimensional é a concretização da junção da espacialidade com a socialidade. Da mesma maneira, conforme Altenhofen (2013b, p. 19), pesquisadores como Razky (2003) e Guy (2012) propuseram, respectivamente, as designações geossociolingüística e sociodialetoлогия para expressar os novos caminhos trilhados pelas ciências da variação, após um período de “crise” - como disseram Radtke e Thun (1996, p. 26), ao se referirem à geolingüística românica no final do séc. XX.

Nesta tese, adotou-se a terminologia geolingüística pluridimensional e contatual, sugerida por Altenhofen (2013b, p. 19), por acreditar que essa disciplina dará suporte às pesquisas em áreas caracterizadas pela ocupação recente e pelo contato linguístico tanto entre variedades de uma mesma língua (intervarietal) quanto entre línguas diferentes. A variabilidade interna de uma língua ou entre sistemas linguísticos distintos é condicionada, segundo Berruto (2010, p. 226), por pelo menos quatro fatores: a) o tempo (uma língua varia com o passar do tempo), b) o espaço (uma língua varia de acordo com a distribuição geográfica de seus falantes), c) a estratificação social (uma língua varia de acordo com a classe social dos falantes) e d) as situações/contextos de uso de uma língua (uma língua varia com as situações de comunicação em que é empregada).

Adere-se aqui ao ponto de vista de Coseriu (1982, p. 11; 16) de que o conceito de língua não pode ser abstrato e homogêneo, mas a noção deve admitir a heterogeneidade linguística. Assim sendo, o que entra em contato são variedades de uma mesma língua, ou complexos variacionais, como defende Thun (2010b), e o que determina o prestígio de uma em relação à outra é o *status* sócio-histórico atribuído a uma forma pela comunidade de fala,¹⁶

¹⁶ Por consequência da linha teórica adotada, implicada pela análise sociolingüística a ser empreendida, usa-se *comunidade de fala* para se referir àqueles que compartilham práticas linguísticas em uma ou mais línguas, ‘conectados’ a uma rede de comunicação graças a fatores comuns como a identidade étnica e a origem dos falantes.

que pode ser observada tanto no nível microlinguístico (na interação *face-to-face*) quanto no macrolinguístico ao considerar a mobilidade dos falantes num espaço.

Na perspectiva pluridimensional e relacional, a *variável*, segundo Thun (2000, p. 191), é um termo genérico aplicável tanto a fatores gerais e individuais quanto a fenômenos linguísticos e extralinguísticos. O autor cita a classe distribucional para exemplificar uma variável linguística individual; a língua espanhola para variável linguística geral; o gênero feminino para variável extralinguística individual; e a classe sociocultural baixa do informante para a variável extralinguística geral. Cada uma das variáveis é denominada de *parâmetro* e o agrupamento de dois ou mais desses, em uma relação opositiva, é uma *dimensão*. O esquema a seguir, organizado por Thun para se referir aos critérios adotados no *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), deixa claro como a variação poderá ser apreendida.

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros analisados no Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai – ADDU

	DIMENSÃO	PARÂMETRO
1	Dialingual	Espanhol Português
2	Diatópica	Topostático
3	Diatópico cinético	Topostático Topodinâmico
4	Diastrática	classe alta classe baixa
5	Diageracional	geração II geração I
6	Diassexual	mulheres homens
7	Diafásica	R ¹⁷ \ L / C
8	Diarreferencial	Fala objetiva Fala metalingüística

Fonte: reproduzida pela autora a partir do quadro elaborado por Thun (2000, p. 191).

Assim, um mesmo indivíduo poderá pertencer a mais de uma *comunidade de fala*. Dada as especificidades do espaço pesquisado, ao conceito de *comunidade de fala* agrega-se também o conceito de *territorialidade* - o espaço real em que uma determinada variedade é eleita, usada/ adotada por um grupo de falantes específicos.

¹⁷ R se refere às respostas aos itens do questionário, L à leitura (neste caso, a Parábola do Filho Pródigo) e C à conversa livre..

Antes de tratar especificamente de cada uma das dimensões e dos parâmetros, é necessário esclarecer que, por este trabalho priorizar o uso da língua portuguesa por grupos de migrantes gaúchos no Mato Grosso em situação de contato linguístico intervietal, adota-se a designação *variedade do português rio-grandense*, por entender que o termo *variedade* a) encobre, de forma mais *neutra* o sentido de subsistema de uma língua, sem as conotações sociais comumente associadas a termos como *dialeto*, *falar*, *norma culta*, *norma padrão*, “língua do povo”, estilo etc.; b) é um termo essencialmente *relacional*, ou seja, entre diferentes variedades se estabelece uma relação de subordinação, superioridade ou igualdade; e c) delimita, na prática, o uso de variedades coexistentes entre os falantes (por exemplo: qual a variante “X” usada? por quem? quando? onde? por que? para que? Além disso, é conhecida? outros usam? quem?) (cf. THUN, 2005, p. 108-109).

1.2.1 Línguas em movimento: da variação topostática à topodinâmica da variação linguística

Talvez a noção de espaço tenha sido a mais modificada com a perspectiva pluridimensional e relacional. Trata-se de um conceito que permeia diferentes áreas do conhecimento. Bern (2010b, p. 70-71) diz que pode estar vinculado à noção de distância (espaço físico/geométrico), às ações promovidas pelo Estado, pelos agentes individuais e institucionais (igreja, escola...) - o espaço socialmente produzido - e às percepções particulares acerca desses espaços (físico e social) – impressões responsáveis pelas atuações e comportamentos diferenciados no meio em que os indivíduos estão inseridos. *A espacialidade* resultaria em uma visão tridimensional do espaço. É, ao mesmo tempo, *física*, *social* e *perceptual*. E, portanto, vinculada às ideias de interação e de processo constante de transformação (BERN, 2010b, p. 72).

Ao incorporar a *espacialidade*, a dialetologia e a geolinguística rompem definitivamente com a tradição da descrição da variação diatópica exclusivamente horizontal. No Brasil, por exemplo, durante anos se registrou a fala de informantes com o perfil HARAS – homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário – (ZAGARI, 2005, p. 52), seguindo o que fora instituído desde os tempos de Wenker e Gilliéron: privilegiavam-se informantes com características idênticas (sexo, idade, escolaridade...) com apenas uma diferença: a localidade em que viviam.

O cenário linguístico brasileiro abrange, além do português, línguas autóctones, alóctones, as variedades regionais do próprio português brasileiro, dentre outras. O modelo pluridimensional e relacional tem mostrado, neste sentido, grande eficácia em estudos como o do *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H), para identificar como variedades distintas, em contato em um mesmo território, constituem suas territorialidades¹⁸ em meio à coocorrência de formas.

Se o que entra em contato são “modos de falar” individuais que, numa determinada área, ecoam ou não como variedades linguísticas usadas pela maioria na comunidade de fala, deve-se averiguar quais relações sócio-culturais interferem nas escolhas linguísticas. A mobilidade espacial dos falantes é, sem dúvida, um fator a ser considerado, sobretudo por no mundo atual haver a) mais acesso a informações, b) interação interpessoal, e c) contextos mais urbanizados. Assim, segundo Thun (1996, p.211), a cada dia que passa, torna-se mais difícil encontrar pessoas que “nascem, crescem, vivem e morrem” numa mesma localidade. Além do mais, não há por que ignorar o “vai e vem” das pessoas.

Thun (1996, p.211), para descrever a realidade contemporânea do Uruguai (ADDU) comparou o comportamento linguístico de grupos sedentários (idealmente imóveis num espaço) ao de grupos móveis. Utiliza dois termos para expressar a flexibilização do critério diatópico: topostático e topodinâmico. O primeiro se refere aos falantes sem histórico de mudança domiciliar da localidade onde nasceram ou viveram por, pelo menos, a metade de suas vidas; e o segundo, aos que migraram para outras áreas. Para selecionar aqueles caracterizados pela mobilidade demográfica, bastava que estivessem no novo lugar há cinco anos, pois para Thun (1996, p.212) a acomodação linguística aos hábitos do novo ambiente necessita de certo tempo para se sedimentar e depois não “avança” mais.

Ao considerar os movimentos migratórios no espaço, constatam-se:

aspectos ligados ao retrocesso ou ao avanço de variantes linguísticas em uma determinada área e suas relações com as mudanças sociais. A comparação entre os dados da matriz de partida e o ponto de chegada, considerando o tempo transcorrido entre a migração e o momento atual da entrevista, pode revelar relações importantes de mudança e conservação no comportamento linguístico dos falantes migrados (ALTENHOFEN, 2004a, p. 152).

¹⁸ Entende-se por *território* a base físico-geográfica onde se demarcam *territorialidades* distintas, ou seja, os espaços de uso real de determinadas variedades ou variantes linguísticas (ALTENHOFEN, 2014).

Uma vez admitida a ampliação da diatopia à dimensão diatópico-cinética, dividida entre a topostática e a topodinâmica, torna-se fundamental entender como a mobilidade dos informantes interfere nas escolhas linguísticas. Tal propósito requer a compreensão de outra dimensão diretamente correlacionada, que diz respeito à consequência natural das migrações, o contato linguístico: incluem-se aqui as dimensões contatual e dialingual, com as quais se ocupa a próxima seção.

1.2.2 Variedades em contato: do falante monolíngue ideal ao contato plurilíngue e intervarietal

Uma outra questão que incide sobre o estudo da variação linguística é a maneira como a heterogeneidade da língua é tratada nas diferentes esferas sociais. Admiti-la no plano linguístico não significa reconhecê-la, por exemplo, nas práticas pedagógicas e político-educacionais, sobretudo quando se observa, num contexto multilíngue¹⁹ como o Brasil, o discurso monolíngue ainda sendo promulgado – consequência de decisões desastrosas ao longo da história do país, como a proibição de Marques de Pombal, em 1758, de qualquer manifestação linguística que não fosse o português (ação contra a “língua geral” de base tupi) ou a política de nacionalização implementada por Getúlio Vargas, em 1937, que não só proibiu o uso das línguas dos imigrantes, como decretou o fechamento de escolas que ensinasse as línguas alóctones.

O Brasil é um dos países mais multilíngues do mundo (cf. OLIVEIRA, 2003). A enorme extensão de seu território, com uma fronteira extensa e uma história de colonização e de ocupação singular, ao lado das possibilidades crescentes de deslocamento físico e virtual, proporcionam experiências contatuais tanto interlinguísticas (entre línguas de *status* sócio-histórico distinto) quanto intervarietais (entre variedades de uma língua). Nesta perspectiva, mesmo um falante que se declara monolíngue não pode ser considerado “falante ideal”, uma vez que usa uma língua que, na dinâmica social, varia a todo instante, em cada situação de comunicação e de prática social que se lhe apresenta. A ampliação do acesso aos meios de comunicação como a internet colocou à disposição um “leque” de línguas e variedades linguísticas ainda maior. Basta abrir uma janela do google ou da wikipedia, para se defrontar com esse multilinguismo cada vez mais latente de nossos dias.

¹⁹ Assim como Altenhofen e Broch (2011), entende-se por *multilinguismo* a coexistência de diferentes línguas numa sociedade, instituição ou contexto. Já plurilinguismo está relacionado à postura plural de um indivíduo que incorpora ao seu repertório ativo ou passivo línguas/variedades distintas.

É importante que se diga que o parâmetro contatual é uma dimensão independente, pois “seu estudo abre um novo caminho que conduz através de todos os planos das variedades, desde o idioleto, através da desdialelização, da regionalização e da formação de uma koiné da ou entre falas de grupos, até o contato entre línguas comuns” (RADTKE & THUN, 1996, p. 38-39).

Altenhofen (2013b, p. 32-33) elenca perguntas norteadoras aos pesquisadores que se interessam por contextos marcados pelo multilinguismo,²⁰ pelas migrações e pelos contatos linguísticos. Entre essas perguntas, destacam-se: a) de que modo, as variedades migrantes se transferem para o novo meio (canais e fluxos migratórios)? b) Que vínculos os grupos migratórios mantêm com a matriz de origem? c) Como se reestruturam para atender às necessidades do novo meio? d) Como constituem suas territorialidades, ou seja, como se constitui uma variedade linguística em contato com a diversidade de outros “modos de falar” no novo meio para onde migra o grupo pesquisado? e) Que mudanças linguísticas são observadas em relação à matriz de origem?

É preciso pensar e delimitar quais aspectos e tipos de contato linguístico se pretende analisar, considerando a história de ocupação do Brasil, marcada por contatos linguísticos de toda ordem, mesmo antes da chegada do “homem branco” a este território. Podem-se identificar, neste sentido, pelo menos oito “eixos temáticos” no estudo de contatos linguísticos envolvendo a língua portuguesa, no território brasileiro:

- 1) Português e línguas indígenas (autóctones);
- 2) Português e línguas afro-brasileiras;
- 3) Português e línguas de imigração (alóctones);
- 4) Português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (ex. com o guarani no Paraguai e o espanhol no Uruguai);
- 5) Português e línguas co-oficiais em contato, como o tukano, nheengatu e baniwa no município de São Gabriel da Cachoeira (Alto do Rio Negro), ou ainda o talian em Serafina Correia (RS); o pomerano em Santa Maria de Jetibá (ES), Pancas (ES) e Canguçu (RS), e o hunsrückisch em Antônio Carlos (SC);
- 6) Contatos linguísticos de fronteira com os países vizinhos;
- 7) Contatos transnacionais do português “aquém e além-mar” (Portugal e demais países lusófonos), e
- 8) Contatos intervaretais do português (entre falantes de variedades regionais do português) (ALTENHOFEN, 2008, p. 137).

²⁰ Vários estudiosos se debruçam sobre contextos marcados pelo multilinguismo a tratar, por exemplo, de bilinguismo (grau, função, alternância, interferência, modo de aquisição ...) como Mackey (1972) e Romaine (1995). Aqui, basta a sua constatação no contexto contatual.

Historicamente, os contatos intervaretales nunca tiveram dos linguistas a mesma atenção ou relevância do que os interlinguísticos. Passam a ser considerados com mais ênfase em estudos de língua de imigração, sobretudo quando analisam e enfocam processos de coineização. No contexto do português brasileiro, contudo, a maioria das pesquisas tem se voltado para este tipo de contato linguístico nas relações sociais “gerais”, mas não em áreas de ocupação recente (v. MELLO, ALTENHOFEN e RASO, 2012). Isso se deve ao fato de nem sempre se conceber essas variedades da língua como variedades delimitáveis. Nesta tese, entende-se que, no caso das populações migrantes, a delimitação das variedades está associada, por exemplo, à percepção de comunidades de fala regionais e à origem dos migrantes, já que língua e cultura se entrelaçam.

Em uma situação semelhante ao que ocorre com a formação de uma coine de imigração (cf. SIEGEL, 1985 *apud* PINHEIRO, 2014, p. 48)²¹, o contato entre variedades de uma mesma língua em áreas de ocupação recente se dá nas localidades para onde migram os falantes e não em suas regiões de origem, de tal modo que, com o passar do tempo, as marcas linguísticas se misturem, algumas sejam incorporadas por grupos que não as reconheciam como “natas”, outras, relegadas ao repertório passivo, até elegerem formas (lexicais, morfológicas e fonéticas) que identifiquem os “falares” das “novas áreas”.

A premissa de que “migrando os homens, migram as línguas” tem na região norte de Mato Grosso todo tipo de comprovação possível. Ocorreu em resposta aos incrementos governamentais de incentivo à ocupação desse território, entre os anos 1950 e 1970, milhares de migrantes das mais diferentes regiões e origens, especialmente de gaúchos, puseram-se a caminho em busca de novas terras. Junto com esses migrantes vieram novas línguas e variedades.

Contudo, para observar a difusão e territorialização de variantes linguísticas em contato neste espaço pluridimensional “novo e recente”, é preciso compreender outros conceitos. Há, ao menos, dois tipos de territorialização linguística: a horizontal e a vertical. A primeira é decorrente das migrações de grupos sociais e étnicos para novas áreas; e a outra, da consolidação de territorialidades historicamente instauradas:

²¹ “It may also result from contact between regional dialects; however, the contact takes place not in the region where the dialects originate, but in another location where large numbers of speakers of different regional dialects have migrated. Furthermore, it often becomes the primary language of the immigrant community and eventually supersedes the contributing dialects” (SIEGEL, 1985, p.364 *apud* PINHEIRO, 2014, p.48).

[A coine de imigração] “pode resultar também do contato entre dialetos regionais, porém o contato não ocorre na região de origem dos dialetos, mas em outra localidade onde um grande número de falantes de diferentes dialetos regionais imigram. Além disso, torna-se frequentemente a língua primária da comunidade de imigrantes e, por fim, substitui os dialetos” [que contribuíram para a sua formação]. [tradução nossa]

[...] a territorialização horizontal se dá na direção de vazios ou territorialidades mais ou menos esparsas, com menor densidade de ocupação do espaço. Ou seja, ela se vale das brechas ou lacunas que determinada territorialidade coloca em evidência. Por outro lado, a territorialidade vertical implica no contato entre forças antagônicas que disputam o mesmo espaço. (ALTENHOFEN, 2014, p. 80)

Nesta tese, devido às características dos três pontos selecionados em Mato Grosso, adota-se a perspectiva analítica horizontal da territorialização.

Diante da complexidade de relações que um espaço – físico (geográfico), social e perceptual – evoca, é preciso também abordar as dimensões interindividuais e intraindividuais sistematizadas na geolinguística pluridimensional e contatual.

1.3 O homem, o tempo e o espaço na geolinguística pluridimensional e contatual

Estudar a variação linguística na perspectiva pluridimensional e contatual é estar atento a questões como a) os valores atribuídos a cada variedade linguística pelo falante/informante estão relacionados a que fatores? b) os diferentes comportamentos linguísticos são determinados, por exemplo, pelo tipo e tempo de contato a que são expostos os falantes, ao papel da afetividade e da identidade de uma determinada variedade em detrimento de outra, ou ao *status* social que o uso de uma língua e/ou variedades pode carregar?

A resposta a estas questões passa por um trabalho exaustivo de correlação das variáveis linguísticas com as dimensões *interindividuais* (diatópica, diastrática, diageracional e diassexual) e *intraindividuais* (diafásica, contatual/dialingual e diarreferencial). Com isso, fica evidenciado que a tarefa de estudos que adotam esse modelo, essencialmente relacional, ultrapassa a descrição/análise das variedades/variantes usadas nos diferentes grupos sociais em diferentes localidades de pesquisa, em um determinado recorte de tempo. Ou seja, espera-se um passo mais à frente: interpretar o que significa a presença ou ausência das variedades/variantes descritas e o que sinalizam, no contexto pesquisado. Para melhor aclarar as implicações da abordagem adotada, vejamos em detalhes cada uma dessas dimensões de análise.

1.3.1 Dimensões interindividuais

Está claro que o espaço não pode ser concebido apenas como uma entidade física, mas sim como um lugar socialmente construído em que pessoas compartilham experiências entre as quais o uso da(s) língua(s). A cada variedade topograficamente identificada, vários fatores sociais estão subentendidos. E quando o assunto é o perfil do informante, três dimensões se destacam: a diastrática, a diageracional e a diassexual, além daquela referente à sua mobilidade, da relação entre topostática e topodinâmica, à qual já se fez referência.

A dimensão diastrática pode abranger diferentes fatores sociais como a profissão dos informantes, a renda, a religião e o grau de escolaridade. Trata-se de um conceito “plurifactorial”²² (GEORG, 2004 *apud* BERRUTO, 2010, p. 233) muitas vezes questionado. Um exemplo disso pode ser a dialetologia tradicional, que reconhecia preferencialmente entre os analfabetos e/ou poucos escolarizados a possibilidade de se registrar o “verdadeiro” falar de uma comunidade. O discurso de Scheuermeier (*apud* CARDOSO, 2010, p. 54-55) ecoa esse pensamento quando declara que os intelectuais nem sempre são bons informantes por não reproduzirem a fala genuína.

(...) os intelectuais [...] são informantes controvertidos. [...] Eles poderão muitas vezes dar informações preciosas, mas quase sempre seus conhecimentos são de segunda ou terceira mão. [...] Tenho a experiência de que, em geral, os rudes e obstinados homens da montanha e aqueles habituados a um trabalho duro e continuado resistem às exigências físicas, que comporta revelar, melhor do que os habitantes da planície fértil, do que os intelectuais e as pessoas bem situadas, todos habituados a uma vida fácil.

A geolinguística com viés pluridimensional, no entanto, projeta-se para atender situações além das descritas e abre seu campo de observação para o conjunto de espectros de variedades que ocupam espaços linguísticos como a zona urbana, onde estão presentes, por exemplo, desde a forma padrão de uma língua até as mais “populares” e estigmatizadas, ou seja, constitui objeto de estudo dessa disciplina todo o contínuo variacional, desde a(s) base(s) dialetal até a “língua-teto” representada pelo o que se denomina *standard*²³ (cf. BELLMANN, 1983; LENZ, 2005; 2010 e LAMELI, 2010).

²² A seleção de um ou outro parâmetro dependerá dos objetivos traçados pelo pesquisador diante das características da realidade linguística descrita.

²³ *Standard* não se confunde com a distinção vigente que se faz no Brasil entre *norma culta* e *norma-padrão* (BAGNO, 2001; FARACO, 2012; LUCCHESI, 2012, dentre outros), que, ao nosso ver, servem mais para discussões aplicadas aos planos educacional e político-linguístico. No âmbito do projeto ALMA-H (*Atlas*

O tratamento sistemático da dimensão diastrática pode ser visto, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Renânia Central* (MRhSA) e no ADDU, que também agregaram a dimensão diageracional. Cartograficamente, o MRhSA, na segunda série de gravações não mantém separados os estratos sociais e as gerações, como faz o ADDU (RADTKE & THUN, 1996, p. 31), e sim incorpora as marcas de estratificação no perfil de cada geração, geração mais velha e geração jovem, para as quais se apresentam, respectivamente, lado a lado, duas cartas linguísticas para comparação da mudança em tempo aparente.

No ADDU, os parâmetros diastráticos se definem conforme o grau de instrução dos informantes. A classe socioculturalmente baixa (Cb) é representada por aqueles com nenhuma formação escolar ou com até oito anos de escola primária. Já a classe alta (Ca), por quem tenha cursado pelo menos dois anos do secundário ou formação profissional. Quanto à faixa etária dos entrevistados, compreende a geração I (GI) os de 18 a 36 anos e da geração II (GII), pessoas com mais de 60 anos (THUN, 1999, p. 485). Cada mapa desse Atlas traz elementos informativos suficientes para sua compreensão, uma vez que se padronizou a posição dos dados. Numa cruz ao lado de cada ponto investigado, a resposta de cada grupo é colocada. Os dois campos à esquerda são reservados para o grupo de informantes idosos e os da direita, para os jovens. A posição acima da linha horizontal é reservada aos pertencentes à classe alta, e, abaixo, aos de classe baixa. Veja o esquema a seguir.

Figura 3 – Grupos de informantes entrevistados e representados em cruz, conforme Thun (1999)

Ca GII	Ca GI
Cb GII	Cb GI

Fonte: reproduzido pela autora a partir de Thun (1999, p.485).

Esse modelo de organização dos dados foi igualmente adotado nesta tese.

Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), por exemplo, o interesse recai sobre todo o espectro variacional, incluindo o *standard*, que abrange a) o que efetivamente se usa (normal/norma-culta) e b) o que se supõe ser correto (imaginado, percebido / norma-padrão), denotando o *status* de uma determinada variante na comunidade de fala em que é usada. Por exemplo, quando um informante responde que “teutsch” corresponde a variante *standard* do alemão (ao invés de “deutsch”), mesmo que efetivamente não seja, reflete uma concepção linguística altamente relevante, que certamente influenciará a produção linguística na variedade *standard* quando o informante tentar falar hochdeutsch. Assim, interessa tanto o nível abstrato quanto o objetivo, pois ambos fazem parte do repertório linguístico do falante e, se a descrição da variação está em jogo, nenhum dos níveis pode ficar de fora.

A dimensão diageracional esteve presente, ainda que implicitamente, em vários trabalhos dialetológicos ao longo do tempo. Gilliéron, por exemplo, por meio de Edmont, inquiriu informantes dos 15 aos 85 anos. No entanto, não imprimiu nas cartas linguísticas as possíveis relações entre diatopia e a idade dos entrevistados na escolha das formas linguísticas.

Radtke e Thun (1996, p.32) destacam a importância dessa dimensão por expressar o tempo visível da convivência de gerações distintas. Citam resultados de dois estudos desenvolvidos na região Sul do Brasil: o de Blaser, que constatou um processo de desispanização, ou seja, uma perda crescente de efeitos do contato linguístico no município de Bagé (RS), e o de Díaz, que percebe crescente lusitanização das gerações jovens em uma ilha linguística vestfaliana também situada no RS²⁴.

Um outro parâmetro comumente empregado é o diassexual ou diagenérico. Vários trabalhos geolinguísticos tentam contrastar o comportamento linguístico variável de homens e mulheres²⁵. É um critério que sugere várias questões: o sexo do informante interfere na manutenção ou inovação das variedades ou o papel social exercido por ele no meio em que está inserido é mais determinante? Quem é mais inovador, ou mais conservador no uso da língua?

Moreno Fernández (1996) traça um panorama de como o fator sexo tem sido abordado nos métodos de pesquisa geolinguística e sociolinguística. A preferência pela fala masculina em muitos Atlas, durante anos, partiu da crença de que as mulheres eram mais propensas aos modelos normativos e a inovação linguística às formas dialetalizadas e arcaizantes (FERNÁNDEZ, 1996, p. 99), por isso a variável pode ter ficado em segundo plano. A dificuldade de cartografar a multiplicidade de respostas e a falta de recursos financeiros e tempo para aplicar inquéritos a informantes femininos e masculinos também contribuíram para esse quadro. Alguns atlas linguísticos como o da Sicília, o de Cuba e o do México, ou ainda, os regionais brasileiros do Sergipe, da Paraíba e do Paraná, agregaram a dimensão diassexual. Já o ADDU é considerado seletivo-explícito (RADTKE & THUN, 1996, p. 35) quanto a essa dimensão, pois não a priorizou, embora, por meio da pluralidade de informantes, tenha conseguido, na maioria dos pontos, entrevistar homens e mulheres – situação semelhante à vivenciada no decorrer desta pesquisa de doutorado.

²⁴ No âmbito nacional, o ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*), ainda em andamento, conjuga as dimensões diastrática, diassexual, diageracional e diafásica.

²⁵ No Brasil, os primeiros representantes de Atlas Linguístico publicados que sistematicamente consideraram as dimensões diatópica e diassexual são: ALS – *Atlas Linguístico de Sergipe* (1987 – Carlota Ferreira, Jacyra Motta, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rolemberg), o *Micro Atlas de Val d’Aran* (1989 – Otto Winkelmann) e o ALPR – *Atlas Linguístico do Paraná* (1994 – Vanderci de Andrade Aguilera) (cf. THUN, 1998b, p. 375).

Mesmo reconhecendo que para determinados fins o sexo dos informantes seja interessante, Fernández (1996, p. 106-107) alerta para o cuidado que se deve ter com a interpretação dos dados, pois

Los criterios metodológicos seguidos en los Atlas para los factores sociales y concretamente para el sexo de los hablantes no han resultado suficientemente eficaces. [...] hablar del conservadurismo o de innovación del habla femenina es hablar de efectos no de causas.

O comportamento linguístico não é necessariamente inerente ao sexo, mas responde à combinação de vários condicionantes socioculturais.

1.3.2 Dimensões intraindividuais

Enquanto a geolinguística monodimensional era caracterizada por um mínimo de variáveis extralinguísticas e um número considerável de variáveis linguísticas (fonéticas, morfossintáticas, lexicais...), na sociolinguística ocorria o contrário. A perspectiva pluridimensional, então, tenta “balancear” os dois tipos de variáveis. Aos parâmetros permanentes ou relativamente duráveis (sexo, idade, estabilidade domiciliar/topostático), acrescentam-se outras que possibilitem investigar, por exemplo, o comportamento linguístico de um falante em situações de interação social (THUN, 2010a, p. 508). Isso significa dizer que

O ato da fala está intrinsecamente vinculado ao momento de sua realização, à situação em que é produzida, à postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso que se faz da língua – respostas a perguntas dirigidas, exposição de fatos, narrativas, leituras etc. (CARDOSO, 2010, p.58).

A dimensão diafásica, que monitora como o informante passa de um estilo²⁶ para outro em diferentes contextos comunicativos, requer cuidados metodológicos para que a sua relação com os outros parâmetros seja viável. O ADDU, como já foi mencionado, contrasta os estilos por meio da leitura, das respostas às perguntas do questionário e das conversas livres/dirigidas. Observe as considerações feitas por seus organizadores (ADDU, 2000, p. 11) quanto a essa dimensão:

²⁶ *Estilo* é compreendido aqui como cada variedade da língua que depende da formalidade relativa de uma situação comunicativa (BERRUTO, 2010, p.234). No mesmo sentido, afirma Thun (2010, p. 508): “styles are specific manners of linguistic interaction configured by social traditions”.

A variação diafásica se apresenta, por conseguinte, como mais elementar do que os demais tipos de variação e exatamente por esta razão geral é digna de ser estudada pela Dialetoлогия, ciência da variação linguística [...]. Levar em consideração a variação diafásica significa poder seguir com mais precisão os caminhos da propagação de uma inovação e, simultaneamente, os processos de fixação ou de repulsa da inovação.

Os parâmetros relacionados à alternância de estilos são mais perceptíveis nas variáveis fonéticas (THUN, 2010a, p. 508). No entanto, a pluralidade de informantes de um mesmo perfil entrevistados, num mesmo local, aumenta a possibilidade dessa dimensão se manifestar em outros níveis da língua.

Antes de tratar de outra dimensão, no caso a dimensão diarreferencial, vale a pena destacar o ganho trazido pela pluralidade de informantes para esse âmbito da variação intraindividual.

A geolinguística muitas vezes foi questionada quanto à representatividade do número de informantes inquiridos em cada ponto, haja vista a sociolinguística fazê-lo dezenas de vezes mais. No entanto, as finalidades de cada ciência justificam as suas decisões. Mas a novidade de ingressar nas entrevistas ao menos dois falantes, que compartilhassem as mesmas características, surge para minimizar a dúvida quanto à garantia de que a resposta dada espontaneamente por um único informante seja representativa de toda a sua comunidade²⁷. Há três maneiras de aplicar essa técnica: a) a pluralidade simultânea, prática que pressupõe a presença, durante toda a gravação, de vários informantes pertencentes ao mesmo grupo, b) a pluralidade sucessiva, que consiste em aplicar partes do questionário a diferentes informantes com um mesmo perfil, e c) a pluralidade de várias vias, em que o questionário é aplicado a todos os informantes separadamente (RADTKE & THUN, 1996, p. 41).

Nesta tese, adotou-se sistematicamente o critério da pluralidade simultânea, como no ALMA-H e no ADDU. Esta opção metodológica deve-se à convicção de que a presença de vários informantes oportuniza a) discussões entre eles, b) diálogo com o pesquisador, e c) comentários metalinguísticos. Especialmente esse último dado fornece subsídios relevantes para a análise da dimensão diarreferencial, na qual se enfatiza a análise da variação resultante das diferentes relações entre a postura e conduta linguística do falante referente às variedades da(s) língua(s) e seus contatos. Perguntas do tipo “como os falantes percebem e atribuem

²⁷ São exemplos de Atlas Linguísticos que tentaram aumentar a representatividade de dados por meio de vários informantes por ponto: o da Renânia Central (BELLMANN e seus colaboradores), do México (BLANCH), o Diatópico e Diastrático do Uruguai (THUN & ELIZAINCÍN) e o Etnográfico de Castilla – La Mancha (GARCIA MOUTON & MORENO FERNÁNDEZ).

valor às variantes linguísticas?”, “como se referem a determinadas variantes e grupos de fala?” formam, por assim dizer, o núcleo básico de interesses de pesquisa dessa dimensão de análise.

Com a inclusão do contato linguístico, é preciso acrescentar que se ampliaram os parâmetros da geolinguística para a análise da escolha linguística dos falantes, ou o que esses têm disponível, bem como se conhecem e usam mais de uma variedade da mesma língua ou variedades de línguas diferentes (dimensão dialingual). Dessa maneira, incluiu-se no foco da investigação todo o contínuo linguístico, desde a base dialetal (basileto) até o topo do contínuo, representado pela norma culta. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que não é mais objeto de estudo da dialetologia o que se entende por dialeto, e sim o conjunto de variantes e variedades de uma língua, incluindo a *standard*. A variabilidade pode ser estudada entre variedades que co-ocorrem social e geograficamente, tanto na zona rural quanto na urbana, pode estar entre as consideradas mais cultas às mais estigmatizadas e, se for entre línguas, entre a língua majoritária (dominante) até a minoritária.

Um exemplo de pesquisa que se dedica ao estudo da variação da *standard*, no topo do contínuo, é o projeto REDE (*Regionales Deutsch* - <http://www.regionalsprache.de/>), desenvolvido em Marburg, por Schmidt e seu grupo (Lameli, Roland, Herrgen, Girth). O foco de análise do projeto constituem as variações regionais do alemão *standard* (LENZ, 2005).

O ADDU também investiga variedades em contato (espanhol e português) por meio de perguntas referenciais. Elaboraram-se dois questionários análogos, cada um com perguntas relacionadas à outra língua. A princípio, não foi utilizado o questionário referente à língua dominante da localidade (THUN, 1999, p. 483). Após a resposta espontânea do informante, propõem-se outras variantes equivalentes como estratégia para obter o máximo de formas e comentários por parte do entrevistado:

Com as sugestões procura-se registrar também dados que, momentaneamente na situação da entrevista ou com permanência na mente do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva. [...] Provém, geralmente, do rastreamento de outros questionários ou estudos, do saber linguístico e extralinguístico dos coordenadores do ADDU e, em maior parte das entrevistas já realizadas nesta área. Isto obrigou-nos a voltar em muitos casos ao lugar já entrevistado e conferir ao movimento da coleta de dados a forma de um espiral (THUN, 1999, p. 483).

Assim, exceto no questionário fonético-fonológico, obedece-se à seguinte sequência, também chamada de *técnica em três tempos* (cf. ALTENHOFEN, 2013b, p. 20):²⁸ 1º) pergunta-se (ex.: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?) e se aguarda a resposta espontânea do informante, em seguida 2º) insiste-se se não conhece outra forma para nomear o mesmo referente; 3º) sugere-se uma outra possibilidade de nomeação que não tenha sido mencionada até então (ex. Já ouviu corvo para isso?). Nessa última etapa, é possível o registro de atitudes e percepções metalinguísticas espontâneas dos informantes quanto ao uso das variantes sugeridas, que servem de subsídios para o pesquisador determinar se uma variante, por exemplo, é da região Sul ou não. Este conjunto de dados de ordem mais perceptual compõe/faz parte/constitui a base de dados analisados na dimensão diarreferencial, que funciona como uma espécie de “interpretador”. São respostas comuns de um informante afirmar, por exemplo, que uma variante “x” é falada por um grupo “y”, ou que ouvia essa forma na infância, na matriz de origem de sua família, ou que o avô a utilizava, ou que conhece de uma música, está associando a esta variante valores sociais e/ou históricos [+ ou – típico de um grupo de fala]; [+ ou –arcaico]; [+ ou –prestígio]. Como se vê, não se pode menosprezar essa variação diarreferencial tão presente nas relações sociais do dia-a-dia. A todo instante, há a observação e a avaliação das escolhas de línguas e/ou variedades que faz o falante. Neste sentido, a metodologia aqui adotada e defendida busca criar condições para a geração de dados que propiciem captar a variação diarreferencial.

A técnica em três tempos combinada com a pluralidade de informantes também afasta, de certa maneira, a suspeita de que o inquiridor/pesquisador influencia as entrevistas – hipótese levantada por Gilliéron e Labov (2008): os informantes, ao serem observados por linguistas, produziram expressões controladas (THUN, 2005, p. 98.)²⁹. Ao elaborar um instrumento de coleta de dados que consiga apreender, mesmo com diferentes graus de autocontrole, um número significativo de variedades, a probabilidade de se conseguir relacionar as dimensões interindividuais (diatópica, diastrática, diageracional e diassexual)

²⁸ Técnica utilizada por H. Thun, nos atlas da trilogia rio-platense (ADDU, ALGR e ALMA-H). Em alemão, *Dreischritt-Methode*.

²⁹ Vale pontuar que, segundo Thun (2005, p. 114-115), há três decisões metodológicas que fomentam a espontaneidade: a) a aplicação do inquérito a mais de um informante pertencente ao mesmo grupo (perfil), b) a “rotina” estabelecida na entrevista, uma vez que, com a prática de perguntas e respostas, pouco a pouco a relação de confiança entre entrevistador e entrevistados tende a aumentar, assim como o desejo de colaborar e informar, e c) a presença de mais de um investigador, que colabora tanto com as questões técnicas quanto com a interação com os informantes. Nesse caso, Thun (2005, p. 115) comenta experiências positivas que teve durante a pesquisa de campo na investigação contatual entre línguas distintas. A presença de um pesquisador “estrangeiro” provocou reações interessantes por parte dos informantes que a) se aproximaram com mais facilidade do investigador “nativo” e b) assumiram o papel de instrutores do estrangeiro sobre a língua que o investigador não “dominava”.

com as intraindividuais (dialingual/contatual, diafásica e diarreferencial) também aumenta consideravelmente.

1.3.3 Medidas de tempo na variação linguística

Por priorizar a relação entre as dimensões, a geolinguística pluridimensional elegeu a série temática na cartografia, ou seja, vários mapas abordam um mesmo fenômeno linguístico sob pontos de vista diferentes, tal como a técnica cinematográfica do corte: cada mapa equivale a uma fotografia, que, projetado em sequência, reproduz a dinâmica da variação linguística.

Assim, de acordo com Thun (2010, p. 511-512), é possível que se registre: a) uma sequência linear de uma forma linguística ou enunciado produzido por um falante em um estilo contínuo (nanocronologia); b) a alternância ou não de variantes para uma mesma variável linguística se considerar a fala de um informante empregada em estilos distintos (microcronologia); c) as variantes linguísticas proferidas por informantes pertencentes a grupos distintos por causa da idade, do sexo, da escolaridade [...] que, respeitados os perfis, convivem num dado tempo (mesocronologia), e d) a variação linguística apreendida na fala de informantes pertencentes a gerações distintas que não mantiveram nenhum vínculo relacional, ou ainda, as performances de um mesmo falante inquirido mais de uma vez em um considerável período de tempo (macrocronologia).

Dentre as possibilidades de se conjugar o dado linguístico em diferentes porções do tempo no eixo da cronologia, a *meso* consegue dispor a combinação de variáveis extralinguísticas e linguísticas de tal modo que se perceba não só o movimento do dado no espaço, mas “um trecho do caminho que percorre uma mudança linguística” (THUN, 2009, p. 537), uma vez que as escolhas dos informantes de perfis distintos são intercomparáveis num mesmo mapa. Assim como se dá no ADDU, no ALGR e no ALMA³⁰. Graças à pluralidade simultânea de informantes e o método da sugestência, o *corpus* aumenta significativamente e por meio da mesocronologia, pode-se observar as formas linguísticas ativa e passivamente disponíveis em cada grupo. Veja o que declara THUN (2009, p. 538) quanto ao afrolusismo

³⁰ Estes 03 Atlas contemplam a macrorregião do Rio da Prata, complementares na dimensão espacial e interessados no contato entre línguas. O ADDU e o seu suplemento ADDU-Norte (abrange a zona norte do Uruguai e a região da fronteira do Brasil, o Rio Grande do Sul) dão ênfase ao contato entre o português e o espanhol; já o ALGR (*Atlas Linguístico Guaraní-Românico*), ao contato entre o guarani, o espanhol e o português no leste do Paraguai, no noroeste da Argentina e no sul do Brasil; e o ALMA, que observa o dialeto alemão introduzido pelos imigrantes em contato com o espanhol (no noroeste da Argentina e leste do Paraguai) e com o português (sul do Brasil e agora também na região norte mato-grossense) (THUN, 2010a).

caçula que está sendo incorporado no território lusofalante do norte do Uruguai, segundo os resultados do ADDU-Norte:

Se aceitamos, a título de experimento, as condições que Gilliéron impôs ao informante e ao entrevistador, gera-se um mapa que só reflete o que dizem os informantes da geração anciã da classe socioculturalmente baixa e só registra entre as respostas possíveis a primeira das espontâneas. O resultado obtido no caso é modesto [...]. A conclusão será existência esporádica da palavra na zona de observação, impossibilidade de indicar um movimento no espaço ou um centro de inovação [...]. Os 24 resultados positivos que oferece o mapa pluridimensional ultrapassam oito vezes as três respostas obtidas com o método gilliéroniano. Esse aumento se deve à pesquisa feita em 04 grupos por ponto [...], à presença de vários informantes por grupos à admissão de mais de uma resposta espontânea, à sugestão de formas possíveis depois de se esgotarem as respostas espontâneas (THUN, 2009, p. 538).

Outra maneira de se observar, verificar o comportamento linguístico entre informantes, é a macrocronologia, que pode ser apreendida através: a) da análise de painel e b) da análise cronológica inomogênea. No primeiro método, repete-se o mesmo tipo de coleta de dados ao mesmo grupo de informantes anos após a primeira recolha. No outro, a comparação se dá entre duas séries de material, que pertencem a períodos diferentes, recolhidos em um mesmo momento do presente (THUN, 2009, p. 542). Para exemplificar esse último, Thun menciona o estudo da evolução dos italianismos léxicos no castelhano do Uruguai. Para formular a hipótese de que tanto os portadores de sobrenomes italianos quanto as pessoas com essa nacionalidade conheciam os italianismos selecionados, por serem falantes dessa língua, conjugaram-se informações obtidas via a) parte introdutória do questionário linguístico do ADDU (sobre informante: nome e sobrenome, mobilidade, nacionalidade, escolaridade, profissão, etc.) e b) os dados dos Censos aplicados no Uruguai (que de 1860 até 1960 perguntaram pela nacionalidade dos habitantes). Assim, uma série do material é organizada por meio da investigação geolinguística, enquanto a outra, por resultados de pesquisas demográficas.

Se o interesse recair sobre a enunciação produzida por um falante no mesmo estilo, a análise será nanocronológica; ou seja, uma vez eleita a variável linguística a ser estudada, ela é observada em uma das possibilidades que a dimensão diafásica prevê: a) a leitura de um texto, b) as respostas às perguntas do questionário e c) as conversas mantidas tanto com o

entrevistador quanto com os outros informantes que participam da coleta de dados naquele momento.

A nanocronologia obedece aos seguintes procedimentos: 1) analisa-se a enunciação num único estilo na fala de cada um dos informantes; 2) observa-se a produção dos outros falantes participantes pertencentes aos grupos investigados naquela localidade para então 3) mudar o foco para outro ponto dentre os previstos na rede pesquisada. Trata-se de uma etapa que prescinde do trabalho comparativo da meso e da microcronologia por descrever e avaliar variáveis linguísticas manifestas em um estilo e, conseqüentemente, apontar tendências do comportamento linguístico nas diferentes situações comunicativas. Os esquema a seguir, organizado por Thun (2009, p. 540), exemplifica a palatalização das oclusivas |t| e |d| ante vogal anterior alta no português falado no norte do Uruguai e no sul do RS e sintetiza os resultados de uma análise nanocronológica:

Figura 4- A palatalização das oclusivas |t| e |d| ante vogal anterior alta no norte do Uruguai e no sul do Rio Grande do Sul

Uruguai	Brasil
	1. Diatópico (B > U)
2. diassexual (F > M)	2. diageracional (GI > GII)
3. diastrático (Ca > Cb)	3. distribucional (t > d)
4. distribucional (t > d)	4. diafásico (L > C > R)
5. diafásico (C > R > L)	5. diastrático (Cb > Ca)

Fonte: Thun (2009, p. 540).

O esquema aponta que: a) a palatalização está mais avançada no Brasil, b) no Uruguai, a variável se manifesta mais: b.1) diante da oclusiva surda, b.2) na fala de mulheres, b.3) na classe que abrange os escolarizados com alto grau de instrução, e b.4) respectivamente, na conversa livre, nas respostas às perguntas do questionário e na leitura da Parábola do Filho Pródigo, c) no Brasil, c.1) a palatalização também é mais frequente na oclusiva surda |t| do que na sonora |d|, c.2) na fala dos mais jovens, c.3) entre os informantes menos escolarizados e c.4) no estilo “mais monitorado”: o da leitura, o que parece indicar que os brasileiros associam a palatalização à forma culta.

Se houver o desejo, por exemplo, de se mensurar o quão cada um dos informantes palatalizou as oclusivas |t| e |d| ante a vogal anterior nos diferentes estilos (leitura, conversa e resposta), a análise seria microcronológica.

Abordado o modelo pluridimensional e relacional da variação linguística, apresentar-se-á, no próximo capítulo, como esse modelo foi aplicado nesta pesquisa de doutoramento.

Capítulo 2

METODOLOGIA DE ESTUDOS DE CONTATO INTERVARIETAL

Os estudos referentes aos contatos linguísticos contemplam, em regra, investigações que envolvam, no mínimo, duas línguas diferentes. Este trabalho, no entanto, apresentará uma metodologia capaz de apreender o contato entre variedades de uma mesma língua.

Este capítulo traz alguns apontamentos referentes aos critérios adotados na tese, desde a escolha das localidades e o perfil dos informantes à elaboração de um questionário (instrumento de coleta de dados) que contemple a conjugação dos contatos linguísticos de variedades da língua portuguesa à dimensão diatópica topodinâmica.

2.1 A mobilidade espacial e os contatos linguísticos

O espaço é criado, mantido e alterado pela interação daqueles que o ocupam. Assim sendo, a descrição da variação linguística não pode estar aquém da compreensão da espacialidade até mesmo porque a língua é um dos meios que reflete a atuação do homem no lugar que o circunscreve. É preciso estar atento a questões como: de onde migraram os falantes da área investigada? Qual o caminho percorrido até chegarem lá? Há quanto tempo permanecem no lugar? A comunidade de fala é caracterizada pela mobilidade ou estabilidade espacial? Há situações de contato linguístico? Se sim, como se manifestam?

Para responder indagações como essas, vários critérios são considerados. O processo de ocupação/povoamento do espaço certamente é um deles e será o primeiro a ser comentado.

2.2 Contexto geográfico e rede de pontos da pesquisa

Na história do Brasil, há várias tentativas de “preenchimento de vazios demográficos” em todo o país. Cassiano Ricardo (1970, p. 563) atribui tal fato a outra categoria de bandeirismo, ou seja, o chamado histórico (ocorrido entre os séculos XVI, XVII e XVIII) voltado à integração territorial por meio de processos de migrações internas e intercontinentais dá lugar, a partir do século XIX, a outra prática diante da grandeza geográfica do Brasil: “o ‘efeito’ se transforma em ‘causa’, na imperiosa dialética de um país que precisa conquistar a si mesmo para se realizar” (RICARDO, 1970, p. 563).

A Marcha para o Oeste, política nacional implementada no decorrer do Estado Novo (1937-1945), conjugou o “espírito bandeirante” (rumo à ocupação definitivamente do território) ao anseio governamental de fazer coincidir as fronteiras políticas às fronteiras econômicas. Para tanto, o governo Vargas previa a construção de estradas, saneamento, educação e transportes, medidas que atraíram pessoas de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais para o sul de Mato Grosso e de Goiás juntamente com uma nova migração de massas nordestinas para a Amazônia (SOUZA, 2004, p. 30-31). A criação de Colônias Agrícolas, ou seja, do assentamento dos migrantes em pequenas propriedades, era uma medida que Vargas idealizou a fim de a) fornecer produtos primários de origem agropecuária ao mercado interno, principalmente das regiões que se industrializavam; b) amenizar o desemprego decorrente da crise econômica dos anos 30 e, conseqüentemente, c) absorver os produtos industrializados e o excedente populacional das regiões mais desenvolvidas (SOUZA, 2004, p. 32; 36). Dourados, hoje pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul³¹, é um exemplo de Colônia Agrícola, embora tenha sido implantada após a queda de Vargas. Vale salientar que o Projeto do Governo Vargas optava, preferencialmente, por um “tipo” de trabalhador: o sulista.

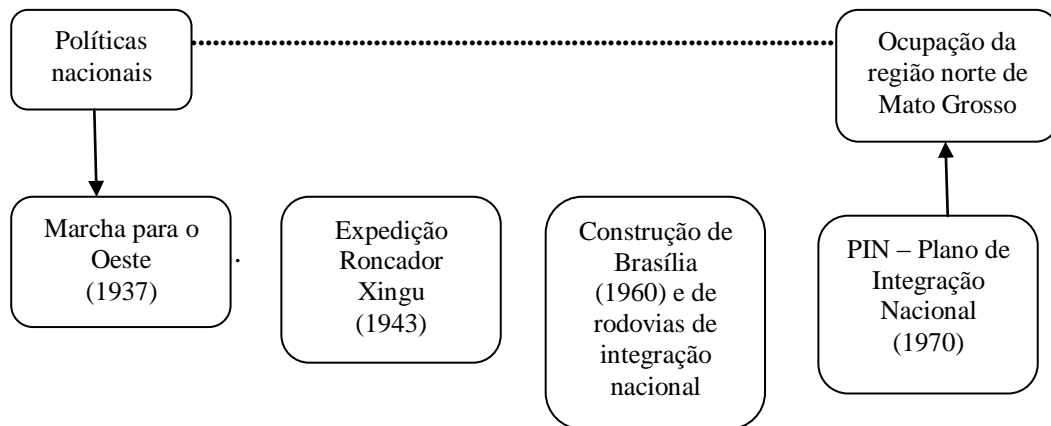
O projeto getulista impunha o estabelecimento de trabalhadores ‘civilizados’, ou seja, desejosos de progredirem. Para isso deveriam trabalhar de maneira produtiva, ordeira e sem conflitos. Os colonos preferidos foram os migrantes da região sul do Brasil, pois possuíam, segundo a visão reformista de Vargas, uma mentalidade empresarial, europeia e, sobretudo, porque estes migrantes, além da experiência que possuíam no trato com a terra, traziam, quase sempre, um pecúlio que os auxiliaria na organização inicial do empreendimento (CARVALHO et. al., 1990, p. 255).

A política de ocupação das terras devolutas iniciada por Vargas foi ampliada por Juscelino Kubitschek (1956-1961), pelas “Reformas de Base” instituídas por João Goulart (1961-1964) e, a partir de 1964, pelos governos militares. Kubitschek dá continuidade à Marcha para o Oeste por meio da construção de Brasília e de rodovias de integração nacional. Após 1964, a integração da Amazônia à economia nacional, o povoamento dos espaços vazios e a segurança nacional exigiram dos militares novas estratégias como créditos, incentivos fiscais e subsídios que fossem atraentes para os empresários agropecuaristas e colonizadores.

³¹ Mato Grosso do Sul pertencia à Mato Grosso e em 01/10/1977 foi desmembrado, sendo elevado à categoria de estado em 01/01/1979 pelo Presidente Ernesto Geisel.

Por meio da Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, se instituiu a Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) a fim de planejar e promover o desenvolvimento da região amazônica. A partir desse documento, o norte de Mato Grosso foi anexado à Amazônia brasileira³². No governo militar, a ocupação dessas regiões intensifica-se sob o apelo de “integrar para não entregar”. Contextualizando este processo histórico, o esquema a seguir demonstrará várias políticas nacionais favoráveis à expansão da fronteira, implementadas pelo Governo Federal (ex. Marcha para o Oeste, Expedição Roncador Xingu³³, construção de Brasília e Programa de Integração Nacional-PIN³⁴), que tiveram diretamente relacionadas ao desenvolvimento da região norte de Mato Grosso (SOUZA, 2004, p. 29; 37).

Figura 5 – Linha do tempo: das políticas nacionais à ocupação do norte de Mato Grosso



Fonte: elaborado pela autora a partir de Souza (2004).

Diferentemente do que ocorrera em algumas áreas do território nacional, em que a apropriação da terra se dá de forma espontânea, sem a interferência estatal (reforma agrária), a

³² A partir da Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, institui-se a chamada “Amazônia Legal” (Art. 2º- A Amazônia brasileira, para efeito de planejamento econômico e execução do Plano definido nesta lei, abrange a região compreendida pelos Estados do Pará e do Amazonas, pelos territórios federais do Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco e ainda, a parte do Estado de Mato Grosso a norte do paralelo de 16º, a do Estado de Goiás a norte do paralelo de 13º e a do Maranhão a oeste do meridiano de 44º).

³³ A Expedição Roncador Xingu, criada em 1943, fazia parte da política de ocupação de Getúlio Vargas (Marcha para o Oeste), conduzida pelos irmãos Villas Boas, tinha como objetivo principal conhecer e desbravar áreas que “aparecessem em branco nos mapas”, ou seja, entre o Brasil Central e a Amazônia. Um dos resultados desta Expedição foi a criação do Parque Nacional do Xingu (SOUZA, 2004, p. 40).

³⁴ O PIN (Programa de Integração Nacional), sancionado em 1970 pelo General Emílio G. Médici, então Presidente da República, tinha como objetivo descolar grandes contingentes de migrantes das regiões Sul, Sudeste e Nordeste para colonizar, sobretudo a Amazônia e o Centro-Oeste sob a justificativa de “levar os homens sem-terra para as terras sem homens” a fim de aliviar a pressão demográfica e os conflitos fundiários existentes no Centro Sul do país. Investiu-se, então, em obras, infra estruturais como a Rodovia Cuiabá-Santarém (BR 163), além de incentivos e créditos com juros baixos aos empresários que desejassem investir em empreendimentos agrícolas, pecuários, madeireiros, em outros setores da economia (SOUZA, 2004, p. 44-45).

Colonização da Amazônia adota outros modelos de ocupação: ou o dirigido/oficial ou o particular. O primeiro estava vinculado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), criado em 09 de julho de 1970 (Decreto-lei nº 1.110) “com o objetivo de promover, coordenar, controlar e executar a colonização e a reforma agrária e ainda o cooperativismo, o associativismo e a eletrificação rural”, inclusive ao longo das Rodovias 163, 364 e Transamazônica (SCHAEFER, 1985, p. 49). O outro, à atuação de empresas privadas, que planejavam estratégias para um melhor aproveitamento econômico da terra com o aval do Estado.

As empresas Colonizadoras interessadas pelo norte mato-grossense eram originárias do Sul e do Sudeste do país. Algumas, inclusive, já experientes no ramo³⁵. Segundo Souza (2008, p. 72), a colonização particular

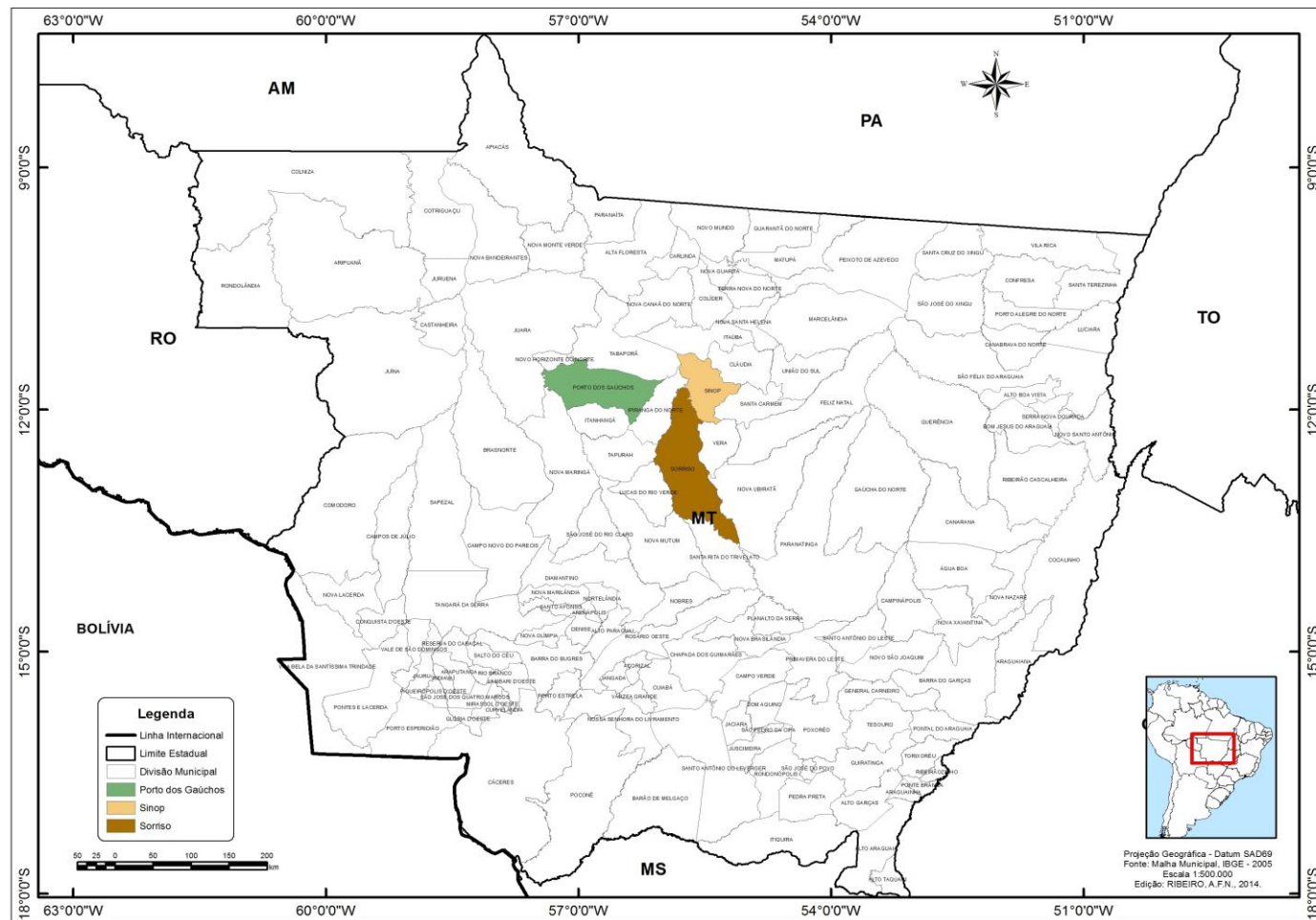
priorizou o estabelecimentos de núcleos urbanos que pudessem servir como pontos de convergência para a vasta região, que necessitava, cada vez mais, para a sua efetiva ocupação, de serviços públicos e privados, como retaguarda para o seu desenvolvimento. [...] A partir da década de 70 do século XX, onde ocorreu a maior presença da corrente migratória, rumo a “nova fronteira agrícola nacional”, o Estado mobilizou a capacidade de trabalho, implantando infraestrutura ao construir estradas valorizando a região e potencializando o trabalho dos colonos, agentes principais no processo de reterritorialização da Amazônia mato-grossense.

Com políticas governamentais favoráveis à ocupação de terras devolutas e com a concessão da colonização para empresas privadas, algumas questões foram essenciais para a escolha das localidades investigadas na tese: a) observar os fluxos migratórios (ponto de partida e chegada), b) a localização, c) o tempo e d) o tipo de colonização implantada.

Os três municípios selecionados (Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso) são frutos de colonização particular. Dados do INCRA asseguram que até a década de 1980, 80% dos projetos de ocupação do Norte de Mato Grosso foram empregados nessa modalidade. Esse caminho se configura como uma extensão do processo histórico de ocupação do Oeste de Santa Catarina (final do século XIX) e Sudoeste do Paraná (a partir da década de 1920) (SOUZA, 2008, p.66; 72). No mapa a seguir, é possível observar a localização dos pontos de investigação no estado de Mato Grosso.

³⁵ A *Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná* (SINOP) já havia criado outras cinco cidades no estado do Paraná: Terra Rica (1954), Jesuítas (1959), Iporã (1960), Ubiratã (1960) e Formosa do Oeste (1960) antes de empreender no Norte de Mato Grosso.

Mapa 2 – Mapa de Mato Grosso com indicação da rede de pontos investigada³⁶



Fonte: Ribeiro (2014).

³⁶ Ao observar o mapa, Sorriso parece se situar mais ao centro de Mato Grosso e não ao norte do estado, como sugere o texto (p.59) ao mencionar os “projetos de ocupação do Norte de Mato Grosso”. No entanto, do ponto de vistaêmico, os informantes entendem que habitam a região norte talvez devido à localização do perímetro urbano desse município estar próximo a Sinop.

A Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda (CONOMALI) - responsável pela criação da Gleba Arinos, hoje, Porto dos Gaúchos (MT) – exemplifica um resultado positivo do incremento governamental idealizado por Getúlio Vargas. Já as Colonizadoras SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná) e Sorriso aderiram aos incentivos fiscais e creditórios concedidos pelo Estado na década de 1970. A seguir, uma síntese da atuação dessas três Colonizadoras.

a) CONOMALI³⁷

Em 1952, os irmãos Otto, Guilherme e Alfredo Meyer viviam em Santa Rosa (RS) e eram bem-sucedidos na empresa familiar (Irmãos Mayer Ltda). A prosperidade dos negócios e o desejo de expandir os investimentos resultaram na compra de uma fazenda de café em Cidade Gaúcha (PR). Desde então, participaram de um período marcado pelo assentamento de agricultores no oeste de Santa Catarina, no Paraná e no sul de Mato Grosso e vislumbraram outras possibilidades comerciais na região amazônica. Sem qualquer ajuda oficial ou de terceiros, em outubro de 1954, fundaram a Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda. (CONOMALI) com um patrimônio inicial de 120.000 ha de terras pertencentes, naquele momento, ao município de Diamantino (MT):

Era de densa floresta, rica em madeira e bem servida de água, estendendo-se por 60 quilômetros ao longo da margem direita do rio Arinos. Esta área inicial, posteriormente ampliada para cerca de 220.000ha, foi denominada de Gleba Arinos. Em 12 de dezembro do mesmo ano (1954), o jornal O Correio do Povo noticia a instalação do primeiro escritório para venda de terras da empresa em Porto Alegre - RS.³⁸

A implantação do núcleo colonial no norte de Mato Grosso teve início em maio de 1955. Após 45 dias de viagem, a caravana chega ao local escolhido para sediar a Gleba Arinos³⁹ a fim de realizar desde a demarcação do perímetro do projeto de colonização aos trabalhos de derrubada de mata, abertura de estradas e construções de casas e barracões, já que no ano seguinte previa-se a chegada das primeiras famílias. Durante todo o processo de ocupação, Walter Irgang, estudante do último ano de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fotografa e escreve reportagens sobre a Gleba para divulgar a

³⁷ No ANEXO A, informações iconográficas sobre Porto dos Gaúchos.

³⁸ Dados retirados da página www.conomali.com.br. As informações sobre a fundação de Porto dos Gaúchos (MT) foram organizadas por Henrique Meyer, filho do colonizador Guilherme Meyer.

³⁹ A nomeação do assentamento foi motivada pela presença e importância do rio, já que era o único meio de acesso à localidade.

comercialização das terras. Na página da Colonizadora é possível visualizar vários folders publicados em português e em alemão para a divulgação das terras da Gleba Arinos⁴⁰.

Em 1956, desembarcam naquela área famílias oriundas de Santa Rosa (RS),

Ainda neste mesmo ano, registra-se a chegada das primeiras caravanas de compradores de terras. O corretor Jorge Witzak chefia uma turma de Cerro Largo e Porto Mauá - RS. Fundam a colônia São Jacó, atual Novo Paraná, para criar um núcleo com famílias oriundas da mesma região. Em setembro, Leopoldo Goebel atraca com um grupo de Santa Catarina.⁴¹

Nota-se que, a princípio, a maioria dos migrantes provinha do estado do Rio Grande do Sul e uma forma de “materializar” essa identidade foi nomear a sede da Gleba Arinos de Porto dos Gaúchos. Pela lei estadual nº. 1945 de 11/11/1963 o Distrito foi desmembrado de Diamantino (MT) e elevado à categoria de município⁴². Localiza-se a 604 km da capital mato-grossense.

b) Colonizadora SINOP⁴³

Sinop, localizada no centro-norte do Estado de Mato Grosso a 477 km de Cuiabá, surge a partir da atuação do grupo Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná na década de 1970, que transfere seus trabalhos de colonização do Paraná (sede em Maringá) para o território norte mato-grossense. Em uma área de 645.000 hectares, a Colonizadora, dirigida por Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, implantou a Gleba Celeste - projetada, inicialmente, com as cidades de Vera, Santa Carmem e Cláudia⁴⁴. Assim descreve um Boletim da firma sobre a decisão de colonizar a nova fronteira agrícola:

[...] A velocidade de ocupação da Gleba Celeste onde implantamos esse Projeto de Colonização aprovado pelo INCRA, deveu-se a alguns fatores. Ao lado da experiência que levamos para essa parte da Amazônia, acreditamos na tese do General Rondon de que o Brasil Meridional, pelos seus excessos populacionais iria colaborar no processo de ocupação dessas imensidões verdes a partir de seu Portal, ou seja, do Mato Grosso. Acentue-se que a BR-163, construída pelo Exército do país, está sendo considerada hoje como o maior corredor de produção do interior, atravessando extensões amazônicas e por onde se avolumam crescentemente, vindos do Sul, levas de

⁴⁰ Vide alguns destes folders no ANEXO B do trabalho.

⁴¹ Dados retirados da página www.conomali.com.br.

⁴² Parte do território de Porto dos Gaúchos, ao longo do tempo, foi desmembrado em outros municípios, a saber: Juara (1981), Novo Horizonte do Norte (1986) e Tabaporã (1991).

⁴³ No ANEXO C, informações iconográficas sobre Sinop.

⁴⁴ Vera foi fundada em 1972, Santa Carmem e Sinop em 1974 e Cláudia em 1978.

nacionais tangidos pelas agruras do minifúndio ou movidos pela excitante aventura da conquista da terra nova (apud. SCHAEFER, 1985, p. 60).

Não demorou muito e Sinop foi incluída nos planos dos investidores. Os empreendimentos audaciosos do Grupo SINOP⁴⁵ renderam ao paulista Enio Pipino a fama de “bandeirante moderno” (SCHAEFER, 1985, p. 60).

Fundada em 1974, Sinop atraía migrantes principalmente da região Sul do Brasil. A Firma procurou sensibilizá-los à mudança ao Mato Grosso dada a boa tradição agrícola que tinham. Segundo Schaefer (1985, p. 61-62), cerca de 50% dos colonos são luso-brasileiros e o restante, respectivamente, de origem alemã, italiana, polonesa, japonesa, dentre outras. Em média, 35% dos migrantes são do Paraná, 30% de Santa Catarina, 20% do Rio Grande do Sul, 12% de São Paulo e os outros 3% provêm de outros estados.

Vale registrar que os primeiros anos não foram muito fáceis para os colonos. Além das dificuldades referentes às peculiaridades do clima quente, às estações do ano (inverno e verão equivalem ao período chuvoso e de seca, respectivamente) e à falta de infraestrutura (ex. ausência de luz elétrica), enfrentaram doenças como a malária e sofreram com a distância dos familiares. As primeiras experiências com a agricultura também não foram muito animadoras:

Nos primeiros anos os colonos colhiam apenas arroz e alguns tipos de frutas, tais como banana, mamão e abacaxi. A terra também se presta ao cultivo de mandioca e culturas tropicais. Muitos agricultores se decepcionaram logo, pois esperavam colher também feijão, milho, soja e trigo, mas a terra não tem em geral a fertilidade necessária para que vinguem estas culturas. A Firma incentivou num primeiro momento o café [...] mas as colheitas não têm sido boas (SCHAEFER, 1985, p. 62).

Diante das intempéries, no início da década de 1980, o “carro-chefe” da economia local passa a ser a exploração e o beneficiamento da madeira. Nessa época há a implantação de uma Usina de Álcool a partir da transformação agroquímica da mandioca, que após alguns anos foi fadada ao insucesso.

Sinop foi desmembrada de Chapada dos Guimarães e elevada à categoria de município em 1979. O nome da cidade é resultado da junção das iniciais da Colonizadora a fim de perpetuar os feitos dessa empresa naquela região. Sobretudo, com a construção da BR-163,

⁴⁵ Na década de 1970, o Grupo SINOP era composto pelas seguintes empresas: Colonizadora SINOP S/A, SINOP Terras S/A, Sinop Agro-Química S/A, Imobiliária e Construtora Maringá Ltda, Agro-Pastoril Celeste S/A e Becker Consultoria de Empreendimentos Industriais Ltda (SCHAEFER, 1985, p.60).

passa a ser o reduto mais próspero daquela Gleba. Em pouco tempo, usufruiu de técnicas avançadas de urbanismo e recebeu serviços públicos federais e estaduais. Dada a distância de Cuiabá, atualmente Sinop é conhecida como a “Capital do Nortão Mato-grossense”.

c) Colonizadora Sorriso⁴⁶

A ocupação de Sorriso é posterior ao de outros núcleos de colonização implantados ao longo da BR-163 como Sinop e Alta Floresta. De acordo com Schlesinger e Noronha (2006, p. 38), isto se dá porque se compartilhava a ideia de que

“as terras da mata” eram mais férteis e apropriadas ao trabalho agrícola, o que não ocorria com as “terras do Cerrado”. Assim, uma grande faixa do Planalto de Parecis, que compreende atualmente os municípios de Sorriso, Lucas do Rio Verde e Nova Mutum só foi ocupada após a consolidação dos programas de Colonização das áreas de floresta.

Em 1972, Benjamim Raiser visita a região norte mato-grossense pela primeira vez, acompanhado por seu filho Ivo Raiser e seu genro Nelson Francio. No ano seguinte efetua a compra de terras e concede aos familiares a sua exploração. Em 1974, Ivo e Nelson voltam ao Mato Grosso para estabelecerem as divisas da área adquirida. Ao retornarem para o Sul, convidam Claudino Francio, irmão de Nelson, para conhecer a região. A princípio não se tinha intenção de lotear e vender as terras, mas sim de formar uma agropecuária. Em março de 1975, Claudino, um primo (Demétrio Francio) e um amigo (Dorival Brandão)⁴⁷ visitam a localidade e “fecham um negócio”:

Como a área que Claudino comprou era muito grande (três mil alqueires) e seus recursos não eram suficientes, voltou para o Sul oferecendo terras a seus amigos, compadres e parentes. Em pouco tempo, Claudino vendeu toda a primeira área adquirida, comprando, então, mais quatro mil alqueires. A notícia correu rápido pela região Sul e começaram a organizar caravanas quinzenais para virem conhecer o Mato Grosso (DIAS & BORTONCELLO, 2003, p. 76).

Diante da lucratividade do negócio, Nelson, Claudino e Ivo juntamente com parentes e amigos criam a Colonizadora Sorriso, que passa a comprar as terras pertencentes ao norte-americano Edmund Zanini (proprietário de uma área de aproximadamente 150.000 hectares)

⁴⁶ No ANEXO D, informações iconográficas sobre Sorriso.

⁴⁷ Claudino Francio residia em Videiras (SC), Demétrio Francio, em Amperé (PR) e Dorival Brandão, em Marmeleiro (PR) (DIAS & BORTONCELLO, 2003, p. 74-75).

para vendê-las aos interessados em adquirir “terras de boa qualidade a preços reduzidos”⁴⁸. Segundo Schlesinger & Noronha (2006, p. 39), Claudino “fazia um trabalho maciço no Sul do país [...] escolhia as pessoas com um certo perfil empreendedor, poder econômico [...] tinha uma grande capacidade de persuasão”, o que o tornara um grande articulador e idealizador do que hoje é o município de Sorriso. No início da década de 1980, rompe a sociedade e constitui e empresa Colonizadora Feliz Ltda. a fim de se dedicar mais à ocupação e à organização do perímetro urbano.

Diferentemente do que aconteceu em Sinop, Sorriso torna-se um polo agrícola baseado na plantação de soja, embora tenha enfrentado dificuldades nos primeiros anos de colonização com “a escassez de recursos oficiais para o plantio e comercialização da safra, a ausência de infraestrutura adequada e principalmente, os problemas de logística para o suprimento de insumos agrícolas e de escoamento da safra”⁴⁹. Hoje, conta com grandes empresas comerciais de compra e escoamento de grãos além de indústrias de insumos, revendas e assistência de máquinas e equipamentos. Sorriso, localizada a 418 km de Cuiabá, torna-se município em 1986 e mantém a mesma denominação sugerida pela Colonizadora para expressar o ânimo, a coragem e a alegria daqueles que aceitaram o desafio de conquistar o novo *Eldorado*.

É importante pontuar que em todos esses projetos de colonização houve a preocupação de integrar os primeiros migrantes tanto na área rural quanto na urbana, ou seja, embora trabalhassem com atividades agrícolas, era interessante que mantivessem uma casa na sede da Gleba. Essa prática era uma estratégia que garantia a socialização das famílias e o desenvolvimento “equivalente” de todas as frentes.

Nesta tese, portanto, foram investigadas três localidades, numeradas a partir do período de ocupação: do mais antigo ao mais recente.

Quadro 2 – Pontos de Investigação

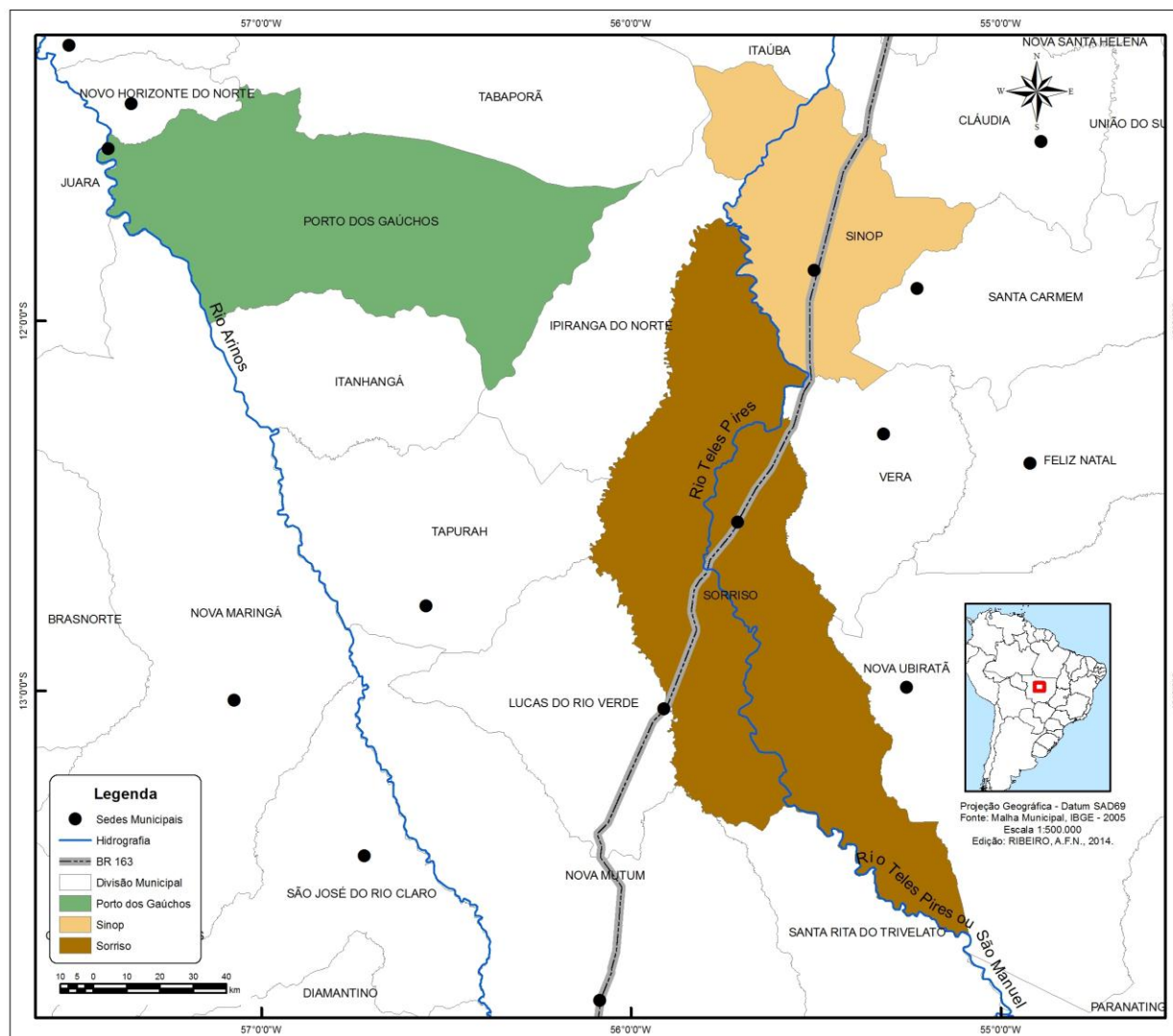
PONTOS DE SONDAÇÃO	
MT 01	Porto dos Gaúchos
MT 02	Sinop
MT 03	Sorriso

Fonte: elaborado pela autora

⁴⁸ Com a valorização do solo mato-grossense, houve um desacordo entre a Colonizadora e Edmund quanto ao preço negociado. No entanto, segundo Schlesinger & Noronha (2006, p.38), a empresa continuou loteando e comercializando as terras do norte-americano, gerando um dos maiores conflitos agrários de Sorriso. Há ainda muitos títulos sendo contestados e analisados judicialmente.

⁴⁹ Dados retirados do site oficial da Colonizadora Feliz (www.colonizadorafeliz.com.br)

Mapa 3 – Organização espacial do norte mato-grossense – Área de influência da BR-163



Fonte: Ribeiro (2014).

Reconhecidos alguns aspectos do processo de ocupação da região Norte de Mato Grosso e, conseqüentemente, de alguns grupos que para ali migraram, passou-se ao critério da escolha dos informantes.

Qual seria o perfil dos informantes considerando as peculiaridades do contexto geográfico e do processo de ocupação dessa área no norte mato-grossense anteriormente descrita?

2.3 Perfil dos informantes conforme as dimensões de análise selecionadas

Os projetos das Colonizadoras CONOMALI, SINOP e Sorriso convergem quanto ao perfil de migrantes no início da ocupação norte mato-grossense já que as propagandas foram veiculadas basicamente na região Sul do Brasil. Selecionam, de certa forma, compradores experientes na lida com a terra, como afirma Alcir Lenharo (apud SOUZA, 2004, p.84):

[...] esse colono chega saudável, educado, disciplinado, competitivo, com amor ao trabalho, com a nobre ambição de fortuna e bem-estar e dissemina a obra da colonização [...]. É o colono pronto, gerador da riqueza particular e as companhias particulares, transformadoras de terras devolutas em mercadorias.

Esse fato foi relevante na escolha dos informantes da tese, mesmo sabendo que o “Portal da Amazônia” recebe pessoas de vários lugares do país. Outro aspecto que ajudou nessa decisão foi a publicação do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS)⁵⁰, que coloca uma situação privilegiada para a observação do comportamento linguístico dos migrantes, ainda mais considerando que o perfil sociolinguístico dos informantes do ALERS e dos migrantes desta pesquisa de certa forma se equivalem, visto que há coincidências entre as características dos colonos sulistas que se deslocaram para o Norte de Mato Grosso com as daqueles que foram entrevistados nesse projeto.

Os dados do ALERS reproduzem, essencialmente, o português rural falado pela classe menos escolarizada (analfabeto, semianalfabeto ou que tenha pelo menos a 4ª série/ 5º ano do

⁵⁰ Diferente dos demais Atlas Linguísticos brasileiros publicados, que contemplam um único estado federativo, o ALERS engloba toda a região Sul do Brasil totalizando 275 localidades investigadas na área rural (Paraná - 100 pontos; Santa Catarina - 80 e Rio Grande do Sul - 95) e 19 no perímetro urbano (Paraná - 06 pontos; Santa Catarina - 06 e Rio Grande do Sul, 07). Apenas nos centros urbanos se considerou a dimensão diastrática, ou seja, foram entrevistados um informante analfabeto ou semianalfabeto, outro com ensino fundamental concluído e o terceiro, com o ensino médio completo (ALERS, 2011a, p. 26).

Ensino Fundamental), com idade entre 28 e 58 anos e com pouca ou nenhuma mobilidade espacial (nascidos na localidade, preferencialmente de pais também nascidos ali; não serem muito viajados; não haverem vivido fora da localidade até os 20 anos, nem depois por mais de 06 meses). Embora tenha dado ênfase à dimensão diatópica, a rede de pontos do ALERS (275 na área rural e 19 na urbana) foi expressiva e possibilitou a delimitação de áreas linguísticas⁵¹ que apontassem tendências de variação do português falado naquele espaço de estudo. O interesse dos pesquisadores incidia na fala mais conservadora, pois se acreditava que essa variedade linguística “expressaria melhor as áreas dialetais historicamente estabelecidas” (ALERS 2011b, p. 26). Assim, é extremamente relevante para um estudo como o proposto pela tese que se tenha fotografias geolinguísticas em um contexto topostático a fim de se estabelecerem paradigmas com a fala daqueles que foram para lugares caracterizados pelo intenso fluxo migratório e, conseqüentemente, pelo contato linguístico intervareial e/ou intraindividuais.

Por adotar uma perspectiva plural e relacional, para esta pesquisa de Doutorado, várias dimensões foram consideradas quanto ao perfil dos informantes: a diastrática, a diageracional, a diassexual e a diatópica. Optou-se pela investigação da variedade do português rio-grandense. Como já fora mencionado, o conceito de gaúcho vincula-se mais à matriz de origem do informante do que necessariamente o lugar do Sul de onde partiu, uma vez que a ocupação da região norte de Mato Grosso é uma extensão do processo iniciado pela saída de famílias do Rio Grande do Sul rumo ao Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. Na tese, o que determinou a ideia de variedades do português gaúcho foram as marcas linguísticas inventariadas em estudos que se valem do registro do português usado no Sul do Brasil tanto em contato com variedades do mesmo sistema como entre línguas diferentes. O quadro a seguir demonstrará as dimensões e parâmetros relacionados à escolha dos informantes.

⁵¹ Por área linguística se entende “a reunião de pontos que compartilham entre si traços linguísticos que o identificam como distinta de outras áreas” (ALTENHOFEN, 2005, p. 184-185).

Quadro 3 – Dimensões e parâmetros adotados na pesquisa considerando o perfil dos informantes

DIMENSÃO	PARÂMETRO
Diastrática	Ensino superior completo (Ca)
	Até o ensino médio completo (Cb)
Diageracional	Jovens – 18 a 36 anos (GI)
	Idosos – acima de 50 anos (GII)
Diassexual (por meio da pluralidade de informantes)	Homem
	Mulher
Diatópico-cinética (por meio da rede de pontos)	Topostático
	Topodinâmico

Fonte: elaborado pela autora.

Na dimensão diatópica, admitiu-se a possibilidade de se entrevistar falantes que fossem filhos de migrantes originários do Rio Grande do Sul já nascidos no Mato Grosso (parâmetro topostático) ou que tivessem chegado a uma das localidades selecionadas há pelo menos 10 anos (parâmetro topodinâmico). Já para o grupo GII era imprescindível o histórico de migração, independente se o deslocamento foi direto do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso ou se houve “paradas” no Paraná ou em Santa Catarina no decorrer do percurso.

A exigência pelo tempo de permanência nos pontos de investigação corrobora a hipótese de acomodação linguística apresentada por Thun (1996, p.212), seguida no ADDU: “La acomodación lingüística a los hábitos del nuevo ambiente necesita cierto tiempo para sedimentarse y después de algunos años no avanza más, según parece”.

A pluralidade simultânea de informantes também foi um procedimento adotado por se acreditar que a interação entre eles pudesse gerar resultados mais representativos quanto à análise, em um mesmo inquérito, da atuação concomitante de várias dimensões como, por exemplo, o comportamento linguístico de falantes de sexo oposto (diassexual) concordando ou divergindo sobre a escolha de variantes. As entrevistas, portanto, foram organizadas da seguinte maneira:

Quadro 4 – Perfil dos informantes e a pluralidade simultânea nas entrevistas

CaGI	01 rapaz e 01 moça, com escolarização superior e idade entre 18 e 36 anos.
CaGII	01 homem e 01 mulher, com escolarização superior e idade acima de 50 anos.
CbGI	01 rapaz e 01 moça, com escolarização até o ensino médio, preferencialmente sem ocupação letrada e com idade entre 18 e 36 anos.
CbGII	01 homem e 01 mulher, com escolarização até o ensino médio, preferencialmente sem ocupação letrada e com idade acima de 50 anos.

Fonte: elaborado pela autora.

Outra variável que distingue os informantes, além do estrato social (Ca; Cb – dimensão diastrática) e da geração (GI e GII – dimensão diageracional), é a procedência étnico-linguística: se de origem lusa (monolíngues em português) ou de origem alemã ou italiana, portanto, falantes teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos que podem ter no seu repertório influência da respectiva língua de imigração. Conforme o que predominava na localidade, aplicaram-se os inquéritos tanto para grupos teuto-gaúchos (CaGII-dt; CaGI-dt; CbGII-dt; CbGI-dt) quanto para ítalo-gaúchos (CaGII-it; CaGI-it; CbGII-it; CbGI-it). Assim, o número de informantes em cada localidade foi de no mínimo oito e no máximo dezesseis.

Há ainda outras três dimensões relacionadas à questão contatual e relacional, que serão discutidas no próximo tópico, a saber: a diarreferencial, a contatual (interlinguística e/ou intervareietal) e a diafásica.

2.4 Variedades linguísticas em contato

Contextos como o do Norte de Mato Grosso, marcados pela heterogeneidade sociocultural e diversidade linguística, promovem o contato de variedades linguísticas, que, a princípio, são manifestações individuais, mas com o tempo passam a ser “avaliadas”, absorvidas ou rejeitadas pela comunidade de fala de uma localidade. Como a “identidade linguística” de um grupo, que compartilha um espaço caracterizado pela ocupação recente, é delineada? Que fatores interferem nesse processo de construção? Não se trata apenas de documentar a coexistência de variedades, mas perceber a influência que uma exerce sobre a outra, uma vez que a língua

[...] funciona (se realiza) sólo a través de sus ‘variedades’: de los sistemas autossuficientes que abarque. Así, nadie habla ‘el español’ (todo el español, o sea, al mismo tiempo, castellano, asturiano-leonés, navarro-aragonés, etcétera); lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español (COSERIU, 1982, p. 16).

Há três dimensões que podem auxiliar na tarefa de registrar como as variedades linguísticas disputam espaço, a partir do ponto de vista dos falantes. São a diarreferencial, a contatual e a diafásica. Na primeira, o informante pondera sobre a linguagem perceptível na comunidade a que pertence. Por meio de comentários metalinguísticos, por exemplo, posiciona-se neutra, positiva ou negativamente com relação às variantes usadas “pelo outro”, ou seja, emite um juízo de valor. Com esse critério, pretende-se observar em que medida as diferenças, sobretudo, entre escolaridade e gênero dos informantes contribuem para a estigmatização ou prestígio do uso de determinadas variedades linguísticas.

Já a análise das variedades do português dos dois grupos migrantes do Sul do Brasil, os teuto-gaúchos e os ítalo-gaúchos, falantes das respectivas línguas de migração: o hunsriqueano e o vêneto rio-grandenses, corresponde à dimensão dialingual, mesmo que se considerem apenas as variedades do português desses informantes que refletem, hipoteticamente, as marcas da língua de imigração. Juntos, esses dois grupos constituem o grupo de falantes que denominamos de *gaúchos*, com marcas [+RS]. Para eles, coloca-se a pergunta sobre o grau de influência de outras variedades do português, em especial, da variedade paulista, que, segundo observações de ordem sociológica⁵², vem ampliando a sua territorialidade.

Quando os resultados de estudos sobre o português falado no Sul do Brasil, tomados como parâmetro nesta tese (cf. KOCH, 2000; ALERS, 2011; ALTENHOFEN, 2005; ALTENHOFEN & MARGOTTI, 2011), não auxiliarem no registro de uma determinada variedade linguística como do português rio-grandense, usa-se [-RS] para apontar a menor probabilidade de uso na matriz de origem. Partindo do pressuposto de que todas as línguas variam, que os contextos de uso também são variáveis, afirmar que uma determinada variante linguística não ocorre em determinado local talvez configure uma inverdade, sobretudo, quando se investigam pontos marcados pelo fluxo migratório e contato linguístico decorrentes do processo de ocupação recente.

⁵² Essas observações de ordem sociológica estão relacionadas desde as questões históricas como a atuação dos bandeirantes paulistas na conquista e apropriação de terras devolutas no território nacional até a influência que a região Sudeste exerce na política, na economia e na cultura do povo brasileiro por meio, sobretudo, dos meios de comunicação em massa como a TV.

As informações sobre os pontos de sondagem agregadas ao perfil de informantes selecionado sugeriram duas possibilidades de análise: a) contatos interlinguísticos, ou seja, entre bilíngues (migrantes descendentes de alemães e italianos que alternam entre a língua “dos pais, dos avós” e o português para se comunicarem) e monolíngues em língua portuguesa, e b) entre falantes apenas de português, embora tenham ascendência europeia (contato linguístico entre variedades da mesma língua). Será que os comportamentos linguísticos desses grupos se diferenciam? Qual goza de mais “status” e por quê?

A princípio, desejava-se descrever a variação do português rio-grandense falado por migrantes de origem alemã e italiana, mas não se sabia o que realmente se encontraria em Porto dos Gaúchos, em Sinop e em Sorriso. A opção pela categorização talvez induzisse à ideia de territorialização e distinção de comportamentos linguísticos desses grupos, o que apenas a análise do espaço e dos dados poderia confirmar. Optou-se, então, pela “flexibilização” desse critério, ou seja, as entrevistas com teuto e ítalo-gaúchos seriam realizadas sempre que possível, respeitando as peculiaridades de cada lugar.

Há ainda outra perspectiva de apreciação dos dados: a diafásica. Sabendo-se que cada falante alterna o uso de variedades linguísticas de acordo com o grau de formalidade de uma situação e da relação que mantém com o destinatário, nesta pesquisa, o estilo foi monitorado a partir das respostas ao questionário (método controlado) e das conversas livres surgidas no decorrer da entrevista.

Em suma, quanto às variedades linguísticas em contato, têm-se:

Quadro 5 – Dimensões e parâmetros adotados na pesquisa considerando as variedades linguísticas em contato

DIMENSÃO	PARÂMETRO
Diarreferencial	Fala “objetiva”
	Fala metalinguística
Dialingual/contatual	Interlinguístico
	Intervarietal
Diafásica	Respostas ao questionário
	Conversas livres

Fonte: elaborado pela autora.

Uma vez determinadas as dimensões e os parâmetros que delineariam a pesquisa de doutoramento, passou-se a conjugá-los às hipóteses e aos objetivos do trabalho.

2.4.1 Hipóteses e objetivos da pesquisa

Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso são lugares caracterizados pelo intenso fluxo migratório, pela atuação de Colonizadoras particulares e pela presença de gaúchos, principalmente no início da ocupação daqueles territórios. Embora, na atualidade, não representem a maioria da população, o perfil dos colonos migrantes coincidiam, conforme já se aludiu, com as características dos informantes inquiridos no ALERS⁵³, o que gerou as seguintes hipóteses e perguntas de pesquisa:

Quadro 6 - Hipóteses e perguntas de pesquisa

HIPÓTESES	PERGUNTAS DE PESQUISA
As variedades linguísticas faladas pelos idosos (GII) gaúchos, no norte do Mato Grosso, são mais próximas àquelas registradas no ALERS do que as usadas pelos jovens (GI);	As variedades faladas pela GII se assemelham às formas “conservadoras” registradas no ALERS ou a distância da <i>heimat</i> (terra natal) e o contato com outras variedades fizeram com que abandonassem algumas variáveis tipicamente gaúchas? Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso seriam extensões de áreas linguísticas marcadas no ALERS, ou seja, de pontos que compartilham entre si traços linguísticos que o identificam como distintos de outras áreas?
Os informantes pertencentes ao grupo GII, quando bilíngues, empregam variedades diferentes do português ao se dirigem a pessoas pertencentes à mesma comunidade de fala;	Em que situações os bilíngues alternam o uso de línguas diferentes? O destinatário interfere nessa escolha? Estimulam os mais jovens ao aprendizado de outra(s) língua(s), além do português? Por quê? O português de falantes bilíngues, que nasceram e conviveram ao menos até a juventude em áreas da região Sul influenciadas pelas línguas dos imigrantes europeus, ainda mantém traços de interferência das línguas minoritárias na

⁵³ O Projeto ALERS é apenas um dos vários trabalhos envolvendo a língua portuguesa falada na região Sul do Brasil. A princípio, desejava-se fazer o Atlas Linguístico do Rio Grande do Sul, para atender às recomendações dadas no I Congresso Brasileiro de Dialectologia ocorrido em 1958, em Porto Alegre. Bunse chega a fazer as primeiras sondagens, mas Klassmann e Walter Koch (1974), juntamente com Furlan e Mecer, estendem a área de investigação para os três estados sulinos, motivados por outro projeto, o VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País), que também abrangia o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Enquanto o ALERS se ocupava da variação linguística do “português rural”, o VARSUL privilegiava o “português urbano” (ALTENHOFEN, 2013b, p. 29).

	majoritária quando imersos em lugares prioritariamente monolíngues em língua portuguesa? Em que medida?
A manutenção e a substituição da variedade do português rio-grandense estão vinculadas aos papéis sociais exercidos pelos migrantes gaúchos.	<p>O comportamento linguístico seria uma maneira de manter viva a memória do RS em MT? O papel social (profissão, atuação na economia, na política e nas diferentes Instituições de poder como aquelas voltadas à religião...) que o migrante gaúcho exerce na região norte mato-grossense interfere no processo de manutenção ou substituição da variedade do português rio-grandense? Além do papel social, as variáveis sexo, escolaridade e idade interferem no comportamento linguístico dos informantes e atuam no processo de territorialização?</p> <p>O “falar” gaúcho goza de <i>status</i> de prestígio, segundo a visão dos informantes?</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Diante do exposto, estabeleceram-se para esta pesquisa de Doutorado os seguintes objetivos, já explicitados na introdução, que convêm relembrar, aqui. Constitui, assim, o **objetivo descritivo central** desta tese descrever o comportamento linguístico de migrantes gaúchos em contato com outras variedades regionais do português, em áreas novas do norte do Mato Grosso, no que se refere a:

- a) manutenção de marcas linguísticas da variedade original do português rio-grandense;
- b) mudanças linguísticas da variedade original do português rio-grandense motivadas pelo contato com demais variedades regionais presentes na área em estudo;
- c) variações do português rio-grandense dos falantes migrantes gaúchos, considerando diferentes dimensões de análise (princípio da pluridimensionalidade), a saber:
 - c.1) dimensão diatópica: territorialização de variantes do português;
 - c.2) dimensão diageracional: mudança em curso entre geração mais velha (GII, migrante, topodinâmica) e geração mais jovem (GI, locais, topostática) na manutenção ou substituição de marcas originais do português rio-grandense;
 - c.3) dimensão diastrática: papel da escolaridade no uso de marcas de variedades regionais e da norma considerada culta – reflexos na variação do português falado pela classe mais escolarizada (Ca) e menos escolarizada (Cb);

- c.4) dimensão diassexual: variações de gênero na manutenção ou substituição de marcas regionais;
- c.5) dimensão dialingual: variações de comportamento entre monolíngues e bilíngues falantes de línguas de imigração distintas, em especial do alemão (hunsriqueano) e do italiano (vêneto);
- c.6) dimensão diafásica: variações estilísticas condicionadas a diferentes situações de uso da língua (estilo informal, mas monitorado, de respostas ao questionário e de conversa livre);
- c.7) dimensão diarreferencial: atitudes e percepções metalinguísticas sobre o status e estigmatização de variantes em contato (“referências à fala do outro”).

Como **objetivo interpretativo-explicativo**, buscou-se identificar os condicionadores sociais que atuam na manutenção, variação e mudança do português falado por migrantes gaúchos em contato com demais variedades regionais, em áreas do norte do Mato Grosso, considerando as diferentes dimensões de análise.

2.4.2 Contatos linguísticos do português falado no sul do Brasil

Como foi dito anteriormente, as fotografias geolinguísticas da região Sul do Brasil publicadas no ALERS serviram de parâmetro para a elaboração do Questionário Linguístico da tese. Antes de mencionar alguns resultados, vale apontar algumas características referentes à ocupação do território da região Sul do Brasil.

2.4.2.1 Região Sul do Brasil: do povoamento à delimitação de áreas linguísticas

A região Sul do Brasil foi palco de intensas disputas entre as coroas espanhola e portuguesa ao longo do tempo e, apenas no final do século XVIII, o território teve seus limites definidos após uma série de convenções entre os Impérios e a adoção de uma política de povoamento da região.

A política de povoamento sobrepõe-se às estratégias militares, posto que estas requerem soldados e mantimentos. O deslocamento de tropas do Rio de Janeiro para o Sul consiste num ônus muito elevado para Portugal [...]. Integrando a política de povoamento, temos a chegada de casais açorianos à Ilha de Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul (1748-1756). Além do

impulso dado ao desenvolvimento de Laguna e à sua vasta área de influência, esses colonos ocupam os campos gaúchos de Viamão e lançam as bases de Porto Alegre (1752). (PAZ, 2011, p. 22)

As áreas de campo, portanto, foram as primeiras escolhidas, já que a pecuária, até o início do século XIX, era a principal fonte de renda da porção meridional do Rio Grande do Sul e da região sudeste do Paraná, “ligadas apenas pelas colônias vicentistas e açorianas em estreita faixa litorânea de Santa Catarina e pelos caminhos que cortavam os descampados de Lajes e Curitibanos” (KOCH, 2000, p. 56).

Durante anos os colonizadores evitaram as densas florestas. A região serrana - equivalente a maior parte do Paraná, de Santa Catarina e do norte do Rio Grande do Sul - só começa a ser ocupada com a chegada de imigrantes europeus (não-lusos) como os alemães e os italianos entre 1824 e o início do século XX, que introduzem técnicas arrojadas de plantio e, conseqüentemente, estabelecem uma tradição vinculada ao cultivo de pequenas porções de terras por meio do trabalho familiar. No Rio Grande do Sul, São Leopoldo (1824) e Santa Cruz (1849) exemplificam a atuação positiva do colono europeu, assim como São Pedro de Alcântara (1828), Blumenau (1850) e Itajaí-Brusque (1860) em Santa Catarina e Rio Negro, no Paraná. Assim, o apoio governamental aliado às características do território ocupado contribuiu para a determinação das atividades econômicas de cada lugar, já que os latifúndios pastoris se localizam em áreas de campo enquanto os minifúndios agrícolas, nas terras de floresta (PAZ, 2011, p. 22).

Uma vez povoada a região da Serra gaúcha, os filhos e netos dos primeiros imigrantes, ao constatarem que o “pedaço de terra” da família era insuficiente para atender às suas necessidades, migram para o oeste e o centro de Santa Catarina (final do século XIX) e, logo após, para o sudoeste paranaense⁵⁴ (a partir da década de 1920). Já a ocupação do norte do Paraná teve início na década de 1950 e foi caracterizada especialmente pela presença de mineiros, de paulistas e de nipo-brasileiros (PAZ, 2011, p. 23).

Somada à política de povoamento, a construção de estradas e a promoção de um modelo de estado de governo focado mais na ideia de indivíduo ajustado ao trabalho do que apenas na posse do território, incidiram no desenvolvimento da região Sul do Brasil. A

⁵⁴ De acordo com Paz (2011, p. 23), houve uma tentativa frustrada de ocupação da região sudoeste do Paraná ainda no século XIX. Os núcleos instalados nos campos de Palmas e Guarapuava só “sobreviveram” quando desempenhavam funções militares. As iniciativas governamentais no início do século XX também foram fadadas ao insucesso, principalmente, por causa do isolamento e falta de infraestrutura dos núcleos, além das disputas armadas.

disputa pela área sulista e sua delimitação precederam muito à ocupação definitiva desse lugar, concluída apenas no século XX. Trata-se de uma região caracterizada pela integração de pessoas de origem e constituição étnica diferentes, o que gera uma pluralidade social e cultural capaz de se refletir nas várias línguas faladas nessa porção do território brasileiro.

O ALERS, ao descrever o português rural falado por adultos de classe menos escolarizada, registrou o quanto fatores extralinguísticos como as questões histórico-geográficas interferiram nas escolhas linguísticas do grupo entrevistado e, mais, comprovou que algumas variações transcendem fronteiras político-administrativas e constituem interessantes áreas linguísticas. Os dados cartografados nesse Atlas, por exemplo, apontam um feixe de isoglossas na região de Santa Catarina (“leque catarinense”) ocasionado provavelmente pelo fato dos Campos de Lajes e Curitibanos funcionarem como um “corredor” entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, já que as características topográficas dessas regiões contribuíram para movimentos colonizadores em sentidos opostos: um, em direção sudoeste, partindo do “Paraná antigo”, e outro, que seguia do Vale do Rio Jacuí em direção ao norte (KOCH, 2000, p. 56). Sobre o segundo movimento citado, Altenhofen (2005, p. 186) afirma:

[...] no sentido sul, aproveitando os Campos de Lajes e Curitibanos, temos a propensão de traços paulista-paranaenses; a oeste, extensão do processo de colonização da região das Missões, no noroeste do Rio Grande do Sul, projeta-se a migração de populações rio-grandenses, em grande parte descendentes dos imigrantes alemães, italianos e poloneses, assentados há já mais tempo nas chamadas Colônias Velhas.

Os mapas do ALERS, na maioria das vezes, têm afastado definitivamente a hipótese de um “falar sulino”, com pouca variação, cogitada por Antenor Nascentes em 1923⁵⁵. Os dados apontam para pelo menos duas grandes arealizações na região Sul do Brasil: a variedade gaúcha ou rio-grandense e a variedade paranaense do português.

Na maioria dos casos, a variedade paranaense avança, sobretudo, pelo centro, acompanhando o caminho das antigas rotas de migração paulista na direção sul. Uma dessas rotas principais segue os Campos de Lajes até as imediações de porto Alegre/Viamão, passando pelos Campos de Cima da Serra, razão por que algumas variantes do norte chegam a se difundir até parte do noroeste do Rio Grande do Sul como [...] *funda* (mapa 303, QSL 514 – *estilingue*) [...]. Outros exemplos indicam o avanço de uma variante do

⁵⁵ Nascentes demarca como a região do “falar sulino” o português falado do Rio Grande do Sul a São Paulo e Mato Grosso e parte de Goiás e Minas Gerais.

norte pelo lado oposto, até a região de Missões, no Rio Grande do Sul. É o caso das variantes *orvalho* em oposição à forma rio-grandense *sereno* e *dieta*, uma variante para *quarentena*, empregada com mais frequência nas áreas bilíngues. [...]. Em contrapartida, a variedade rio-grandense projeta-se, através das migrações mais recentes, a partir das primeiras décadas do século XX, de gaúchos que vão ocupar as áreas despovoadas do oeste catarinense e sudoeste do Paraná. [...] Um desses dados é a arealização de *schmier* (mapa 357- QSL 608 – *chimia*), um empréstimo do Hunsrückisch (língua de imigração alemã) para designar a “pasta de fruta para passar no pão”. (ALTENHOFEN, 2008, p. 143- 144)

Segundo Koch (2000, p.59), ao menos quatro fatores históricos foram determinantes para as variantes do português falado na região: a) a ocupação de imigrantes lusos (açorianos) em áreas específicas como o leste de Santa Catarina, b) o intenso contato linguístico do português e do espanhol no extremo Sul, dado a existência de fronteiras políticas entre países que falam essas línguas, c) a influência das variedades faladas pelos tropeiros paulistas em contato com as dos sulistas em meio à negociação de gado, e d) a constituição de áreas bilíngues decorrentes do povoamento de imigrantes não-lusos (alemães, italianos, eslavos...) em zonas de floresta.

Diante do exposto, indaga-se em que medida as rotas migratórias e os contatos linguísticos interferiram no uso da língua portuguesa? As variedades refletem essas relações? O próximo tópico trará resultados de algumas pesquisas do português falado na região Sul do Brasil, que subsidiaram a elaboração do questionário aplicado no estudo da tese e auxiliarão na análise dos dados.

2.4.2.2 O português falado no Sul do Brasil: resultados de pesquisas

Altenhofen (2005) traça um balanço das fotografias geolinguísticas do português no Sul do Brasil a partir dos dados do ALERS. O quadro a seguir menciona algumas análises feitas até aquele momento. Os dados reproduzidos estão em Altenhofen (2005, p. 186-196).

Quadro 7 – Fotografias linguísticas do português no Sul do Brasil a partir dos dados do ALERS

HIPÓTESE 1 - A região Sul é claramente dividida em duas grandes áreas linguísticas, a paranaense (norte) e a rio-grandense (sul), identificando o Estado de Santa Catarina como área de transição.

RESULTADOS

Entre as linhas isofônicas que separam o norte e o sul da região correspondente ao “leque catarinense”, Koch (2000) cita as seguintes:

- Alta incidência da lateral alveolar seguida de semivogal, no norte, *versus* lateral, no sul, como no segmento *família*;
- Preservação do ditongo [ej] em posição tônica, no norte, *versus* redução a [e], no sul, em *queixo e queijo*;
- Alta frequência de ditongação de /a/ e /u/ diante de /s/, na área ao norte, como em *paz* e em *cruz*;
- Alta frequência da abertura de /o/, em *homem*, na área paranaense;
- Ocorrência maior de rotacismo de /l/, na área ao norte, como em *calção, clara e revólver*;
- Presença significativa de vibrante retroflexa, na área paranaense.

Acrescenta-se a esses exemplos:

- Maior ocorrência da realização de /õw/ em lugar de /õ/, na área paranaense, como, por exemplo, em *bom*;
- Elevação de /õ/ pré-tônico, em *compadre*, mais frequente no norte.

A cartografia de fenômenos morfossintáticos, por exemplo, revela alguns comportamentos linguísticos que poderíamos qualificar como próprios da situação intermediária de Santa Catarina, como área de transição de fato:

- É a área com o maior número de ocorrências de paráfrase no grau comparativo de superioridade, como, por exemplo, em *mais grande, mais pequeno e mais bom*;
- É também a área com maior índice de ocorrências de sujeito oculto, que aparece provavelmente como uma solução intermediária, mais neutra do que as formas socialmente mais marcadas *tu* e *você*.

HIPÓTESE 2 - O “Leque Catarinense” se constitui de uma série de desdobramentos, o primeiro deles, é representado por um grupo de isoglossas que avançam na direção sul, seguindo o Corredor de Lajes, por onde passavam as antigas rotas migratórias dos paulistas, no comércio de gado com o gaúcho rio-grandense. Em alguns casos, essas isoglossas parecem seguir um caminho secundário, por Nonoai (RS), Chapecó (SC) e Palmas (PR).

RESULTADOS

- Rotacismo da lateral em *revólver, clara, calção*;
- Grande incidência da vibrante retroflexa, em *gordura, corta, corda, fervendo, calor*, talvez a marca linguística mais significativa dessa área;
- Ocorrência da abertura de /o/ tônico, constatada em *homem* e *Santo Antônio*, na parte paranaense do Corredor;
- Predomínio de *você*, que se projeta por esse Corredor em direção sul, tendendo para sujeito oculto na área de transição, Santa Catarina.

HIPÓTESE 3 – Avanço da área rio-grandense, sobretudo da subárea bilíngue sob influência de línguas de imigrantes europeus, por um corredor lateral, através do oeste de Santa Catarina até o sudoeste do Paraná. O sudoeste do Paraná pode ser visto como prolongamento do avanço rio-grandense que também atinge o oeste de Santa Catarina.

RESULTADOS

- Parecem seguir esse traçado as linhas que marcam a preservação de /l/, em final de sílaba, como lateral alveolar ou velarizada, p. ex. em *revólver*, além da isoglossa que marca o limite meridional da conservação de /ej/, como em *queijo* e *queixo*.

HIPÓTESE 4 - Paralelo ao corredor oeste de projeção rio-grandense, encontramos, no lado oposto, isoglossas que transpõem o Rio Grande do Sul até a orla leste de Santa Catarina, constituindo o que Koch (2000, p.58) denominou de “Feixe Secundário Rio-grandense”.

RESULTADOS

Koch (2000, p.58) cita as seguintes linhas isofônicas como características desse corredor leste:

- Alta frequência do alçamento de /e/ átono final de da palatalização de /t/ referentes a *sete*, *dezesete* e *vinte*;
- Baixa frequência da ditongação de /e/ seguido de /s/ final, como em *três* e *dez*.

HIPÓTESE 5 - O sudeste de Santa Catarina apresenta uma área divergente específica, que Furlan (1986) denomina de “falar açoriano-catarinense.”

RESULTADOS

- Ausência de palatalização de /t/, p. ex. em *mentira* e *tio*.
- Palatalização de /s/ final, p. ex. em *paz*, *cruz*, *dois*, *três*, *seis* e *dez*;
- Preservação da marca de 2ª pessoa na conjugação dos verbos, p. ex. (tu) *fizeste*.

HIPÓTESE 6 - No norte/noroeste do Paraná, de colonização recente, configura uma área à parte, que Koch (2000, p.58) chama de “Feixe Secundário Paranaense”.

RESULTADOS

- Vocalização da lateral /l/ em final de sílaba, como em *revólver* e *calção*;
- Alta incidência da vibrante velar /x/, como em *revólver*;
- A concordância entre *você* e o possessivo *seu/sua* ocorre também com grande frequência.

HIPÓTESE 7 - A fronteira sul do Rio Grande do Sul com o Uruguai guarda traços de momentos históricos diversos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com o espanhol.

RESULTADOS

- Uma série de hispanismos antigos que poderíamos caracterizar como formas de relicto (*Reliktform*), por terem sobrevivido à dominação posterior pelo português. São exemplos dessas formas *jugo* (=canga), *planchar* (=passar a ferro), *piola* (=barbante), *esquilar* (=tosar), dentre outros;
- Maior resistência à ditongação de /e/ e /ε/ diante de /s/ em final de sílaba como em *três* e *dez*.

HIPÓTESE 8 - O contato paulista-gaúcho anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875) no séc. XIX desencadeou uma série de migrações internas no Rio Grande do Sul, originando rotas “comerciais” bastante regulares.

RESULTADOS

- Algumas isoglossas do português rural do Rio Grande do Sul acompanham pelo menos parcialmente essas rotas mais antigas. Entre essas se destaca, sobretudo, a linha que vem de Rio Grande e Pelotas, seguindo via Bagé em direção ao caminho da Coxilha Grande, que divide o Estado ao meio, como uma coluna vertebral que separa duas grandes bacias. Seu traçado se orienta para o norte, passando por Santa Maria e Júlio de Castilhos até Cruz Alta, onde se bifurca em vários caminhos. Um exemplo que ilustra bem esse tipo de arealidade é dado pelo mapa lexical referente à variação diatópica de *chimia*. Apesar do predomínio da variante *chimia/Schmier*, verifica-se, justamente nessas rotas de migração lusa mais antigas, a coexistência da variante concorrente *geleia*.

HIPÓTESE 9 - Nas áreas de floresta, até então despovoadas, é a presença de imigrantes estrangeiros, inicialmente não falantes de português, que, apenas lentamente – ou “diageracionalmente” –, irão se apoderar da língua do novo meio.

RESULTADOS

- Tendência maior nos pontos bilíngues da adoção de traços mais próximos à variedade padrão da língua portuguesa, como no caso de formas verbais e da pluralização dos substantivos e determinantes⁵⁶;
- Em áreas bilíngues de alemão, no Rio Grande do Sul, de índices mais elevados de uso do pronome *você* ao invés de *tu*, predominante em quase todo o Estado;
- Ocorrência de variantes fonéticas mais próximas da forma escrita, como a manutenção e não-vocalização da lateral /l/, em final de sílaba (ex: *calça* e *revólver*) ou a ausência de vogal epentética, como em *advogado*.

Casos de transferência linguística verificadas especialmente no campo fonético:

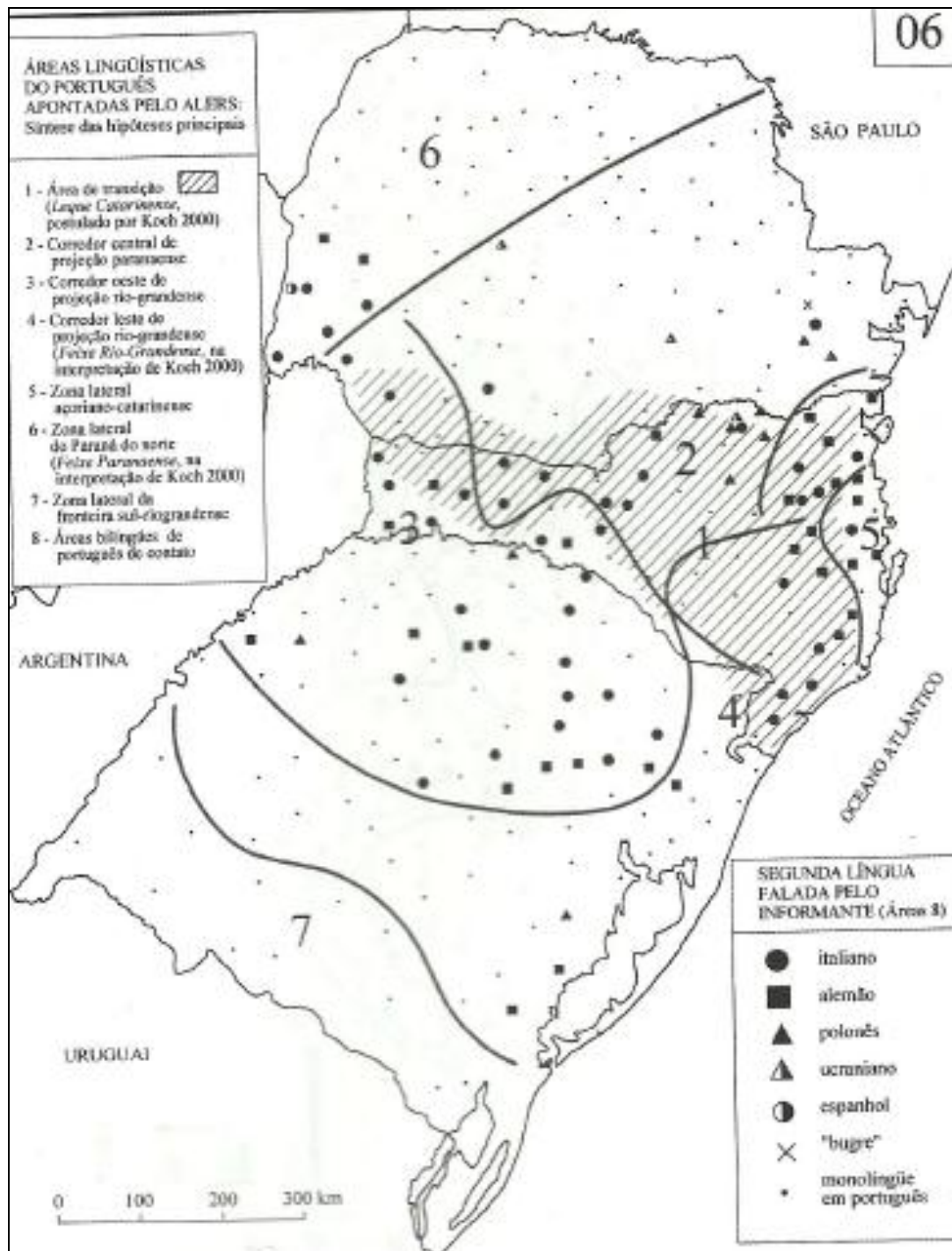
- Uso do tepe em contextos onde o português utiliza a vibrante múltipla /r/ ou a fricativa velar /x/ como em *carro* e *revólver*;
- Ausência de alçamento de /e/ átono final como em *sete*, *dezessete* e *vinte*;
- Ausência de palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/, como em *mentira*, *dia*, *tio*;
- Realização do ditongo nasal /õĩ/ como /õ/ em *procissão*, *ferrão*;
- Dessonorização das consoantes sonoras, entre falantes de Hunsrückisch, como em *gordura*;
- Transferências lexicais e semânticas como no exemplo já mencionado da *schmier* ou no uso de *pedir* com o significado de ‘perguntar’, frequente nas áreas bilíngues de italianos;
- Variações de gênero, como em *sabonete*, observado em pontos bilíngues de italiano.

Fonte: elaborado pela autora com base em Altenhofen (2005, p. 186-196).

⁵⁶ Uma explicação possível para casos como este é o aprendizado da língua portuguesa restrito ao ambiente escolar e, por conseguinte, à língua escrita (ALTENHOFEN, 2005, p.195).

O mapa a seguir ilustra as hipóteses acima citadas e representa uma tentativa de Altenhofen (2005, p. 208) de ampliar as arealizações traçadas, sobretudo, a partir das análises feitas por Koch em 2000.

Mapa 4 – Áreas linguísticas do português apontadas pelo ALERS: síntese das hipóteses principais



Fonte: Altenhofen (2005, p. 208).

Já que a tese também contempla, em certa medida, a questão contatual do português com línguas de imigração faladas no Brasil, vale apresentar um quadro com alguns traços fonético-fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos que caracterizam o português de contato com o alemão e o italiano. Os dados apresentados foram elencados por Altenhofen e Margotti (2011, p.298-302). Com isso, tem-se mais um parâmetro para auxiliar a análise dos dados da tese.

Quadro 8- Traços característicos do português de contato com os adstratos alemão e italiano nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical

1- NÍVEL FONÉTICO-FONOLÓGICO

- a) Traços comuns aos adstratos alemão e italiano
- Realização do /r/ fraco (tepe /r/) no lugar do /r/ forte ou fricativa /x/ e vice-versa (hipercorreção) como em *carroça* /ka'rɔsə/ e *revólver* /rɛ'vɔlver/;
 - Monotongação do ditongo decrescente nasal tônico final /ãw̃/ por /õ/ ou /õw̃/ e vice-versa (com hipercorreção): *coração* /kora'sõ/, *fogão* /fo'gõw̃/, *precissão* /prosr'so/, *som* /'sãw/;
 - Ausência de palatalização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante de /i/ como em *tio* /'tiw/, *dia* /'diw/, *discutível* /disku'tivel/, *vadia* /va'diə/, *diabo* /di'abo/.
- b) Específicos do adstrato alemão
- Dessonorização de consoantes sonoras como /'pɔlə/ ao invés de /'bɔlə/⁵⁷;
 - Alongamento de vogais diante de consoante sonora como *estrada* /es'tra:də/, *igreja* /i'gre:ʒə/.
- c) Específicos do adstrato italiano
- Realização de fricativas alveolares /s/ e /z/ ou de fricativas pré-palatais /ʃ/ e /ʒ/ em lugar de correspondências fricativas álveo-palatais /ʃ/ e /ʒ/ do português, traço presente principalmente na geração dos falantes mais velhos: *Caxias* /ka'syas/ ou /ka'ʃyas/; *jogo* /'zogo/ ou /'ʒogo/, *deixa* /'deysə/ ou /'deyʃə/;
 - Ausência de alçamento das vogais átonas finais /e/ e /o/: /'dẽⁿte/ *dente*, /to'mate/ *tomate*, /'leyte/ *leite*, /'zẽⁿte/ *gente*, /'serto/ *certo*, /'rosto/ *rosto*;
 - Realização da vogal nasal /ã/ com traço [+ aberto] ao invés de traço [- aberto] em sílabas travadas por consoante nasal: /ba'rãko/ *barraco*, /po'trãŋkə/ *potranca*, /ameri'kãno/ *americano*, /ta'mãŋko/ *tamanco*. Vale aqui o mesmo comentário anterior para as vogais átonas finais.

⁵⁷ A dessonorização das consoantes sonoras se dá pela inexistência, na língua materna (Hunsrückisch), da oposição surda-sonora (ALTENHOFEN & MARGOTTI, 2011, p. 299).

2- NÍVEL MORFOSSINTÁTICO

- a) Específicos do adstrato alemão⁵⁸
- Diferenças na expressão da modalidade, por exemplo, via empréstimo por tradução de partículas modais como *uma vez*: *eemo* var. *mo* (hrs.); hd. *Einmal*, *mal* (hd.).
 - Alternância no uso do pretérito perfeito e imperfeito (com hipercorreção), por exemplo, “Ontem eu *comprava* dois sacos de adubo”.
- b) Específicos do adstrato italiano
- Incorporação de sufixos diversos tais como: *-ato*, *-eta*, *-ito*, *-ela*, *-elo*, *-ola*, *esco*, *-ano*, *-ina*, *-ino*, *-one*, *-ifício*. Exemplos: *retrato*, *picareta*, *gambito*, *mortadela*, *bambinelo*, *caçarola*, *dantesco*, *soprano*, *cantina*, *figurino*, *canelone*, *panifício* etc.
 - Uso do *dativo ético* que já faz parte da variedade do português da região de colonização italiana, como se pode depreender das frases: “Os guris *me* dormiram toda a noite” e “Eles *me* comem bem feijão com arroz”.

3- NÍVEL SEMÂNTICO-LEXICAL

- a) Específicos do adstrato alemão⁵⁹
- Alternância e não distinção entre *empréstimo* e *pedir emprestado*: “Eu *emprestei* o livro do Pedro” (sentido ambíguo);
 - Empréstimos lexicais específicos de contextos de contato direto: *chimia*, (al. *Shmier*, pasta de frutas); *Kässschmier* (al. *Käseschmier* queijo do tipo Quark), *cuca* (al. *Kuchen*, espécie de pão coberto com uma farofa feita com açúcar, margarina, canela em pó e farinha de trigo, que tem pedaços de fruta ou doce), *fristique* (al. *Frühstück*, lanche, merenda), *clica* (al. *klicker*, bolinha de gude), *chiloida* (al. *schleuder*, funda, bodoque, estilingue), *chope* (al. *Schoppen*, tipo de cerveja de barril), *kerb* (al. *Kerbe*, variante de *kirmess*, quermesse, festa popular de áreas de colonização alemã), *serigote* (al. *Sehr gut* – muito bom, tipo de lombinho).
- b) Específicos do adstrato italiano⁶⁰
- Alternância entre *ir* e *vir*: “Eu *venho* na tua casa” por “Eu *vou* na tua casa”;
 - Alternância entre *levar* e *trazer*: “Pode *trazer* o vinho pra tua casa” por “Pode *levar* o vinho pra tua casa”;
 - Alternância entre *pedir* e *perguntar*: “*Pede* pra ele onde está a faca” por “*Pergunta* pra ele onde está a faca”.
 - Alternância entre *sentir* e *ouvir* (escutar): “Estava *sentindo* o que dizia” por “Estava *ouvindo* o que dizia”
 - Empréstimos lexicais específicos em contextos de contato direto: *rastel*, *rastelo*, *restelo* (it. *rastelo*, “ancinho”), *nono* (it. *nono*, avô), *brodo* (vên. *brodo* caldo de carne de galinha gorda, água e sal), *filó* (vên. *filó*, festa familiar com bebida e comida), *sagra* (vên. *sacra*, festa da padroeira ou padroeira da comunidade), *tifa* (vên. *tifa*, lugar retirado, no final de um caminho, ao pé da montanha), *bocha* (it. *bottia* e koiné vên. *bocia*, jogo de bola de madeira ou

⁵⁸ hrs. refere-se ao Hunsrückisch (dialeto alemão comumente falado no Brasil) e hd. ao hochdeutsch (alemão-padrão).

⁵⁹ Usa-se *al.* para se referir à etimologia alemã.

⁶⁰ Usa-se *it.* quando a palavra advém do *italiano* e *vên.* se do dialeto *vêneto*.

outros materiais resistentes que se joga com as mãos), *minestra* (it. e vên. *minestra*, sopa de arroz ou massa com legumes e verduras, sopa de feijão com arroz ou com massas), *formagio* (vên. *formagio* ou *formai*, queijo), *poína* (vên. *poína*, laticínio separado do soro), *polenta* (it. *polenta*, massa feita com farinha de milho, fubá), entre muitos outros.

Fonte: elaborado pela autora baseado em Altenhofen e Margotti (2011, p. 298-302).

Considerando a descrição da língua portuguesa, principalmente a partir dos dados do ALERS, passou-se à elaboração de um questionário linguístico que contemplasse a investigação sobre a manutenção de traços característicos da variedade sulista em contextos de uso “fora” dessa região.

2.5 Elaboração do questionário linguístico

Em uma pesquisa geolinguística é preciso que haja um instrumento de coleta de dados afinado com os objetivos de estudo a fim de garantir a sistematização e comparabilidade dos dados linguísticos inventariados. Altenhofen (2004, p.147) elenca alguns princípios que orientam a elaboração do questionário, a saber:

- a) que abarque a multiplicidade de aspectos envolvidos no contato linguístico (escolha de tipos de variáveis diferentes), b) que possua a amplitude possível e necessária para não sobrecarregar nem comprometer os levantamentos dos dados, c) que englobe as questões mais relevantes, sobretudo aquelas com significado coletivo, sem, no entanto, comprometer a abrangência e representatividade do corpus, d) que incorpore a preocupação interdisciplinar, na interface com os estudos de áreas afins como a História, a Antropologia, a Sociologia, dentre outras, e) que seja adequado metodologicamente, utilizando as técnicas apropriadas para a obtenção dos dados, f) que permita em número significativo de comparações com os dados e os resultados de outros estudos.

Considerando os itens mencionados, o questionário da pesquisa foi organizado da seguinte maneira:

Quadro 9- Estrutura do questionário da pesquisa

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	
PARTE A	AI – Identificação dos informantes (13 questões)
	AII – Hábitos culturais dos informantes (07 questões)
PARTE B	BI – Informações sobre a localidade da pesquisa (07 questões)
	BII – Dados de observação de campo (07 questões)
PARTE C	CI – Questionário Fonético-fonológico - QFF (47 questões)
	CII – Questionário Semântico-lexical - QSL (47 questões)
	CIII – Questionário Morfossintático - QMS (06 questões)

Fonte: elaborado pela autora.

O questionário foi elaborado a partir de outros dois aplicados em pesquisas geolinguísticas na região Sul do Brasil: o do ALERS e o do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), além de algumas perguntas formuladas com o Orientador. Houve a menção, em cada questão, àquela referente aos questionários dos Projetos citados, além da carta do ALERS, quando existia, correspondente à variável investigada. Veja-se a sétima pergunta do QFF:

Quadro 10- Exemplo da organização do questionário aplicado na pesquisa

7	<p><u>ÁRVORE</u> (ALiB QFF 039; ALERS QSL 109; cartas 054 e 055)</p> <p>O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?</p>
---	--

Fonte: elaborada pela autora.

A primeira parte do questionário (AI) abrangeu perguntas desde a origem dos informantes, o tempo de permanência no território norte mato-grossense, o percurso migratório, o vínculo mantido com parentes e amigos no Sul às questões referentes à língua como: se o informante fala outra língua, se seus familiares falam e se o aprendizado das línguas foi por meio de transmissão diageracional. Já em (AII), hábitos culturais comumente compartilhados entre os gaúchos foram retomados a fim de se averiguar se a distância e a saudade do Rio Grande do Sul interferiram ou não na manutenção e/ou incorporação de costumes à rotina no Mato Grosso (Ex: tomar chimarrão, ouvir música gauchesca, participar do CTG - Centro de Tradições Gaúchas).

Na Parte B, foram levantadas informações relacionadas à toponímia, à origem e história da localidade, à população (etnias, presença de migrantes advindos de lugares

diferentes/ proporção...), à mídia, dentre outros aspectos, para se compreender a dinâmica social e a atuação dos informantes no espaço norte mato-grossense.

Na elaboração tanto das Partes A e B do questionário, algumas questões pareciam determinantes, tais como:

- a) Em que medida os migrantes gaúchos contribuíram e/ou interferiram na organização espacial da localidade? Há monumentos em praças, CTGs, hospitais...que refletem a presença dos migrantes?
- b) Há territorialização interna? (Ex. No centro moram os gaúchos e na periferia migrantes das regiões norte e nordeste do país?)
- c) Como é a dinâmica social interna? Que lugares os gaúchos ocupam na economia, na política e nos eventos culturais da cidade?
- d) Há eventos que retomam festividades tipicamente gaúchas? (Ex: Semana Farropilha, festas alemãs...)
- e) De que lugares do Sul migraram os gaúchos? O que os motivou a “desbravar” o norte de Mato Grosso?
- f) Há falantes de alemão e de italiano na localidade? E de outras línguas? Como costumam “praticar” as línguas que dominam?
- g) Os migrantes e seus filhos permanecem com o hábito de tomar chimarrão todos os dias, mesmo estando em localidades de alta temperatura? Incorporaram o tereré? Chimarrão e tereré coexistem?

A terceira parte do questionário (C), dedicado especificamente à descrição da variedade do português falada pelo grupo investigado, considerou os resultados de pesquisas sobre o português falado na região Sul do Brasil para a definição das variáveis que deveriam ser averiguadas. As fonética-fonológicas selecionadas foram:

- a) palatalização das dentais;
- b) ditongação diante de sibilante
- c) vocalização da lateral em coda silábica
- d) rotacismo
- e) vibrante em sub-variáveis (tepe, retroflexo, fricativa ...)
- f) ieísmo
- g) harmonização vocálica

- h) ditongação nasal –ão
- i) palatalização da sibilante.

As variáveis lexicais contemplaram perguntas referentes à fauna, à flora, às atividades agropastoris, ao corpo humano, à cultura e convívio, aos ciclos da vida, à religião e crenças e às festas, divertimentos e alimentação.

Por outro lado, as variáveis morfossintáticas foram:

- a) casos de uso pronominal
- b) negação
- c) interjeição

Como já foi dito anteriormente, optou-se pela pluralidade de informantes e pela Técnica em três tempos, que inclui a sugerência. Ao se executarem as entrevistas com informantes do mesmo perfil de escolaridade e de idade, registra-se o conjunto de variantes bem como a relação dessas na fala dos informantes. Em outras palavras, capta-se o contínuo variacional no qual se “move” o falante e se reflete a situação real da comunidade. Com isso, tem-se uma visão mais integral da variação linguística. Há, além disso, um ganho representativo dos dados, visto que não se restringe apenas à parte do repertório linguístico do falante, mas sim abarca outros níveis como o conhecimento passivo e as variantes em processo de “arcaização” (“meu pai dizia assim, mas hoje já não se usa mais”) ou de permanência.

A Técnica em três tempos, por sua vez, permite registrar processos de convergência e divergência ou mesmo de processos de hibridização (ex: Bah, oxente!), de covariação (ex: o mesmo falante usa “tu” e “você”) e mudança linguística (ex: troca do “tu” por “você”). Foi aplicada nas partes CII (questionário semântico-lexical) e CIII (questionário morfossintático) do questionário da tese. Funciona da seguinte maneira:

Quadro 11 – Técnica em três tempos: passo-a-passo

TÉCNICA EM TRÊS TEMPOS
1º passo – PERGUNTAR (pergunta prevista no questionário);
2º passo – INSISTIR (Perguntar se o informante conhece outras variantes e se as usa, em que contexto?)
3º passo – SUGERIR: Conheces a variante x? (sobretudo aquelas sugeridas no questionário, que tiveram como referência as respostas catalogadas no ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil).

Fonte: elaborado pela autora.

Vejamos um exemplo extraído do QSL da tese:

Quadro 12 – Exemplo da Técnica em três tempos

1º - PERGUNTAR	02	TANGERINA/ MEXERICA (ALiB QSL 39; ALERS QSL 126; carta 62) ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e , normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? <i>Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante.</i>
2º - INSISTIR		
3º - SUGERIR		
		a) vergamota, b) bergamota, c) mexerica, d) tangerina, e) mimosa, f) poncã

Fonte: elaborado pela autora.

Também foram incluídas perguntas que retomassem os empréstimos linguísticos:

Quadro 13 – Exemplos de perguntas que apuram empréstimos linguísticos

41	WANDSCHONER [para informantes teuto-gaúchos] Conhece “Wandschoner”? (tipo de toalha de pano com ditado bordado geralmente em alemão, para proteger a parede da fuligem, da gordura)
42	CUCA ... espécie de pão, coberto com uma espécie de farofa feita com açúcar, margarina, canela em pó e farinha de trigo, que tem pedaços de fruta ou doce de leite?

Fonte: elaborado pela autora.

Ou ainda, algumas que trouxessem à tona, por exemplo, a dimensão diarreferencial a partir de “provocações” como as destacadas abaixo:

Quadro 14 – Exemplos de perguntas que contemplem a dimensão diarreferencial

19	GAÚCHO ... a pessoa que vem do Rio Grande do Sul?
	a) gaúcho, b) sulista, c) <u>gaúcho cansado</u>
21	ITALIANO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES Há outros nomes para designar o <i>italiano</i> ?
	a) gringo, b) " <u>gringo polenteiro</u> "
22	ALEMÃO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES ... e a alemão? E se for mulher?
	a) <u>alemão-batata</u> , b) alemão

Fonte: elaborado pela autora.

Uma vez definido um Questionário para a variação do português falado por migrantes gaúchos em situação de contato intervarietal, passou-se à aplicação do instrumento nos pontos de investigação. Gravaram-se todas as entrevistas. No próximo tópico se descreverá o processo de armazenamento e de organização dos dados.

2.6 Armazenamento e organização dos dados

A partir do programa Sound Forge Audio Studio fragmentaram-se as entrevistas respeitando as três partes do questionário: a primeira referente à identificação e aos hábitos culturais dos informantes; a segunda, aos dados da localidade da pesquisa e as observações de campo; e a última, aos dados linguísticos propriamente ditos.

A etiquetagem do *corpus* obedeceu às seguintes instruções:

Quadro 15 - Instruções para organização dos dados da tese: etiquetagem

PONTO/ N° DO PONTO	Porto dos Gaúchos/ MT01
	Sinop/ MT02
	Sorriso/ MT03
GRUPOS	Gaúchos com ascendência alemã: G_dt
	Gaúchos com ascendência italiana: G_it
INFORMANTES	CaGII - grupo com escolarização superior, geração velha (acima de 50 anos)
	CaGI - grupo com escolarização superior, geração jovem (18 a 36 anos)
	CbGII - grupo com escolarização até segundo grau sem ocupação letrada, geração velha (acima de 50 anos)
	CbGI - grupo com escolarização até segundo grau sem ocupação letrada, geração jovem (18 a 36 anos)
PARTES DO QUESTIONÁRIO	Parte A I – Identificação dos informantes
	Parte A II – Hábitos culturais dos informantes
	Parte B I – Dados sobre a localidade da pesquisa
	Parte B II – Dados de observação de campo
	Parte C I – Questionário Fonético-fonológico
	Parte C II – Questionário Semântico-Lexical
	Parte C III – Questionário Morfossintático

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, uma demonstração da organização das pastas. Os destaques em vermelho correspondem a uma simulação caso haja a necessidade de se salvar os arquivos em subpastas.

Quadro 16 – A etiquetagem na prática

MT01_Porto dos Gaúchos	# G-dt	CaGI →	MT01_CaGI_dt_Informantes	MT01_CaGI_dt_Aia
	# G-it	CaGII	MT01_CaGI_dt_Geral-1	MT01_CaGI_dt_AIb
		CbGI	MT01_CaGI_dt_Geral-2	MT01_CaGI_dt_AII
	Etnotextos – Áudio	CbGII	FRAGMENTOS →	MT01_CaGI_dt_BI
	Etnotextos – Vídeo			MT01_CaGI_dt_BII
	Fotografias			MT01_CaGI_dt_CI
	Mapas & Escritas			MT01_CaGI_dt_CII
	MT01_Backup			MT01_CaGI_dt_CIII

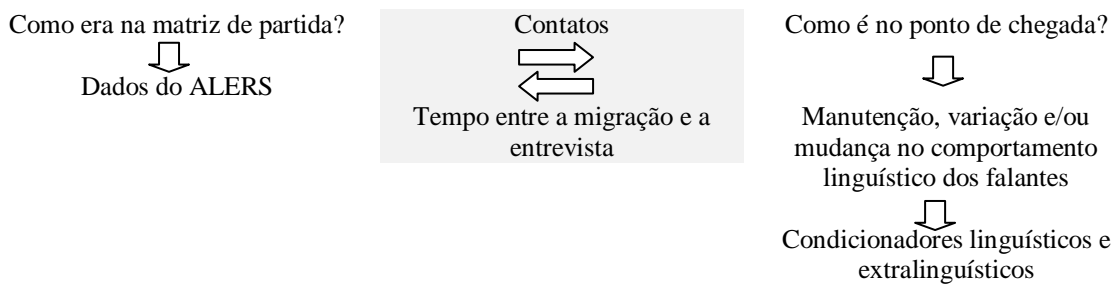
Fonte: elaborado pela autora.

2.7 Análise dos dados: diretrizes básicas

Uma vez descrito o comportamento linguístico dos migrantes gaúchos em três municípios do Norte de Mato Grosso, passa-se à identificação dos condicionadores responsáveis pela manutenção, variação ou mudança do português falado por este grupo em contato com outras variedades regionais.

A análise dos dados considerou basicamente:

Figura 6 – Esquema de análise dos dados da tese



Fonte: elaborado pela autora.

A produção de cartogramas possibilitou a identificação da variável “em foco”, a variação diatópica do fenômeno linguístico e as relações a que se deseja dar ênfase considerando as diferentes dimensões de análise da perspectiva pluridimensional.

2.8 Mapeamento da variação no espaço pluridimensional

O primeiro passo para o mapeamento da variação linguística é a definição de uma base cartográfica comum sobre a qual se registrarão os dados, representados por símbolos previamente determinados. Há várias possibilidades de disposição dos dados linguísticos, tais como: a) se a variação for sinalizada em mais de uma dimensão de análise, a fim de apresentar as relações entre variantes e comportamentos linguísticos no espaço, pode-se utilizar a cruz como se faz no ADDU (*Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai*), no ALGR (*Atlas Linguístico Guarani-românico*) e no ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*); b) se o mapeamento for da proporção de ocorrência de uma variante ou de um comportamento linguístico em mais de uma variável, pode-se, por exemplo, com símbolos e o auxílio de linhas, delimitar e demonstrar áreas de ocorrência de uma ou outra variante, traçando assim possíveis isoglossas (mapa analítico vs. sintético); c) numa mesma base, pode-se também “sobrepor” dois mapas

de línguas ou variedades distintas – às vezes até produzidos em projetos de pesquisa diferentes – para visualizar, por exemplo, comportamentos linguísticos em processo de mudança decorrentes dos efeitos das migrações (dimensão diatópica – topodinâmica) e dos contatos linguísticos (dimensão dialingual/contatual); d) se desejar apenas demonstrar a ocorrência ou não-ocorrência de uma variante, faz-se um mapa fenotípico; ou e) para representar diferentes variantes num mesmo mapa, pode-se utilizar símbolos distintos, resultando num mapa do tipo ponto-símbolo.

Nos últimos anos, o auxílio do computador tem gerado várias iniciativas para agilizar a cartografia de dados por meio de softwares que vinculem bancos de dados, análises estatísticas e confecções de cartas linguísticas, tal como propõe Romano (et. al. 2014). Esses esforços, no entanto, dizem respeito à execução do projeto cartográfico (parte técnica da cartografia). Eles não podem dispensar os princípios que regem o mapeamento dos dados linguísticos, que dependem de decisões humanas. Incluem-se aqui questões ligadas a) à definição de símbolos, b) ao objetivo do mapeamento, c) à escolha do tipo de mapa adequado aos objetivos da pesquisa e assim por diante.

Nesta tese, entende-se a cartografia linguística, acima de tudo, como representação visual e simbólica da relação entre variantes linguísticas no espaço geográfico pluridimensional e, deste modo, de sua correlação com parâmetros socioculturais como geração (GI e GII) ou classe social (Ca e Cb) dos informantes. Logo, para uma carta linguística cumprir com eficácia a sua função, tem que ser possível enxergar oposições entre variantes linguísticas correlacionadas com a variação diatópica, diastrática e diageracional – no caso as dimensões priorizadas na coleta de dados deste estudo.

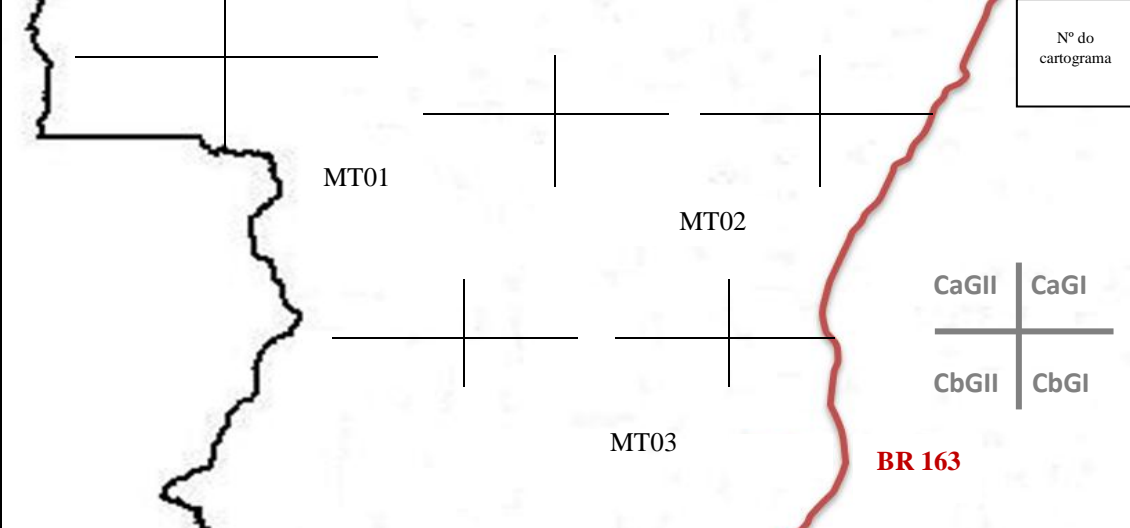
Na tese, para uma mesma variável ou pergunta do questionário, vislumbra-se a seguinte sequência de cartogramas:

- 1º. O de variantes efetivamente usadas e que aparecem no *corpus* como resposta espontânea;
- 2º. O do “*status* de uso” de uma variante selecionada para um determinado propósito em que se prevê a escala: a) uso/conhecimento ativo (conhece e fala), b) conhecimento passivo (conhece, mas não usa) e c) não conhece. Vale destacar que esse tipo de representação pode ser adotado tanto para variantes espontâneas em resposta a uma pergunta quanto para as sugestões;

- 3°. Seguindo o mesmo princípio do segundo tipo de cartograma, pode-se elaborar um da produtividade das variantes em relação a uma mesma variável. Neste caso, segue-se a escala: a) símbolo preenchido, parcialmente preenchido ou vazio. Esses cartogramas servem para indicar o grau de estabilidade ou não do português (pt.) em meio aos contatos intervarietais presentes na localidade. Ao mesmo tempo, se reúnem, dessa forma, subsídios para analisar o estágio que se encontra o “processo de coineização”;
- 4°. Por fim, pretende-se elaborar, tanto quanto possível, cartogramas sintéticos, em que se reúnem dados de determinada marca sócio-linguística, que é medida em uma escala de ocorrências igualmente identificada com a gradação do preenchimento de símbolo. Esse tipo de marca serve para fins interpretativos. É preciso ter bem claro a pergunta e o objetivo da pesquisa.

Assim, optou-se pela série temática, ou seja, os dados complexos serão postos em uma sequência de cartogramas, em que cada um dará uma visão parcial do dado linguístico estudado, mas juntos construirão uma unidade analítica. A seguir, a base para a elaboração de cartogramas na tese.

Cartograma I – Base para a elaboração de cartogramas

		Nº do cartograma		
		<table border="1"> <tr> <td colspan="2">Questionário/ nº da questão – <i>Lema</i></td> </tr> <tr> <td>Gráfico/ Mapa</td> <td>Legenda</td> </tr> </table>	Questionário/ nº da questão – <i>Lema</i>	
Questionário/ nº da questão – <i>Lema</i>				
Gráfico/ Mapa	Legenda			

A partir da experiência de Horst (2014), que considerou o plurilinguismo e o contato do alemão *standard* com o hunsrqueano e o vestfaliano, elaborou-se uma base apenas com informações que pudessem colaborar com a interpretação dos dados, tal como a proximidade ou não dos pontos de investigação da BR-163. Em cada localidade há uma cruz para representar os grupos abordados na pesquisa. À esquerda da linha vertical está a geração dos informantes idosos e à direita, os jovens. Acima da linha horizontal, aqueles que possuem alto grau de instrução (ensino superior), abaixo, os alfabetizados que cursaram até o ensino médio. Adotou-se a mesma disposição de dados que a utilizada em outros Atlas Linguísticos como o ADDU e o ALMA-H, por acreditar que essa medida facilita a comparabilidade das escolhas linguísticas dos informantes seguindo o eixo do tempo. Os símbolos se inscreverão numa cruz:

Ca GII	Ca GI
Cb GII	Cb GI

Fonte: Thun (1999, p. 485).

O lema refere-se ao item do questionário que será cartografado e figurará como título da legenda do cartograma.

A fonte *kiel símbolos*, desenvolvida pelo ALMA-H, será utilizada para identificação das variantes coletadas. A seleção dos símbolos obedeceu aos seguintes critérios:

- a) o preenchimento dos símbolos seguiu uma gradação de um extremo [+RS] (●) a outro [-RS] (○), com preservação ou perda de marcas do pt. rio-grandense;
- b) quando o número de variantes ultrapassou as possibilidades de símbolos escolhidos para marcar a gradação mencionada (●◐◑◒◓), outras formas foram incorporadas ao cartograma. Nesse caso, o círculo sempre esteve relacionado a qualquer dado que remeta a região Sul do Brasil (ex. origem dos informantes e marcas do português rio-grandense) enquanto outras formas como quadrado ou triângulo a tudo aquilo que fosse adverso a essa região;
- c) nas localidades (Sinop e Sorriso) em que os dois grupos étnicos foram entrevistados, a posição dos dados foi o recurso adotado para identificar os diferentes grupos de

- informantes: do lado esquerdo, os teuto-gaúchos (CaGI_dt; CaGII_dt; CbGI_dt e CbGII_dt) e do direito, os ítalo-gaúchos (CaGI_it; CaGII_it; CbGI_it e CbGII_it);
- d) símbolos para representação do sexo dos informantes foram utilizados apenas quando a dimensão diasssexual tornou-se relevante para a interpretação dos dados. Nesses casos, a reposta do informante masculino estava à esquerda e da feminina, à direita: (♂ ♀);
- e) para marcar a ausência de um grupo em alguma localidade, usou-se (∅);
- f) para a ausência de resposta, (×);
- g) para forma isolada, (*); e
- h) para forma negada, (⊖).

Os colchetes, juntamente com a abreviatura para a forma associada à outra língua ou variedade do português, serão utilizados quando essas marcas linguísticas forem mencionadas na fala dos informantes, transcritas quando preciso.

Se julgar necessário, sempre que houver disponível uma carta do ALERS correspondente à variável linguística analisada na tese, essa será disponibilizada como parâmetro comparativo entre o comportamento linguístico dos migrantes vs. dos gaúchos que permaneceram no Sul.

A transcrição fonética obedecerá ao mesmo sistema de símbolos (IPA Kiel) adotado no ALERS (2011a, p. 15-16).

Quadro 17 – Sistema de símbolos fonéticos do ALERS (2011a)

['] marca de sílaba tônica

1. CONSOANTES

[p]	oclusiva bilabial surda
[p ^h]	oclusiva bilabial surda aspirada
[p,]	oclusiva bilabial surda palatalizada
[m]	nasal de transição entre vogal tônica e oclusiva bilabial
[b]	oclusiva bilabial sonora
[b ^h]	oclusiva bilabial sonora aspirada
[b,]	oclusiva bilabial sonora palatalizada
[t]	oclusiva alveolar surda
[t ^h]	oclusiva alveolar surda aspirada
[t,]	oclusiva alveolar surda palatalizada
[n]	nasal de transição entre vogal tônica e oclusiva alveolar
[d]	oclusiva alveolar sonora

[d ^h]	oclusiva alveolar sonora aspirada
[d,]	oclusiva alveolar sonora palatalizada
[k]	oclusiva velar surda
[k ^h]	oclusiva velar surda aspirada
[k,]	oclusiva velar surda palatalizada
[g]	oclusiva velar sonora
[g ^h]	oclusiva velar sonora aspirada
[g,]	oclusiva velar sonora palatalizada
[ŋ]	nasal de transição entre vogal tônica e oclusiva velar
[m]	oclusiva nasal bilabial sonora
[n]	oclusiva nasal alveolar sonora
[ɲ]	oclusiva nasal palatal sonora
[ŋ]	oclusiva nasal velar sonora
[l]	lateral alveolar sonora
[ɭ]	lateral retroflexa sonora
[ʎ]	lateral palatal sonora
[ɮ]	lateral velar sonora
[ɹ]	aproximante ápico-alveolar sonora
[r]	vibrante múltipla alveolar sonora
[R]	vibrante múltipla uvular sonora
[r]	tap alveolar sonora
[ɾ]	flap retroflexa sonora
[β]	fricativa bilabial sonora
[f]	fricativa lábio-dental surda
[v]	fricativa lábio-dental sonora
[s]	fricativa alveolar surda
[z]	fricativa alveolar sonora
[ʃ]	fricativa palato-alveolar surda
[ʒ]	fricativa palato-alveolar sonora
[x]	fricativa dorso-velar surda
[tʃ]	africada palatal surda
[tʰ]	oclusiva alveolar surda levemente africada
[dʒ]	africada alveopalatal sonora
[d ^β]	oclusiva alveolar sonora levemente africada
[d̥]	o círculo sob qualquer símbolo fonético sonoro indica enurdecimento

2. SEMIVOGAIS

[j]	semivogal palatal
[j̥]	semivogal palatal de transição entre ditongo decrescente e ditongo crescente
[w]	semivogal velar
[w̥]	semivogal velar de transição entre ditongo decrescente e ditongo crescente

3. VOGAIS

[i]	anterior alta fechada
[ɪ]	anterior alta semi-aberta
[e]	anterior média fechada
[ε]	anterior média aberta
[ə]	central média
[u]	posterior alta fechada
[ʊ]	posterior alta semi-aberta
[o]	posterior média fechada
[ɔ]	posterior média aberta
[a]	central baixa aberta
[ə̃]	central baixa mais fechada
[ɑ]	baixa posterior

[a]	baixa posterior antes de consoantes nasais
[ã]	baixa posterior nasal

Obs.: [~] (sobrescrito) indica nazalização da vogal

Fonte: ALERS (2011a, p. 15-16).

Antes de mostrar e discutir os dados inventariados se faz necessário relatar o que se encontrou *in loco* na pesquisa de campo.

2.9 Entre o ideal e o real: relatos da pesquisa de campo

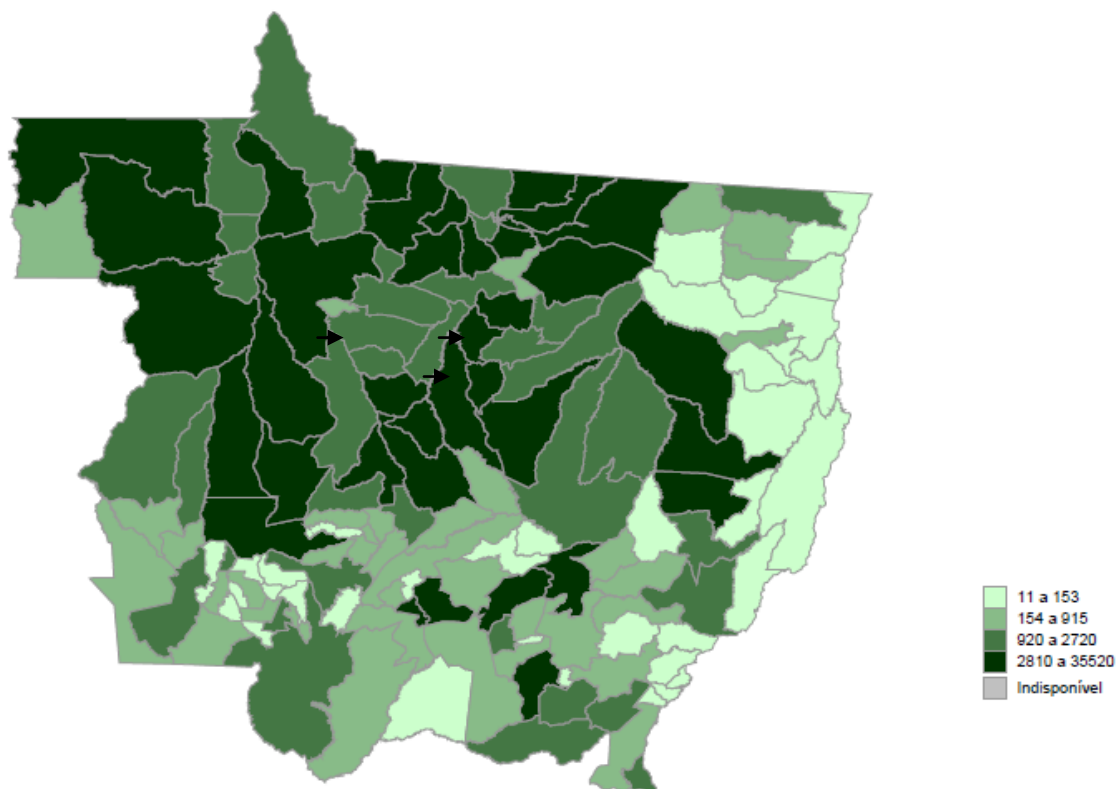
A história do Brasil está vinculada aos processos migratórios e, por conseguinte, aos contatos linguístico-socioculturais daqueles que “vão e vem” com os que já se encontram no lugar eleito para se viver. Esta interação promove a criação, a manutenção e a alteração dos espaços físico e social, o que gera reflexos na língua.

Neste sentido, a região norte de Mato Grosso passa a ser interessante pelo histórico de ocupação recente e pelo “laboratório linguístico” ali instaurado. Por receber pessoas de diferentes lugares, contatos não só entre variedades regionais do português são possíveis, mas entre outras línguas ou dialetos como, por exemplo, o hunsrückisch – trazido pelos imigrantes alemães ao Brasil. Algumas afirmações, comumente repetidas pelos que conhecem a região, estimularam ainda mais a ânsia por investigações *in loco*, a saber: “No norte do Mato Grosso, a maioria é gaúcho!” ou ainda, “Lá tem muito alemão e italiano”. Será?!

No mapa a seguir, é possível visualizar a elevada densidade demográfica de migrantes advindos do Sul do país para o norte de Mato Grosso. Se comparados com os provenientes de outras regiões⁶¹ (Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sudeste) e com a população estimada em 2010, proporcionalmente os sulistas ainda estão entre a maioria da população migrada para Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso.

⁶¹ Outros mapas, que trazem uma amostra da população residente nos municípios de Mato Grosso considerando o lugar de nascimento dos migrantes, estão disponíveis no anexo E do trabalho.

**Mapa 5 – Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração.
População residente por lugar de nascimento: região Sul**



Fonte: IBGE (2010)

Tabela 1 – População residente em Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso, segundo o Censo Demográfico de 2010

POPULAÇÃO PONTOS	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	MIGRANTES DA REGIÃO SUL
Porto dos Gaúchos	2.764	2.685	920 a 2.720
Sinop	93.753	19.346	2.810 a 35.520
Sorriso	58.364	8.157	2.810 a 35.520

Fonte: IBGE (2010)

Mas afinal, de onde vêm esses sulistas? Como já se viu, vários estudos atestam que esses migrantes têm um perfil, de certo modo, semelhantes. A ida a campo convergiu tanto com as ponderações de Rocha (2006),⁶² ao discutir o conceito de *gaúcho* em lugares recém ocupados como o norte de Mato Grosso, onde há uma resemantização do termo; quanto com

⁶² Na Dissertação de Mestrado “Em qualquer chão, sempre gaúcho: a multiterritorialidade do migrante gaúcho no MT”, Rocha (2006) investiga como se dá o processo de territorialização do grupo no município de Lucas do Rio Verde. Observa como a identidade gaúcha se estabelece na nova área que representações e referenciais sócio-culturais são acionados no espaço como marca de territorialidade.

os apontamentos de Koch (2000) sobre o fato de as divisões políticas entre os estados do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná não significarem necessariamente uma divisão cultural e dialetal. Os próximos itens tratarão dessas duas constatações.

2.9.1 *Aqui tem muito gaúcho! Ressemantização do termo gaúcho*

Baseado em estudos anteriores como o de Oliven (1991, 1999), Tavares dos Santos (1993), Haesbaert (1995) e Fialho (2005), Rocha (2006, p.69-70) afirma que do ponto de vista histórico, a princípio, *gaúcho*, no Sul do Brasil, era associado aos indivíduos que praticavam delitos como o furto de rebanhos bovinos. No entanto, a conotação pejorativa dá lugar à euforia quando, em meio ao processo de produção das Estâncias⁶³, instituiu-se um “modelo de relação trabalhista” em que os peões, além de prestarem serviços referentes à lida com o gado, tornam-se combatentes em conflitos de disputa de território (principalmente em áreas de fronteira com outros países), estimulados pelo discurso ufanista dos estanceiros de se tornarem homens reconhecidos pela valentia, pelo heroísmo, pela honestidade e fidelidade para com os seus patrões e seu país.

Essa imagem esteve vinculada ao ambiente rural e à região da Campanha durante muitos anos. Mas na segunda metade do século XIX, em decorrência tanto do processo de colonização do Sul, fundamentado na imigração europeia e na industrialização, *gaúcho* passou a se referir ao gentílico utilizado para designar os nascidos no Rio Grande do Sul. A autora conclui que a “identidade gaúcha foi constituída sob a égide do discurso da diferença baseado na ênfase das peculiaridades do RS, que [...] pode ser entendido a partir do tripé analítico: fronteira, conflitos e colonização” (ROCHA, 2006, p.71). O primeiro está relacionado ao isolamento e à inclusão da porção de terras ao território brasileiro/nacional graças às práticas de homens que resistiram às adversidades; o outro, aos conflitos armados com os quais o RS esteve envolvido⁶⁴; e a colonização, refere-se ao amálgama étnico decorrente da imigração europeia, o que faz com que esse grupo se diferencie dos outros no país.

Mas persistiria esta imagem ainda nos dias de hoje? Sim, se considerar o que Oliven (1999; 1991) denominou de “invensão do tradicionalismo gaúcho”, que abrange o Partenon

⁶³ Grande propriedade rural voltada para a pecuária.

⁶⁴ Episódios lembrados, inclusive por meio da bandeira do estado em que a faixa vermelha (representa o sangue derramado pelos gaúchos) está entre uma verde e uma amarela (retoma as cores da bandeira nacional).

Literário⁶⁵, a criação do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre⁶⁶ e o surgimento do CTG (Centro de Tradições Gaúchas⁶⁷).

Esse tradicionalismo parece se intensificar à medida que os gaúchos se distanciam da matriz de origem. A identidade gaúcha, de certo modo, “inventada/fabricada”, é reproduzida nas áreas ocupadas por esse grupo como uma estratégia de territorialização. No questionário elaborado e aplicado nesta pesquisa de douramento, investigou-se em que medida, dentre as mais diversas manifestações culturais (chimarrão, churrasco, música), os gaúchos constituíram esse processo de territorialização em Mato Grosso.

O CTG, presente atualmente em duas das três localidades investigadas (Sinop e Sorriso), é um dos instrumentos simbólicos mais representativos do gaúcho em localidades onde há migração de sulistas por integrar não só aqueles que têm ascendência gaúcha, mas também os que, de alguma forma, se identificam e desejam pertencer a este grupo. Nesse contexto, facilmente encontramos sulistas (catarinenses e paranaenses) que se auto identificam como gaúchos, “a afirmação do ‘ethos’ gaúcho se dá para além da fronteira natural do RS” (ROCHA, 2006, p. 81). Isso também foi confirmado na pesquisa de campo, o que fez repensar a noção de *gaúcho* a partir da procedência em meio à mobilidade.

Aquele que se reconhece e é reconhecido como *gaúcho* tem uma imagem construída a partir de uma história sucessiva de migrações, consequência do movimento europeu para o Sul do Brasil iniciado no final do século XIX, que, como seus antepassados, continua desbravando novas terras: gerações que se deslocam do Rio Grande do Sul rumo a Santa Catarina, ao Paraná, ao Mato Grosso do Sul até alcançar o Mato Grosso. Conforme Rocha (2006, p.82), a mobilidade pode, nesse contexto, ser entendida como uma categoria de percepção transmitida por relações consanguíneas que se expressa no “espírito desbravador”, recorrente no discurso dos migrantes gaúchos de Mato Grosso, como uma característica que está inscrita no sangue, permitindo-lhes a construção de uma identidade social que nasce de sua situação de origem, pois, como descendentes, consideram-se como aqueles que viveram a tradição de seus avós, imigrantes italianos e alemães, desbravando o cerrado mato-grossense da mesma maneira que seus antepassados desbravaram as terras do Sul, inclusive

⁶⁵ Em 1868, a Sociedade de Letrados foi fundada por intelectuais e escritores que exaltam temáticas regionais e a grandeza do povo rio-grandense através, por exemplo, de personagens heroicos.

⁶⁶ Em 1898, a Entidade Grêmio Gaúcho de Porto Alegre destinava-se a promover festas, desfiles, palestras ou qualquer atividade que denotasse a manutenção das tradições e memória do povo gaúcho.

⁶⁷ Fundado em 1948 por um grupo de estudantes secundaristas advindos de cidades interioranas das regiões campeiras, que, saudosos dos costumes e da rotina que tinham, foram hostilizados ao chegar a capital rio-grandense por não se adequarem ao modelo “geração coca-cola” - expressão utilizada por Oliven (1991) para se referir às modificações de ordem social e econômica do pós-guerra responsável pela invasão cultural dos EUA.

experimentando dificuldades e situações semelhantes. Assim, o fenômeno migratório não envolve apenas a questão da mobilidade espacial (saída – deslocamento – chegada), mas a maneira como aqueles que participam deste movimento se organizam e atuam no novo espaço e como demarcam a sua identidade.

Na tese isso também é considerado a partir do instante em que se adota, *in loco*, o critério da autodenominação do informante que se identifica como *gaúcho*. “In vivo” aqui, poderia se distinguir entre duas situações: a autodenominação e a álgter denominação (pelo outro). Ao considerar um informante a partir da sua autoimagem como *gaúcho*, adotou-se um posicionamento semelhante ao de Altenhofen (1996) e do ALMA-H para a escolha dos falantes de hunsrückisch. Com isso, minimiza o risco de impor o paradigma do pesquisador na identificação da variedade-alvo da pesquisa, do qual se orienta normalmente por critérios formais, que, às vezes, excluem falantes de variantes não esperadas. Por exemplo, o falante de “vixe”, pelo critério formal, seria “excluído” por não refletir a variedade de origem onde se esperaria “bah”. São, no entanto, as mudanças de comportamento linguístico no percurso migratório que a pesquisa tende a “captar”, descrever com mais clareza.

Com a autodenominação pelo informante, assegura-se um *corpus* mais fiel aos condicionamentos sócio-históricos que moldaram a variedade estudada nos contatos linguísticos e migrações. Na maioria das entrevistas, a autodenominação coincidiu com a procedência dos migrantes do Rio Grande do Sul, mas houve casos em que os informantes se consideram *gaúchos*, por exemplo, porque seus pais eram e aqueles com quem mantiveram relações também o eram. Em suma, vale frisar que se descreveu o que chamamos de português rio-grandense enquanto resultado ou produto de uma trajetória de migrações e contatos linguísticos que já se estende por um período de quarenta, cinquenta anos (ou duas gerações). Por conseguinte, reforça-se que o conceito de *gaúcho*, nesta pesquisa, está vinculado mais a matriz de origem do informante do que o lugar do Sul de onde partiu. No próximo item, isso ficará mais claro.

2.9.2 Matriz de origem dos informantes

Se considerarmos as áreas linguísticas do português apontadas pelos dados do ALERS, os sulistas que migraram para o norte de Mato Grosso, na sua maioria, proveem de localidades pertencentes ao “corredor Oeste de projeção rio-grandense, sobretudo da subárea

bilíngue sob influência de línguas de imigrantes europeus, por um corredor lateral, através do oeste de Santa Catarina até o Sudoeste do Paraná” (ALTENHOFEN, 2005, p. 189). O quadro demonstrará o ponto de partida e o de chegada dos informantes migrantes⁶⁸. Apontará também as localidades “de saída” coincidentes com aquelas investigadas pelo ALERS⁶⁹.

Quadro 18 – Localidades de onde migraram os informantes

PUNTO GRUPO		PUNTO DE PARTIDA	PUNTO DE CHEGADA	PUNTO DO ALERS
CaGII_dt	♂	Três Passos (RS)	Porto dos Gaúchos (MT)	602
	♂	Santa Rosa (RS)	Porto dos Gaúchos (MT)	615
	♂	Santo Cristo (RS)	Sinop (MT)	-
	♀	Horizontalina (RS)	Sinop (MT)	-
CaGII_it	♂	Herval d'Oeste (SC)	Sinop (MT)	-
	♀	Rio do Sul (SC)	Sinop (MT)	523
	♂	Cacequi (RS)	Sorriso (MT)	787
	♀	Cruz Alta (RS)	Sorriso (MT)	698
CaGI_dt	♂	Tapera (RS)	Sinop (MT)	701
	♀	Boa Vista do Buricá (RS)	Sorriso (MT)	-
CaGI_it	♂	Cruz Alta (RS)	Sinop (MT)	698
	♀	Cruz Alta (RS)	Sinop (MT)	698
	♂	São João (PR)	Sorriso (MT)	277
CbGII_dt	♂	Carazinho (RS)	Porto dos Gaúchos (MT)	647
	♀	Ibirubá (RS)	Porto dos Gaúchos (MT)	-
	♂	Cerro Largo (RS)	Sinop (MT)	-
	♀	Giruá (RS)	Sinop (MT)	-
	♂	Getúlio Vargas (RS)	Sorriso (MT)	-
	♀	Getúlio Vargas (RS)	Sorriso (MT)	-
CbGII_it	♂	Tapejara (RS)	Sinop (MT)	-
	♀	Tapejara (RS)	Sinop (MT)	-
	♂	Sarandi (RS)	Sorriso (MT)	-
	♀	Sarandi (RS)	Sorriso (MT)	-
CbGI_dt	♂	São José do Cedro (SC)	Sinop (MT)	403

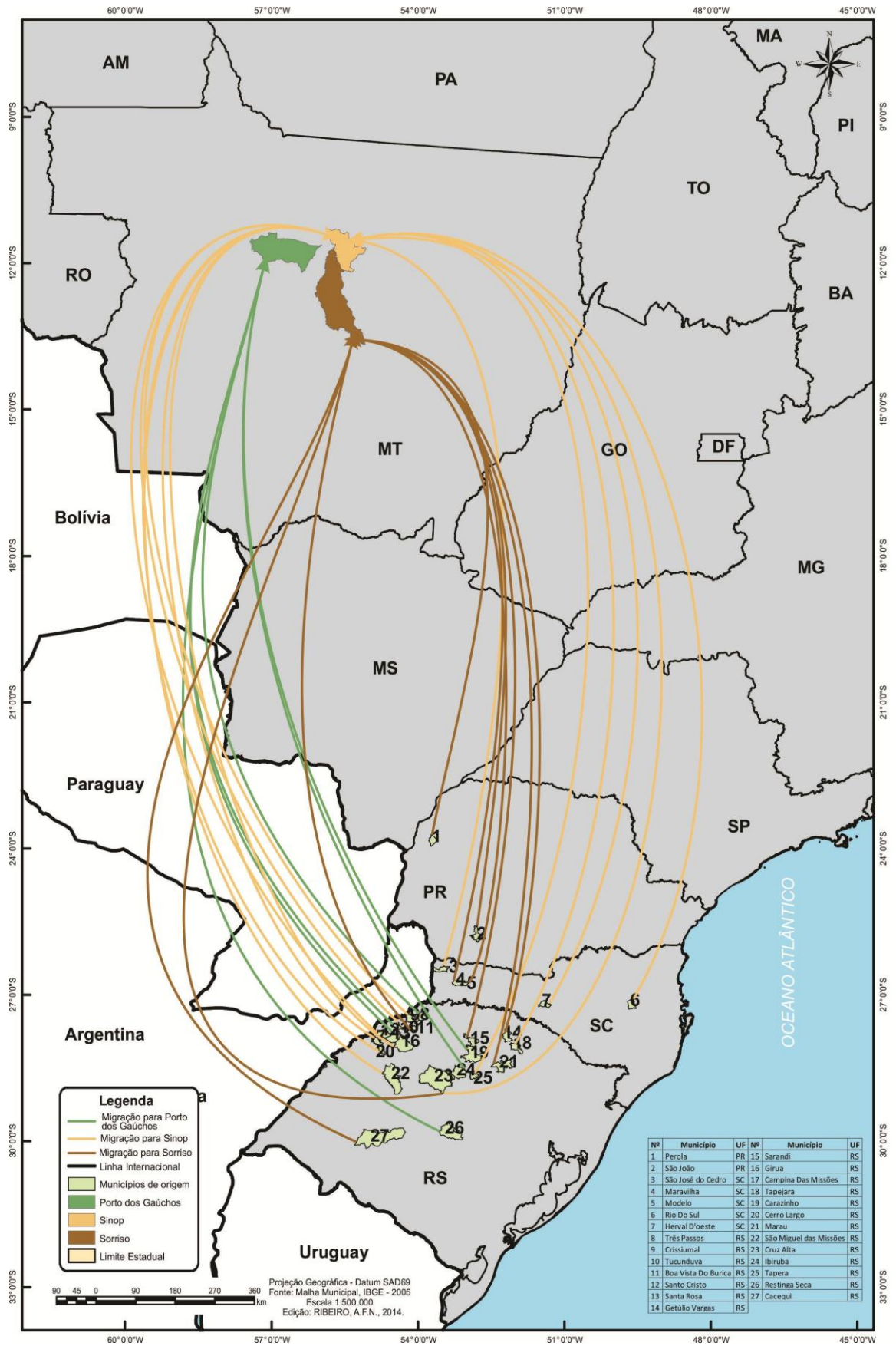
Fonte: elaborado pela autora.

No próximo mapa, reproduziu-se o percurso migratório dos informantes. Aparentemente, o ponto MT02 é que apresenta um fluxo migratório mais disperso, seguido de MT03. O ponto MT01 tem sua origem mais centrada nas Missões do Rio Grande do Sul.

⁶⁸ O sexo dos informantes será indicado pelos símbolos ♂ e ♀, respectivamente, para masculino e feminino.

⁶⁹ No anexo F, o mapa da rede de pontos do ALERS.

Mapa 6 – Percurso migratório dos informantes



Fonte: Ribeiro (2014).

O quadro a seguir complementa as informações sobre as localidades de onde migraram os pais dos entrevistados. Essas informações subsidiaram adicionalmente a comparação dos dados coletados com dados da matriz de origem desses migrantes, para a qual o ALERS forneceu uma base de comparação relevante.

Quadro 19 – Localidades de onde migraram os pais dos informantes mato-grossenses

PUNTO GRUPO		PUNTO DE PARTIDA	PUNTO DE CHEGADA
CaGI_dt	♂	pai: Santa Rosa (RS)	Porto dos Gaúchos (MT)
		mãe: Restinga Seca (RS)	
	♀	pai: Ibirubá (RS)	Porto dos Gaúchos (MT)
		mãe: Ibirubá (RS)	
	♀	pai: Campina das Missões (RS)	Sinop (MT)
		mãe: (?) ⁷⁰	
CaGI_it	♀	pai: Marau (RS)	Sorriso (MT)
		mãe: São João (PR)	
CbGI_dt	♀	pai: (SC) ⁷¹	Porto dos Gaúchos (MT)
		mãe: Santa Rosa (RS)	
	♂	pai: Tucunduva (RS)	Sinop (MT)
		mãe: Quirinópolis (RS)	
	♀	pai: Maravilha (SC)	Sorriso (MT)
		mãe: Maravilha (SC)	
	♀	pai: Pérola (PR)	Sorriso (MT)
		mãe: Modelo (SC)	
CbGI_it	♂	pai: São Miguel das Missões(RS)	Sinop (MT)
		mãe: São Miguel das Missões (RS)	

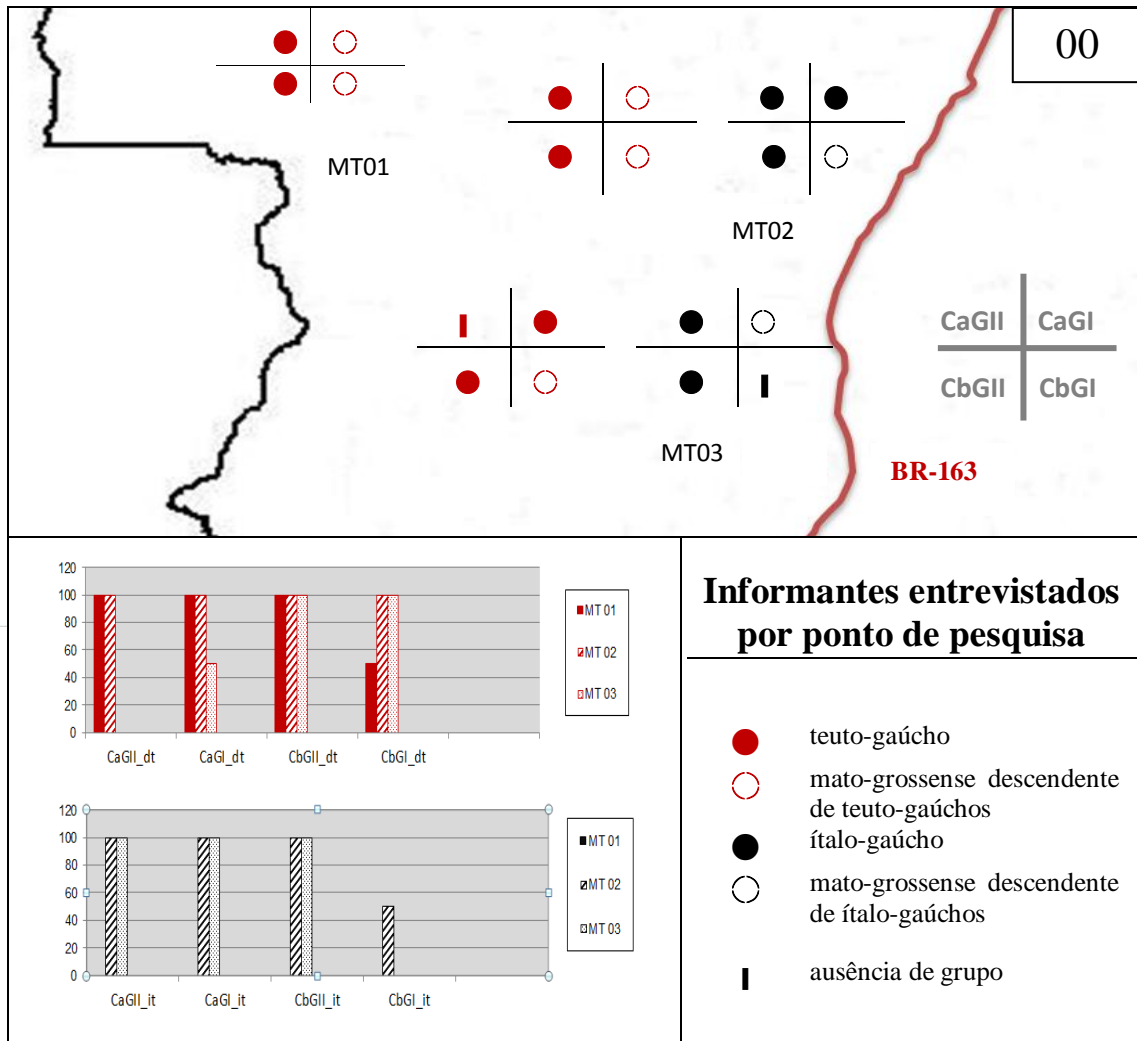
Fonte: elaborado pela autora.

O cartograma a seguir apresenta sumariamente os entrevistados e localidades da pesquisa. Em Porto dos Gaúchos (MT01), os ítalo-gaúchos não foram numericamente representativos a ponto de justificar sua inclusão na pesquisa. Daí a ausência de entrevistas com informantes desse grupo.

⁷⁰ A mãe da informante faleceu quando ela ainda era criança. Foi criada pela avó paterna. Não sabia a origem da mãe.

⁷¹ Não se recordava do nome da localidade de onde veio o pai, apenas o estado.

Cartograma II – Informantes entrevistados em cada ponto da pesquisa



© C.Figueiredo (2014)

Além das dimensões interindividuais que determinaram as entrevistas com quatro grupos (CaGII, CbGII, CaGI e CbGI) em cada uma das três localidades, com a ressalva de não se ter encontrado informantes para entrevistas em duas células, em MT03, a saber CaGII-dt e CbGI-it, a expectativa ao buscar uma análise pluridimensional oferece ainda um leque de opções adicionais, como mostra o quadro 20 a seguir. O quadro retoma, de um lado, as dimensões e os parâmetros idealizados antes da pesquisa de campo e apresenta (coluna da direita) comentários referentes a cada um desses itens diante do que se encontrou efetivamente, na pesquisa de campo. Vê-se que, entre um programa de coleta de dados e o contexto, o pesquisador tem muito mais condições *in loco* de tomar decisões ou adequar a pesquisa.

Quadro 20 – Dimensões e parâmetros de análise após a pesquisa de campo

DIMENSÕES INTERINDIVIDUAIS			
DIMENSÃO	PARÂMETRO	CRITÉRIO	
Diastrática	Ca - classe (socioculturalmente) alta Cb – classe (socioculturalmente) baixa	Escolaridade	Ca – alfabetizados com até o Ensino Médio completo Cb – com nível superior
Diageracional	GI – geração jovem GII – geração idosa	Idade	GI – 18 a 36 anos GII – acima de 50 anos
Diatópica	Topostático	Três localidades: MT 01 – Porto dos Gaúchos MT 02 – Sinop MT 03 - Sorriso	GI – descendentes de migrantes <i>gaúchos</i> nascidos em Mato Grosso
	Topodinâmico	Migrantes advindos da região Sul do Brasil	GI – chegado na localidade há pelo menos 10 anos GII – com histórico de migração
Diassexual	Homem Mulher	Sexo	Neste estudo, esta dimensão é apenas de caráter complementar. Tentou-se, sempre que possível, reunir na mesma entrevista 01 homem e 01 mulher por meio da pluralidade simultânea de informantes com o mesmo perfil sócio-cultural. No entanto, como já se demonstrou, isso não foi possível em todos os pontos. Assim, não poderá ser considerada de maneira quantitativa, mas sim qualitativa.
DIMENSÕES INTRAINDIVIDUAIS			
DIMENSÃO	PARÂMETRO	CRITÉRIO	
Contatual	Entre variedades do português (diretamente) e interlinguístico (indiretamente)	Falantes do português com ascendência europeia	Diferentemente do que ocorre no ADDU, a dimensão dialingual aqui está sendo controlada por meio da fala de teuto-gaúchos vs. ítalo-gaúchos e serve, por este motivo, para identificar a influência das línguas de imigração na variação do português falado por esses dois grupos. Os informantes CbGII_dt de Sorriso, por exemplo, além de responderem ao questionário tanto em português quanto em alemão, comentam que a

			escolha pronominal para se referir ao irmão varia dependendo da língua que estiver usando: “(...) <i>você</i> , em português. Em alemão usa <i>du</i> , o tu, né?”
Diafásico	R – respostas ao questionário C – conversas livres	“Monitoramento” do uso das variantes nos dois estilos	Esta dimensão será considerada de forma qualitativa. Por meio de conversas livres (comentários e relatos dos informantes), é possível observar com mais precisão, por exemplo, se há alternância de variantes correspondentes à mesma variável linguística quando usadas em situações comunicativas distintas.
Diarreferencial	Fala objetiva Comentários metalinguísticos	Sobretudo por meio da sugestão de formas linguísticas [+ou-RS] e conversas semidirigidas	A Técnica em três tempos (perguntar – insistir – sugerir) foi responsável por grande parte dos dados coletados em que esta dimensão poderá ser analisada qualitativamente. Além disso, por meio de alguns temas relacionados ao percurso migratório e à memória afetiva que os informantes têm com o Sul, vários comentários metalinguísticos surgem tal como sobre o uso da língua de imigração (com quem falam? Ensinarão aos filhos? Se não, por quais motivos?).

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa de campo serve, portanto, para “aparar arestas” e revela muito além do que se imagina: das dificuldades às boas surpresas.

Em Sorriso, por exemplo, a combinação de dois fatores: a) o tempo de colonização e b) a atividade agrícola como a principal fonte de renda econômica do município dificultou muito a tarefa de encontrar informantes que se adequassem ao perfil idealizado. Por ter sido ocupada, principalmente a partir da década de 1980, por colonos que almejavam plantar e colher em grandes porções de terras, encontrar falantes do grupo Cb, em Sorriso, talvez parecesse mais fácil que os do Ca. Durante toda a estadia por lá, rapidamente conseguia vários nomes e endereços de possíveis informantes. No entanto, “os homens estavam colhendo!”. As do sexo feminino esbarravam na faixa etária, pois os

filhos das “primeiras levadas” de migrantes sulistas tinham em média quarenta anos e a geração subsequente, menos de dezoito. O fato dos cursos superiores serem ofertados em apenas uma Instituição privada há poucos anos na cidade diminuiu bem a possibilidade de se encontrar os pertencentes ao grupo Ca. Diante das adversidades, dois grupos não foram entrevistados (CaGII_dt e CbGI_it) e o CaGI_dt, apenas uma informante colaborou.

Já Sinop, atualmente, é reconhecida pela diversificada atividade econômica e prestação de serviços (pública e particular), por ainda ser o destino escolhido por pessoas advindas de vários lugares do Brasil (heterogeneidade), além de ser um polo universitário. Foi a localidade em que a resemantização do termo *gaúcho* mais se manifestou.

Porto dos Gaúchos, por sua vez, a primeira das três a ser fundada, tem a menor densidade demográfica e, talvez por estar “afastada” da BR163, é menos suscetível ao fluxo migratório ainda tão constante em Sinop e Sorriso.

Uma situação que surpreendeu positivamente foi o comportamento linguístico de informantes GII teuto-gaúchos. Ao serem perguntados se falavam, além do português, outra língua ou dialeto (questão 09 da parte AI do Questionário), manifestaram o orgulho de serem falantes do hunsrückisch mesmo tão longe da região Sul do Brasil. Na mesma interação conversacional, alguns alternaram entre os dois códigos, mesmo sabendo que esta pesquisa, a princípio, interessa-se pelo “grau de uso” da variedade do português rio-grandense em contato intervareietal nestas áreas de ocupação recente. Responderam primeiro em alemão, depois em português. A alternância de códigos pareceu desempenhar um papel importantíssimo nas relações estabelecidas entre falantes das distintas variedades. Com os ítalo-gaúchos essa experiência não foi vivenciada.

Observações como as descritas recondicionaram o olhar do pesquisador sobre os dados: Será que o tempo de ocupação e o “isolamento” de uma localidade contribuem para a manutenção das marcas do português rio-grandense ou para a “acomodação” de outras formas assimiladas por meio dos contatos linguísticos com outras variedades? Ou ainda, em que medida a questão étnico-cultural interfere no comportamento linguístico dos informantes no que se refere à permanência ou não da variedade do português rio-grandense?

Para tentar elucidar essas dúvidas, adotou-se como primeiro procedimento de análise ouvir os inquiridos e anotar algumas impressões. Logo após, descrever as formas linguísticas manifestadas nas diferentes situações de uso, elaborar cartogramas, para então começar a correlacionar as dimensões inter- e intraindividuais, como se observará no próximo capítulo.

Capítulo 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: O PORTUGUÊS DOS GAÚCHOS “TRANSMIGRADOS”

3.1 Questões preliminares

A análise dos dados e sua organização neste capítulo final orienta-se basicamente pelas perguntas de pesquisa e objetivos deste trabalho, dos quais vale destacar:

- a) o grau de uso (manutenção, variação/alternância e mudança) da variedade do português-gaúcho em território norte mato-grossense: onde se registrou o maior número de variantes linguísticas [+RS] (dimensão diatópica) e quem as empregou mais (dimensões diastrática: Ca e Cb, e diageracional: GI e GII) como resposta espontânea;
- b) o *status* de uso das variantes linguísticas [+RS]: conhecimento ativo, passivo ou desconhecimento das variantes sugeridas ao informante considerando a relação entre as dimensões sociais (dimensões diastrática: Ca e Cb, diageracional: GI e GII e diasssexual: feminino e masculino) e a espacial (dimensão diatópica); e
- c) as dimensões interindividuais (diatópica, diastrática, diageracional e diasssexual) e as intraindividuais (contatual, diafásica e diareferencial) que mais interfeririam no comportamento linguístico dos informantes e atuaram no processo de territorialização⁷² da variedade do português gaúcho no Norte de Mato Grosso;

Para cada variável linguística selecionada se fez a) uma apreciação geral das variantes registradas por meio da aplicação do questionário; b) a identificação das variantes quanto à sua vinculação com a variedade do português-gaúcho e c) uma análise pluridimensional das principais macrotendências observadas quanto ao uso do português [+RS] nas três localidades investigadas (MT01/ Porto dos Gaúchos, MT02/ Sinop e MT03/ Sorriso) a partir dos cruzamentos dos dados de cada parâmetro de análise aqui adotado

⁷² Afirma-se, novamente, que a perspectiva analítica **horizontal** da territorialização foi adotada devido aos três pontos selecionados em Mato Grosso serem caracterizados pelas migrações de diferentes grupos étnico-sociais.

(vide quadro 20).

Ao considerar o número de grupos entrevistados na pesquisa (04 em MT01, 08 em MT02 e 06 em MT03), **cada variável** ocorrerá no máximo 18 (dezoito) vezes. A ausência dos grupos CaGII_dt e CbGI_it em Sorriso fez com que o número de evidência para cada variável seguisse esta escala:

- a) não-ocorrência de variação (100% das respostas na variedade analisada);
- b) entre 0 (zero) e 04 (quatro) ocorrências para o grupo **CaGII** (MT01/CaGII_dt; MT02/CaGII_dt; MT02/CaGII_it e MT03/CaGII_it);
- c) entre 0 (zero) e 05 (cinco) ocorrências para o grupo **CaGI** (MT01/CaGI_dt; MT02/CaGI_dt; MT02/CaGI_it, MT03/CaGI_dt e MT03/CaGI_it);
- d) entre 0 (zero) e 05 (cinco) ocorrências para o grupo **CbGII** (MT01/CbGII_dt; MT02/CbGII_dt; MT02/CbGII_it; MT03/CbGII_dt e MT03/CbGII_it);
- e) entre 0 (zero) e 04 (quatro) ocorrências para o grupo **CbGI** (MT01/CbGI_dt; MT02/CbGI_dt; MT02/CbGI_it e MT03/CbGI_dt);

Assim, elegeram-se 03 (três) intervalos para analisar o grau de uso das variáveis [+RS] ou [-RS] selecionadas em cada grupo para exemplificar a manutenção ou a mudança da variedade original do português-gaúcho em contato com outras variedades regionais do português no Norte de Mato Grosso:

- a) nenhuma ou igual a uma resposta espontânea [+RS] – indício de mudança linguística;
- b) acima de uma e no máximo três respostas espontâneas [+RS] – indício de variação linguística em relação ou à variável [+RS] ou à [-RS];
- c) acima de três e no máximo cinco respostas espontâneas [+RS] – indício de manutenção da variedade do português rio-grandense.

Esta escala de ocorrências contribuiu para a escolha das variáveis linguísticas estudadas neste capítulo

A análise pluridimensional dos dados foi subsidiada pelo conjunto de cartogramas produzidos e apresentados em anexo, por configurarem uma importante ferramenta de apoio capaz de demonstrar macrotendências do comportamento linguístico dos

informantes, ou seja, correlaciona as variáveis identificadas às características de cada um dos pontos de pesquisa a fim de entender como a língua funciona em meio aos condicionamentos sócio-geográficos. A princípio, isso se dará através da análise de dados apontados por mapas analíticos em particular para, finalmente, visualizar e interpretar o que se sobressai no comportamento dos grupos via mapas sintéticos. Das variáveis linguísticas, passaremos às variáveis sociais, que abrangem desde as discussões que envolvem questões relacionadas à territorialização do português na comparação entre os pontos de pesquisa até aquelas que apontam os fatores determinantes no processo de escolha entre uma variante [+RS] e outra [-RS]: idade, sexo, ocupação e escolaridade dos informantes. Por isso, os objetivos e as perguntas de pesquisa serão novamente mencionados a fim de identificar os “pontos chaves” das variáveis que estão em jogo.

Na seleção de variáveis, optou-se por aquelas que pudessem sinalizar tendências de variação, de manutenção ou perda de marcas [+RS] entre os grupos entrevistados. Assim, a variação interna entre os grupos foi um quesito importantíssimo. As variáveis [+RS] 100% ocorrentes entre todos os informantes não serviram para o propósito de interpretar o que condiciona a progressão ou regressão de uma variante linguística do português rio-grandense em território norte mato-grossense.

Entre o conjunto de dados coletados por meio do estilo “resposta ao questionário”, selecionou-se as variáveis fonéticas que permitissem a visualização contrastiva de traços e/ou comportamentos linguísticos bem característicos do português falado no Sul do Brasil em relação às outras regiões. O quadro a seguir traz os fenômenos linguísticos aqui examinados bem como as variantes consideradas [+RS] ou [-RS] a partir dos resultados de estudos sobre o português falado na região Sul do Brasil, sobretudo nas cartas do ALERS (*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*).

Quadro 21 – Variáveis fonéticas investigadas na pesquisa

CONSONANTISMO					
Palatalização das dentais					
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	➔	VARIANTE [-RS]	ITENS DO QUESTIONÁRIO	CARTA DO ALERS
Realização da oclusiva alveolar surda [t] diante de [i]	[ti]	[tʲi]	[tʃi]	QFF 06 – ment <u>i</u> ra QFF 42 – t <u>i</u> o	Carta 29 Carta 28
Realização da oclusiva alveolar surda [t] diante de [e] final átona	[te] [tɾ] [ti]	[tʲe] [tʲɪ]	[tʃe] [tʃɪ]	QFF 08 - no <u>i</u> te QFF 37 - de <u>n</u> te	- -
Realização da oclusiva alveolar sonora [d] diante de [i]	[di]	[dʲi]	[dʒi]	QFF 09 – d <u>i</u> a	Carta 30
Realização da oclusiva alveolar sonora [d] diante de [e] final átona	[de]	[dʲe]	[dʒe]	QFF 10 – ta <u>r</u> de	-
Vibrantes em sub-variáveis					
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	➔	VARIANTE [-RS]	ITENS DO QUESTIONÁRIO	CARTA DO ALERS
Realização da vibrante em posição intervocálica	[r] [r̄]	[x]	[h]	QFF 02 – va <u>r</u> rer QFF 03 – a <u>r</u> roz QFF 19 – ca <u>r</u> ro QFF 34 – bo <u>r</u> racha QFF 44 – so <u>r</u> riso QFF 47 – mo <u>r</u> reu	- - Carta 46 - - -
Realização da vibrante em posição inicial	[r] [r̄]	[x]	[h]	QFF 15 – re <u>v</u> ólver	Carta 44
Realização da vibrante em posição final	[r]		[r̄]	QFF 02 – va <u>r</u> rer QFF 04 – co <u>l</u> her QFF 15 – re <u>v</u> ólver	- - -
Realização da vibrante antes de consoante sonora	[r]		[r̄]	QFF 20 – co <u>r</u> da QFF 21 – fe <u>r</u> vendo	Carta 51 Carta 52
Distribuição da lateral					
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	➔	VARIANTE [-RS]	ITENS DO QUESTIONÁRIO	CARTA DO ALERS
Realização da lateral [l] seguindo consoante na mesma sílaba	[l]		[r]	QFF 12 – bi <u>l</u> icicleta QFF 27 – p <u>l</u> anta	- -
Realização da lateral [l] no final de sílaba	[l] [ɫ]	[r]	[r̄]	QFF 24 – ca <u>l</u> ça QFF 36 – ca <u>l</u> ção	- Carta 37
Realização da lateral palatal sonora [ʎ]	[ʎ] [lj]		[y]	QFF 04 – co <u>l</u> her QFF 13 – o <u>l</u> ho QFF 18 – ve <u>l</u> ho QFF 23 – mi <u>l</u> haral QFF 41 – mu <u>l</u> her QFF 45 – ba <u>r</u> u <u>l</u> ho	- - - - - -

Vocalização da lateral em coda silábica					
Realização da lateral [l] em posição final de sílaba tônica	[l]	[ł]	[w]	QFF 15 – revól <u>ver</u> QFF 24 – cal <u>ça</u>	Carta 39 -
Realização da lateral [l] em posição final de sílaba e palavra	[l]	[ł]	[w]	QFF 05 – sa <u>l</u> QFF 29 – so <u>l</u> QFF 33 – Brasi <u>l</u> QFF 35 – azu <u>l</u> QFF 43 – ane <u>l</u> QFF 23 – milhara <u>l</u>	- - - - - -
Realização da lateral [l] em posição final de sílaba pré tônica	[l]	[ł]	[w]	QFF 36 – cal <u>ção</u>	Carta 37
VOCALISMO					
Ditongação diante de sibilante					
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	➔	VARIANTE [-RS]	ITENS DO QUESTIONÁRIO	CARTA DO ALERS
Realização de ditongação diante de sibilante em monossílabos com vogal [a] antecedente	[as] [aʃ]		[ajs]	QFF 46 – pa <u>z</u>	Carta 01
Realização de ditongação diante de sibilante em monossílabos com vogal [e] antecedente	[es] [eʃ]		[ejs]	QFF 30 – de <u>z</u>	Carta 04
	[es] [eʃ] [ejs]		[ejs]	QFF 11 – trê <u>s</u>	Carta 03
Realização de ditongação diante de sibilante em monossílabos com vogal [u] antecedente	[us]		[ujs]	QFF 17 – cru <u>z</u>	Carta 02
Ditongação nasal					
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	➔	VARIANTE [-RS]	ITENS DO QUESTIONÁRIO	CARTA DO ALERS
Realização do ditongo decrescente nasal –ão tônico final	[ãw̃] [õw̃] [õ]		[ãw]	QFF 16 – procissã <u>o</u>	Carta 22
	[ãw̃] [õw̃] [õ]		[ãw]	QFF 36 – cal <u>ção</u>	Carta 21

Fonte: elaborado pela autora.

Embora se tenha cartografado todas as respostas espontâneas dos informantes ao questionário semântico-lexical (QSL), apenas alguns itens lexicais foram tratados neste capítulo. A escolha considerou as variáveis linguísticas que provocaram comentários, por exemplo, a respeito da língua, da etnia e da cultura dos informantes ainda vinculados à *heimat* (terra natal) e, conseqüentemente, permitiram a discussão sobre o *status* de uso de algumas variantes linguísticas [+RS]. Eis as variáveis eleitas:

Quadro 22 – Variáveis lexicais analisadas

VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	➔	VARIANTE [-RS]	ITENS DO QUESTIONÁRIO	CARTA DO ALERS
orvalho	sereno		orvalho	QSL 01	Carta 32
tangerina	bergamota		mexerica	QSL 02	Carta 62
mandioca	mandioca		macaxeira	QSL 03	-
arar/lavrar	lavar		arar	QSL 05	Carta 109
urubu	corvo		urubu	QSL 08	Carta 67
chifre	aspa		chifre	QSL 10	Carta 79
rabo	cola		rabo	QSL 11	Carta 78
meleca/tatu	ranho		meleca	QSL 12	Carta 204
baile	fandango		baile	QSL 16	-
gaúcho	gaúcho		gaúcho cansado	QSL 18	-
índio	bugre		índio	QSL 26	Carta 240
saci-pererê	negrinho do pastoreio ⁷³		saci	QSL 29	Carta 296
xará	tocaio		xará	QSL 30	Carta 292
bar/boteco	bodega		bar	QSL 31	Carta 355
cabra-cega	gata-cega		cabra-cega	QSL 36	Carta 306
amarelinha	sapata		amarelinha	QSL 37	Carta 311
jogo do osso	jogo do osso		jogo de tava	QSL 38	Carta 323
fuligem	picumã		fuligem	QSL 39	Carta 337
geleia para pão	chimia		geleia	QSL 42	Carta 357
filho mais moço	nenê		caçula	QSL 44	Carta 337

⁷³ Embora se reconheça que *negrinho do pastoreio* e *saci-pererê* não representem o mesmo personagem no folclore brasileiro, respeitou-se os dados trazidos na carta 296 do ALERS (2011b, p.683), em que ambas as formas nomearam o mesmo referente (“Contam estórias de um negrinho de uma perna só, com cachimbo na boca. Que nome dão a ele?” – Pergunta 500 do questionário semântico-lexical do ALERS (2011b, p.50)). Segundo Bossle (2003, p.353), *negrinho do pastoreio* era escravo em uma estância e morreu de maus tratos, já que o estanceiro o colora nu, dentro de um formigueiro, como punição por ter perdido animais que estavam aos seus cuidados. Diz a lenda que o *negrinho* fora curado, milagrosamente, dos ferimentos e se ergueu em direção ao céu. Desde então, acredita-se que o *negrinho do pastoreio* ajuda as pessoas a encontrarem animais e coisas perdidas sempre que for invocado, mediante a promessa de oferendas de toquinhos de vela e pedaços de fumo.

semáforo	sinaleira		semáforo	QSL 46	-
----------	-----------	--	----------	--------	---

Fonte: elaborado pela autora.

Do questionário morfossintático, escolheu-se a pergunta sobre o uso do pronome *tu* ou *você* para se referir ao irmão, pois fora aquela em que se observou um alto grau de alternância das formas pelos informantes ora no estilo “resposta ao questionário” ora no estilo “conversa livre” (dimensão diafásica).

Apresentados os parâmetros adotados, passemos para a análise dos dados propriamente dita.

3.2 Variação do português gaúcho em contato intervaretoal: variáveis linguísticas

A sequência de variáveis linguísticas eleitas para análise obedeceu à ordem do questionário aplicado nesta pesquisa: primeiro as variáveis fonéticas, depois as lexicais e, em seguida, das morfossintáticas.

3.2.1 Variáveis fonéticas⁷⁴

a) Palatalização das dentais

Na língua portuguesa, as consoantes [t] e [d] admitem duas variantes: a oclusiva e a africada. Silva (2009, p. 131) afirma que essas consoantes dentais podem apresentar duas possibilidades de realizações: [tʃ] e [dʒ] se seguidas da vogal [i] e suas variantes [ĩ, ɪ], independente de qual seja a posição em que ocorram numa palavra (inicial como em [tʃ]io e [dʒ]ia; medial como em men[tʃ]ira e po[dʒ]ido ou final como em pá[tʃ]io), o que não acontece necessariamente com as demais vogais.

No entanto, resultados de estudos como o da variedade do português de contato com adstratos alemão e italiano (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011, p. 299) e as cartas fonéticas 28 (tio), 29 (mentira) e 30 (dia) do ALERS (2011a, p. 187-193) apontam a ausência de palatalização das consoantes [t] e [d] diante de [i] como um comportamento linguístico comum entre os falantes da região Sul do Brasil, que também

⁷⁴ Neste trabalho, o método empregado para a análise de variáveis fonéticas permitirá uma visão geral, abrangente, inclusiva, o que implicará algumas simplificações. Vale reiterar que a variedade do português gaúcho aqui tomado como parâmetro é a rural, registrada pelo ALERS (2011a) por meio da fala de adultos, menos escolarizados.

usam a variante oclusiva alveolar surda levemente africada [t^f], tida como regra de transição entre o português de contato com línguas de imigração como o italiano e o português padrão (MARGOTTI, 2004, p. 182).

Os cartogramas 01 e 02, que tratam da realização da oclusiva alveolar surda [t] seguida de [i], revelam o seguinte:

1. O grupo GII, independente da escolaridade, mantém mais as marcas da matriz de origem ([t][t^f]) do que os jovens (GI), que optaram prioritariamente pela palatalização e, conseqüentemente, parecem estar mais propícios à mudança em relação ao uso da variedade [+RS];
2. Se considerarmos a cronologia dos processos migratórios em cada um dos pontos investigados e o grau de manutenção da variedade [+RS], percebe-se no comportamento linguístico do grupo GII de Porto dos Gaúchos e de Sinop a alternância entre o uso da variedade [+RS]: [t] e da [-RS]: [t^f], enquanto em Sorriso, não se registra nenhum caso de palatalização;
3. se compararmos as respostas dadas pelo grupo GII dos ítalo-gaúchos vs. o GII dos teuto-gaúchos (vide cartogramas 01 e 02), a ausência da palatalização é mais recorrente entre os descendentes de italianos, todos pertencentes à classe Cb;

Sobre a palatalização da oclusiva alveolar surda, vejamos o comentário da informante do grupo CaGII_it de Sorriso:

Inf.2- A noi[t^fi]. Ah... o [e] aqui é muito pro [i], não sei se tu percebeste. É noi[t^fi].

Inf.1- noi[t^fi].

Inf.2- É noi noi[t^fi].. E ele é mais do que eu ainda. Eu ainda não tinha... Lei[te] quen[te], né?! Ele já é lei[t^fi] quen[t^fi] (risos). Isso ai do[te] é italiano, né?! O [te]. Eu sou muito do [te] ainda (...) (MT03_CaGII_it).

Quanto à produtividade da africacão da oclusiva alveolar sonora [d], se tomarmos como parâmetro a carta 30 (dia) do ALERS (2011a, p.193), é perceptível a hegemonia de [d] na região Sul do Brasil. Há, inclusive, um baixo índice da oclusiva alveolar sonora levemente africada [d^f]. Em Mato Grosso, no entanto, o comportamento é inversamente proporcional ao apresentado na carta do ALERS e semelhante ao já pontuado quanto à

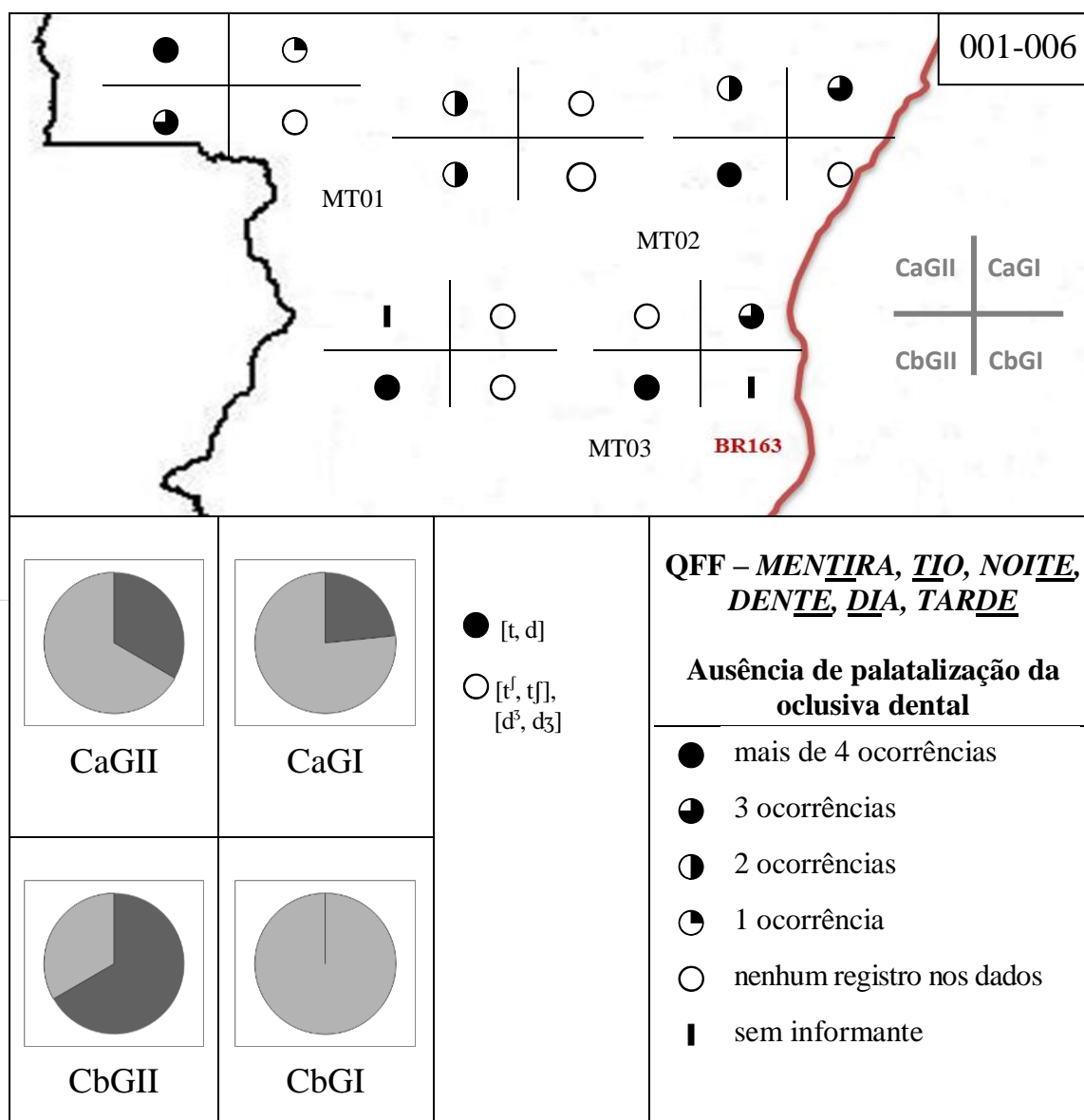
palatalização de [t] diante de [i], como se observa no cartograma 05.

Já as análises que incidiram sobre a realização das oclusivas alveolares [t] e [d] antes de [e] (cf. cartogramas 03 (noite), 04 (dente) e 06 (tarde)) não apontaram um comportamento muito diferente ao já comentado acima:

1. também registra a não-ocorrência de variação no grupo CbGI, que optou pela forma africada;
2. a alta produtividade de coocorrência das formas [+RS] ([t][t^ʃ][d]) com as[-RS] ([tʃ][dʒ]), que em Sinop (MT02) apresenta a maior variação entre os grupos, talvez por ser a localidade que ainda permaneça recebendo um grande fluxo de migrantes e, conseqüentemente, o aumento do contato linguístico entre diferentes variedades regionais do português resulte na maior diversidade;
3. a manutenção das marcas [+RS] pelos grupos CaGII e e CbGII;
4. um processo de mudança em curso, em que a variante linguística do português gaúcho parece “regredir” gradualmente entre os informantes GII ([t] >[t^ʃ], [d] >[d^ʃ]), principalmente nos pontos de pesquisa MT01 e MT02. Na fala dos mais jovens, a forma [+RS] aparece esporadicamente. Em Sorriso, talvez a permanência se justifique por ser essa localidade a de ocupação mais recente se comparado às outras.

Há uma pequena diferença notada quanto à realização das oclusivas alveolares: a palatalização e as formas levemente africadas ocorrem com mais frequência entre [t] e [d] diante de [i] do que em contextos em que as consoantes são seguidas da vogal átona final [e]. Veja o cartograma-síntese quanto à ausência de palatalização da dental.

Cartograma 001-006 – Ausência de palatalização da dental



© C. Figueiredo (2014)

b) Realização da vibrante

Os sons correspondentes ao “r” ortográfico têm um comportamento extremamente variável na língua portuguesa a depender do ambiente ou contexto de uso. Nesta pesquisa, elegemos o estudo da realização da vibrante ora em posição inicial, ora intervocálica ora final por encontrarmos na representação fonética desta variável pares bem distintivos entre as variantes [+RS] e as [-RS]. Foi o item que mais gerou comentários entre os informantes, principalmente quanto à alternância de uso entre as formas e a percepção da divergência na fala do português dos sulistas em oposição aos grupos advindos de outros lugares do Brasil.

No conjunto de cartogramas 07, 08, 09, 10, 11 e 12, a vibrante alveolar sonora [r] e a tepe alveolar sonora [ɾ] competiram com a marca menos recorrente no Sul: a fricativa dorso-velar surda [x], bem produtiva no norte de Mato Grosso. Notou-se um processo de mudança em curso: a assimilação e o uso da forma [-RS] são diagnosticados em todos os grupos. No entanto, vale registrar algumas curiosidades:

1. entre os informantes do grupo GII de MT01 e de MT03, a manutenção da vibrante alveolar sonora é bem marcante. E se considerarmos os diferentes grupos étnicos entrevistados, os ítalo-gaúchos do grupo CbGII também se destacam por essa característica:

Inf.2- A[r]oz
 Inf.1- A[r]oz
 Pesq.- Vocês chegaram a plantar?
 Inf.1- Plantemo
 Inf.2- Muito!
 Pesq.- Porque me parece que a terra era bem ácida, né?!
 Inf.1- É.
 Inf.2- É, mas aqui dava bem o a[r]oz
 Inf.1- É aqui ainda hoje, né?! Se tu abri uma terra, por exemplo, começa, tem que planta um ano a[r]oz, né?! Ou dois até.
 Pesq.- Eu vi que o símbolo é arroz e café na bandeira de Sinop.
 Inf.1-Issó (MT02_CbGII_it)

2. ao serem inquiridos sobre “o que se come no almoço, uns grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?”, todos os informantes responderam “arroz” utilizando ou a vibrante alveolar sonora (08 ocorrências entre os GII e 08 entre os GI) ou a tepe alveolar sonora (07 ocorrências entre os GII e 05 entre os GI), comportamento que não fora necessariamente repetido nas outras respostas recolhidas;
3. embora Porto dos Gaúchos seja a localidade mais antiga dentre os pontos pesquisados, foi a que mais manteve “coerência” (não alternância) no comportamento linguístico dos informantes masculinos de GII. Exceto na pronúncia de “varrer”, em que os dois representantes do grupo CaGII_dt de MT03 usaram [ɾ], a vibrante foi exclusiva! Os casos em que se registraram as outras variantes ([ɾ][x]) juntamente com a marca [+RS] foram na fala da informante feminina do grupo CbGII_dt (cf. cartogramas 07, 08, 09 e 10). Em contrapartida, MT02 foi o ponto onde mais se “incorporou” o [x]. Já em Sorriso, a coexistência de formas chama a atenção. Alguns fragmentos de entrevistas realizadas nessa

localidade exemplificarão melhor o que dissemos. No primeiro, o reconhecimento das diferentes maneiras de se realizar o “r” vinculados às diferentes variedades regionais do português:

Inf.2- Eu, as vezes, falo os e[x]es, muitos e[r]es. O R. ((filho da informante)) que gosta de me...falo maca[r]onada. Como é que é mãe? Eles já falam [x], né?! [x] ao invés do [r]. O gaúcho, as vezes, aquele... que não põe mais o erre brando, mas põe o erre forte, né?! (MT03_CaGI_it).

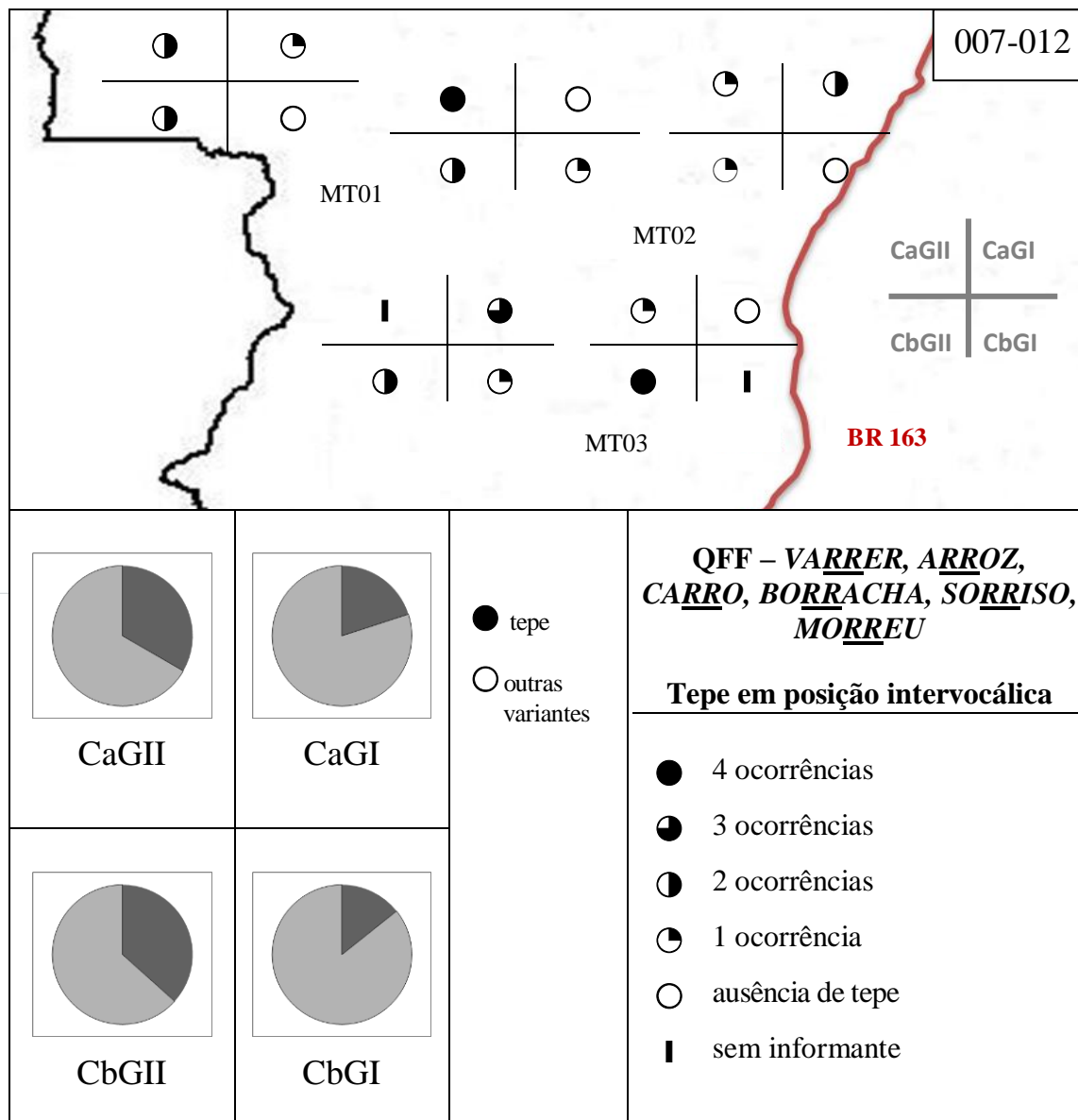
No próximo excerto, duas variáveis “competem” na fala do jovem do grupo CbGI_dt, talvez pelo fato do informante a) ter vivido a maior parte da sua vida na área rural, já que os familiares são agricultores (quanto menor o contato linguístico, mais propenso ao “conservadorismo” das marcas gaúchas), e b) por namorar uma jovem nascida e criada na zona urbana de Sorriso:

Inf.2- Va[x]er.
 Inf.1- (risos)
 Inf.2- Fala!
 Pesq.-Mas eu quero saber mesmo! Não fique tímido!
 Inf.1- Então... esta semana nós tava comentando...
 Inf.2- É que ele puxa bastante
 Inf.1- Daí eu falei [b]a[r]e.
 Pesq.- Isso é o que eu quero saber.
 Inf.1- Tipo... aí ela até me co[x]igiu. Ela me co[r]ige bastante
 Inf.2- Não. É que eu falo assim. É ... por exemplo, chu[x]asco. Fala chu[x]asco.
 Inf.1- Chu[x]asco
 Inf.2- Não. Ele puxa. Aí eu falo, falo: chu[x]asco! Ele, chu[r]asco!
 Pesq.- Não. Mas eu quero saber mesmo como você diz
 Inf.1- Ah... porque tipo...
 Pesq.- A minha intenção é esta: ver se ainda mantêm ou não...
 Inf.1- Só que não é toda vez que eu puxo o e[x]e. Tem hora que fala direito, tem hora que sai.. (MT03_CbGI_dt).

Inf.1- Bo[x]acha ((pausa)). Bo[r]acha (risos)
 Pesq.- Você diz mais o que bo[r]acha ou bo[x]acha?
 Inf.1- É...mais é os dois que...que vai e pronuncia... Não. É bo[x]acha (MT03_CbGI_dt)

A seguir, uma síntese quanto à realização de tepe em posição intervocálica.

Cartograma 007-012 – Tepe em posição intervocálica



© C. Figueiredo (2014)

Os dados coletados quanto à realização da vibrante antes de consoante sonora exemplificam um outro processo de progressão de uma forma [-RS]: a substituição da tepe alveolar sonora [r] pela flap retroflexa sonora [ɾ]. Os teuto-gaúchos, independentemente de grupo ou classe, aderiram à forma retroflexa enquanto os ítalo permanecem utilizando ou a vibrante alveolar sonora [r] ou a tepe alveolar sonora [r] (cf. cartogramas 16 e 17). Mais uma vez, o grupo CbGII “resiste” às mudanças, sobretudo, os de ascendência italiana.

c) Realização da lateral

Embora não tenha ocorrido rotacismo (> mudança), comentaremos a realização da lateral [l] em “bicicleta” e “planta” na fala de todos os informantes (cf. cartogramas 18 e 19), pois houve alguns comentários que associaram a troca dos fonemas [l] por [r] aos grupos que não migraram do Sul como, por exemplo, em:

Inf.2- Bici[l]eta. Mas tem a bici[r]eta aqui também. O [kle] tem muita dificuldade de ser dito aqui. Não sei quem mais traz isto aqui, se o cuiabano traz isto pra cá ... O cuiabano traz essa cultura aqui pra nós do [kre] (MT03_CaGII_it).

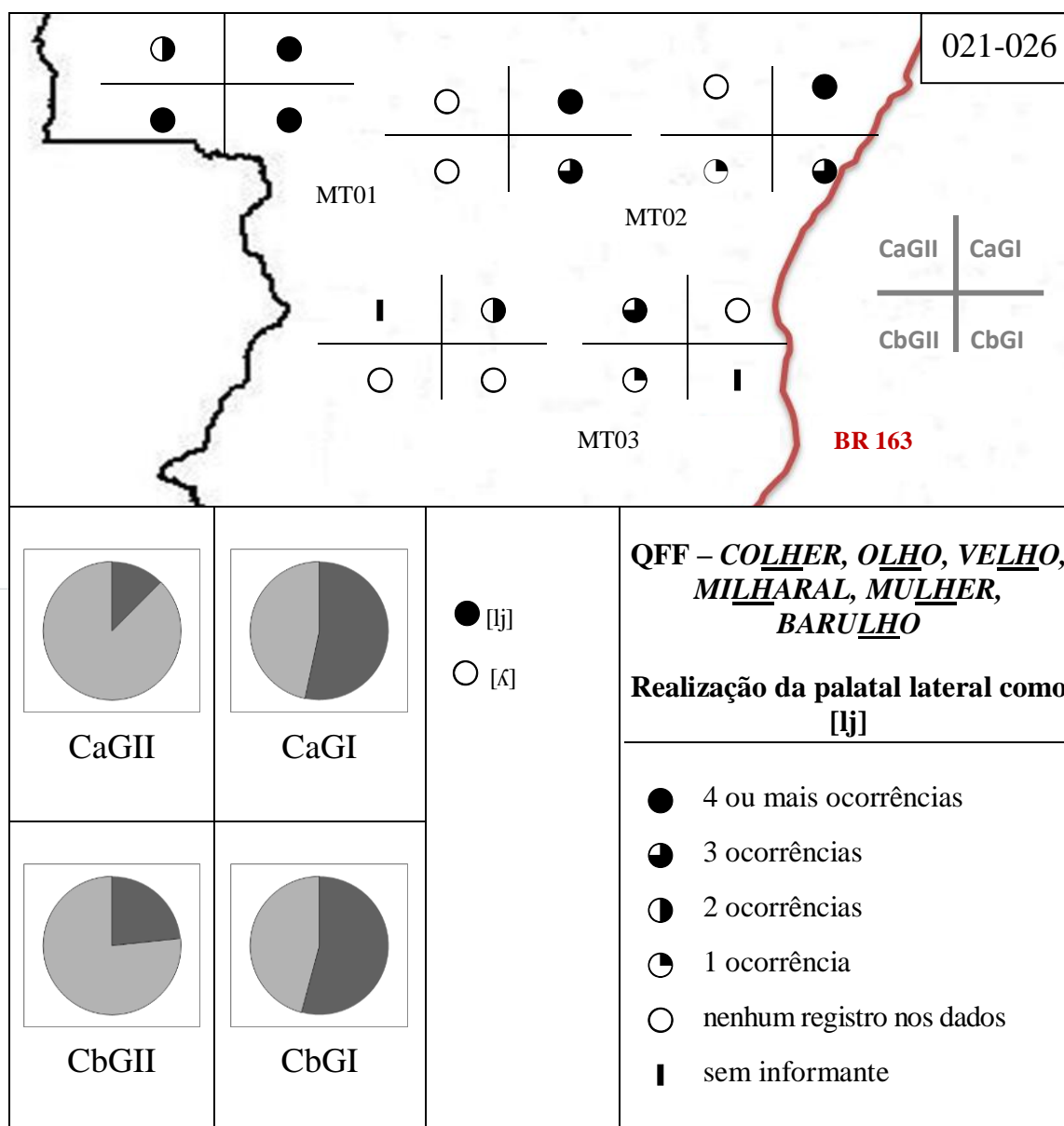
Situação semelhante ocorreu com a realização da lateral palatal sonora [ʎ] e de sua variante [lj] (lateral alveolar palatalizada). Não houve a vocalização da lateral palatal [y] (cf. cartogramas 21 a 26), mas veja o que comentam os informantes CaGII_it de MT02 e de MT03 sobre o que observam na fala do outro:

Inf. 2- Mi[ʎ]aral (...) eu falo assim, mas tem povo que fala m[y]aral (MT02_CaGII_it).

Inf.1- Tu que saber uma coisa engraçada que falo pra ela? Como faço exame do Detran, então uma das coisas que tu precisa saber pra dirigir, tu tem que identificar o vermelho, o amarelo e o verde. Falam verme[y]o, marelo e ve[r]de (MT03_CaGII_it).

Parece que o rotacismo e o “yeísmo”, além do apagamento da vogal inicial em “amarelo” e o uso do retroflexo antes da consoante sonora [d], serviram para marcar características daqueles que não são sulistas.

Cartograma 021-026 – Realização da lateral palatal como [lj]



© C. Figueiredo (2014)

Após comentarmos a manutenção de comportamentos linguísticos reconhecidos pelos informantes como comuns aos sulistas, passaremos a progressão da vocalização da lateral em coda silábica que, diante do que fora registrado nas cartas 37 e 39 do ALERS, contraria as variantes consideradas [+RS]: [l] (lateral alveolar sonora) e [ʎ] (lateral velar sonora) (vide cartogramas 20, 27 a 33):

1. a lateral se mantém constante, seja alveolar ou velarizada, apenas no grupo CbGII, e quando houve casos em que a variante [+RS] aparecia na mesma entrevista em se

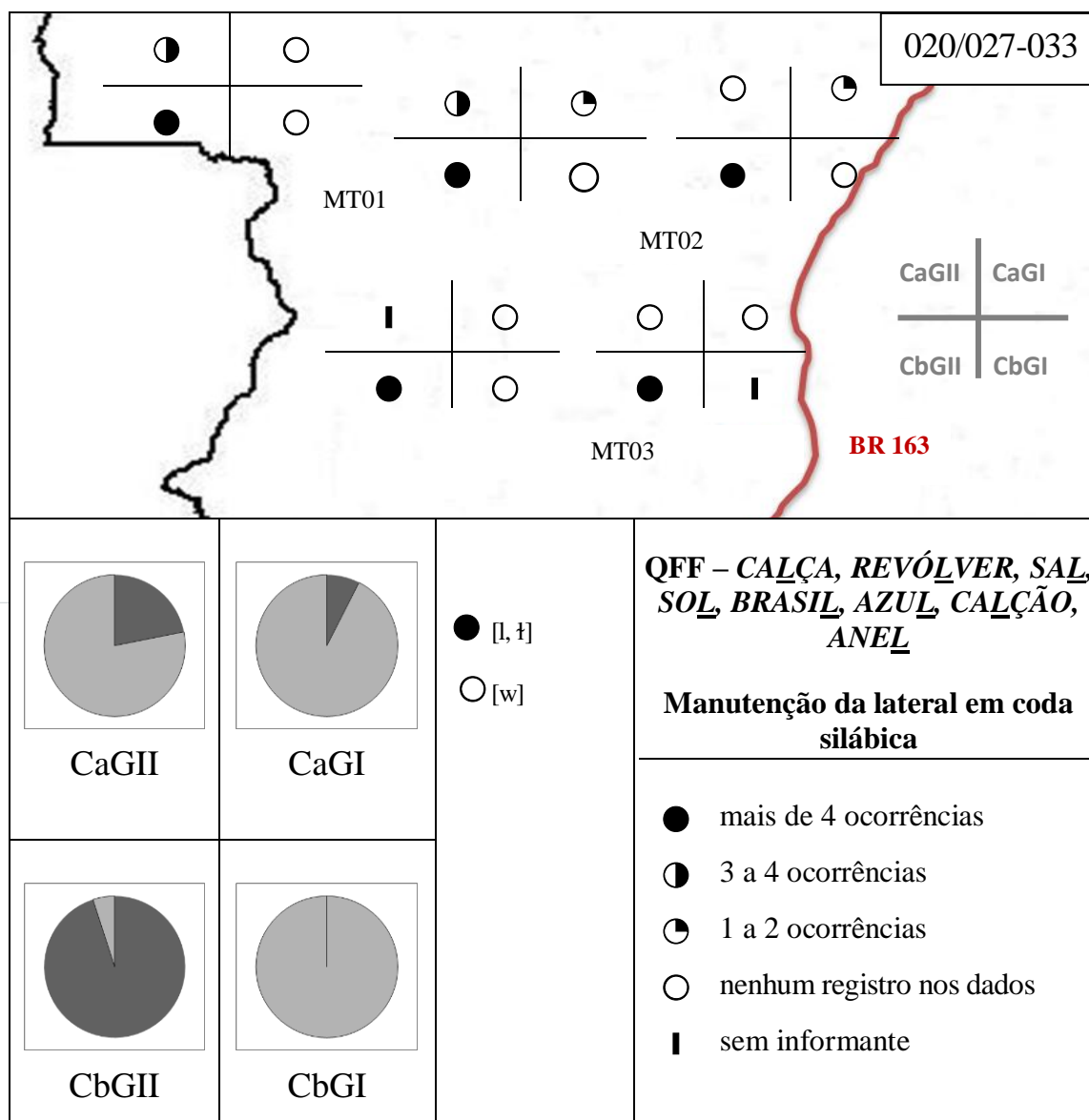
registrou a semigoyal velar [w], perguntava se percebiam o uso divergente das variantes. A confirmação dos dados se dava por meio de comentários como o transcrito a seguir:

Inf.1- Sa[l]

Inf.2- O C. diz sa[l], mas eu falo sa[w]. Sa[w]!

2. não se observa diferenças significativas entre os informantes das três localidades de pesquisa: a vocalização ocorre em maior proporção entre os CbGI e CaGI e com maior índice de coocorrência das variantes [w] e [l] / [ł] entre os CaGII ;
3. aqui, também, evidencia-se no grupo GI a mudança/ substituição para a variante [-RS]: [w]. Apenas entre os ítalo-gaúchos do grupo CaGI_it de MT02, uma vez ou outra, se registrou a lateral, pois a informante acompanha o esposo nas viagens semestrais que fazem para Cruz Alta – RS, para finalizar uma especialização, ou seja o contato linguístico com a variedade linguística do português gaúcho ainda é latente;

Cartograma 020/027-033 – Manutenção da lateral em coda silábica



© C. Figueiredo (2014)

d) Vogal diante de sibilante

Verificamos a realização da vogal diante da sibilante em monossílabos com [a], [e] e [u] antecedente:

1. houve a manutenção do padrão vocálico [+RS], ou seja, a ditongação da vogal não se impôs, como se pode verificar nos cartogramas 34 (paz), 35 (dez), 36 (três) e 37 (cruz). Os resultados convergiram com a descrição trazida nas cartas fonéticas 01, 02, 03 e 04 do ALERS correspondentes aos mesmos referentes aqui estudados;

2. os casos em que apareceram a semivogal palatal [js] propriamente dita ou em posição de transição entre ditongos decrescentes ['js] foram inventariados em MT02 (CaGII, CaGI e CbGII) e MT03 (CbGII e CbGI) como realizações coexistentes à marca [+RS]. Em todos esses, exceto no grupo CbGII_it de MT02 em que os informantes masculino e feminino responderam tr[ejs], a ditongação foi realizada por mulheres, que parecem ser mais predispostas à perda de variantes [+RS];
3. diferentemente do que se tinha verificado até agora, o grupo CbGII inovou mais que os outros;
4. em Sinop foram os teuto-gaúchos o grupo étnico que propendeu à mudança para o ditongo;
5. nenhum caso de ditongação referente à realização da vogal diante da sibilante em monossílabos com [u] antecedente;
6. e, por fim, a constatação de que embora se tenha mantido a variante do português gaúcho, os poucos casos de ditongação se deram nos pontos de pesquisa com maior grau de urbanização e que ainda recebem intensos fluxos migratórios por estarem “rente” a BR-163, que liga a capital de Mato Grosso, Cuiabá, à Santarém.

De acordo com os informantes do grupo CaGII_it de MT03, a ditongação de vogais diante de sibilante é comum entre os mato-grossenses, mas não entre sulistas:

Inf.2- Tr[es]. Tr[ejs] também, né?! Mas nós não costumamos dizer (...)
Aí quando a gente fala alguma coisa, um corrige também o outro, quando acontece. O R. ((filho da informante)) que, as vezes, vem com uns amigos da faculdade. Eles fazem Agronomia. E então, a gauchada... eles acham que até falar meio enroscado identifica um pouco o curso. Como é mesmo que ele diz o Tr[es]?

Inf.1- Tr[ejs] pila.

Inf.2- Deu dois, tr[ejs] cada um. Fala como?! Sabe, as vezes, vem com essas coisinhas meio que pra se identificar ... pra ser igual (MT03_CaGII_it).

Mais um exemplo da consciência linguística quanto à variação do português. Existem variedades regionais distintas e optar por uma ou outra, dependendo do “papel” que exercem sobre aquele meio, é uma prática comum e talvez até inconsciente dos falantes.

e) Realização do ditongo nasal -ão

Esta variável foi escolhida para que pudéssemos averiguar a permanência das diferenças na realização do ditongo decrescente nasal tônico final –ão entre os informantes ítalo e teuto-gaúchos. Resultados de estudos sobre o português falado no sul do Brasil como o ALERS e Margotti (2004) indicam a monotongação [õ] como algo mais recorrente entre os descendentes de ítalo-brasileiros. Margotti (2004, p. 221), chama atenção para as possíveis variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem ter colaborado para esta variação:

A elevada diferença na realização da variante [+ptg] na pronúncia do ditongo, entre falantes mais velhos e mais jovens ((estava se referindo aos informantes de sua pesquisa)), pode ainda ter como causa a existência, em português, de vocábulos com sílaba final [om] e [on], como é o caso de *bom*, *bombom*, *cupom*, etc. Ocorre que os falantes mais velhos, tanto ítalo-brasileiros quanto luso-brasileiros, são os menos escolarizados e, em não conhecendo as diferenças.

Em Mato Grosso, tanto [õw̃] como [õ] foram usados na fala dos migrantes CbGII de MT02 e MT03. Trata-se de uma ocorrência comum aos dois grupos étnicos selecionados e não exclusivo aos ítalo-gaúchos como se imaginava. Passemos às variáveis lexicais.

3.2.2 Variáveis lexicais

As quarenta e sete perguntas previstas no questionário semântico-lexical foram cartografadas. Selecionamos aquelas em que os processos de progressão ou regressão das variantes [+RS] são mais perceptíveis. Entre as variáveis linguísticas comentaremos, primeiramente, alguns casos em que a predominância da marca [+RS] está vinculada aos hábitos socioculturais dos informantes como “tomar chimarrão e comer cuca com chimia”. Noutro momento, alguns exemplos em que as variantes gaúchas foram fadadas, diante da competição travada com outras variedades regionais do português, à lembrança e ao uso esporádico pelos informantes, em situações mais específicas e entre seus pares: “Tociao, que cheiro de asa é esse! Fede como corvo”, e, por fim, um mapa síntese pluridimensional com o índice de ocorrência das variantes lexicais com marca [+RS] demonstradas no quadro 22.

a) “*Tomar chimarrão e comer cuca com chimia*”: casos de manutenção lexical da variável [+RS]

O cartograma 82, que traz as designações para a bebida preparada com erva-mate e água quente ou leite (QSL 43), revela o esperado: todos mencionaram chimarrão e mate para nomear a prática descrita. Se considerarmos as condições climáticas da região Norte de Mato Grosso⁷⁵, caracterizada pelas elevadas temperaturas, o costume de tomar erva mate com água quente poderia ser substituído pela prática do tererê (com água bem gelada). Um dos relatos transcritos ajudam a compreender o chimarrão neste contexto:

Inf.2- ((tomar chimarrão)) Não é uma tradição minha. Minha vó e meu vô, todos os dias de manhã é chimarrão, antes do café da manhã. Café da manhã é 8h e das 7 às 8h, chimarrão. De noite, a mesma coisa. A novela das 7h é chimarrão e balinha.

Inf.1- Meus avós também. É de manhã, no meio dia, de tarde, de noite. Se chegar gente lá...chimarrão!

Inf.2- Meu avô, num calor que tá dando, toma chimarrão. E a gente não. A gente é tudo gelo e tererê. Aqui em casa até tem cuia só que ninguém faz. A minha mãe quando quer tomar vai lá, né?! Mas a gente não toma. Não tem nem como!

Pesq.-Você chama tererê ou tereré?

Inf.2- Tererê

Inf.1- Tererê, teres..

Inf.2- Como é lá?

Pesq.- Tereré

Inf.2- Eu nunca tinha ouvido falar tereré.

Inf.1- É tereré! É acentuado, só que nós não pronuncia, não pronunciamo. Fala tererê (MT03_CbGII_dt).

O costume se mantém conhecido entre todos os grupos, no entanto, não é praticado com regularidade por todos os informantes. Há um fator preponderante neste caso: o tempo de criação de cada ponto de pesquisa. Em MT01 nem os pertencentes ao grupo GII tomam chimarrão diariamente: só eventualmente ou quando “chega uma visita”. Um dos informantes de CaGII_dt de Porto dos Gaúchos declara que embora os pais tomassem diariamente, “não aprendeu” a tomar chimarrão e prefere “tererê”. Em MT02, CbGII_it é o único grupo entre os ítalo-gaúchos que tomam o mate todos os dias pela manhã, assim como os dos grupos GII de teuto-gaúchos. Nesta localidade, assim como ocorrera em

⁷⁵ A distribuição das chuvas no decorrer do ano evidencia o caráter tropical da área, com duas estações bem definidas, uma seca e outra chuvosa. Esse caráter é mais nítido na metade Sul do Estado [Mato Grosso], em que se alternam um período seco, de inverno-primavera e um período chuvoso, de verão-outono, que concentra cerca de 70% dos totais de chuva. Na metade Norte, o período seco diminui gradualmente, atingindo dois meses (junho-julho) no extremo NW de Mato Grosso (⁷⁵Informação disponível na página *Portal Mato Grosso* in: <http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=267&cid=1208>. Acesso em 12 out. 2014)

MT01, os jovens preferem o “tererê” ao chimarrão. Apenas em MT03, a exemplo do relato, a bebida com água quente é servida mais de uma vez ao dia em todos os grupos GII (independente da origem étnica) e os informantes do GI alternam entre o chimarrão e o “tererê”.

Já o cartograma 80 revela que mesmo sendo uma variante de origem hunsriqueana, os ítalo-gaúchos incorporaram *cuca* ao seu repertório lexical e ao hábito cultural. Trata-se de um dos exemplos de transferência generalizada do dialeto alemão para o português. Nas entrevistas com os grupos teuto de MT02 e MT03, os informantes da GII conhecem e fazem questão de mencionar a forma em alemão *Kuchen*. Esses ainda disseram comer *cuca*, sempre que podem, durante os churrascos, enquanto os ítalos admitem comê-la apenas nos lanches da manhã ou da tarde. Para o churrasco, fazem maionese.

O cartograma 81 referente à nomeação da “pasta feita de fruta para passar no pão, biscoito” (QSL 42) foi escolhida por ser um exemplo interessante de manutenção de uma variante [+RS] no Norte de Mato Grosso. Todos os informantes mencionaram espontaneamente *chimia*. Geleia e doce de fruta, também citadas, foram associadas como variantes usadas por outros grupos de falantes, que não os migrantes sulistas. O contato linguístico entre as diferentes variedades do português resultou na incorporação das duas formas ao repertório dos entrevistados.

A presença da variante *chimia* na fala de todos os grupos parece impedir uma correlação entre as dimensões interindividuais. No entanto, se considerar a coexistência de outras variantes essa visão muda. Foi uma das questões que mais gerou comentários ora para diferenciar *geleia* de *chimia* (mais recorrente entre os grupos GII), ora para reconhecê-las como sinônimos, ora para discutir o seu uso dependendo do interlocutor da interação comunicativa (alternância entre diferentes variantes), ora como constatação de um empréstimo linguístico do alemão. O excerto a seguir, fragmento da entrevista do grupo CaGI_it de Sinop (MT 02), exemplifica boa parte das situações citadas:

Inf.1- Geleia, chimia.

Inf.2 – Geleia, chimia.

Pesq. – Ainda continuam falando chimia?

Inf.2 – Nós falamos chimia, mas convivendo com eles, comecei a falar geleia, mas sempre fala também chimia. [...]

Inf.1 – Já ouviu falar *schimier*?

Inf.2 – *Schimier*.

Inf.1- Que é do alemão.

Inf.2 – É chimia lá em casa.

Pesq.- Uma outra coisa que descobri nesta pesquisa, é que geleia é feita com o suco da fruta, não é com pedaços da fruta como a chimia tem. Faz diferença pra vocês isso?

Inf.2 – Pra mim não.

Inf.1 – Aqui também vendem doce de fruta que a gente Quando a gente lidava na fazenda, o ... tem o pessoal que fazia doce de ... doce..., também tinha assim, mas pra mim sempre foi chimia. (MT02_CaGI_it)

Em Sinop, o informante CbGI_it associa também a manutenção dessa marca linguística à logística dos donos de estabelecimentos comerciais como mercados e padarias, que permanecem nomeando as seções de “pastas de frutas” como *chimia*.

O fato é que a variante da matriz de origem resiste no novo meio. Observe o cartograma 81 em comparação à parte da carta do ALERS correspondente à área de onde migraram a maioria dos informantes.

A presença de *chimia* em todos os pontos talvez se justifique pelo fato de ser a variante predominante na área de onde migraram os informantes. O vínculo com a *heimat* permanece por meio do uso constante da marca [+RS] por haver um grupo representativo de falantes. Em contrapartida, a informante CaGII_it de Sinop, por ser a única oriunda de Rio do Sul (SC), ponto 523 do ALERS, menciona a variante *musse* como uma lembrança afetiva da forma usada pela mãe:

Inf.2- *Chimia*. Falo *chimia* [...]. Olha... é muito engraçado. A minha mãe chamava *musse, musse*. A gente também chamava *marmelada* ou *geleia* dependendo. Tem uma diferença: a *geleia* é aquela só líquida, que não tem os pedaços. Aí tem a *chimia* que é alemão. E a minha mãe chamava de *musse, musse* de passar no pão ou *marmelada* se fosse feito de marmelo, no caso (MT02_CaGI_it).

Os dados ainda apontam a ocorrência de variação linguística em todos os grupos do ponto MT01, de forma praticamente idêntica. Outra constatação, partindo do cartograma 81, é a de que entre os onze grupos relacionados à ascendência alemã, a alternância das formas não parece tão significativa se a classe sócio-cultural for considerada, a não ser pela presença da variante doce de fruta se manifestar apenas entre os informantes Ca. Nesse último perfil entre os ítalo-gaúchos, ao contrário do que ocorre com os teuto, a variação linguística se mostra bem menos produtiva.

b) “*Tocaio, que cheiro de asa é esse! Fede como corvo*”: formas [+RS] relegadas ao passado?

Para nomear “a pessoa que tem o mesmo nome da gente” (QSL 30), os informantes responderam ou a variante considerada [+RS]: *tocaio* ou a [-RS]: *xará*, por ser a forma mais generalizada deste referente. Contrariamente ao que se apresenta no mapa 292 do ALERS, a variante predominante é *xará* (cf. cartograma 69). *Tocaio* é coocorrente em GI em MT01, CbGII e Ca em MT02, e exclusiva em GII em MT03. Não temos explicação para um comportamento tão divergente. Talvez isso tenha a ver as relações interétnicas que se acentuaram com a facilidade de comunicação entre vias terrestres e por que não via internet?

Ao sugerir a forma *tocaio* (cartograma 69a), observa-se uma incidência muito grande de desconhecimento dessa variante entre os jovens. Os informantes do grupo GII (CaGII_dt/MT01; CbGII_it/MT02 e CbGII_dt/MT03), por sua vez, admitem conhecê-la e usá-la de vez em quando. Outros (CbGII_dt/MT01; CaGII_dt/MT02 e os informantes masculinos dos grupos CaGI_dt/MT02, CbGI_it/MT02 e CaGI_it/MT03) disseram ser apenas uma lembrança, e, novamente, as mulheres (CaGI_dt/MT02; CbGI_dt/MT02; CaGI_dt/MT03, CbGI_dt/MT03 e CaGI_it/MT03) foram as mais propensas à perda de variantes [+RS].

Cheiro de asa é a forma para designar o mau cheiro embaixo dos braços (QSL 14). A princípio esta foi uma das perguntas em que menos se registrou respostas espontâneas (vide cartograma 53). Talvez essa atitude esteja condicionada a um certo “tabu linguístico” uma vez que causava estranheza aos informantes tal questionamento. Ao sugerir variantes, os comentários surgiam naturalmente. Se observarmos o cartograma 53a, veremos que *cheiro de asa* foi reconhecido como forma usual nos grupos GII de MT01 (dt), MT02 (dt e it) e MT03 (dt e it). Entre os mais jovens a mesma reação foi percebida, exceto em MT03 (dt) que conheciam mais não usavam *cheiro de asa*; e a informante feminina CbGI_dt/MT01, que nunca ouvira falar. Trata-se de um exemplo de eficiência do modelo/metodologia aplicada na tese que previa a Técnica em três tempos: perguntar, insistir e sugerir.

Um exemplo da interferência/contato entre as diferentes variedades regionais do português é *cecê*, forma [-RS] incorporada na fala de seis grupos. Segundo o dicionário Aurélio (2005), *cecê* seria uma abreviação de *cheiro do corpo*⁷⁶ associado ao mau odor.

Corvo é a nomeação comum às aves que se alimentam de carnes em decomposição. Na região Sul do Brasil é a forma predominante embora a sua coocorrente urubu também seja bem conhecida. No cartograma 47, nota-se em todos os grupos GII, exceto os ítalo-gaúchos de MT03 a coexistência das duas formas denotam um processo de mudança (provavelmente de regressão da marca [+RS]). Entre os jovens urubu foi citado nas respostas espontâneas como forma exclusiva (progressão da variante [-RS] > mudança linguística).

c) Síntese pluridimensional do índice de ocorrência das variantes lexicais com marca [+RS]

Após termos dado uma mostra de diferentes comportamentos linguísticos dos informantes no que tange a escolha de uma variante lexical, fazemos um comparativo entre aquelas consideradas [+RS] e [-RS] dadas como resposta espontânea. Para tanto, considerou-se a somatória de ocorrências de cada variável no universo dos pontos de pesquisa.

Quadro 23 - Comparativo entre a variante lexical [+RS] e a [-RS]

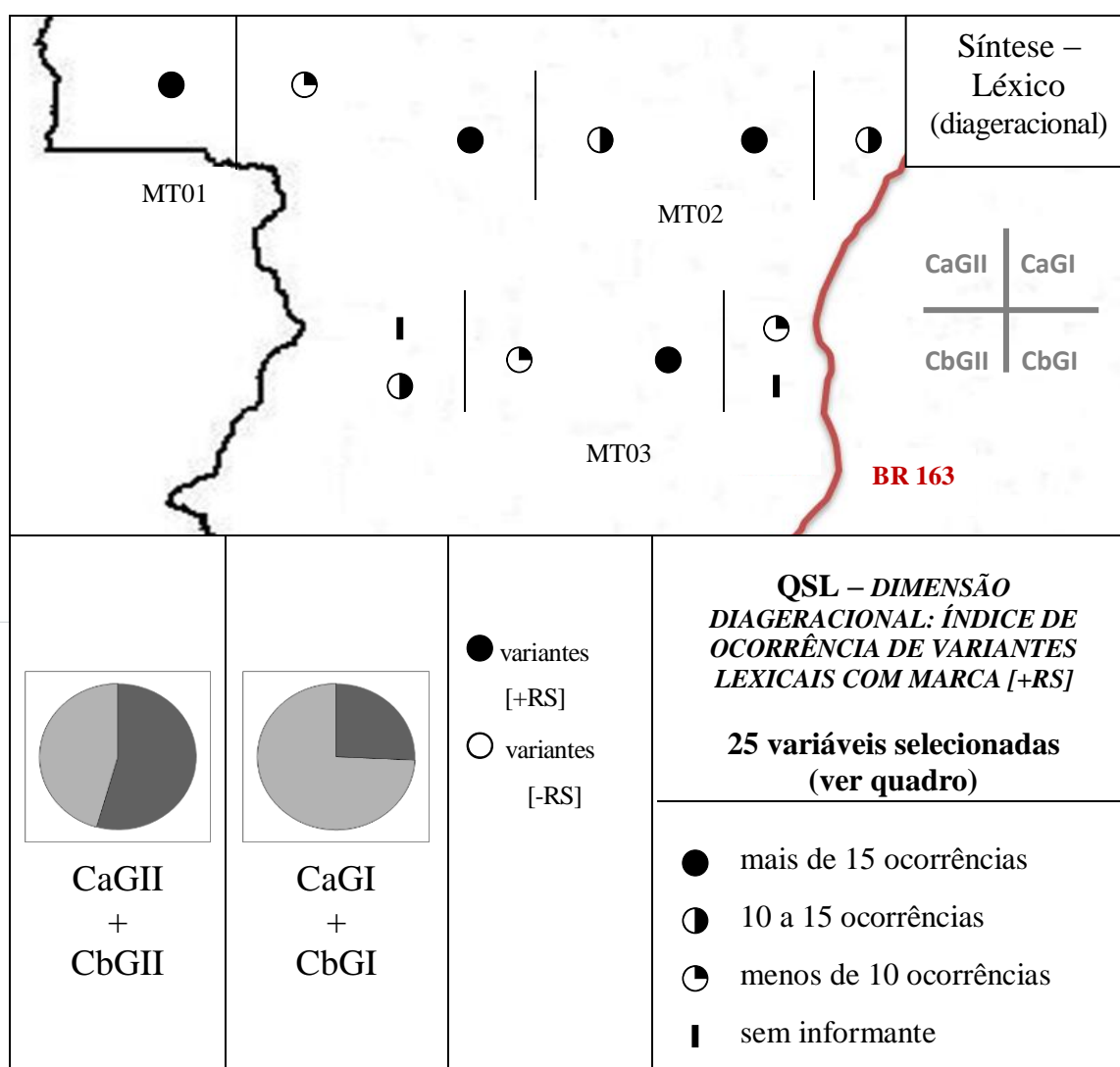
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	VARIANTE [+RS]	VARIANTE [-RS]	GRUPOS/ TOTAL ENTRE AS 03 LOCALIDADES							
			GII		GI		Ca		Cb	
			[+RS]	[-RS]	[+RS]	[-RS]	[+RS]	[-RS]	[+RS]	[-RS]
orvalho	sereno	orvalho	8	7	8	5	8	6	8	6
tangerina	bergamota	mexerica	9	6	7	7	9	8	7	5
mandioca	mandioca	macaxeira	8	4	9	3	8	4	9	3
arar/lavrar	lavrar	Arar	5	7	2	8	5	8	1	8
chifre	aspa	chifre	4	6	1	9	0	8	2	7
rabo	cola	Rabo	0	9	1	8	1	8	0	9
meleca/tatu	ranho	meleca	1	2	2	4	1	4	2	2
baile	fandango	Baile	5	6	2	9	4	8	3	7
gaúcho	gaúcho	gaúcho cansado	7	2	8	0	7	0	8	2
índio	bugre	Índio	6	3	5	3	5	2	6	4
xará	tocaio	Xará	4	6	3	9	4	8	3	7

A coocorrência de variantes [+RS] e [-RS] fica evidente entre as três primeiras variáveis linguísticas. Neste caso, o comportamento linguístico dos grupos não se diferencia muito quanto à alternância das formas. Isso denota a “força” de outras variedades regionais do português que não a da região Sul do Brasil. Se historicamente houve uma “certa hegemonia” no uso das marcas [+RS], esta regra parece não atuar mais nestes casos citados.

Um processo de “abandono” da forma [+RS], principalmente pela geração de jovens (GI), pode ser observada, por exemplo, na produtividade de rabo em contraposição ao de cola, que ocorre apenas uma vez (CaGI_it/MT02). Será que por causa da polissemia inerente ao significante cola, esta mudança se justifique?

Curiosamente, bugre, a designação dada ao indígena na região Sul do Brasil (cf. carta 240 do ALERS) ainda persiste no Mato Grosso, principalmente no grupo Cb e entre os teuto-gaúchos – provavelmente pela presença da variante *buger* no hunsriqueano. A seguir, um cartograma síntese que considera a relação entre o perfil do informante, no que tange a sua idade, e a distribuição das variantes lexicais [+RS] no espaço delimitado nesta pesquisa.

Cartograma-síntese dimensão diageracional: índice de ocorrência de variantes lexicais com marca [+RS]



3.2.3 Variável morfossintática

Apenas uma variável morfossintática foi eleita para análise, pois houve divergência entre as respostas concedidas ao pesquisador ora por meio das respostas aos itens do questionário ora por meio dos comentários produzidos durante a entrevista (dimensão diafásica). A partir dos dados recolhidos via estilo “pergunta-resposta” ao questionário, os entrevistados admitem usar o pronome de tratamento você [-RS] ao invés do pessoal tu [+RS] para se referir ao irmão (situação de intimidade entre locutor e interlocutor). Afirmaríamos, categoricamente, estar diante de um processo de mudança de comportamento lingüístico, já que todos usaram a variante [-RS]. No entanto, basta transcrevermos trechos de comentários dos informantes para verificarmos o uso espontâneo do pronome pessoal tu, tão lembrado como um “traço lingüístico” dos gaúchos:

Inf.2- A gente fazia morcilha...

Pesq.- O que seria uma morcilha?

Inf.2- Morcilha. Tu pega toda a miudeza do porco. Vamos supor assim...a cabeça: limpa bem, tira os olho, tira, cozinha, aí tira do osso e moe naquela máquina. Pega pedaço de fígado, pega o rim e o coração. Cozinha e moe. E faz depois assim, que nem salame, põe na tripa do porco. Cozinhar: deixar na água bem quente. Aí tu pega um palito e experimenta. Se saí só água assim, tá boa! Se saí um pouquinho de sangue daí...A gente fazia com sangue também. Sabe como? A gente quando matava o porco, botava duas, três colher numa vasilha de sal e pegava um pouquinho daquele sangue e misturava, daí colha com o sal e depois misturava junto e também dava pra fazer sem sangue (...) E daí defumava naquela fumaça que nem salame (MT03_CbGII_dt).

Agora que se tem um parâmetro de comportamento do comportamento lingüístico dos migrantes gaúchos em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa no Norte de Mato Grosso, correlacionaremos as variáveis sociais que parecem ter sido mais determinantes para a manutenção ou perda das marcas lingüísticas “gaúchas”. Em cada item subsequente se retomará os objetivos do trabalho bem como a pergunta de pesquisa a ela relacionada.

3.3 Comportamento lingüístico dos falantes: variáveis sociais

3.3.1 Variação entre as localidades de pesquisa (eixo da diatopia)

Iniciando pela área enfocada pela pesquisa, representada pelas três localidades distintas do Norte do Mato Grosso, vale recordar o que está implicado no eixo de relações diatópicas:

Objetivo: Dimensão diatópica: territorialização de variantes do português, na comparação entre os pontos de pesquisa.

Pergunta de pesquisa: Qual o papel dos condicionadores geográficos e sociais presentes em cada um dos três pontos de pesquisa na manutenção ou perda de marcas linguísticas rio-grandenses?

Falar de territorialização do português rio-grandense na comparação entre MT01, MT02 e MT03, significa abstrair as possíveis relações das línguas/variedades no espaço. Diferente dos tempos em que se buscava delimitar áreas “dialetais”, aqui o que se deseja entender quais os condicionamentos sócio-geográficos que operam no entorno de uma localidade. Há uma série de variáveis extralinguísticas que devem ser consideradas: a constituição dos espaços sócio-geográficos, pois as localidades são consideravelmente jovens, com idade não superior a sessenta anos. Portanto, a ordem de criação de MT01, MT02 e MT03 não podem ser negligenciadas: MT01 criado em 1955; MT02, em 1974 e MT03 em 1980, todos por ação de Colonizadoras privadas.

A esta variável no eixo diacrônico associa-se outra variável: a localização e as vias de comunicação/grau de isolamento. MT 01 além de ser o ponto mais antigo ficou localizada fora do eixo dos outros dois pontos (Sorriso e Sinop), enquanto Porto dos Gaúchos ficou isolado, mais para o interior, estes últimos se beneficiaram pela facilidade de comunicação proporcionada pela BR 163 (Cuiabá/Santarém). Essa rodovia atraiu uma população muito diversificada e rapidamente expandiu as suas atividades econômicas. Por isto, esta variável também revela uma outra: a localização e a condição sócio-econômica de MT02 e MT03, atraíram uma população muito maior do que em MT01, MT02, MT03, segundo o Censo Demográfico de 2010 Porto dos Gaúchos tem uma população estimada em 5.449 indivíduos divididos em 2.764 na área urbana e 2.685 na área rural. Sinop, por sua vez tem 93.753 habitantes no perímetro urbano e 19.346 na zona rural. Já Sorriso tem 58.364 habitantes no perímetro urbano e 8.157 na zona rural.

Por ter uma população maior MT02 e MT03 possuem um maior grau de urbanização, o que também pressupõe uma população mais diversificada, ou seja, a presença de grupos migratórios/regionais é mais recorrente. Consequentemente, há uma maior diversidade de variedades regionais do português. Justifica-se então, mais uma vez, o fato de se ter inquerido dois grupos de gaúchos: um com ascendência alemã e outra

italiana. Esta comparação propiciou situações em que a dimensão dialingual/contatual pode ser evidenciada. O conceito de gaúcho apresentado no capítulo anterior não é omíssonos a esta diversidade.

Por fim há que se mencionar a variável diareligiosa, uma vez que os informantes de Porto dos Gaúchos são prioritariamente evangélicos, ao passo que os outros teuto-gaúchos de MT02 e MT03 são grupos mistos.

Diante das variáveis extralinguísticas, notou-se principalmente que a coocorrência de variantes [+RS] e [-RS] no ponto MT01 pode estar associada ao fato de ter sido a primeira localidade a ser ocupada e por isso a distância temporal entre a *heimat* e o “novo espaço” pode ter contribuído com a assimilação de formas [-RS]. Diferente dessa motivação, a variação em MT02 parece estar vinculada ao intenso fluxo migratório e aos contatos linguísticos dos diferentes grupos que se instauram em Sinop, do que o tempo de permanência dos primeiros migrantes em Mato Grosso. Já em MT03, há a combinação dos seguintes fatores: o tempo de migração e a atuação da Colonizadora, gerenciada por sulistas, na execução de algumas medidas que visam ao crescimento, modernização e expansão de Sorriso. O primeiro fator colabora com a manutenção e o uso das variantes [+RS], ainda “vivos” na memória dos migrantes, e o segundo, com a permanência de hábitos sócio-culturais que remetam à região Sul. Pelo fato dos grupos de colonos hoje serem agricultores bem sucedidos, empreendem também em espaços onde possam reviver um pouco da cultura de seus antepassados: o CTG é um bom exemplo.

Quanto à interferência da religião no comportamento linguístico dos informantes, notou-se, em todos os pontos de pesquisa, um aspecto positivo no que se refere à manutenção da língua de imigração dos informantes. Os luteranos eram pastorados por falantes do dialeto alemão, que promoviam práticas como a organização de corais e o atendimento aos fieis usando o dialeto como meio de comunicação. Os teuto-gaúchos do grupo GII atribuem ao convívio com seus pares a manutenção da “língua dos pais” mesmo com um número tão reduzido de falantes. Em MT02, há inclusive iniciativas como um programa de rádio que além de ser transmitido no dialeto se propõe a intermediar os contatos entre os migrantes gaúchos e os amigos e familiares tanto no Brasil quanto na Alemanha.

3.3.2 Variação diageracional: mudança em tempo aparente

Como na seção anterior, relembremos o objetivo e pergunta de pesquisa que está em jogo, quando pensamos na variação diageracional:

Objetivo: Dimensão diageracional: variação entre a fala da geração mais velha (GII, migrante, topodinâmica) e da geração mais jovem (GI, falante local, topostática) com relação à manutenção ou substituição de marcas originais do português rio-grandense;

Pergunta de pesquisa: A GII mantém mais marcas da matriz de origem do português rio-grandense do que os jovens (GI) que, contrariamente, adotam com mais frequência variantes do novo meio? Ou seja, observa-se uma mudança em curso na comparação das variantes da GII e da GI? Ou se mantém as variantes do português rio-grandense na fala dos jovens, em virtude de um prestígio maior?

Ao pensar na dimensão diageracional é preciso considerar a) as experiências trazidas na “bagagem” do grupo GII em relação ao GI, tais como: o convívio direto com grupos bilíngues e a formação de um repertório linguístico gerado por contatos *in loco* tanto com os dialetos falados por seus familiares quanto com a variedade linguística do português falado na região sul do Brasil, b) a motivação da mudança e c) o perfil dos migrantes.

A mudança, resultado do processo migratório, exige uma predisposição eufórica daqueles que aceitam o desafio de enfrentar “o novo”: é preciso ânimo, coragem e persistência para superar as adversidades comuns à ocupação de “vazios demográficos” como a região norte de Mato Grosso nas décadas de 1950.

Uma vez superados infortúnios como a falta de infraestrutura no lugar, o “convívio” com a saudade dos familiares e amigos e as dificuldades financeiras, uma vez que tudo o que se tinha foi investido na realização do sonho de uma vida melhor; o migrante passa a agregar valores como zelo/cuidado por tudo aquilo que fora conquistado e valoriza ainda mais os hábitos culturais e linguísticos que o constituem de alguma maneira. Mesmo longe do Rio Grande do Sul, conserva-se e até se potencializa práticas como rezar na língua dos pais e ouvir canções gauchescas - “só se sente saudade daquilo que um dia já viveu”. A GII tenta reproduzir momentos que, de alguma maneira, os remeta afetivamente

à terra natal e o uso da(s) língua(s) é, sem dúvida, uma possibilidade de revitalização e marcação de identidade do migrante no espaço.

Já o grupo GI é caracterizado pela adesão ao novo, pois é natural ao desenvolvimento de qualquer espécie que se experimente, inove para que as escolhas se justifiquem e também sejam motivadas.

Agrega-se a esta variação, a dimensão diareferencial, uma vez que o histórico do percurso migratório dos informantes GII contribui para a percepção que se tem em relação ao outro (costumes, comportamento linguístico), que pode ou não se aproximar daquilo que conhece e/ou domina. Os contatos interpessoais com grupos de migrantes, advindos ou não do mesmo lugar/região, geram impressões positivas ou não sobre o outro.

Objetivo: Dimensão diareferencial: atitudes e percepções metalinguísticas sobre o *status* e estigmatização de variantes em contato (“referências à fala do outro”).

Pergunta de pesquisa: Qual a percepção dos falantes dos grupos migrantes distintos sobre a fala de um e de outro? Quais significados sociais se atribuem às variedades regionais do português em contato?

A atitude mais conservadora quanto ao uso de variantes [+RS] funciona como uma espécie de materialização da memória daquele que “resistiu e venceu”. É como se o fato de ser gaúcho ultrapassasse a questão da origem e acrescentasse ao perfil do colono migrante atributos como coragem, trabalho e sucesso.

Nos três pontos de pesquisa, ao perguntarmos aos informantes o que motivou a mudança para o Mato Grosso (Dados sociológicos/identificação dos informantes/ questões 04 e 05), independente da geração, a resposta foi a mesma: a busca por uma vida melhor. Mas os relatos do grupo GII sobre a chegada no início da Colonização bem como os comentários que surgiam em meio a alguma pergunta do questionário são bem mais produtivos. Vejamos alguns exemplos:

Inf.2- Depende. Esse é fósforo. Fósforo?

Inf.1- É fósforo?

Auxiliar- É que ela quer que cada um fale a mesma coisa só para ver como que vocês pronunciam!

Inf.1- É... porque tá gravando (risos)

Inf.2- Então fala! Fala! Vamu vê se o teu tá diferente.

Inf.1- Não. Mas é...fósforo. Não é assim?!

Inf.2- E daí nós conhecia por isquero lá no Sul e aqui eles falam, começaram a fala Bingo, bingo. Agora, quando cê vai compra...

Auxiliar - Fala binga?!

Inf.1- É. Mas é binga! O nome dele é binga.

Inf.2- É. Mas lá no Sul era isquero (MT02_CbGII_it)

Inf.2- Ca[r]o ou camionete. Lá no Sul carro pequeno, eles falam a[t]to. Ainda eles falam.

Pesq.- Auto?

Inf.2- Isso aí! Eu chego lá e ainda eles falam a[t]to (risos).

Inf.1- Eles falam alto a[t]to! (risos).

Inf.2- (risos) E nós já falemu ca[r]o ou camionete aqui (MT02_CbGII_it)

Este mesmo grupo, ao relatar o seu caminho migratório, usou a expressão “gaúcho cansado”, dizendo ser um exemplo desse tipo de gaúcho, pois saíram do Rio Grande do Sul rumo ao Paraná “até bem” financeiramente, mas em Guarapuava (PR) perderam tudo por causa da geada. Retornar ao Rio Grande do Sul “era uma vergonha”. Motivados pelos amigos que estavam no Mato Grosso, migraram para a região norte do país: “Foi a melhor coisa que fizemu”.

Os informantes da GII de MT01 fazem questão de mencionar que na página da Colonizadora CONOMALI é possível reviver, entre relatos, documentos e acervo fotográfico, um pouco do foi a chegada a Porto dos Gaúchos.

Há também no questionário de pesquisa uma pergunta referente à transmissão diageracional da língua de imigração. A vitalidade da língua entre as gerações parece ter acompanhado a cronologia das migrações: quanto maior o tempo em que se distanciaram do Rio Grande do Sul (MT01>MT02>MT03), maior o processo de regressão do uso do dialeto. Neste caso, apenas os teuto-gaúchos usam a língua de imigração. Em MT02, a informante CaGII_it foi a única que declarou ser falante do italiano, mas aprendeu numa escola de idiomas.

Em MT01, nenhum dos grupos GII falam o alemão em casa com os filhos, embora um dos informantes CaGII_dt reconheça o papel da família no processo de manutenção de um dialeto. O seu pai, que veio para o Brasil com 08 anos, além de falar apenas em alemão, exigia dos filhos a mesma postura, permitindo o uso do português apenas se houvesse no meio outra pessoa que desconhecesse o dialeto.

Em Sinop (MT02), a alegação para a não transmissão da língua de imigração entre as gerações foi fundamentada pelo receio de que os filhos fossem discriminados e que o

aprendizado da língua portuguesa fosse prejudicado – mitos que ainda persistem! Assim, os informantes usam o hunrüsckisch para comunicarem entre si (GII) e alternam para o português para falar com os filhos. O filho do casal CaGII_dt também colaborou com a pesquisa (CbGI_dt) e diz ter a impressão de que os pais usavam o dialeto sempre que não queriam soubessem ou participassem de algo.

Em MT03, os informantes CbGII_dt afirmam falar muito mais o dialeto do que o português, já que no convívio familiar, embora os netos não falem o hunrüsckisch, compreendem a maioria do que está sendo dito. Usam mais o português com “os de fora”.

Como já havia mencionado anteriormente, durante as entrevistas com os grupos: CaGII_dt e CbGII_dt de MT02 e CbGII_dt de MT03, os informantes insistiam em responder tanto em português quanto no dialeto alemão.

Tais constatações somadas aos resultados das análises das variáveis linguísticas parecem responder também à pergunta de pesquisa relacionada à dimensão dialingual/contatual.

Objetivo: Dimensão contatual/dialingual: variações de comportamento linguístico entre monolíngues e bilíngues falantes de línguas de imigração distintas, em especial do alemão (hunsriqueano) e do italiano (vêneto);

Pergunta de pesquisa: Observam-se variantes influenciadas pelo bilinguismo dos falantes, considerando sobretudo falantes bilíngues da GII? Até que ponto a variedade rio-grandense apresenta marcas etnoletais observáveis especialmente na fala de teuto-gaúchos ou ítalo-gaúchos? Observam-se variantes estilísticas e o que revelam sobre o contato linguístico intervareial do português e os fatores sociais que atuam em cada localidade?

3.3.3 Variação diastrática: o papel da escolaridade na manutenção da variedade rio-grandense do português

Para a análise da dimensão diastrática, temos em mente o seguinte objetivo e pergunta de pesquisa:

Objetivo: Dimensão diastrática: papel da escolaridade no uso de marcas de variedades regionais e da norma considerada culta – reflexos na variação do português falado pela classe mais escolarizada (Ca) e menos escolarizada (Cb).

Pergunta de pesquisa: Os falantes com mais escolaridade (Ca) tendem a inibir as marcas do português rio-grandense, substituindo-as por variantes mais neutras ou de outras variedades? Ou, pelo contrário, conservam as marcas [+RS]?

Para avaliar o papel da escolaridade na manutenção da variedade do português rio-grandense em Mato Grosso é preciso pontuar que o acesso ao nível superior nestes três pontos de pesquisa é bem recente. Ou migrava-se para as localidades já formado ou se mudava para outro lugar que oferecesse este ensino especializado. Apenas em MT02 há Universidades públicas. Em MT03, por exemplo, por terem, a maioria dos migrantes GII, a profissão vinculada à agricultura, foi muito difícil encontrar representantes do grupo Ca.

As relações entre o contexto histórico de criação de cada localidade, as atividades e motivações que condicionaram a migração para o norte de Mato Grosso e o perfil de cada geração parecem ter sido mais determinante na manutenção e perda de variantes [+RS] do que a escolaridade dos grupos. Os dados assim apontam. O cartograma-síntese relativo ao índice de uso de variantes lexicais de origem [+RS] é especialmente claro. Praticamente não há diferença entre os dados de CaGII e de CbGII, e mesmo de CaGI e de CbGI.

3.3.4 Variação no comportamento linguístico de homens e mulheres

Tal como se fez até aqui, antes de tudo relembremos o objetivo e pergunta de pesquisa atrelados à dimensão diassexual:

Objetivo: Dimensão diassexual: variações de gênero na manutenção ou substituição de marcas regionais.

Pergunta de pesquisa: Há variação atribuída a papéis sociais distintos de homens e mulheres nos pontos pesquisados?

Quanto ao comportamento linguístico de homens e mulheres, notou-se uma maior propensão do sexo feminino às variantes linguísticas [-RS]. Percebe-se nos relatos do grupo GII, que a agilidade que as mulheres tiveram para se adaptar a um lugar tão adverso

ao que conheciam, de cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e ainda colaborar com o sustento da casa, talvez justifique a facilidade de assimilar as novas formas linguísticas. Vejamos um exemplo, que parece corroborar a hipótese levantada, inicialmente: o informante masculino do grupo CaGII_dt de MT02 diz que tinha uma pequena fábrica de móveis em Santa Catarina e, por acaso, um cliente comentou sobre Sinop e o convidou para conhecer. Em 30 dias, mudou-se com a família para o Mato Grosso, pois enquanto no Sul os minifúndios eram de 08 a 10 hectares, na Colonizadora SINOP, comprava-se 50 hectares como minifúndio, além da doação de terreno no perímetro urbano. Ao chegarem em MT02, perceberam que não havia energia. Passado um tempo, quando a energia elétrica foi instalada, a esposa do informante, enquanto ele trabalhava, resolveu limpar e ativar a geladeira que tinham trazido do Sul. Não funcionou. Resolveu, então, virá-la de ponta-cabeça, o que irritou muito o Sr. A. Para a surpresa do marido, “não é que a geladeira funcionou! O que seria de mim sem esta mulher!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, as pesquisas que envolvem contatos linguísticos geralmente abordam contatos interlinguais, entre duas línguas. O presente estudo, por sua vez, ocupou-se de um tipo de contato entre variedades do português, por isso intervareietal, ainda pouco considerado na pesquisa, pelo menos não como tal, como contato linguístico. Altenhofen (2008, p. 129s.) chama a atenção a essa tipologia contatual, quando afirma que "são, acima de tudo, variedades" de uma língua que entram em contato. Falar de "variedades em contato" seria, por isso, mais abrangente e fiel à realidade do que a acepção corrente de "línguas em contato". Thun (2010b) vai além quando aborda o contato linguístico como um contato de complexos variacionais (*variety complexes*) que abarca diversos aspectos do uso da língua na sociedade, como situação e perfil sócio-cultural dos falantes. Quando muito, falou-se de contatos entre variedades, ao tratar de processos de coineização normalmente observados no contato entre variedades dialetais de línguas de imigração. As semelhanças entre essas situações talvez um dia possam ser melhor exploradas e comparadas. No entanto, se o contato de variedades dialetais de línguas de imigração teve, na maioria das vezes, como resultado uma coine, ou seja, uma língua de comunicação comum originada desse contato, o que temos no contato intervareietal pesquisado nesta tese é uma disputa de espaços em que se negocia variantes mais prestigiosas ou mais neutras, para a interação entre os diferentes grupos regionais. A comunicação aparentemente já está mais ou menos garantida pelo fato de se ter a "mesma língua" como código intercompreensível. O que se coloca no caminho são as marcas identitárias de cada variante e que denunciam a origem regional dos migrantes.

Para captar as nuances que expressam essas marcas regionais, dependemos consideravelmente de estudos prévios, como o do ALERS. Ao abordar migrações, a precisão da localização de fatos no espaço geográfico da mobilidade espacial mostrou-se especialmente relevante. Para a captação dessas relações entre a variedade da matriz de origem e o estado sincrônico (atual) da variedade pesquisada, desempenhou papel central a escolha precisa e bem-sucedida de variáveis linguísticas que evidenciassem um contraste *de facto* com outras variedades regionais em contato. É preciso por isso destacar a relevância do questionário e da definição do perfil dos informantes. Seria interessante e louvável poder "replicar" a aplicação do questionário em outras localidades com as características de MT01 (Porto do Gaúchos), MT02 (Sinop) e MT03 (Sorriso).

No estudo realizado, ao menos, o questionário utilizado mostrou sua pertinência e eficácia, uma vez que evidenciou contrastes, ou melhor, comportamentos linguísticos variáveis entre os diferentes atores desse contexto. A partir da cartografia e macroanálise pluridimensional dos dados cartografados em mais de 90 cartogramas, pode-se destacar as seguintes conclusões gerais:

- a) Na dimensão diatópica, vimos que fatores diversos como o grau de isolamento ou a proporção de migrantes de determinada região podem ser determinantes para a configuração do português resultante desse contato intervarietal. Esses fatores se mesclam com outros como a dimensão dialingual
- b) Na dimensão dialingual, vimos comportamentos variáveis entre teuto- e ítalo-gaúchos que, no entanto, em alguns casos, como nas variáveis fonéticas (uso de tepe em posição intervocálica, palatalização da oclusiva dental, etc.) seguem tendências muito próximas.
- c) A comparação entre os resultados de GII e GI mostra uma perda significativa de marcas [+RS], aparentemente maior entre mulheres. Mas também evidencia casos de ampliação de marcas [+RS] inclusive entre membros tanto GII quanto GI da Ca.
- d) A apreciação do *corpus* aponta diferentes fatores para a manutenção de variedades linguísticas elencadas como gaúchas, tais como: o papel socioeconômico dos sulistas na região norte mato-grossense, a transmissão entre gerações e os recursos midiáticos.
- e) A covariação entre as formas “gaúchas” e as “não-gaúchas” são nítidas no nível lexical, enquanto os casos de mudança se manifestam, sobretudo, nos níveis fonéticos e morfossintáticos na fala dos informantes jovens.

Em suma, o norte do Mato Grosso, na verdade a região centro-oeste como um todo, coloca uma série de tarefas de pesquisa para a linguística brasileira. Suas características centrais são as migrações, os contatos linguísticos entre línguas e variedades, de grupos étnicos e regionais distintos. Neste sentido, o contexto e a situação linguística com os quais esta tese se confrontou não representam uma situação simples, ideal, de um ponto de vista monolíngue. Entender a dinâmica do contato intervarietal a sua relação com o processo migratório que antecede esses contatos, não perder de vista, além disso, a influência de outras línguas como o alemão e o italiano, respectivamente de teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, talvez tenha sido a maior contribuição deste estudo que recém coloca um ponto

de partida, por onde começar. Certamente, novos estudos se seguirão que poderão ajustar conceitos e princípios essenciais e afinar os instrumentos de análise e tratamento dos dados, para os quais o modelo da geolinguística pluridimensional e relacional demonstra grande potencial.

O trabalho apresentado serviu, portanto, como um processo de amadurecimento para a elaboração de uma metodologia que dê conta de investigar a real contribuição dos contatos linguísticos, sociais e culturais daqueles que migram para regiões como o Norte de Mato Grosso, que resulta, com o tempo, em um conjunto de variedades identificadas como “típicas” e comuns daquele espaço. Oxalá esta contribuição, resultante de uma pesquisa de Doutorado, com todas as suas limitações e méritos, possa contribuir para abrir novos estudos e ampliar o conhecimento sobre a língua portuguesa e o complexo de variedades e línguas em contato nesse contexto.

BIBLIOGRAFIA

ADDU- Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. THUN, Harald & ELIZAINCÍN, Adolfo (orgs.). Fasc. A. 1. Kiel: Westensee, 2000.

ABREU, S. de. Ocupação, racionalização e consolidação do Centro-oeste brasileiro: o espaço Mato-grossense e a Integração Nacional. In: MARIN, J.R.; VASCONCELOS, C.A.de.(orgs). Campo Grande: UFMS, 2003.

ALÉONG, Stanley. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In. BAGNO, Marcos. *Norma Lingüística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 145-174.

ALERS – ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs). *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a.

ALERS – ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs). *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011b.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1996.

_____. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português). In: *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

_____. A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. In. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, 2004a, p. 135-165.

_____. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. In. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*. Frankfurt, n. 1(3), 2004b, p. 83-93.

_____. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005, p. 177-208.

_____. Interfaces entre Dialetoлогия e História. In. MOTA, Jacyra Andrade & CARDOSO, Suzana Alice (orgs.). *Documentos 2- Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 159-183.

_____. Os contatos lingüísticos e o seu papel na arealização do português falado no Sul do Brasil. In. ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008, p.129-164.

_____. Os estudos de variação linguística e de línguas em contato com o português: raízes históricas da pesquisa no Instituto de Letras da UFRGS. In: MITTMANN, Solange & SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira (orgs.). *Trilhas de investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre: Instituto de Letras / UFRGS, 2011, p.17-31.

_____. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a, p. 93-116

_____. Migrações e Contatos Linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual. In: *Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. Edição 12. Estudos Linguísticos 2013/2. ISSN 19838018. UNEMAT: Sinop, 2013b, p.19-43.

_____. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69-103.

ALTENHOFEN, Cléo V. & BROCH, Ingrid K. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). In: BEHARES, Luis (org.). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011. p. 15-22.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson & MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato com as línguas de imigração no Brasil. In. MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011, p.289-315.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson & MORELLO, Rosângela. Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In. FARENZENA, Nalú (org.). *Encontro Internacional de Investigadores de políticas linguísticas*. Porto Alegre: UFRGS, 2013, p.13-26.

ANDREAZZA, Maria Luiza & NADALIN, Sérgio Odilon. História da ocupação do Brasil. In. MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p.57-72.

ARRUDA, Zuleika Alves. *Sinop: território(s) de múltiplas e incompletas reflexões*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFP, 1997.

AUER, Peter. *From code-switching via language mixing to fused lects: Toward a dynamic typology of bilingual speech*. In: *International Journal of Bilingualism*, 1999.

AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. vol. I. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

BAGNO, Marcos (org.). *Norma Linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. Introdução: Norma linguística e outras normas. In. BAGNO, Marcos (org.). *Norma Linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 09-21.

_____. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BAKER, Colin. *Foundations of bilingual education and bilingualism*. 4. ed. rev. Clevedon/Avon : Multilingual Matters, 2006.

BELLMANN, Günter. Probleme des Substandards im Deutschen. Em: MATTHEIER, Klaus J. (org.). *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen, 1983, p.105-130.

_____. Arealidade e socialidade? In. ALTENHOFEN, Cléo V. (org.). *Caderno de Tradução do Instituto de Letras*. Porto Alegre: UFRGS, jan. 1999, p. 07-21.

BERN, David Britain. Language and space: The variationist approach. In. AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010a. (HSK 30.1), p.142-162.

_____. Conceptualizations of geographic space in linguistics. In. LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Stefan. *Language and Space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co.KG, 2010b, p.69-97.

BERRUTO, Gaetano. *La Sociolinguistica*. Bologna: Zanichelli, 1984.

_____. Identifying dimensions of linguistic variation in a language space. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. vol. I. Berlin/New York: de Gruyter, 2010, p. 226-241.

BOSSLE, Batista. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

BRASIL. Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro (RJ), 07 de jan. 1953. Seção 1, p. 276.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 de jul. 1970.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

_____. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola editorial; IPOL, 2007.

CARDOSO, Suzana Alice. *Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir*. DELTA, 2001, vol.17, no.spe, p.25-44. ISSN 0102-4450.

_____. *Atlas Linguístico de Sergipe – Vol. I e II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

_____. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, A. N. (Org.) *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008, p. 15-31.

_____. *Geolinguística: tração e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARVALHO, Cathia M. C; COSTA, Lourenço; SIQUEIRA, Elizabeth M. *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: UFMT, 1990.

CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COLONIZADORA FELIZ. Colonizadora Feliz Ltda. Disponível em: <<http://www.colonizadorafeliz.com.br>> Acesso em 10 de ago. 2013.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

CONOMALI. Colonizadora Noroeste Matogrossense S/A. Fundação de Porto dos Gaúchos. Disponível em: <<http://www.conomali.com.br>> Acesso em 07 de ago. 2013.

CORREA, V. B. *Fronteira Oeste*. Campo Grande: Editota UFMS, 1999.

COSERIU, Eugênio. *La geografía lingüística*. Montevideo : Universidad de la Republica; Facultad de Humanidades e Ciencias, 1955.

_____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Linguística; 8.)

_____. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

DE SWAAN, Abram. Introduction: the global language system. In. DE SWAAN, Abram. *Words of the world. The global language system*. Cambridge: Polity Press, 2001, p. 1-24.

DIAS, Elisia Aparecida & BORTONCELLO, Odila. *Resgate histórico do município de Sorriso: portal da agricultura no cerrado mato-grossense*. Cuiabá, 2003.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia del linguaggio*. Roma: Meltemi, 2002.

EXTRA, G. & BARNI, M. Mapping linguistic diversity in multicultural contexts: Cross-national and cross-linguistic perspectives. In: EXTRA, G. & BARNI, M. (eds.). *Mapping linguistic diversity in multicultural contexts*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 3-41.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In. BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 35-56.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. In: *Filologia Linguística Portuguesa*, n. 9, 2007, p.43-73.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Versão 5.0. Coordenação e edição geral de Margarida dos Anjos e Marina Baird Ferreira. Curitiba: Positivo Informática Ltda., 2005, 01 CD-ROM.

FIALHO, Marco Antônio Verardi. Rincões de Pobreza e Desenvolvimento: interpretações sobre comportamento coletivo. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Rio de Janeiro: Universidade federal Rural do Rio de Janeiro, 2005.

FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*. In: *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, 1967. p. 29-38.

_____. A sociologia da linguagem. Trad. Álvaro Cabral. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. (orgs.): *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974. p. 25-40.

FROSI, V. M.; DAL CORNO, G. O. M.; FAGGION, C. M. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: CHAVES, Flávio L.; BATTISTI, Elisa (orgs.). *Cultura regional 2: língua, história e literatura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.

GASS, Susan. *Transference and interference*. In: GOEBEL, Hans. et al. (eds.). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 558-567.

GOEBEL, Hans; NELDE, Peter; STARÝ, Zdeněk; WÖLCK, Wolfgang (eds.). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin; New York: de Gruyter, 1996. (HSK 12.1)

GUMPERZ, J. Types of linguistic communities. *AL*. vol. 4, nº01, 1962, p.28-40.

HAESBAERT, Rogério. *Gaúchos no Nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. São Paulo: USP, 1995.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, Marcos. *Norma Linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.97-114.

HIGA, T. C. S; MORENO, G.(orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

HOFFMAN, Charlotte. *An introduction to bilingualism*. England: Pearson education limited, 1991.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

HYMES, Dell. *Fondamenti di sociolinguística; un approccio etnografico*. Bologna: Zanichelli, 1980.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php>> Acesso em 06 de set. 2013.

ISQUERDO, A. N. Processos metodológicos nas entrevistas definitivas: o entrevistador. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004-a, p. 45-54.

_____. De Nascentes ao ALiB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas. In: *Anais do II Encontro Nacional do Grupo de estudos de linguagens do Centro-Oeste (GELCO)*. Integração linguística, étnica e social. Brasília - DF: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004-b. V. I. p. 398-406.

_____. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas In: AGUILERA, V. de A. (Org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, p. 333-356.

_____. Pontos de inquéritos dos atlas linguísticos no Brasil: tecendo e interligando as redes. *Actas del XIV Congreso Internacional ALFAL*, 17 al 21 de octubre de 2005, Monterrey – México. Publicado em CD ROM, Santiago do Chile, 2006.

JOHNSTONE, Barbara. Language and Geographical Space. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. vol.1. p. 1-18

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine & SCHÖNBERGER, Aseel (eds.). *Estudos de Geolinguística do português americano*. Frank Furt a.M.: TFM, 2000, p. 55-69.

KLOSS, Heinz. German-american language maintenance efforts. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague : Mouton, 1966. p. 206-252.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 17-92.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Bagno, Scherre e Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMELI, Alfred. *Linguistic Atlases – traditional and modern*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 567-592. (HSK 30.1)

LAMELI; KEHREIN; RABANUS (Eds.). *Language and Space*. An International Handbook of Linguistic Variation: Language Mapping. vol. II. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. (HSK; 30.2)

LEFEBVRE, Claire. As noções de estilo. In: BAGNO, Marcos (org.). *Norma Linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.203-236.

LENZ, Alexandra N. Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten. In: EGGERS, Eckhard; SCHMIDT, Jürgen Erich; STELLMACHER, Dieter (Hrsgs.). *Moderne Dialekte – Neue 6 Dialektologie*. Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD). Stuttgart: Franz Steiner, 2005. p. 229-252.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da Linguística Moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p.57-84.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. [ed.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584.

MACKEY, William F. *Bilingualism and multilingualism / Bilingualismus und Multilingualismus*. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; Trudgill (Hrsg.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik*. 2. ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. p. 1483-1495. (HSK; v. 3.2.)

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MARTINS, José de Souza. *A militarização da questão agrária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Método geolingüístico y método sociolingüístico. El factor "sexo" en los atlas*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 92-112. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.).

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (org.). *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. IN: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis : Insular, 2000. p. 83-92.

_____. As línguas brasileiras e os direitos lingüísticos. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). *Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos: novas perspectivas em política linguística*. Campinas (SP): Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis : IPOL, 2003. p. 7-12.

_____. *Plurilingüismo no Brasil*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), 2008.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de & ALTENHOFEN, Cléo V. *O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilingüismo na educação e na sociedade*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

OLIVEN, Ruben. *Nación y modernidade: la reivención de la identidade gaúcha em le Brasil*. Buenos Aires: EDUEBA, 1999.

_____. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Ano 6, nº.15, fevereiro, 1991.

PAZ, Francisco Moraes. Brasil Meridional: o ordenamento político do espaço social. In. ALERS – ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011, p.21-23.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. Memória histórico-cultural: manifestações discursivas de identificação dos sujeitos norte mato-grossenses. In. *Revista de Letras Norte@mentos*. Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Edição 01. ISSN 19838018. UNEMAT: Sinop, 2008, p.01-10.

_____. O falar norte mato-grossense: apontamentos sócio-semânticos-lexicais sobre a lexia bamburrou. In. *Acta Semiótica et Linguística*. vol.17, São Paulo, 2012, p.159-173.

_____. *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva da geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PINHEIRO, Luciana Santos. *Processo de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

PONSO, Leticia Cao. A variação pluridimensional como filtro em uma situação de contato linguístico. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (Orgs.). *Anais do I Fórum Internacional da Diversidade Linguística: por uma política para a diversidade linguística no ensino de línguas*. (1. : Porto Alegre : 2007). Porto Alegre : Evangraf / Instituto de Letras (UFRGS), 2008 . p. 709-719.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, sócio-históricas e políticas*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-56.

RIBEIRO, Ângelo F. N. *Mapa - Localização do estado de Mato Grosso no perímetro nacional*. Dourados, 2014.

_____. *Mapa - Mato Grosso com indicação da rede de pontos de investigação*. Dourados, 2014.

_____. *Mapa - Organização espacial do norte mato-grossense – área de influência da BR-163*. Dourados, 2014.

_____. *Mapa – Percurso migratório dos informantes*. Dourados, 2014.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste* (a influência da Bandeira na formação social e política do Brasil). 4ª Ed. Vol I. Rio de Janeiro: editora da Universidade de São Paulo e Livraria José Olympio Editora, 1970.

_____. *Marcha para o Oeste* (a influência da Bandeira na formação social e política do Brasil). 4ª Ed. Vol II. Rio de Janeiro: editora da Universidade de São Paulo e Livraria José Olympio Editora, 1970.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, José; ZAGARI, Mário; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROCHA, Betty Nogueira. “*Em qualquer chão: sempre gaúchos*”: a multiterritorialidade do migrante gaúcho no Mato Grosso. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2006.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995. [1989]

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte & OLIVEIRA, Nathan. [GVCLin] Software para geração e visualização de cartas linguísticas. In. *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, vol.22, nº01, p.119-151, jan/jun 2014.

SANTOS, I. P. dos. Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões. In: AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (Orgs). *Documentos I - Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003, p. 125-137.

SCHAEFER, José Renato. *As migrações rurais e implicações pastorais: um estudo das migrações campo-campo do sul do país em direção ao norte do Mato Grosso*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

SCHLESINGER, Sérgio. & NORONHA, Silvia. *O Brasil está nu! O avanço da monocultura da soja, o grão que cresceu demais*. Rio de Janeiro: Fase, 2006. Disponível em: < <http://issuu.com/ongfase/docs/ograoquecresceudemais> > Acesso em 30 de ago. 2013.

SIEGEL, Jeff. *Koines and koineization*. In: *Language in Society*, v. 14, p. 357-378, 1985.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA NETO, Serafim. da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2.^a ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SIQUEIRA, E. M. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2002.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. *Multilingualism and the education of minority children*. In: SKUTNABB-KANGAS, Tove & CUMMINS, Jim (eds.). *Minority education: from shame to struggle*. Clevedon / Avon : Multilingual Matters, 1988, p. 09-44.

SOUZA, Edison Antônio. *Sinop: história, imagens e relatos – um estudo sobre a sua colonização*. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

_____. A migração sulista para o norte do Mato Grosso. In. TEDESCO, João Carlos & CARINI, Joel João. *Conflitos agrários no norte gaúcho – 1980 - 2008*. Porto Alegre: Edições Est, 2008.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Matuchos: exclusão e lutas*. Petrópolis: Vozes, 1993.

TELES, Ana Regina & RIBEIRO, Silvana. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: MOTA, Jacyra Andrade & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 207-226.

_____. A cartografia dos dados do Projeto ALiB. In: *XV Congresso Internacional da ALFAL*. Montevideú, 2008.

THOMASON, Sarah G. *Language contact: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

TRUDGILL, P. J. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

_____. La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Giovanni Ruffino (org.). Tübingen : Niemeyer, 1998a. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

_____. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In. ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; RAEMDONCK, Dan Van. *Actes du XXII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. vol. III. Bruxelles, 23-29 juillet, 1998b, p.367-388.

_____. O tratamento do material etnográfico na Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In. Encontro sobre cultura popular (1.:1997: Ponta Delgada – Açores). FUNK, Gabriela (org.). *Actas do Encontro sobre cultura popular*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999, p.481-499.

_____. O português americano fora do Brasil. In. GÄRTNER, E.; HUNDT, C. & SCHONBERGER, A. (eds.). *Estudos de Geolinguística do português Americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, ISBN 3-925203-75-3, p.185-227.

_____. Variation im Gespräch zwischen informant und Explorator. In: LENZ, Alexandra N. & MATTHEIER, Klaus j. (hg.). *Varietäten: Theorie und Empirie*. Frankfurt a. Main [u. a.]: Lang, 2005, p.97-127. Trad. Filipe Neckel.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social social e a história das línguas. In. AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para a história do português brasileiro*. vol. VII: Vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009, p.533 – 558.

_____. Pluridimensional cartography. In. LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Stefan. *Language and Space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co.KG, 2010a, p.506-524.

_____. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, P. & SCHMIDT, E. (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation. Vol. 1: Theories and methods*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.

THUN, Harald; FORTE, Carlos E. & ELIZAINCÍN, Adolfo. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): presentación de um proyecto, 1989, p.26-62. Disponível em Bereitgestellt von/ Universitaetsbibliothek Kiel. Angemeldet 134.245.62.5. Acesso em 09 maio 2014 às 10:57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (org.) *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005, 45-72.

ANEXO I - Questionário

QUESTIONÁRIO
PARA ESTUDOS DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS FALADO POR
MIGRANTES GAÚCHOS EM SITUAÇÃO DE CONTATO
INTERVARIETAL

Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS
 Tese de Doutorado: Carla Regina de Souza Figueiredo
 Orientador: Cléo V. Altenhofen

PONTO:

Nº DO PONTO:

INFORMANTES/ENTREVISTAS: Nome (idade)

<p>CaGII</p> <p>Data:</p>	<p>CaGI</p> <p>Data:</p>
<p>CbGII</p> <p>Data:</p>	<p>CbGI</p> <p>Data:</p>

CaGII = 01 homem e 01 mulher, escolarização superior, geração velha (acima de 50 anos)

CaGI = 01 rapaz e 01 moça, escolarização superior, geração jovem (18 a 36 anos)

CbGII = 01 homem e 01 mulher, escolarização até segundo grau sem ocupação letrada, geração velha (acima de 50 anos)

CbGI = 01 rapaz e 01 moça, escolarização até segundo grau sem ocupação letrada, geração jovem (18 a 36 anos)

- Critérios gerais:**
- a) gaúchos migrantes ou filhos de migrantes originários do Rio Grande do Sul (ou com passagem por Paraná ou Santa Catarina) nascidos ou vivendo há mais de 10 anos na localidade;
 - b) selecionar ítalo-gaúcho ou teuto-gaúcho conforme o que predomina na localidade/bairro/comunidade;
 - c) não ter morado fora por muito tempo, nos últimos 10 anos;
 - d) gostar de conversar.

PARTE A
DADOS SOCIOLÓGICOS

I IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES				
Entrevista:	<input type="checkbox"/> CaGII	<input type="checkbox"/> CaGI	<input type="checkbox"/> CbGII	<input type="checkbox"/> CbGI
Informante 1 (masc.):				
Informante 2 (fem.):				
1	Data de Nascimento:	Inf1	Inf2	
	Idade:	Inf1	Inf2	
2	Onde nasceu?	Inf1 <input type="checkbox"/> Na comunidade.		
		Inf2 <input type="checkbox"/> Na comunidade.		
		Inf1 <input type="checkbox"/> Em outra localidade. Qual?		
			
		Inf2 <input type="checkbox"/> Em outra localidade. Qual?		
			
3	Há quanto tempo mora na localidade?	Inf1	Inf2	
			
4	De qual lugar, no Sul, vem a família? O que motivou a mudança para cá?			
	Inf1:			
			
	Inf2:			
			
5	Caminho migratório (localidades onde morou antes de chegar aqui? memórias da migração):			
	Inf1:			
			
	Inf2:			
			
6	Ainda mantém contato com o Sul? Viaja para lá? Com que frequência?			
	Inf1:			
			
	Inf2:			
			
7	Escolaridade: Inf1		Inf2	
			
8	Trabalho/Ocupação: Inf1		Inf2	
			
9	Além do português, fala outra língua ou dialeto? Se sim, como chama?			
	Inf1:			
			
	Inf2:			
			
	<input type="checkbox"/> Hunsrickisch <input type="checkbox"/> pomerano <input type="checkbox"/> Platt <input type="checkbox"/> alemão <input type="checkbox"/> Vêneto <input type="checkbox"/> Talian <input type="checkbox"/>			
			

10 Fala essa/outra língua com os filhos (transmissão diageracional)? Eles falam?

Inf1:

.....

Inf2:

.....

11 Seus pais falavam outra língua? Qual(is)?

.....

Inf1:

.....

Inf2:

.....

12 Quem fala melhor o português, o pai ou a mãe?

.....

Inf1:

.....

Inf2:

.....

13 Religião: Inf1

.....

Inf2

.....

Endereço (se quisermos enviar uma carta? e-mail):

Autorizam o uso dos dados para a pesquisa? sim não

Outro(s) participante(s):

II HÁBITOS CULTURAIS DOS INFORMANTES (aplicar ao final da entrevista)

1. Vocês costumam tomar chimarrão? Como se faz um bom chimarrão?

Inf1:

.....

Inf2:

.....

2. E como se faz um churrasco?

Inf1:

.....

Inf2:

.....

3. Costumam ouvir música gauchesca? Ou outros tipos de música?

Inf1:

.....

Inf2:

<p>.....</p> <p>4. Para qual time de futebol torce?</p> <p>Inf1:</p> <p>.....</p> <p>Inf2:</p> <p>.....</p> <p>5. Usa bombacha? Em que ocasiões?</p> <p>Inf1:</p> <p>.....</p> <p>Inf2:</p> <p>.....</p> <p>6. Gosta de ir ao CTG (Centro de Tradição Gaúcha)?</p> <p>Inf1:</p> <p>.....</p> <p>Inf2:</p> <p>.....</p> <p>7. O que costumam comer no café da manhã, no almoço (cuca, chimia, polenta...)?</p> <p>Inf1:</p> <p>.....</p> <p>Inf2:</p> <p>.....</p>
<p>OUTRAS OBSERVAÇÕES</p>
<p>III LOCALIDADE DA PESQUISA</p>
<p>1 Toponímia</p>
<p>1.1 Nome da localidade onde moram os informantes:</p>
<p>1.2 Nomes anteriores:</p>
<p>1.3 Origem do nome da localidade (por que se chama assim?)</p>
<p>2 População Total</p>
<p>3 Observações sobre a localização da localidade (distância de cidade próxima, tipo de estrada, mobilidade etc.)</p>
<p>4 Breve história da localidade (período de fundação, processos migratórios, histórico,</p>

memórias da migração etc.)																																									
5	Etnias na região (pessoas de outras origens, observar designações)																																								
6	<p>Localização de grupos de origens diferentes (mapeamento de territorialidades, com auxílio de mapa)</p> <table> <thead> <tr> <th>Localidade (linha, picada, município)</th> <th>Grupo de origem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> <tr><td>.....</td><td></td></tr> </tbody> </table>	Localidade (linha, picada, município)	Grupo de origem	
Localidade (linha, picada, município)	Grupo de origem																																								
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
.....																																									
7	<p>Proporção dos grupos presentes na localidade</p> <p>() homogeneidade () heterogeneidade migratória</p> <p>a) Percentual de gaúchos na localidade:</p> <p>b) Percentual de teuto-gaúchos:</p> <p>c) Percentual de ítalo-gaúchos:</p> <p>d) Percentual de nortistas:</p>																																								
IV DADOS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO																																									
1	Espaços sociais dos grupos (clubes, associações, cooperativas, CTGs...)																																								
2	Escola: oportunidades de estudo, ensino de línguas...																																								

3	<p>Acervo iconográfico (fotografar inscrições, placas, monumentos, impressos [excertos de jornais, livros], documentos, entorno das entrevistas e do ambiente dos informantes, eventos, administração etc.</p> <p>Pergunta norteadora: Há presença visual de aspectos linguísticos que remetem aos diferentes grupos em contato (nomes de ruas, de estabelecimentos comerciais, de placas, de associações...)?</p>
4	<p>Que eventos/festas remetem aos grupos advindos do Rio Grande do Sul?</p>
5	<p>Relações de poder: Prefeito e o Vice-prefeito são de qual origem?</p>
6	<p>Mídia: A mídia local veicula propagandas, programas gauchescos específicos, por exemplo, no rádio, que refletem os grupos migrantes da localidade?</p>
7	<p>Outras informações: há aeroporto, museu, arquivos, monumentos, grupos de dança...?</p>
<p>OUTRAS OBSERVAÇÕES</p>	

PARTE B – DADOS LINGUÍSTICOS
I - QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

1	FÓSFORO (ALiB QFF 015; ALERS 574; carta 338) Aquilo que usa (mímica) para acender o fogo?
2	VARRER (ALiB QFF 018) Para limpar o chão, o que é que preciso fazer (mímica)?
3	ARROZ (ALiB QFF 021) O que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
4	COLHER – subst. (ALiB QFF 025) A carne se come com garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
5	SAL (ALiB QFF 028) O que é preciso colocar na carne para temperar?
6	MENTIRA (ALiB QFF 106; ALERS QFF 012; cartas 18 e 29) Se na é verdade, então é...?
7	ÁRVORE (ALiB QFF 039; ALERS QSL 109; carta 054 e 055) O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
8	NOITE (ALiB QFF 055) Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a . . . ?
9	DIA (ALiB – QFF 56; ALERS QFF 22; carta 030) A gente dorme de noite e trabalha...

	Alternativa: E depois da noite o que é que vem?
10	TARDE (ALiB QFF 062) Tem gente que chega cedo demais. Outros chegam... Alternativa: Qual é o contrário de cedo?
11	TRÊS (ALiB QFF 063; ALERS QMS 6.3; carta 03) O que é que vem depois do dois?
12	BICICLETA (ALiB QFF 071) Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
13	O OLHO / OS OLHOS – subst. (ALiB QFF 112; ALERS QSL 237; carta 163) Isto? (Apontar) E se são os dois? (Plural)
14	COMPADRE (ALERS QFF 005; carta 19) Se a mulher é comadre, o homem é...
15	REVÓLVER (ALERS QFF 009; cartas 39, 44 e 54; cartas 37/39 (a), 37/39 (b), 37/39 (c), cartas 37/38/39) Qual é a arma de fogo com uma peça que gira e se maneja com uma mão só? Quais são as armas de fogo que conhece?
16	PROCISSÃO (ALERS QFF 025; cartas 12 e 22) Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz levando uma imagem de um ponto a outro?
17	CRUZ (ALERS QFF 026; carta 02; cartas 01 e 02) O que se põe nas torres das igrejas e nos túmulos com esta forma? (mímica)

18	VELHO (ALiB QFF 139) Um sapato que não é novo é . . . ?
19	CARRO (ALERS QFF 045; carta 46) O que se guarda na garagem? Que outro nome se dá ao automóvel?
20	CORDA (ALERS QFF 041; carta 51; cartas 48-53; cartas 44-46/51/53) Os fios do violão se chamam...
21	FERVENDO (ALERS QFF 016; carta 52; cartas 48-53; carta 36) Quando a água da chaleira fica quente de soltar fumaça, a gente diz que ela está...
22	QUASE E se a água começa a chiar, ela está fervendo?
23	MILHARAL Uma plantação de milho é um...
24	CALÇA (ALERS QSL 617, carta 361) Que roupa os homens usam da cintura para baixo? Apontar.
25	TESOURA (ALiB QFF 06) ...o objeto com que se corta tecido?
26	TOMATE (ALiB QFF 30) ...aquilo vermelho, que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
27	PLANTA (ALiB QFF 40)

	Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem _____]
28	BONITO (ALiB QFF 37) Qual o contrário de feio?
29	SOL (ALiB QFF 58) ...aquilo que brilha no céu, de dia?
30	DEZ (ALiB QFF 64; ALERS QMS 6.10; carta 04) O que é que vem depois de nove?
31	PNEU (ALiB QFF 72) ...aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?
32	PREFEITO (ALiB QFF 83) Quem se elege para dirigir uma cidade?
33	BRASIL (ALiB QFF 90) ...o nosso país?
34	BORRACHA (ALiB QFF 87) ... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?
35	AZUL (ALiB QFF 89) Que cor é esta? <i>Mostrar</i>
36	CALÇÃO (ALiB QFF 98; ALERS QFF 15; cartas 37 e 21) Os jogadores de futebol aqui (<i>apontar</i>) usam camiseta. E aqui (<i>apontar</i>) o que é que usam?

37	DENTE (ALiB QFF 116) E isto? <i>Apontar</i>
38	UMBIGO (ALiB QFF 121) ... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?
39	FERIDA (ALiB QFF 123) Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o que?
40	HOMEM (ALiB QFF 128; ALERS QFF 02; cartas 09 e 17) Adão foi o primeiro?
41	MULHER (ALiB QFF 129) E Eva foi a primeira?
42	TIO (ALiB QFF 131; ALERS QFF 03; cartas 28 e 27) O que é que o irmão do seu pai ou da sua mãe é seu?
43	ANEL (ALiB QFF 143; ALERS QSL 526; carta 312) O que é que se usa aqui no dedo? <i>Apontar</i>
44	SORRISO (ALiB QFF 147) Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____? <i>Ou mímica.</i>
45	BARULHO (ALiB QFF 154) Quando uma criança está dormindo, o que se diz para ela não acordar? “Fale baixo, não faça...”

46	<u>PAZ</u> (ALiB QFF 155; ALERS QFF 10; carta 01) Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____.
47	<u>MORREU</u> (ALiB QFF 159) Quem não está mais vivo é porque já _____?

PARTE B

II - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

1	<p>ORVALHO / SERENO (ALiB QSL 020; ALERS QSL 059; carta 032)</p> <p>De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?</p>
	a) orvalho; b) sereno
2	<p>TANGERINA/ MEXERICA (ALiB QSL 39; ALERS QSL 126; carta 62)</p> <p>... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e , normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? <i>Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante.</i></p>
	a) vergamota, b) bergamota, c) mexerica, d) tangerina, e) mimosa, f) poncã
3	<p>MANDIOCA / AIPIM (ALiB QSL 50 e 51)</p> <p>...aquela raiz branca por dentro, coberta com uma casca marrom, que se cozinha para comer?</p> <p>Alternativa: ...aquela raiz parecida com _____ (<i>cf. item anterior</i>) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?</p>
	a) mandioca, b) aipim, c) macaxeira
4	<p>CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA (ALiB QSL 52; ALERS QSL 179; carta 131)</p> <p>...um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?</p>
	a) carrinho de mão, b) carriola [Quem fala? Italiano ou...?]
5	<p>ARAR/LAVRAR (ALERS QSL 149; carta 109)</p> <p>Que faz o homem do campo, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo?</p>
	a) lavrar, b) arar, c) tombar, d) virar
6	<p>CAPINAR (ALERS QSL 146; carta 107)</p> <p>Limpar a plantação com a enxada?</p>

	a) capinar; b) carpir
7	CAVALO VELHO Qual nome dá ao cavalo que não serve mais para o trabalho devido à idade?
	a) matungo; b) picaço
8	URUBU (ALiB QSL 64; ALERS QSL 201 a.; carta 67) ... a ave preta que come animal morto, podre?
	a) corvo, b) urubu
9	JOÃO-DE-BARRO (ALiB QSL 66; ALERS QSL 201 c.; carta 71) ...a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?
	a) joão-de-barro, b) barreiro, c) joão-barreiro, d) forneiro(a), e) massa-barro
10	CHIFRE (ALiB QSL 77; ALERS QSL 208 b.; carta 79) O que o boi tem na cabeça?
	a) chifre, b) aspa, c) guampa, d) corno
11	RABO (ALiB QSL 81; ALERS QSL 208b) ...a parte com que o cavalo espanta moscas?
	a) rabo, b) cola
12	MELECA/ TATU (ALiB QSL 102; ALERS QSL 306; carta 204) ...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
	a) tatu, b) meleca, c) ranho/ ronha, d) catarro
13	AXILA (ALiB QSL 108; ALERS QSL 327; carta 215) ...esta parte aqui? <i>Apontar</i>

	a) asa, b) sovaco, c) axila
14	CHEIRO NAS AXILAS (ALiB QSL 109; ALERS QSL 328; carta 216) ...o mau cheiro embaixo dos braços?
	a) cheiro de asa, b) catinga, c) cheiro de sovaco
15	CALCANHAR (ALiB QSL 119; ALERS QSL 266; carta 183) ...isto? <i>Apontar</i> .
	a) calcanhar, b) garrão
16	FANDANGO / BAILE ... uma festividade com música gauchesca para dançar, que acontece geralmente a noite?
	a) fandango, b) baile, c) entrevero, d) filó [Tipos de música? Vens pilchado/trajado?]
17	COLONO / CAIPIRA ... a pessoa que reside na zona rural?
	a) colono, b) caipira, c) caboclo, d) agricultor, e) imigrante
18	GAÚCHO ... a pessoa que vem do Rio Grande do Sul?
	a) gaúcho, b) sulista, c) gaúcho cansado
19	TIPOS DE IMIGRANTES Que imigrantes têm aqui?
	a) alemão, b) italiano, c) polaco [poloneses], d) japoneses

20	ITALIANO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES Há outros nomes para designar o <i>italiano</i> ?
	a) gringo, b) "gringo polenteiro"
21	ALEMÃO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES ... e a alemão? E se for mulher?
	a) alemão-batata, b) alemão
22	POLONÊS/ OUTRAS DESIGNAÇÕES ... e os que vieram da Polônia?
	a) polonês, b) polaco
23	NORTISTA/ OUTRAS DESIGNAÇÕES
	a) nortista; b) nordestino;
24	NEGRO (ALERS QSL 366; carta 238) As pessoas que têm pele bem escura?
	a) negro; b) preto; c) moreno
25	MULATO (ALERS QSL 367; carta 239) As pessoas que são de pele um pouco escura, porque só a mãe ou só o pai é negro? [Negro] misturado com branco [etnia da região] dá filho...
	a) mulato; b) moreno (claro), c) cor-de-cuia, d) sarará
26	ÍNDIO / BUGRE (ALERS QSL 369; carta 240) Para se referir a um indígena, como costumam dizer aqui: "índio" ou "bugre"?
	a) índio; b) bugre

27	CABELO LOIRO (ALERS QSL 276 a; carta 193) E o cabelo que é bem claro, tipo o de muitos alemães?
	a) loiro; b) louro; c) loro; d) galego
28	MENINO / GURI / PIÁ (ALiB QSL 132; ALERS 443 e 444; carta 270 e 271) Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
	a) moleque; b) guri; c) piá; d) menino; e) garoto
29	SACI-PERERÊ (ALERS QSL 500; carta 296) Contam “estórias” de um negrinho de uma perna só, com cachimbo na boca [Símbolo do Inter]. Que nome dão a ele? [Sabe a história?] [Outra personagem conhecida na região?]
	a) saci-pererê, b) saci, c) negrinho do pastoreio, d) manzão
30	XARÁ (ALiB QSL 143; ALERS QSL 491; carta 292) A pessoa que tem o mesmo nome da gente? [Quem diz <i>tocaio</i> ? E <i>xará</i> ? Qual é o mais gaúcho?]
	a) xará; b) tocaio
31	BODEGA / BAR / BOTEÇO (ALiB QSL 202; ALERS QSL 605; carta 355) Um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber cachaça e onde também se pode comprar alguma outra coisa?
	a) bodega; b) boteco; c) bolicho; d) venda
32	BÊBADO (DESIGNAÇÕES) (ALiB QSL 144; ALERS QSL 596; carta 350) Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?
	a) bêbado, b) pingüço, c) cachaceiro, d) pau-d’água, e) borracho, f) tchuco

33	CIGARRO DE PALHA (ALiB QSL 145; ALERS QSL 601; carta 352) Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?
	a) palheiro, b) (cigarro) crioulo, c) cigarro de palha
34	ESTILINGUE (ALiB QSL 157; ALERS QSL 514; carta 303) ...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (<i>mímica</i>), que os meninos usam para matar passarinho?
	a) bodoque, b) funda, c) estilingue, d) setra, e) ondita
35	BOLINHA DE GUDE (ALiB QSL 156; ALERS 513; carta 302) As coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
	a) bolinha de gude; b) bolita; c) bolica, d) clica
36	CABRA-CEGA (ALiB QSL 161; ALERS QSL 519; carta 306) ...a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
	a) gata-cega, b) gato-cego, c) cobra-cega, d) pata-cega, e) cabra-cega
37	AMARELINHA (ALiB QSL 167; ALERS QSL 525; carta 311) ...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (<i>mímica</i>) e vão pulando com uma perna só? <i>Solicitar descrição detalhada.</i>
	a) amarelinha, b) sapata, c) caracol
38	JOGO DE OSSO (ALERS QSL 546; carta 323) ...o jogo que se atira um osso para ver quem tem sorte?
	a) jogo do osso, b) jogo de tava
39	FULIGEM (ALiB QSL 171; ALERS QSL 572; carta 337) ...aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do

	fogão a lenha?
	a) picumã, b) fuligem
40	<p>WANDSCHONER [para informantes teuto-gaúchos]</p> <p>Conhece “Wandschoner”? (tipo de toalha de pano com ditado bordado geralmente em alemão, para proteger a parede da fuligem, da gordura)</p>
41	<p>CUCA</p> <p>... espécie de pão, coberto com uma espécie de farofa feita com açúcar, margarina, canela em pó e farinha de trigo, que tem pedaços de fruta ou doce de leite?</p>
	a) cuca; b) <i>Kuchen</i> (como é em alemão?); c) pão doce
42	<p>GELEIA (ALiB QSL 177; ALERS QSL 608; carta 357)</p> <p>A pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?</p>
	a) <i>Schmier</i> ; b) chimia; c) geleia; d) doce de frutas; e) marmelada/figada/pessegada
43	<p>CHIMARRÃO/MATE</p> <p>...a bebida preparada com erva-mate e água quente? E se preparar com leite? Com que frequência toma essa bebida?</p>
	a) chimarrão (amargo? erva-mate com água), b) mate (doce? erva-mate com leite?), c) tereré (com água fria? tomam?)
44	<p>FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA (ALiB QSL 131; ALERS QSL 438; carta 267)</p> <p>...o filho que nasceu por último?</p>
	a) caçula, b) nenê (da casa), c) indez, d) mais novo, e) mais moço
45	<p>LUGAR DISTANTE DE TUDO</p> <p>Que nome dá a um lugar que fica longe de tudo e de todos?</p>
	a) cafundó; b) fim de mundo; c) fim de linha; d) fim da picada

46	SEMÁFORO (ALiB QSL 194) O que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?
	a) sinaleira; b) semáforo; c) farol; d) sinal
47	CARONA Se eu estou aqui e o senhor/a senhora está de carro. O que peço para poder ir junto? (<i>gesto</i>)
	a) carona

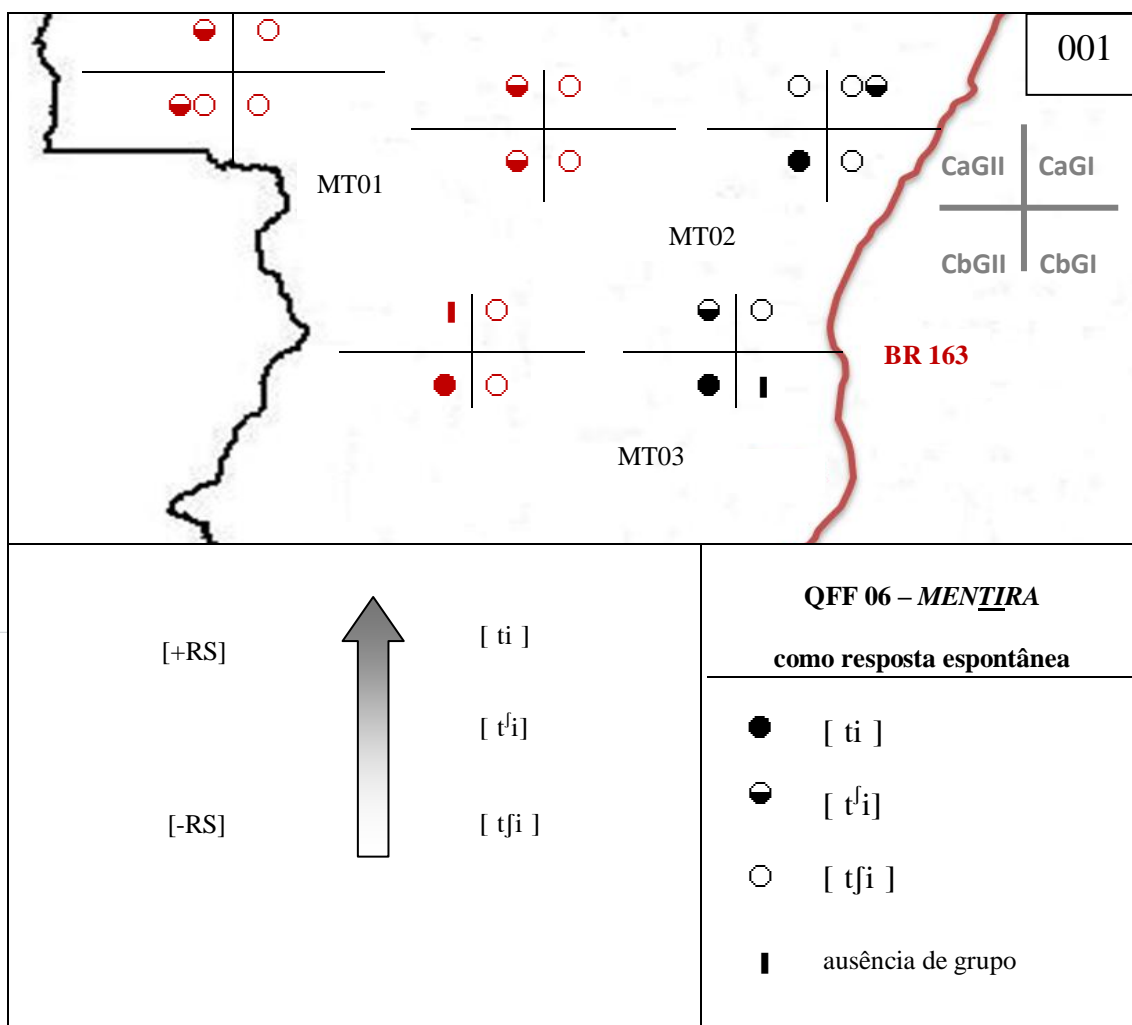
PARTE B

III - QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO (QMS)

1	<p>NÓS / A GENTE (ALiB QMS 26)</p> <p>O que vocês fazem no fim de semana?</p>
	a) nós; b) a gente
2	<p>O SENHOR / O SINHÔ</p> <p>O pai pergunta para os filhos: quem manda nessa casa? O que vocês responderiam? (perguntar pela forma feminina)</p>
	a) o senhor; b) o sinhô (como diziam os antigos?)
3	<p>TU / VOCÊ (tratamento entre irmãos) (ALiB QMS 24)</p> <p>Quando se vê um irmã(o) saindo escondido dos pais, como é que se pergunta onde ele(a) vai?</p>
	a) tu; b) você [quem fala assim?]; c) cê; d) vosmicê [os antigos?]
4	<p>CONOSCO / COM NÓS/ COM A GENTE (ALiB QMS 28)</p> <p>Quando nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café _____?</p>
	a) conosco; b) com nós; c) com a gente
5	<p>NEGAÇÃO</p> <p>O senhor / A senhora sabe ordenhar vaca? Sabe bordar? Sabe falar guarani?</p>
	a) Não sei! b) Sei não! c) Não sei não!
6	<p>INTERJEIÇÃO (como marcador de identidade)</p> <p>Se alguém se impressiona com algo, como exclama (por exemplo, ... <i>que bagunça!</i>) ? Quem fala assim? (<i>tem uma expressão característica do alemão, do italiano?...</i>)</p>
	a) Bah! b) Viche! c) Dio d) Uai! e) A la pucha! f)

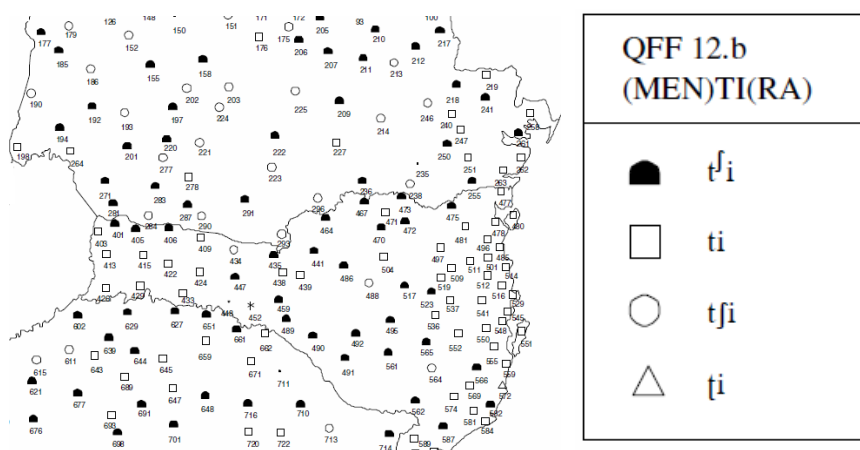
ANEXO IIa
Dados Cartografados (QFF):
Variação Fonética

Cartograma 01 – QFF 06 – *MENTIRA*

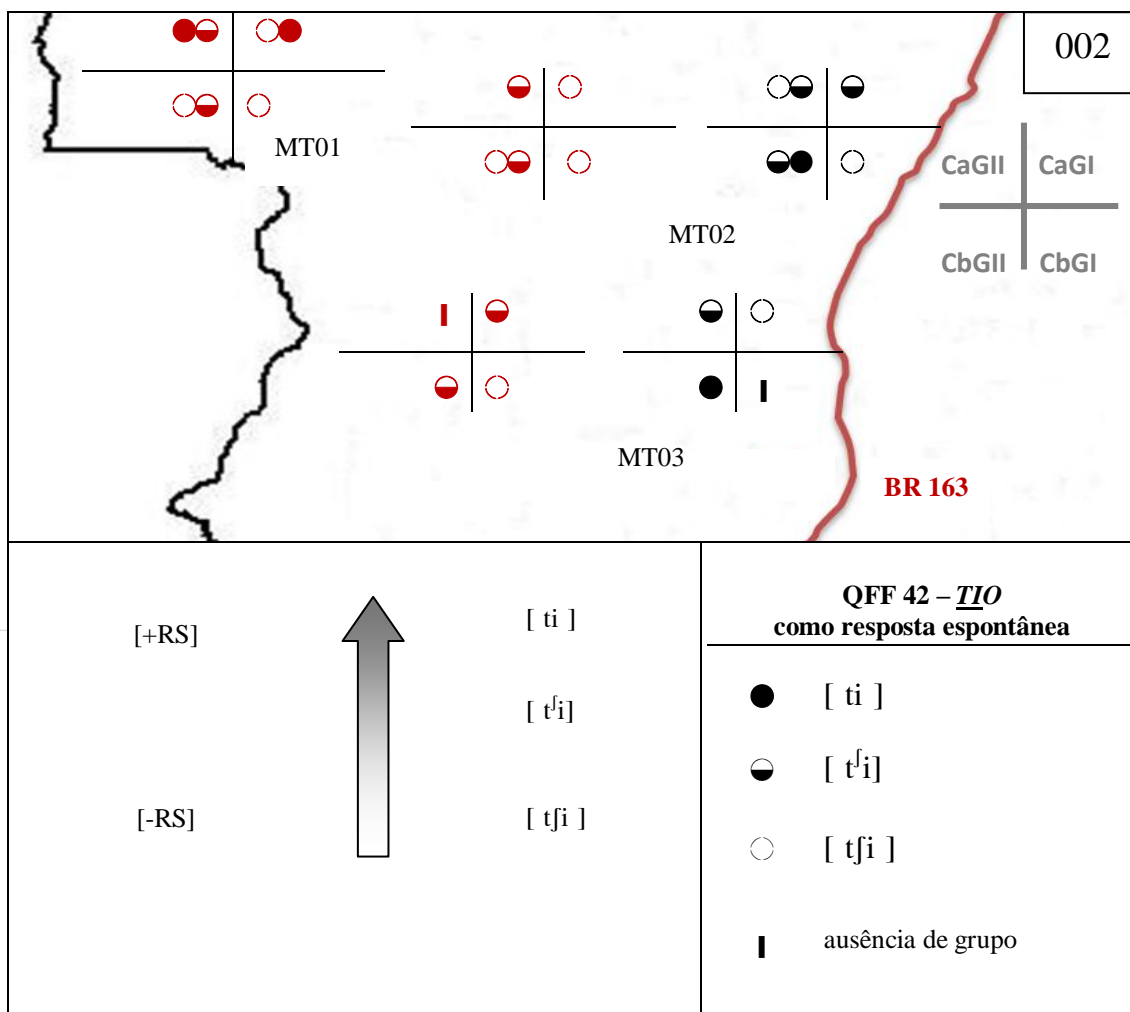


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 29 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

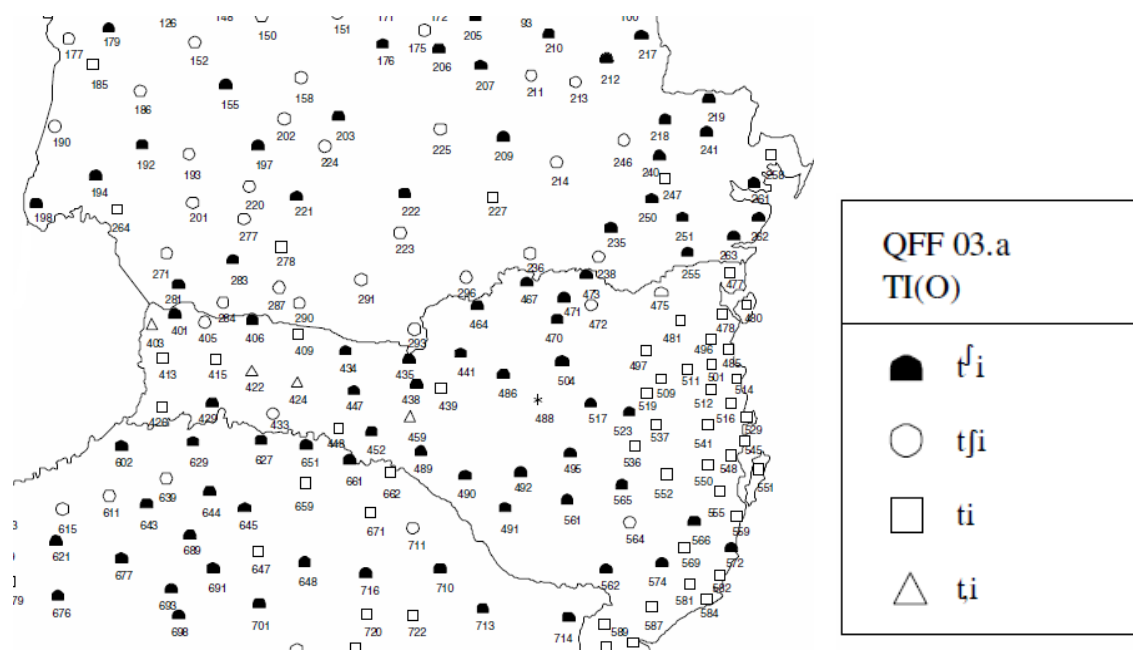


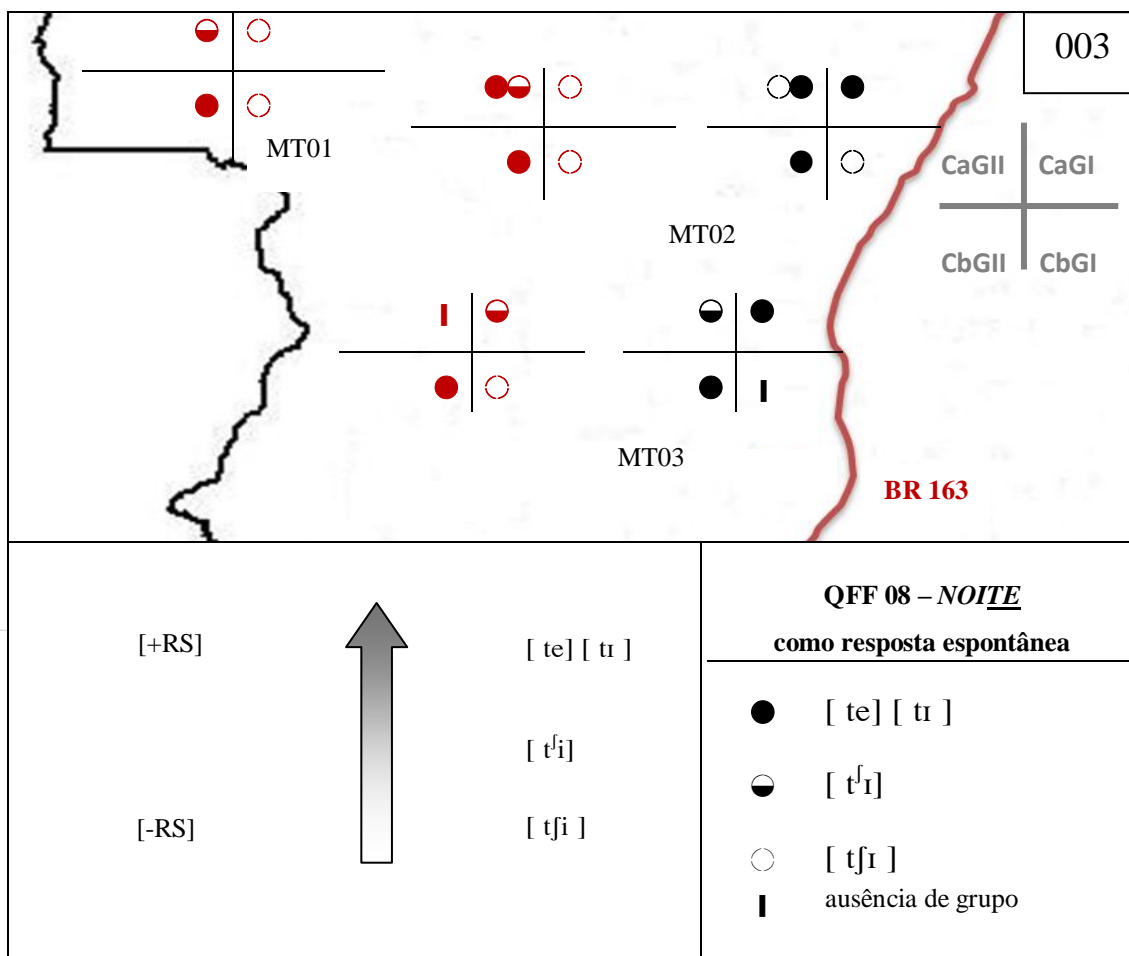
Cartograma 02 – QFF 42 – *TIO*



© C.Figueiredo (2014)

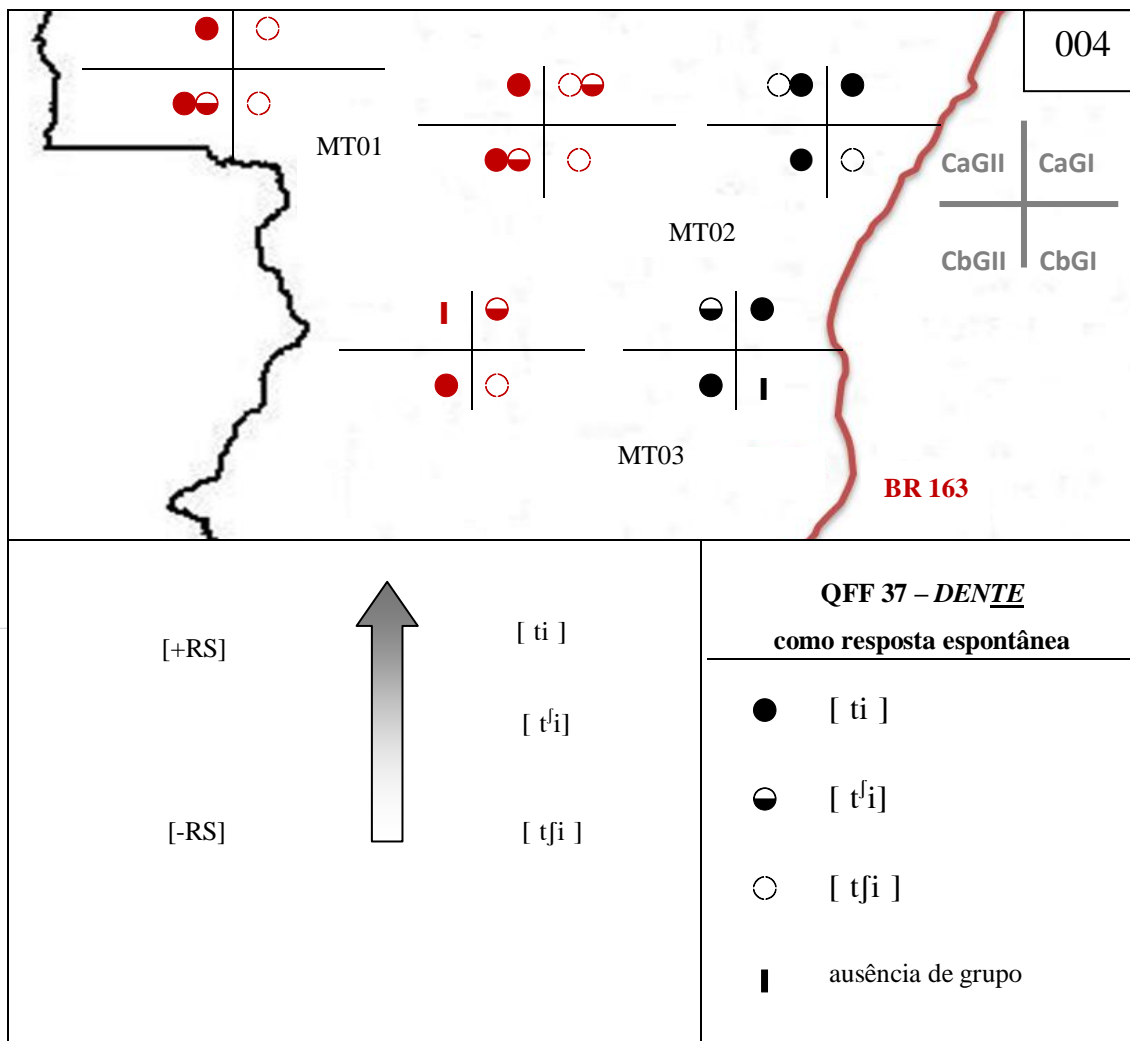
CARTA 28 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



Cartograma 03 – QFF 08 – *NOITE*

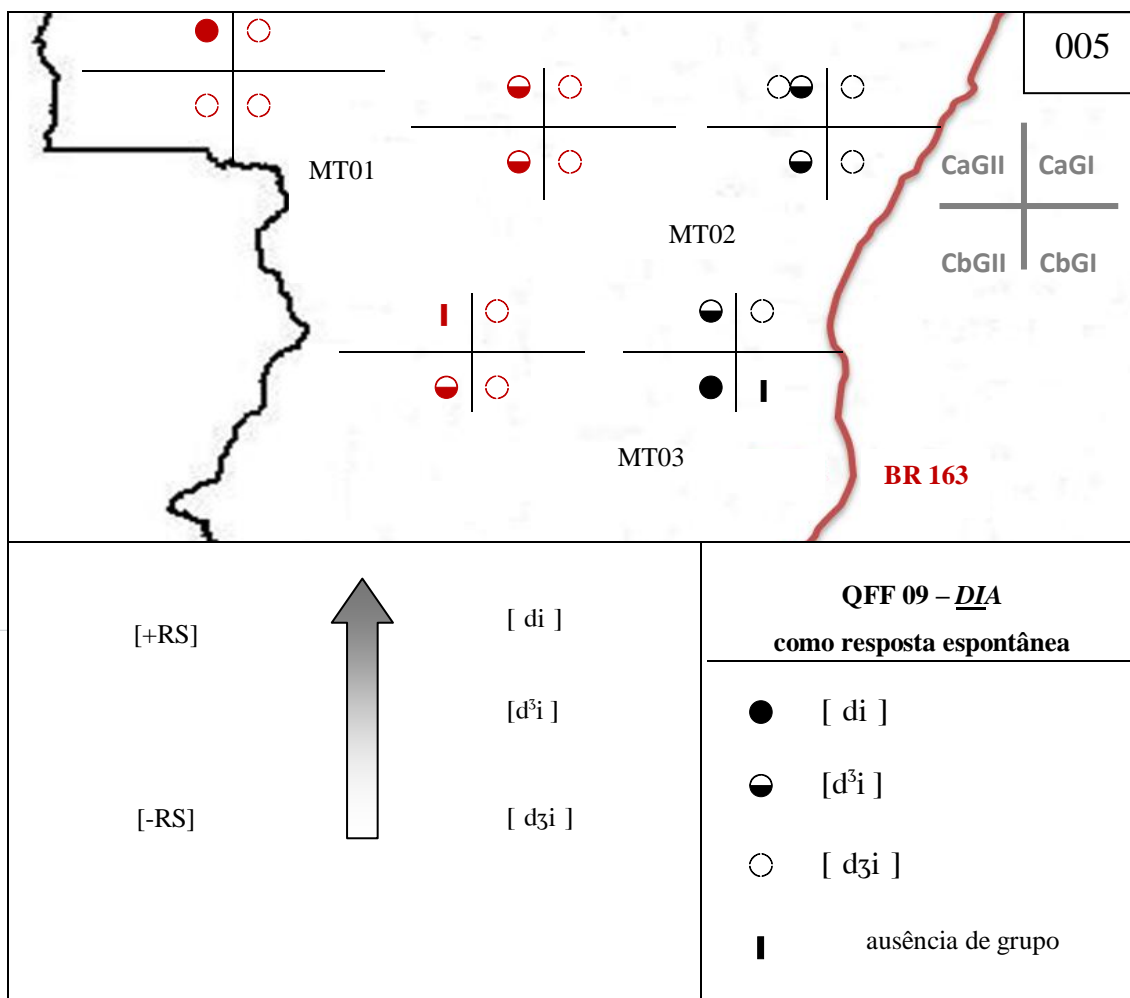
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 04 – QFF 37 – DENTE



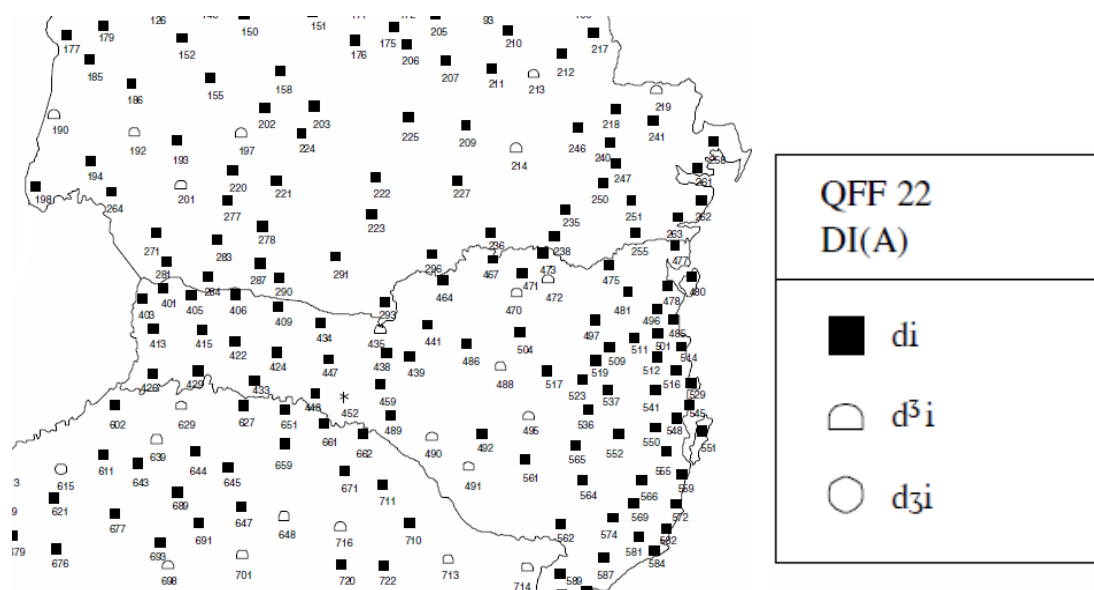
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 05 – QFF 09 – DIA

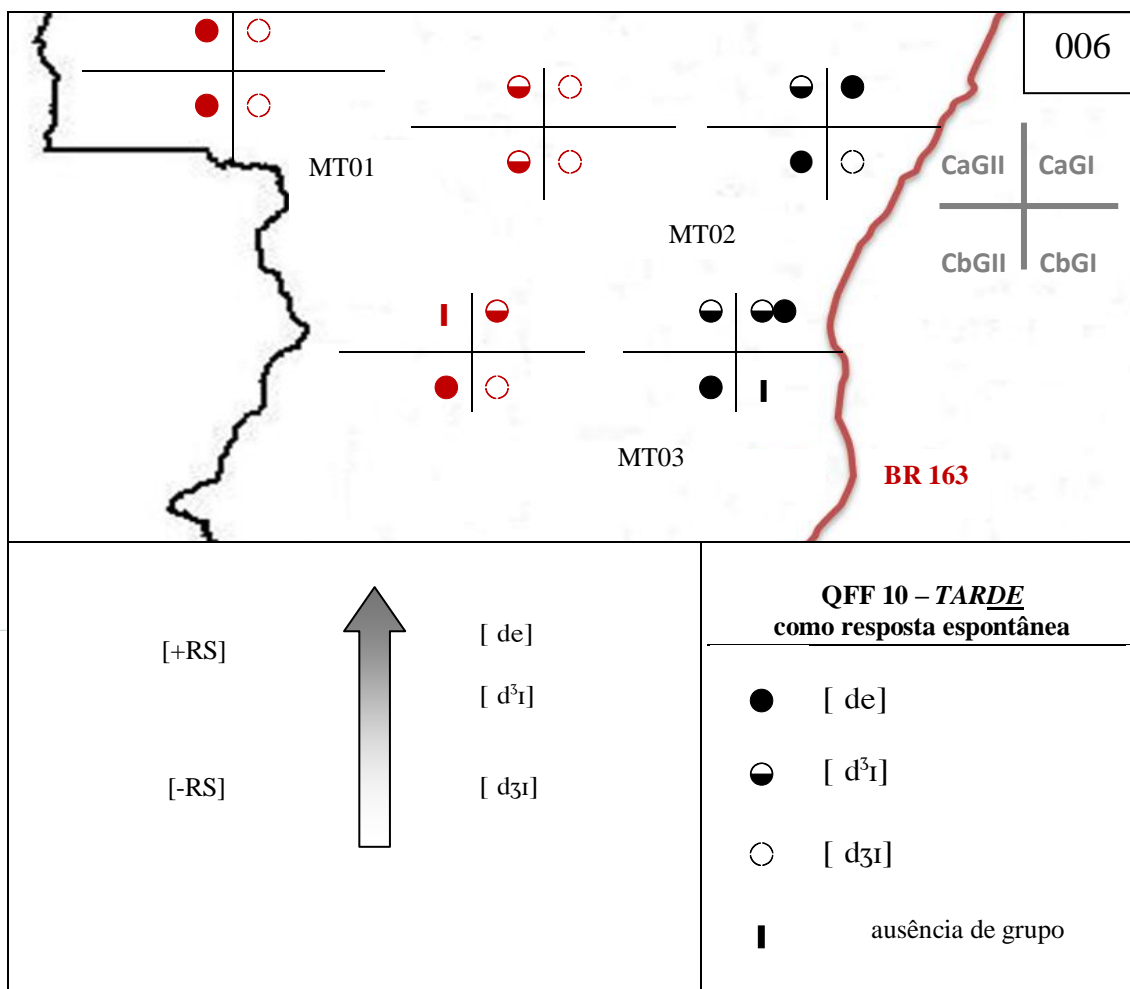


© C.Figueiredo (2014)

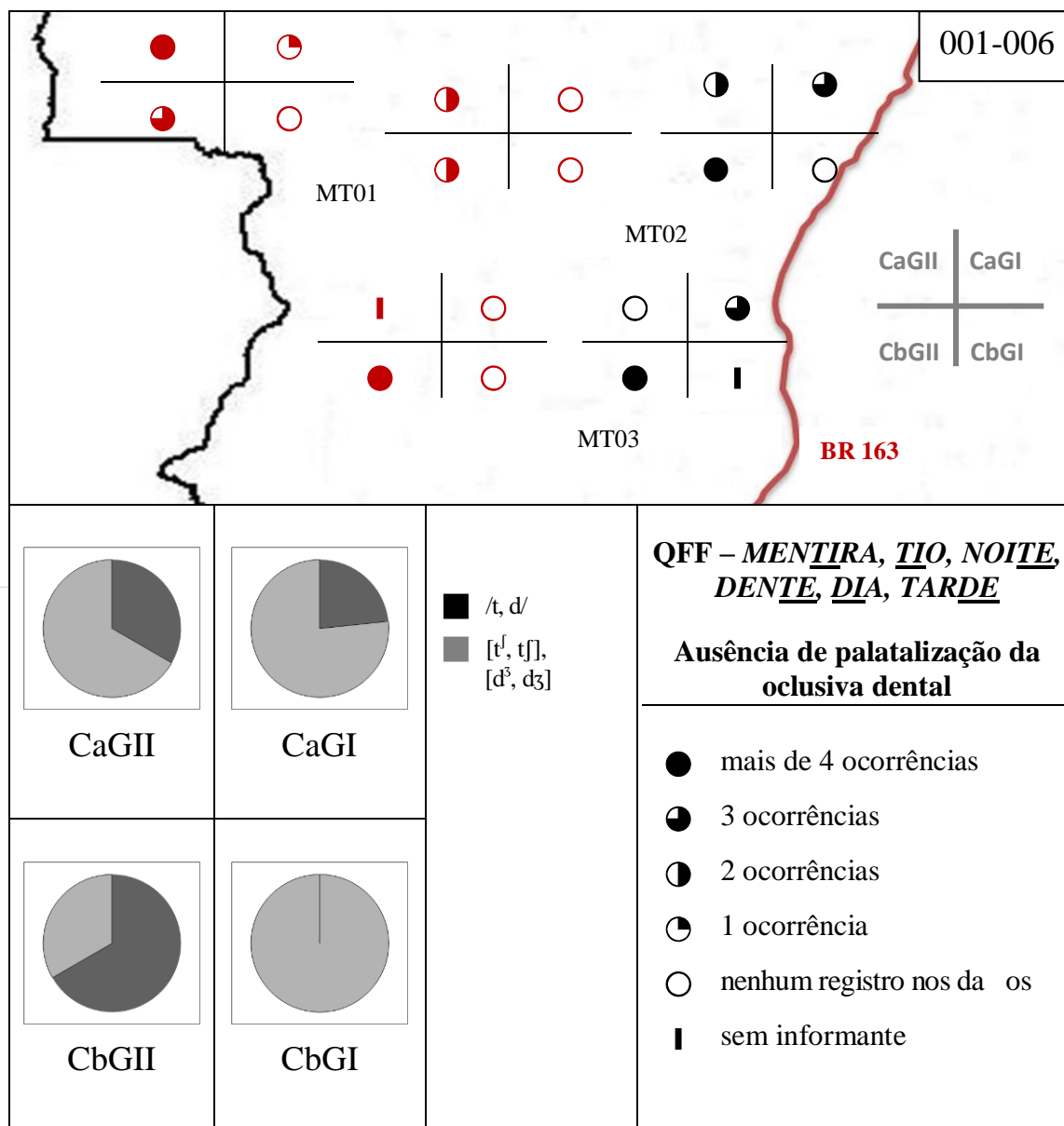
CARTA 30 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



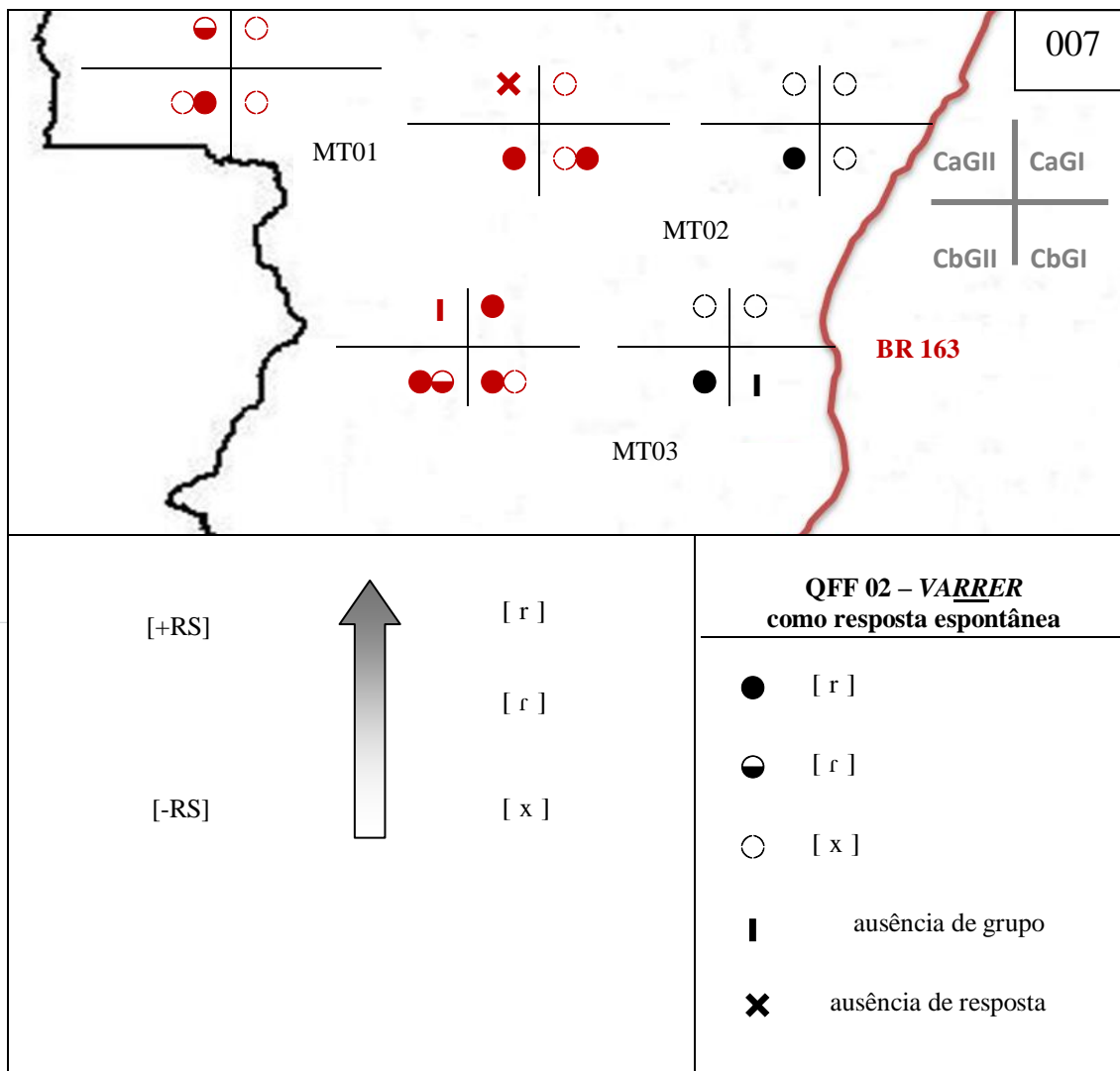
Cartograma 06 – QFF 10 – TARDE



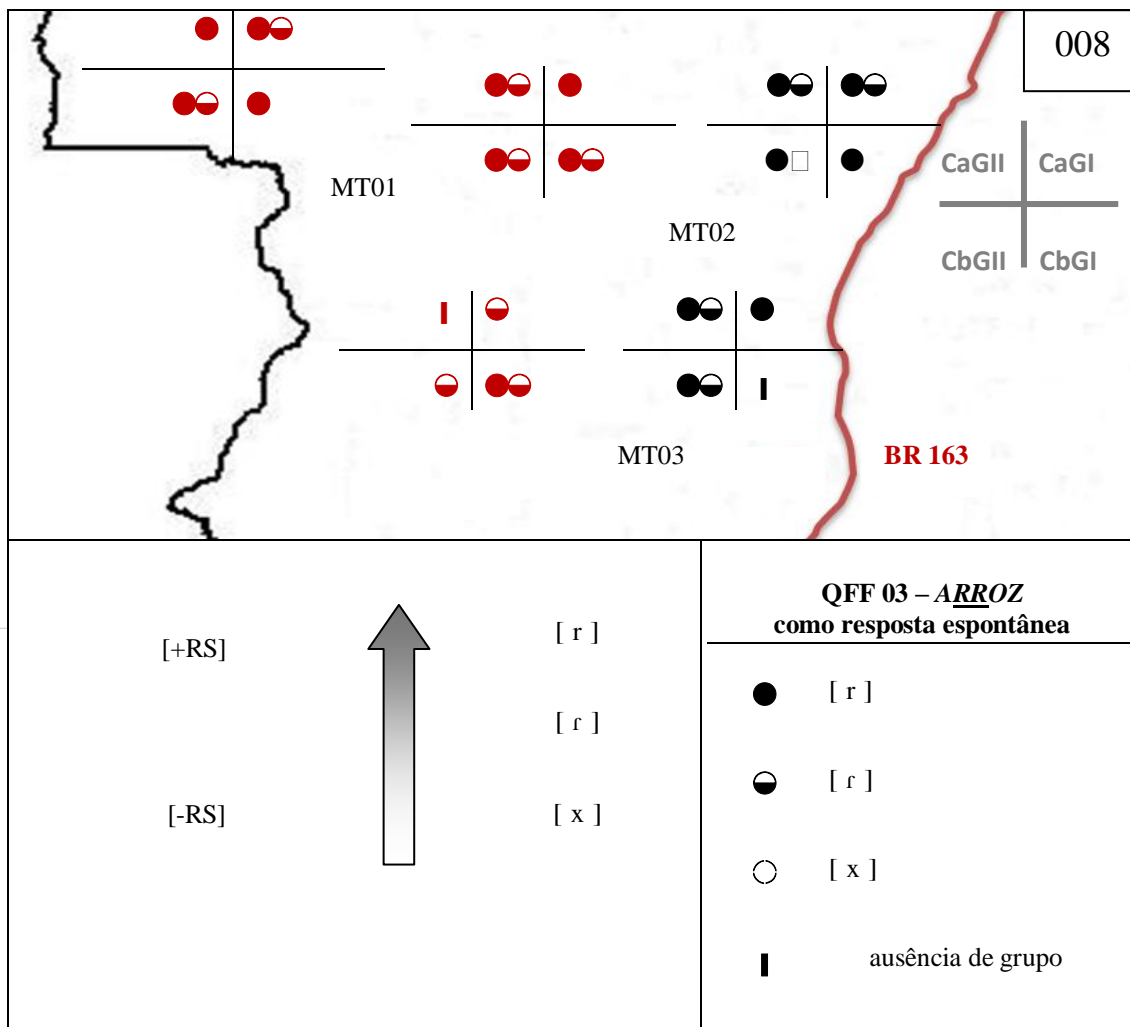
Cartograma 001-006 – Ausência de palatalização da dental



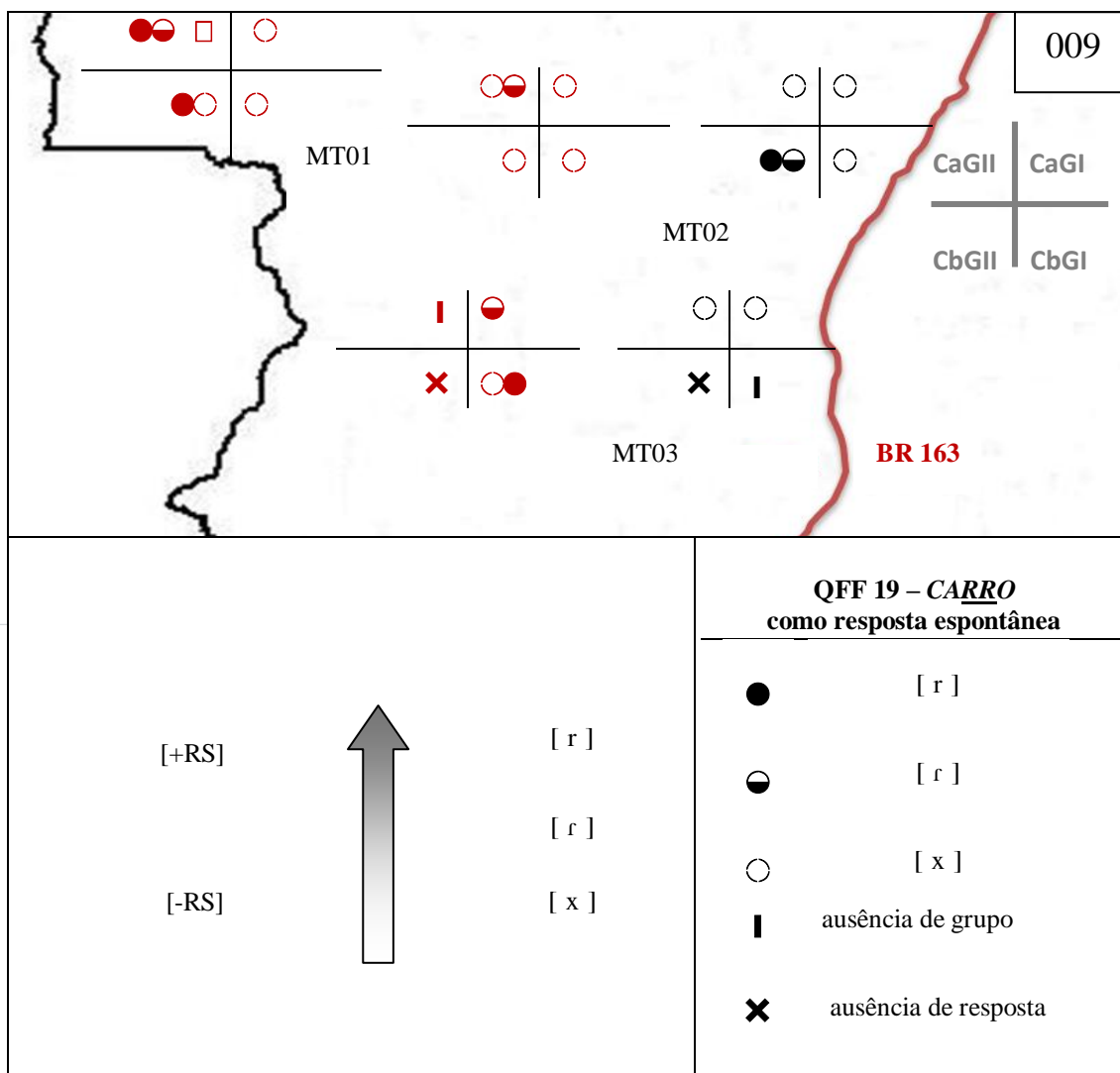
Cartograma 07 - QFF 02 - VARRER



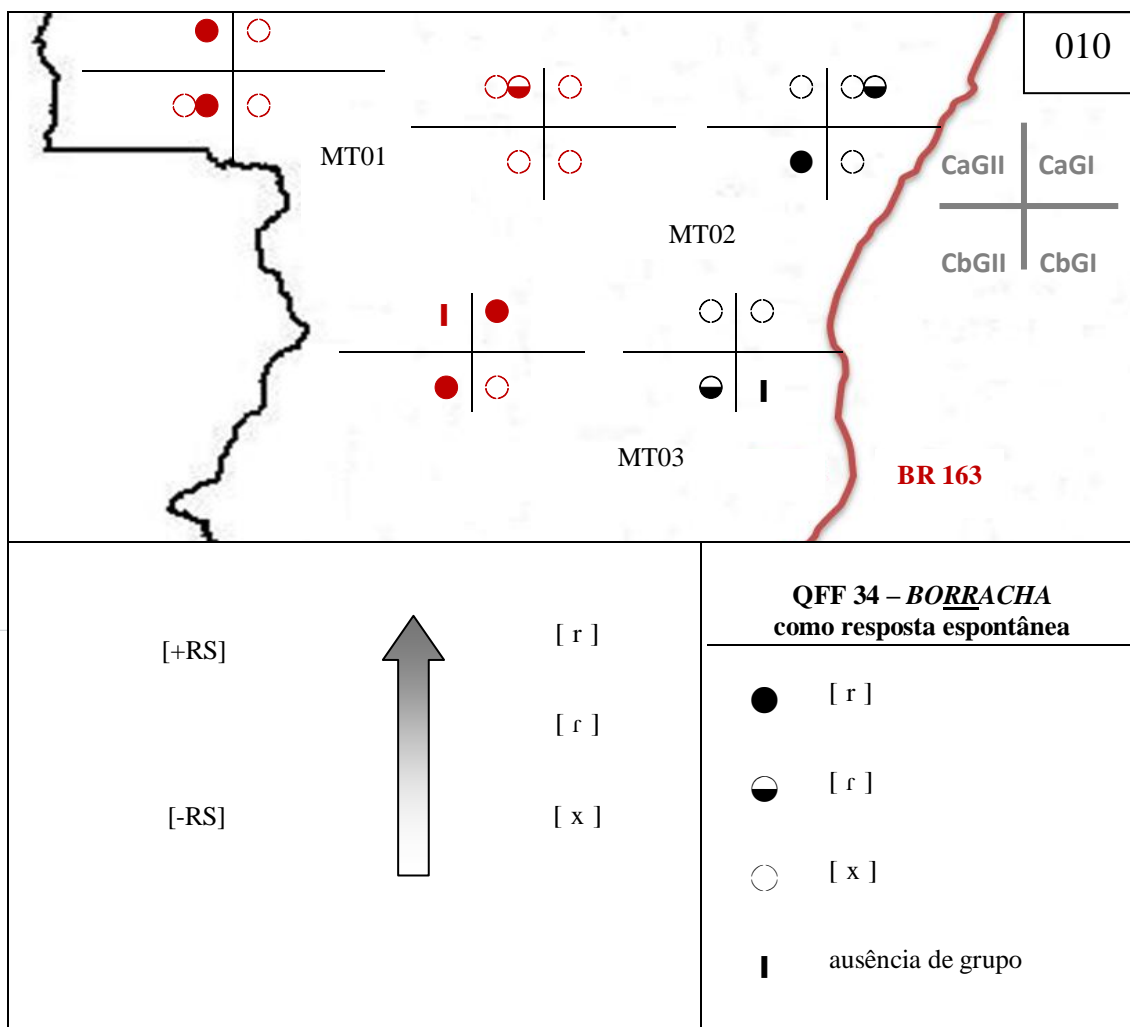
Cartograma 08 – QFF 03 – ARROZ



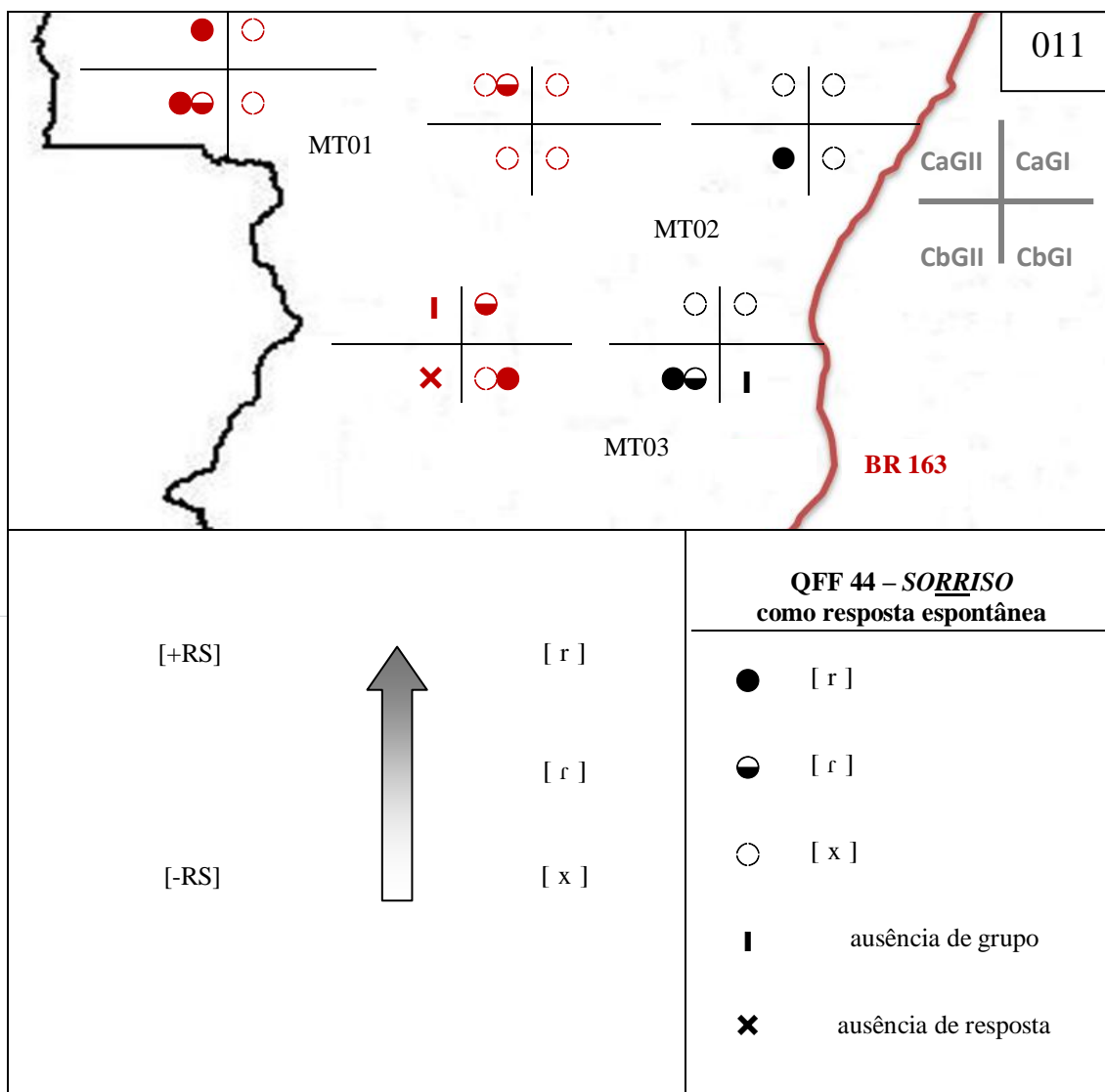
Cartograma 09 – QFF 19 – CARRO



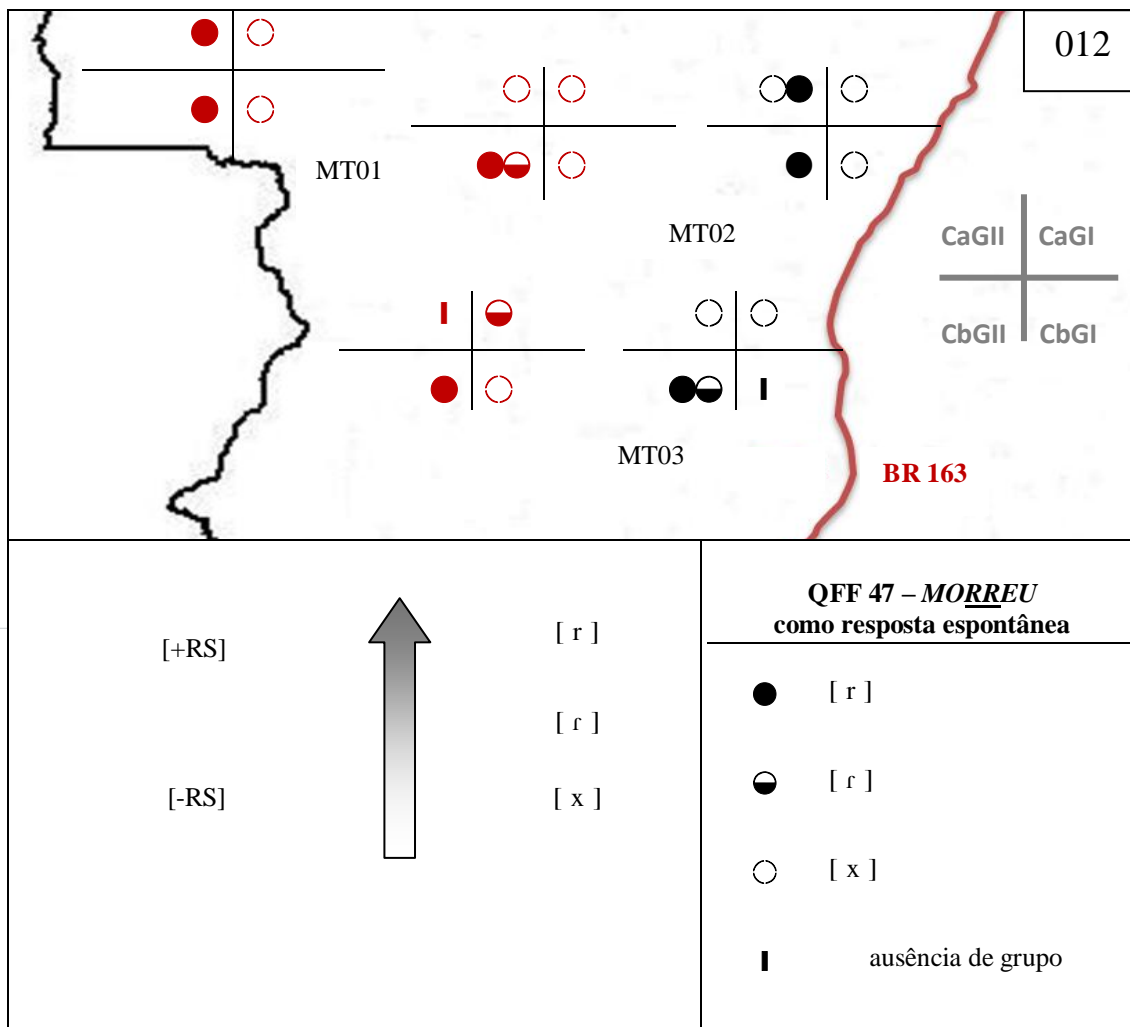
Cartograma 10 – QFF 34 – **BORRACHA**



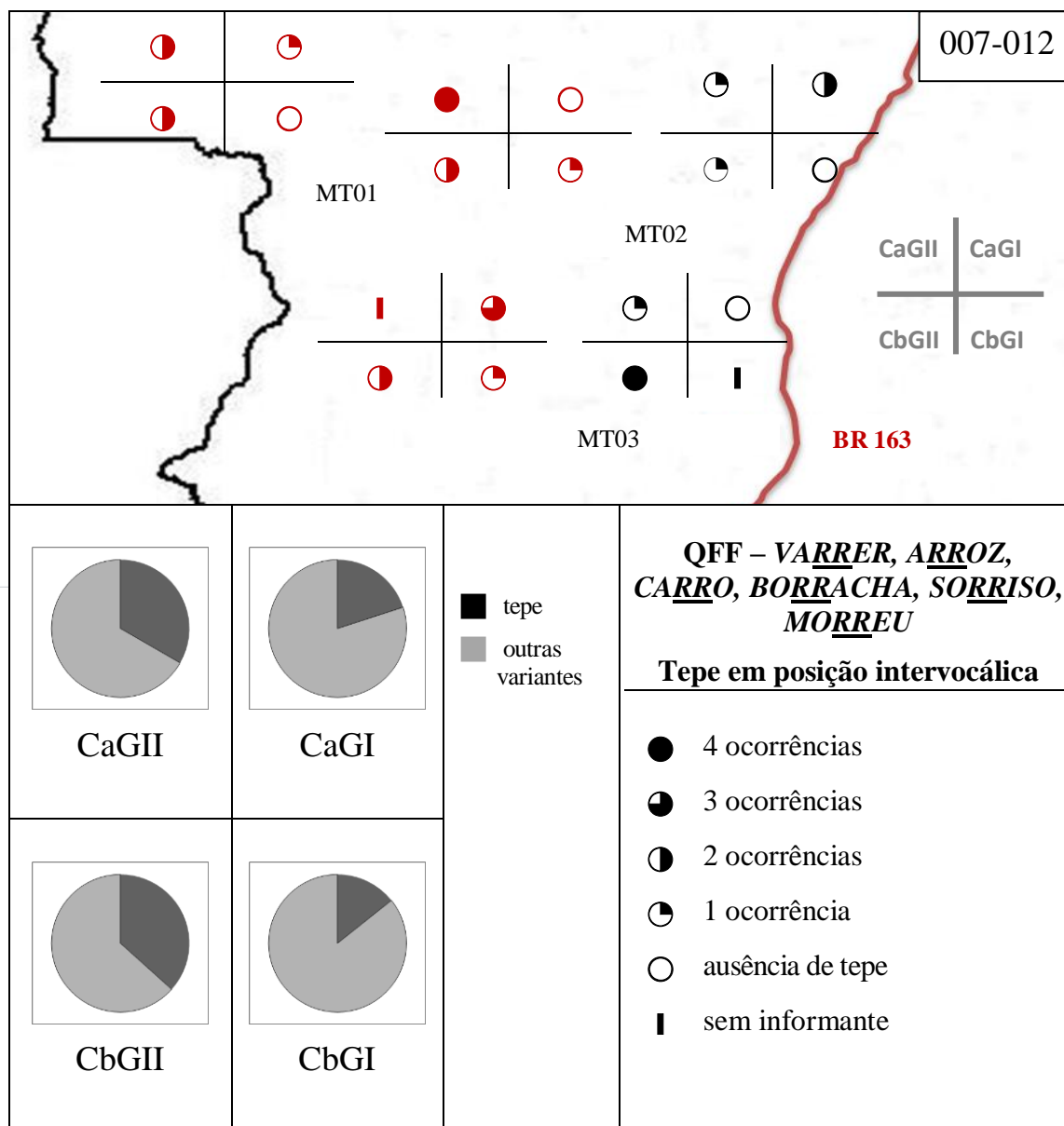
Cartograma 11 – QFF 44 – *SORRISO*



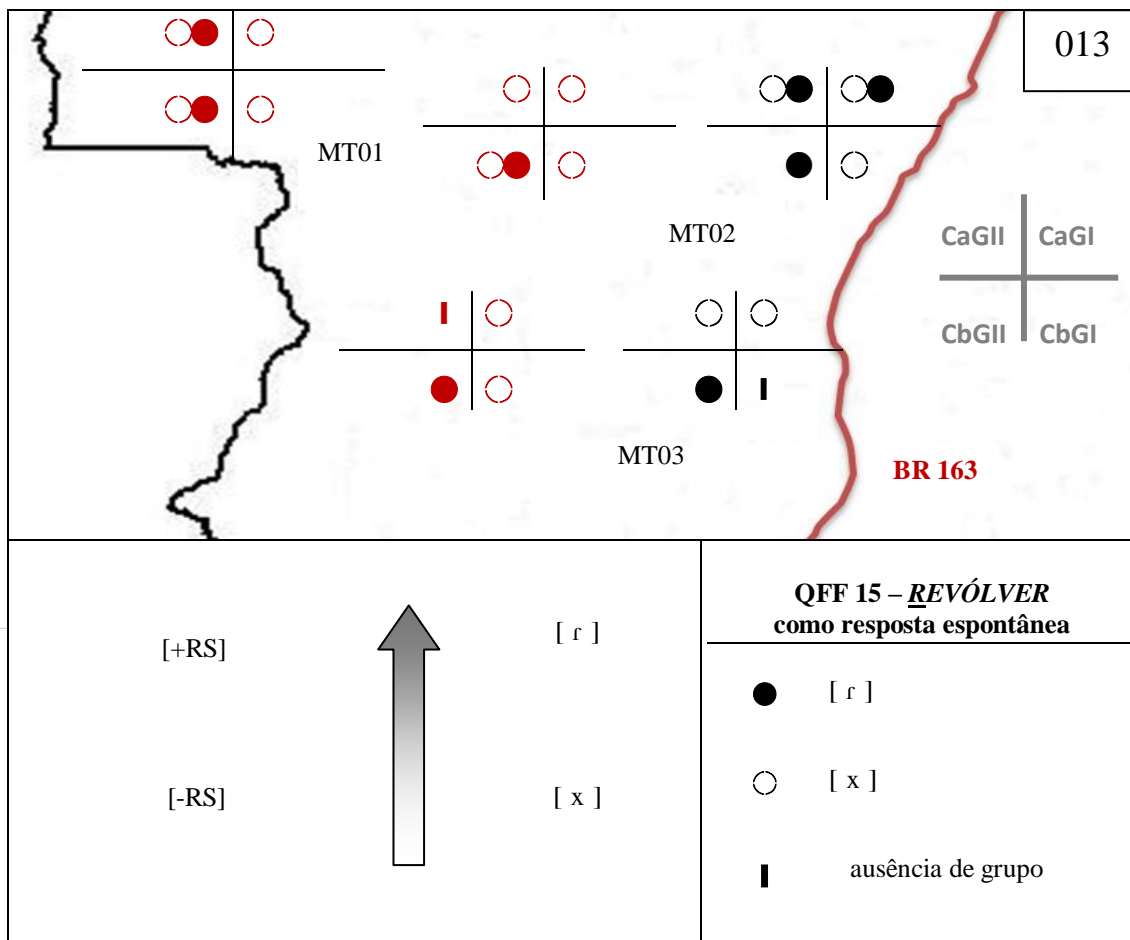
Cartograma 12 – QFF 47 – MORREU



Cartograma 007-012 – Tepe em posição intervocálica

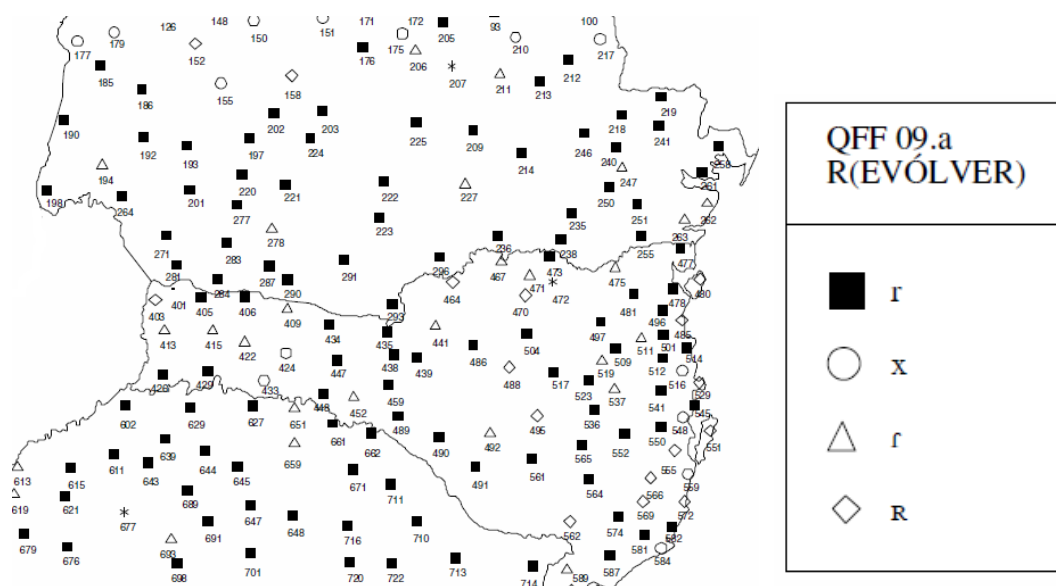


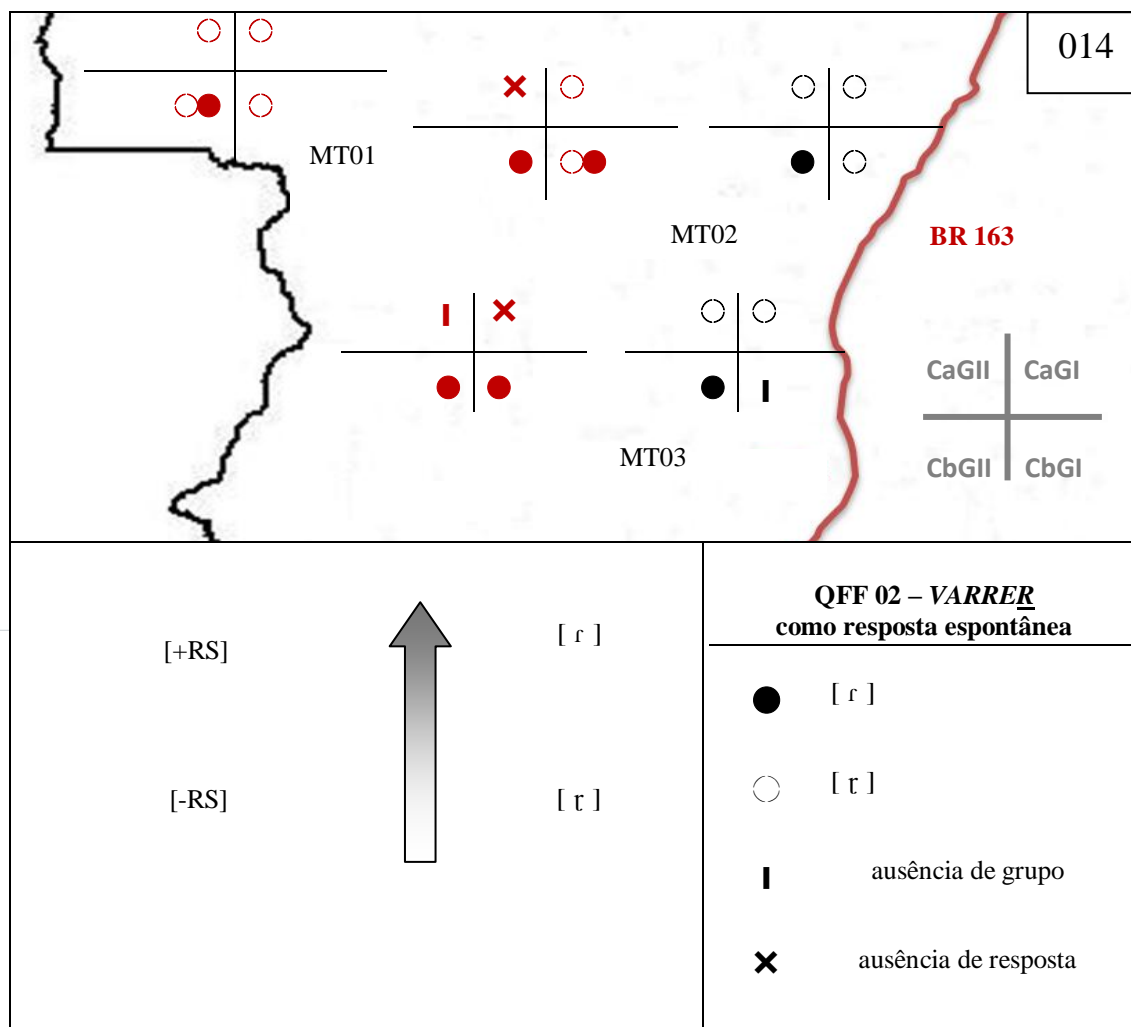
Cartograma 13 – QFF 15 – REVÓLVER



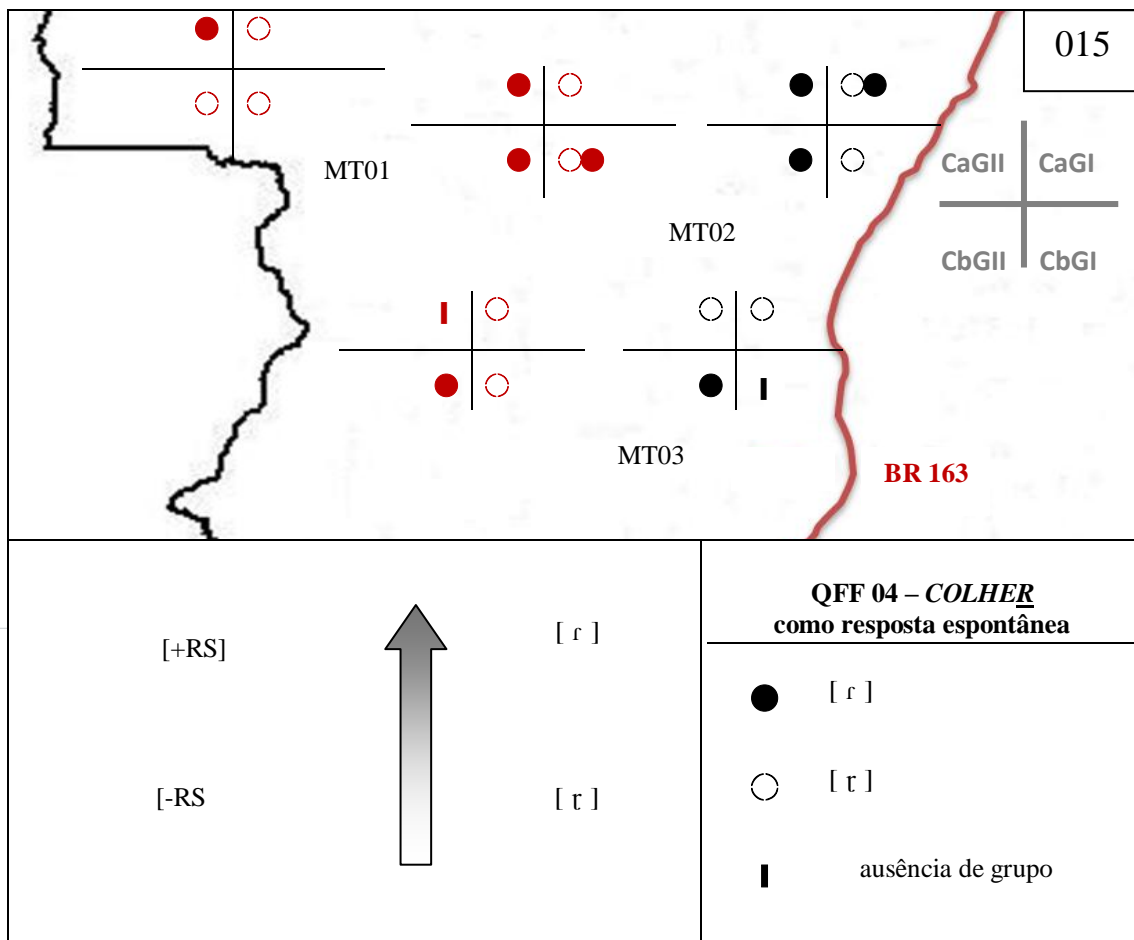
© C.Figueiredo (2014)

CARTA 44 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

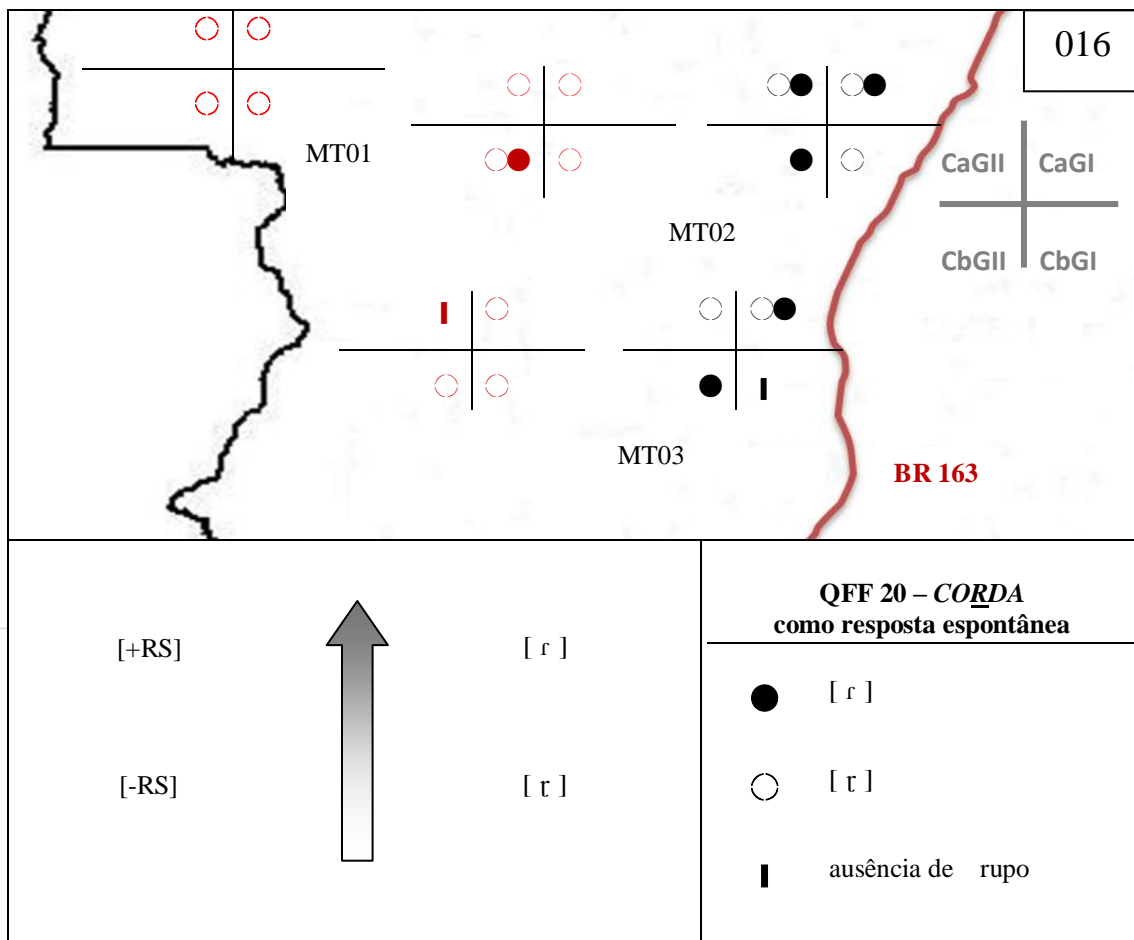


Cartograma 14 – QFF 02 – *VARRE*

Cartograma 15 – QFF 04 – COLHER

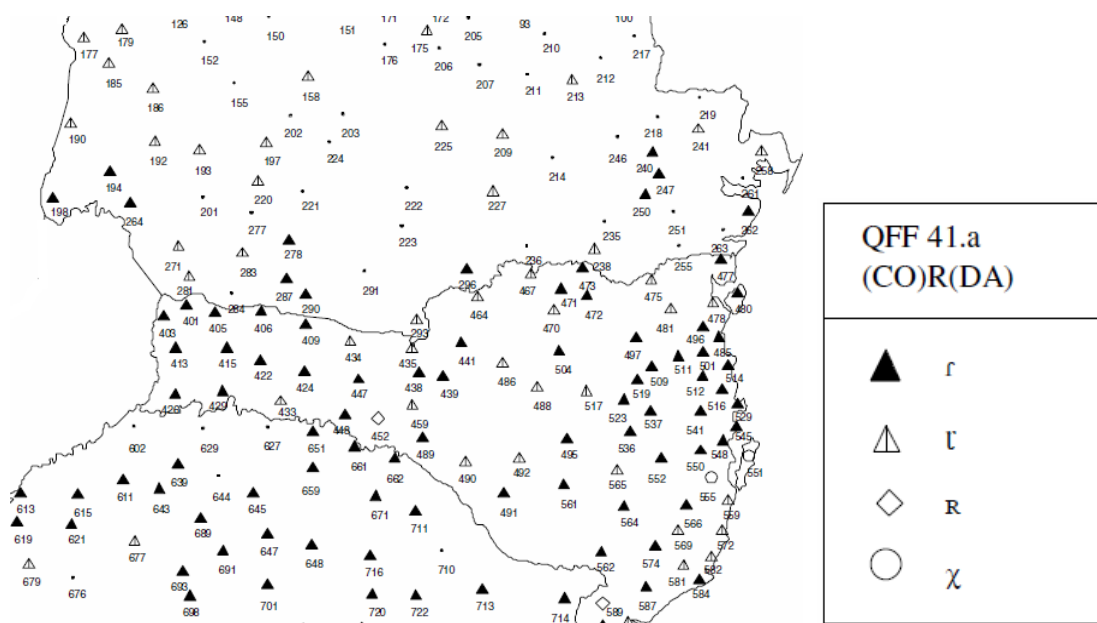


Cartograma 16 – QFF 20 – *CORDA*

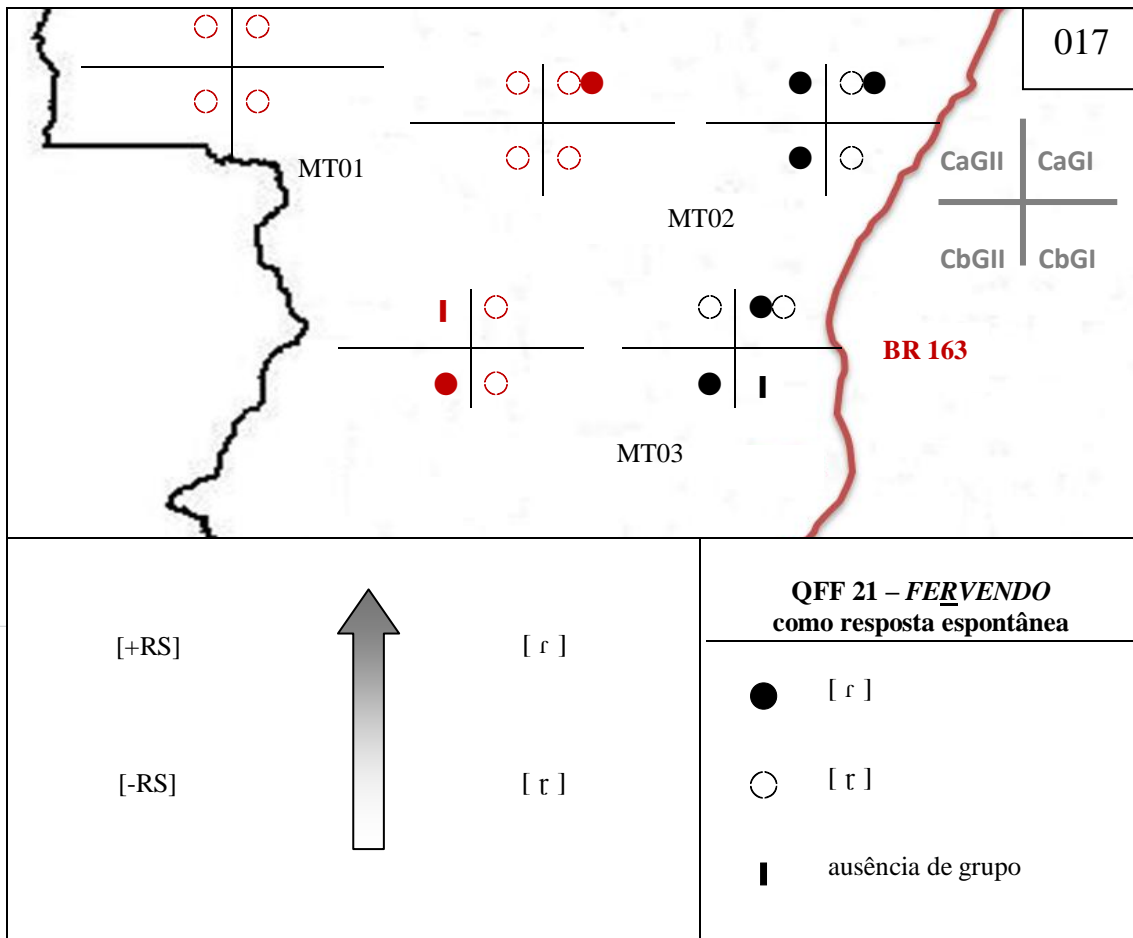


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 51 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

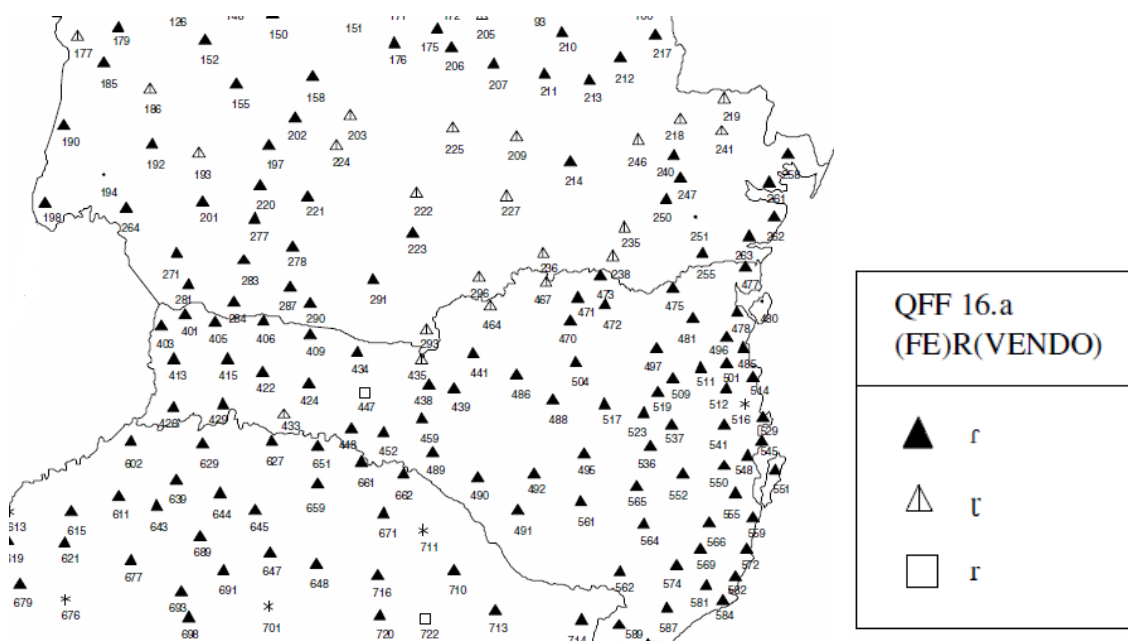


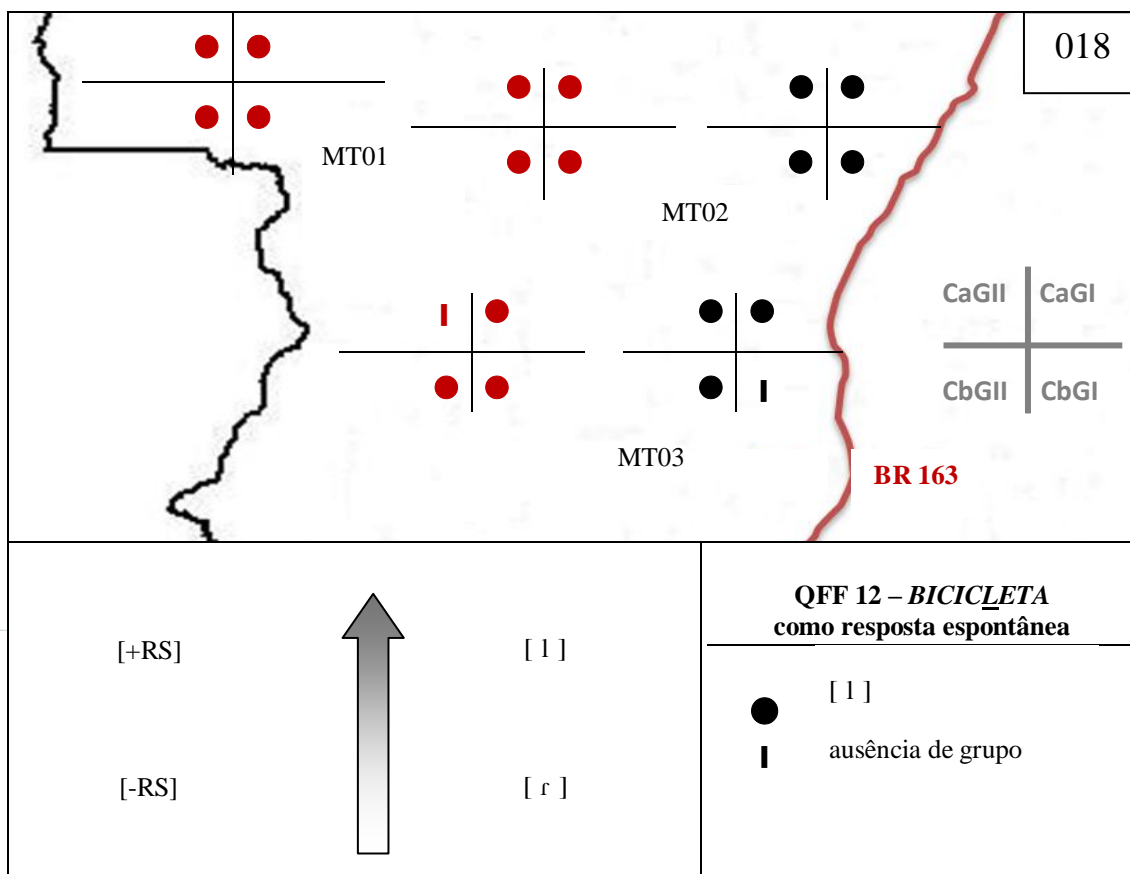
Cartograma 17 – QFF 21 – FERVENDO

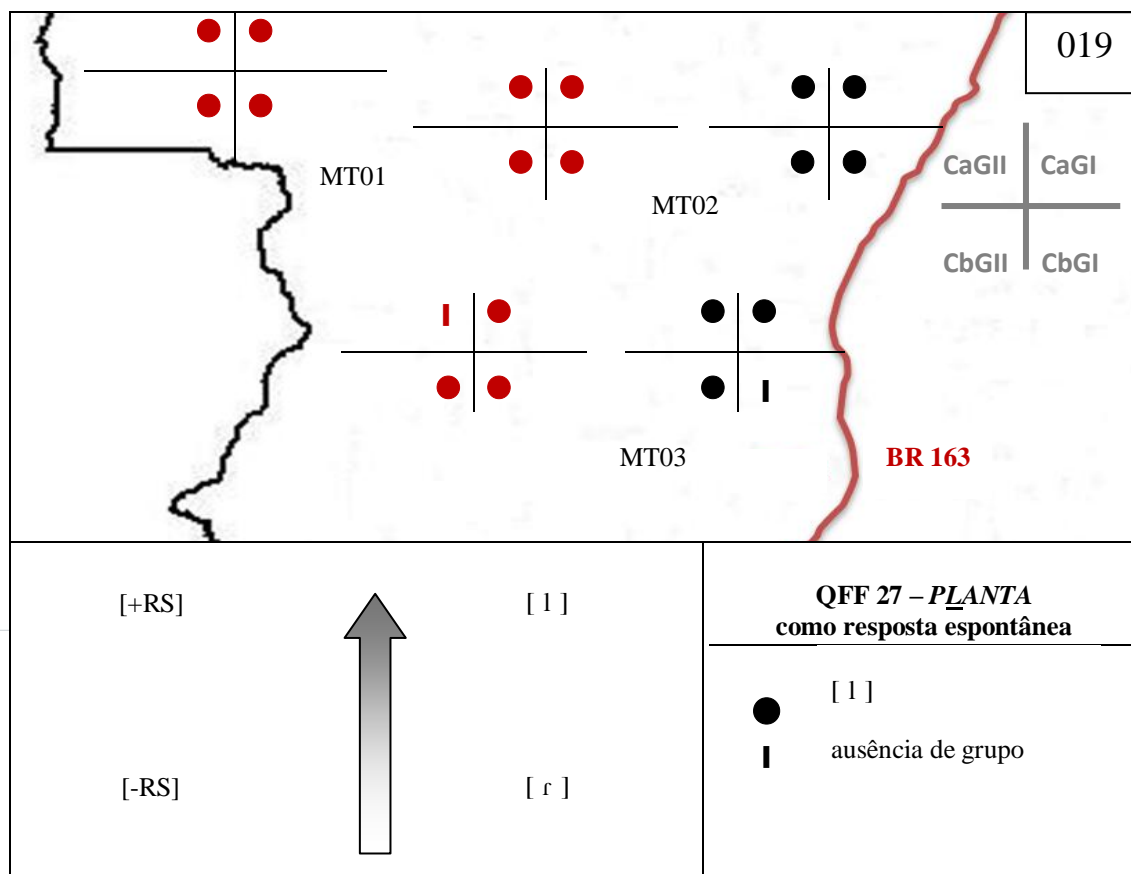


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 52 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

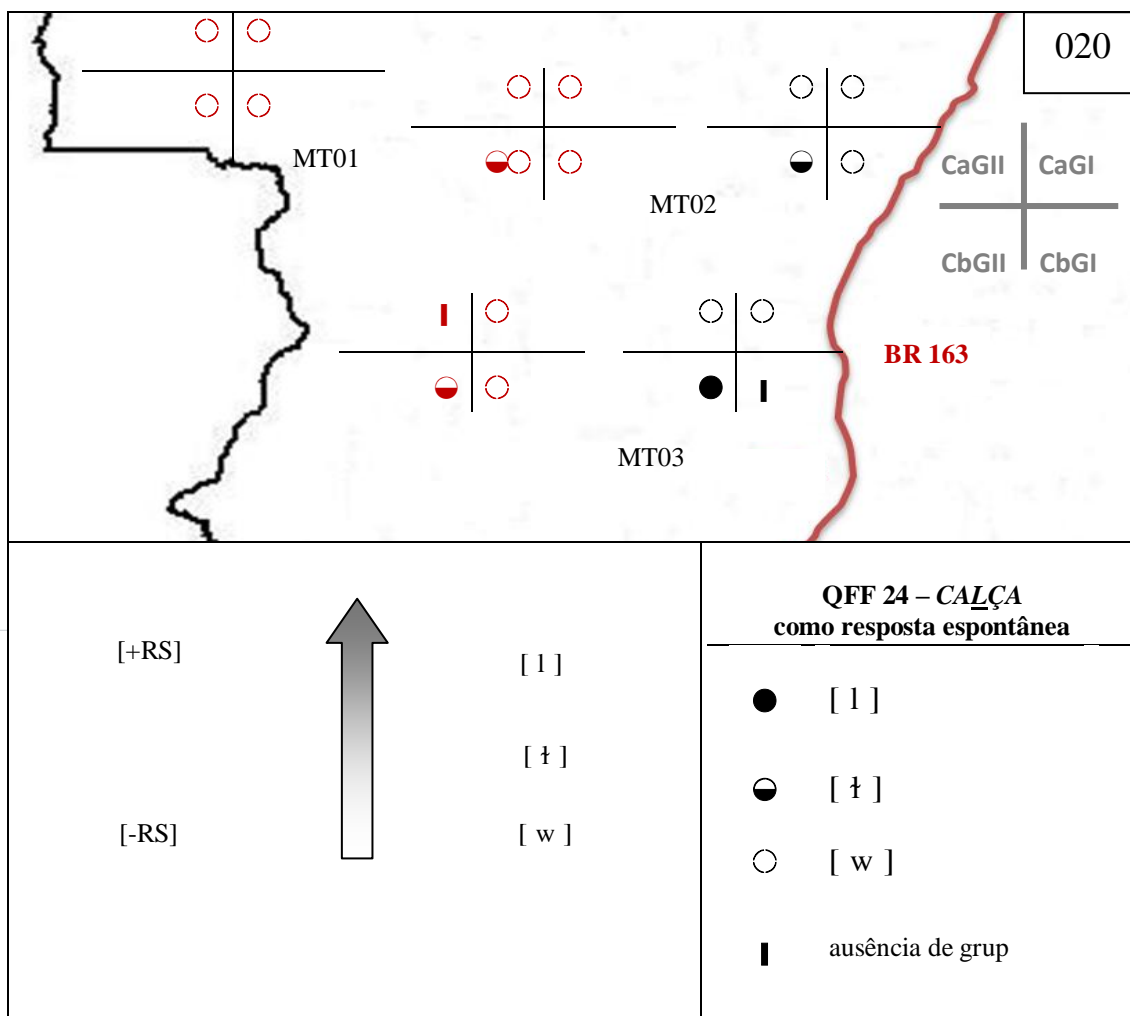


Cartograma 18 – QFF 12 – *BICICLETA*

Cartograma 19 – QFF 27 – *PLANTA*

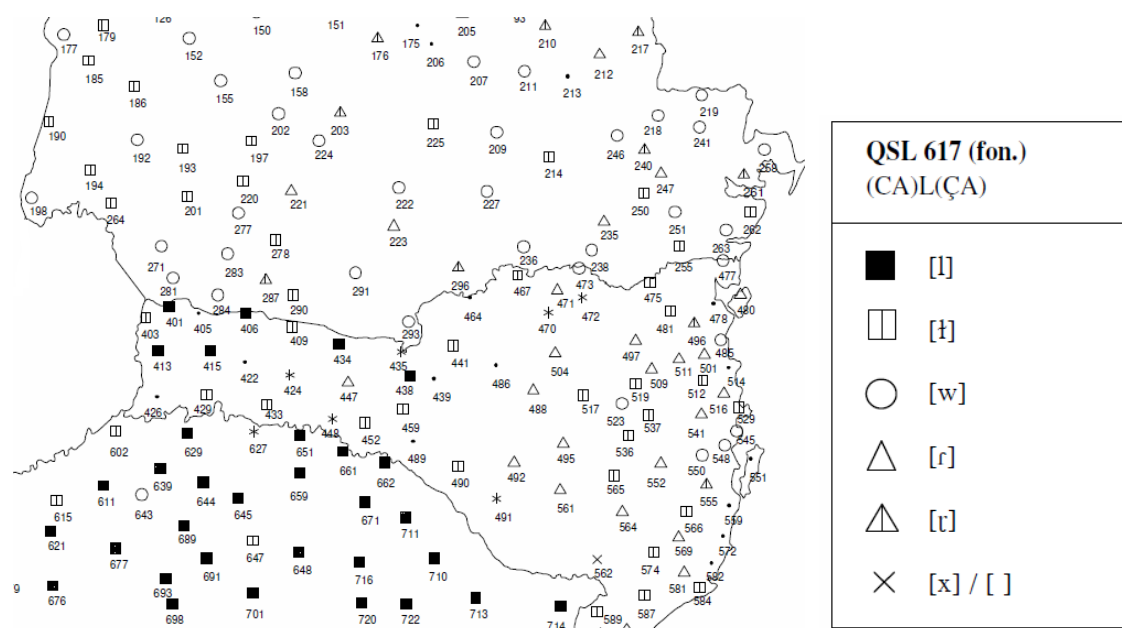
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 20 – QFF 24 – CALÇA

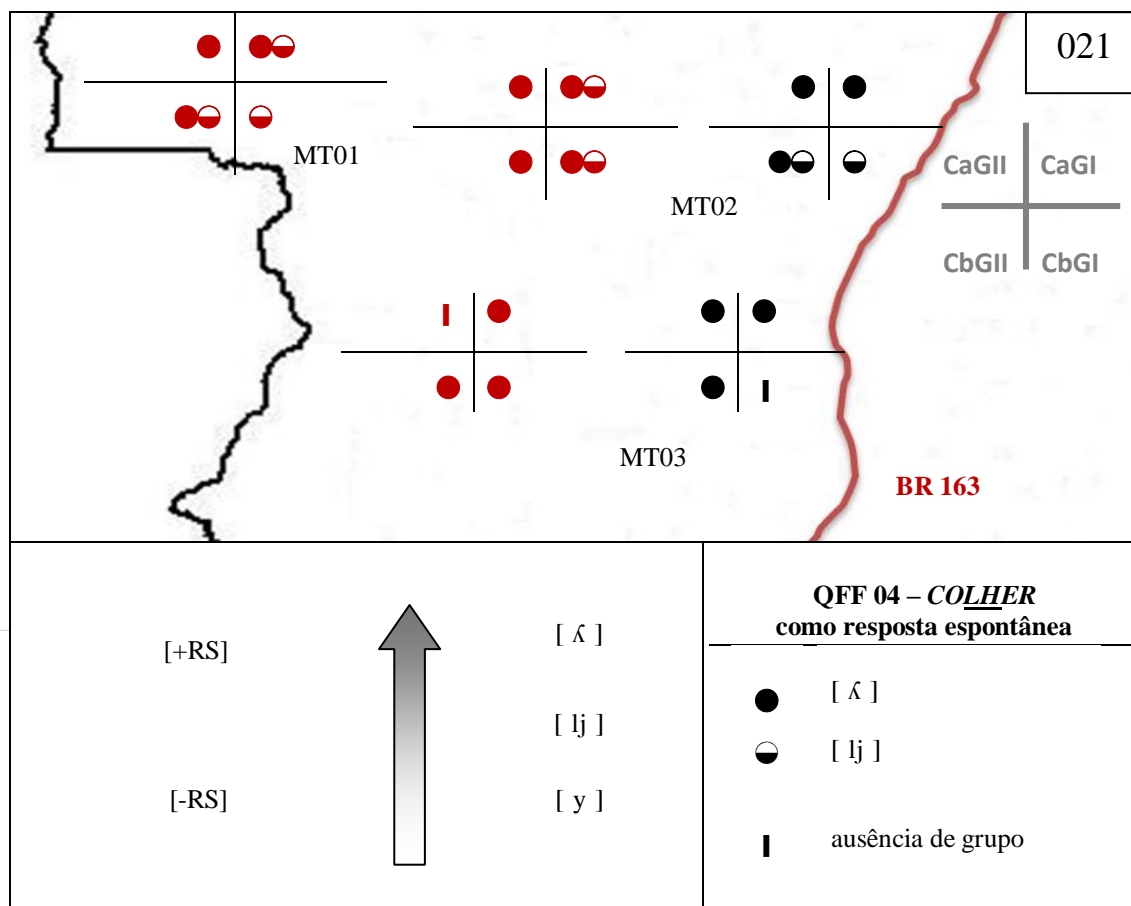


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 361 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

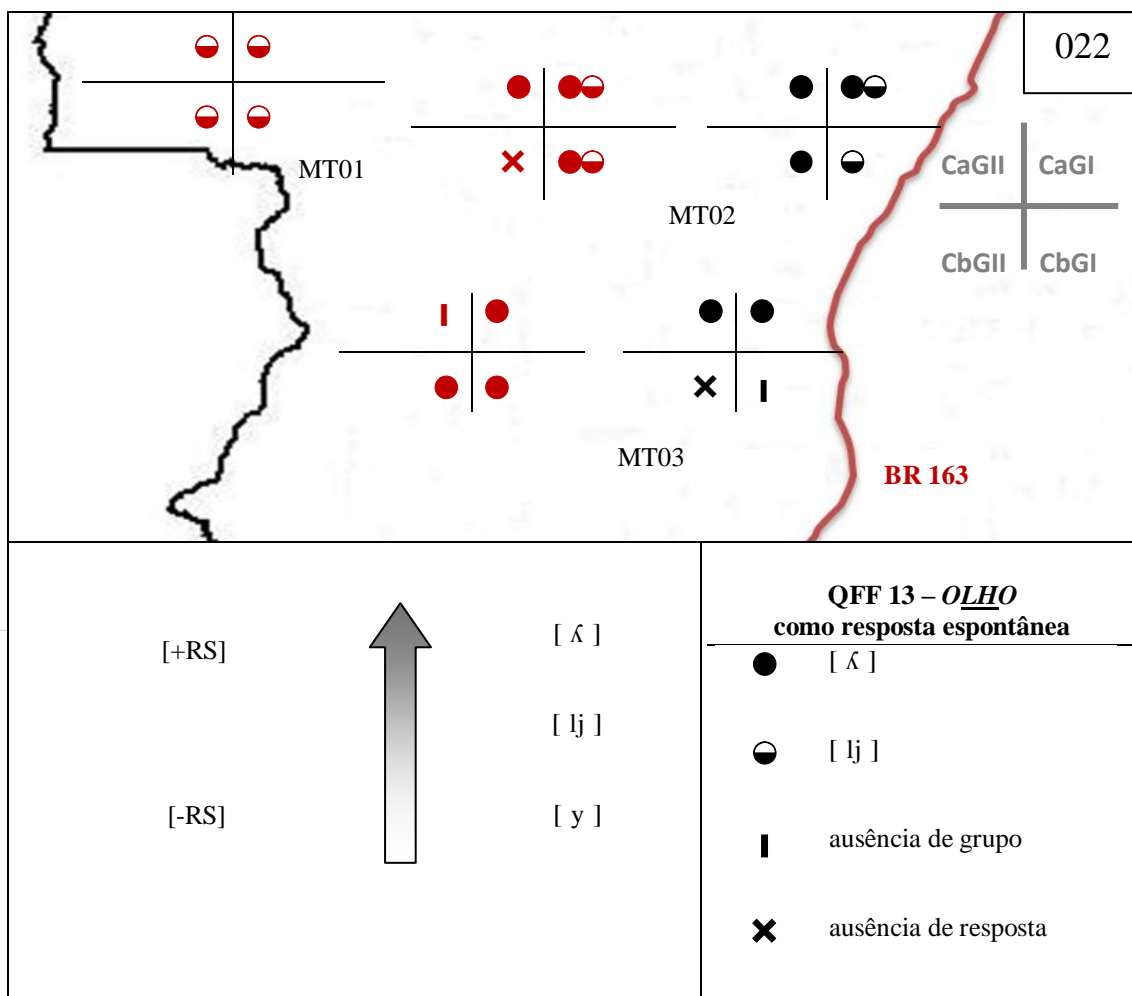


Cartograma 21 – QFF 04 – COLHER



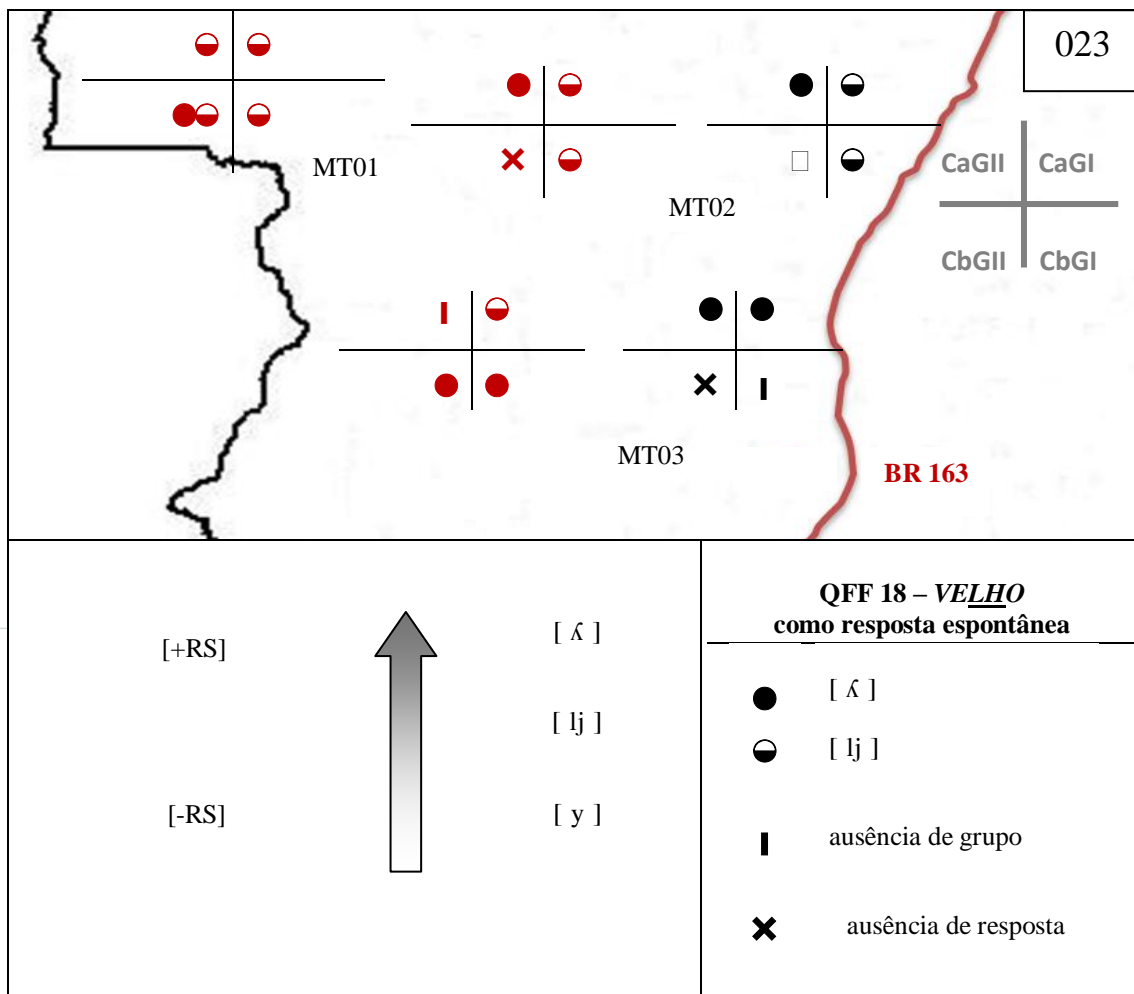
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 22 – QFF 13 – OLHO

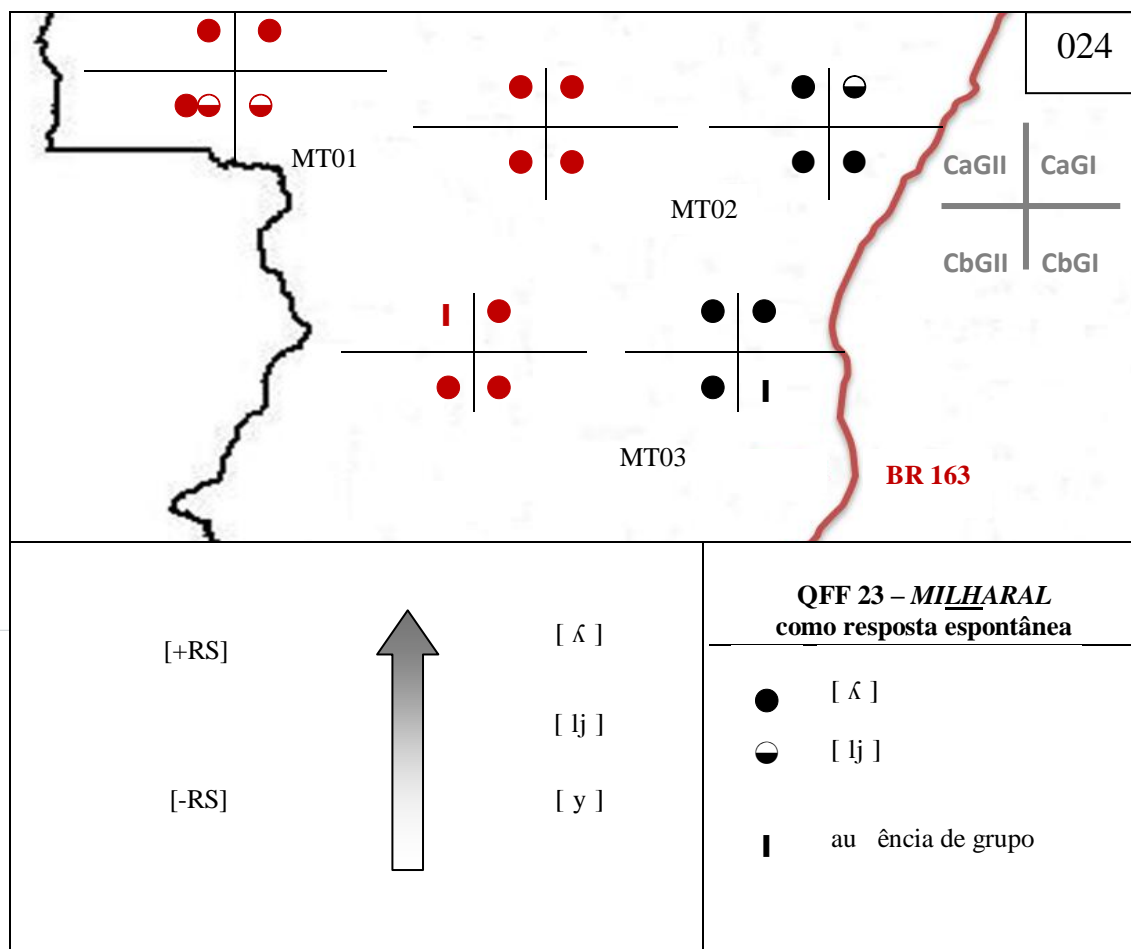


© C.Figueiredo (2014)

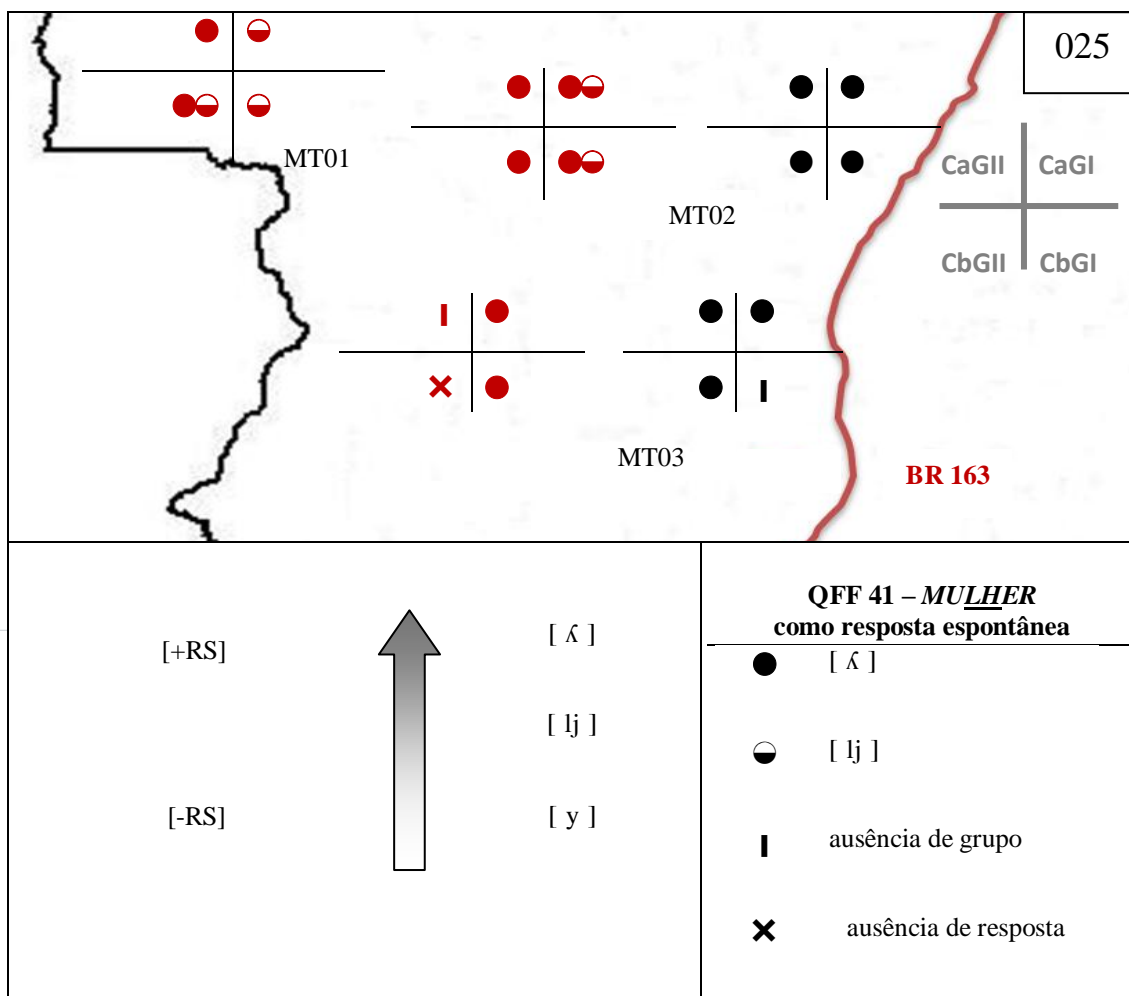
Cartograma 23 – QFF 18 – VELHO



© C.Figueiredo (2014)

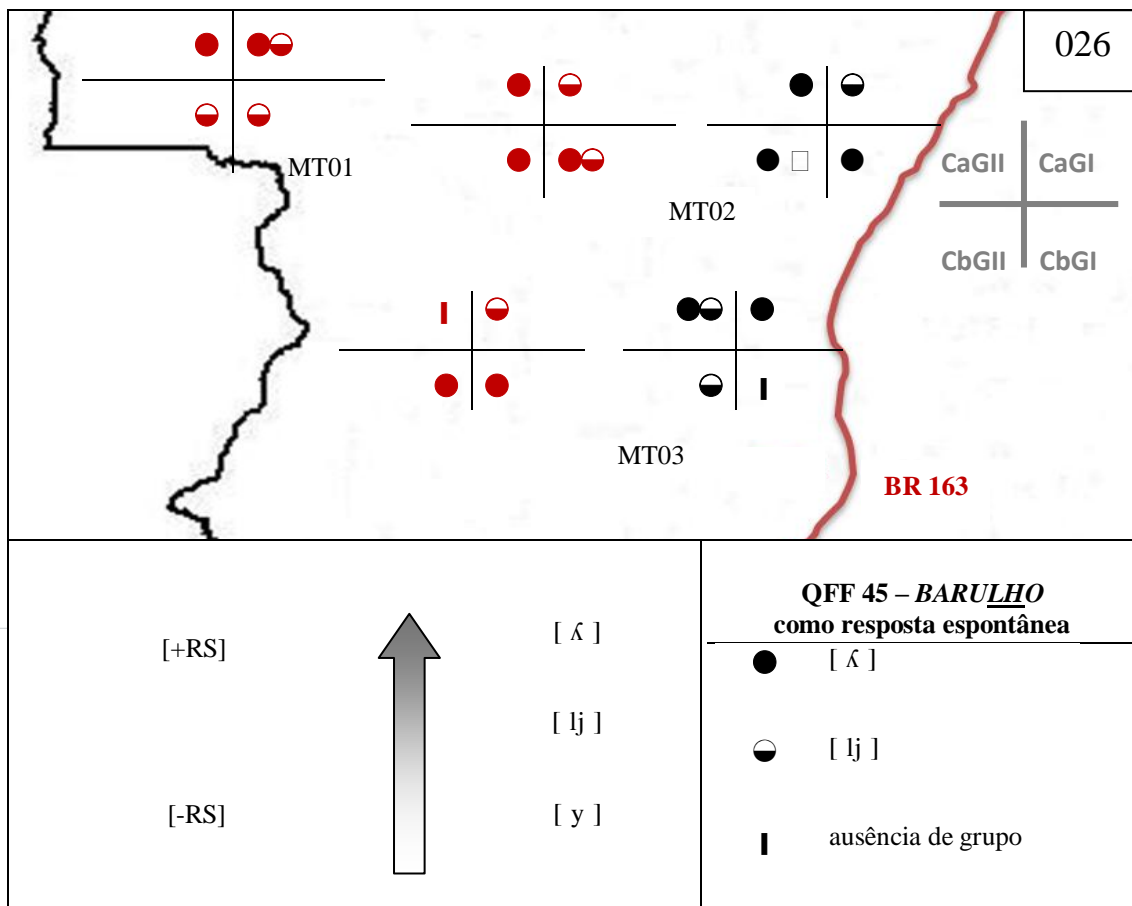
Cartograma 24 – QFF 23 – *MILHARAL*

© C.Figueiredo (2014)

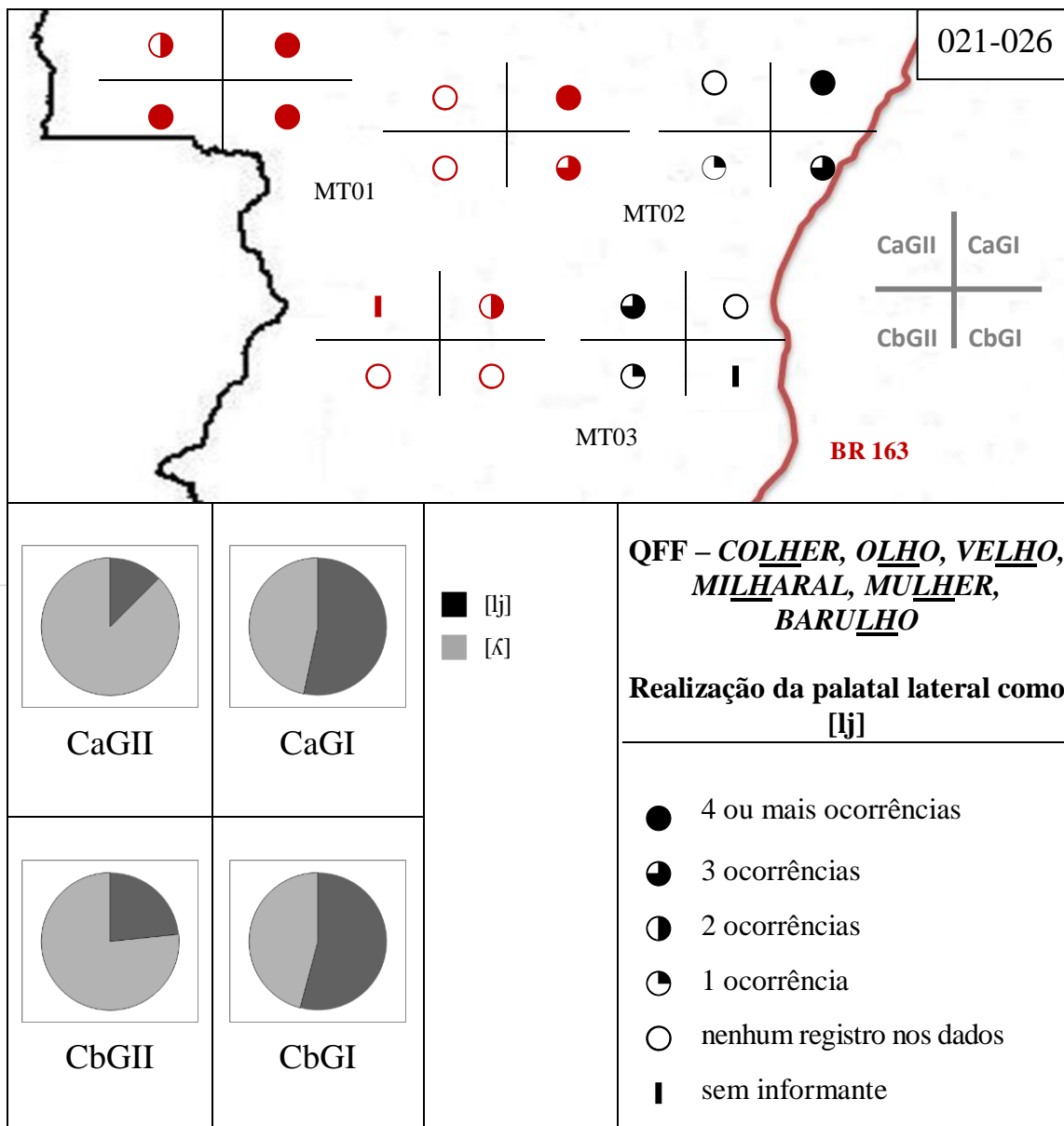
Cartograma 25 – QFF 41 – *MULHER*

© C.Figueiredo (2014)

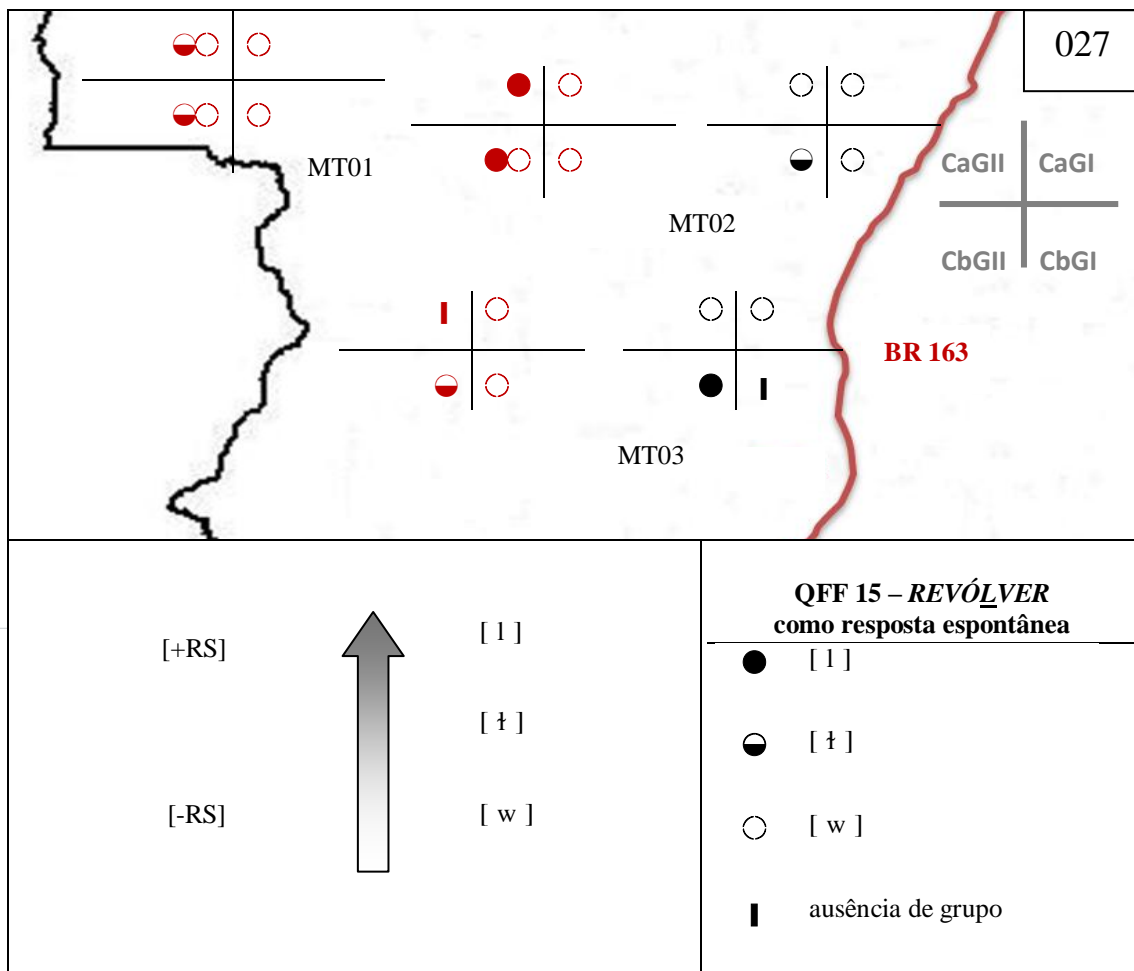
Cartograma 26 – QFF 45 – *BARULHO*



Cartograma 021-026 – Realização da lateral palatal como [lj]

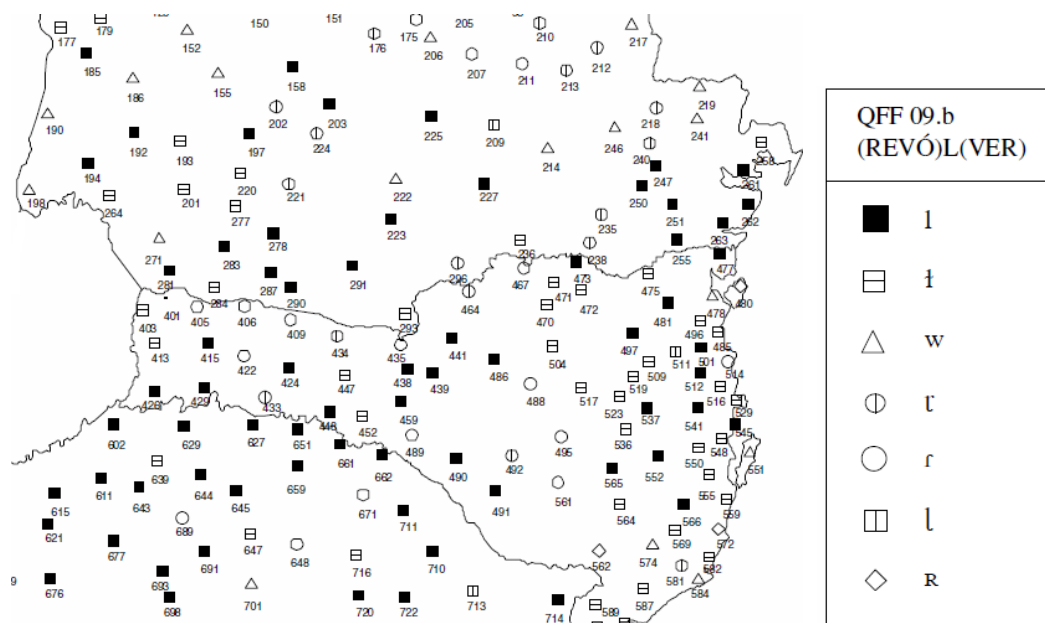


Cartograma 27 – QFF 15 – REVÓLVER

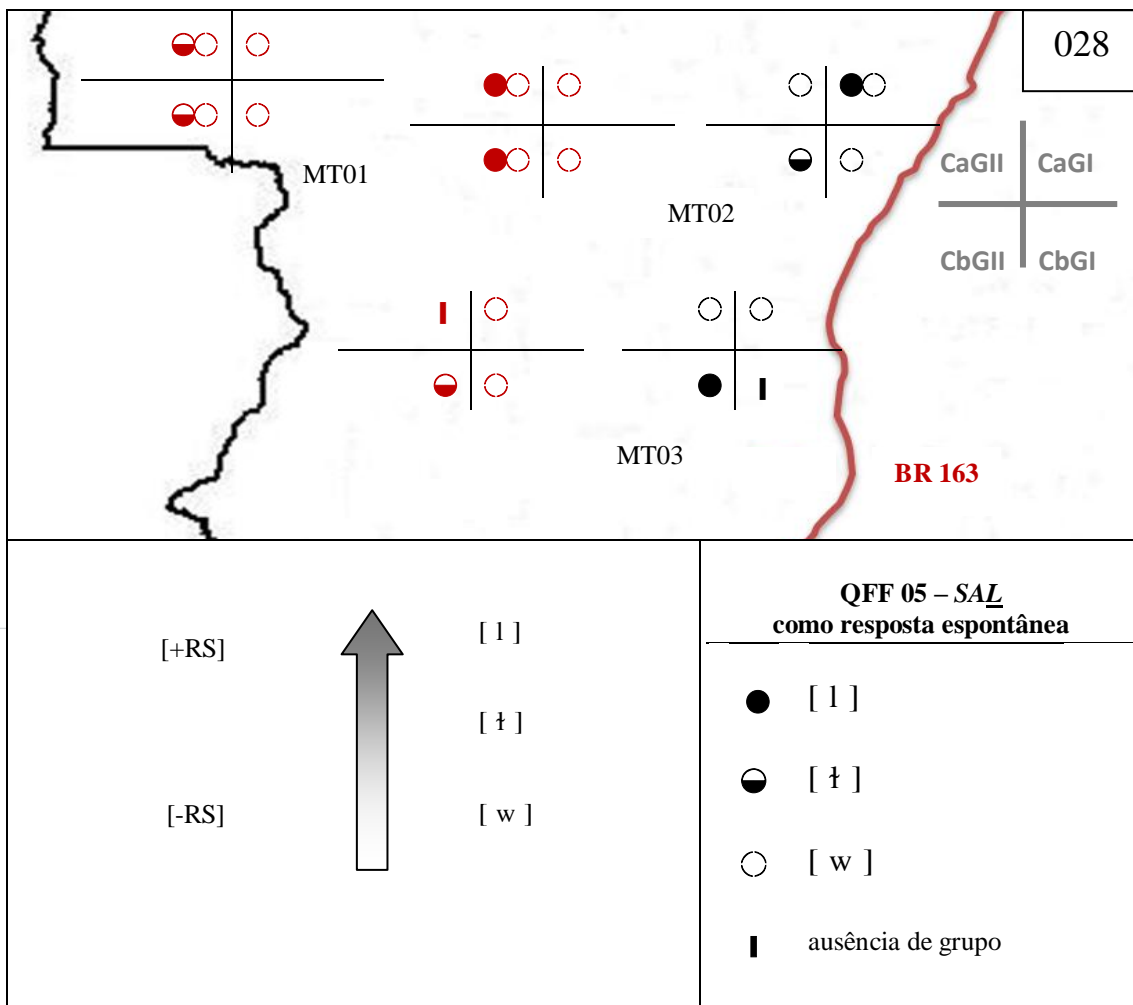


© C.Figueiredo (2014)

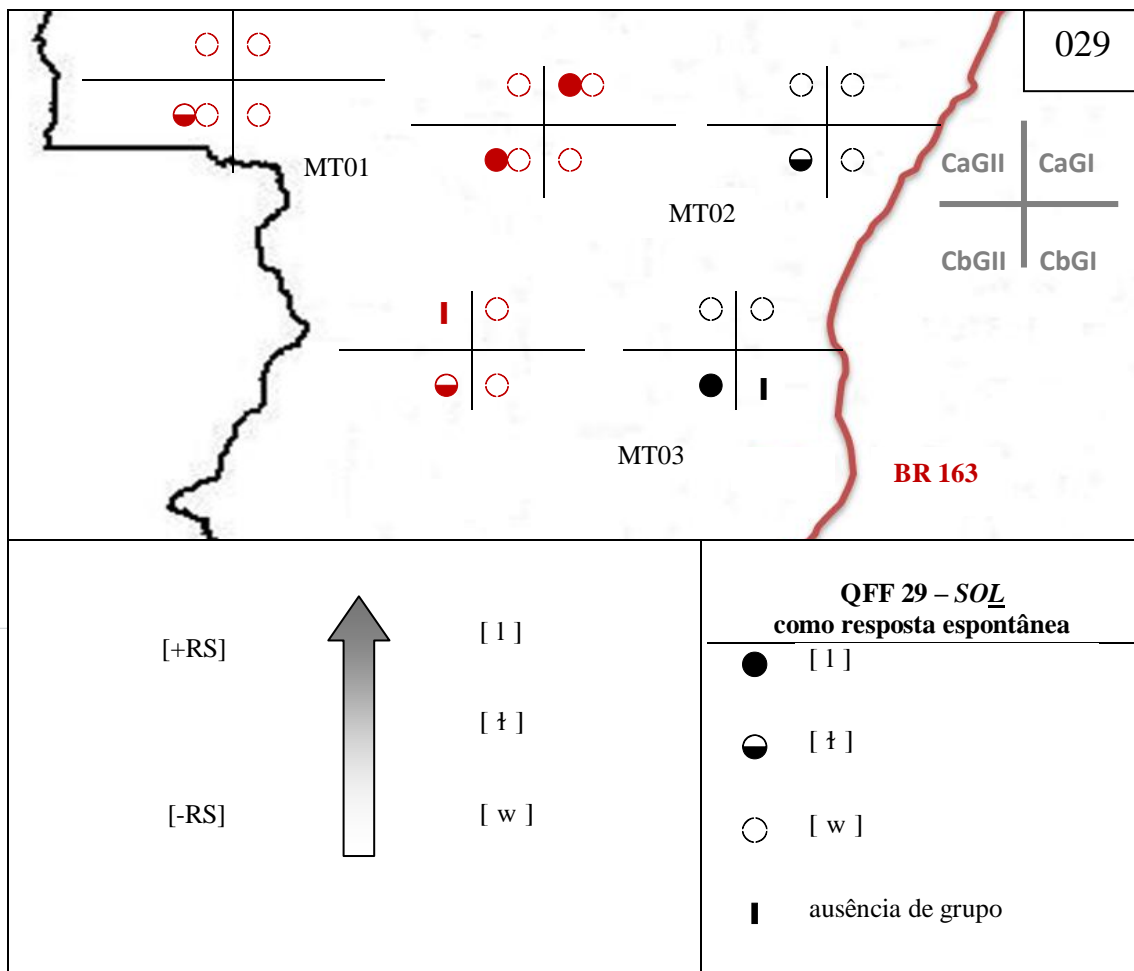
CARTA 39 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



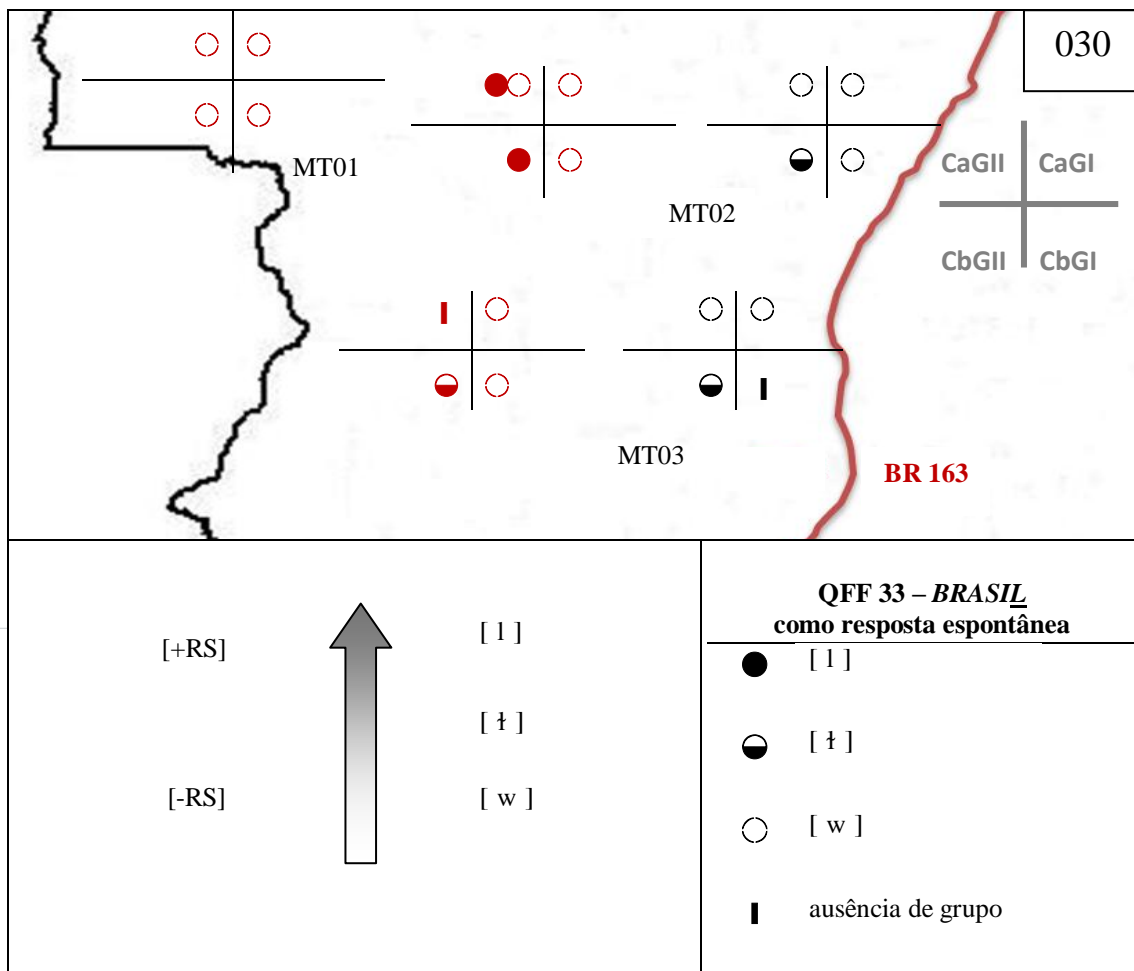
Cartograma 28 – QFF 05 – SAL



Cartograma 29 – QFF 29 – SOL

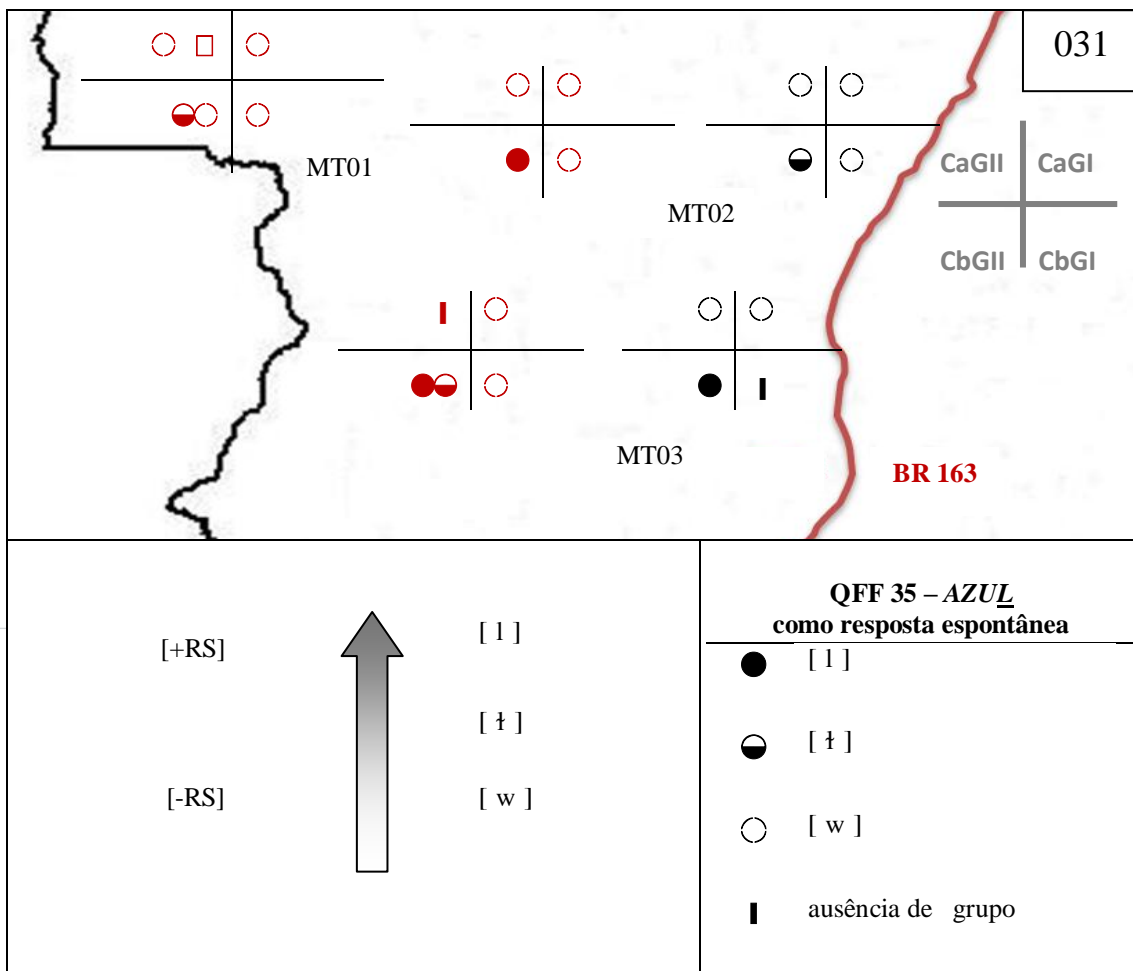


Cartograma 30 – QFF 33 – *BRASIL*

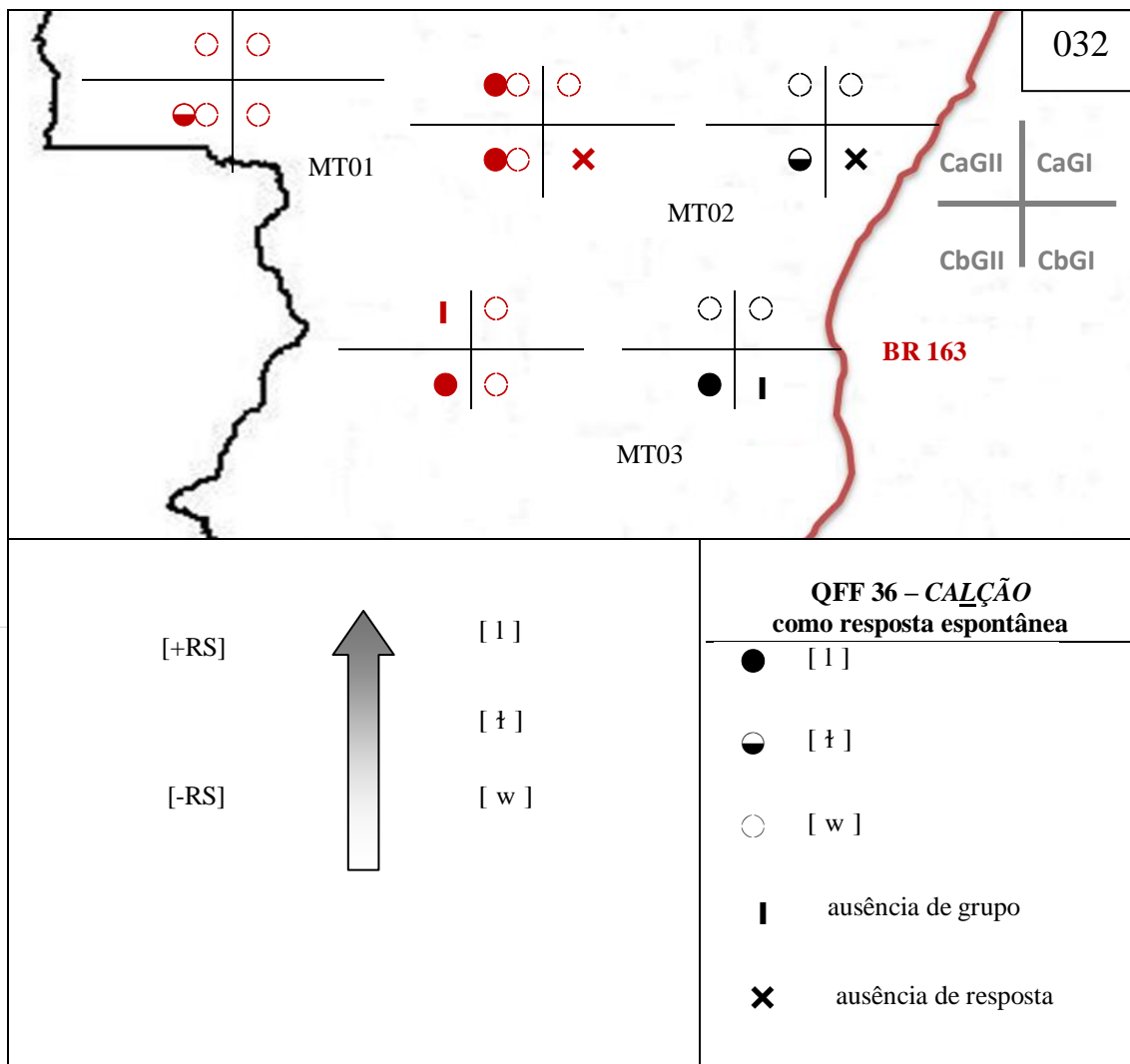


© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 31 – QFF 35 – AZUL

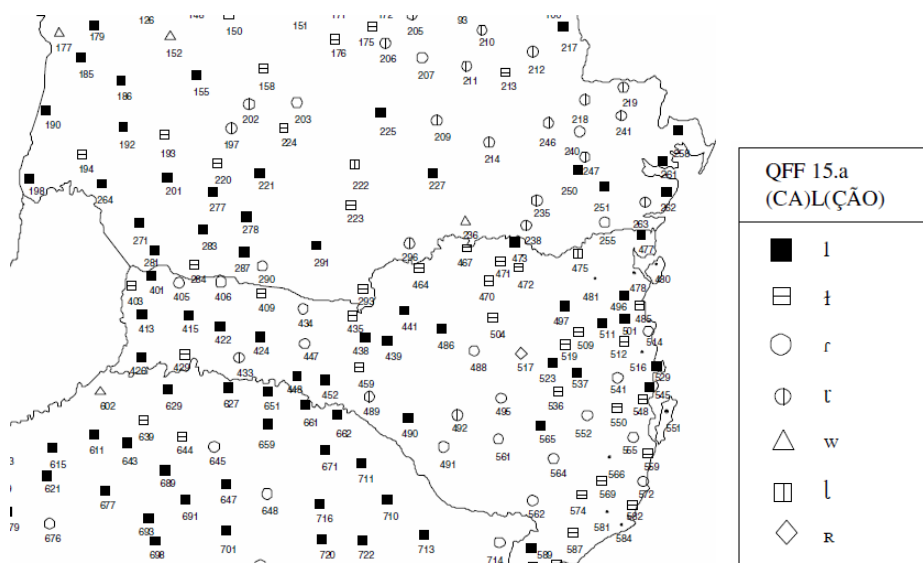


Cartograma 32 – QFF 36 – CALÇÃO

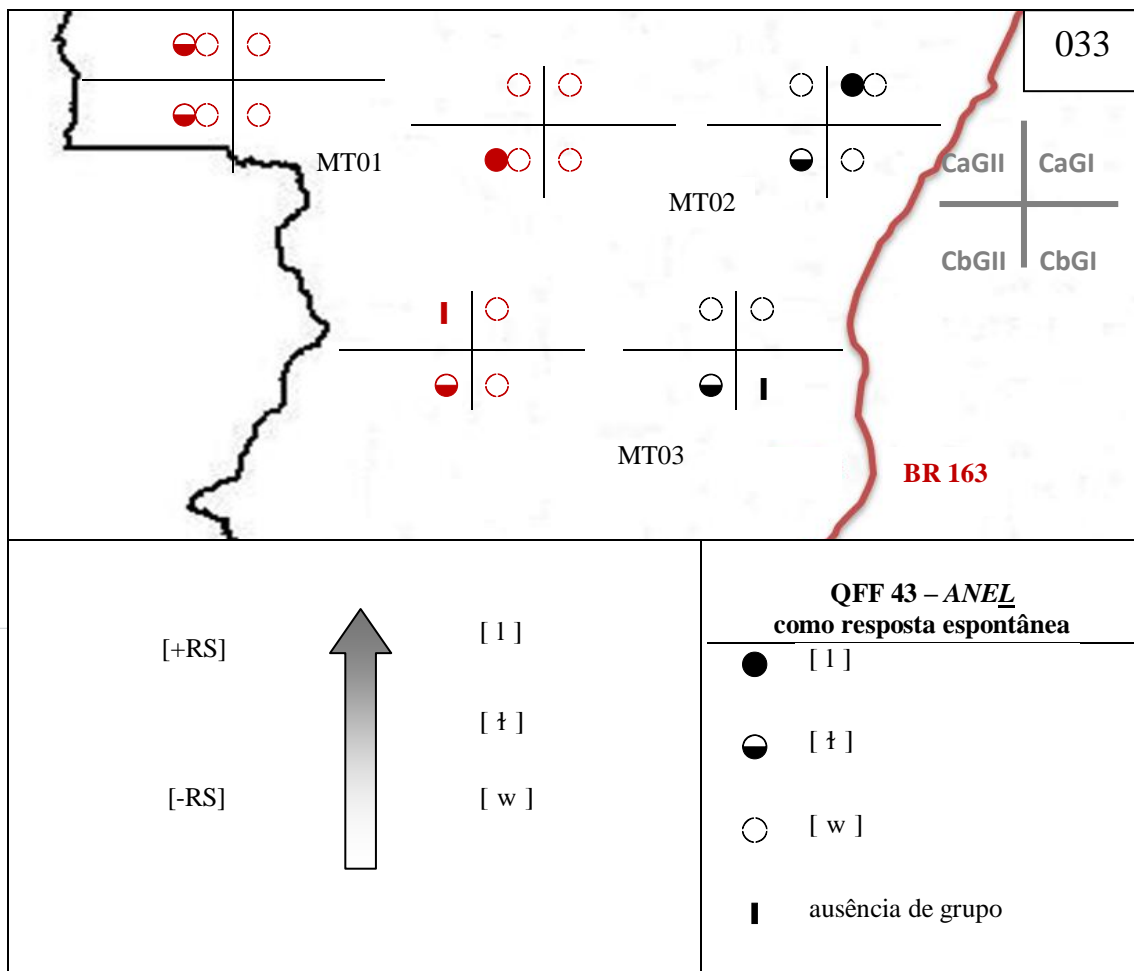


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 37 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

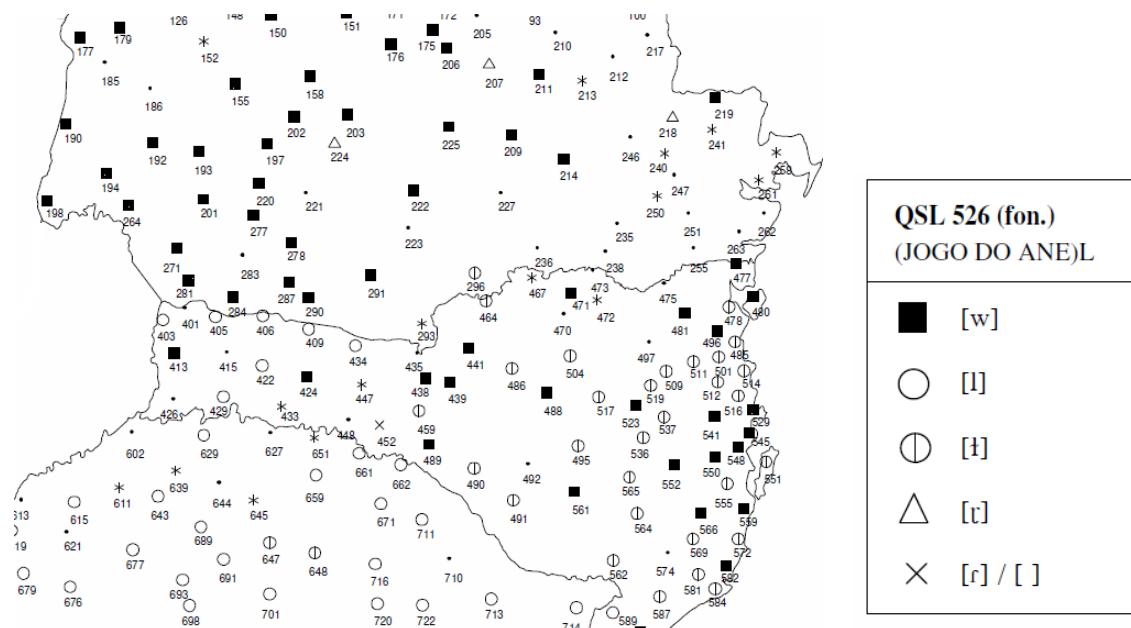


Cartograma 33 – QFF 43 – ANEL

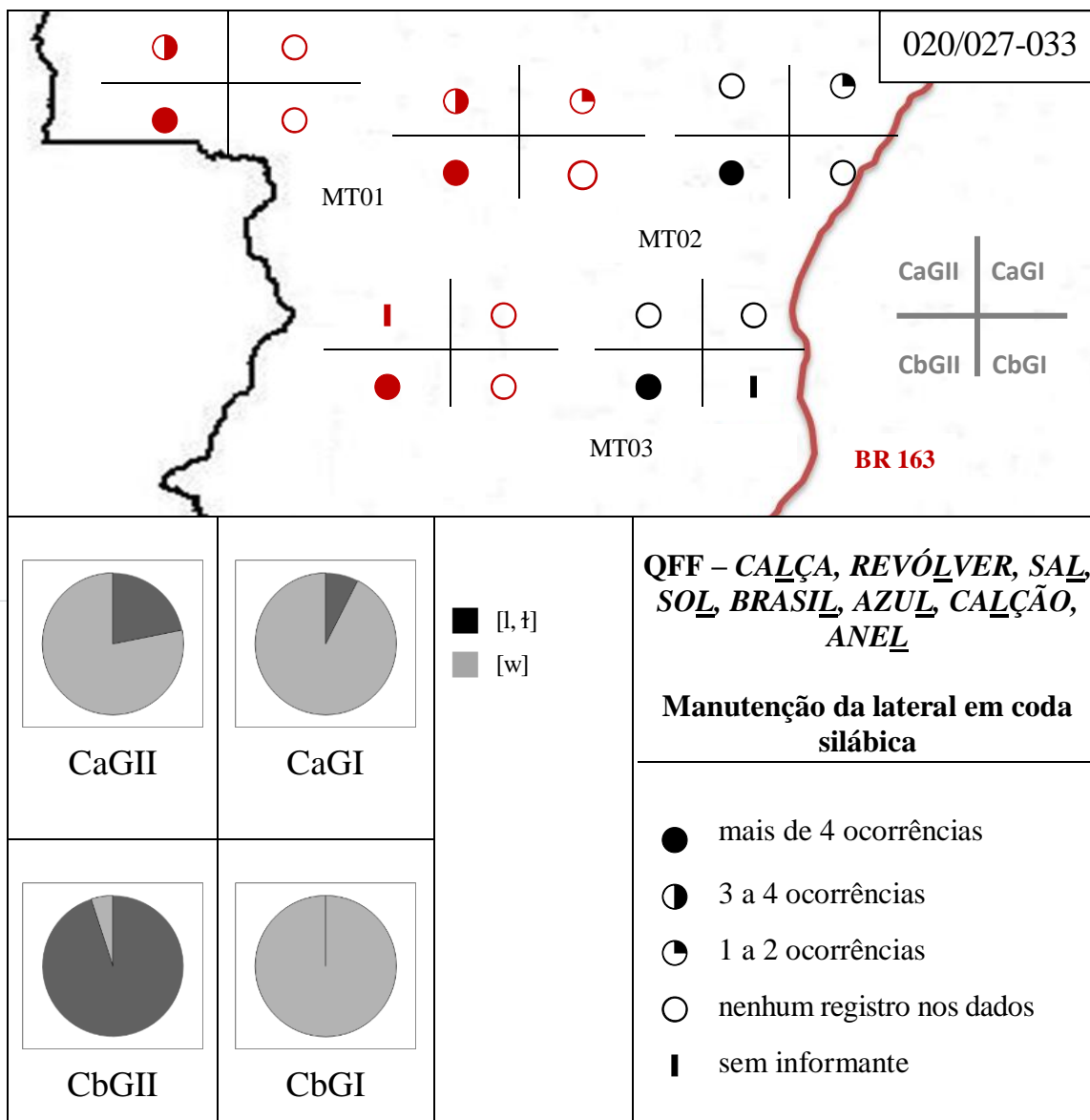


© C.Figueiredo (2014)

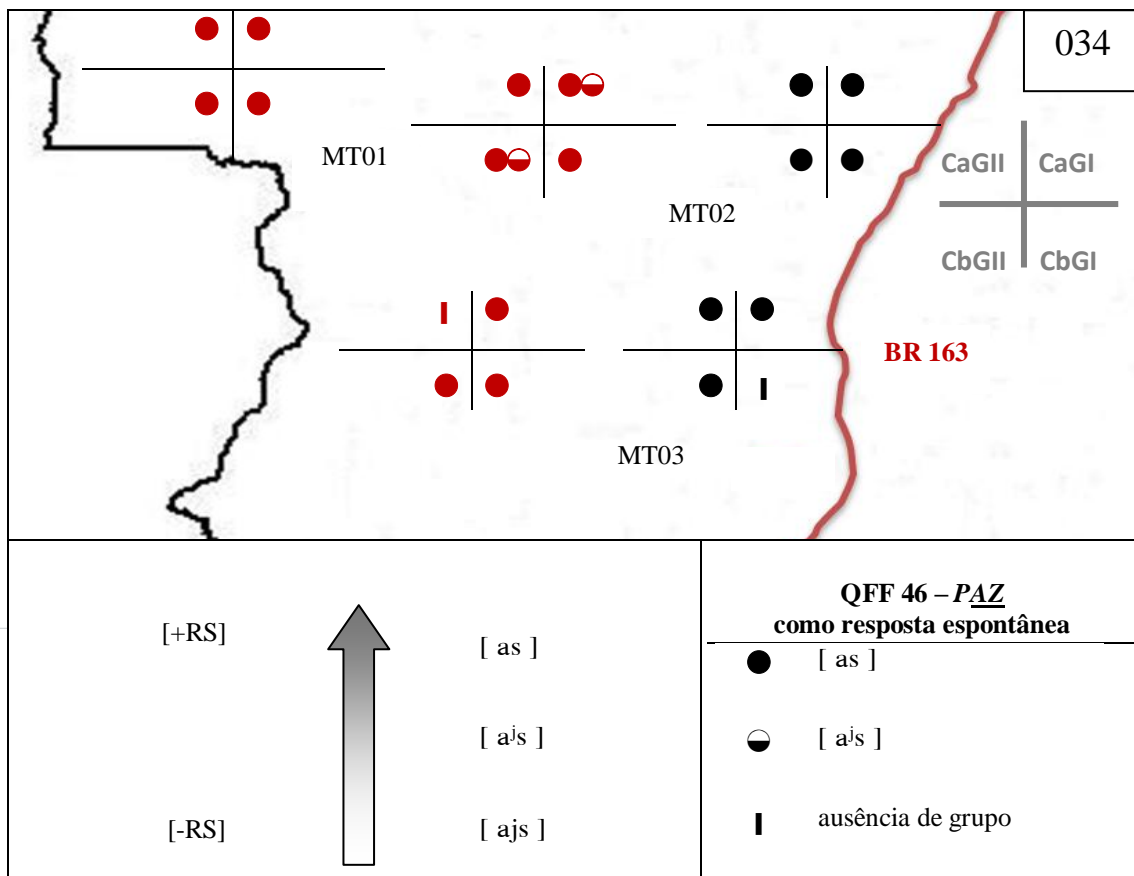
CARTA 312 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



Cartograma 020/027-033 – Manutenção da lateral em coda silábica

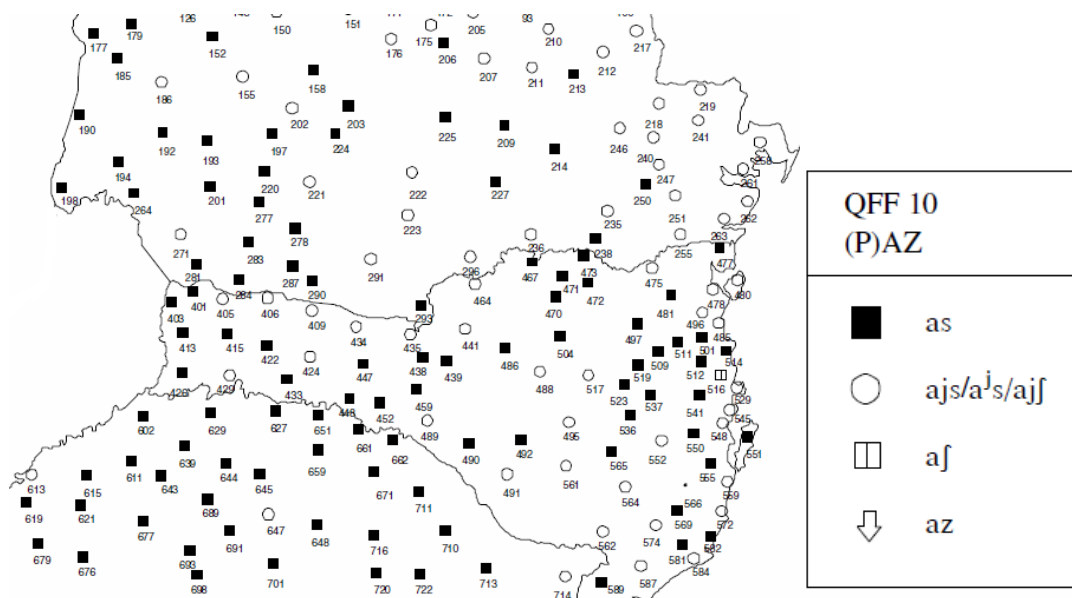


Cartograma 34 – QFF 46 – PAZ

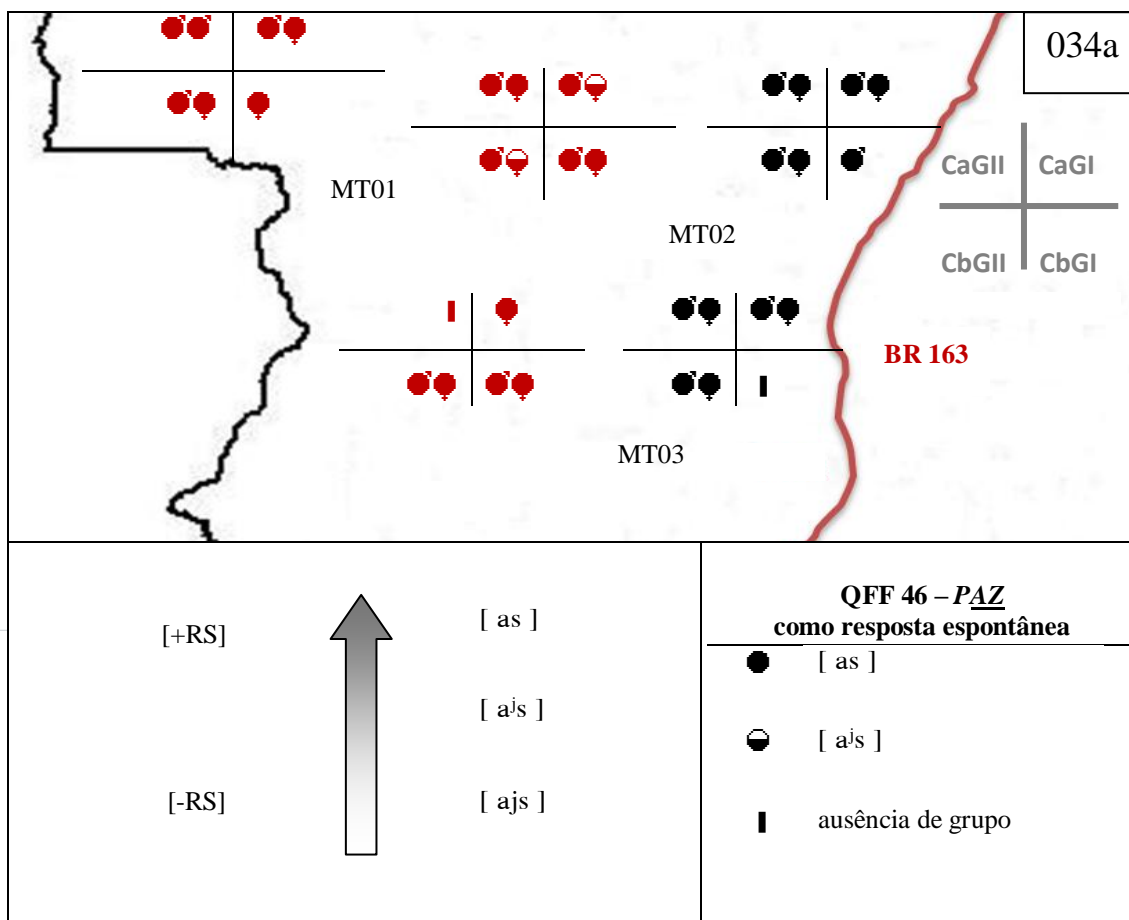


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 01 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

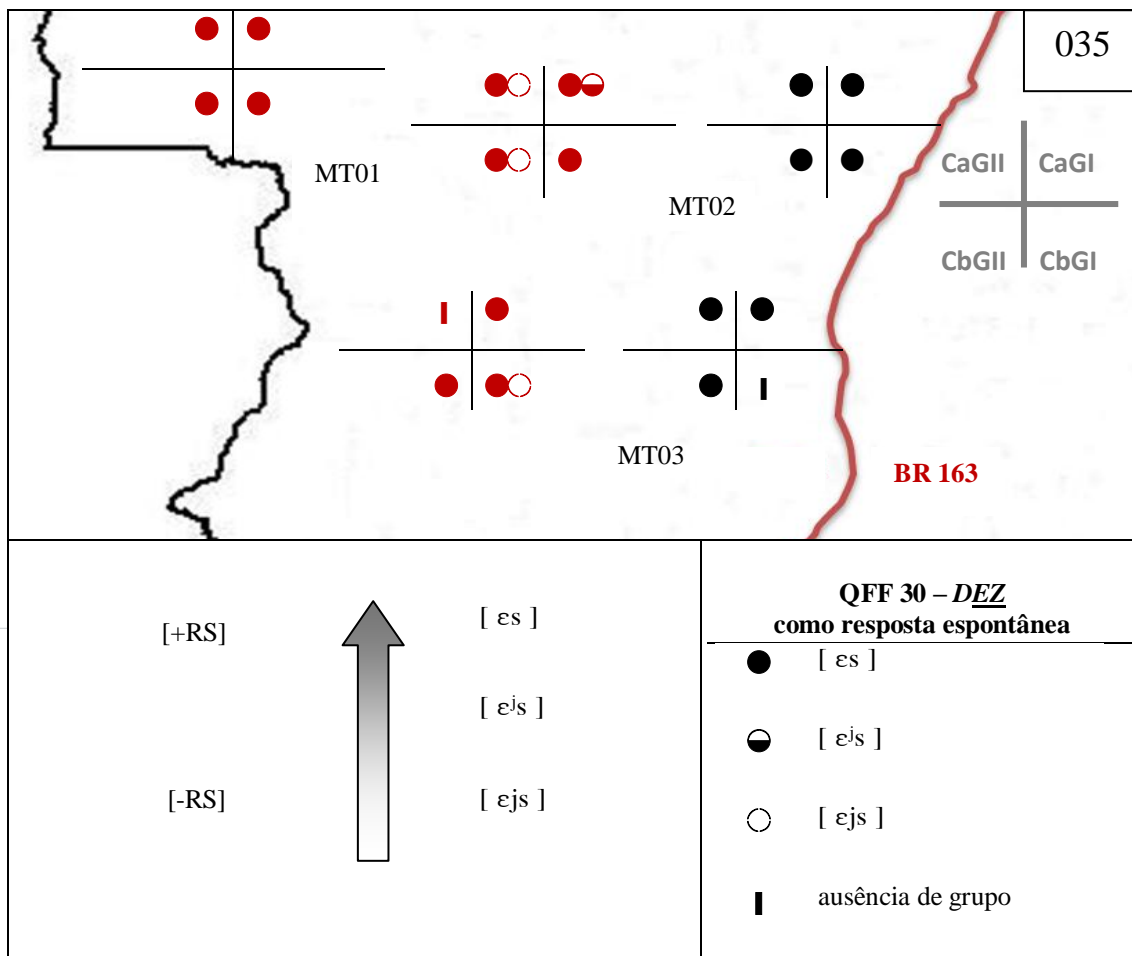


Cartograma 34a – QFF 46 – PAZ



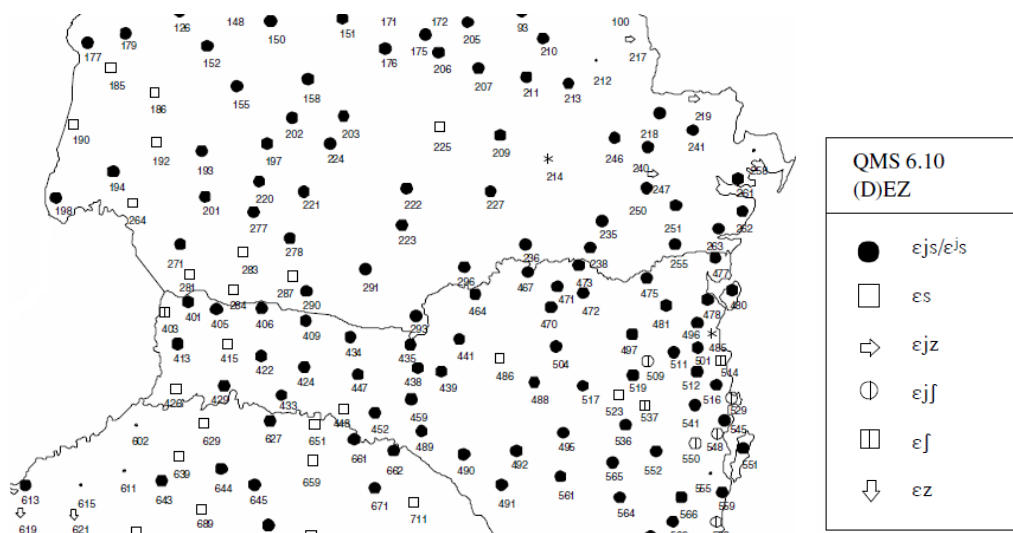
© C.Figueiredo (2014)

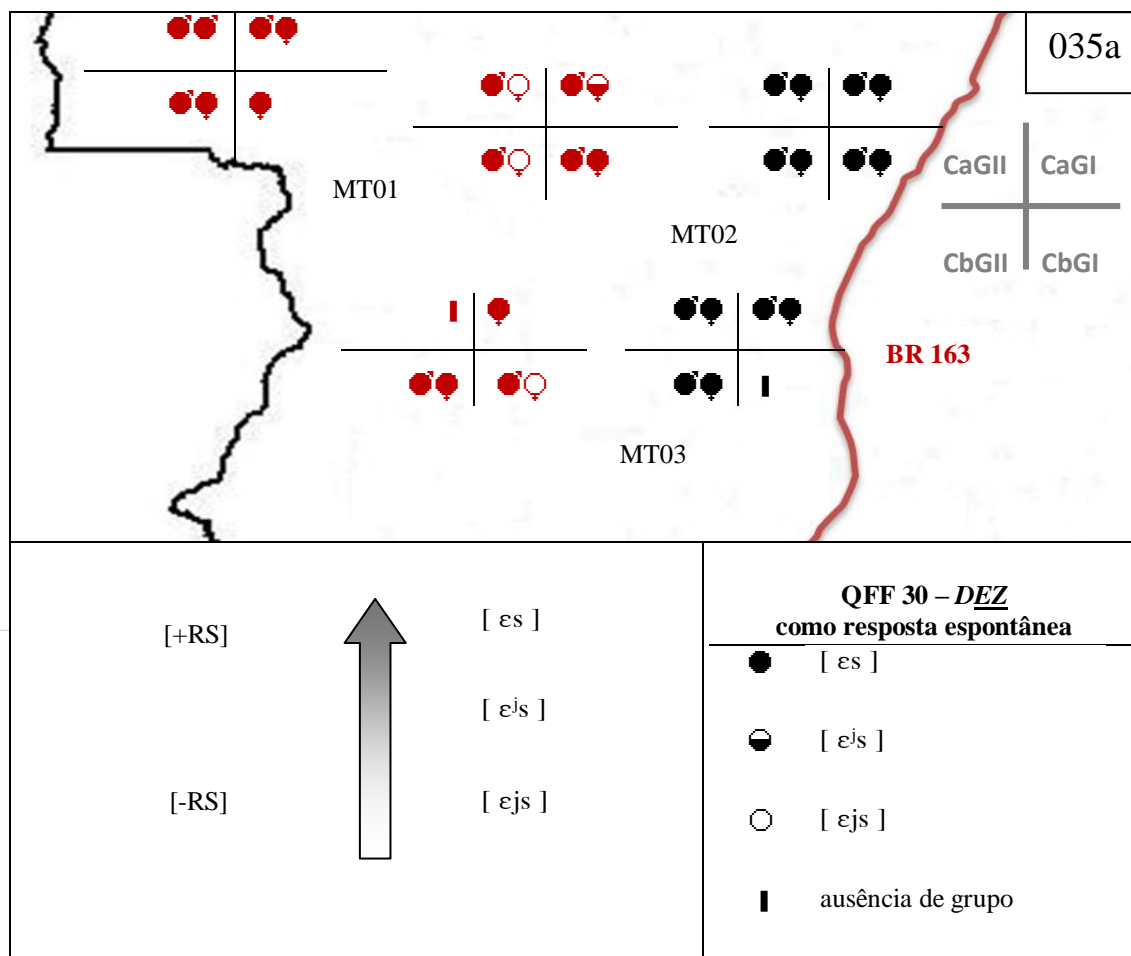
Cartograma 35 – QFF 30 – *DEZ*



© C.Figueiredo (2014)

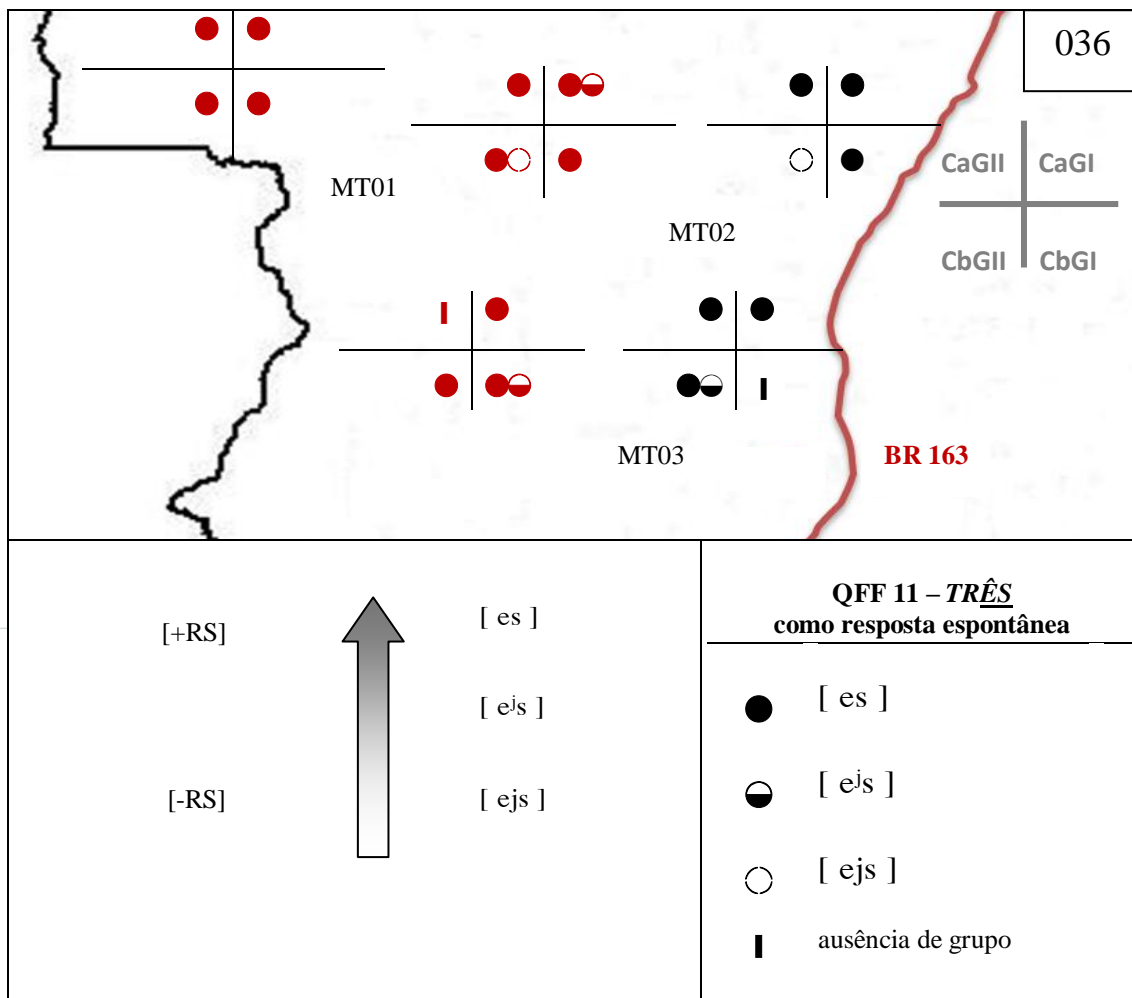
CARTA 04 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



Cartograma 35a – QFF 30 – *DEZ*

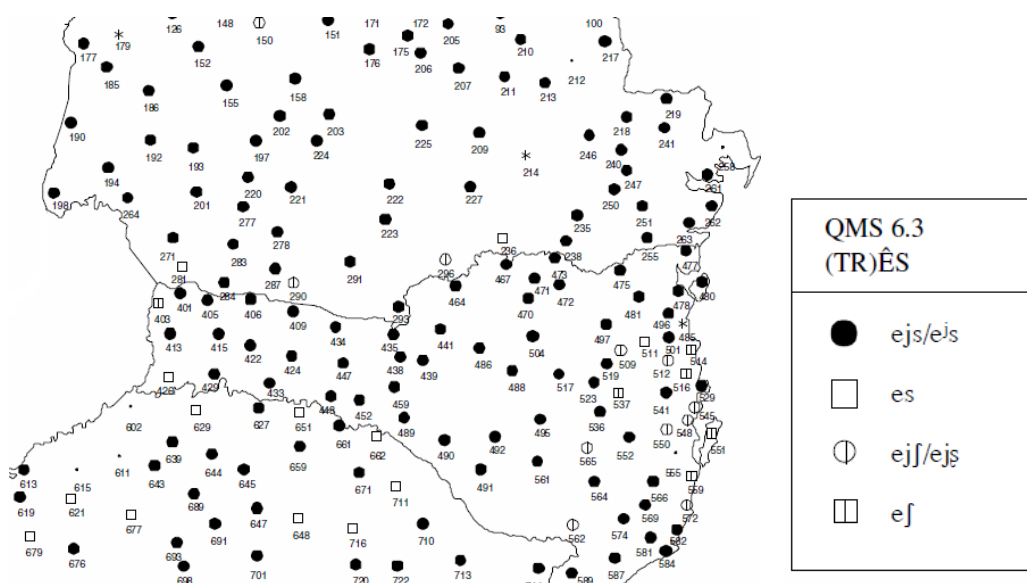
© C.Figueiredo (2014)

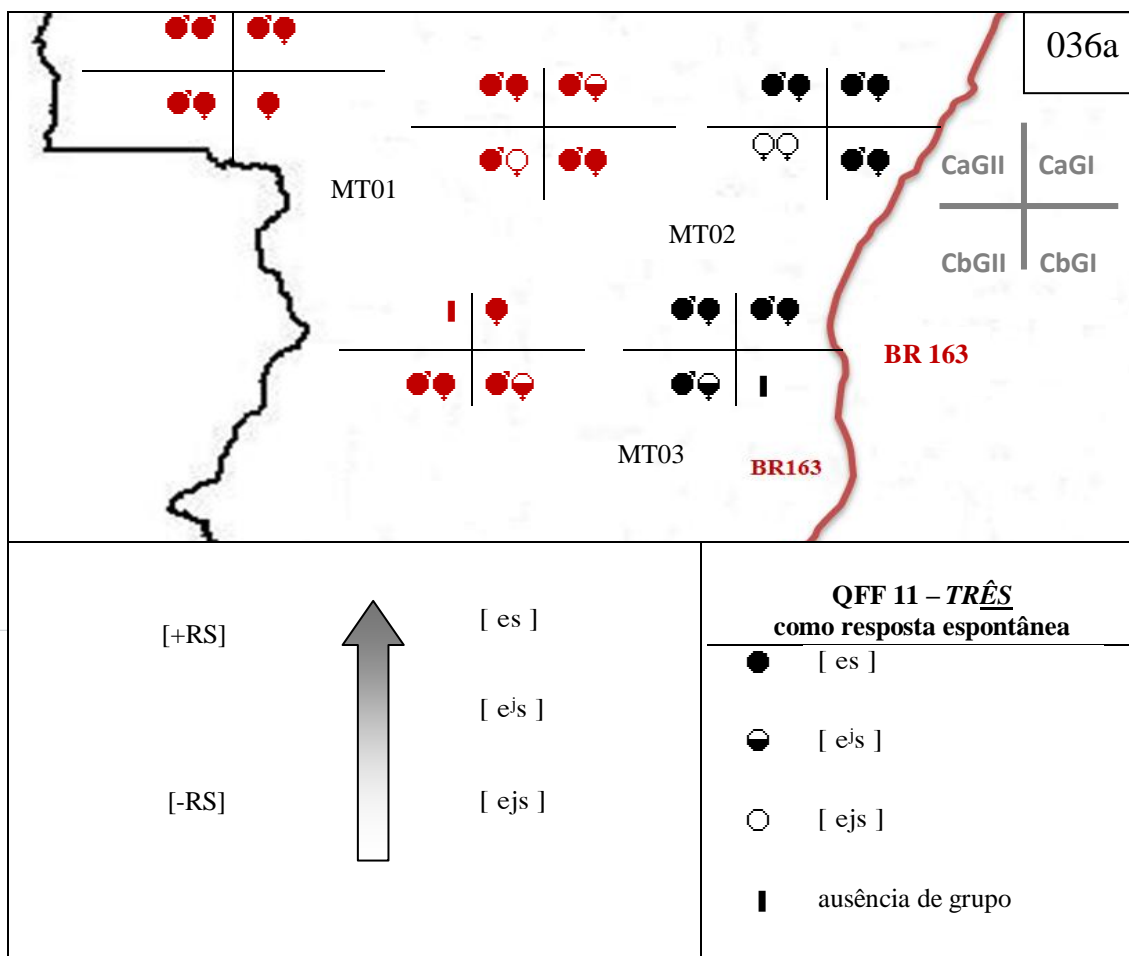
Cartograma 36 – QFF 11 – TRÊS



© C.Figueiredo (2014)

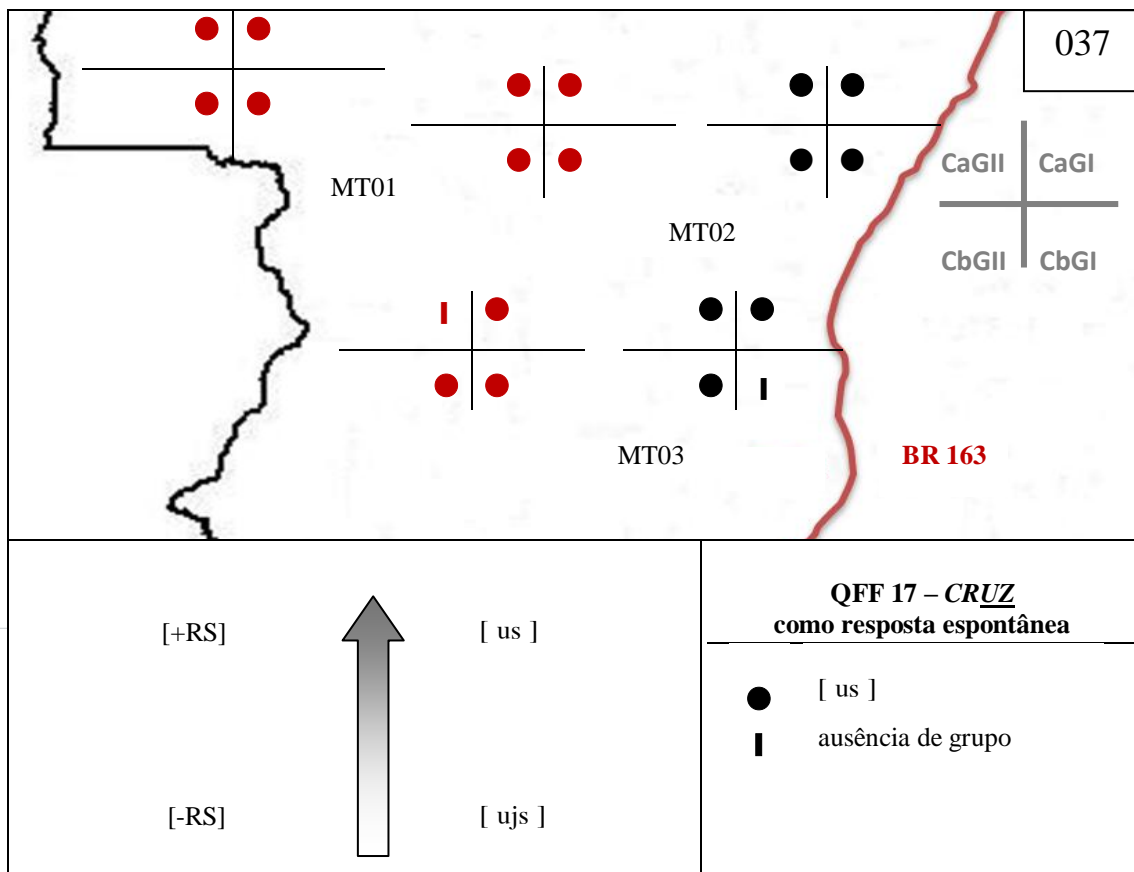
CARTA 03 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



Cartograma 36a – QFF 11 – *TRÊS*

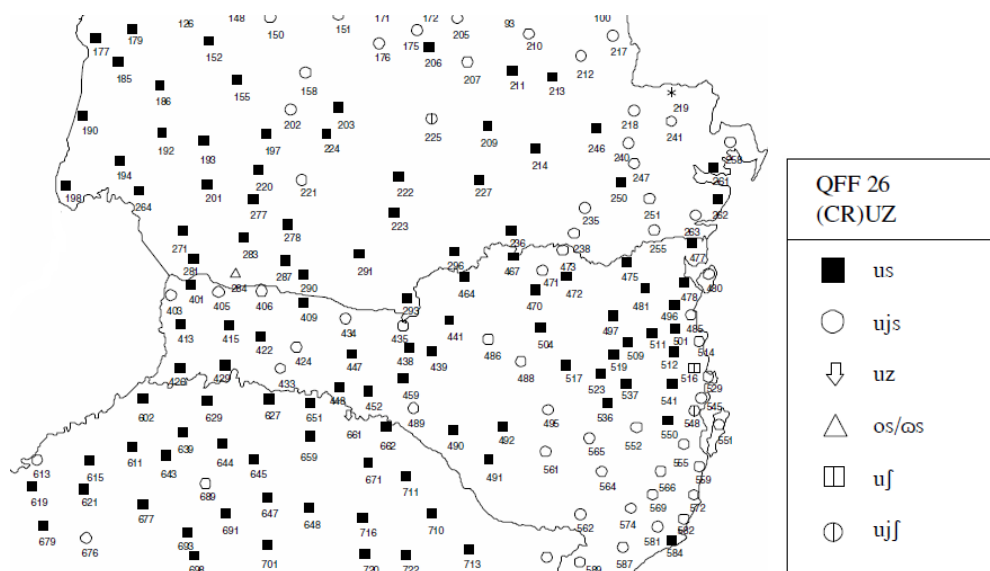
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 37 – QFF 17 – CRUZ

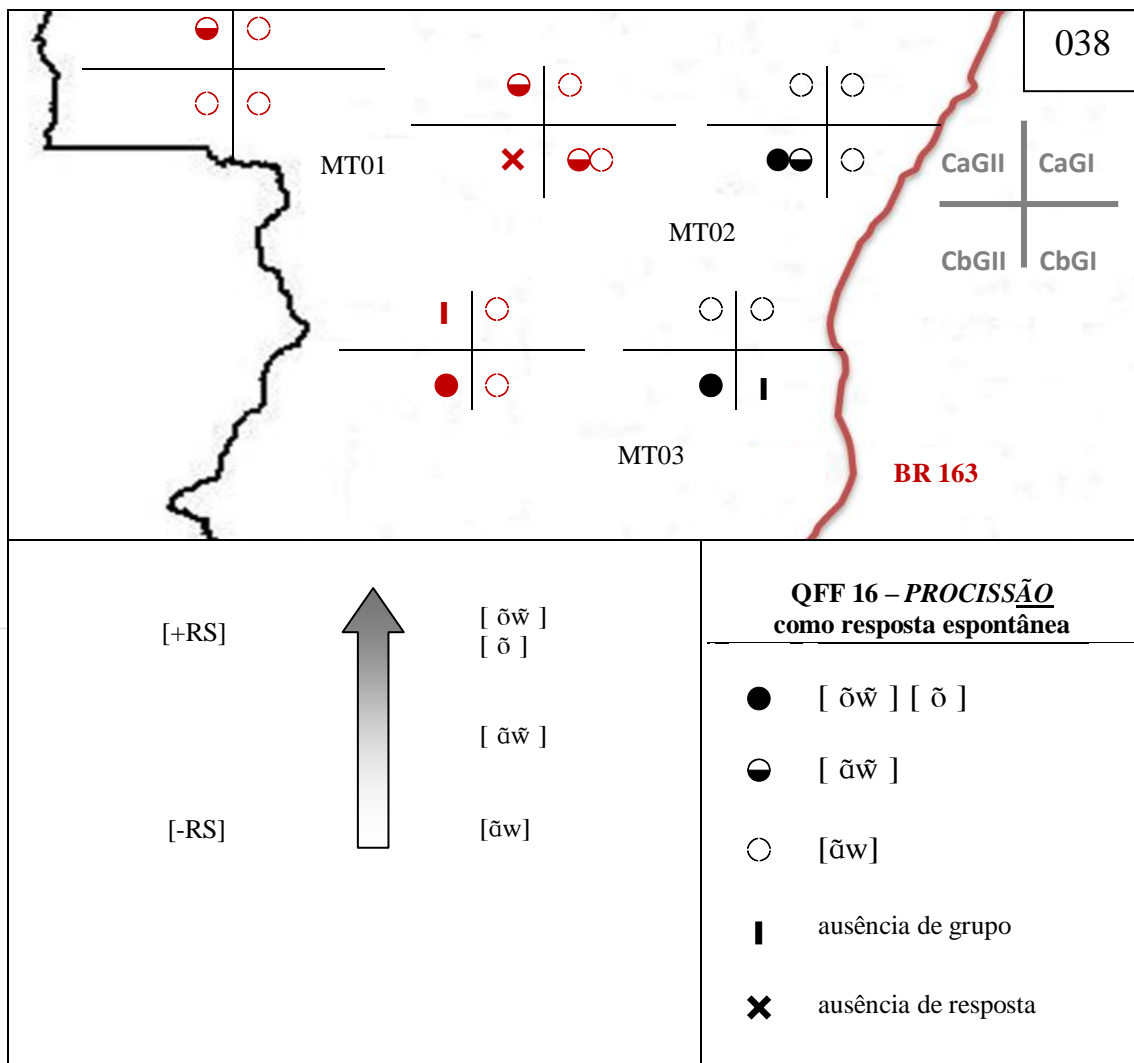


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 02 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

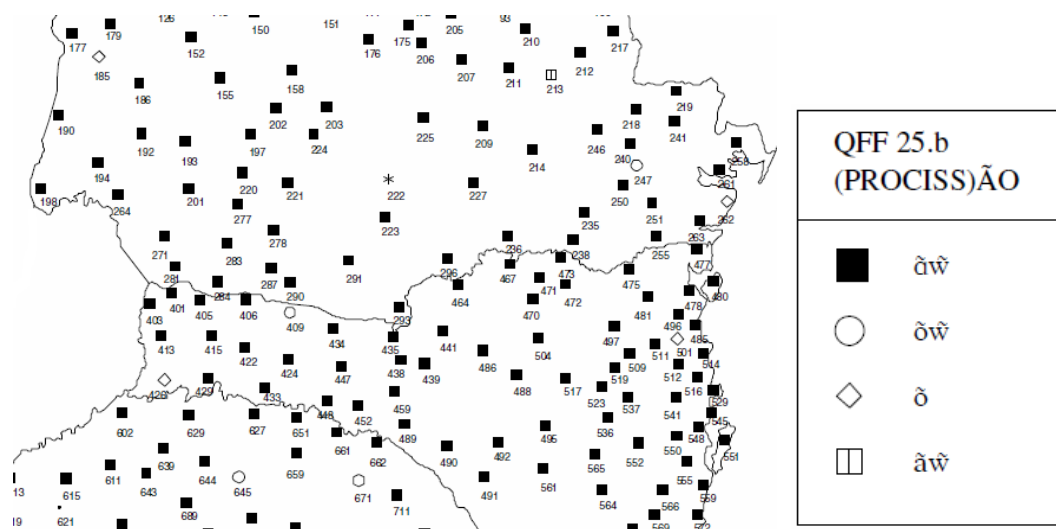


Cartograma 38 – QFF 16 – PROCISSÃO

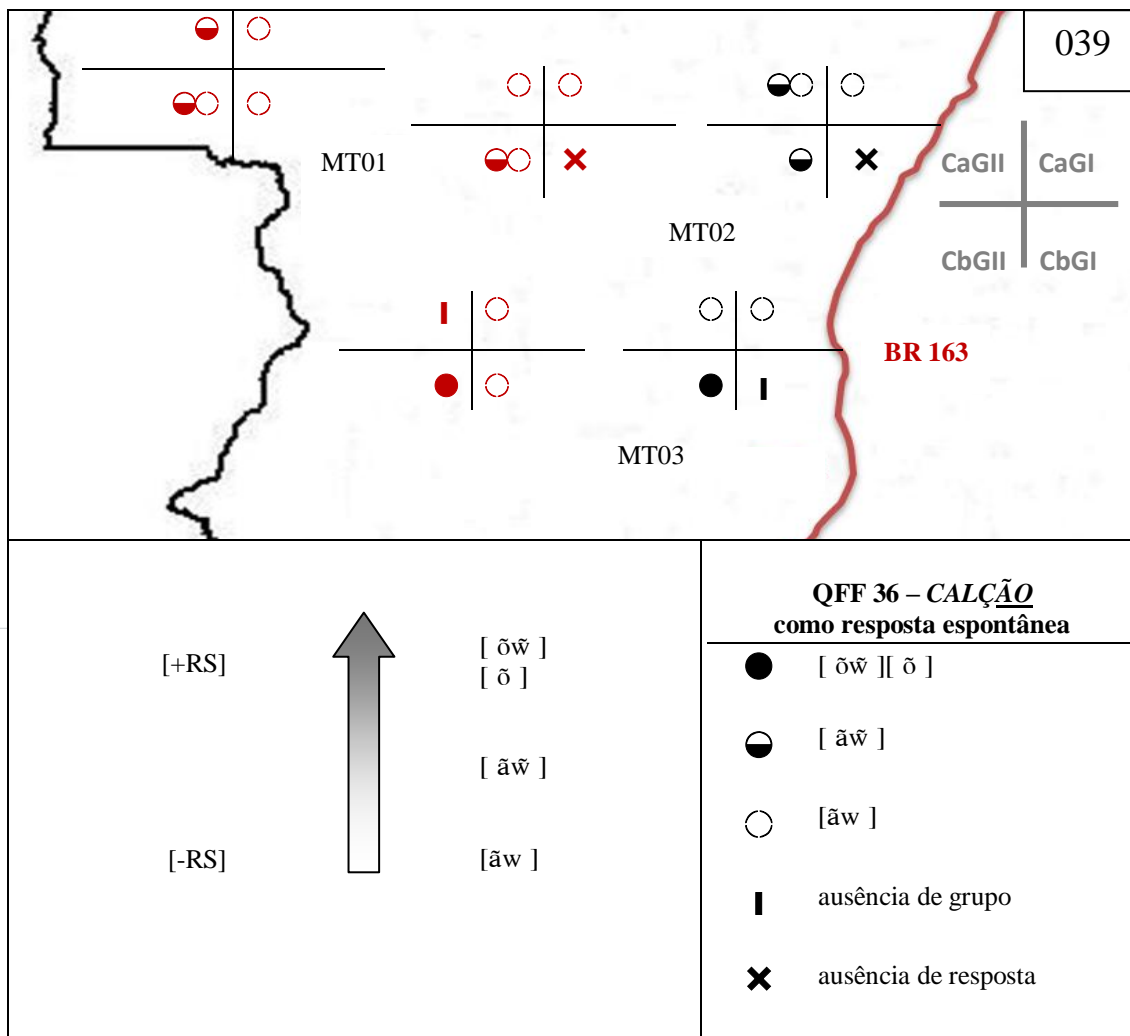


© C.Figueiredo (2014)

CARTA 22 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

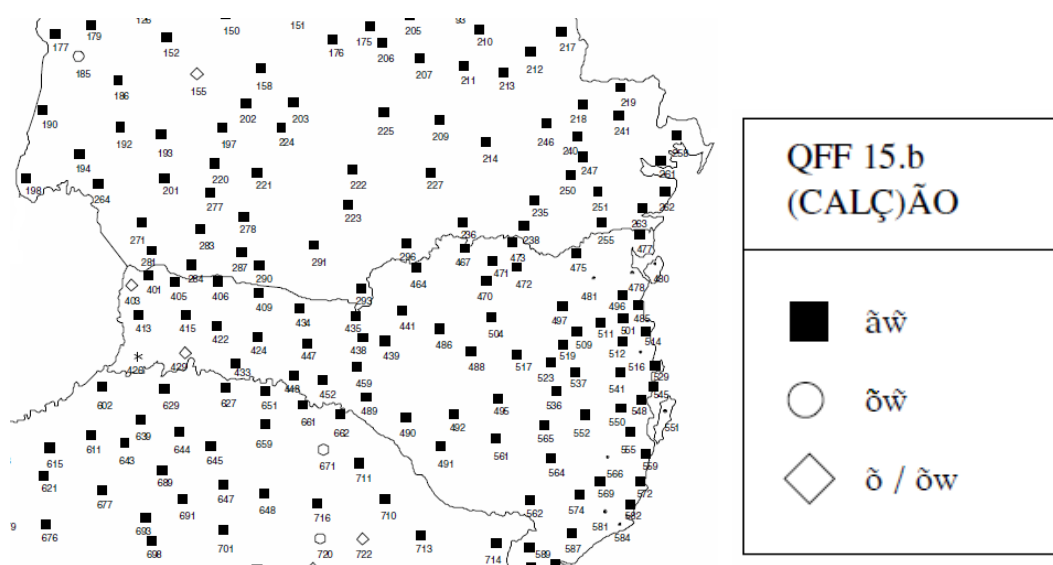


Cartograma 39 – QFF 36 – CALÇÃO



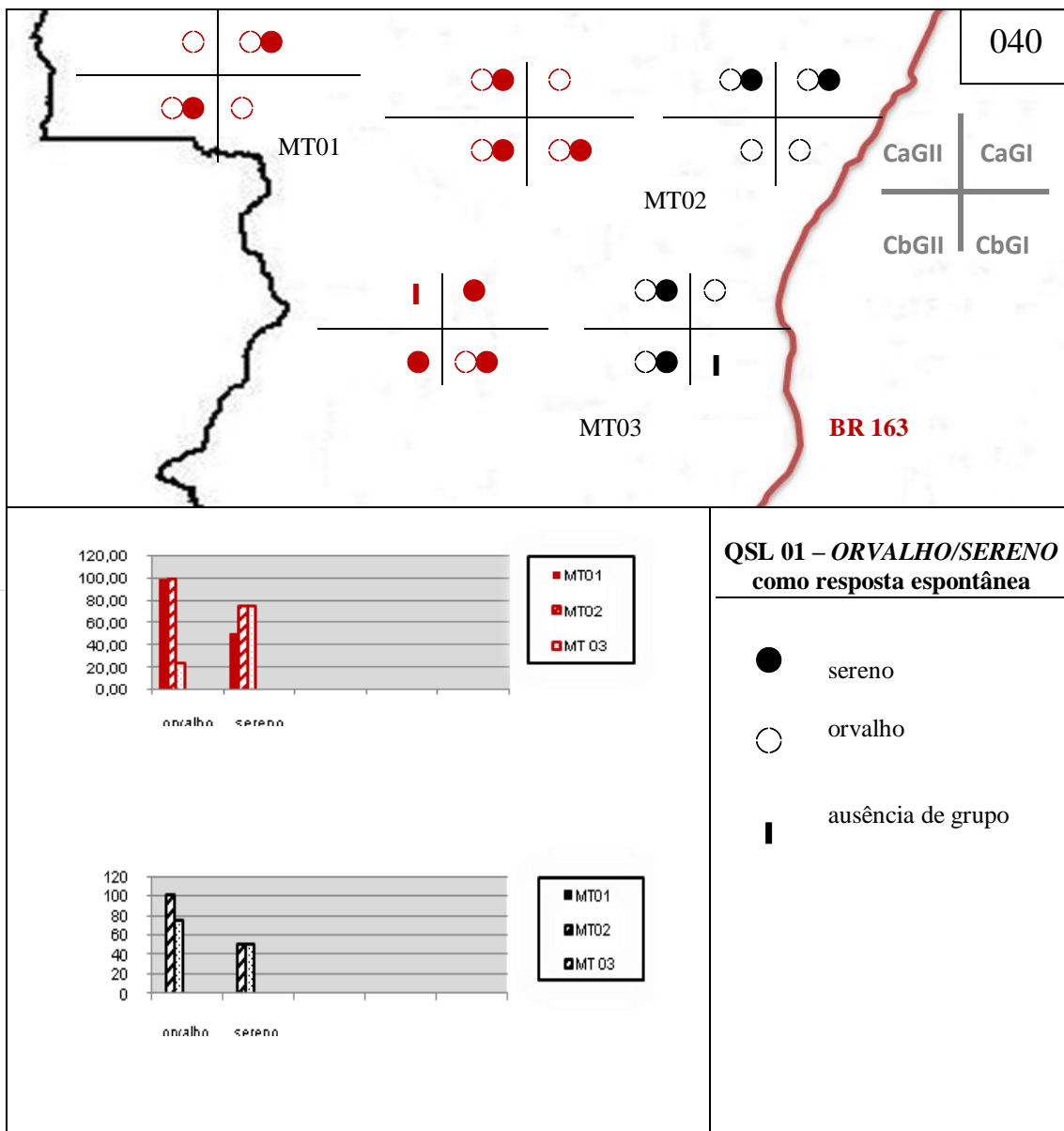
© C.Figueiredo (2014)

CARTA 21 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



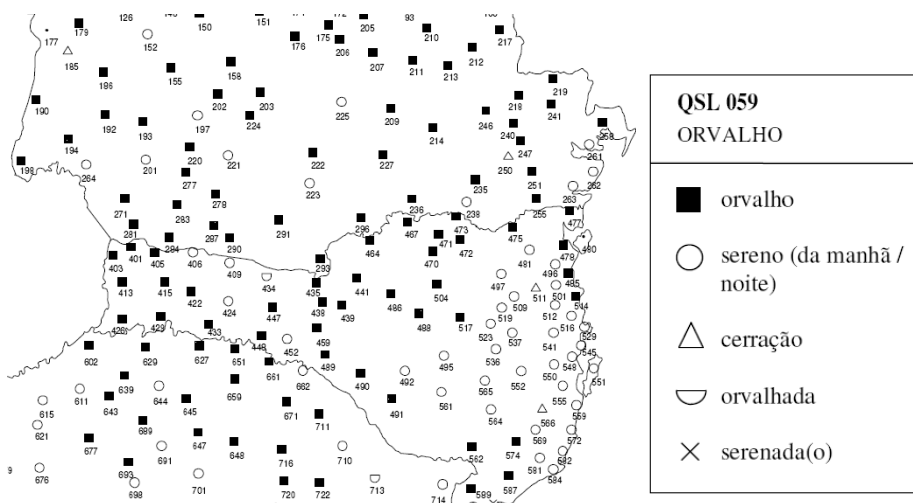
ANEXO IIb
Dados Cartografados:
Variação Lexical (QSL)

Cartograma 40 – QSL 01 – ORVALHO/ SERENO

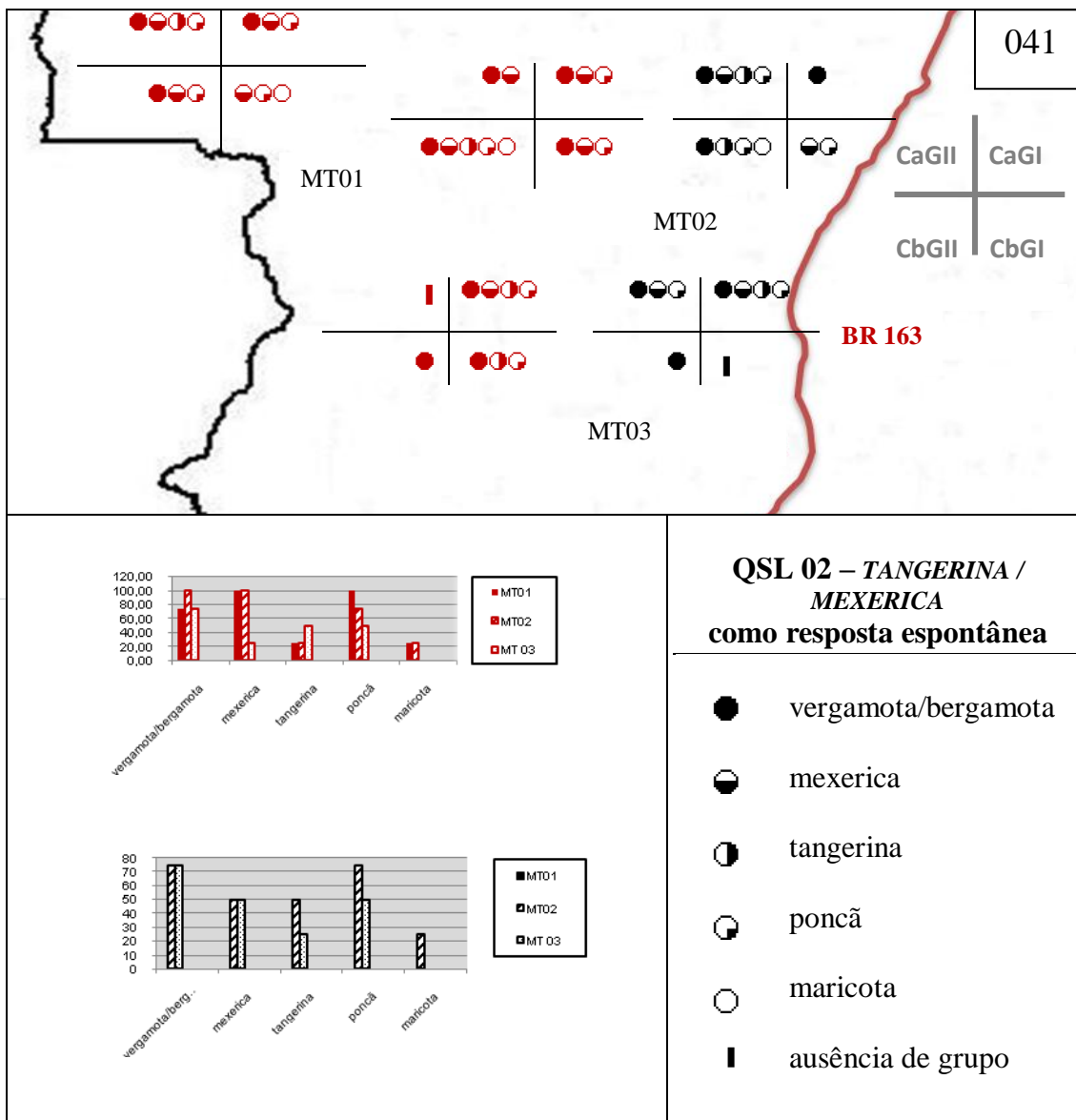


© C.Figueiredo (2014)

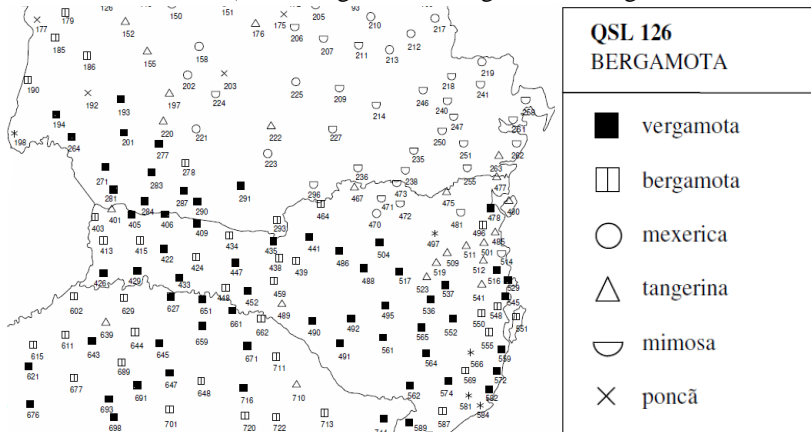
Carta 32 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



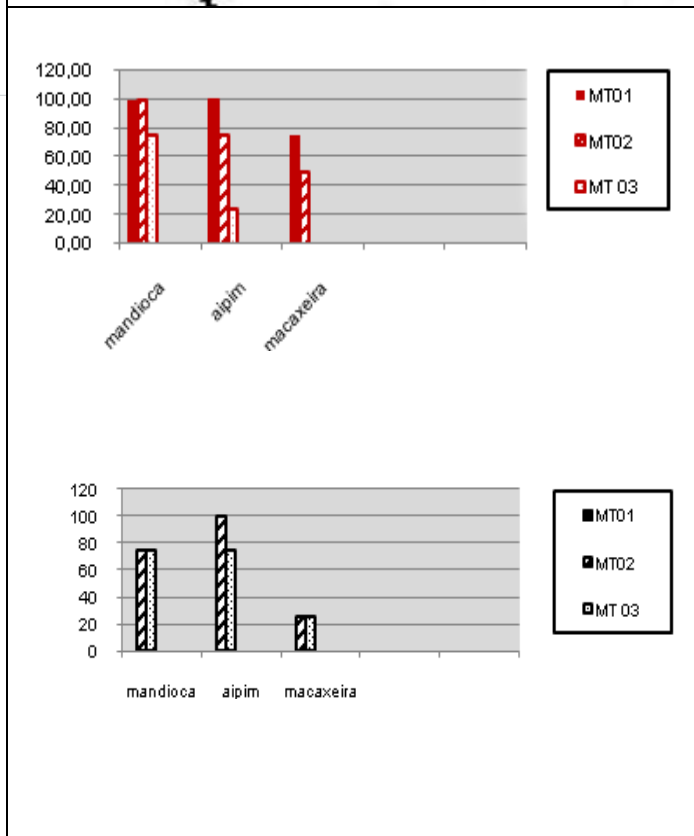
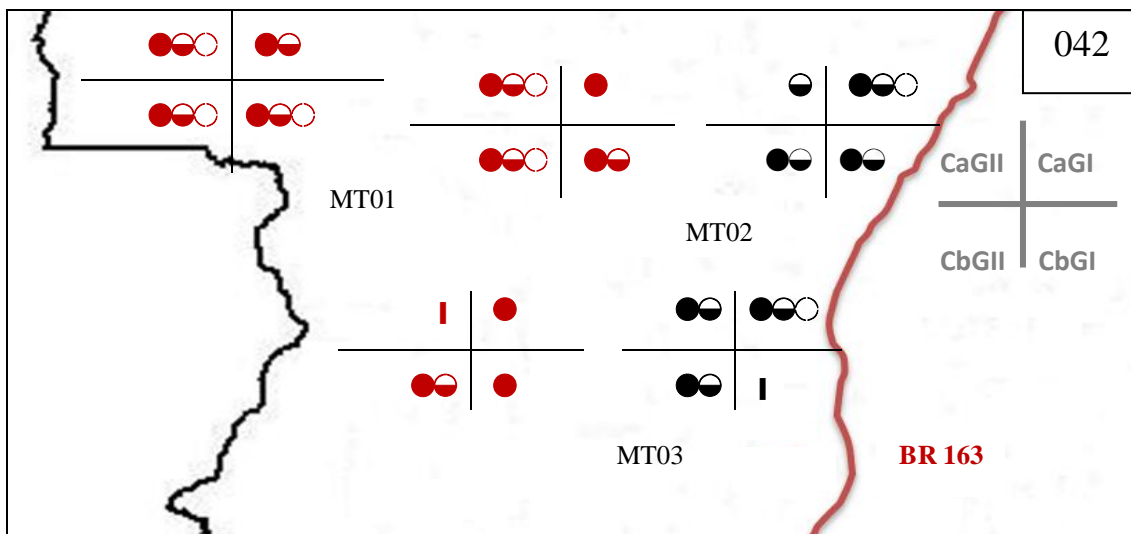
Cartograma 41 – QSL 02 – TANGERINA / MEXERICA



Carta 62 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



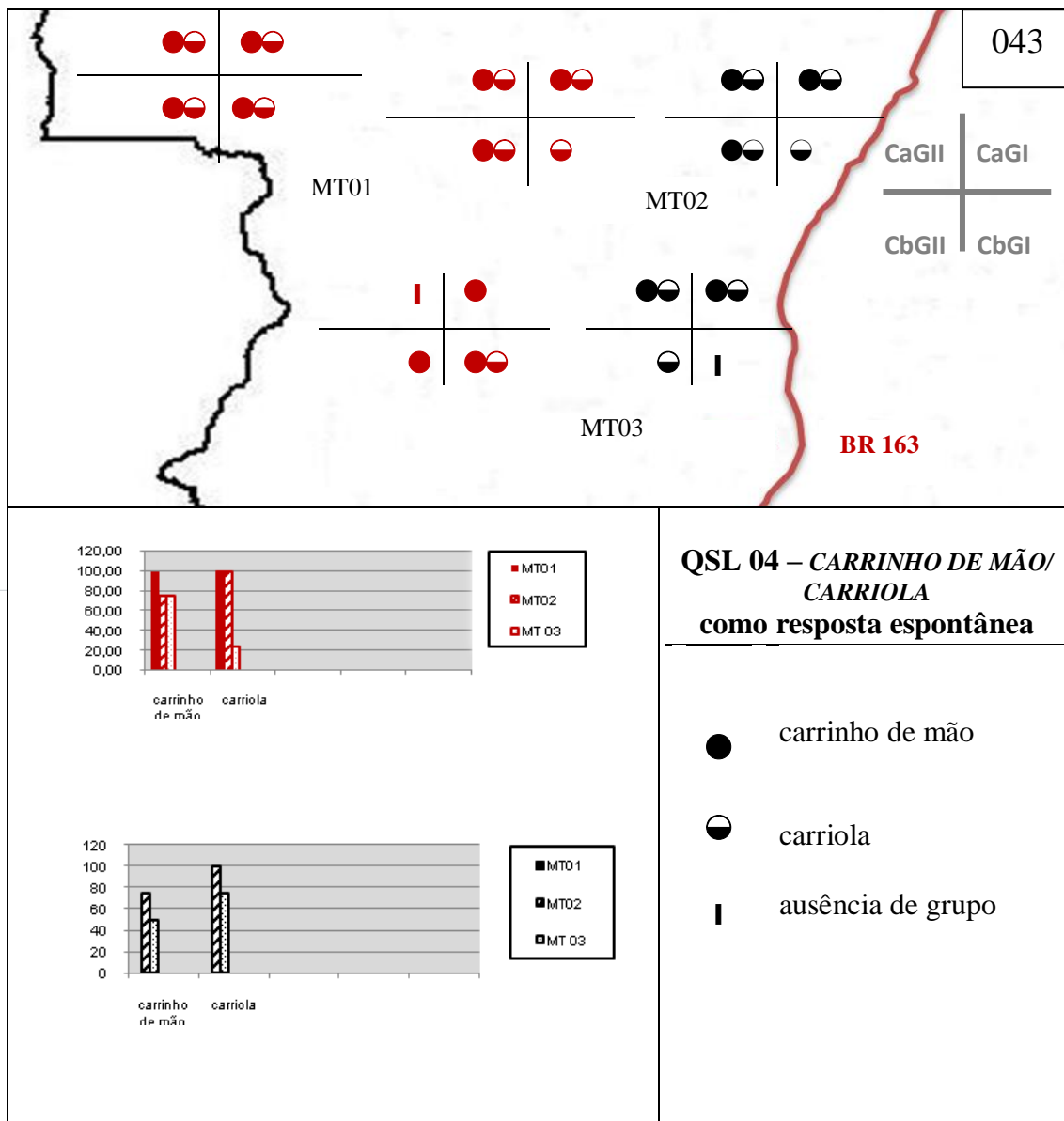
Cartograma 42 – QSL 03 – MANDIOCA / AIPIM



QSL 03 – MANDIOCA / AIPIM como resposta espontânea

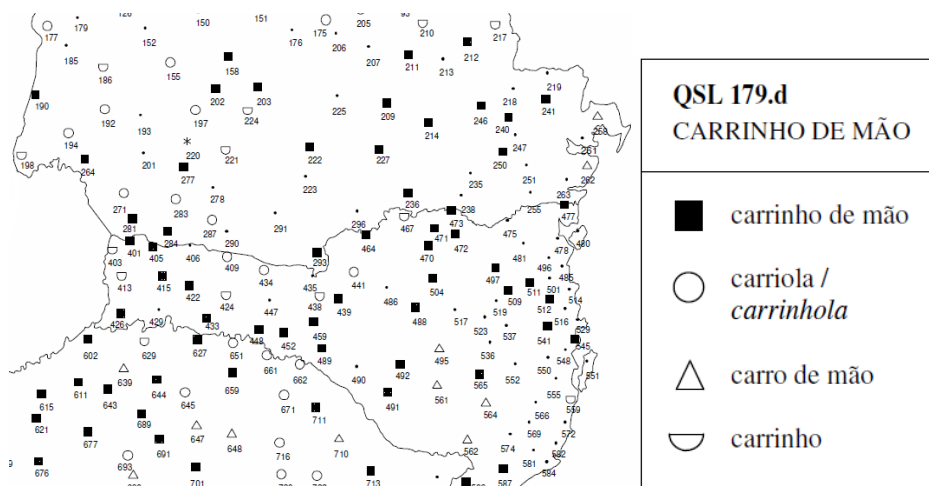
- mandioca
- ◐ aipim
- macaxeira
- ┆ ausência de grupo

Cartograma 43 – QSL 04 – CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA

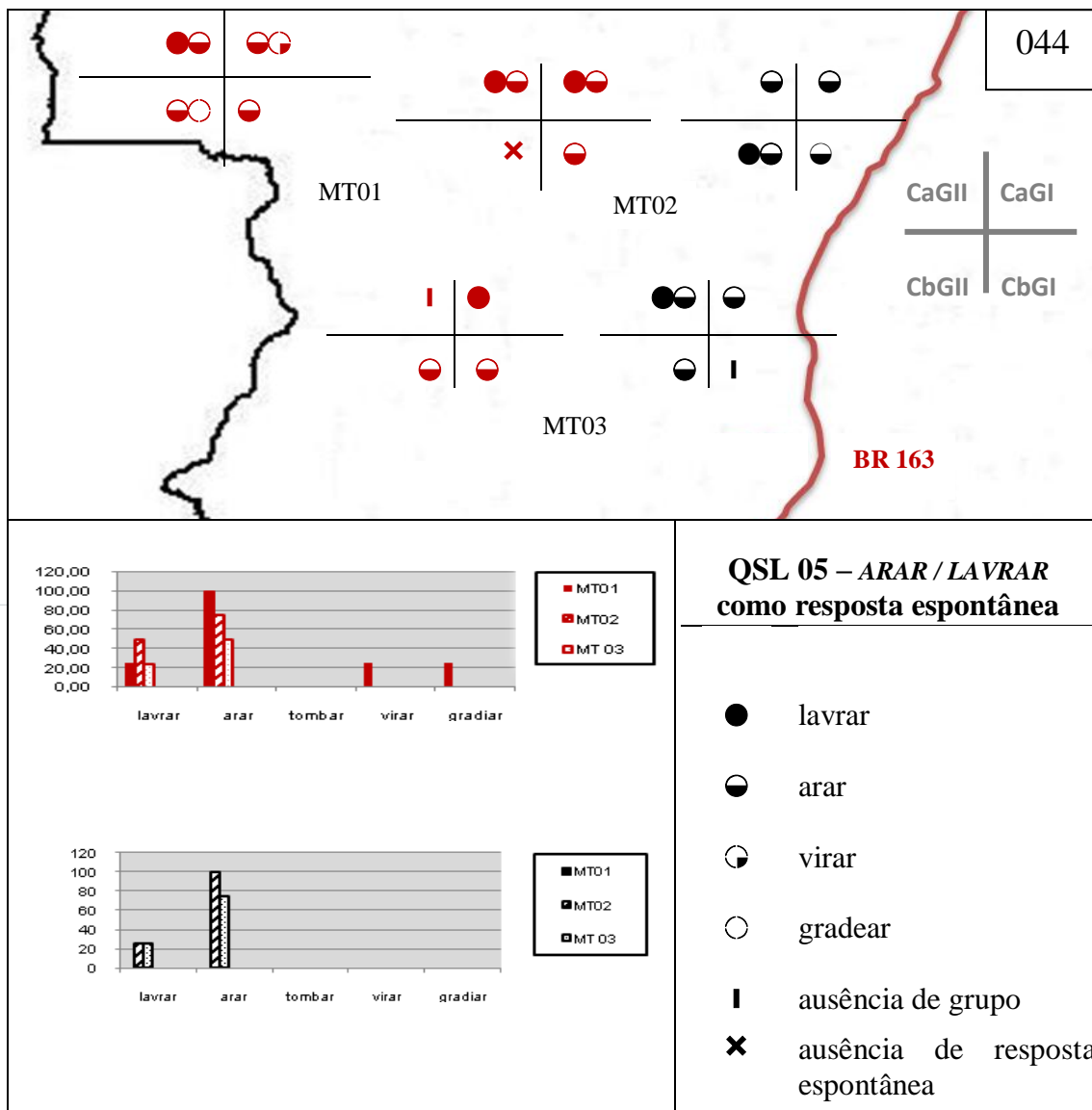


© C.Figueiredo (2014)

Carta 131 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

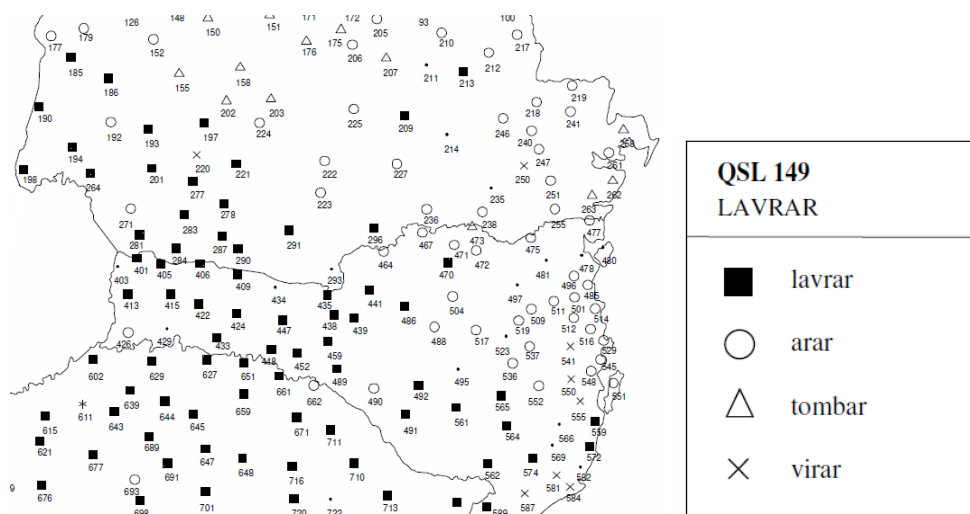


Cartograma 44 – QSL 05 – ARAR / LAVRAR

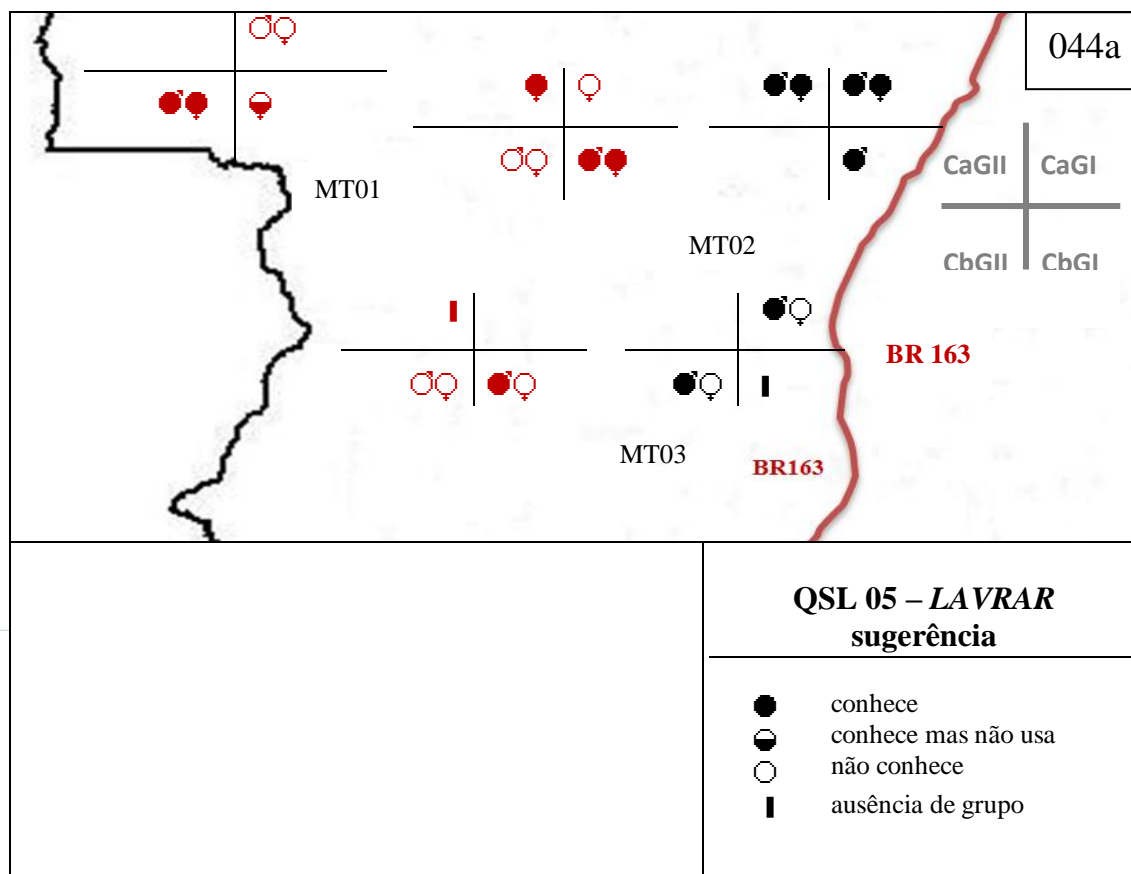


© C.Figueiredo (2014)

Carta 109 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

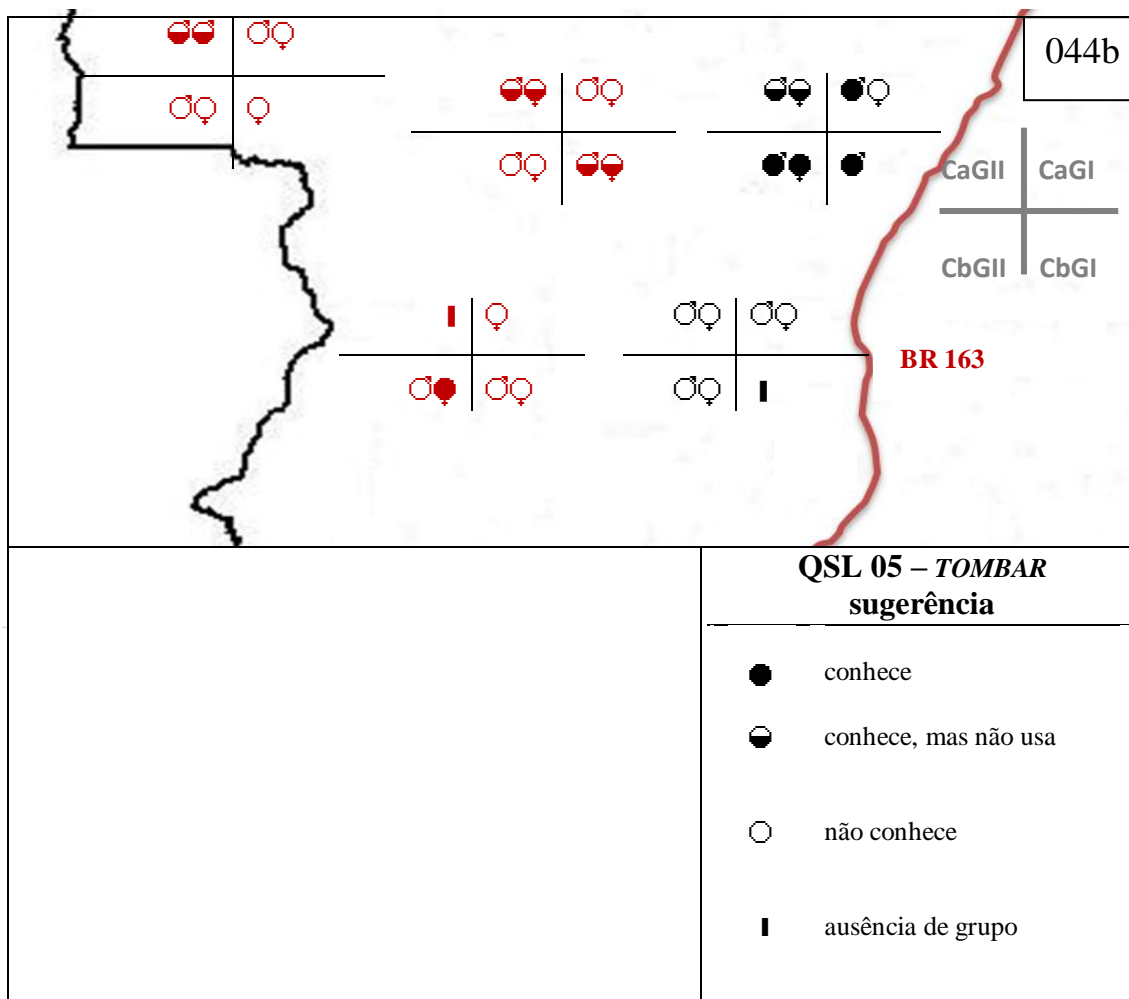


Cartograma 44a – QSL 05 – LAVRAR



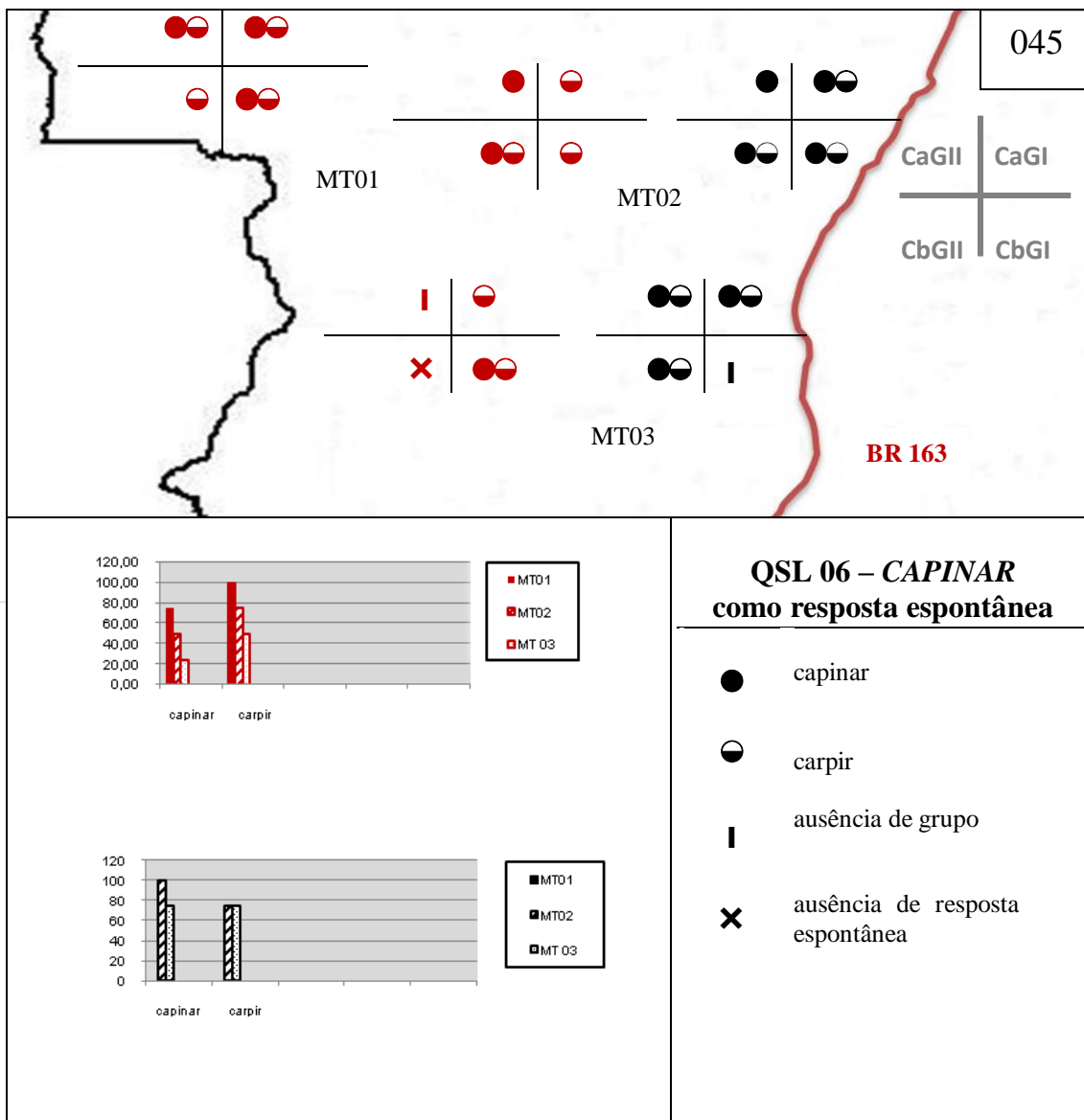
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 44b – QSL 05 – TOMBAR



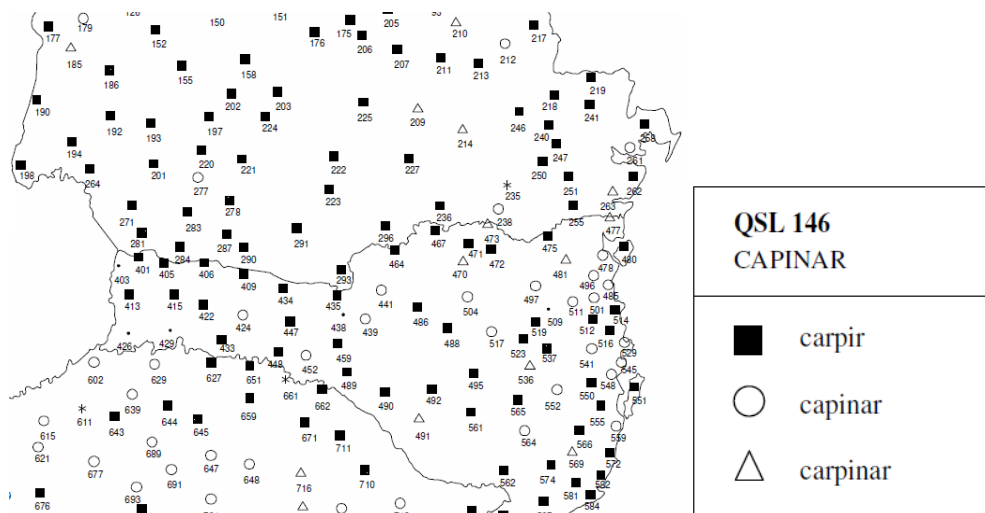
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 45 – QSL 06 – CAPINAR

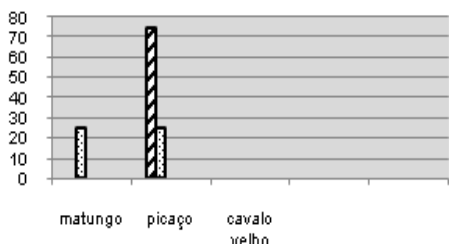
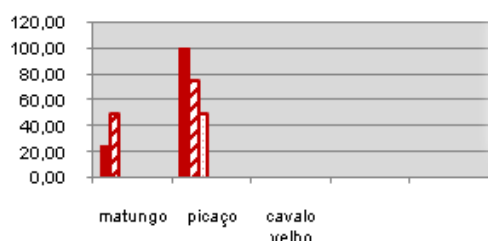
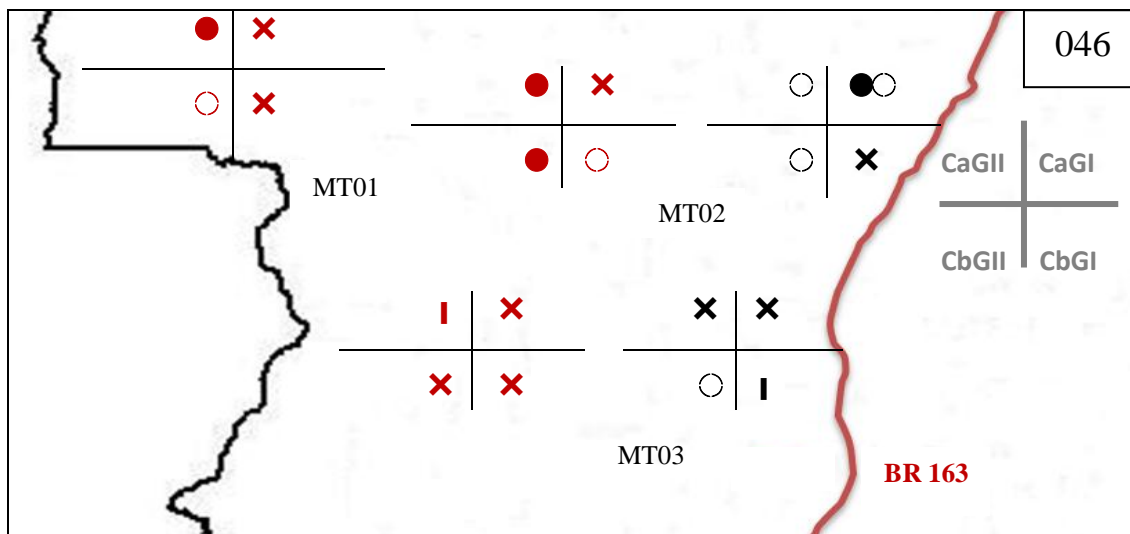


© C.Figueiredo (2014)

Carta 107 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



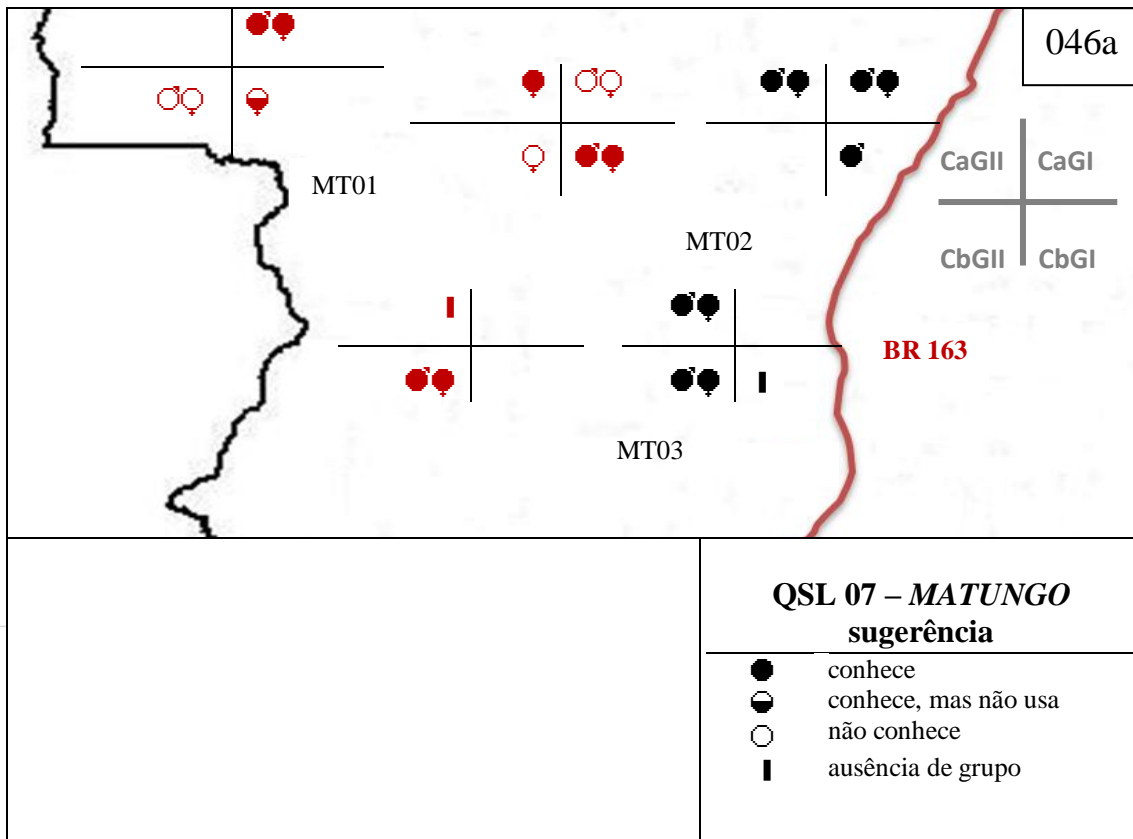
Cartograma 46 – QSL 07 – CAVALO VELHO



QSL 07 – CAVALO VELHO como resposta espontânea

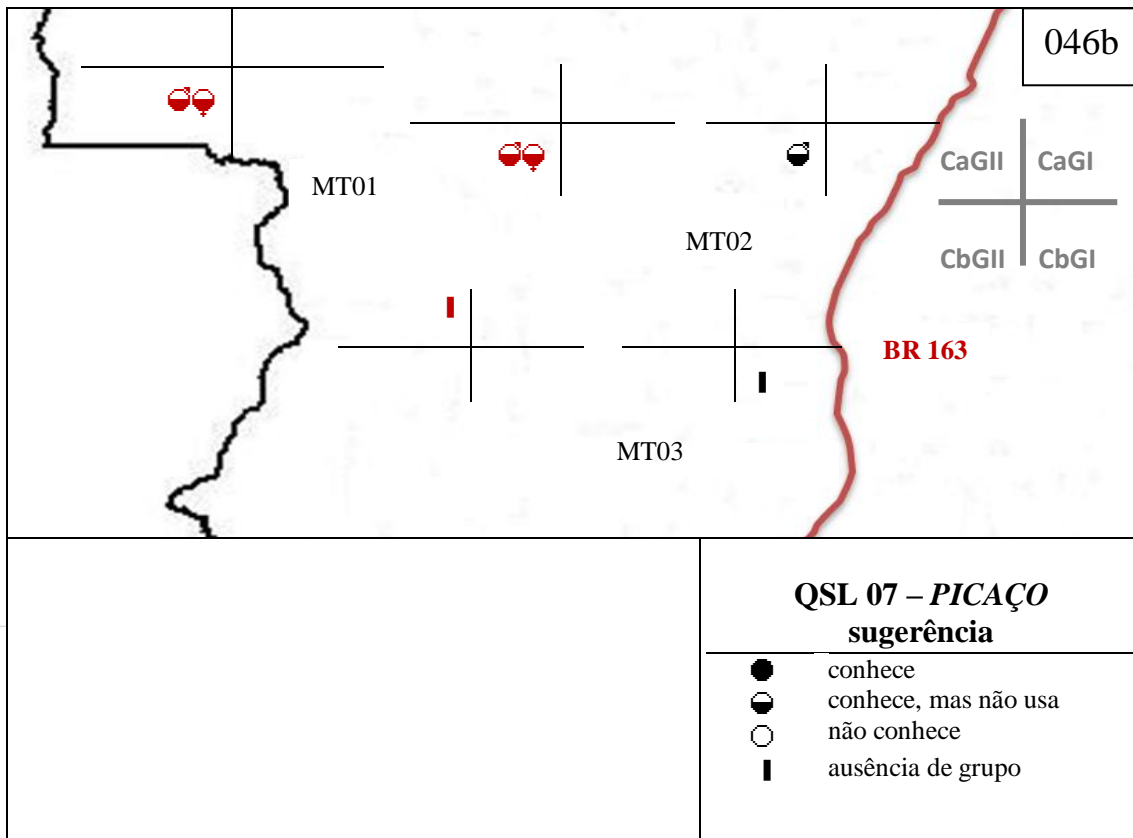
- matungo
- cavalo velho
- ┃ ausência de grupo
- ✕ ausência de resposta espontânea

Cartograma 46a – QSL 07 – MATUNGO



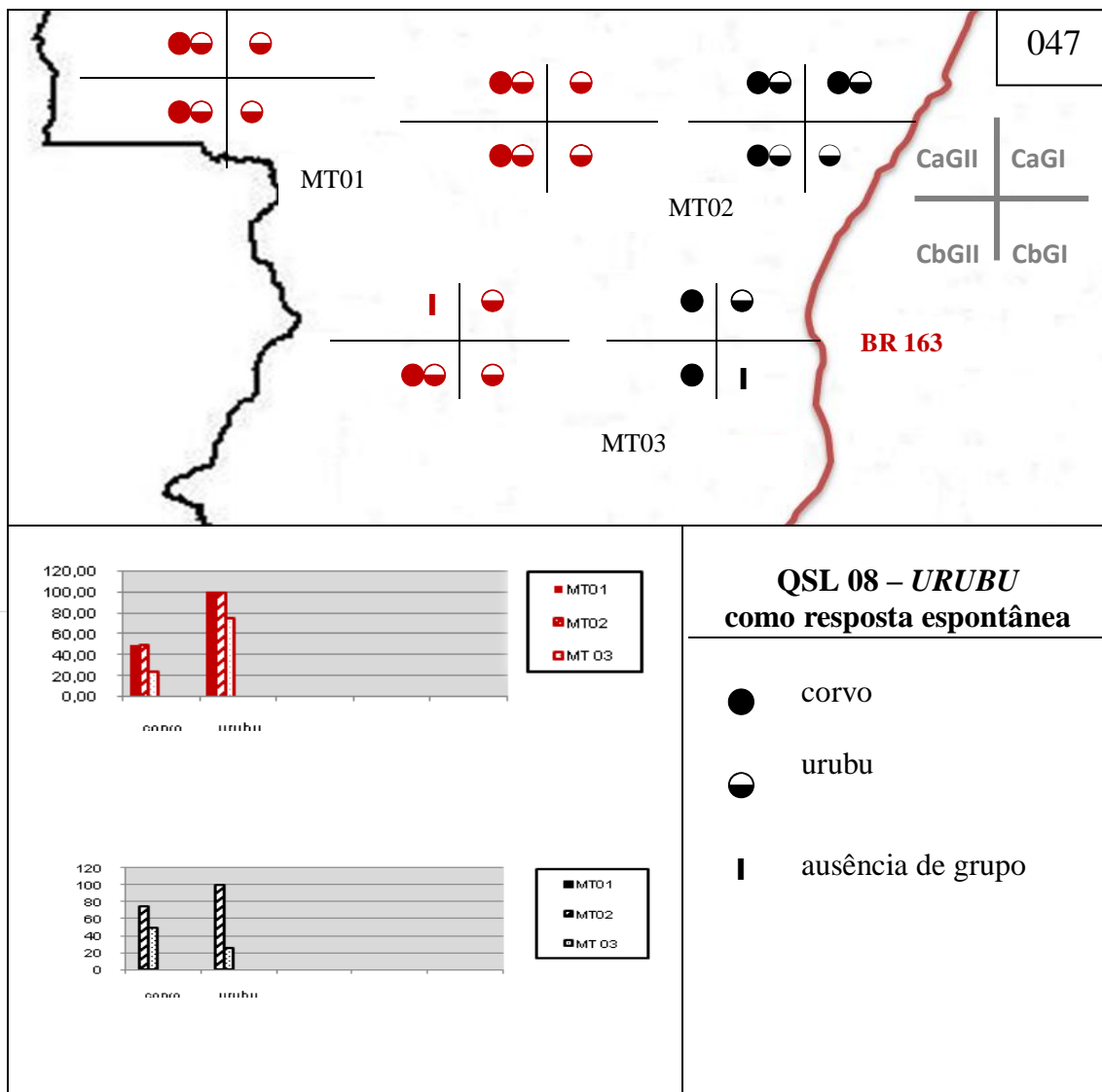
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 46b – QSL 07 – PICAÇO



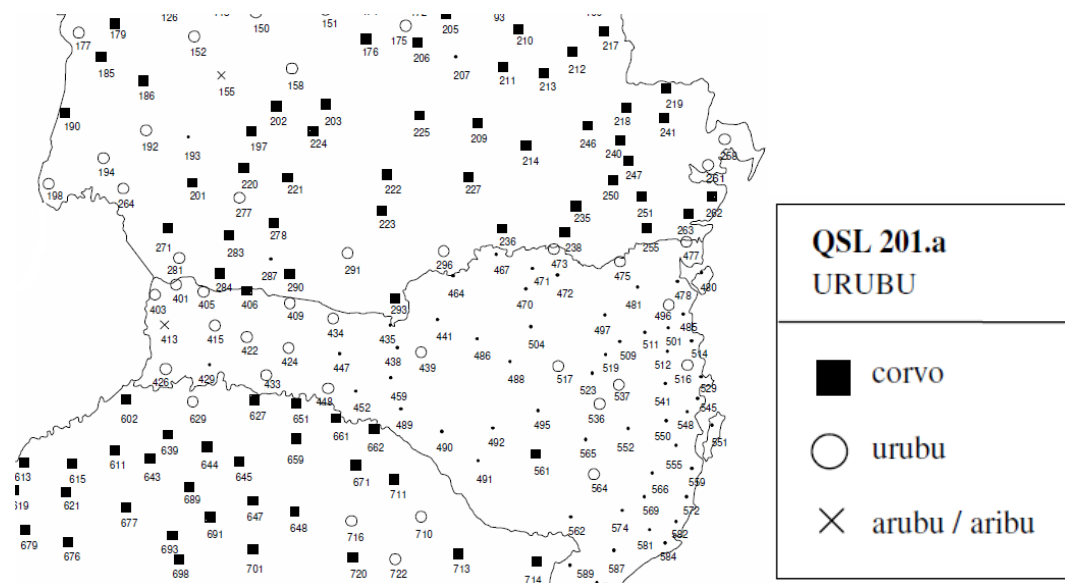
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 47 – QSL 08 – URUBU

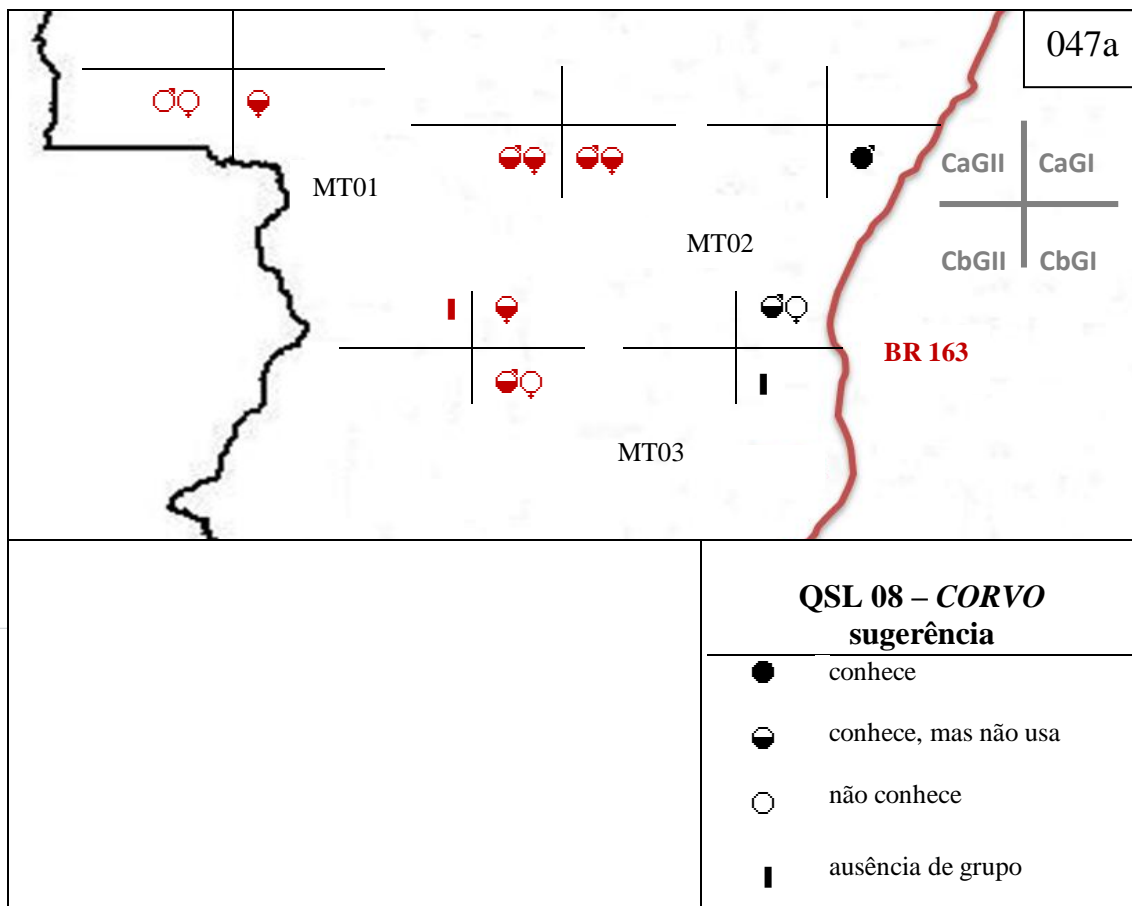


© C.Figueiredo (2014)

Carta 067 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

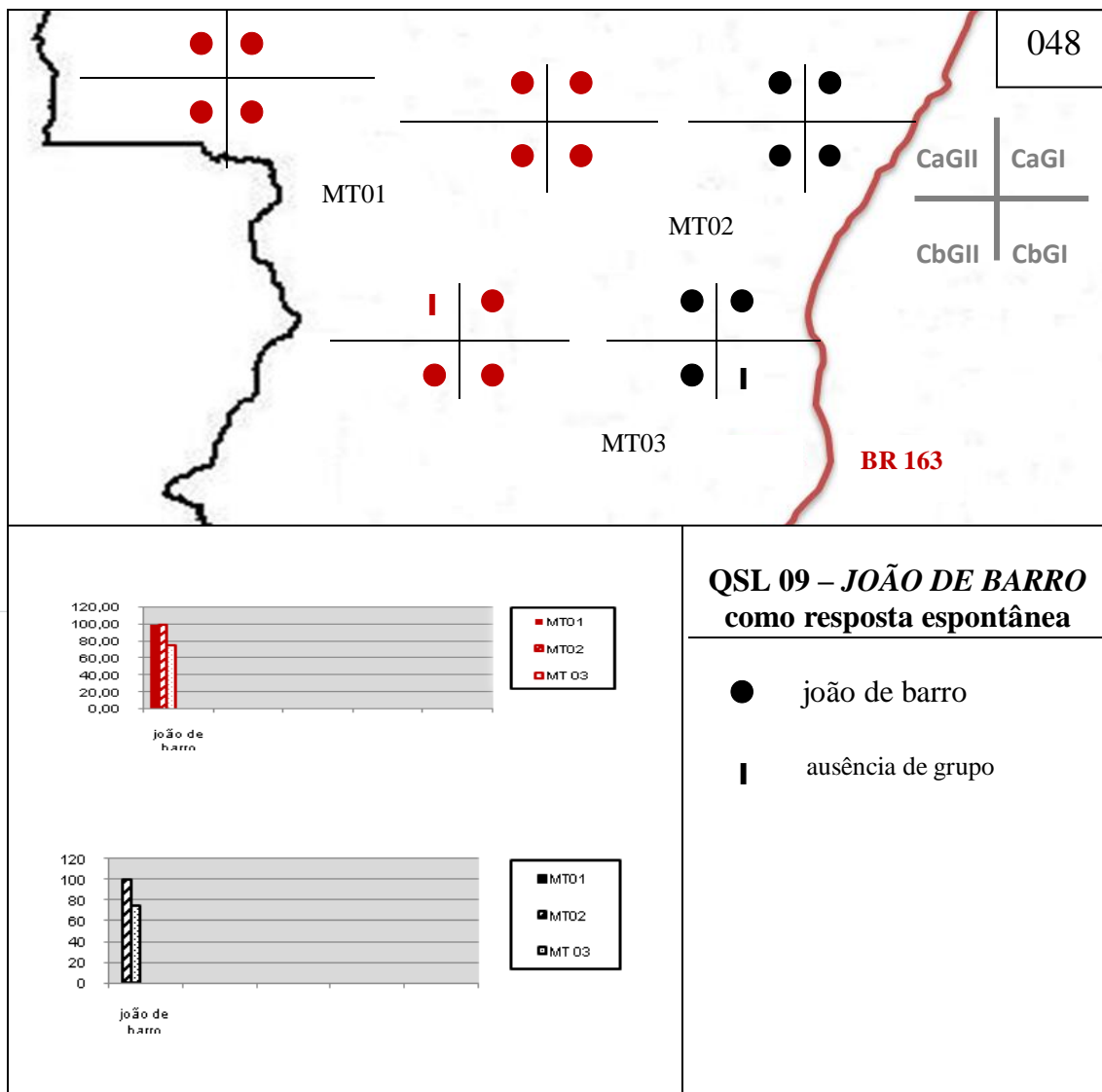


Cartograma 47a – QSL 08 – CORVO



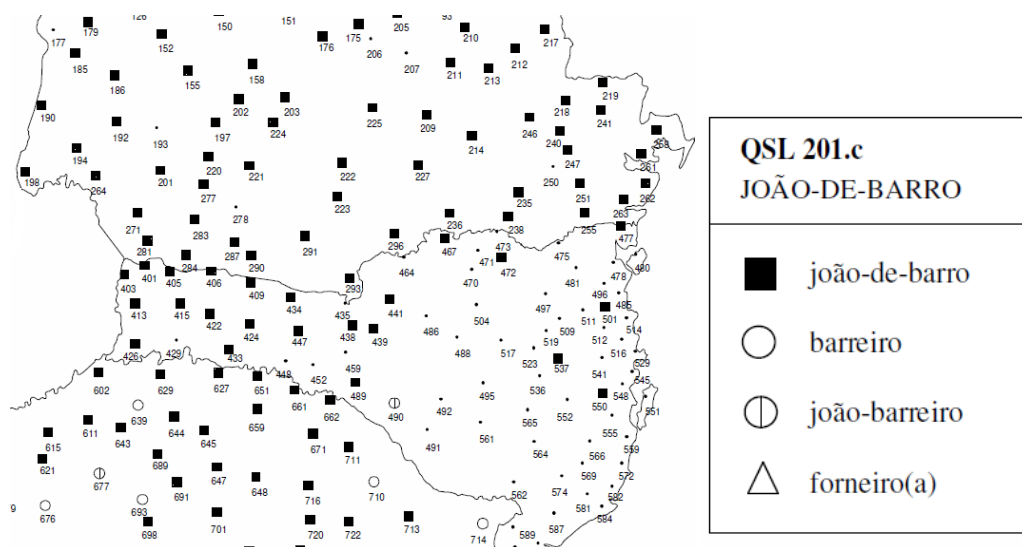
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 48 – QSL 09 – JOÃO DE BARRO

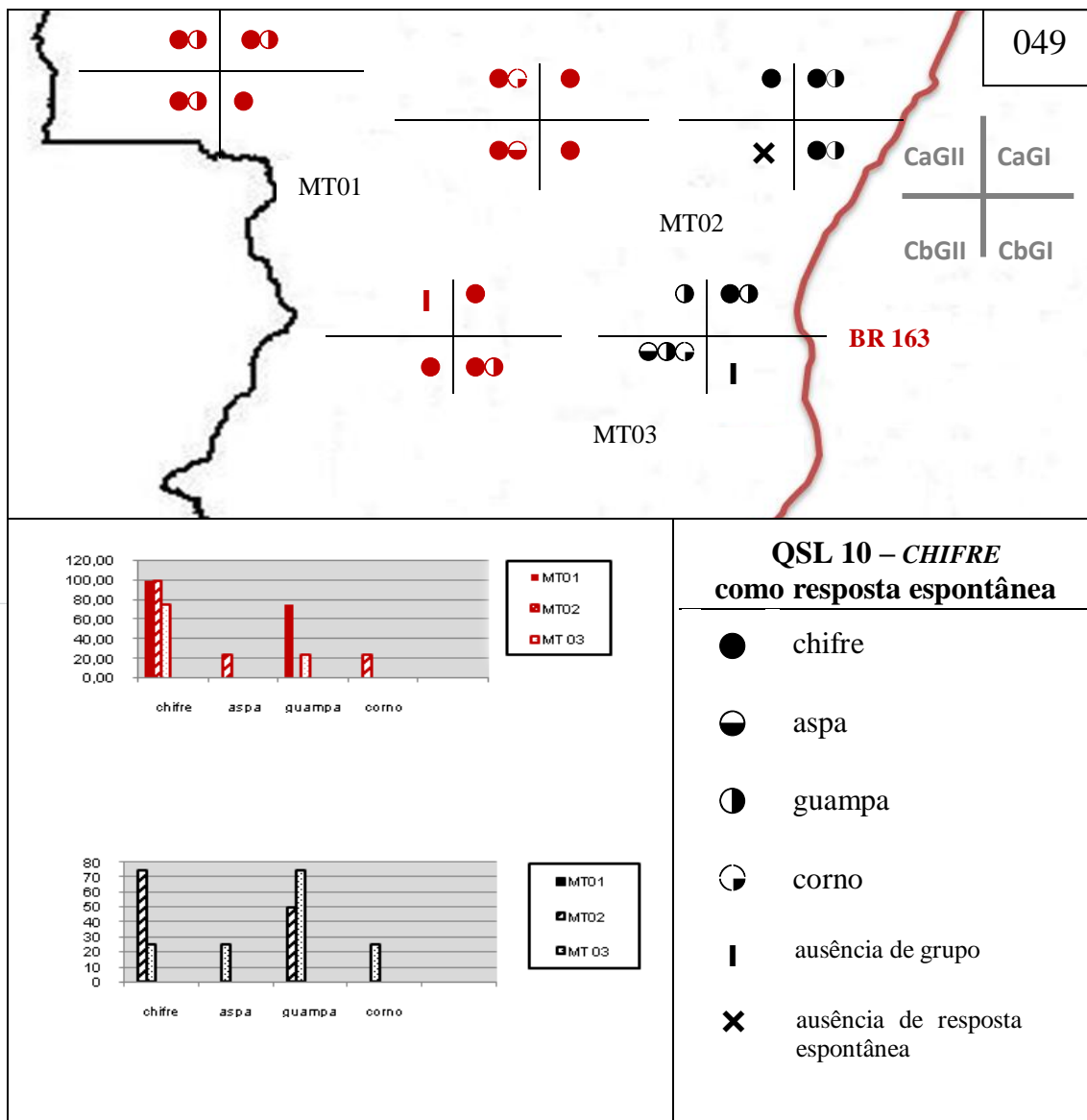


© C.Figueiredo (2014)

Carta 071 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

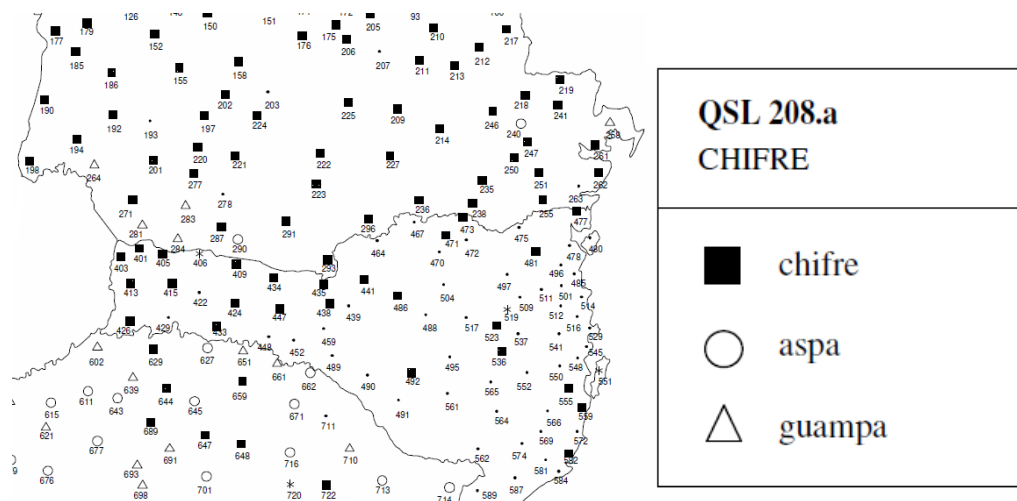


Cartograma 49 – QSL 10 – CHIFRE

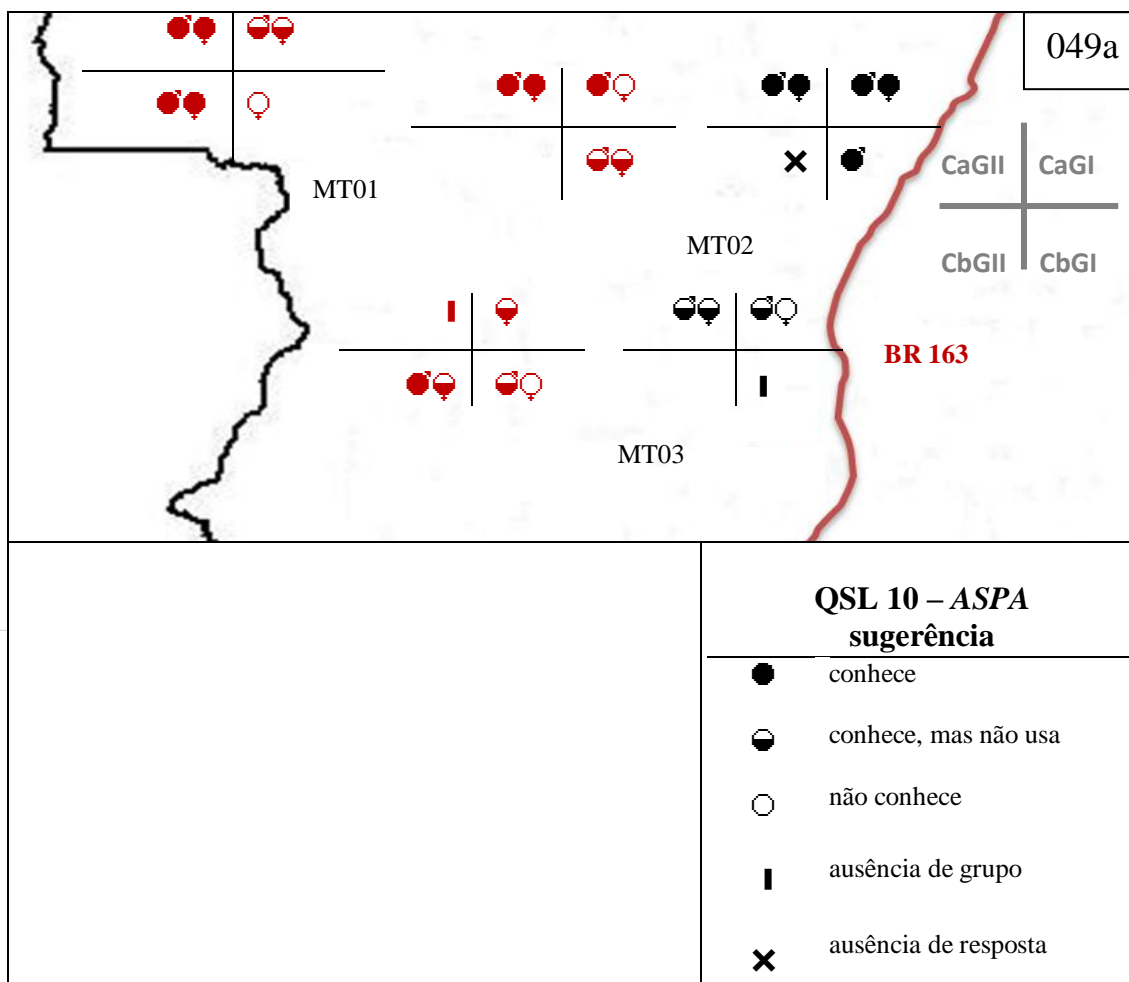


© C.Figueiredo (2014)

Carta 079 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

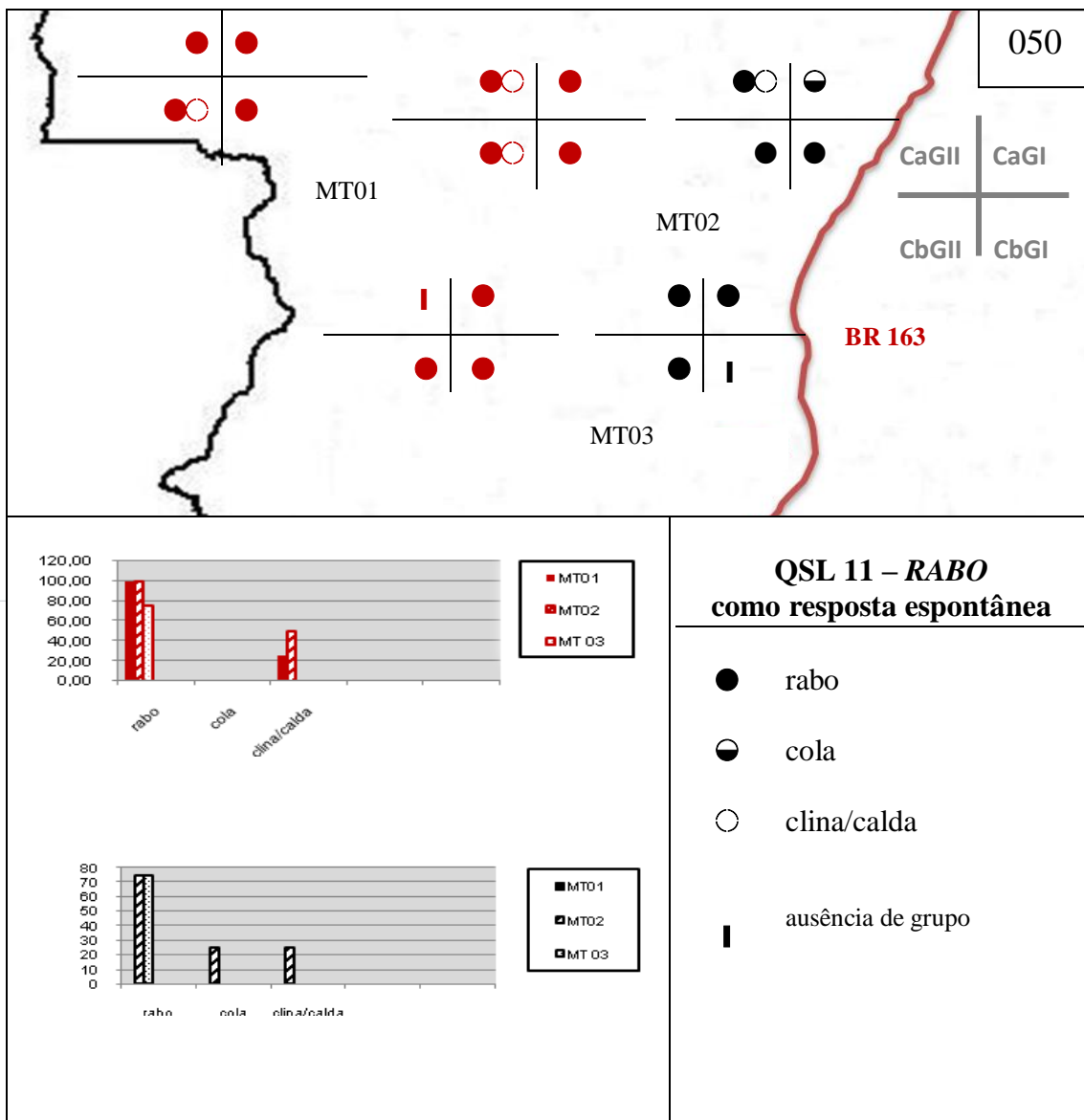


Cartograma 49a – QSL 10 – ASPA



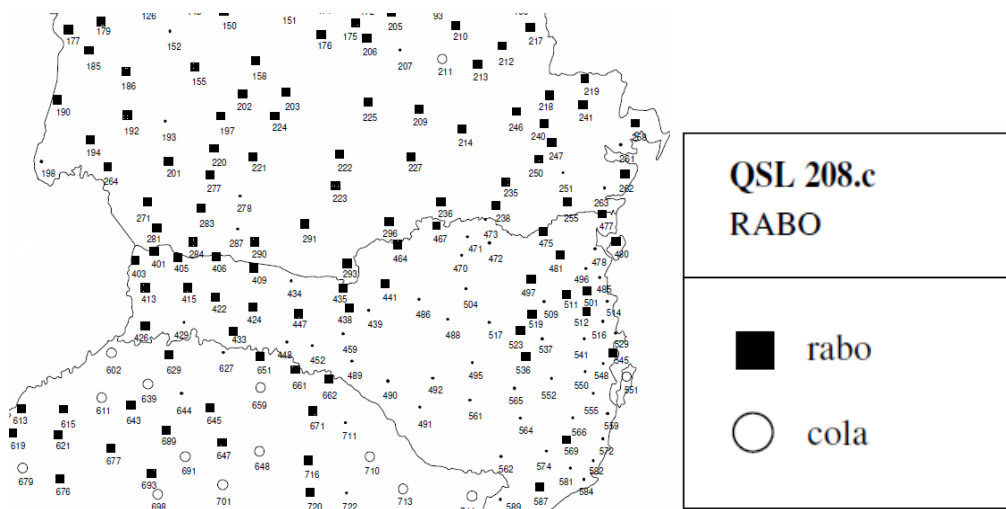
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 50 – QSL 11 – RABO

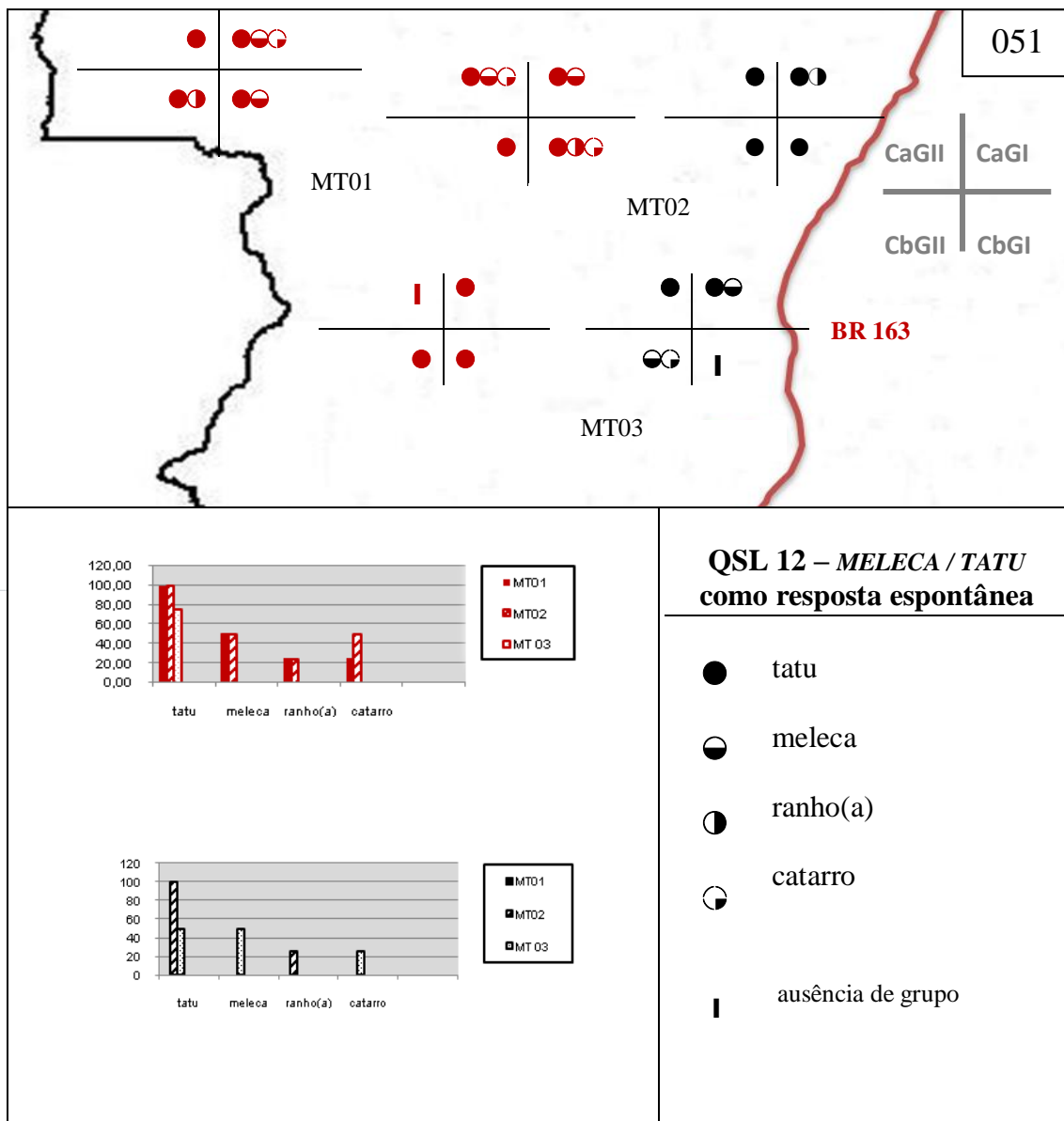


© C.Figueiredo (2014)

Carta 078 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

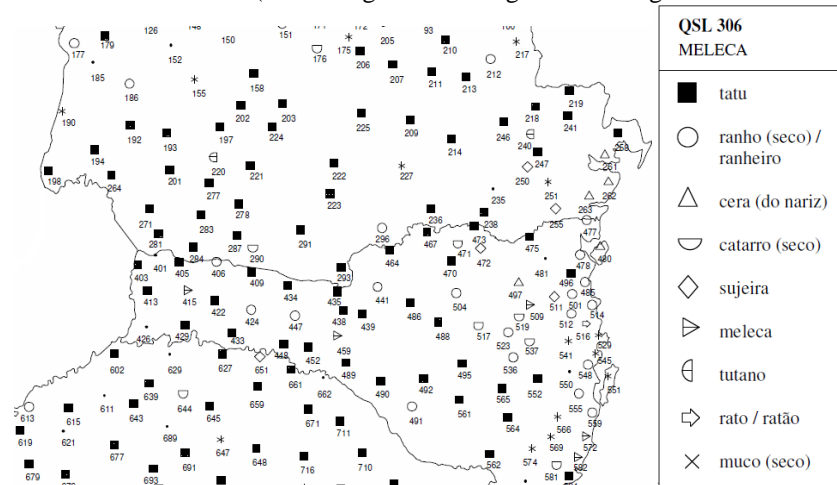


Cartograma 51 – QSL 12 – MELECA / TATU

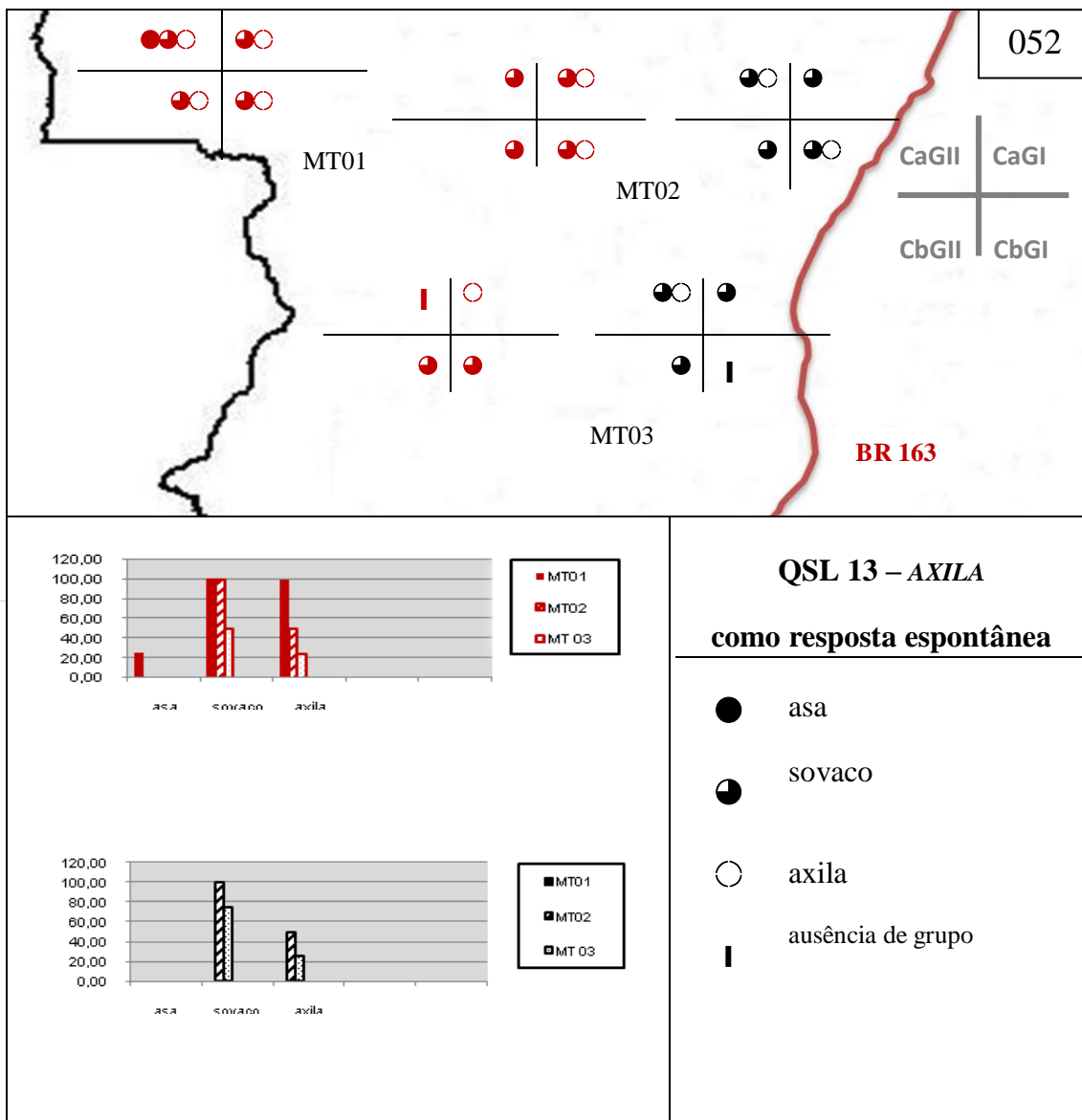


© C.Figueiredo (2014)

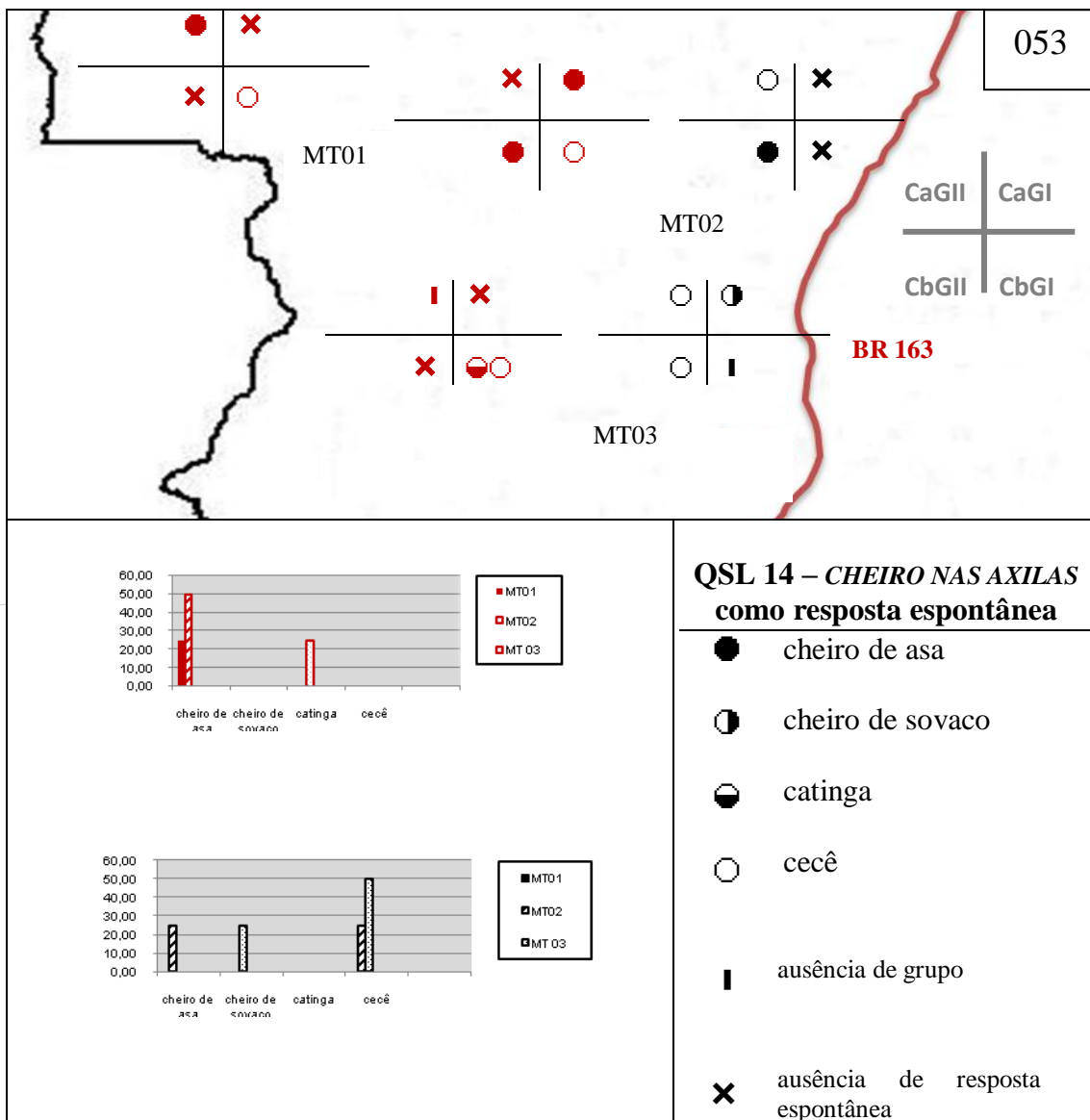
Carta 204 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



Cartograma 52 – QSL 13 – AXILA

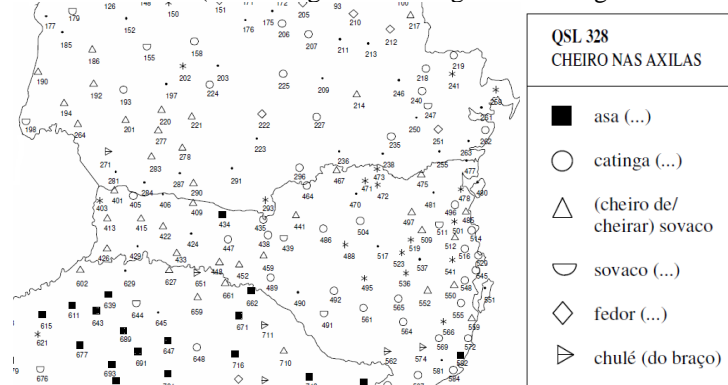


Cartograma 53 – QSL 14 – CHEIRO NAS AXILAS

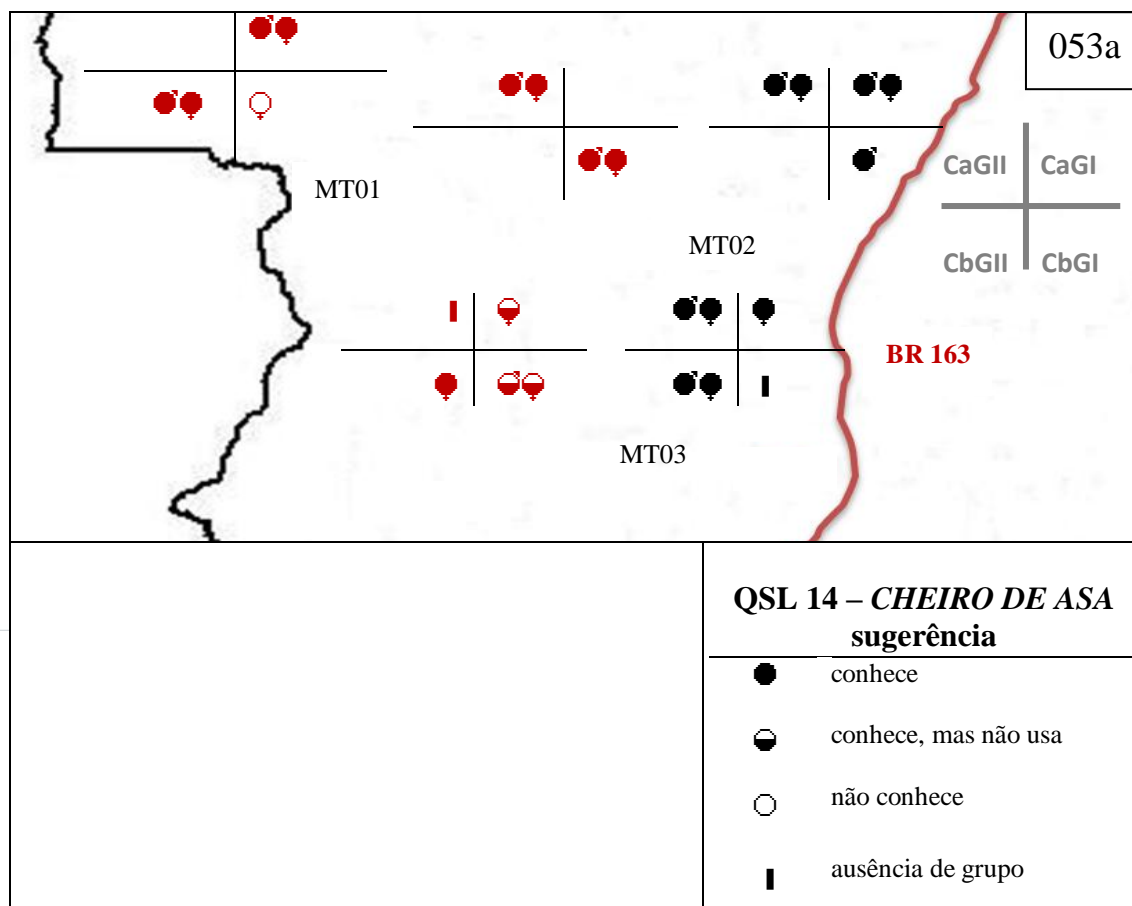


© C.Figueiredo (2014)

Carta 216 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

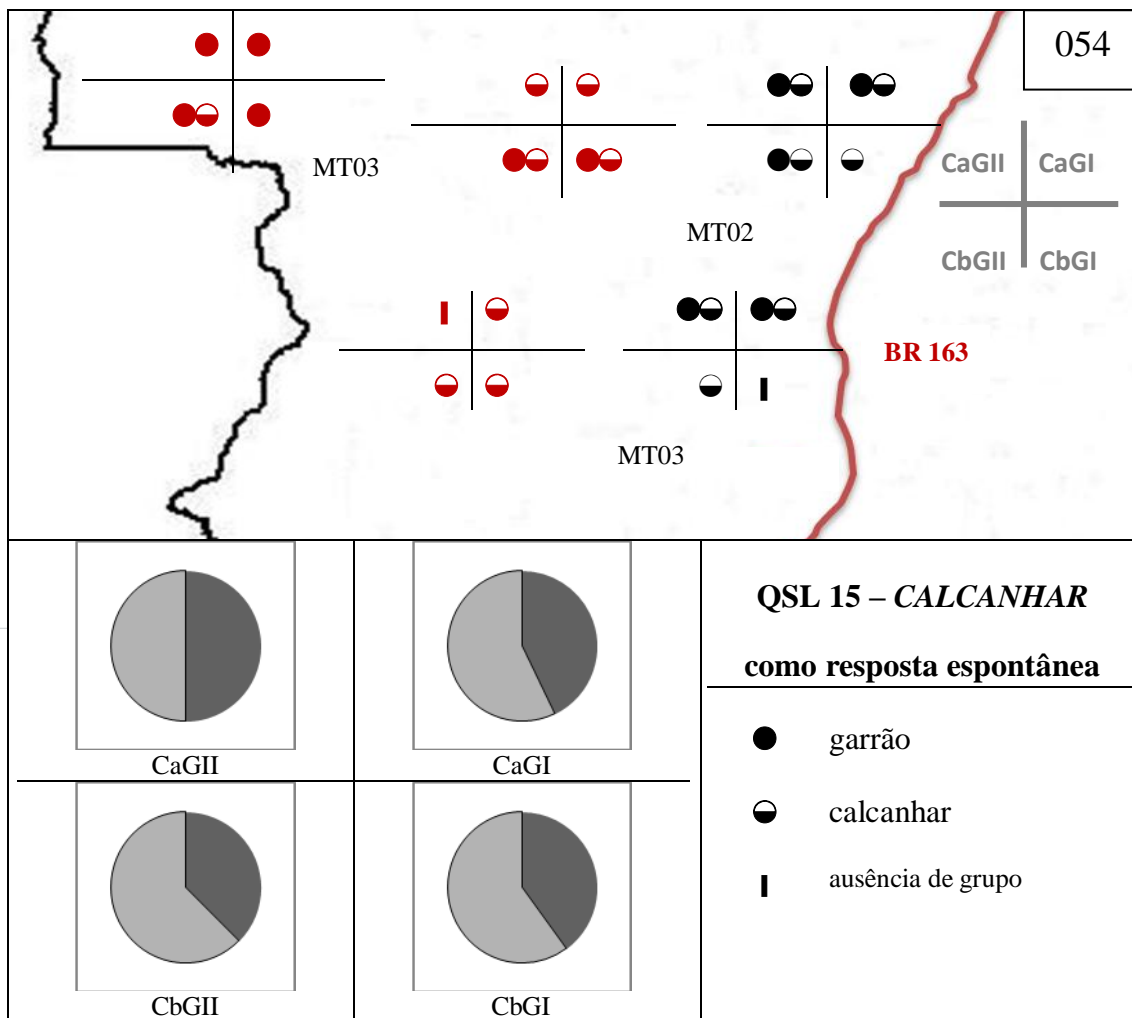


Cartograma 53a – QSL 14 – CHEIRO DE ASA



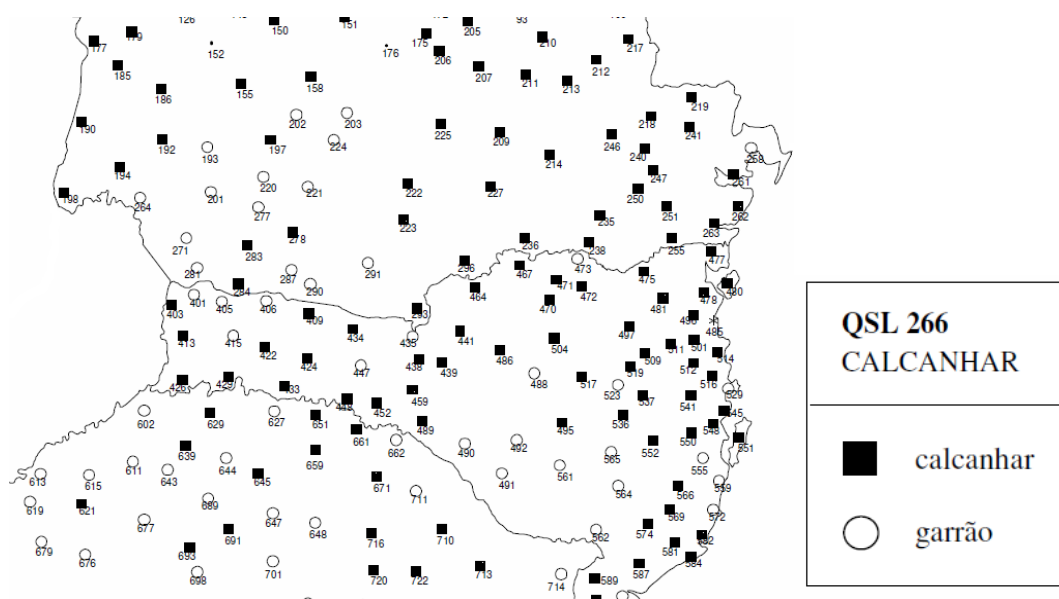
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 54 – QSL 15 – *CALCANHAR*

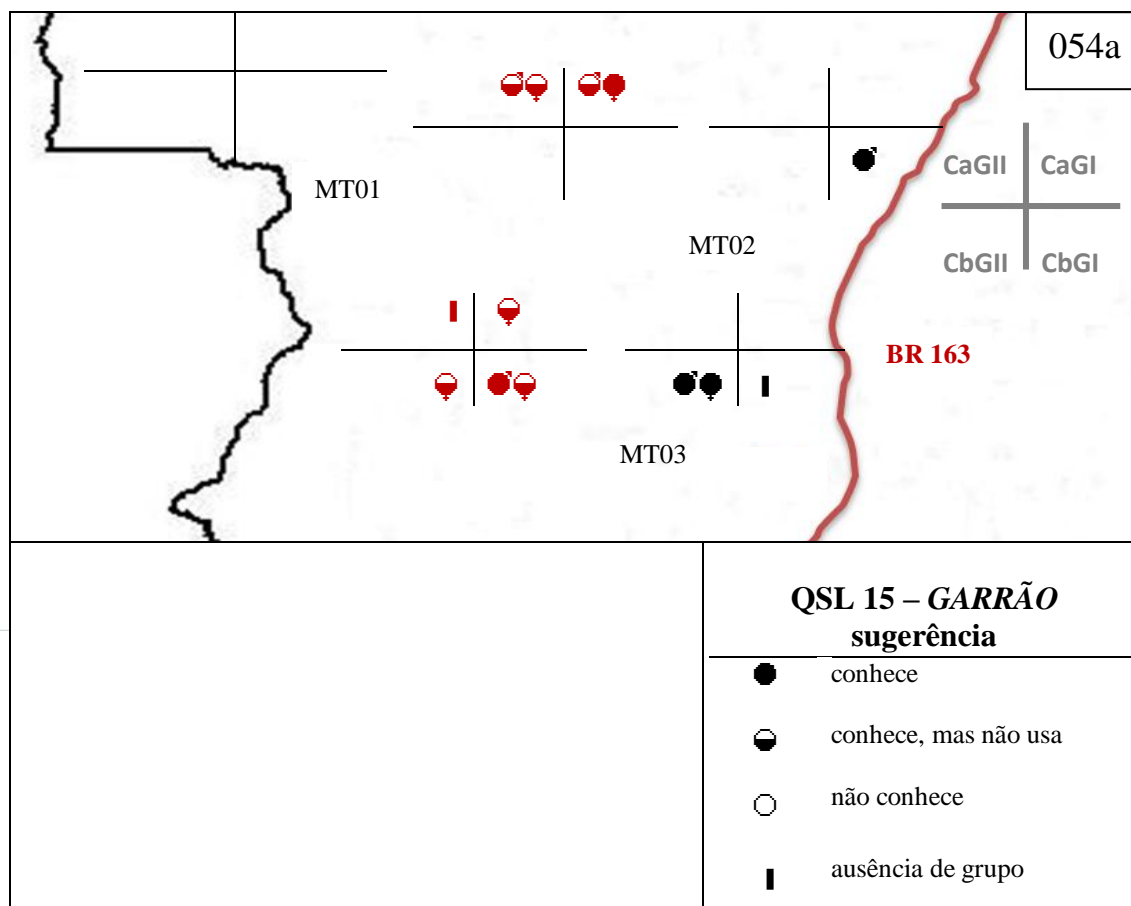


© C.Figueiredo (2014)

Carta 183 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

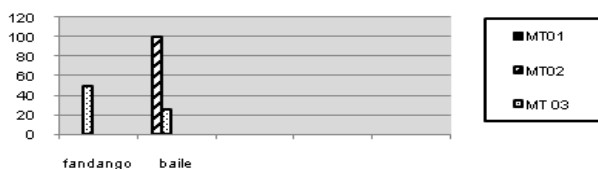
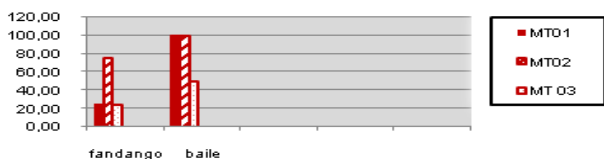
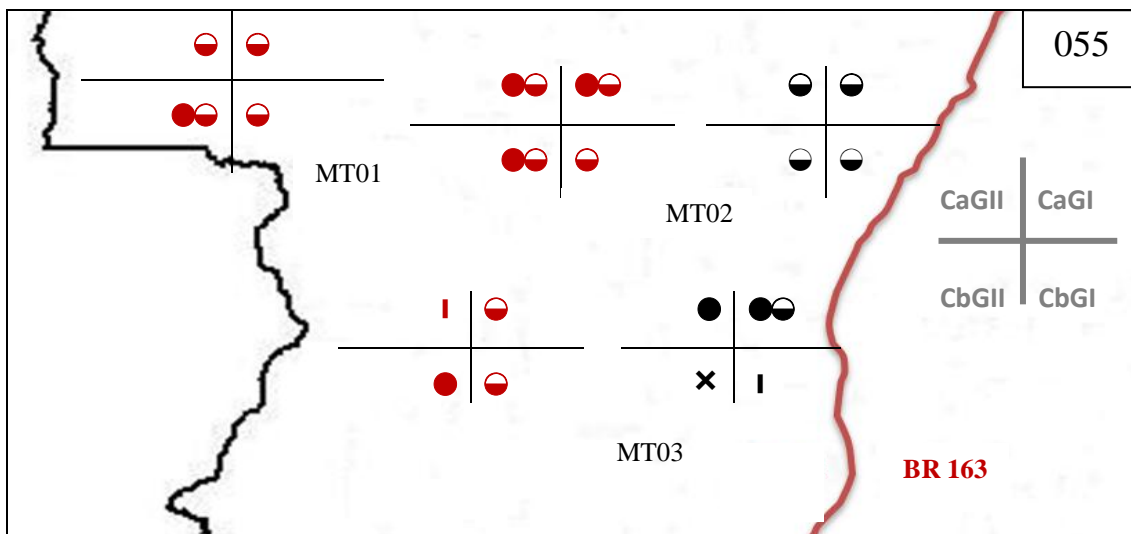


Cartograma 54a – QSL 15 – GARRÃO



© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 55 – QSL 16 – FANDANGO / BAILE

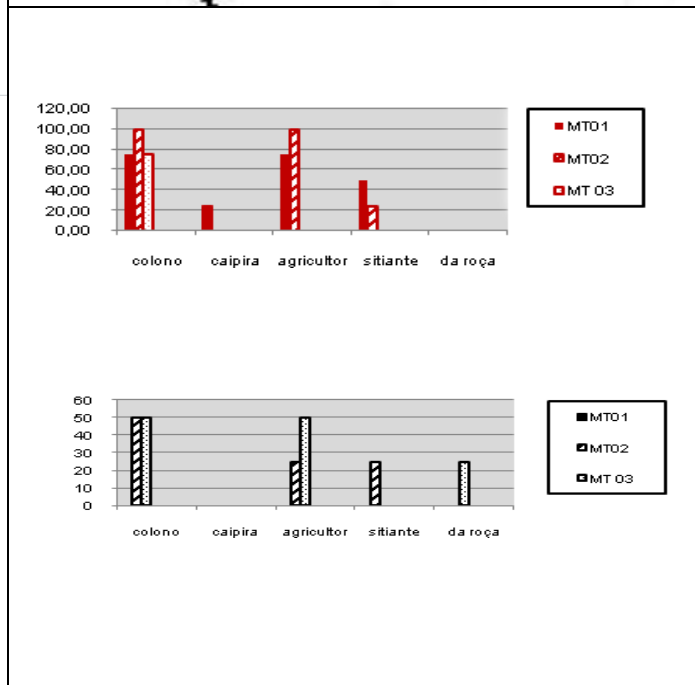
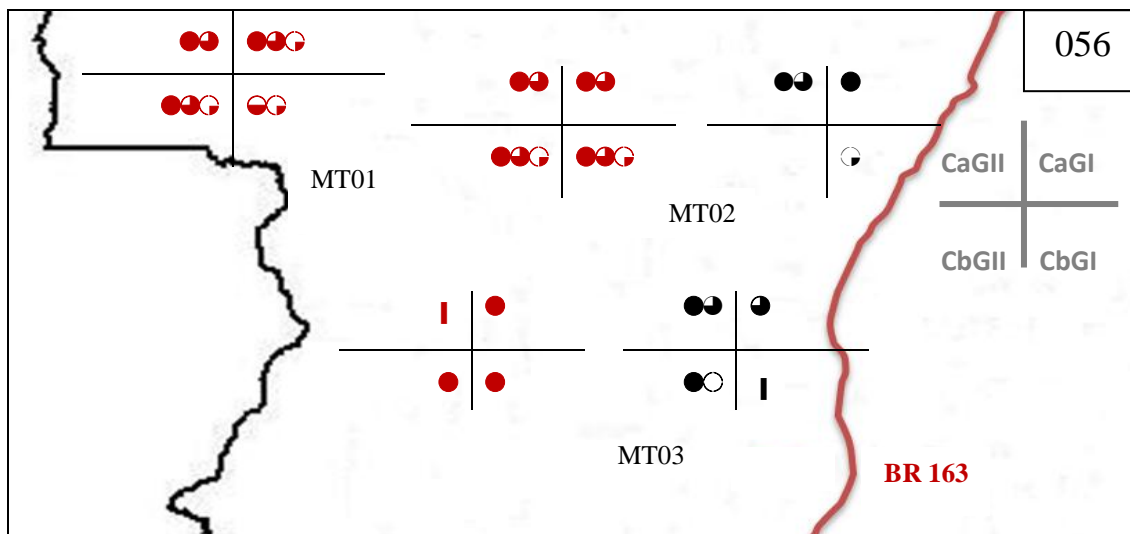


QSL 16 – FANDANGO / BAILE

como resposta espontânea

- fandango
- ◐ baile
- | ausência de grupo
- × ausência de resposta espontânea

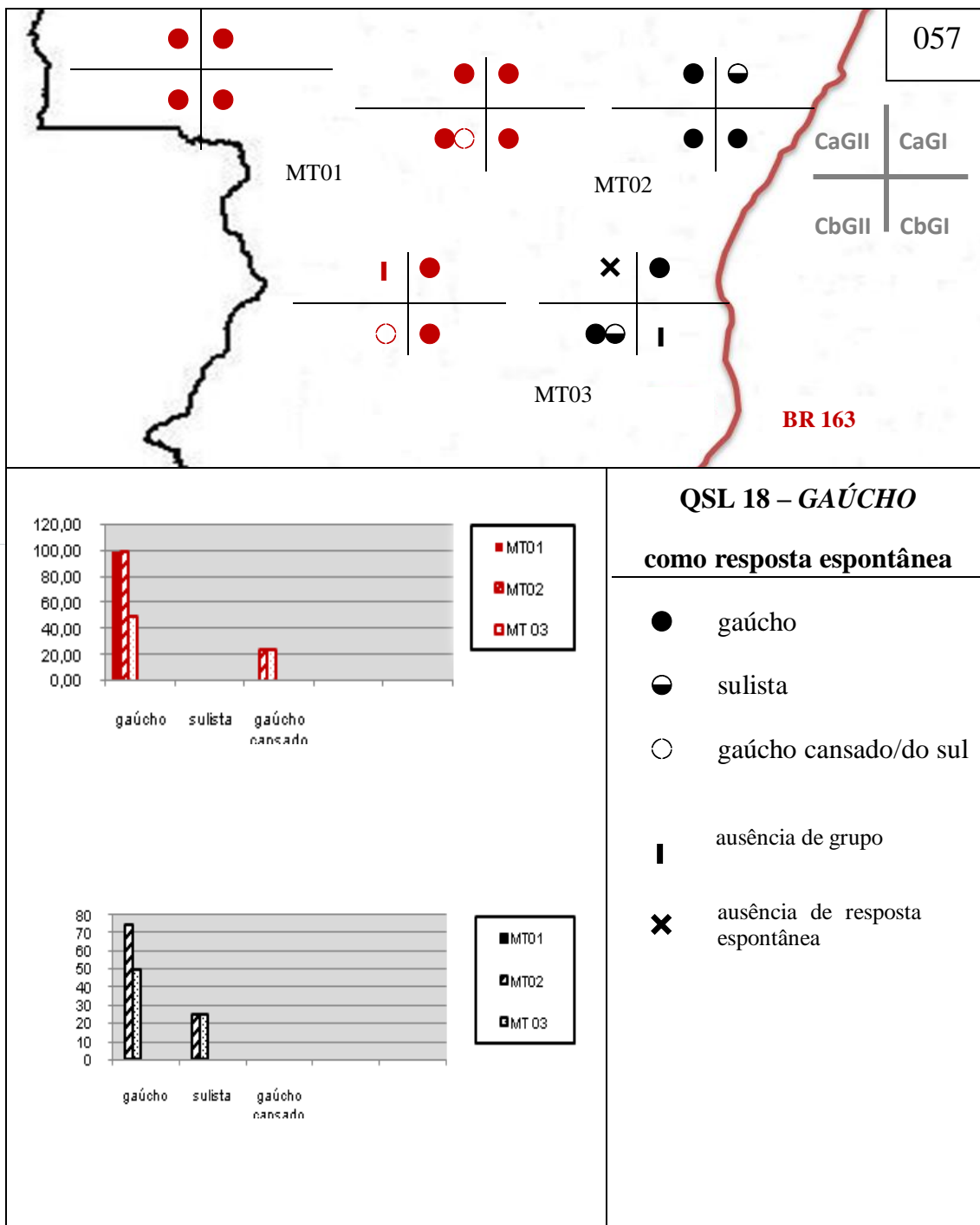
Cartograma 56 – QSL 17 – COLONO / CAIPIRA



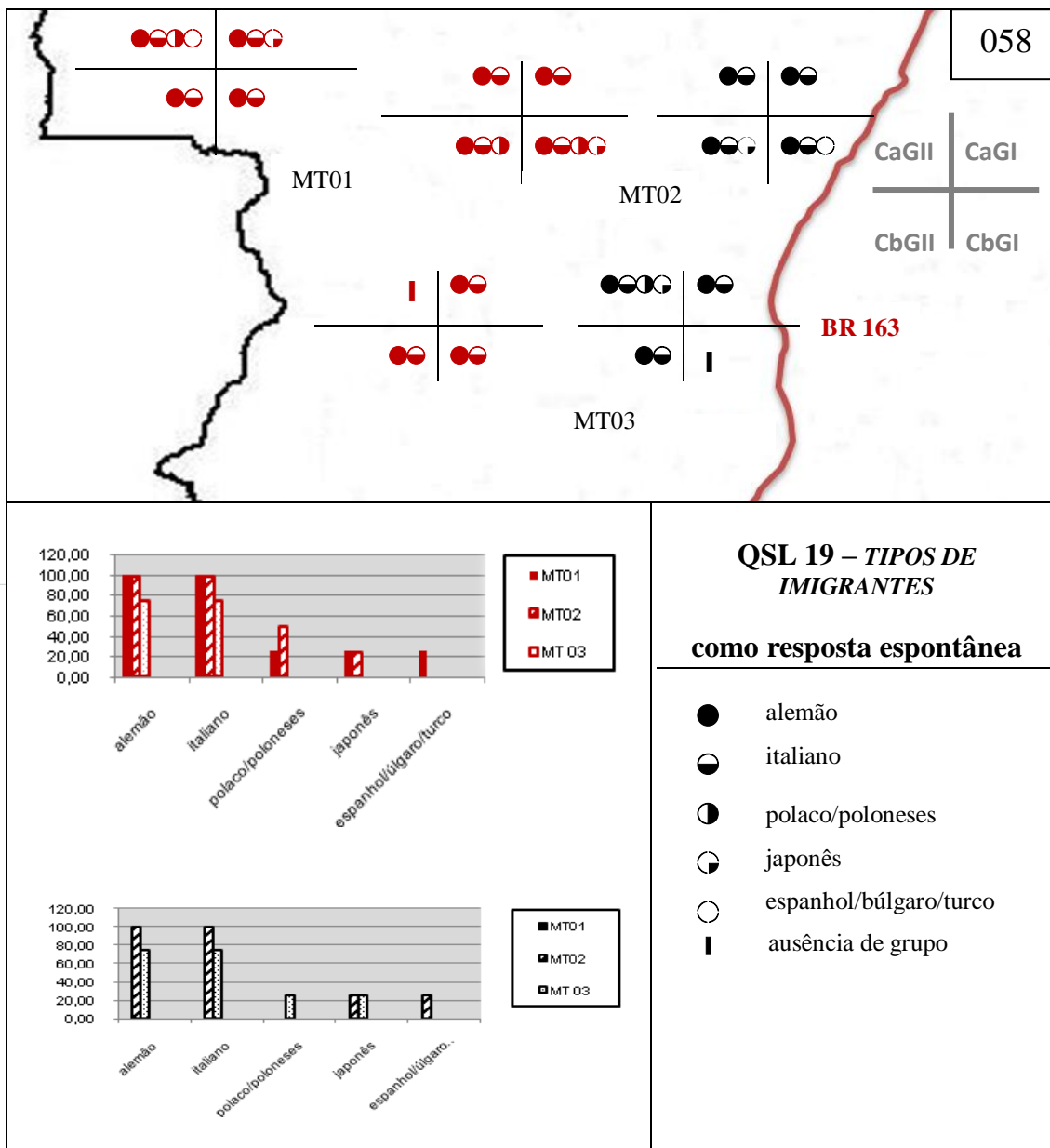
QSL 17 – COLONO / CAIPIRA
como resposta espontânea

- colono
- ◐ agricultor
- ◑ caipira
- ◒ sitiante
- da roça
- | ausência de grupo
- × ausência de resposta espontânea

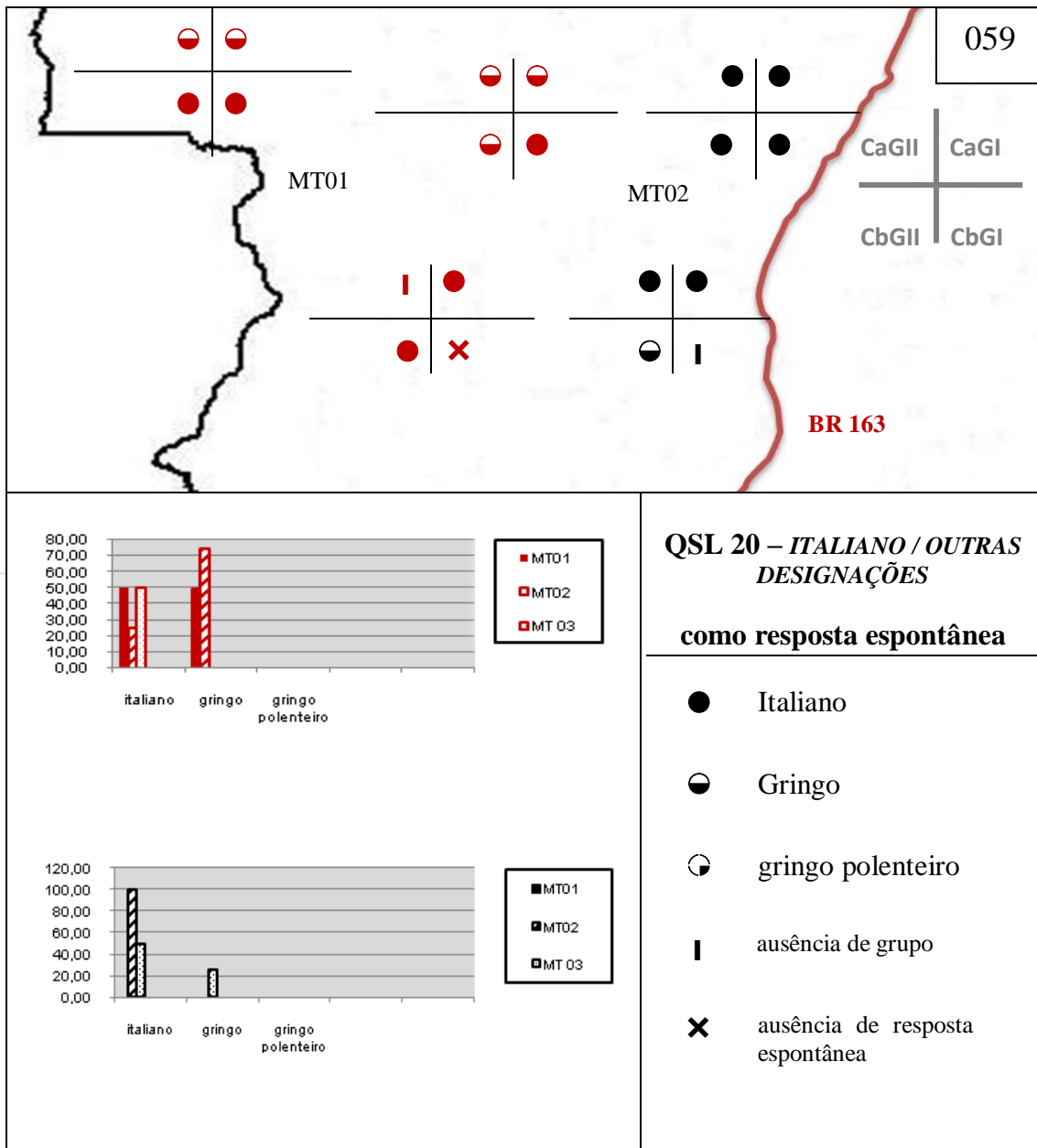
Cartograma 57 – QSL 18 – GAÚCHO



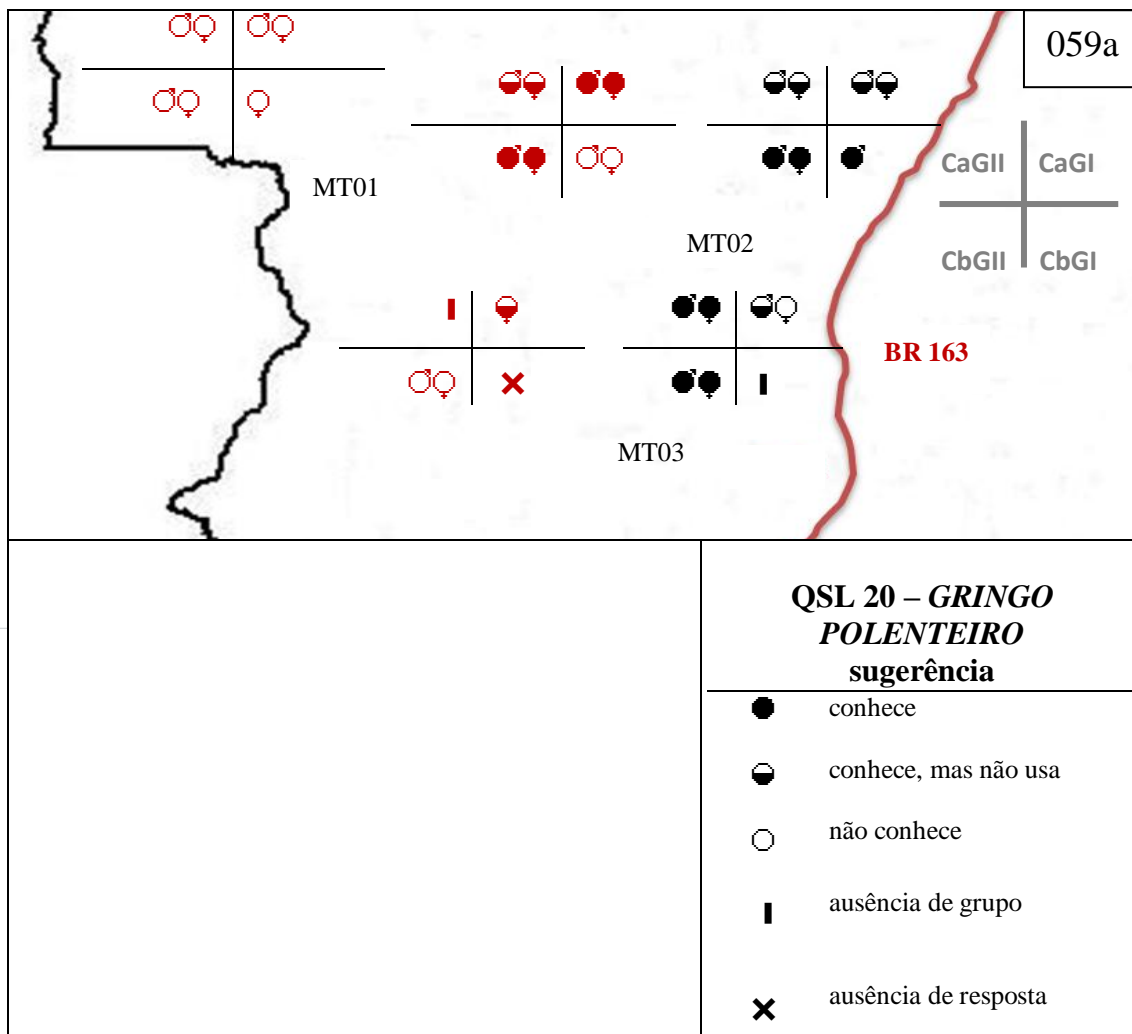
Cartograma 58 – QSL 19 – TIPOS DE IMIGRANTES



Cartograma 59 – QSL 20 – ITALIANO / OUTRAS DESIGNAÇÕES

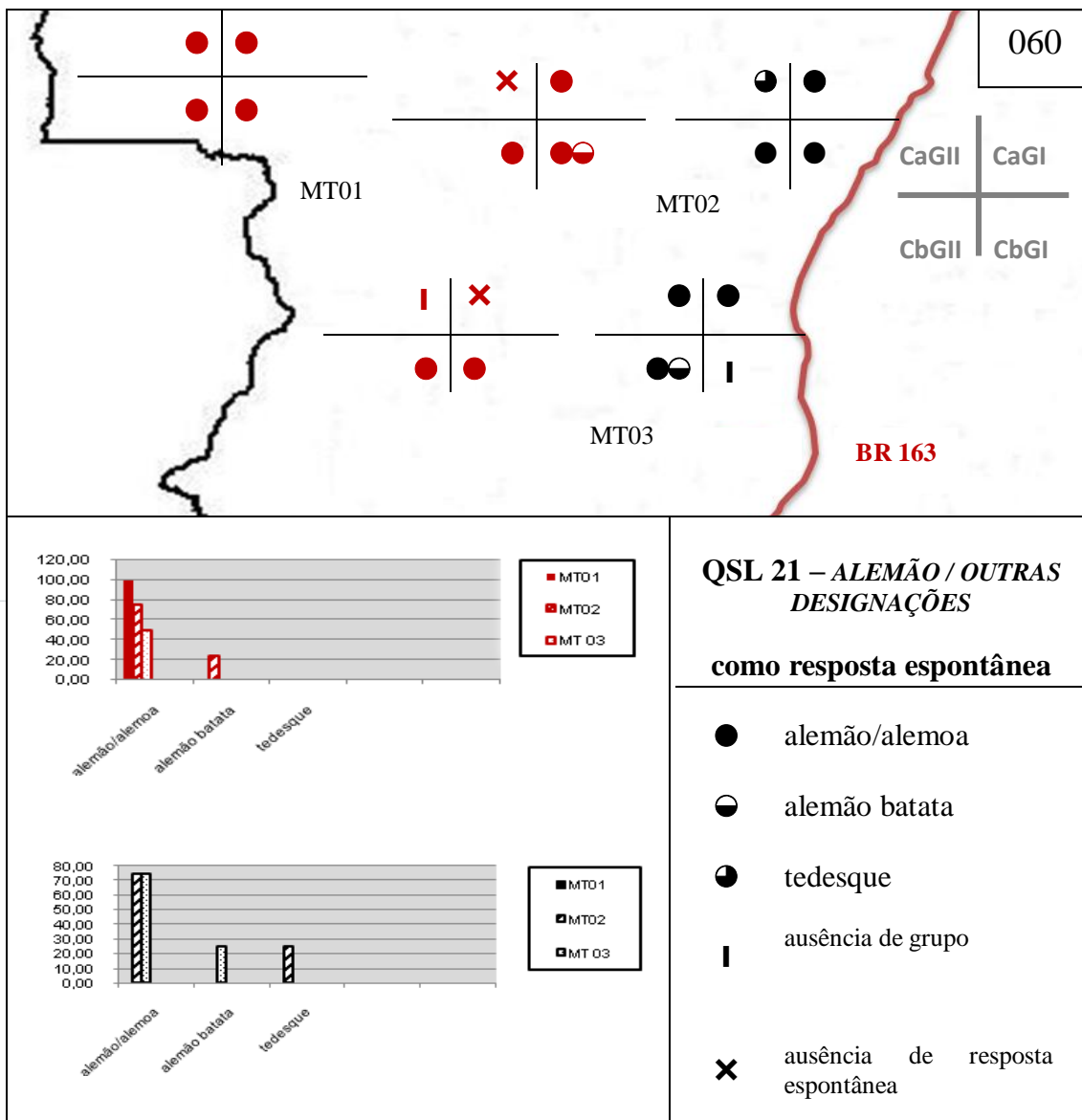


Cartograma 59a – QSL 20 – GRINGO POLENTEIRO



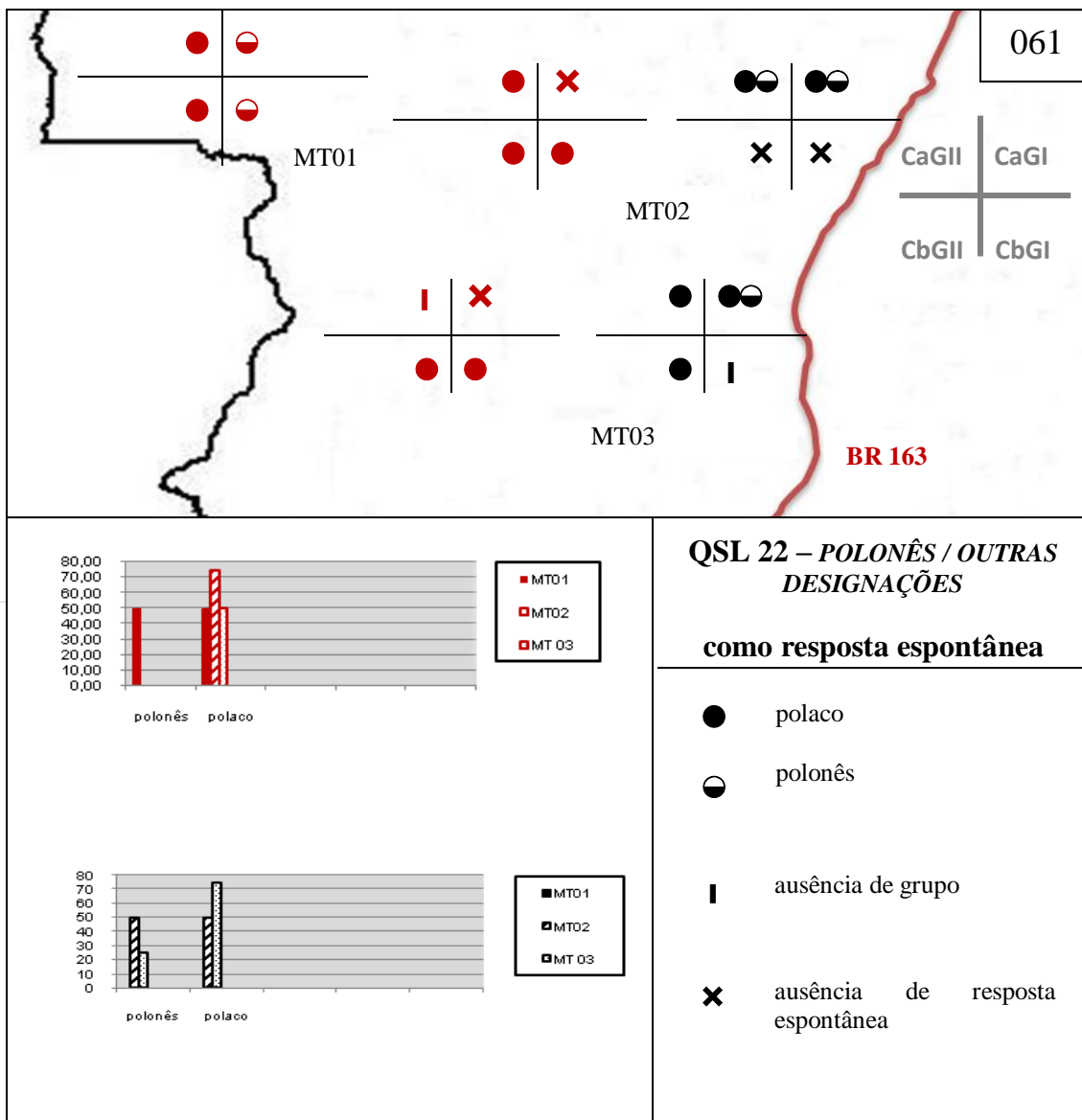
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 60 – QSL 21 – ALEMÃO / OUTRAS DESIGNAÇÕES

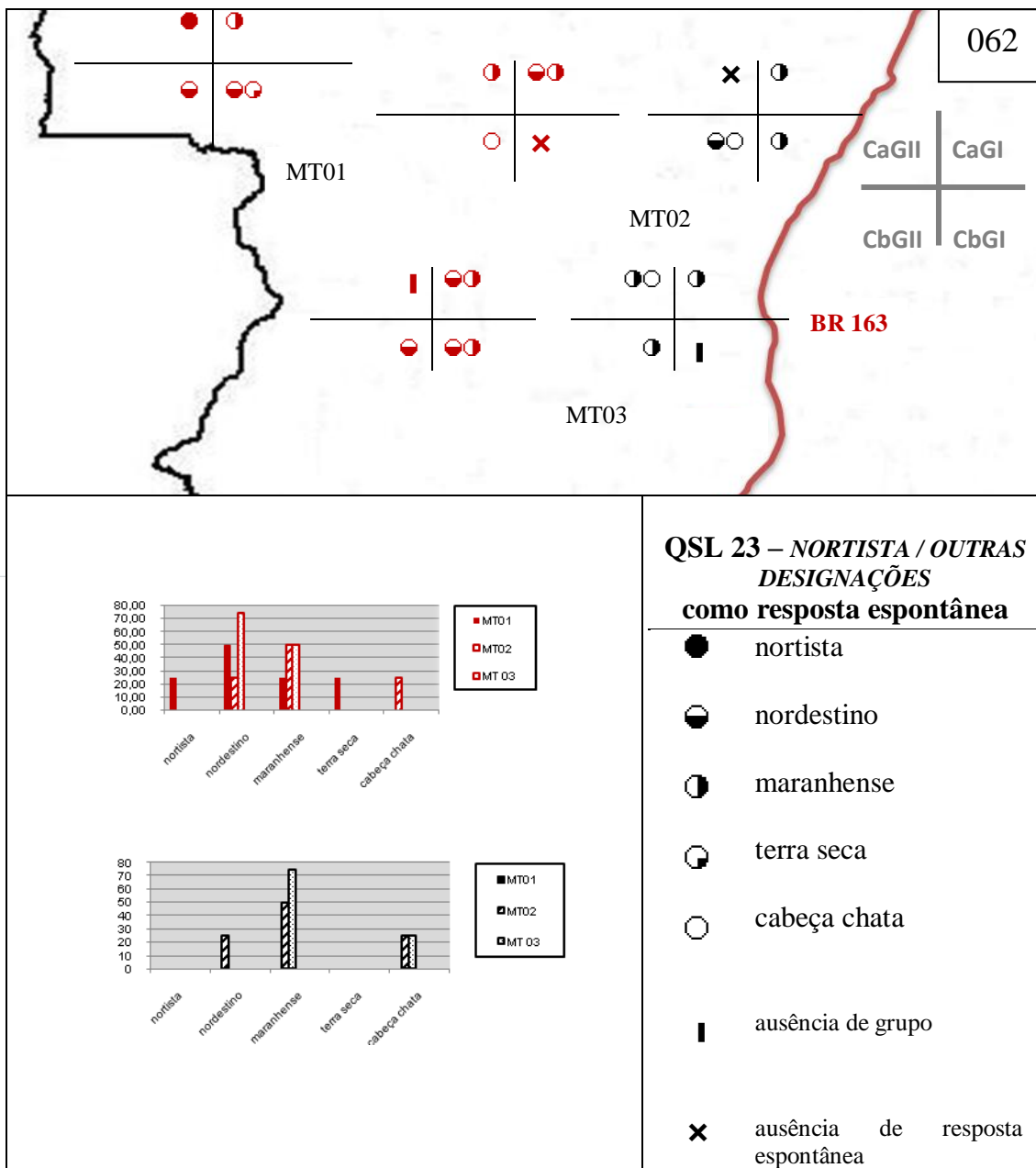


© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 61 – QSL 22 – POLONÊS / OUTRAS DESIGNAÇÕES

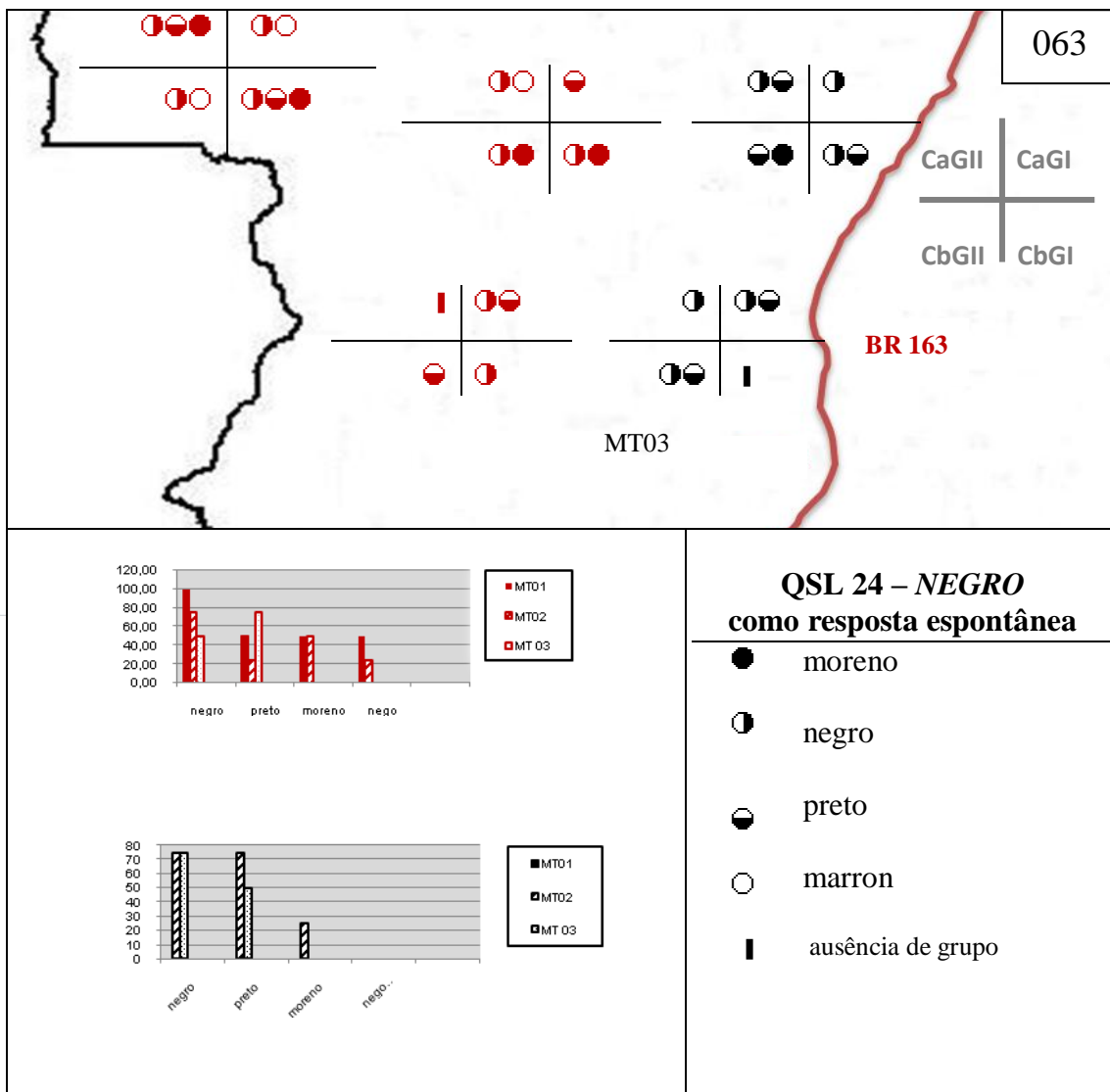


Cartograma 62 – QSL 23 – NORTISTA / OUTRAS DESIGNAÇÕES



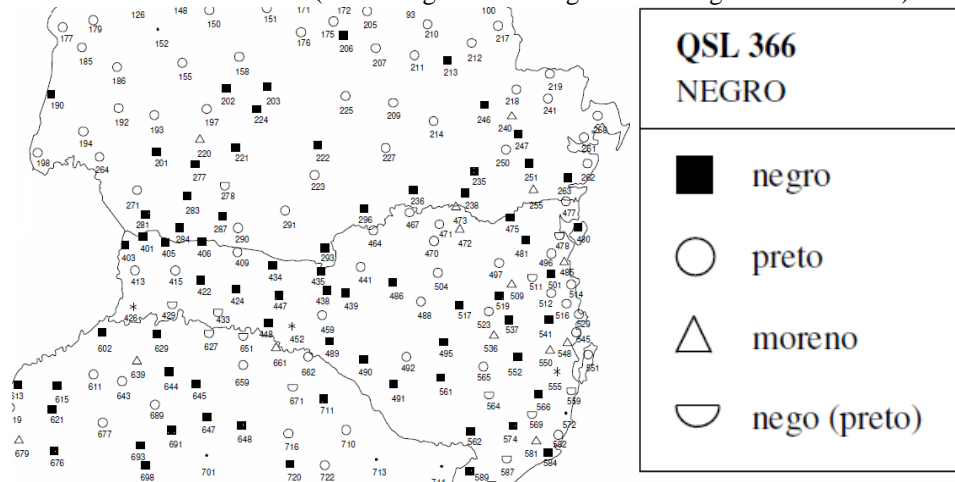
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 63 – QSL 24 – NEGRO

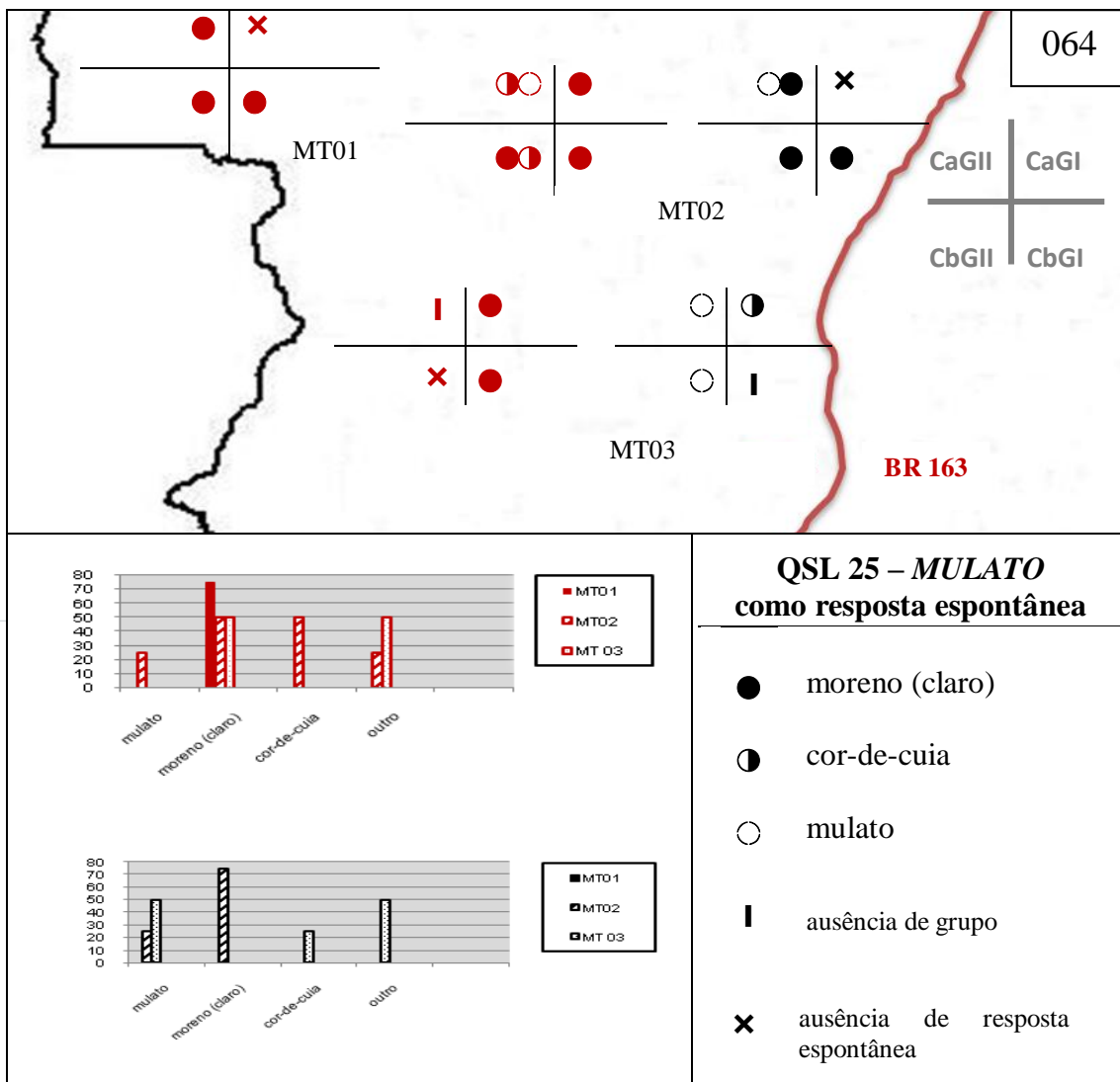


© C.Figueiredo (2014)

Carta 238 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

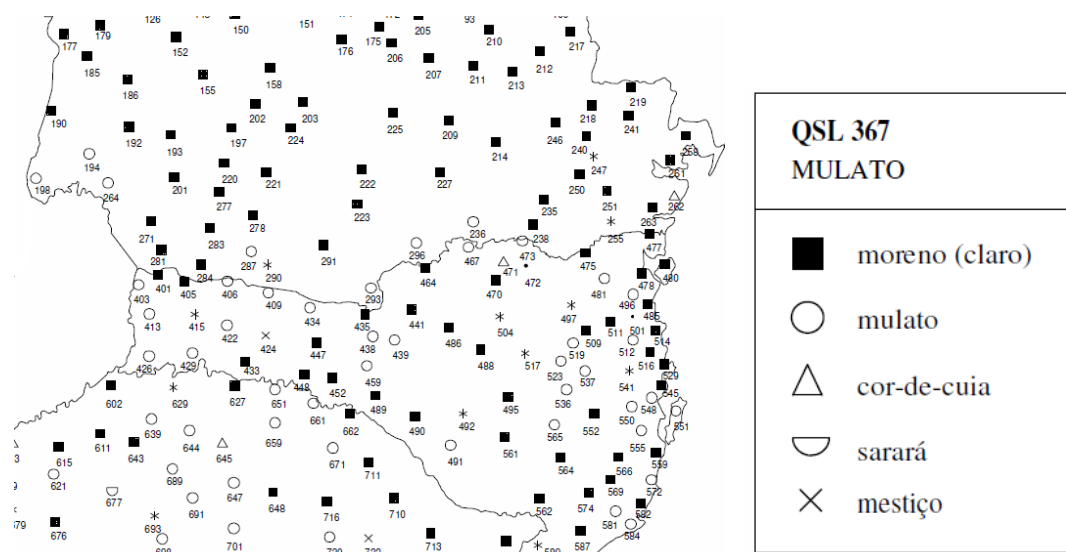


Cartograma 64 – QSL 25 – MULATO

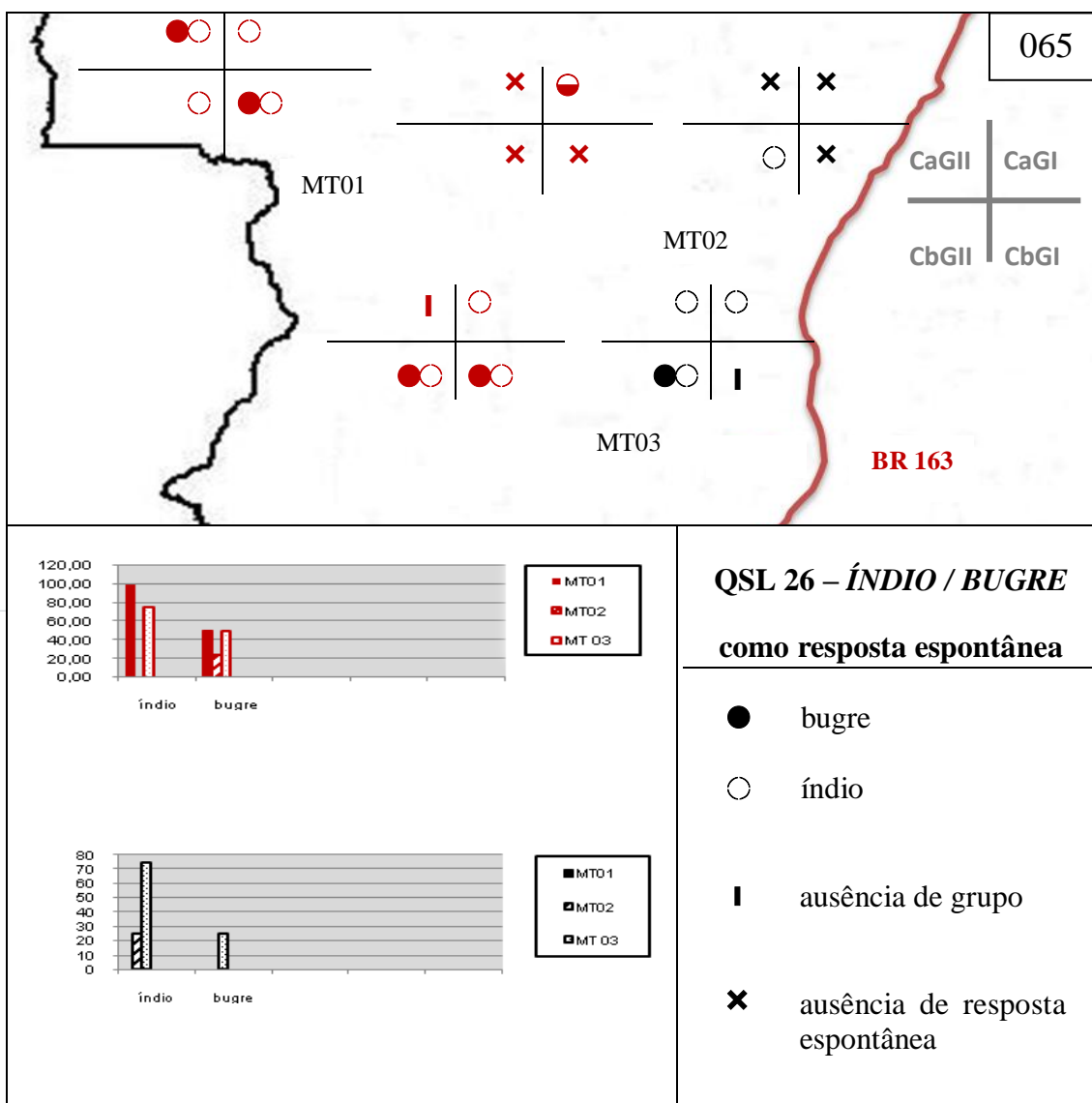


© C.Figueiredo (2014)

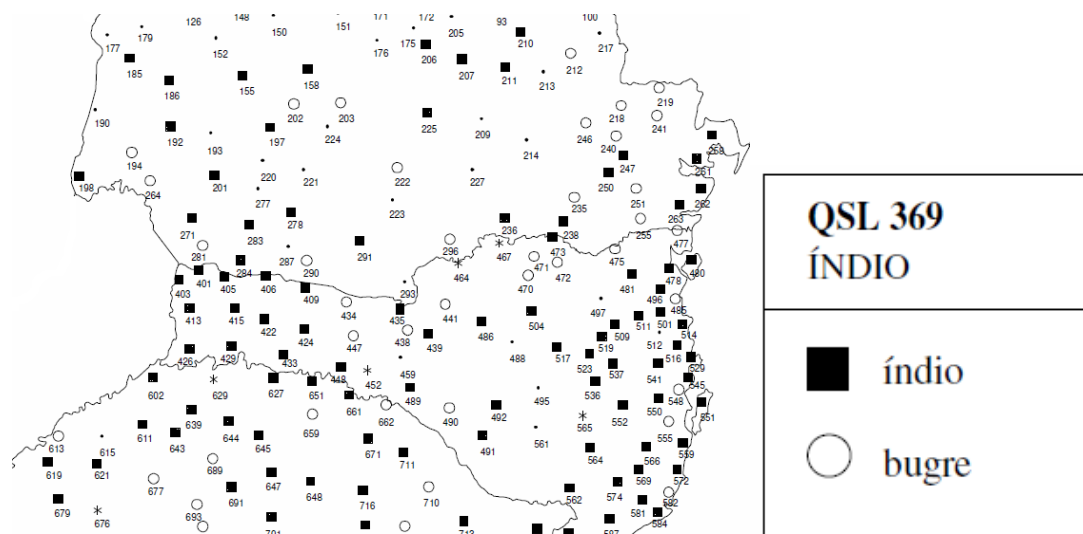
Carta 239 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



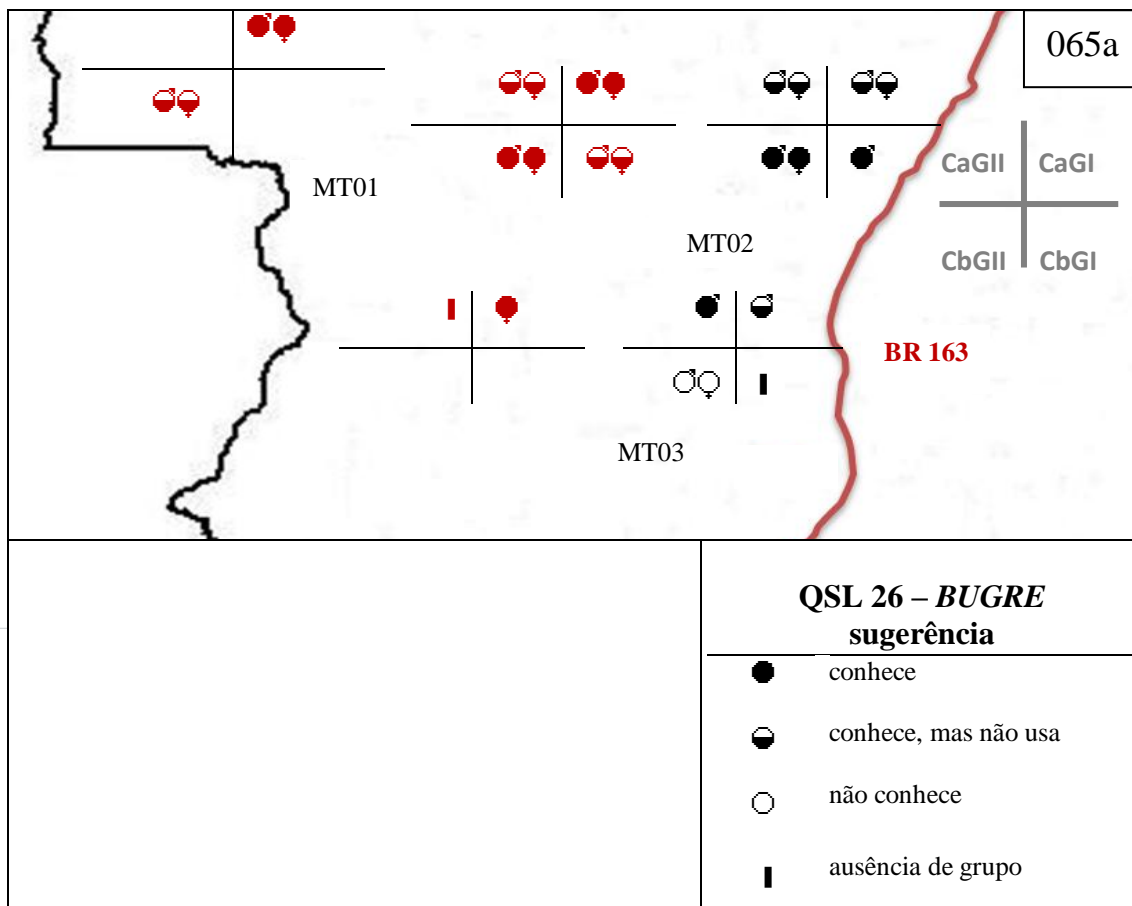
Cartograma 65 – QSL 26 – ÍNDIO / BUGRE



Carta 240 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

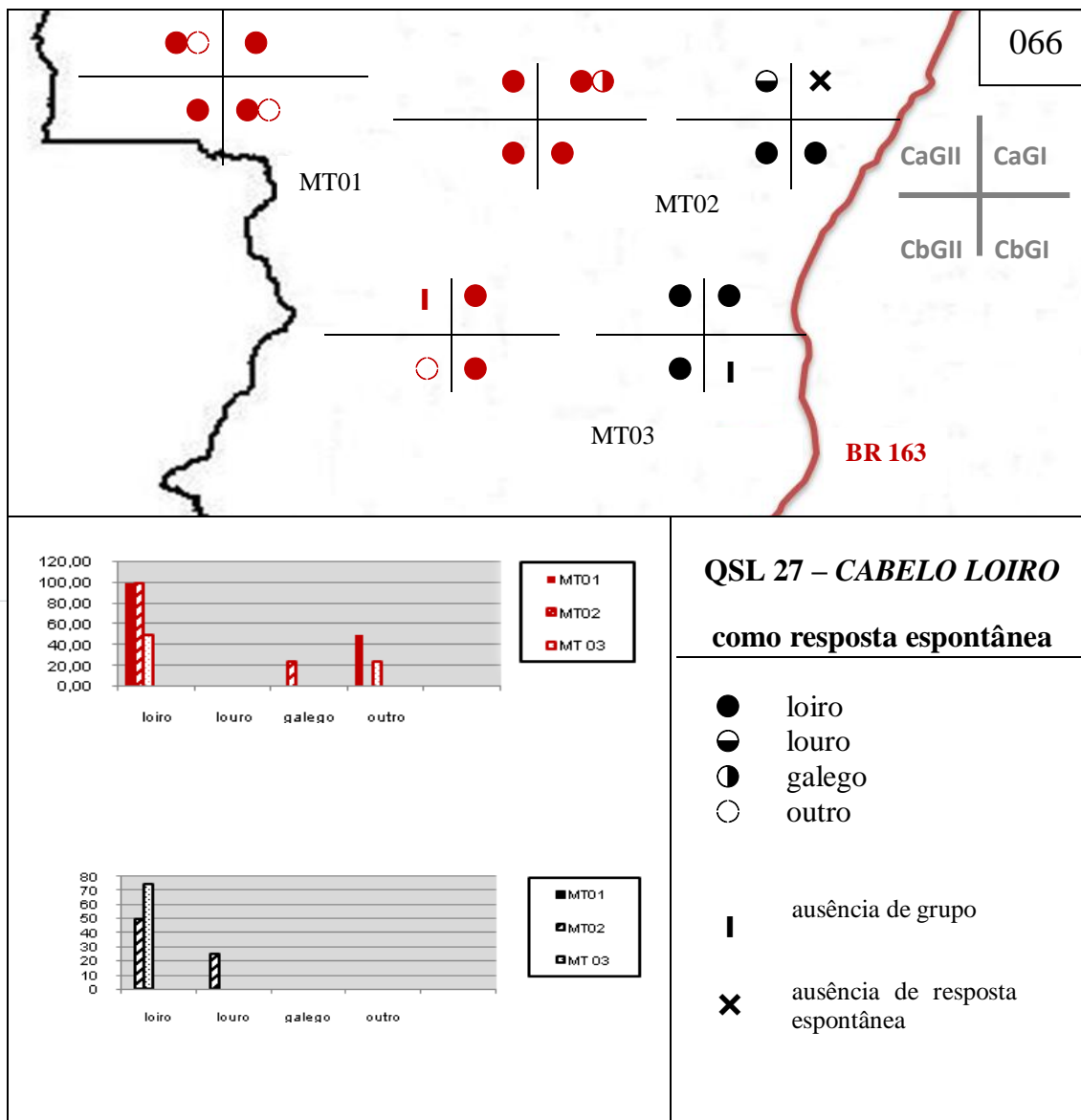


Cartograma 65a – QSL 26 – BUGRE



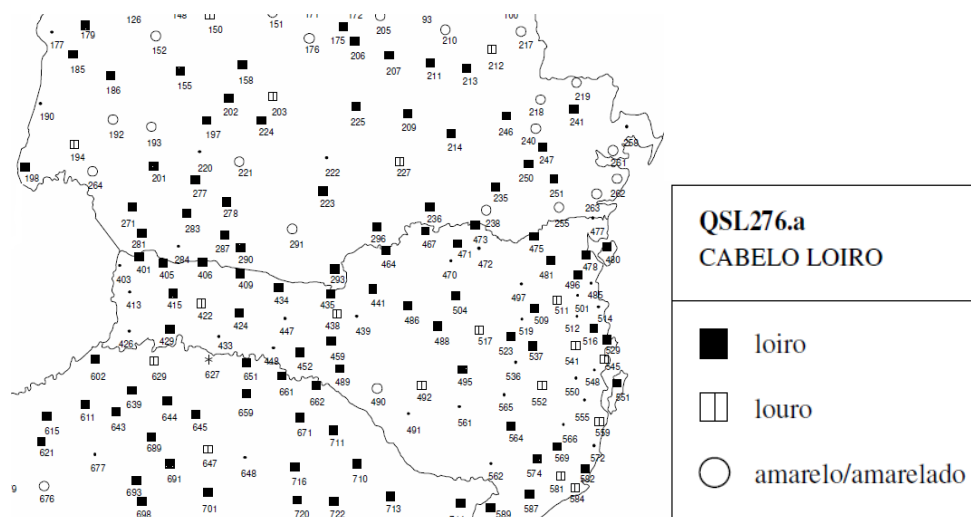
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 66 – QSL 27 – CABELO LOIRO

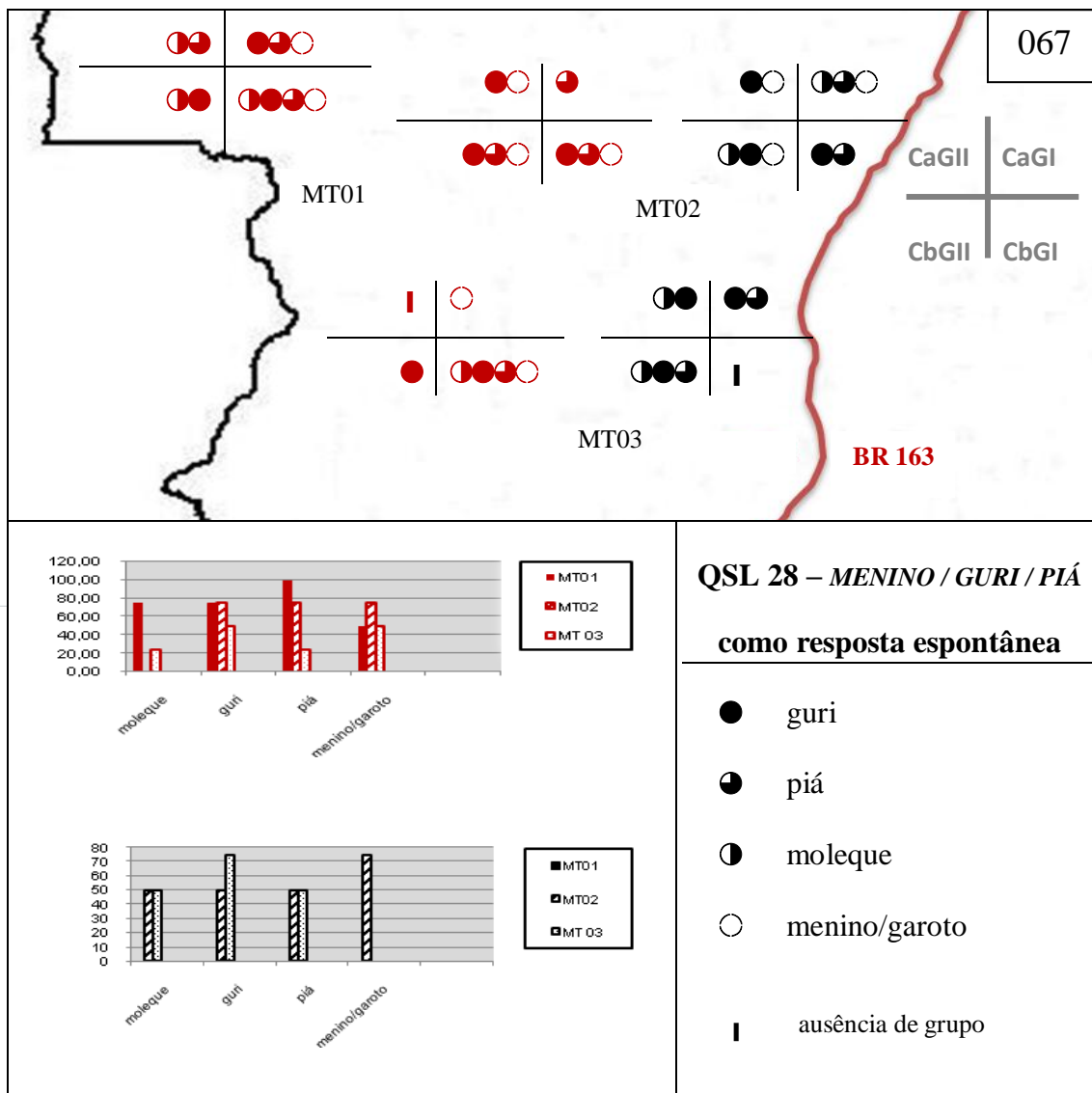


© C.Figueiredo (2014)

Carta 193 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

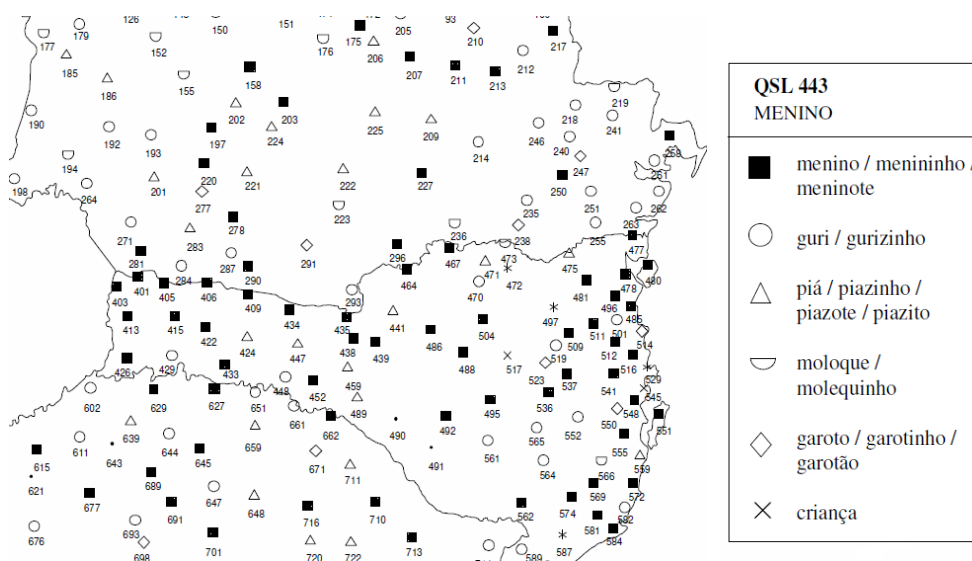


Cartograma 67 – QSL 28 – MENINO / GURI / PIÁ

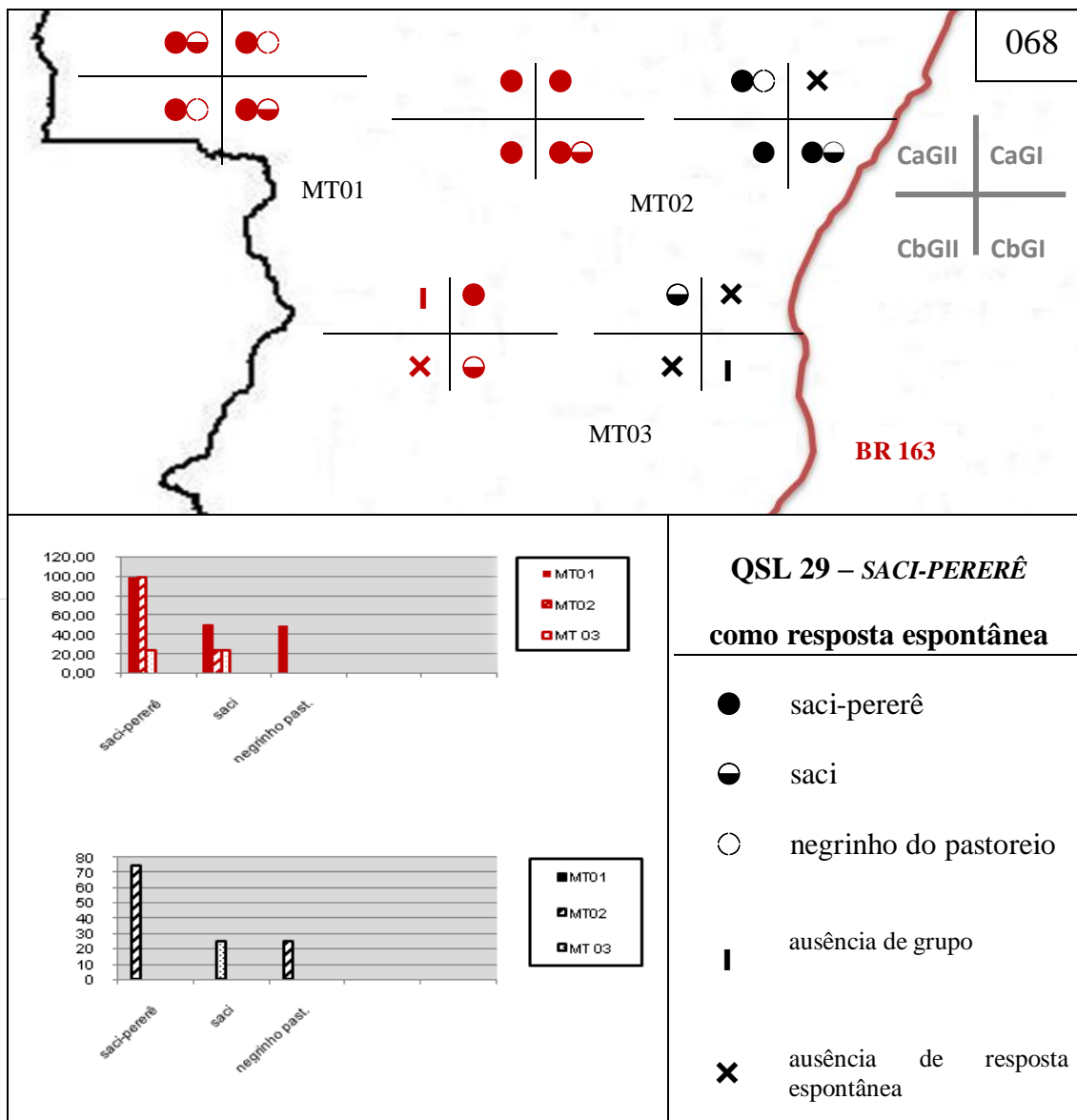


© C.Figueiredo (2014)

Carta 270 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

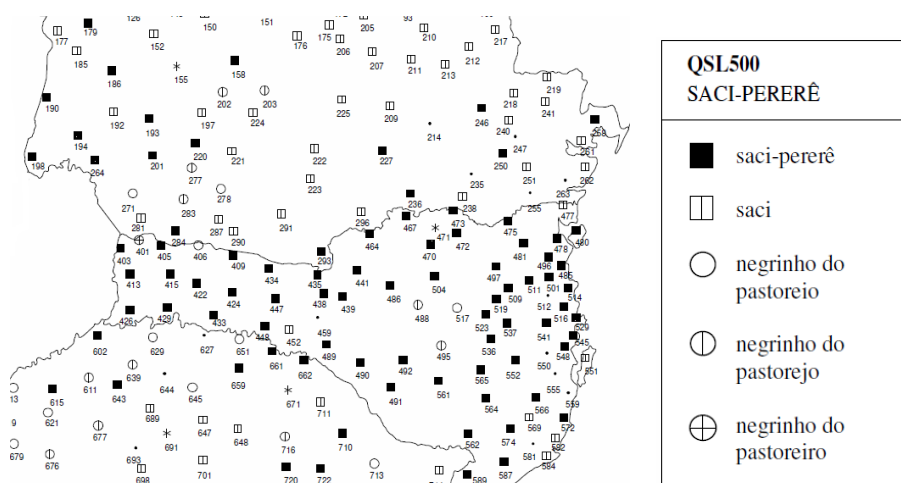


Cartograma 68 – QSL 29 – SACI-PERERÊ

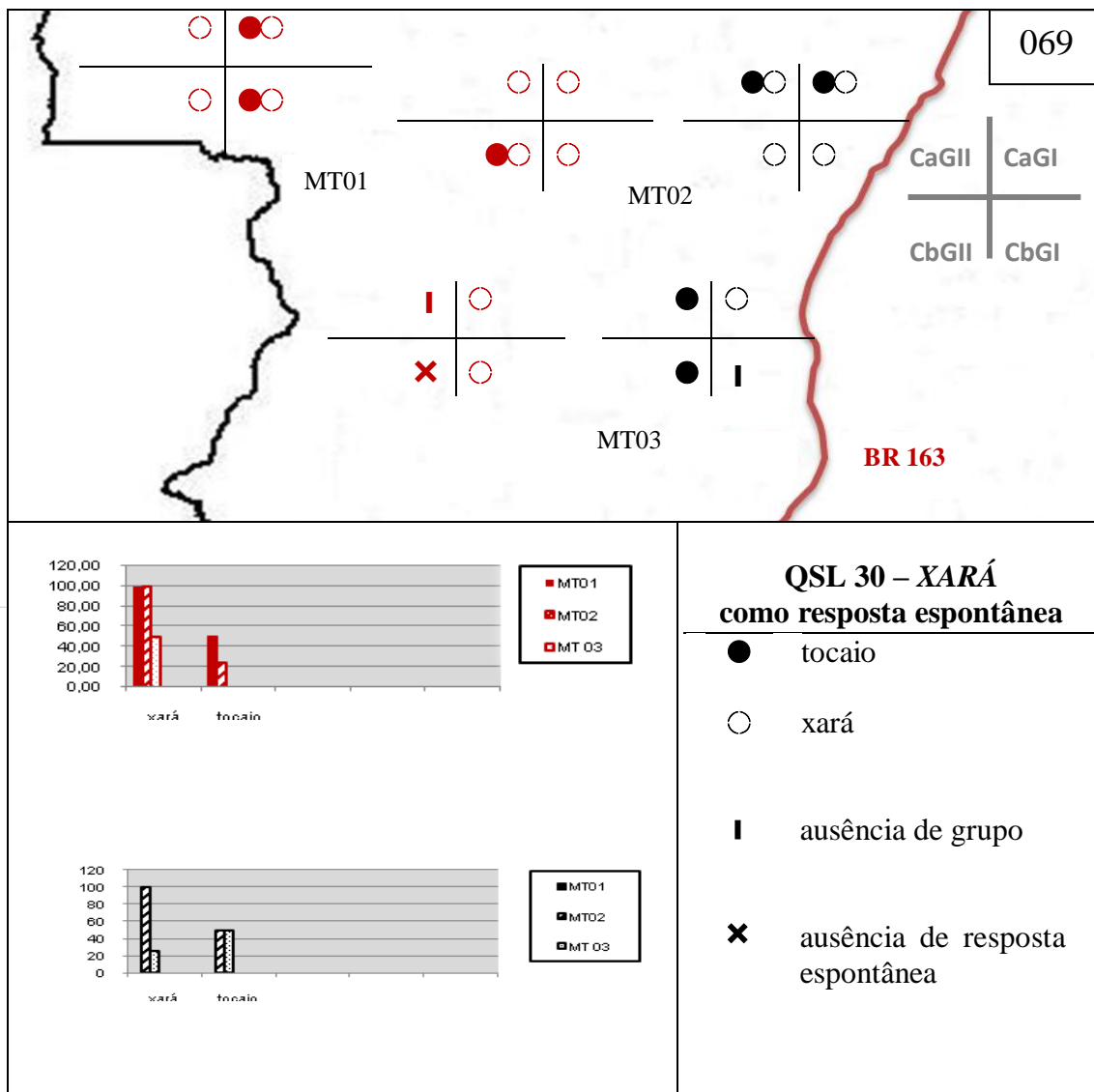


© C.Figueiredo (2014)

Carta 296 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

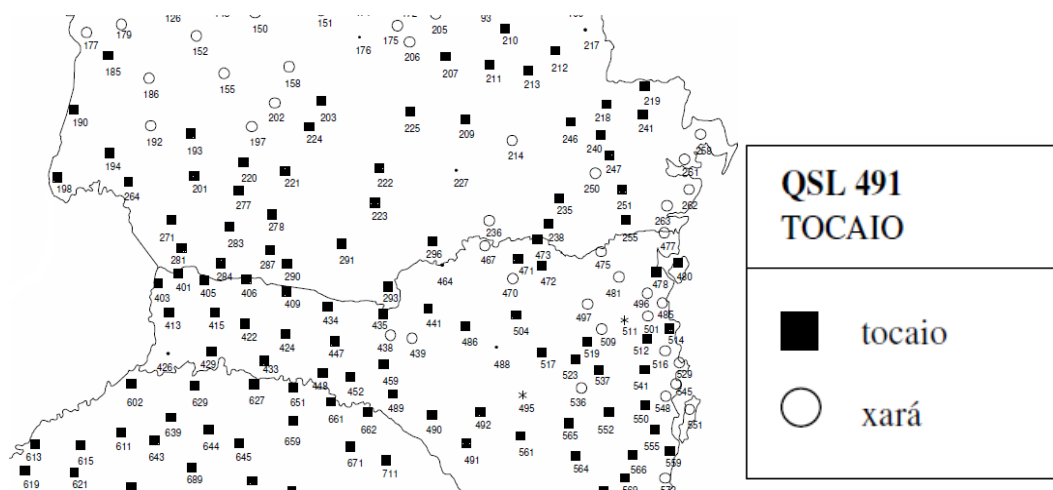


Cartograma 69 – QSL 30 – XARÁ

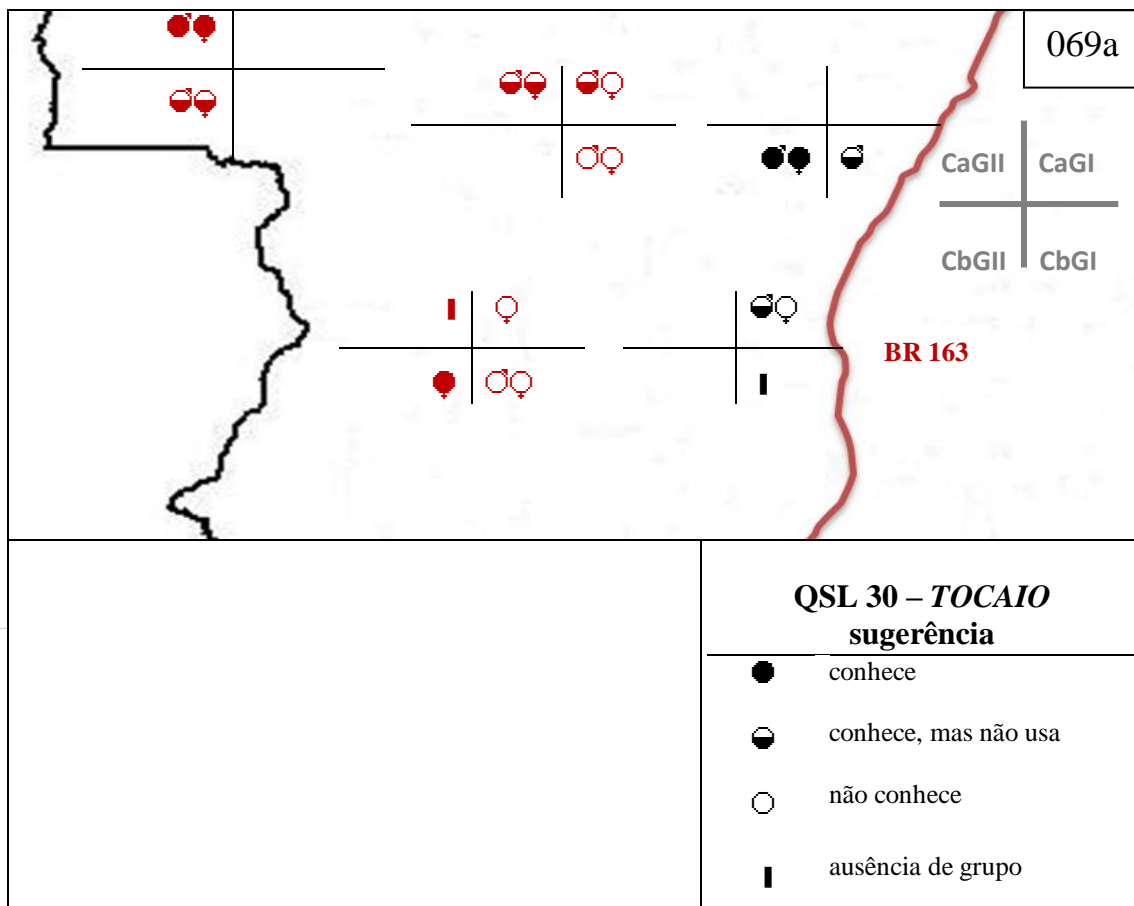


© C.Figueiredo (2014)

Carta 292 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

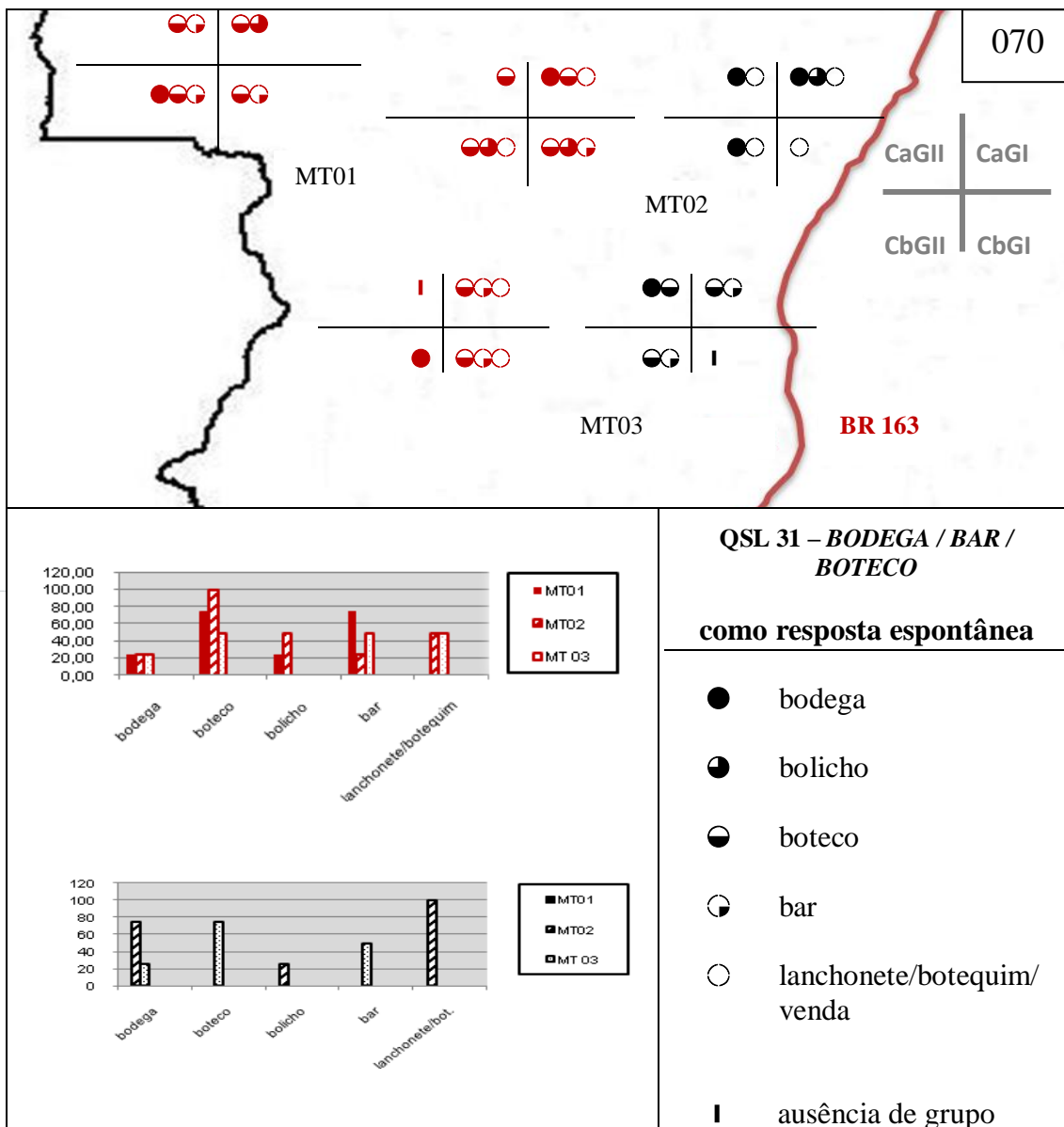


Cartograma 69a – QSL 30 – TOCAIO



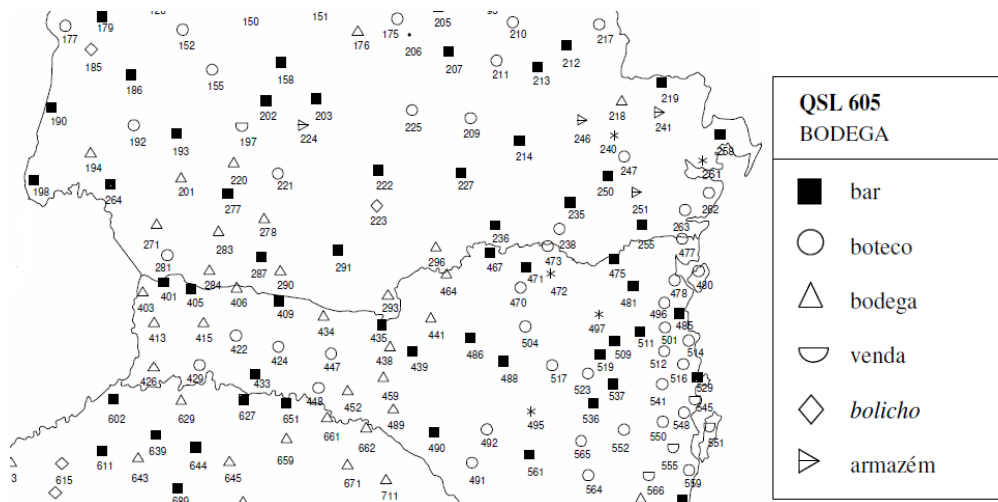
© C.Figueiredo (2014)

Cartograma 70 – QSL 31 – BODEGA / BAR / BOTEÇO

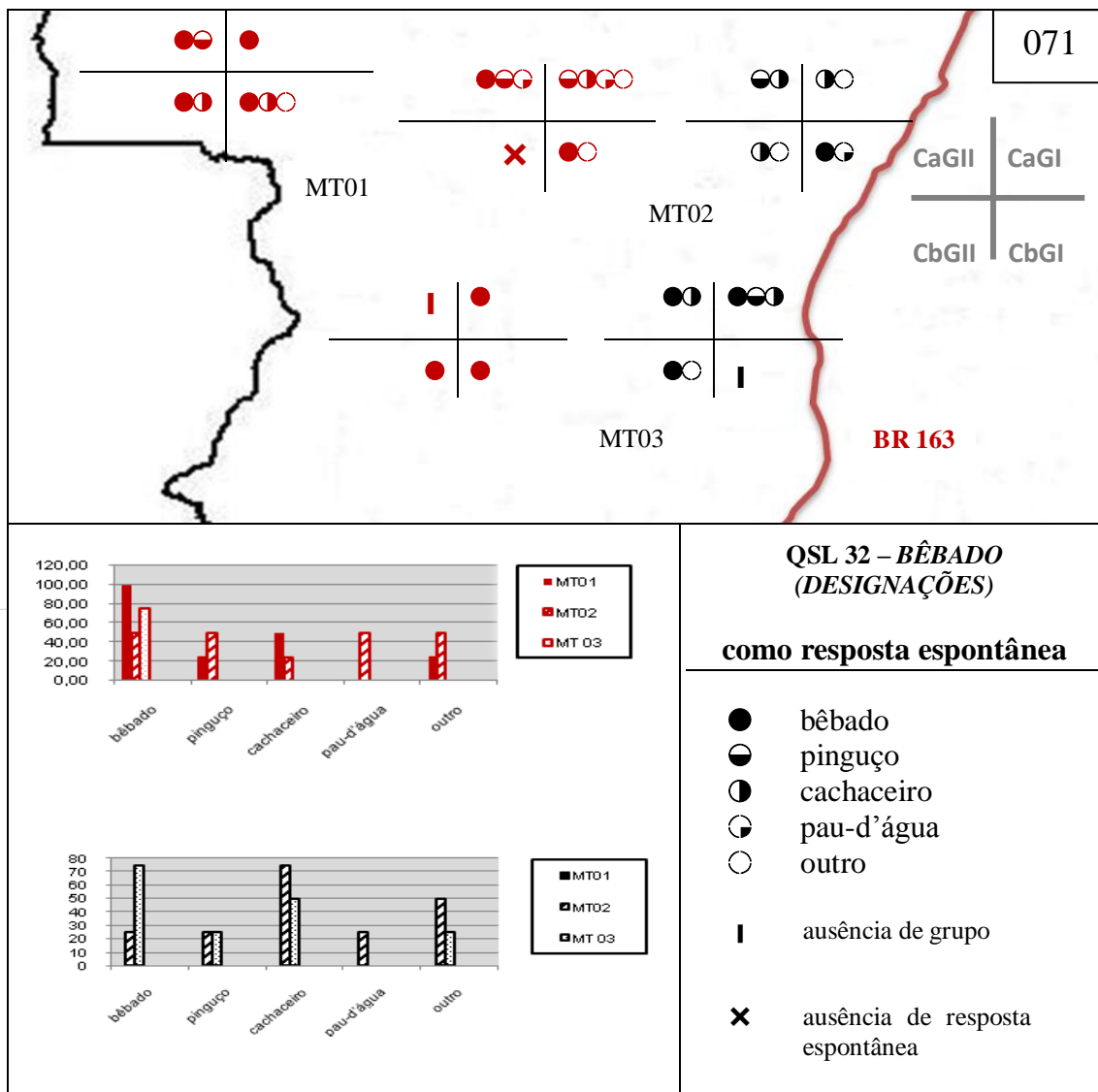


© C.Figueiredo (2014)

Carta 355 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

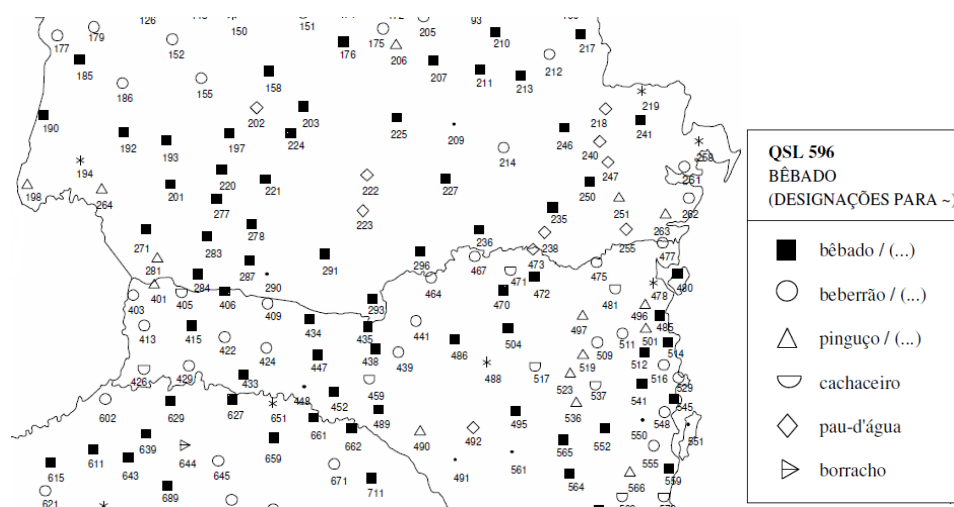


Cartograma 71 – QSL 32 – BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

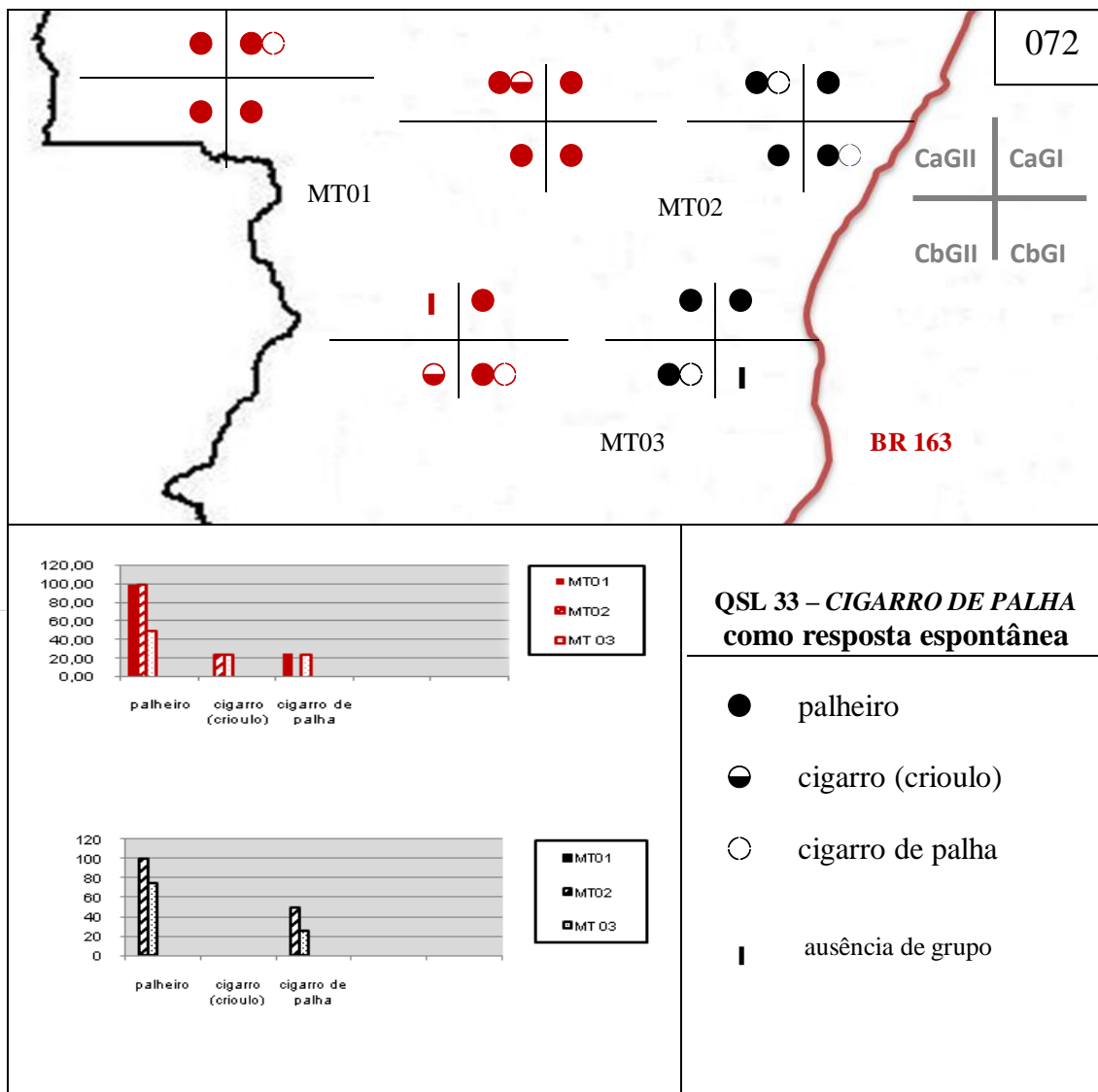


© C.Figueiredo (2014)

Carta 350 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

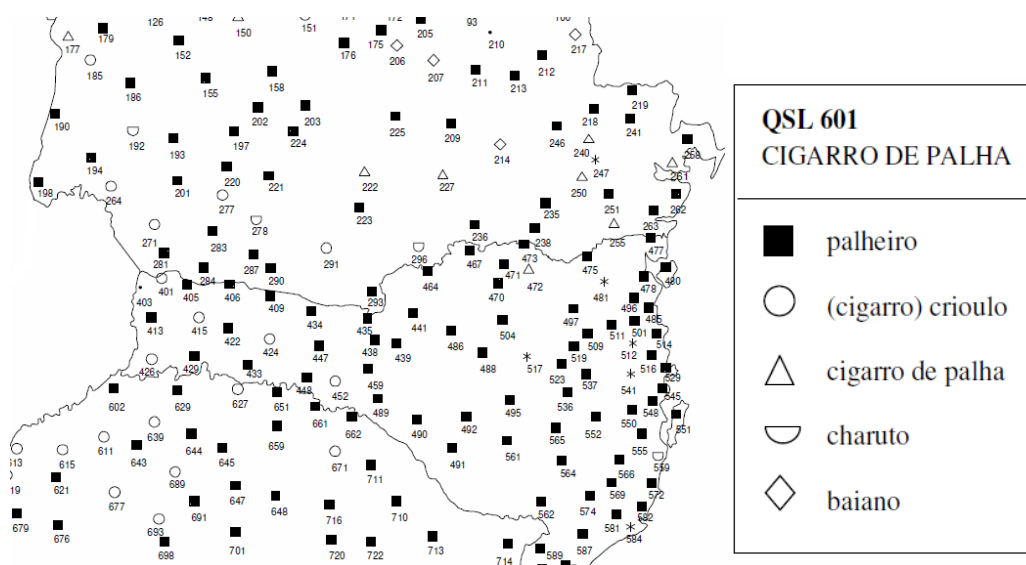


Cartograma 72 – QSL 33 – CIGARRO DE PALHA

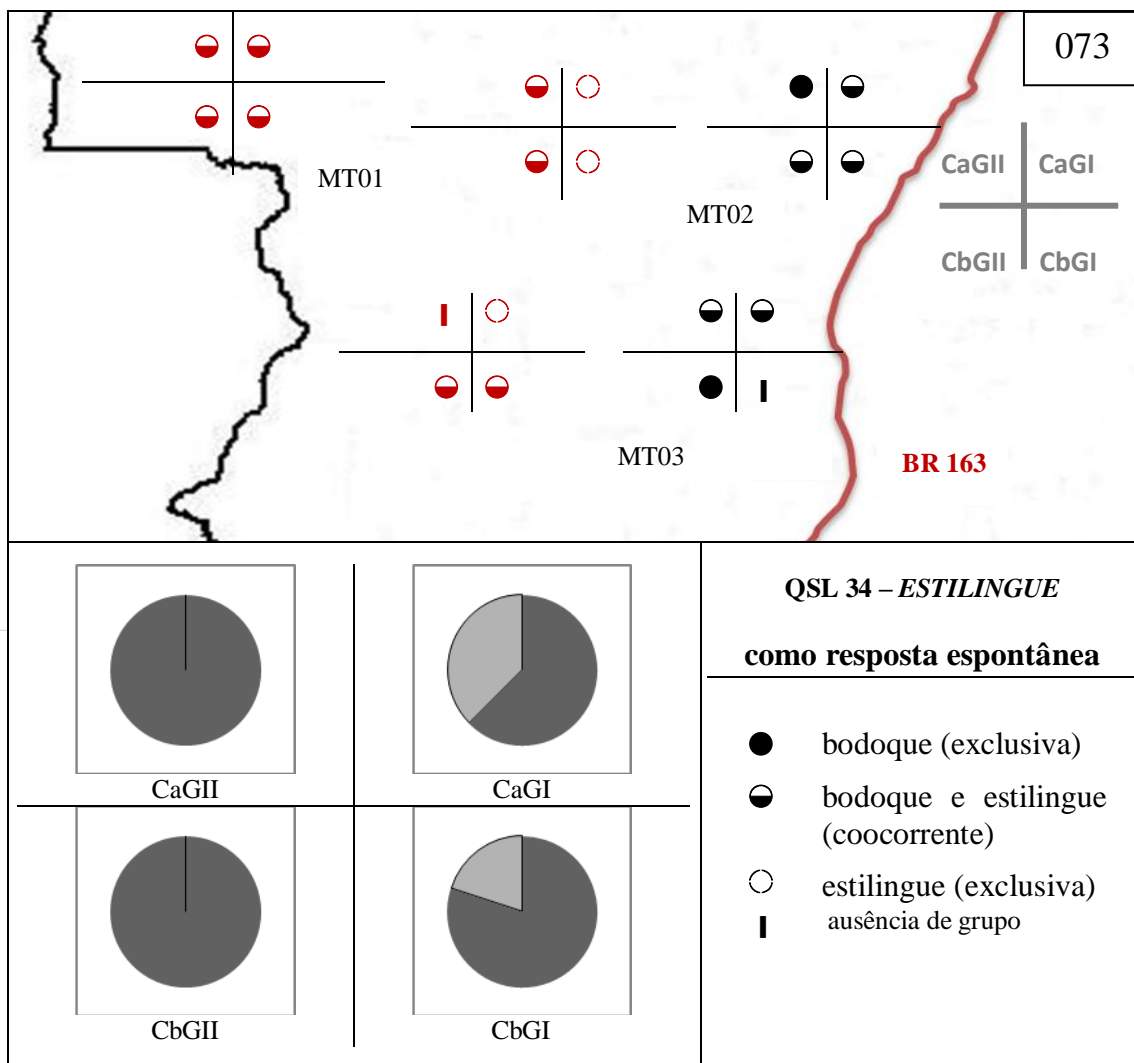


© C.Figueiredo (2014)

Carta 352 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

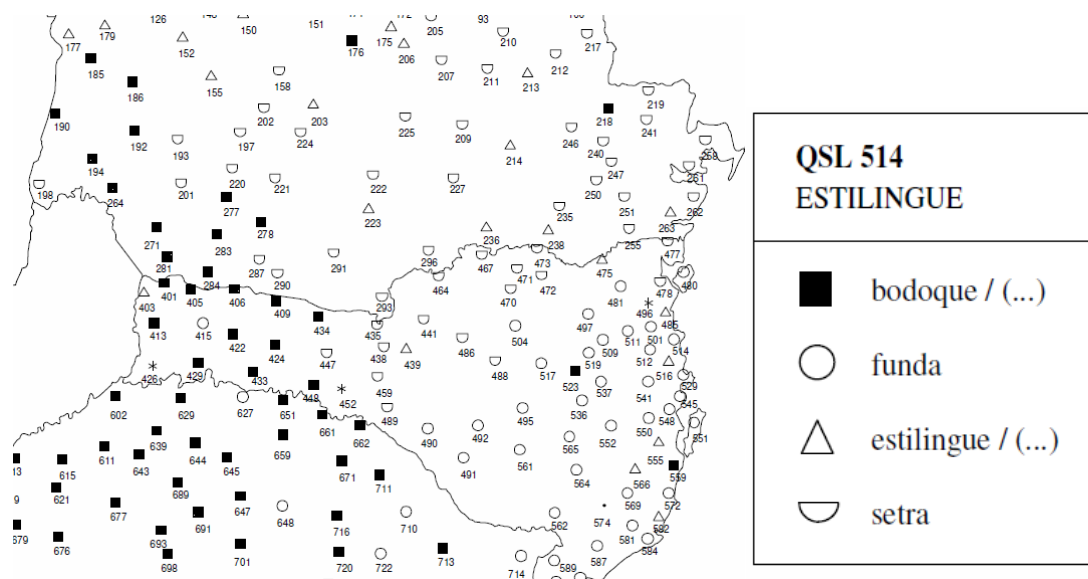


Cartograma 73 – QSL 34 – ESTILINGUE

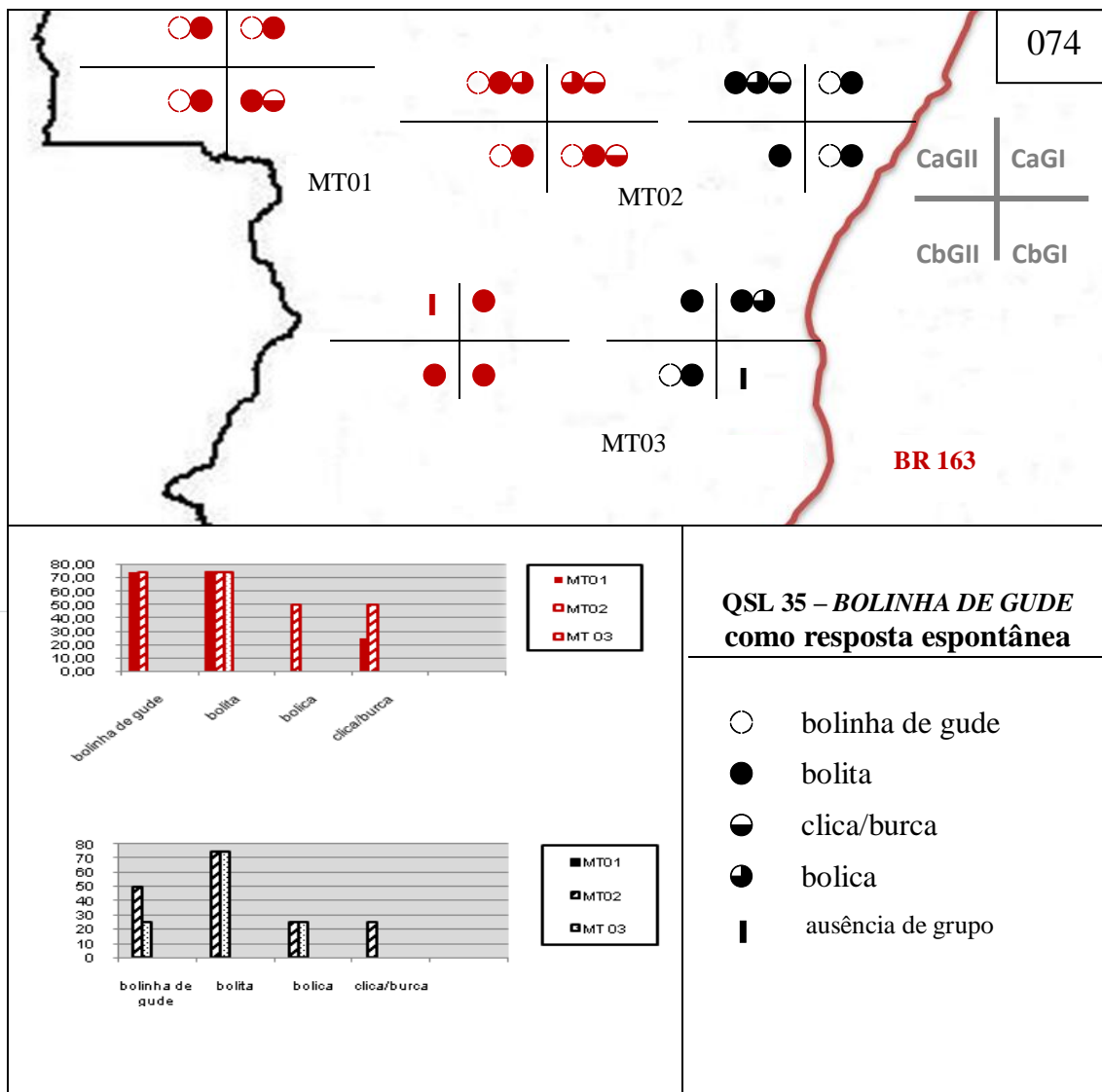


© C.Figueiredo (2014)

Carta 303 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

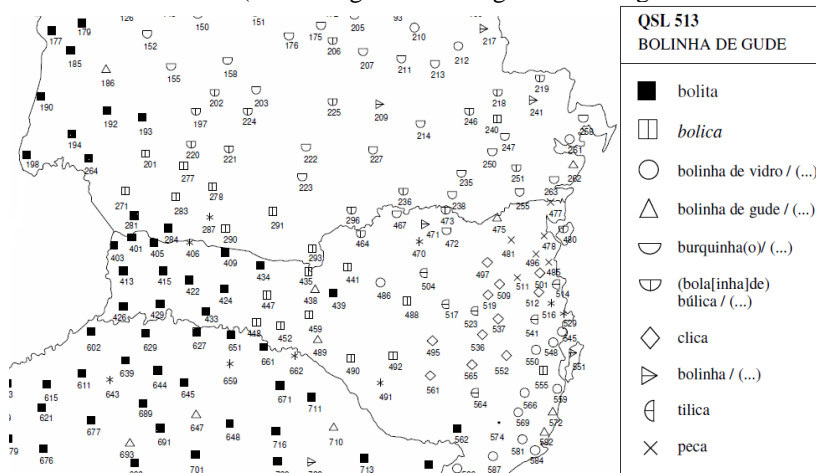


Cartograma 74 – QSL 35 – BOLINHA DE GUDE

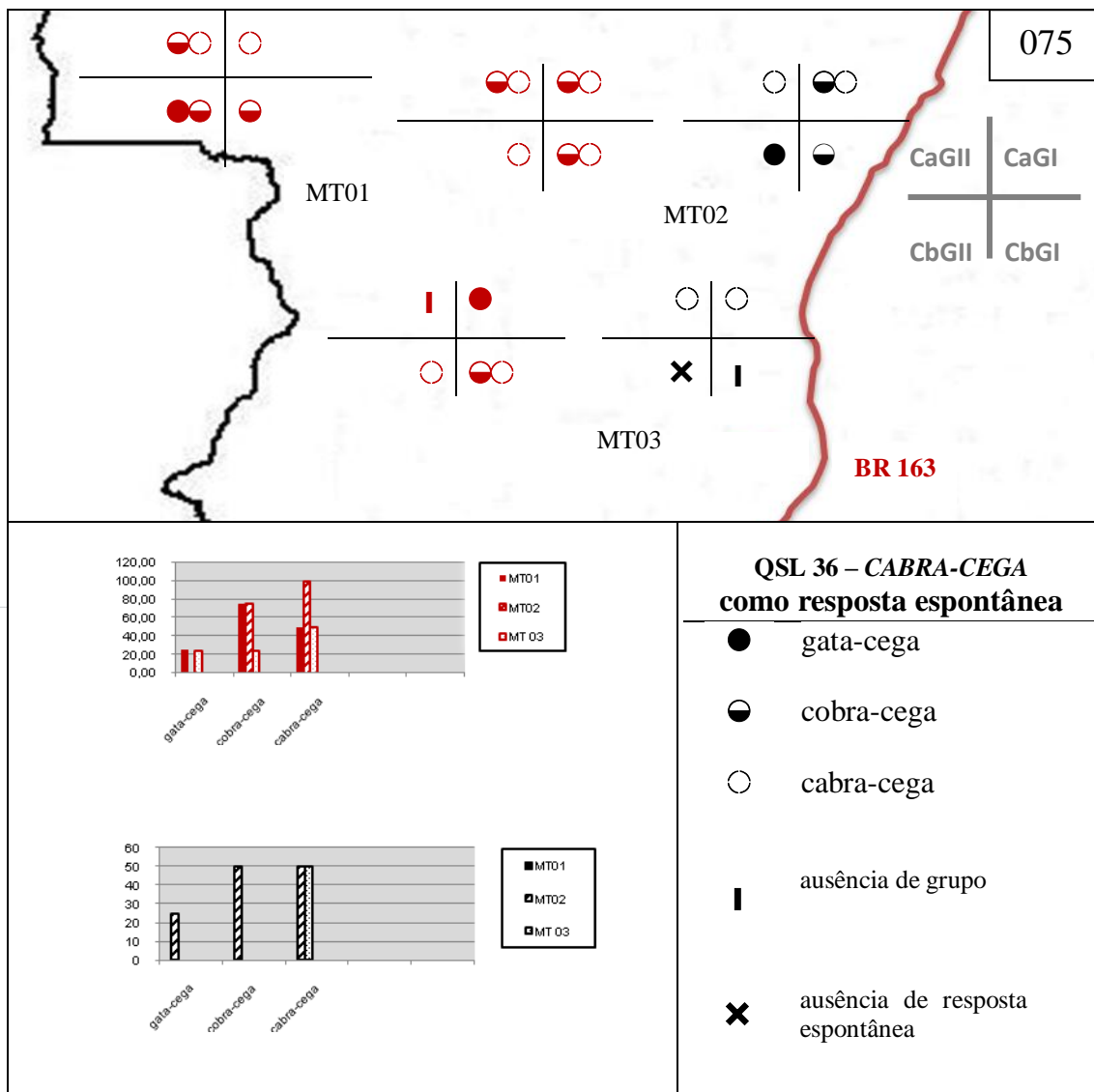


© C.Figueiredo (2014)

Carta 302 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

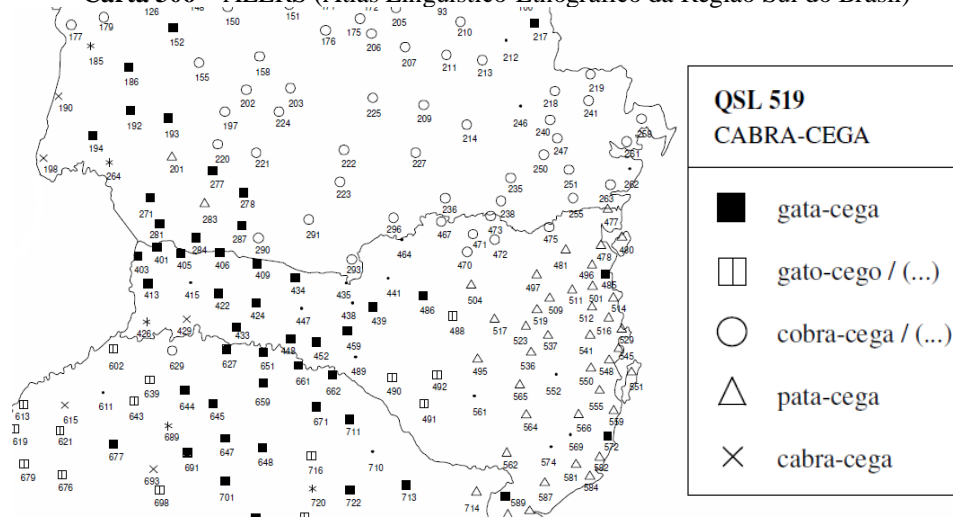


Cartograma 75 – QSL 36 – CABRA-CEGA

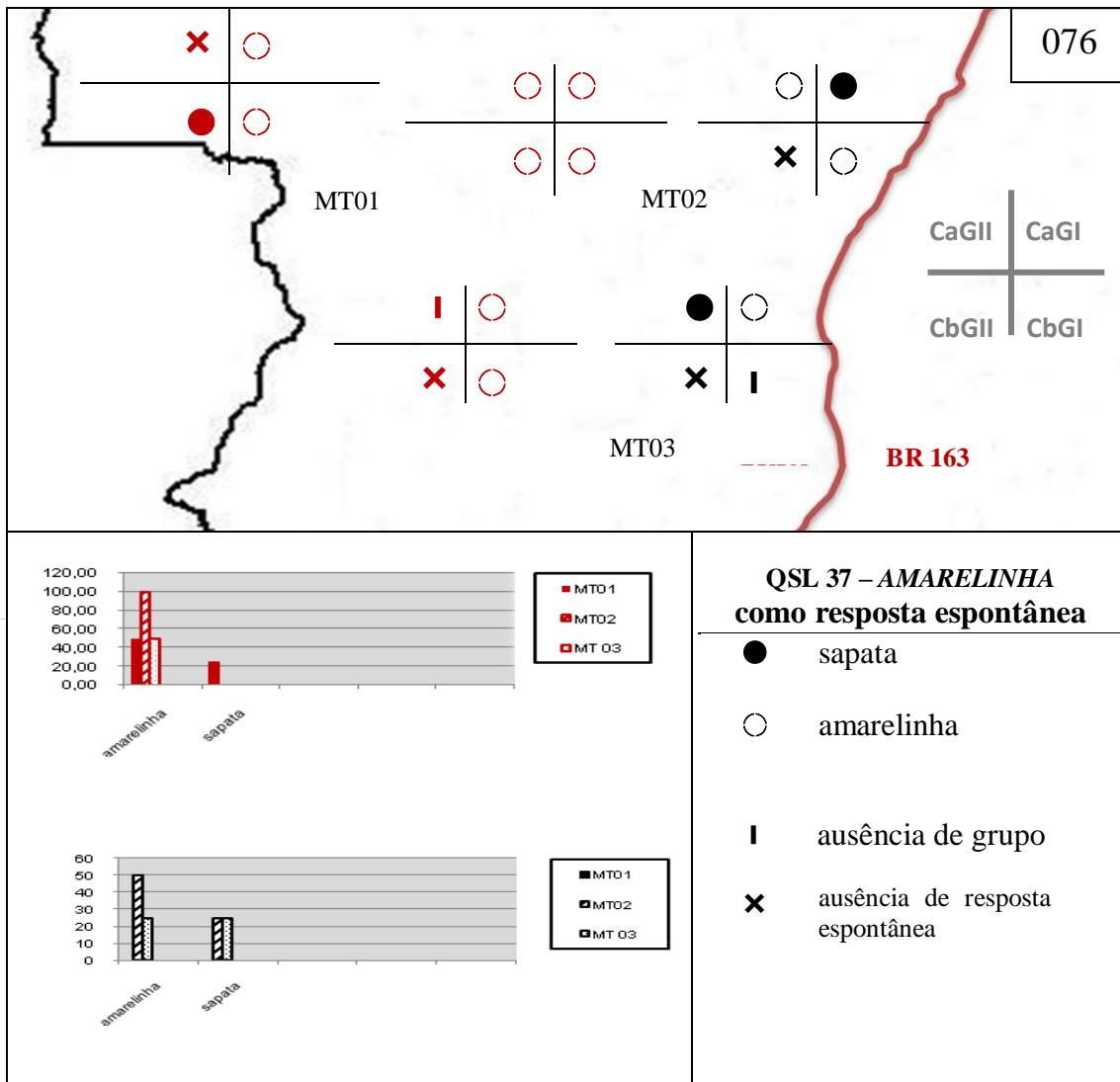


© C.Figueiredo (2014)

Carta 306 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

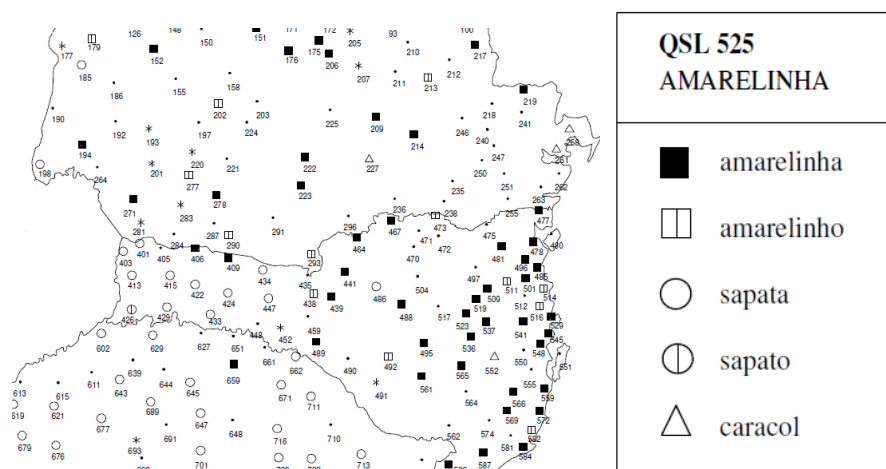


Cartograma 76 – QSL 37 – AMARELINHA

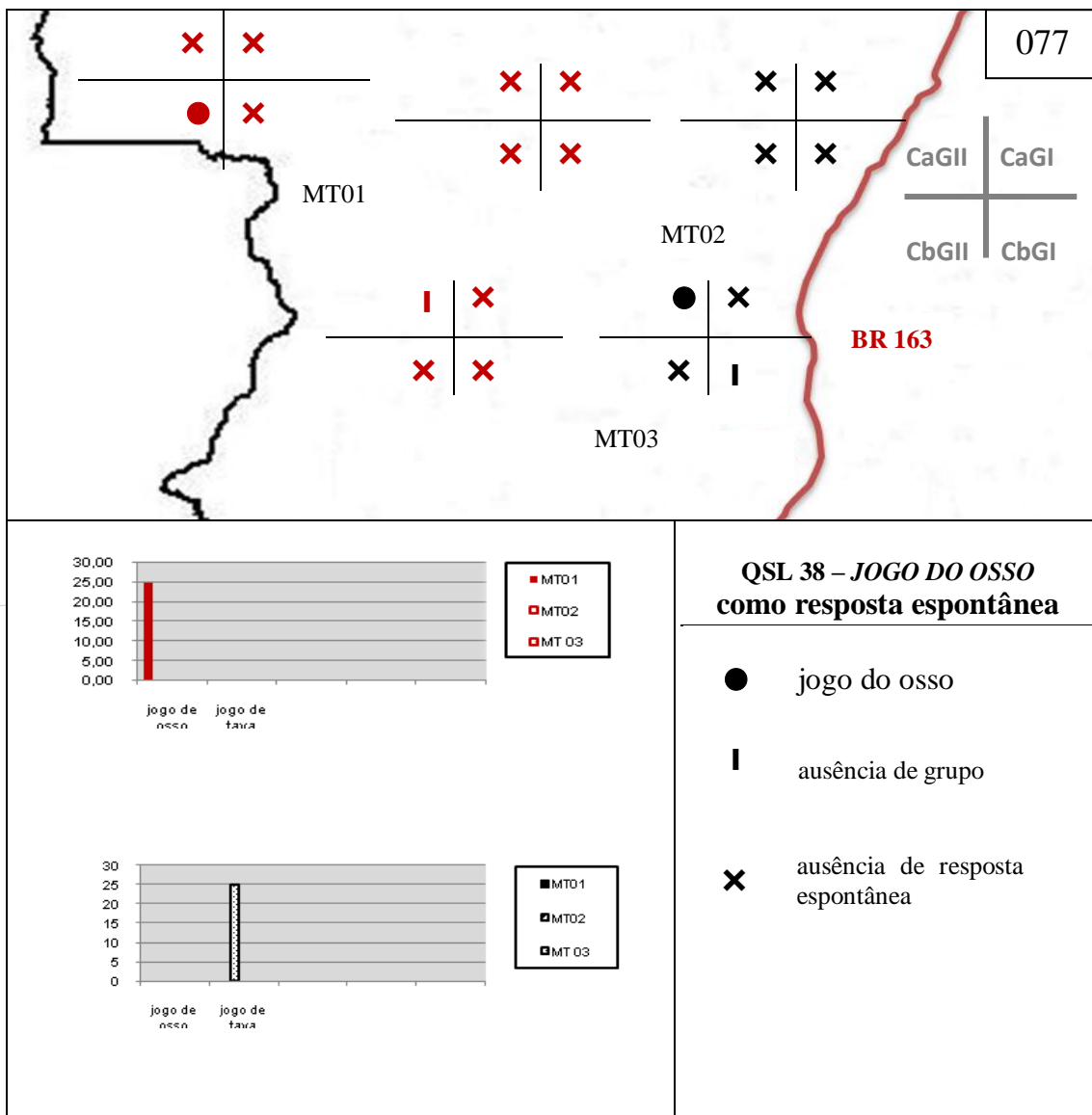


© C.Figueiredo (2014)

Carta 311 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

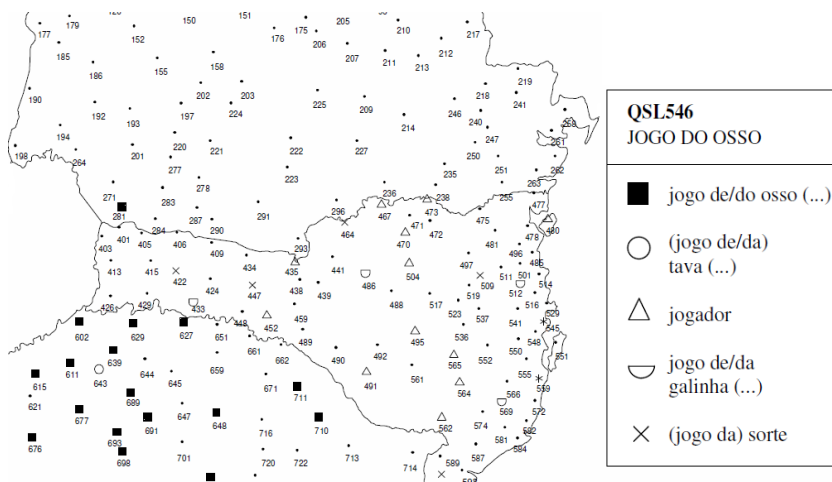


Cartograma 77 – QSL 38 – JOGO DO OSSO

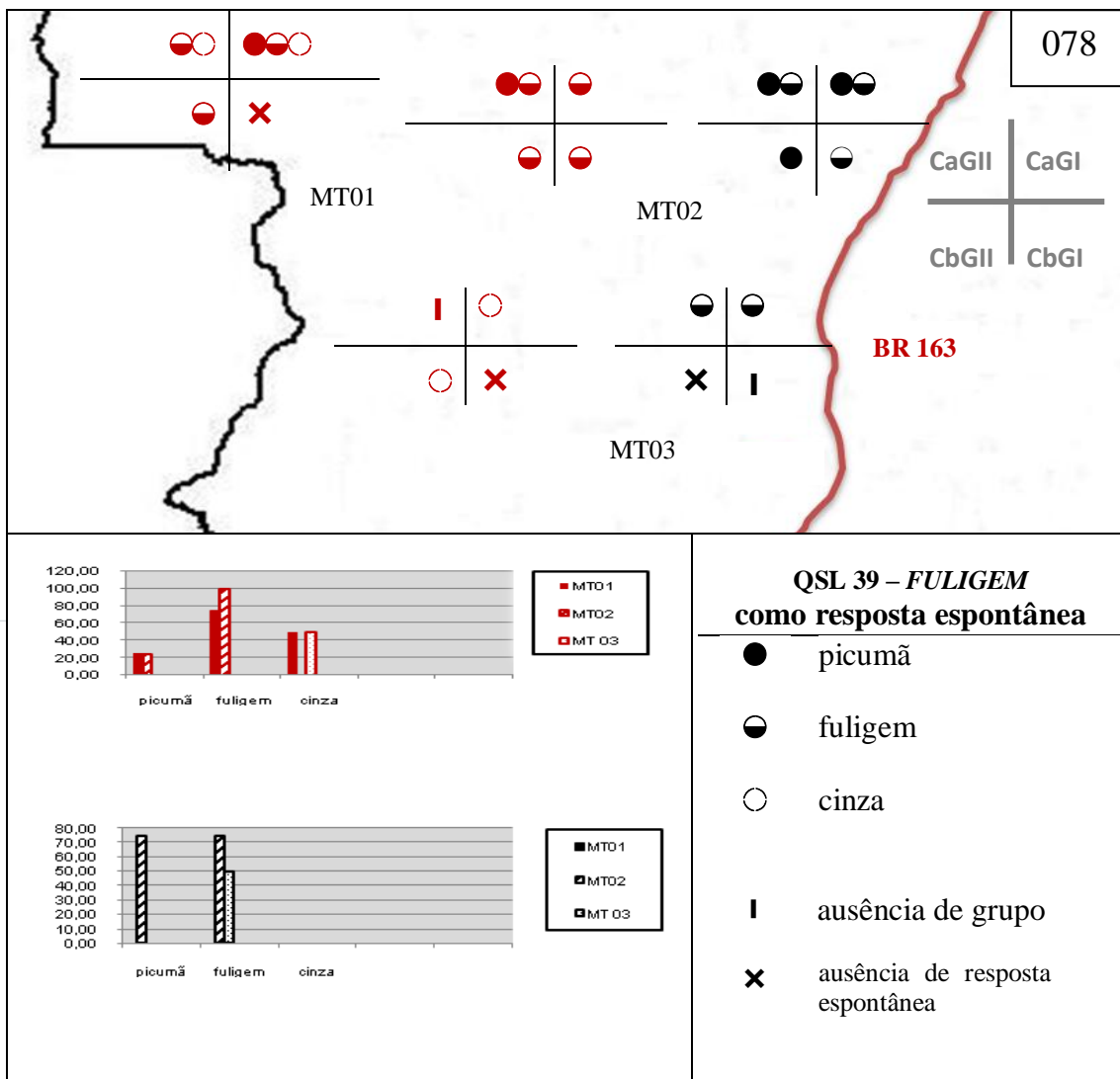


© C.Figueiredo (2014)

Carta 323 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)

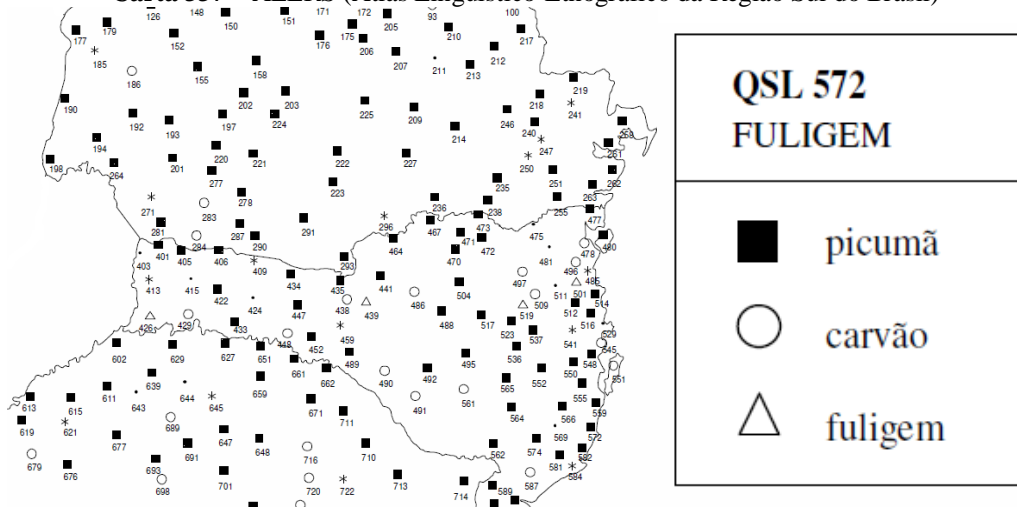


Cartograma 78 – QSL 39 – *FULIGEM*

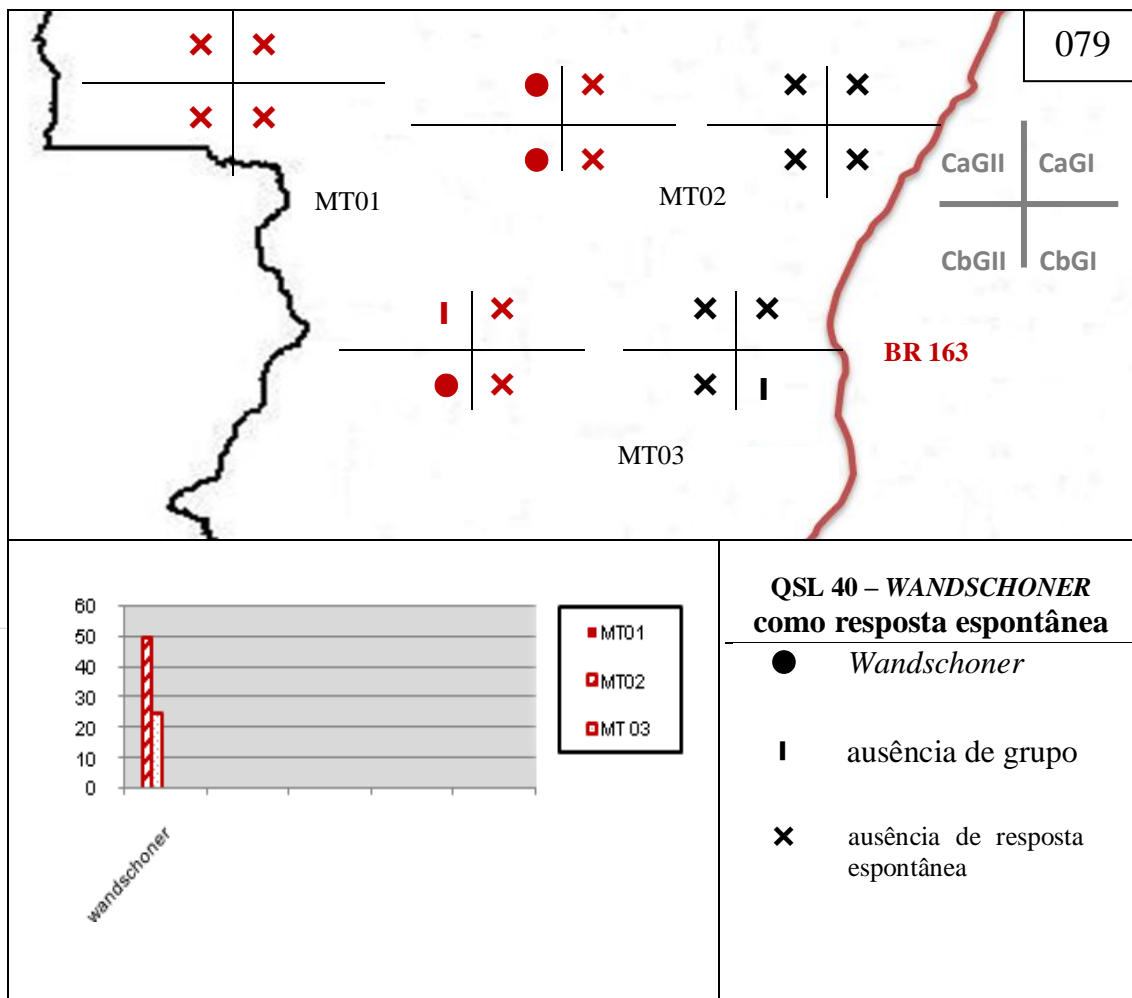


© C.Figueiredo (2014)

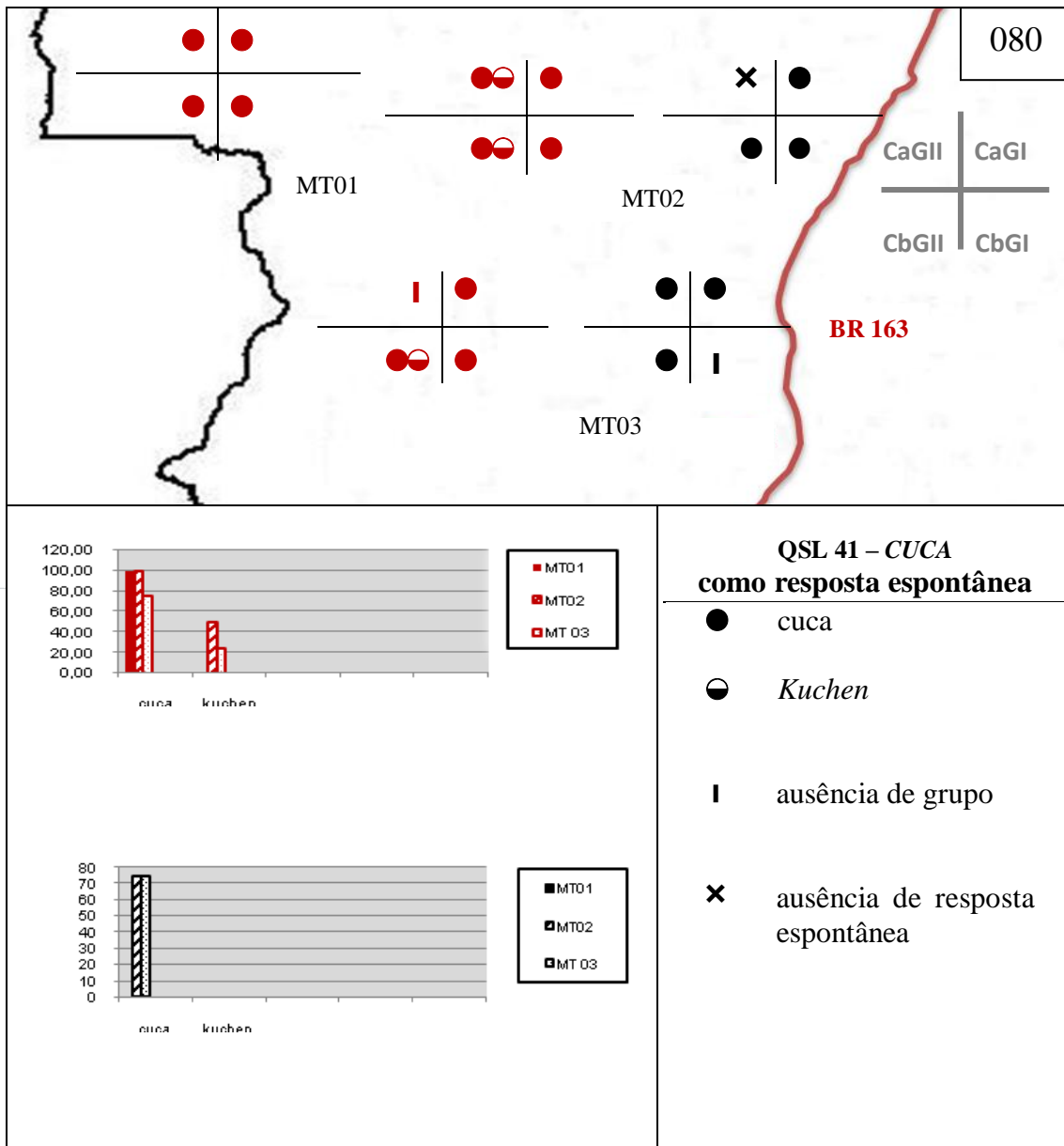
Carta 337 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



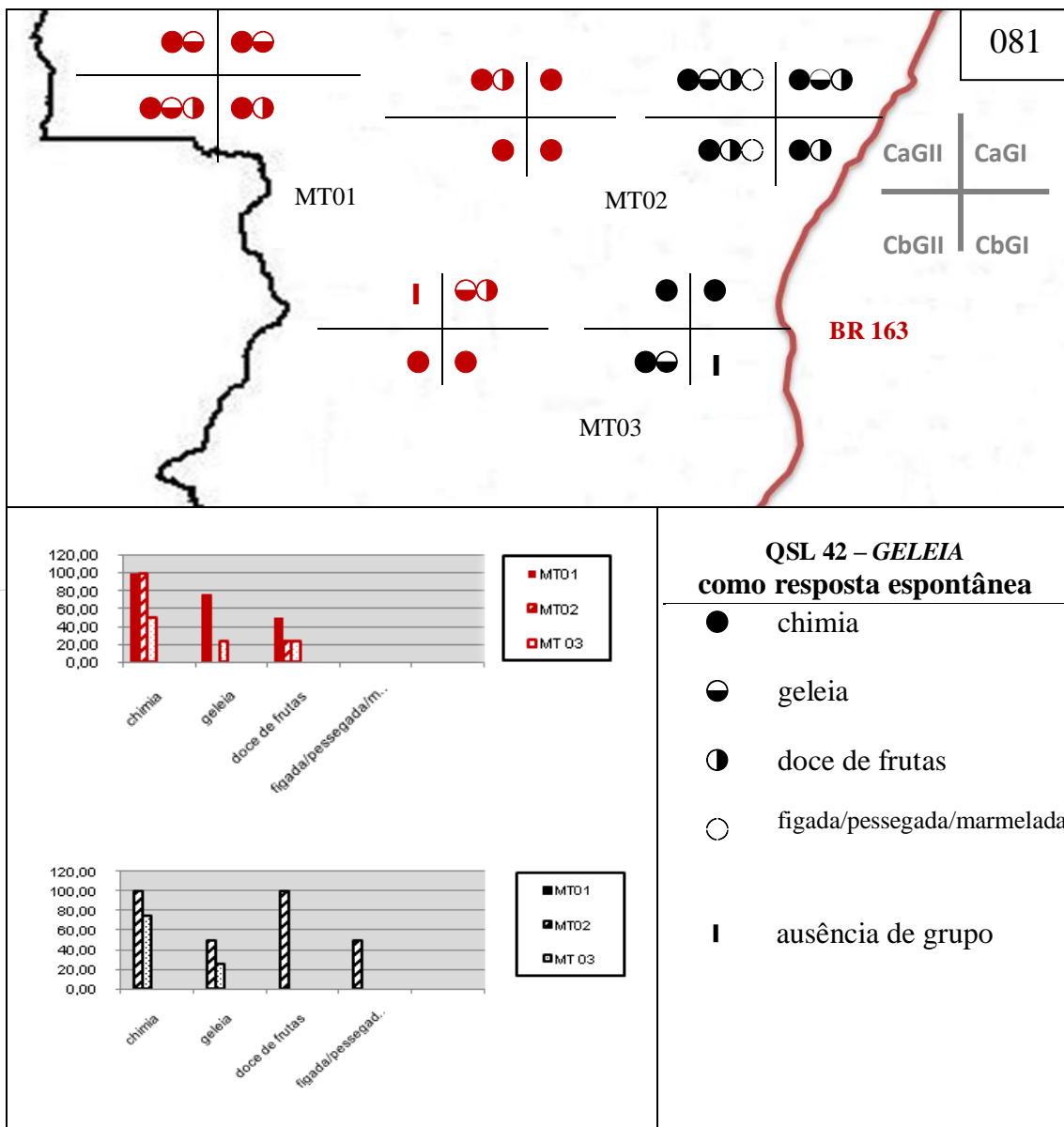
Cartograma 79 – QSL 40 – WANDSCHONER



Cartograma 80 – QSL 41 – CUCA

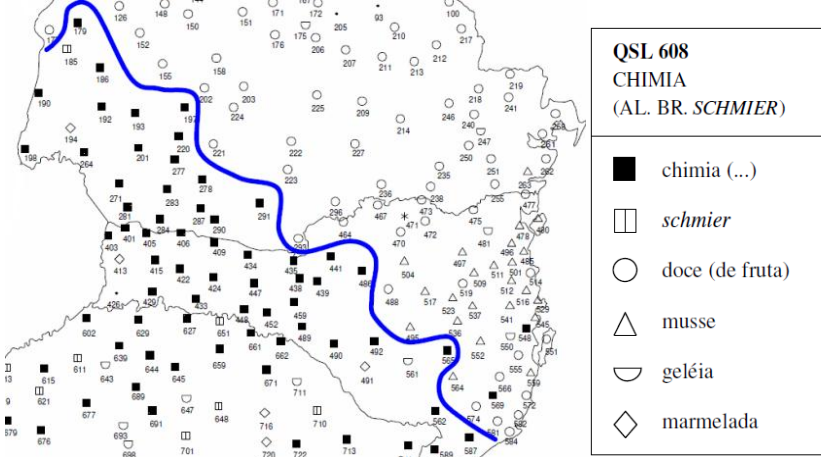


Cartograma 81 – QSL 42 – GELEIA

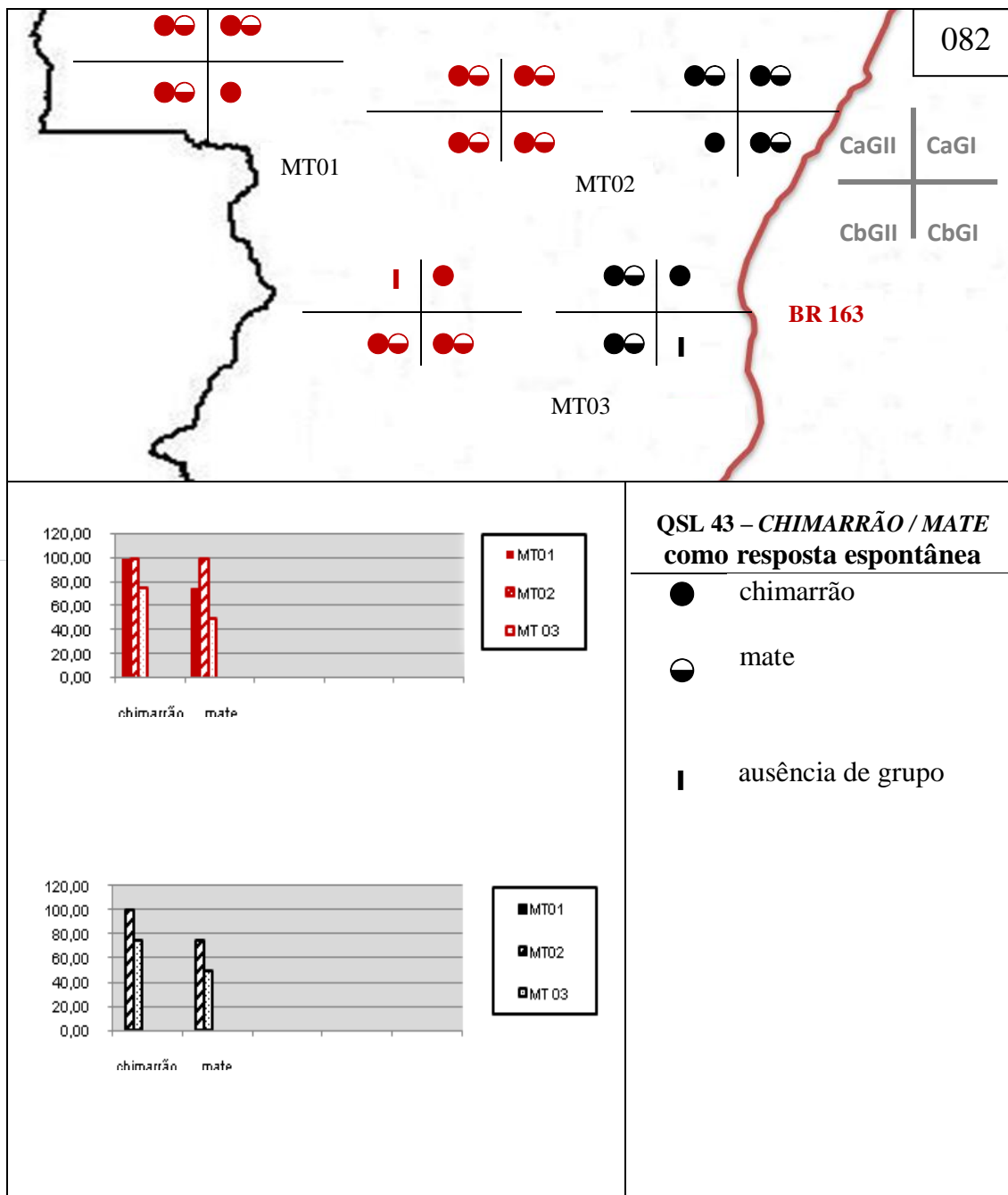


© C.Figueiredo (2014)

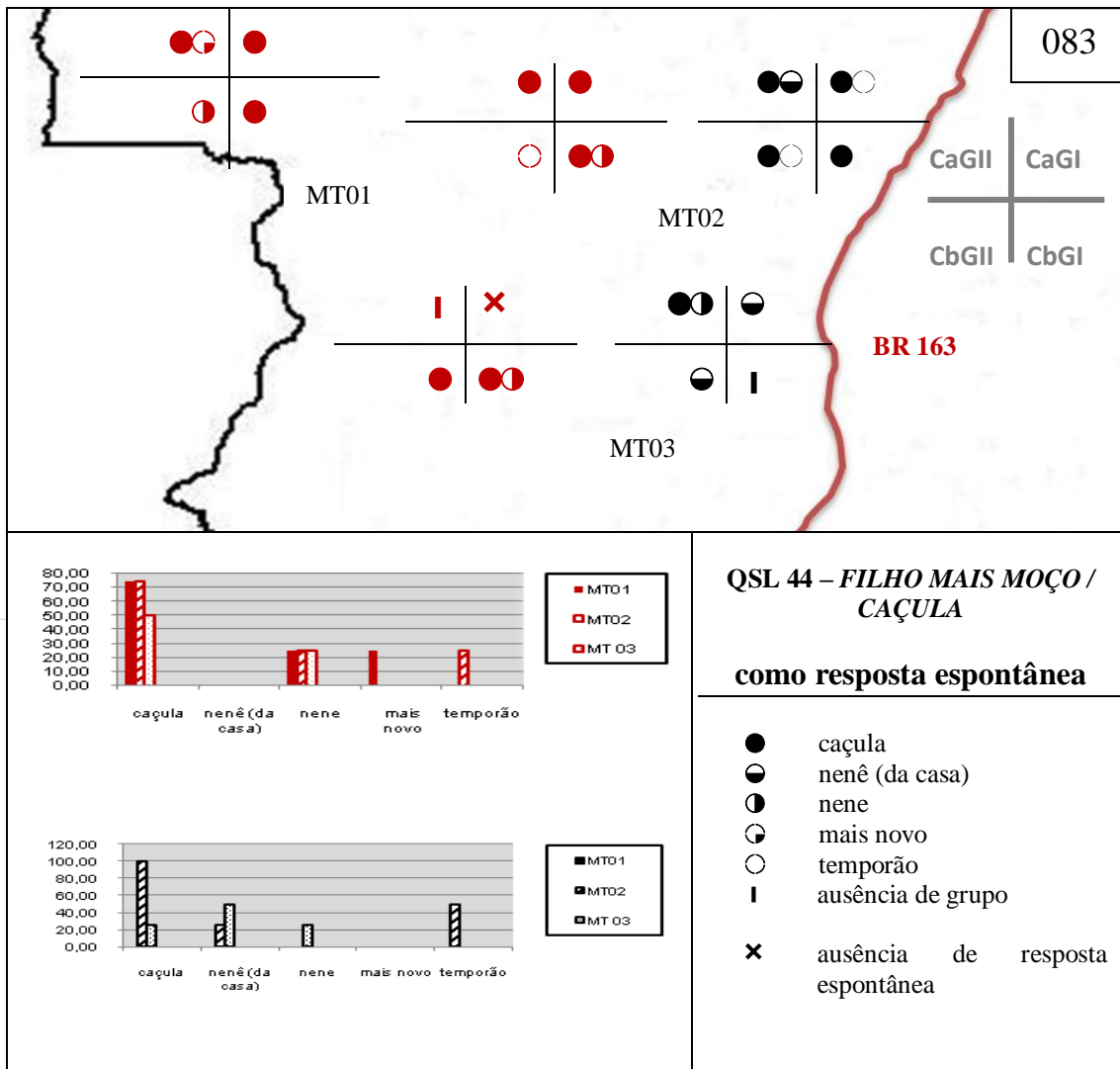
Carta 357 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



Cartograma 82 – QSL 43 – CHIMARRÃO / MATE

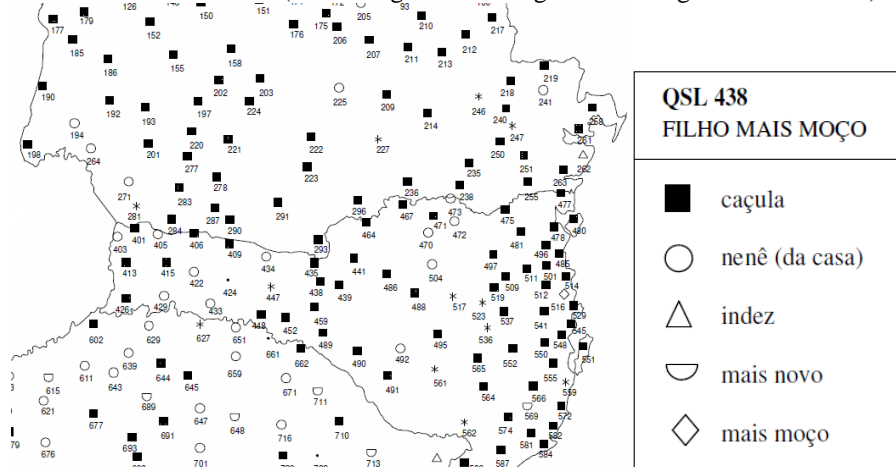


Cartograma 83 – QSL 44 – *FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA*

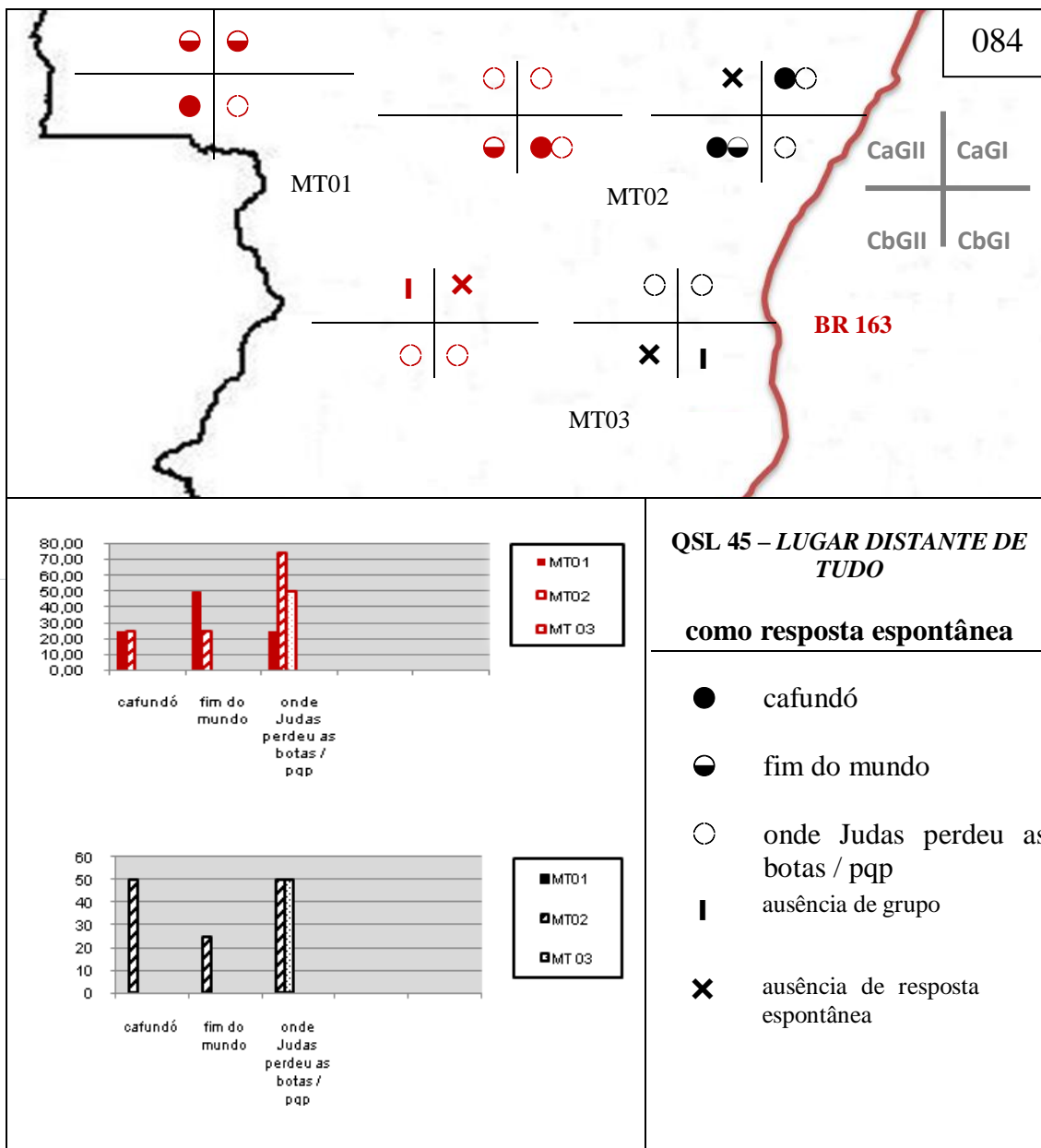


© C.Figueiredo (2014)

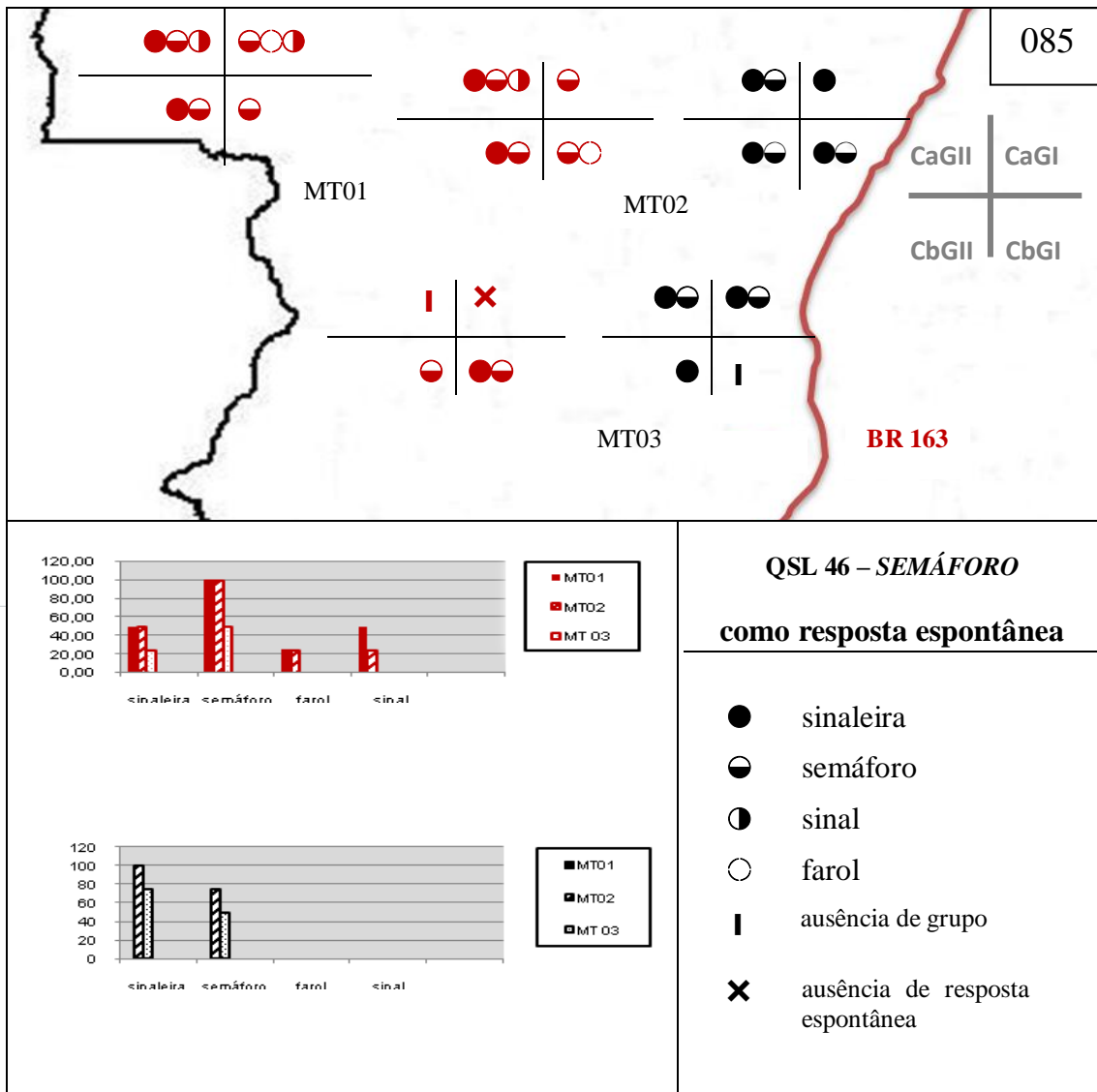
Carta 337 – ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)



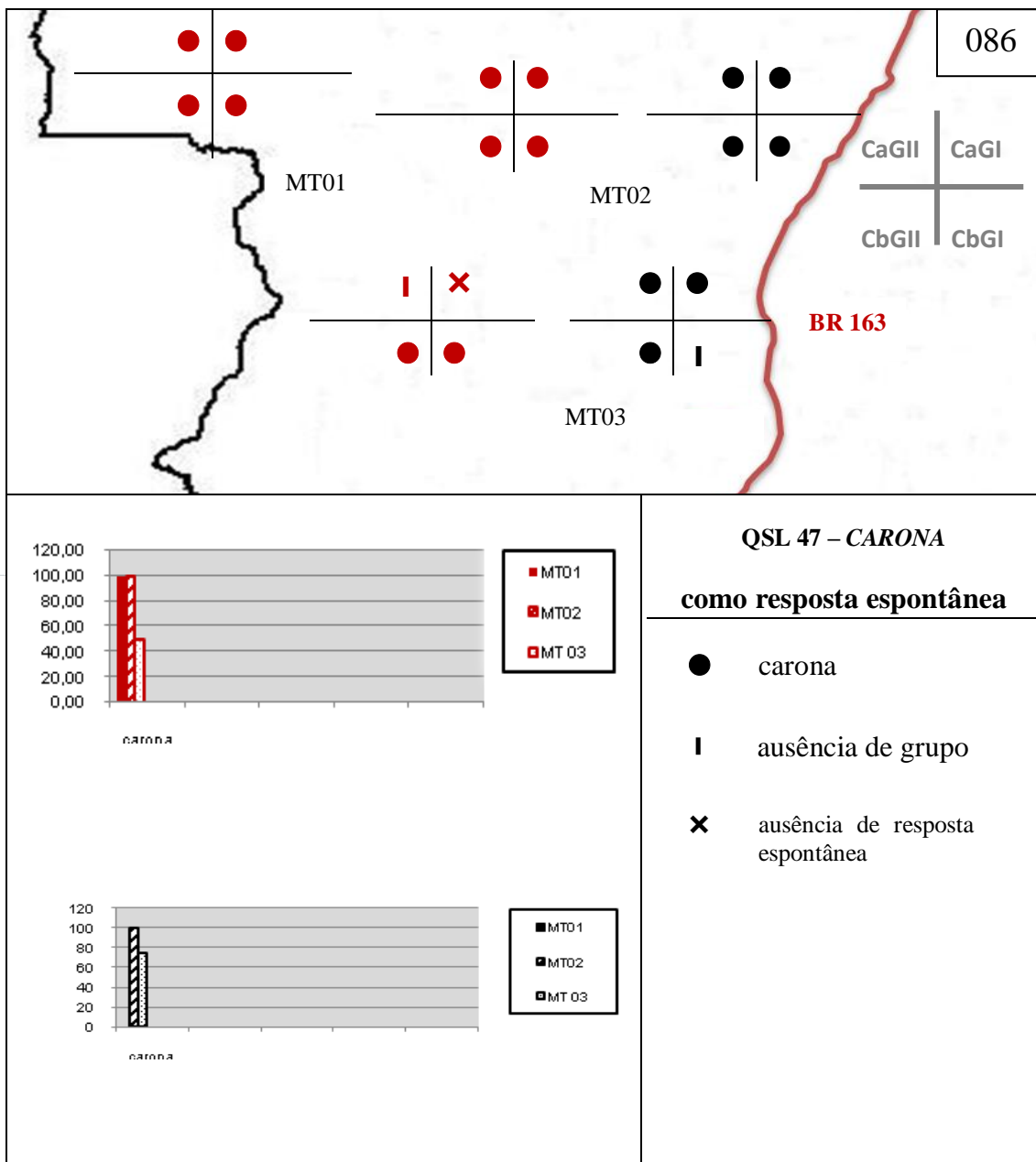
Cartograma 84 – QSL 45 – LUGAR DISTANTE DE TUDO



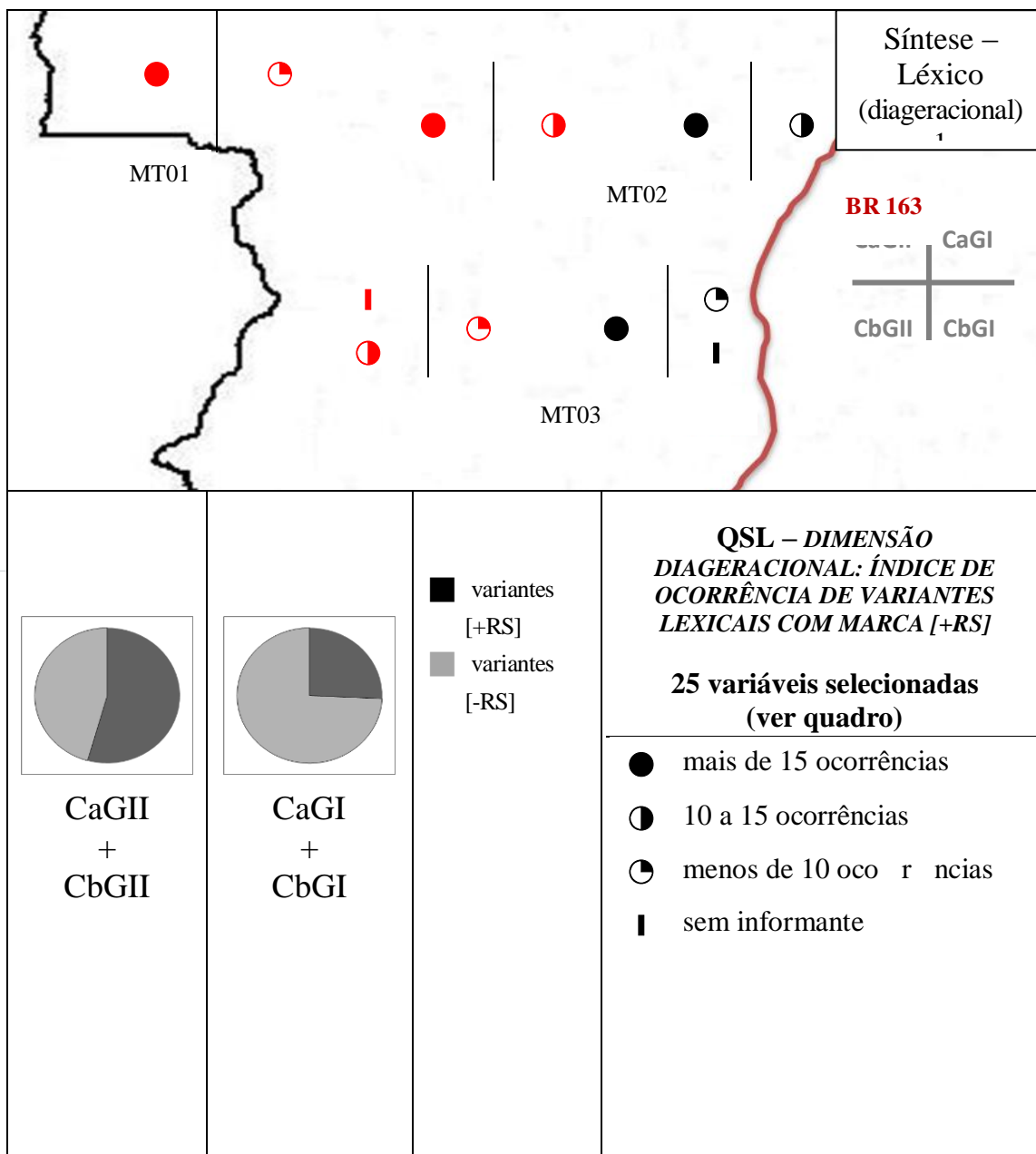
Cartograma 85 – QSL 46 – SEMÁFORO



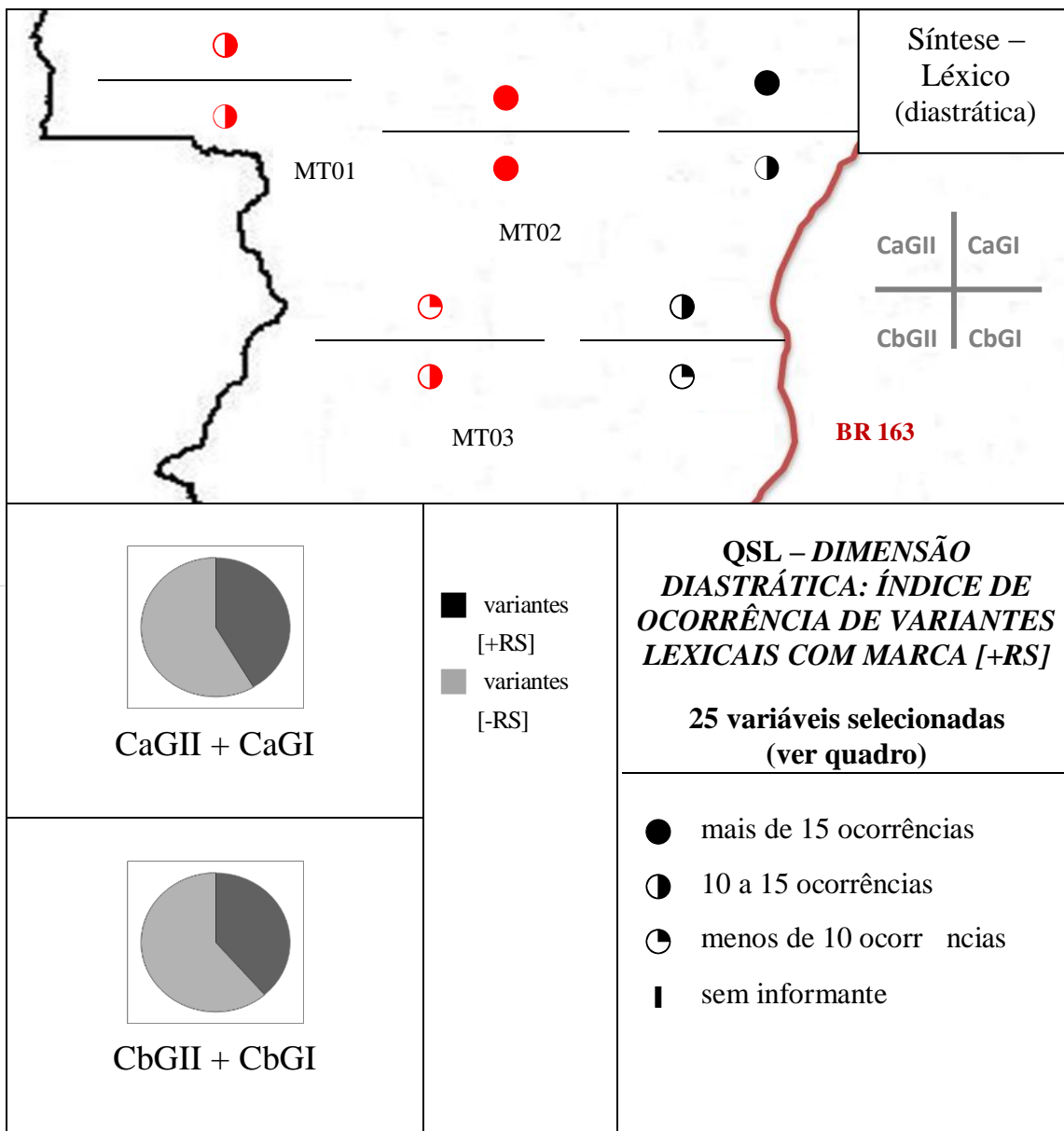
Cartograma 86 – QSL 47 – CARONA



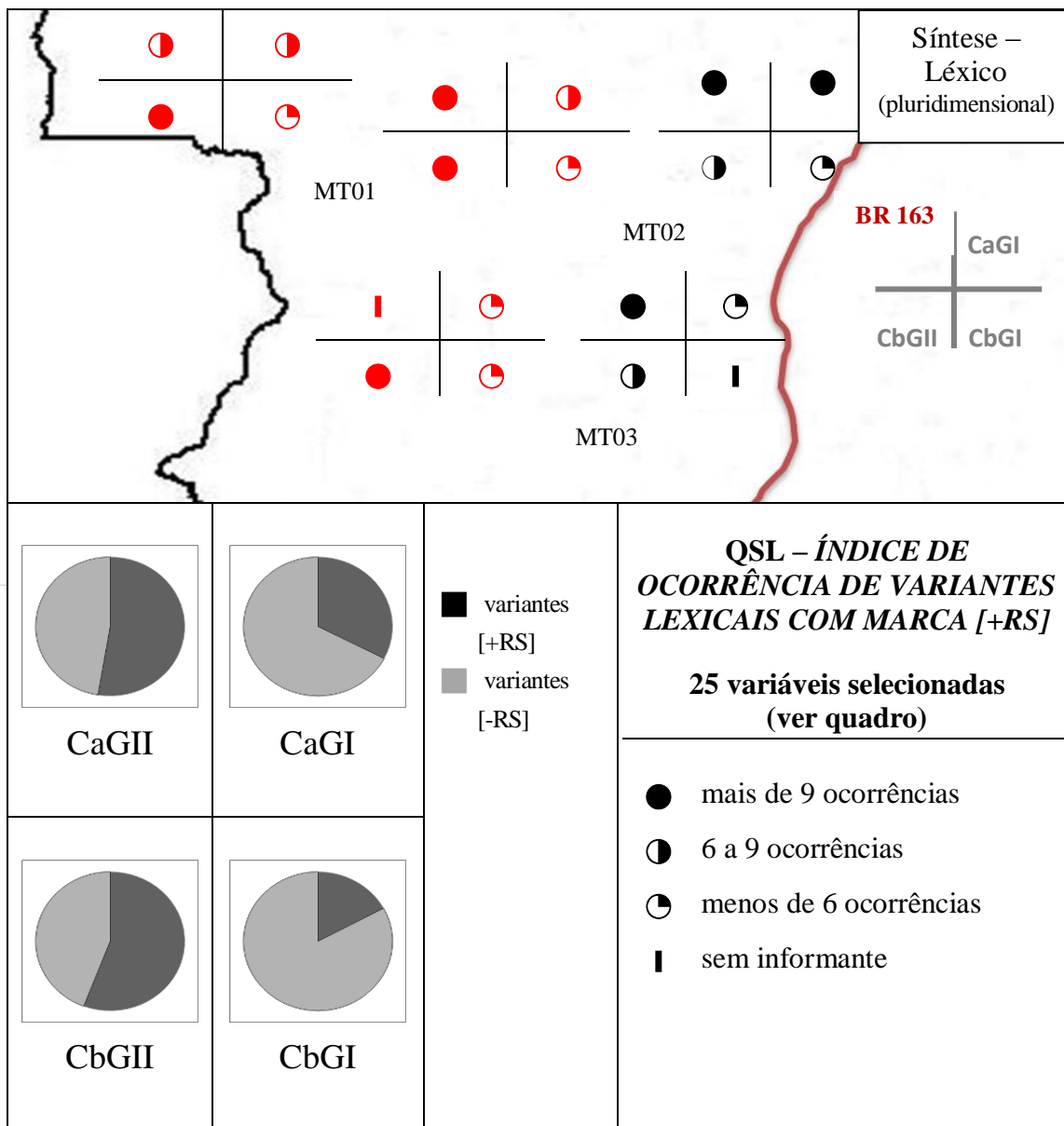
Cartograma-síntese dimensão diageracional: índice de ocorrência de variantes lexicais com marca [+RS]



Cartograma-síntese dimensão diastrática: índice de ocorrência de variantes lexicais com marca [+RS]



Cartograma-síntese pluridimensional: Índice de ocorrência de variantes lexicais com marca [+RS]



ANEXO III

Figura 5 – Folders distribuídos pela Colonizadora CONOMALI nas décadas de 1950 e 1960

GLEBA ARINOS
COLONIZAÇÃO - TRABALHO - HONESTIDADE

COLONIZADORA NOROESTE MATOGROSSENSE LTDA.

VOCE DEVE COMPRAR A SUA COLÔNIA NA 'GLEBA ARINOS'

Veja algumas das vantagens que lhe oferecemos:

- 1- **GLEBA ARINOS** não é promessa: nem projeto é trabalho e realidade.
- 2- **GLEBA ARINOS** é dirigida por homens de comprovada capacidade administrativa, credenciados por um grande passado de realizações.
- 3- **GLEBA ARINOS** goza de localização privilegiada, com facilidade de escoamento da sua produção tanto por via fluvial como rodoviária.
- 4- **GLEBA ARINOS** está situada em região julgada ideal pelos seus diretores e técnicos ao desenvolvimento de uma sólida colonização.
- 5- **GLEBA ARINOS**, localizada em zona alta, é de clima de verões saudável, onde inexistente o fenômeno das geodas.
- 6- **GLEBA ARINOS** é toda coberta de matas, ricas em madeiros de lei das mais variadas espécies. Com o produto da exploração de apenas pequena parcela desta riqueza natural você terá facilmente pago a sua colônia.
- 7- **GLEBA ARINOS** detém as terras mais férteis do Mato Grosso, onde qualquer cultura dará ótimos resultados e onde o cultivo do café lhe dará a definitiva independência econômica.
- 8- **GLEBA ARINOS** obedece a um rigoroso planejamento e organização. Ao proprietário é garantida toda e qualquer assistência no próprio local.
- 9- **GLEBA ARINOS** tem uma filial à sua disposição em Cuiabá, onde funcionários competentes estão às suas ordens.
- 10- **GLEBA ARINOS** está se valorizando cada vez mais pelos bons serviços que os seus engenheiros estão realizando em atividade constante.
- 11- **GLEBA ARINOS** conta sempre com a presença e direção pessoal dos dirigentes do empreendimento na própria gleba, fator que evita a entrada de eventuais intrusos nas terras vendidas.
- 12- **GLEBA ARINOS** é inteiramente subdividida em pequenos lotes coloniais, não se tratando de mera venda de terras, mas sim de poderosa e sincera COLONIZAÇÃO.

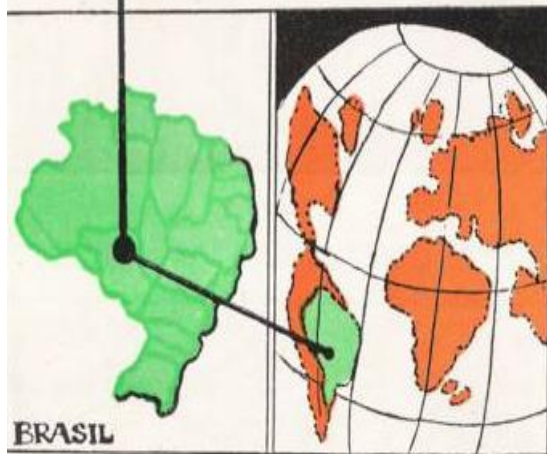
Faça a sua independência econômica comprando uma colônia na **GLEBA ARINOS**, onde a cultura da

Agricultura
Café
Cacau
Cereais

Criação do Gado

Palmeiras e Cocais de Babaçu

Castanhas do Pará e Borracha



Wenn man sein Geld in Land anlegt, muss man darauf achten, ob es Zukunftswert hat.

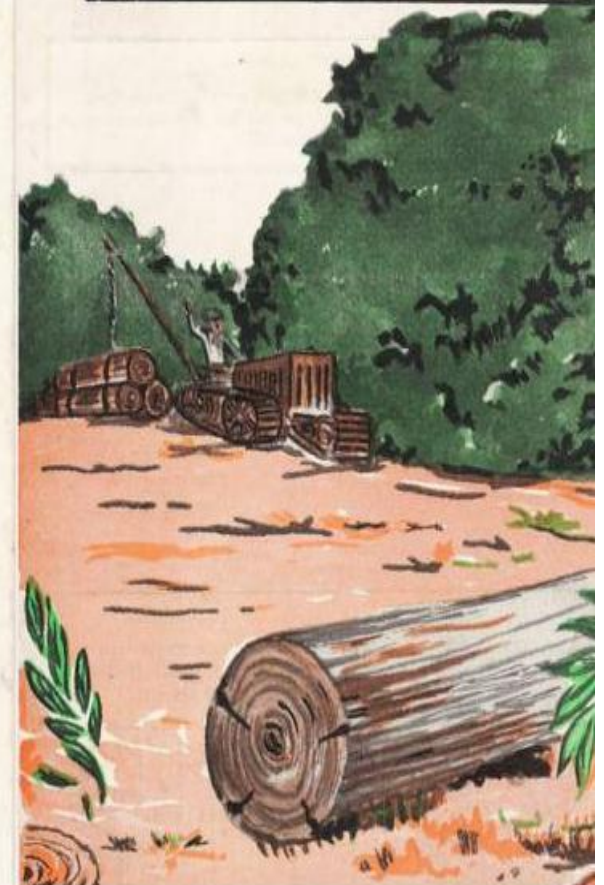
Man sollte solches Land vorziehen, wo bereits technische und landwirtschaftliche Vorarbeiten geleistet sind, wo also Strassen eröffnet, Brücken gebaut, Gummi gepflanzt, Vieh gezüchtet wird, u. s. w. Selbst wenn man dort nicht wohnen oder arbeiten will, wird die schnelle Valorisierung des Landes durch die grossartigen Arbeiten, die durch eine der kompetentesten brasilianischen Firmen ausgeführt werden, gewährleistet.

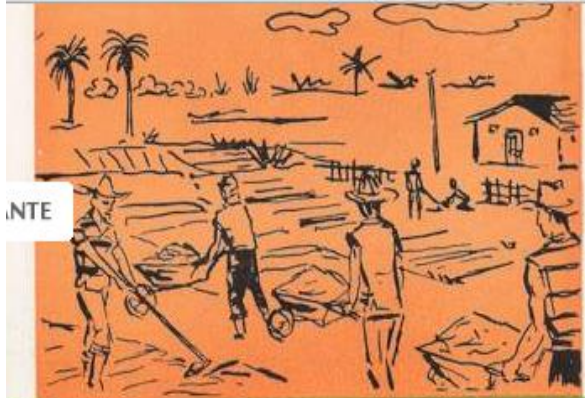


Bevor Sie ein Geschäft abschliessen, erkundigen Sie sich genau über den Wert der Ländereien in Mato Grosso, der brasilianische Staat, der die besten Aussichten für

Gutes Land
entwertet
sich nie!

BRASIL IEST DIE GRÖSSTE
KORNKAMMER DER WELT!





ANTE

GUT GEDEIHENDE ANSIEDLUNG

Gleba Arinos hat bereits sein eigenes, gedeihliches Leben, wo hunderte von Siedlern ihr Bestes für die Behauung der Erde hergeben.



GUMMI

Eines der wichtigsten landwirtschaftlichen Erzeugnisse Brasiliens für die Zukunft ist die HEVEA BRASILIENSIS, die Latex zur Erzeugung von Gummi liefert.



om.br/#

GLEBA ARINOS

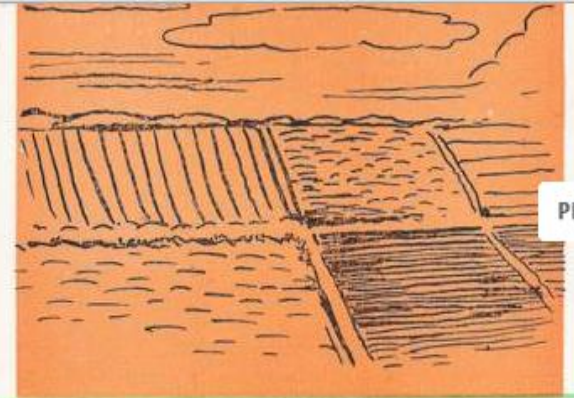
Besiedlung — Landwirtschaft — Schnelle Aufwertung

Eigentümer: CONOMALI — Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda.

Technische und juristische Beratung, Auskünfte über Verkauf: PETAC — Planejamento e Estudos Técnicos de Agricultura e Colonização (Planung und Technische Untersuchungen)

SIE SOLLTEN SICH IN GLEBA ARINOS ANKAUFEN!

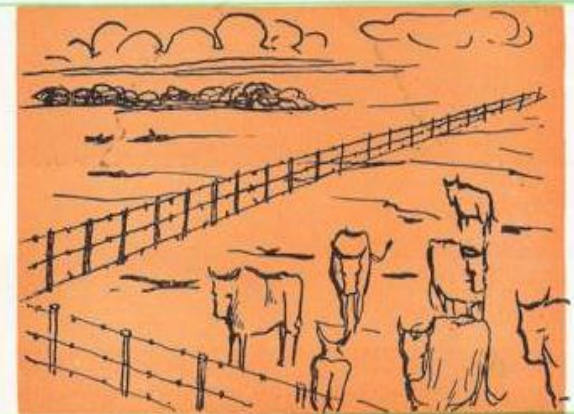
- 1 GLEBA ARINOS ist nicht etwa ein blosses Projekt oder eine Idee, sondern eine Tatsache, — ein grosses Werk mit grosser Zukunft.
- 2 GLEBA ARINOS ist der Name der am besten für Besiedlung geeigneten, schnellstens im Werte steigenden brasilianischen Länderlein.
- 3 GLEBA ARINOS ist das positive Resultat einer fünfjaehrigen hingebungsvollen Arbeit.
- 4 GLEBA ARINOS bietet, für Brasilien, ungewöhnliche technische und juristische Garantien; es regt geradezu zu grossen Investitionen in dieser Region an.
- 5 GLEBA ARINOS liegt in einem ausgezeichneten, für Landwirtschaft besonders geeigneten Gebiet.
- 6 GLEBA ARINOS liegt in einer gesunden Gegend, reich an Wäldern von Edelmetz verschiedenster Art.
- 7 GLEBA ARINOS wird mehr und mehr aufgesucht, namentlich von Leuten aus dem Süden des Landes, deutscher Herkunft.
- 8 GLEBA ARINOS gehört einer der angesehensten brasilianischen Firmen, die der Besiedlung gute Dienste geleistet hat.
- 9 GLEBA ARINOS folgt einer strengen Planung und Organisation und bietet den Käufern grösste Sicherheit.
- 10 GLEBA ARINOS ist, dem brasilianischen Gesetz entsprechend, im Instituto Nacional de Imigração e Colonização — INIC (Institut für Einwanderung und Besiedlung) eingetragen.
- 11 GLEBA ARINOS darf auf Grund einer Genehmigung seitens der brasilianischen Regierung im Ausland verkauft werden. Um sicher zu gehen, sollten brasilianische



PROJ

FRUCHTBARES LAND

Gleba Arinos ist keine Gegend mit erschöpfter Erde. Sein Boden ist unberührt und die Landwirtschaft blüht: Reis, Mais, Tabak, Gemüse, etc.



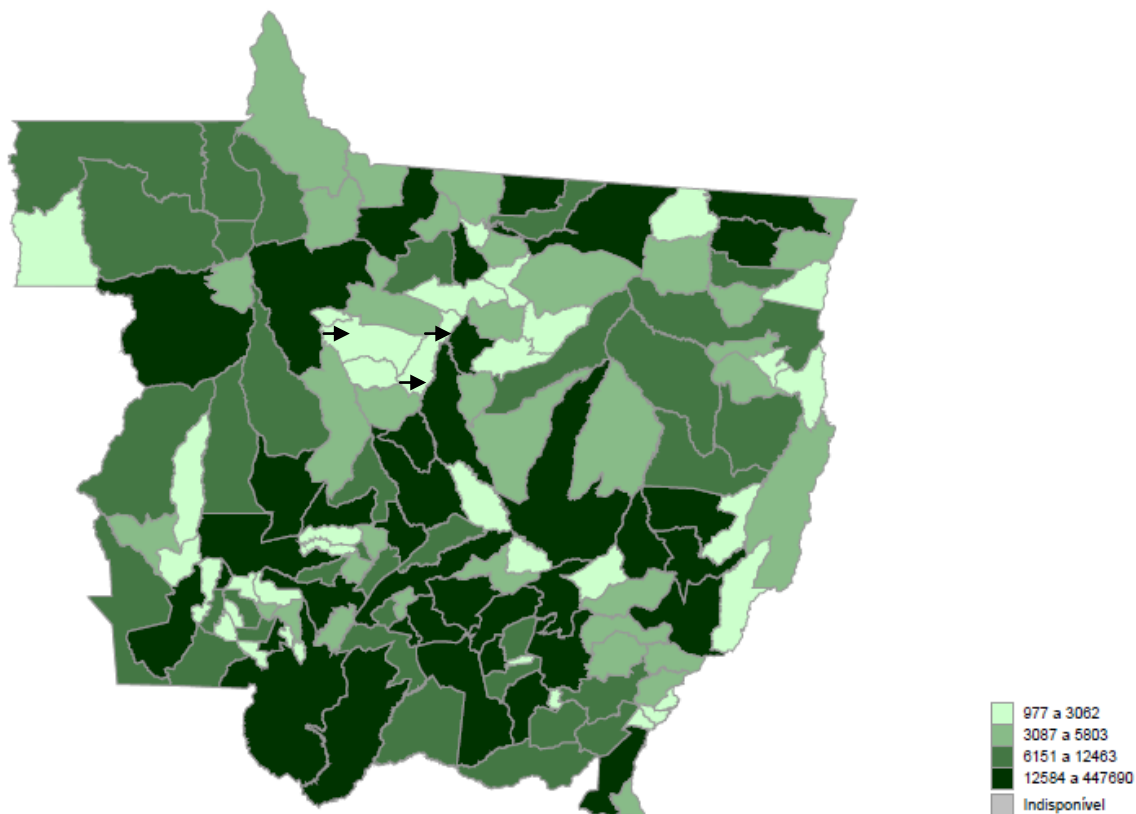
VIEHZUCHT

Eine der Goldquellen Brasiliens ist die Viehzucht, die in Gleba Arinos gut entwickelt werden kann.



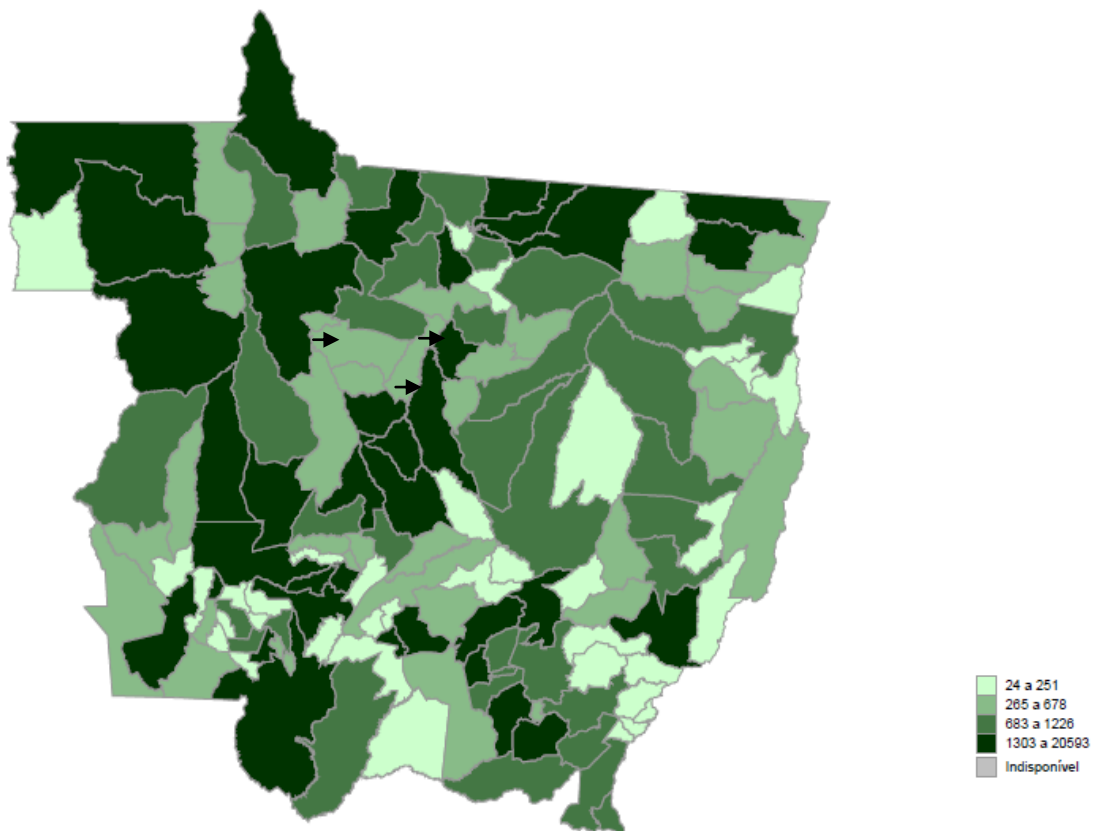
ANEXO IV

**Mapa 8 – Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração.
População residente por lugar de nascimento: região Centro-Oeste**



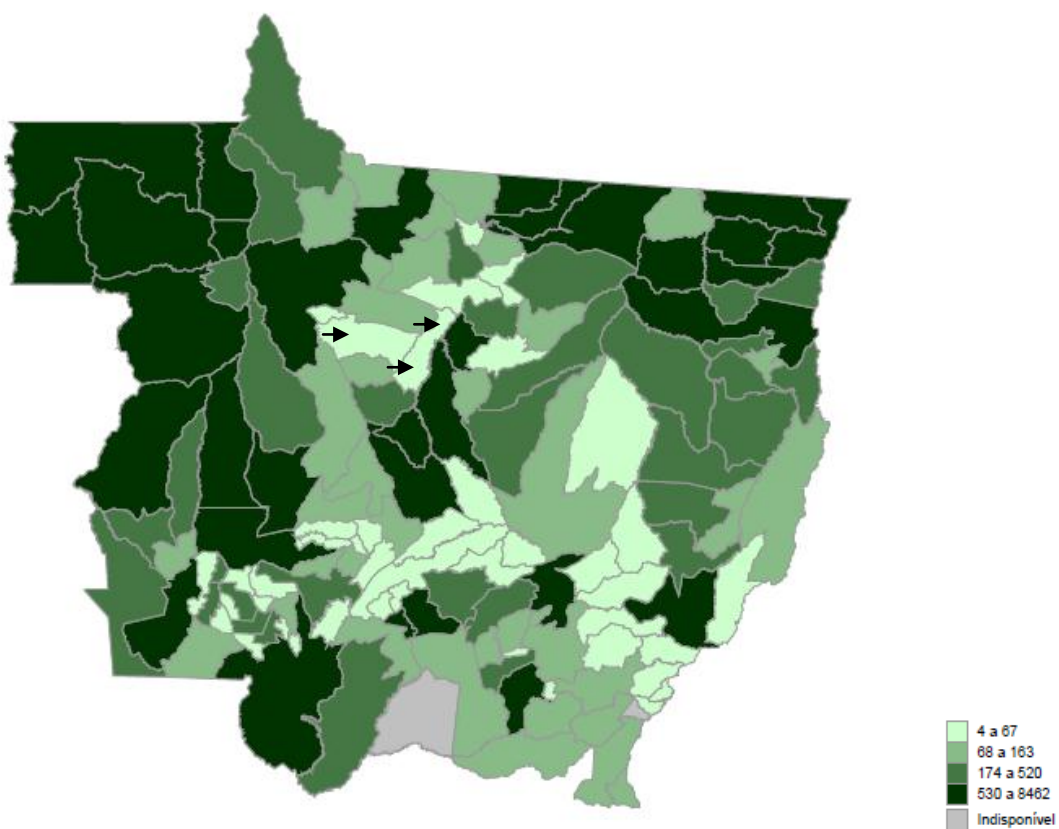
Disponível em www.cidades.gov.br

**Mapa 9 – Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração.
População residente por lugar de nascimento: região Nordeste**



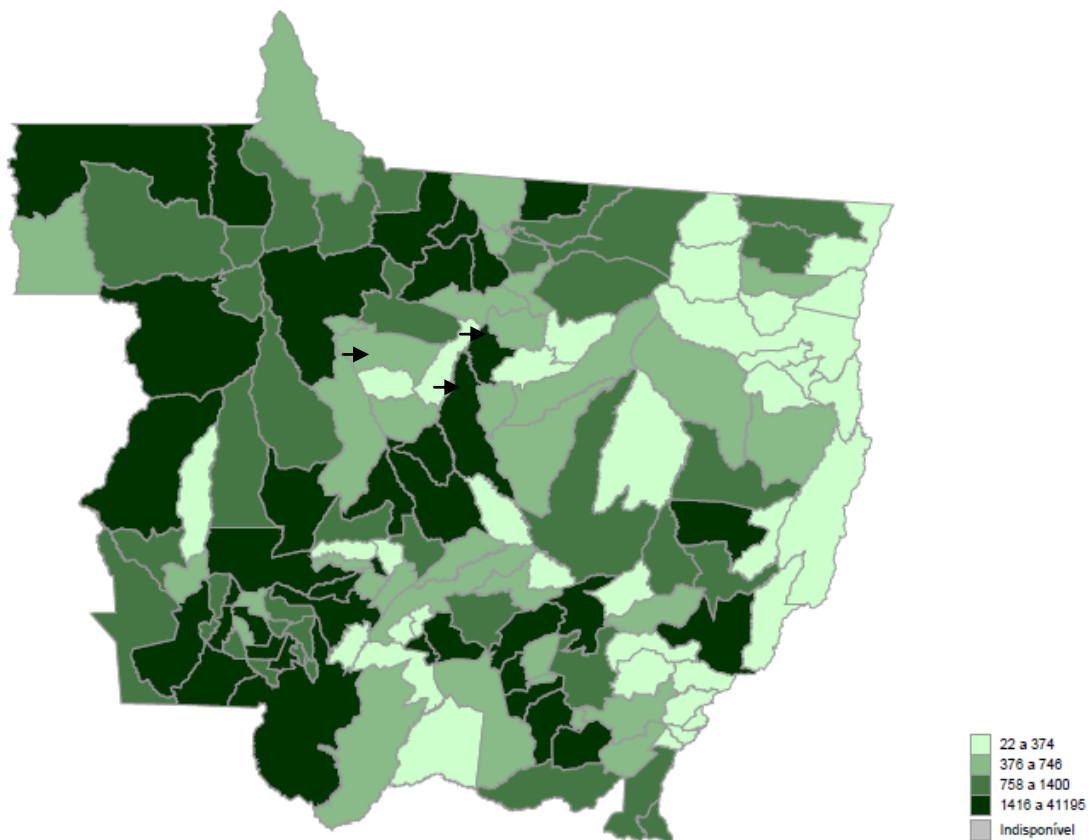
Disponível em www.cidades.gov.br

Mapa 10 – Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração.
População residente por lugar de nascimento: região Norte



Disponível em www.cidades.gov.br

Mapa 11 – Mato Grosso – Censo demográfico 2010/ resultados da amostra de migração.
População residente por lugar de nascimento: região Sudeste



Disponível em www.cidades.gov.br